

BRASILIANA

6.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

Volume publicado:

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Vianna: *Raça e Assimilação* — 3.ª edição (aumentada).
8 — Oliveira Vianna: *Populações Meridionais do Brasil* — 4.ª edição.
9 — Nina Rodrigues: *Os Africanos no Brasil* — (Bavieiro e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
22 — E. Roquette-Pinto: *Ensaio de Antropologia Brasileira*.
27 — Alfredo Ellis Júnior: *Populações Paulistas*.
59 — Alfredo Ellis Júnior: *Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano*.

ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — Angione Costa: *Introdução à Arqueologia Brasileira* — Ed. Ilustrada.
137 — Agibal Matos: *Pre-história Brasileira* — Vários Estados — Ed. Il.
148 — Agibal Matos: *Peter Wilhelm Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira*. Ed. Ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 — Pandiá Calogeras: *O Marquês de Barbacena* — 2.ª edição.
11 — Luis da Câmara Cascudo: *O Conde d'Eu* — Vol. Ilustrado.
107 — Luis da Câmara Cascudo: *O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870)* — Edição Ilustrada.
18 — Visconde de Taunay: *Pedro II*, 2.ª edição.
20 — Alberto Jo Faria: *Mauó* (com trez Ilustrações fora do texto).
54 — Antônio Gontijo de Carvalho — *Caetéras*.
56 — João Dorcas Filho: *Silva Jardim*.
78 — Lúcia Miguel Pereira: *Machado de Assis* — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição Ilustrada.
79 — Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbu* — Sua vida e sua atuação na política no Brasil — 1840-1859.
107 — Lenius Brito: *A Gloriosa Sotaina do Primeiro Império* — Frel Casaca — Edição Ilustrada.

- 86 — Wanderley Pinho: *Coleção e seu Tempo* — Ed. Ilustrada.
88 — Hélio Lobo: *Um Varão da República: Fernando Lobo*.
111 — Carlos Sua-ekind de Mendonça: *Silvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1859* — Com uma introdução bibliográfica — Ed. Ilustrada.
119 — Sua Menaucci: *O Precursor do Abolicionismo* — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.
120 — Pedro Calmon: *O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II* — 2.ª Edição Ilustrada.
133 — Heltor Lyra: *História de Dom Pedro II — 1825-1891*, 1.º Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. Il.
133-A — Heltor Lyra: *História de Dom Pedro II — 1825-1891*, 2.º Volume "Fadário" (1870-1890) Ed. Ilustrada.
125 — Alberto Pizarro Jacobina: *Dias Carneiro (O Conservador)* — Vol. Il.
136 — Carlos Pontes: *Torres Bastos (Avulso Cándido) 1839-1875*.
140 — Hermano Lima: *Tobias Barreto — A Época e o Homem* — Ed. Ilustrada.
143 — Bruno de Almeida Magalhães: *O Visconde de Abasté* — Ed. Ilustrada.
144 — V. Corrêa Filho: *Alexandre Rodrigues Ferreliz — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro* — Ed. Ilustrada.
153 — Mário Malcós: *Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor)*. Ed. Ilustrada.
177 — Otávio Tarquínio de Souza: *Evaristo da Veiga* — Edição Ilustrada. "Homens da Regência". Ed. Ilustrada.
166 — José Bonifácio de Andrada e Silva: *O Patriarca da Independência*. — Dezembro 1921 a Novembro 1923.
177 — Jonathas Serrano: *Farias Brito*.

BOTÂNICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hoehne — *Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI* — (Pesquisas e contribuições).
77 — C. de Melo-Lellão: *Zoologia do Brasil* — Edição Ilustrada.
80 — C. de Melo-Lellão: *A Biologia no Brasil*.

62 — **General Collo. Car. Magalhães: O selvagem** — 4.ª edição completa, com parte original Tupi-guarani.

- 60 — Emílio R. Moscau: A vida dos índios Guaicurus — Edição ilustrada.
- 75 — Afonso A. de Frelles: Vocabulário Nheengatu (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-Guarani (com 2 ilustrações fora do texto).
- 92 — Almirante Antônio Alves Câmara: Ensaio Sobre as Construções Navas Indígenas do Brasil — 2.ª edição ilustrada.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Etnologia Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição ilustrada.
- 138 — Angélica Costa: Migrações e Cultura Indígena — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. Il.
- 154 — Carlos Fr. Phill Von Martius: Natureza, Doença, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1844) Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva. Ed. Ilustrada.
- 162 — Major Lima Figueiredo: Índios do Brasil — Prefácio de General Rondon — Edição ilustrada.

PILOLOGIA

- 25 — Mário Matroquim: A língua do Nordeste.
- 46 — Renato Mendonça: A influência africana no português do Brasil — Ed. Ilustrada.
- 144 — Bernardino José de Souza: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.ª edição do "Onomástico Geral da Geografia Brasileira".
- 178 — Arthur Neiva: Estudos da Língua Nacional.

FOLCLORE

- 67 — Flávia Rodrigues Vale: Elementos do Folclore Musical Brasileiro.
- 103 — Sousa Carneiro: Mitas Africanos no Brasil — Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

- 40 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. Ilustrada, 2.ª edição.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 36 — A. J. Campelo: Fitogeografia do Brasil — Ed. Ilustrada — 2.ª edição.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinâmica.
- 46 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.

63 — **Almirando Moraes: Na Planície Amazônica** — 6.ª edição

- 50 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.
- 80 — Aurélio Pinheiro: A Margem da Amazônia — Ed. Ilustrada.
- 91 — Orlando M. de Carvalho: O Rio da Unidade Nacional, O São Francisco — Edição Ilustrada.
- 37 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.
- 104 — Araújo Lima: Amazônia — A Terra e o Homem — (Introdução à Antropogeografia).
- 105 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.
- 138 — Gustavo Dotz: Descrição das Rios Paruaíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. Il.

GEOLOGIA

- 102 — S. Fróes Abreu: A riqueza mineral do Brasil.
- 134 — Pandá Calógeras: Geologia Econômica do Brasil — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Diniz Guimarães.

HISTÓRIA

- 20 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição (Ilustrada).
- 13 — Vicente Leites Cardoso: A margem da História do Brasil, 2.ª Ed.
- 14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.ª edição.
- 40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.º Tomo — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição. Ilustrada (com 13 gravuras).
- 88 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.º Tomo — Espírito da Sociedade Imperial. Ed. Ilustrada.
- 178 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 3.º Tomo — A Época Republicana.
- 173 — Pedro Calmon: História do Brasil — 1.º Tomo "As Origens" — 1000-1500.
- 16 — Pandá Calógeras: Da Regência à queda de Rozas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.

261 — Alfredo Ellis Júnior: *NO Bando da Pátria* — Ed. Paulista e o Recua do Meridiano — 2.ª edição.

87 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiras Porcadoras do Brasil* — (Ed. Ilustrada), 2.ª edição.

176 — J. F. Almeida Prado: *Pernambuco e as capitães do norte do Brasil. (1630-1690)* — 1.º Tomo. Edição Ilustrada.

CARTAS

12 — Wanderley Pinho: *Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipe* — Ed. Ilustrada.

38 — Rui Barbosa: *Moedades e Exílio (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe)* — Ed. Ilustrada.

61 — Conde d'Eu: *Vlagem Militar ao Rio Grande da Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans, commentadas por Max Fielusz)* — Edição Ilustrada.

109 — George Raeders: *D. Pedro II e o Conde do Góbiern (Correspondência inédita)*.

142 — Francisco Venâncio Filho: *Euclides da Cunha e seus Amigos* — Edição Ilustrada.

DIREITO

110 — Nina Rodrigues: *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil* — Com o estudo do Prof. Afrânio Peixoto.

166 — Nina Rodrigues — *O Alienado no Direito Civil Brasileiro* — 3.ª Edição.

ECONOMIA

90 — Alfredo Ellis Júnior: *Evolução da Economia Paulista e suas Causas* — Edição Ilustrada.

196 e 100-A — Roberto Simonsen: *História Econômica do Brasil* — Ed. Ilustrada em 2 tomos.

182 — J. F. Notmanno: *Evolução Econômica do Brasil* — Tradução de T. Quartin Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.

186 — Lemos Brito: *Pontos de partida para a História Econômica do Brasil*.

160 — Luiz Amarel: *História Geral da Agricultura Brasileira* — No triplice aspecto Político Social-Econômico — 1.º volume.

162 — Bernardino José de Souza: *O Pau-Brasil na História Nacional* — Com um capítulo de Arthur Neiva e parecer de Oliveira Vianna. Edição Ilustrada.

66 — Primitivo Monte: *A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil)* — 1.º volume — 1823-1853.

87 — Primitivo Monte: *A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil)* — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

121 — Primitivo Monte: *A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil)* — 3.º volume — 1889-1893.

147 — Primitivo Monte: *A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil)* 1825-1890 — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas.

147-A — Primitivo Monte: *A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil)* 1825-1890 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.

147 - B — Primitivo Monte: *A Instrução e as províncias* — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 3.º Tomo: Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

98 — Fernando de Azevedo: *A Educação Pública em São Paulo* — Problemas e discussões (Inquirido para "O Estado de S. Paulo" em 1925).

ENSAIOS

1 — Batista Pereira: *Figuras do Império e outros ensaios* — 2.ª edição

6 — Batista Pereira: *Valtos e episódios do Brasil* — 2.ª edição.

26 — Alberto Rangel: *Rumos e Perspectivas*.

41 — José-Marla Belo: *A Inteligência de Brasil* — 3.ª edição.

49 — A. Saboia Lima: *Alberto Távres e sua obra*.

66 — Charles Exilly: *Mulheres e Costumes do Brasil* — Tradução, prefácio e notas de Gastão Pealva.

70 — Afonso Arinos de Melo Franco: *Conceito da Civilização Brasileira*.

82 — C. de Mello-Lestão: *O Brasil Visão Pela Inglaterra*.

105 — A. C. Tavares Bastos: *A Província* — 2.ª edição.

161 — A. C. Tavares Bastos: *Os Meios do Presente e as Esperanças do Futuro* — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Casparyo Tavares Bastos.

ETNOLOGIA

- 50 — E. Roquette Pinto: Rondônia — 2.ª Edição (aumentada e ilustrada).
- 44 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 16 gravuras e mapas) — 1.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.ª Tomo (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).
- 47 — Mur de Sá: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Maurício de Vasconcelos: Bandeirantes e armadilhas, Boianos.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar do Brasil — Ed. Ilustrada (com 60 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição Ilustrada, 3.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sebrades e Mucambos — Decadência patrilial e rural no Brasil — Edição Ilustrada.
- 69 — Prado Maia: Através da História Naval Brasileira.
- 80 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 98 — Serafim Leite: Páginas da História do Brasil.
- 94 — Salomão de Vasconcelos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Ilustrada.
- 108 — Pedro Antônio Vieira: Por Brasil e Portugal — Serões comentados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luiz: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Tratado Descritivo do Brasil em 1657 — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.ª edição.
- 123 — Hermann Wätjen: O Domínio Colonial Holandês no Brasil — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição Ilustrada
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 127 — Ernesto Ernes: As Guerras nos Palmares (Subsídios para sua história) 1.ª Vol.; Domingos Jorge Velho e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.

- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição Ilustrada.
- 145 — Aurelio Pires: Homens e fatos do meu tempo.
- 149 — Alfredo Valadão: Da aclamação à maturidade, 1822-1840 — 2.ª edição.
- 168 — Walter Spalding: A Revolução Farroupilha (História popular e grande decênio — 1835-1840) — Edição Ilustrada.
- 169 — Carlos Seidler: História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1826-1835 — Trad. de Alfredo de Carvalho. Prefácio de Silvio Cravo.
- 168 — Padre Fernão Cardim: Tratado da Terra e da Gente do Brasil — Introdução e Notas de Baltista Carneiro, Copilista de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.ª edição.
- 170 — Nelson Werneck Sodré: Panorama do Segundo Império.
- 171 — Basílio de Magalhães: Estudos de História do Brasil.
- 174 — Basílio de Magalhães: O Café — Na História, no folclore e nas Belas-Artes.

MEDICINA E HIGIENE

- 20 — José de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefácio do prof. Pedro Escudero, 2.ª edição.
- 61 — Otávio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 120 — Afrânio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

POLÍTICA

- 3 — Alcides Gentil: As idéias de Alberto Torres — (sintese com índice remissivo) — 2.ª edição.
- 7 — Batista Pereira: Diretrizes de Rui Barbosa — (Segundo textos escolhidos) — 2.ª edição.
- 21 — Batista Pereira: Pelo Brasil Maior.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro, 2.ª edição.
- 17 — Alberto Torres: A Organização Nacional, 2.ª edição.
- 24 — Pandiá Calógeras: Problemas de Administração, 2.ª edição.
- 67 — Pandiá Calógeras: Problemas de Governo — 2.ª edição.
- 74 — Pandiá Calógeras: Estudos Históricos e Políticos — (Res. N.º 1.000) — 2.ª edição.
- 81 — Arcevedo Amaral: O Brasil na crise atual.
- 60 — Mácio Travares: Protecção Continental do Brasil — Prefácio do Pan-

655 — Hildebrando Adelfoy: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.

131 — Hildebrando Adelfoy: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.

84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município — Ed. ilustrada.

96 — Osório da Rocha Diniz: A Política que Conduz ao Brasil.

115 — A. C. Tsones Bratos: Cartas de Holtário — 5.^a edição.

122 — Fernando Sabola de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.

141 — Oliveira Vianna: O Idealismo da Constituição — 2.^a edição aumentada.

160 — Nélio Lobos: O Pan-Americanismo e o Brasil.

172 — Nestor Duarte: A Ordem Pretada e a Organização Política Nacional (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).

VIAGENS

5 — Augusto de Saint-Hilaire: Record da Viagem do Rio de Janeiro e Minas Gerais e a R. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.^a edição.

58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.

63 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

73 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem no interior do Brasil

120 e 120-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.

167 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem no Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Pena — 2.^a edição ilustr.

19 — Afonso de F. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII) 2.^a edição

28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 4.^a edição.

32 — G. de Melo-Lellão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. ilustrada (com 12 figuras).

62 — Apolônio Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição ilustrada.

96 — Luiz Arnsz e Elizabeth Cary Arnsz: Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edmond Scharikind de Mendonça. Edição ilustrada.

113 — Gastão Grise: A Amazônia que eu Vi — Abidos — Tumbuc-Humac — prefácio de Ruy Ribeiro Pinto — Ilustrar — 2.^a edição.

114 — Von Salz e Von Maribus: Através da Baía — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paula Wolf.

130 — Major Frederico Bondon: Na Bandeira Ocidental — Ed. ilustr.

146 — Silveira Neto: Da Guará aos Saltos do Iguaçu — Ed. ilustrada.

156 — Alfred Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Moraes e Prefácio de Basílio Magalhães.

161 — Ricardo Rubin: Reservas de Brasilidade — Edição ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Guimarães, 118/140 — São Paulo

E s t u d o s d a
L i n g u a N a c i o n a l

2010

Série 6.^a

BRASILIANA

Vol. 10

BIBLIOTECA

PEDAGOGICA

BRASILEIRA

ARTHUR NEIVA

Estudos da Lingua Nacional



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre
1940

INDICE

A' guisa de prefacio	XI-XXXVIII
----------------------------	------------

I

Dos vocabularios de brasileirismos — Notas e comentarios	3-94
--	------

II

Da influencia do Tupi-Guarani no falar brasileiro — Comentaríos e Informações	95
---	----

Da influencia do tupi na antroponímia brasileira ..	97-111
Considerações sobre o toponimo Beritoga e o insecto que lhe deu origem ..	112-141
Comentarios sobre tupi e lingua nacional — Recordando Oswaldo Cruz e Gabriel Soares	142-152
Do nome indigena de conhecido peixe e sua modificação pelos eruditos	153-164
Comentarios sobre a influencia do tupi na denominação brasileira de plantas e animaes	165-174
Dos supostos vocabulos tupis <i>noitibó</i> e <i>oitibó</i>	175-185
Considerações sobre os verbos de origem tupi no falar brasileiro	186-221
Comentarios sobre um mal africano conhecido por nome indigena que se incorporou ao idioma francez — Sua disseminação por um insecto — Descortino do Gabriel Soares	222-229
Tunga — nome indigena desaparecido do falar brasileiro e fixado na denominação scientifica de um ectoparasita de origem discutida	230-240
Comentarios sobre a linguagem de Gabriel Soares, de origem indigena, e o actual falar do Recôncavo bahiano	241-255
Persistencia na linguagem popular de vocabulos in-	

indigenas alterados pelos eruditos — Erro inextirpavel — Dos tupismos presentes nos Dialogos das Grandezas e versos de Gregorio de Mattes	257-273
Da influencia do tupi no portuguez — Theses sobre este ponto — Papel desempenhado por Theodoro Sampaio — Varias questões	274-289
Outras fontes de estudos sobre a influencia do tupi no falar brasileiro — Comentarios varios	289-304
Da influencia do tupi no falar brasileiro — Varias autoridades e dois grandes nomes: Martius e Baptista Cactano	305-320
Críticas de Baptista Cactano, Valle Cabral e José Verissimo a consagrados homens de letras — Devotados investigadores do falar dos nossos indios: Coronel Paria, Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues	321-332
Equivocos originados pelo pseudo tupismo <i>Bom</i> — Considerações sobre os nomes indigenas dos nossos maiores ophidios — Lendas e credices — Do vocabulario tupi em livros estrangeiros	333-348
Persistencia da influencia tupi no falar brasileiro — Considerações finais	349-372

A' guisa de prefacio

Vinte artigos que publiquei no *Jornal do Comercio* formam o nucleo do presente volume. O primeiro saiu em 29 de Novembro de 1936 e desenvolvia um ponto que abordei na *Camara dos Deputados*, conforme se vê no *Diario do Poder Legislativo* de 30 de Novembro de 1935. Os outros foram publicados de 1º de Maio a 4 de Dezembro de 1938. Por isso, o trabalho, por vezes, é um tanto zigzagueante. A natureza da colaboração a isso conduziu. Ao procurar editar o livro, quiz formar um todo mais homogeneo. Ia dar-me trabalho bem maior; já estava me sentindo entediado da materia e deixei ficar, quasi como os divulguei, os artigos que intitulei *Assuntos Brasileiros*, aditando ou corrigindo alguma coisa aqui ou ali.

Eserevi-os, deixando-me arrastar pela corrente de idéas que elaborava. Ia de bubiua, levado suavemente pelo deslocamento das recordações de tantas coisas conhecidas desde moço, que a memoria guardou e as leituras acumularam.

De algum modo, o presente trabalho se preude á assinatura que dei a uma emenda relativa á creação da lingua brasileira, apresentada á *Assembléa Constituinte* de 1934 e da qual fazia parte como representante da Bahia.

Pediram-me o *apoiamento*, expressão corrente na extinta *Camara dos Deputados*, a fim de que a emenda tivesse numero suficiente para a sua apresentação, sem que isto implicasse compromisso de vota-la em plenario. Fi-lo, um tanto incluído a aceitar a ideia. Depois de te-la prestigiado, senti-me na obrigação de justificar minha assinatura.

Agitava-se, mais uma vez, a questão ortografica, e não seria a ultima. Não ha lei possivel que contenha a evolução. Fui sempre pela simplificação ortografica; defendi-a em uma reunião que Oswaldo Cruz fizera com seus discipulos, ao crear

as *Memorias* do Instituto que hoje traz seu glorioso nome; mas sou partidario de uma simplificação que leve em conta a pronuncia brasileira.

Naquella occasião, Oswaldo Cruz aceitara a reforma simplificada de Medeiros e Albuquerque e contratára João Ribeiro para corrigir os originaes dos artigos elaborados por seus discipulos, dos trabalhos destinados a ser publicados nas *Memorias*. Aquele grande condutor de homens, querendo evitar discussões gramaticais, frequentemente estereis, submeteu ao criterio de alguém, por todos considerado autoridade na materia, a correção da linguagem da sua gente de Manguinhos.

Pude, então, verificar como a lingua portugueza é pobre quanto ao que se refere á tecnica. Deu um trabalho encontrar-se uma palavra que correspondesse ao *Stamm* alemão, *Strain* inglez, e ao *échantillon* francez no sentido em que é empregada na tecnica bacteriologica, quando procuravamos substituir o termo *amostra* então usado, e que era inquinado de galicismo, o que originou grande discussão.

João Ribeiro exhumou a palavra *escantilhão*, vocabulo que nunca pegou e já desapareceu daquele ambiente, continuando o uso do termo *amostra*. Naquella epoca documentei com a tradução que Ruy Barbosa fizera das *Lições de Coisas* de Calkins, que aquele phenomeno verbal, sabedor de tantas coisas e dominador do idioma, confessara não poder a lingua portugueza, muitas vezes, traduzir coisas muito simples, como por exemplo, a côr dos cavalos indicados na obra do educador norte-americano.

Em *Notas* publicadas naquella obra, Ruy Barbosa explicava: "*Das faltas que acaso haja cometido não terão custo em me absolver os que conhecem ou sondarem a dificuldade de chegar, ao menos oproximadamente, á precisão, em assunto onde ainda tão vaga e indecisa é a nomenclatura vernacula*". A versão do trabalho de Calkins foi editada pela Imprensa Nacional em 1886.

Ruy Barbosa viu-se forçado a empregar alguns brasileirismos; nunca os applicara; ainda não possuia a transigência

que demonstrou ter no fim da vida, quando acolheu o falar da sua gente e o empregou nos seus memoráveis escritos e orações.

Hoje, se pudesse voltar ao assunto, não encontraria mais nenhuma dificuldade. Bastaria utilizar-se do *Vocabulario Analogico* de Firmão Costa, apparecido em 1923, que, ao tratar da materia *Côres e sinais de cavalos e bois*, estende-se das pp. 21-27, do seu livro, pondo em ordem tudo quanto coligiu na linguagem dos dois povos. Os obices que Ruy Barbosa depa-rou não mais existirão, caso se queira aproveitar tambem o que se emprega no Brasil.

Em qualquer sector de actividade isto ocorre. Não é possível, sómente com o vocabulario que herdamos dos portuguezes, descrever coisas da nossa vida e representar exactamente um mundo diferente de fátos, plantas e animais de um outro meio e clima, utilizando sómente a linguagem empregada pelos classicos.

Talvez que, com esforço, tal se obtenha. Castro Lopes deu-se ao trabalho de escrever em latim phenomenos da vida moderna, com a lingua dos poetas romanos, e, aproveitando-se dos versos de Ovidio, descreveu uma locomotiva em marcha. Tal curiosidade, evidentemente, é um mero trabalho de paciencia onde tudo falta, a começar pela indispensavel espontaneidade que a lingua viva imprime.

No trabalho que se segue chama a attenção, sobretudo, para esses pontos. A linguagem que os brasileiros falam não se encontra convenientemente dicionarizada. Assim julgo ter demonstrado pela serie enorme de glossarios e lexicos brasileiros de plantas, animais e os relativos ao falar da nossa gente e de que trato adiante. Como, porem, ainda não se fez um trabalho de conjunto, os nossos escriptores, sobretudo nos ultimos tempos, procuram preencher a lacuna, juntando elucidarios e glossarios ás obras que publicam, e isso afim de que possam ser entendidos, já que seria quasi inutil consultar os deficientissimos dictionarios de que os brasileiros dispõem.

Continuamos, no entanto, a proclamar a riqueza da lingua portugueza. De fâto é um aparelhamento altamente expressivo e belo; basta sua origem latina. Porem, o mundo novo, que aqui se creou e os fatos que suscitou foram traduzidos pelo nosso povo, que para isso se utilizou de um vocabulario extranho, pois já encontrou tudo batizado pelos indios que aqui viviam e crismado pelos negros que logo depois trouxemos.

Certa vez li, no *Jornal do Comercio*, de 21 de março de 1937, magnifica aula inaugural de Clovis Monteiro, na qual o illustre filologo afirmava que: "No interior, por mais longinqua que seja a localidade, ha ainda, alem da escola, o vigario, o promotor publico, o funcionario municipal, os que sabem ler e influem na linguagem oral pelas conversas e atravez da leitura dos jornaes com as noticias das capitaes. Assim, a lingua portugueza não se desprendeu das raizes tradicionais no solo americano".

No meu modo de entender, o Brasil, em grande parte, vive ainda isolado e dividido em compartimentos estanques. Tambem assim pensava antes de percorre-lo quasi todô. Fiquei, no entanto, verdadeiramente surpreendido quando, em 1912, ao atravessar grande parte da Bahia, Pernambuco, Piauí, Goiaz, descobri um Brasil novo, esquecido e impermeabilizado para muitos dos beneficios creados pela civilização.

Em regiões onde moravam milhões de compatriotas nossos, o precario serviço postal de que o Brasil dispõe, nem de longe beneficiava a esquecida gente.

Dei meu depoimento por escrito em 1916, no trabalho que publiquei quando, expondo o papel que exerce a imprensa diaria na difusão de ideias e conhecimentos, mostrei que não podia ser aproveitada pela nossa população longinqua, e isso porque os correios e fuchas distantes, segundo me confessaram, não podiam assinar jornais do Rio, porque não lhes chegavam ás mãos. Não se imagina quanto a deficiencia do serviço postal retarda o nosso progresso.

Depois que saí de Petrolina, ás margens do São Francisco, atravessando os Estados acima referidos, sómente fui encontrar jornais da Capital do paiz em casa de um senador estadual de Goiaz, de nome Fleury, que assinava o *Jornal de Commercio* e era fazendeiro, já perto da Capital do Estado; mesmo assim, recebia irregularmente o periodico.

Naqueias paragens testemunhei, comovido, o esforço da nossa gente desejando romper a noite escura, que em materia cultural existe, inventando um sistema pedagogico especial, qual'o dos professores itinerantes, recebendo como honorarios quantias inacreditavelmente insignificantes, e que pousavam de fazenda em fazenda para ministrar o ensino durante alguns mezes, de todo o pouco que sabiam, á meninada daquelas modestas propriedades.

Julga Clovis Monteiro que em toda parte se encontram escolas, igrejas, etc.. Logares ha onde não existe sombra de ecle-gios ou mesmo de modesta capela. Só se vêem miseros habitan-tes morando em humilimos casebres; infelizmente só isso, meu eminente compatriota.

Nas zonas que se estendem entre a Serra do Duro, em Goiaz, e as margens do Rio Preto, no Estado da Bahia, des-dobram-se os *gerais*, atravez de uma zona fertil e inexplica-velmente desaproveitada. Os habitantes são chamados *gera-listas*. Encontra-se ali agasalho franco, boa hospitalidade e todos os dons da bondade de que a nossa gente é rica, mas, quem pensa e conhece outras terras, não pode entrar em contacto com aqueles humildes compatriotas sem um aperto no coração.

Nem o querozene lá chegou. Viviam á luz de candeias, aproveitando o sebo de todos os animais ou o oleo de certas sementes. E' um mergulho na historia que o viajante faz, inesperadamente, retrocedendo alguns seculos. Encontra um mundo pitoresco para estudar, mas uma dor crueiante const-range a quem pensa no Brasil.

Posso dar o testemunho pessoal que, naqueles *gerais*, até os sacerdotes de varias ordens catholicas somente passam de

longe em longe, embora atravessassem os sertões em todos os sentidos nas suas missões. E como em tão extensos trajetos não se vê sequer uma ermida, nem se ouve o tanger de um sino, aquella gente do nosso sangue e da nossa fala, quando deseja legalizar os casamentos da sua descendencia, realiza, então, uma cerimonia tocante para pôr tudo em ordem.

São os chamados casamentos de S. João. Fazem-se á luz das fogueiras, nesse dia festivo. Os pais reúnem os filhos e testemunham o ato, abençoam a cerimonia e reconhecem legitima a futura prole. Quando, por acaso, mais tarde, frades ou representantes de congregações religiosas passam por aquellas paragens, abençoam os casamentos assim realizados. Cobram, porem, o dobro do costumeiro, afim de santificarem a União. E' bom que se diga, no entanto, para nosso consolo, que tais padres nunca são brasileiros.

Por isso, pode-se comprehender como a lingua, que aquella gente recebeu dos seus maiores, continua a mesmia, evoluendo dentro de leis glotologicas gerais. Camilo Castello Branco, que por varias vezes troçou do falar brasileiro quando dizemos *di, Ihi*, esqueceu-se de que foi assim que a gente heroica lusa pronunciava quando aqui aportou e nós guardamos intacto o seu falar.

Aqueles versos de D. Diniz:

Jamais nunca *Ihi* por *vi*
e porem *dixi-lh'* assi

é a pronuncia ainda daquelas paragens.

O *dise-lhis* da *Demanda do Graal*, a *Ogenia*, por Eugenia, que aparece em 883, em um titulo de venda, praticamente ainda escrito em latim, á pronuncia de *Sanchiz* e *Suariz* do primeiro documento portuguez daquele *Testamento* do ano 1193, li por *Ihi*, *cum* por *com* que já figuram na *Noticia do torto* do seculo XIII — *ũa, ome, dizem-mi, dereito* do *Cancioneiro da Ajuda* — ou o chamando-lhis usado em um *Tratado de Poetica* do seculo XIII — como o "*todo los*" da *mesm*

era "se *lhy* o senhor fazer *algũa* demanda daquelas cousas que *lhy* mete na mão" da era 1302 etc., como se encontram nos *Textos Arcaicos* de Leite de Vasconcellos, é o falar de milhões de brasileiros dos sertões do norte e nordeste que, por não saberem ler, a exemplo dos seus antepassados, guardam intacta a pronuncia que lhes foi legada, quando talvez já tenha quasi de todo desaparecido de Portugal, que caberia muitas vezes na imensa area que aquelles sertões occupam. Modo de dizer que Camilo troçou, quando caricaturou a pronuncia brasileira.

Toda aquella gente, sem contacto com o mundo exterior, guarda a linguagem antiga, e, em 1916, chamei atenção para o fato que muitos vocabulos considerados arcaismos em Portugal são ali correntes. O verbo *trouver* é conjugado em todos os tempos e o unico conhecido, pois o povo não usa *trazer*. E' de meu conhecimento que entre gente de Portugal isto tambem ocorre, apenas com uma grande differença: a area de tal linguagem entre nós é imensa, é de varias nações da Europa conjuntas, e a massa da população que assim fala é de varios milhões. Apesar de estas palavras viverem em todo o vigor, por imitação, chamamos arcaismo, não servindo sequer tão grande material linguistico nem para pesquisas filologicas.

Em 23 de Outubro de 1938 o *Jornal do Comercio* publicou um artigo da autoria de João Dornas Filho, intitulado *Alguns Arcaismos Ainda Correntes No Portuguez Falado No Interior Do Brasil*, no qual se encontram 310 verbetes representantes do antigo falar portuguez e ainda em uso, sobretudo no Oeste de Minas Geraes.

A titulo de amenidade, poderei lembrar um fato que julgo curioso. Em quasi todo o nordeste o povo não diz *lua*, porém *luma*. Mesmo alguns vaqueiros e fazendeiros que sabem ler só escrevem assim.

O processo evolutivo, que transformou *una* em *uma*, continua ali presente, dando como resultado a mudança de *luna*, que passou para *lũa* e por fim para *luma*, a exemplo de *una*, *ũa*, *uma*.

Entre nós se passa um fato interessante. Temos orgulho das nossas riquezas embora não saibamos explorá-las. O povo é imensamente pobre, vivendo comtudo numa das zonas mais ricas do globo.

Contentamo-nos em repetir que o Brasil é riquíssimo, como o fazemos com a lingua que julgamos ser a mais copiosa das existentes. Estaria entre estas, se porventura os lexicografos portuguezes conhecessem muito mais do Brasil e quizessem incorporar a extraordinaria riqueza vocabular que ele originou, nos seus dicionarios. Prefeririamos até nem chamar de *brasileirismos*; somos a isso forçados porque é assim anotado nos lexicos lusitanos, os principais criadores da separação da lingua dos dois povos, os fazedores de compartimentos estanques, neste particular, entre os dois paizes, quando seria muito mais inteligente o estabelecimento permanente de um sistema de vasos comunicantes.

Recordo-me, certa vez, que Candido de Figueiredo, discutindo no *Journal do Comercio* e pontificando sobre o nosso linguajar, sinceramente afirmava, em uma discussão que travou com Paulino de Brito, que a nossa gente falava um portuguez africanizado, quando textualmente referiu, no artigo CCCI, daquele periodico, de 1908: "Assim se explica como muitas adoráveis *sinhás* do nosso querido Brasil dizem com toda a naturalidade: "*Hoje não qué o jantar, sinhô papai; não mi faz bem o comê*".

O filologo portuguez, no *O Problema da Colocação dos Pronomes*, assinala ainda, referindo-se ao Brasil: "Mas não me é inteiramente extranha a gramatica das linguas africanas, e vou encontra-la, refletindo-se vagamente na linguagem da roça". Diz adiante: "Em S. Tomé, por exemplo, o portuguez, que ali resida algumas semanas ou mezes, acaba por fazer sintaxe negra, e não tem escrúpulos em dizer como se ouve em San-Tomé e no Brasil".

Assim como, em geral, nossos irunãos não têm noção exata das riquezas que possuímos e dos progressos a que já atingimos, aliás em sua maior parte obra portugueza, os filo-

logos d'alem mar continuam ignorando o que se passa no nosso paiz.

Não são, porem, sómente os filologos portuguezes; os brasileiros *classicolatras* pouco ou nada se interessam com o falar dos seus compatriotas e julgam que assim poderão impedir que a evolução se realise na ingenua suposição de que, fazendo abstração dos fatos, esses desaparecem, quando na verdade acabam sempre por triunfar e temos de aceita-los, porque nos esmagam.

A reacção já se operou e vae em escala crescente. Ha pouco tempo foi dado á publicidade um dicionario que procurava dar o mais possivel do falar brasileiro e, para poupar espaço, foi eliminando um mundo de lusismos inteiramente desconhecidos pela maioria dos nossos patricios. Se nos dicionarios não encontramos o nosso *sermo quotidianus*, procura-se um natural reajustamento fornecendo-se ao publico lexicos com o nosso linguajar e omitindo o que de todo não usamos e desconhecemos.

A nós, pouco importa que Candido de Figueiredo, em 1913, tenha incorporado ao seu lexico 1500 denominações vulgares de parreiras e castas de uvas por ele comprovadas presentes no falar lusitano. Temos muito mais interesse em saber o nome e significado dos nossos vegetais e a denominação dos representantes da fauna brasileira, presentes a cada passo e citados a todo momento, em toda a extensão do Brasil, denominações que variam conforme os Estados, mas que fazem parte da nossa vida quotidiana, durante toda a existencia, do primeiro ao ultimo alento.

No que dizemos não ha qualquer vislumbre de xenofobia ou lusofobia; este sentimento, então, seria inteiramente inqualificavel. Talvez que se encontre entre alguns cariocas o remoque, a pilheria, a respeito da ascendencia portugueza; isto é, porem, inteiramente superficial e existe, como se sabe, e pessoalmente comprovei, em todos os paizes que foram colonizados, dos Estados Unidos á Argentina, em relação á mãe patria.

Na verdade o que se sente é a voz do sangue, que se impõe nos momentos delicados. Não ha sofrimento ou cometimento de vulto dos portuguezes que não repercuta fundo na alma brasileira. Recordo-me de ter me abalado de S. Paulo para assistir á chegada de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, atravessando de avião o Atlantico pela primeira vez; nunca tive emoção maior. Senti o famoso verso, *por mares nunca dantes navegados*, da epopea das caravelas, reproduzir-se a meus olhos, deante de toda uma metropole em delirio.

Por outro lado, porem, o que se nota é a incompreensão de alguns elementos, entre a gente culta portugueza, a respeito das coisas brasileiras. Gago Coutinho, por ocasião da façanha que o immortalisou, na festa que lhe ofereceu o Aero Club e a que assisti, teve de levantar-se para, em seu nome e no de seu companheiro, em palavras que a todos comoveram, chamar atenção de que sómente puderam realizar tão magnifico feito porque um brasileiro, Santos Dumont, proporcionara, com seus estudos e realizações, a solução do problema da aviação.

Tais palavras foram intencionalmente ditas porque, em uma instituição lusa, um escritor portuguez, ao saudar seus gloriosos compatriotas, procurara minimisar os feitos de Santos Dumont.

Desviei-me do problema linguistico, para abordar um assunto que vem sempre á baila, quando se quer mostrar que o brasileiro tem o mesmo direito de ver suas palavras figurarem nos dicionarios como as portuguezas.

Se Candido de Figueiredo se acha na obrigação de incorporar aos lexicos tudo quanto o povo portuguez fala, porque nós não temos o mesmo direito? Não é raro, se alguém toca em tais assuntos, levantar-se uma tempestade insincera, procurando suscitar paixões que não existem.

Lembro-me que Mario Barreto, certa vez, defendeu a inclusão nos dicionarios do vocabulo *camapé* porque Camilo Castelo Branco o encontrara em apagada localidade onde fizera uma vilegiatura, e embora soubesse que era uma adulte-

ração do *canapé*, que nos chegara dos gregos através do latim. o povo, por intercorrença do vocabulo *cama*, chamou de *canapé*. O termo foi dicionarizado porque é empregado pela gente lusa, embora o seja estropiadamente e apenas em apartado rincão.

Naquella zona do norte brasileiro, o povo usa *ũa* e não *uma*; até pessoas cultas não só a empregam como procuram divulga-la, através do que publicam, afim de evitar as colições a que dá origem, como se vê, entre outros, com o valioso estudo de Hermano de Santana, *Contribuição Ao Estudo De Etymologia Popular Em Portuguez*, publicado em 1926, na Bahia.

No presente trabalho, procurei chamar atenção para um fato de extraordinaria importancia no falar brasileiro: a influencia do tupi-guarani no nosso linguajar. O assunto nunca foi convenientemente estudado, por varios motivos, inclusive um complexo de inferioridade, quasi o da gente brasileira procurar fugir do contacto com a caboclada supondo assim que ficará mais branca. Este fato influe mais do que se julga. Tal coisa ocorre tambem na Argentina. De Cordoba para as provincias do Norte da Republica irmã, grande parte da população apresenta os caracteres dos indigenas que habitavam aquella região antes do dominio hespanhol, porem ninguem quer ser considerado indio, tal como ocorre no Brasil em relação á origem africana.

A lingua dos primitivos habitantes da nossa terra perpetuou-se num vocabulario imenso, dando origem, inclusive, a um grande numero de verbos e deve ter influido até na construção da frase, como lembro em exemplos que me ocorreram e outros já denunciados por escritores.

Sabemos pouco destas coisas. A leitura dos classicos dominou por muito tempo a cultura nacional, e muita gente, que sabia eserever á moda do seu povo, era logo alvo de todos os ataques e remoques porque a linguagem não era perfeita.

Durante muito tempo os escritores brasileiros escreviam a seu modo, ignorando inteiramente a colocação dos pronomes.

Depois, este assunto se impoz de tal modo, que para os homens publicos brasileiros se creou um ambiente de panico e, durante muito tempo, constituiu um padrão de extraordinaria cultura saber colocar bem os pronomes.

S  com isto, o individuo era julgado culto e civilizado; podia fazer abstrac o de tudo mais, de pouco valia o conhecimento de idiomas modernos, matematica, e ter cultura geral.

Aleancei o tempo em que era imprescindivel o conhecimento de alguns autores francezes, pois a França sempre colonizou nossa inteligencia, colocar bem os pronomes e conhecer os classicos portuguezes. Apenas com isso, a bagagem literaria e cientifica estava completa e os homens podiam aspirar aos mais altos postos da administrao publica. Uma mentalidade bizantina perpetuava-se.

Na Bahia, entre Ruy Barbosa, que foi um assombro, e o tribuno Cezar Zama, que era uma inteligencia brilhante, havia gente que admirava muito mais o ultimo porque não estudava, enquanto Ruy Barbosa não fazia outra coisa!

Certa vez, Sylvio Romero, homem de grande inteligencia e cultura, conhecedor do alemão, por influencia de Tobias Barreto, que creou no norte, surpreendentemente, um nucleo de estudos germanicos, com a combatividade que sempre o caracterizou, quando o  rguiram de não saber colocar pronomes, respondeu: "prefiro saber colocar ideias".

Por fim, encontramos uma formula de reajustamento. Tudo se acomodou; os brasileiros aprenderam a colocar os pronomes, segundo as novas formas lusitanas, talvez ainda não com toda a perfeio para os portuguezes, pois isso ouvi afirmado por João Ribeiro em uma das ultimas vezes que falou ao radio. Antes, mesmo Ruy Barbosa, no *O Papa e o Concilio*, não sabia metodizar tal coisa, como largamente o demonstrou Carneiro Ribeiro.

Passada esta fase, a gente nova começou a agir de outro modo porque, incansavelmente, os *classicolatrias*, daqui e dalem mar, continuavam a bitolar o que nós diziamos e o que o povo

impunha. O vozerio cresceu, a reacção se operou e finalmente começamos a escrever mais proximo da linguagem do nosso povo, e alguns autores de valor incorporaram aos seus livros a linguagem da nossa gente.

A luta proseguiu. Os lexicografos dalem mar supuzeram que, não inventariando o que nós dizemos, os vocabulos desaparecem do nosso falar: isto deu logar á nossa reacção de juntar glossarios aos livros que escrevemos.

Assim como nunca se estudou convenientemente o tupi-guaraní, ainda muito menos os coutingentes das liuguas africanas. O pouco que existe é deficiente, pois, quando Nina Rodrigues iniciou seus profundos estudos na Bahia calculou, ha cerca de 40 anos passados, que apenas existissem, ali, 500 africanos puros, já todos velhos, marchando rapidamente para a morte. Tinham, no entanto, durante tres seculos e meio, entrado no Brasil nos milhões.

Houve, mesmo, quem tivesse a coragem de afirmar que a lingua africana não atuou no nosso falar, quando se vê, no entanto, que deixou impressão inapagavel no nosso modo de dizer, não só como contingente vocabular como até na construção.

Aquela maneira de se exprimir do nordeste bahiano, *meu rimão*, para meu irmão, é pura influencia africana que tanto se disseminou e entra na nossa formação de maneira muito mais profunda do que se imagina. A frase feita *fazer salu* é uma alteração do vocabulo arabe *salah*, que significa oração, e usado pelos negros malês da Bahia.

Estes aspectos, num paiz de verdadeira cultura, constituiriam largo centro de pesquisas e de estudos. Com razão escreveu Leite de Vasconcellos: "Para o purista só têm valor os textos dos grandes escritores; o philologo, porem, vê nas linguas phenomenos resultantes da actividade geral humana e por isso tanto lhe serve uma expressão plebéa, como um trecho classico".

Aqui estamos impedidos quasi que de tal coisa intentar, pois se quizermos crear uma sociedade, será difficil impedir

o modo nacional de realiza-la, a exemplo do que se faz em outros paizes. Alem do presidente, teriamos não sei quantos vice-presidentes, e talvez até um orador, eleito. A atividade seria quasi toda verbal e destinada á imprensa. Dia virá, porem, em que algum brasileiro ou estrangeiro estudará convenientemente o fenomeno glotologico que se passa no Brasil. Então verá como o ensino gramatical é artificial em nosso paiz, e o grande repudio que sempre encontrou da parte das creanças, talvez proceda da profunda disparidade entre a realidade do falar de um povo inteiro e a lingua que os métodos pedagogicos impõem para se escrever bem, inteiramente distante do que a creança ouve e comprehende.

Não possuo qualquer autoridade em materia de filologia; fui a isso arrastado por natural curiosidade tão comum entre nós para esses assuntos, o que me levou a escrever certa vez que, assim como em França tudo acaba em canção, no Brasil tudo acaba em gramatica. Recordações talvez dos sofrimentos que me eram infligidos pelos saudosos professores da meninice, quando me obrigavam a papaguear regras gramaticais que felizmente esqueci para todo o sempre.

Em livro já citado, Hermano de Santana escreveu: "Em nossa lingua falecem pesquisas que taes, não soffrendo talvez os nossos gramaticos e linguistas esses assuntos; engolfados que vivem em outras questões mais transcendentés de topologias e analyzes, e criações de termos rebarbativos a complicarem fatos simplicissimos, *"como se o escopo da gramatica houvesse de ser obrigar os alumnos a fixar palavras"* no dizer de José Tavares, coleudo professor do Liceu Central Vaseo da Gama, de Portugal".

Não existem comumente entre nós habitos de estudo, mas amor apaixonado a polemicas onde, frequentemente, a primeira coisa a desaparecer é a polidez. Ao seu venerando mestre Carneiro Ribeiro, já septuagenario, Ruy Barbosa cobriu de remoques e de uma vez, fazendo trocadilho com o sobrenome, chamou-o de *lanzudo*... Carneiro Ribeiro foi mestre até o fim; nunca se desaprumou, jamais ofendeu, discutiu se-

renamente e da obscuridade em que vivia, antes do seu nome tornar-se nacional, o patriarcha não se intimidou, lutou sem desfalecimentos de acordo com a sua legenda *nec temere, nec timide* deixando a impressão de que dava uma lição, quando respondeu ao glorioso discípulo, cujos excepcionais meritos não cessou de proclamar, e, ainda ensinando, escreveu: "Não, não tem razão o Dr. Ruy de molestar-se: o que molesta, o que magoa; o que punge profundamente não é a censura, não é a critica, quando não vae alem da compostura: é o azedume, a linguagem ferina, e iscada de rudeza, é o escarinho, o remoque, desassombadamente mordaz, picante e ofensivo dos que discutem, abandonando o campo calmo e sereno, em que se deviam sempre manter os que esgrimem não por amor aos fumos da vaidade, que perturbam e cegam os animos, senão por amor á verdade". Foi a ultima lição que Ruy recebeu do Prof. Carneiro que já fôra seu mestre quando o grande brasileiro era criança.

Muitas vezes, no decorrer dos artigos que hoje reuno em livro, censurei com demasiado azedume Candido de Figueiredo. No entanto, reconheço que foi ele quem mais se interessou para incorporar nos dictionarios portuguezes o falar da gente brasileira.

Prestou reais serviços á nossa cultura, embora tivesse dado definições erroneas, algumas mesmo disparatadas; isso, no entanto, corre pela falta de cultura geral de muitos dos lexicografos e pela suposição, quasi ingenua, de imaginarem hinda que um só homem pode, em nossos dias, fazer um dictionario de um povo inteiro.

O maior vocabulario até hoje apparecido, o de Webster, é o resultado do trabalho de numerosos colaboradores e os verbetes, em numero superior a 550 mil nele incorporados, representam o esforço metodizado de muitas pessoas, revendo e corrigindo definições ou contribuindo com achegas para o imenso vocabulario.

Os povos novos são forjadores de neologismos e têm receptores especiais para tudo quanto apparece, já que não são

trabalhados por preconceitos. Quando têm força e prestígio, conseguem até impôr vocabulos por eles suscitados para a linguagem de todos os povos que traduzem, para seus idiomas, imagens nascidas em outras paragens.

Mencken chamou a atenção para a serie de vocabulos creados pelos norte americanos e que invadiram o mundo, traduzidos em todos os idiomas, como por exemplo *sky-scraper*.

Na quarta edição do seu *The American Language — An inquiry into the development of english in the United States*, mostra como os inglezes empregam numerosos americanismos.

Em artigo de sua lavra, publicado em 1932 na 14.^a edição da *Encyclopedia Britannica*, o referido autor faz uma serie de considerações, muitas das quais se applicam ao caso brasileiro. Diz Mencken que não existe ainda um bom dicionario de americanismos, considerando o melhor o de Richard H. Thornton, intitulado *American Glossary*, saído em 1912 e que, por ser baseado tão sómente em abonações escritas, é por isso incompleto.

Conta que, em 1925, Philip Krapp publicou *The english language in America*, no qual o autor acha que o ingiez e o americano mostram poucas diferenças.

Ha um trabalho publicado em 1926, de Palmer, Victor Martin e Blanford, *A Dictionary of English Pronunciation with American Variants*. Recorda que em 1925 Louise Pound, da Universidade de Nebraska, começou a publicação de uma revista intitulada *American Speech*, e conta que a primeira vez que se empregou o vocabulo *americanismo* foi em 1871, quando John Witherpoon, presidente da Universidade de Princeton, assim definiu o vocabulo: I — Qualquer palavra ou combinação de palavras que usadas na lingua ingleza nos Estados Unidos não foram aceitas na Inglaterra, e se o foram mantêm um sentido de expressão exotica. II — Qualquer palavra ou combinação de palavras que se tornando arcaicas na Inglaterra continuam em uso nos E. Unidos.

Exatamente assim considero o *brasileirismo*.

Lembra que os primeiros povoadores da Virginia, Nova Inglaterra, ao depararem com plantas e animais que não lhes eram familiares, aproveitaram das denominações indigenas ou inventaram nomes para denomina-los. O mesmo occurra entre nós.

Mostra velhos americanismos datando do ano 1608, e recorda que, no principio do seculo XVIII, existia grande numero de expressões consideradas arcaicas na Inglaterra e usadas nos E. Unidos, lembrando que a lingua ingleza na Grã Bretanha, principalmente devido á influencia do pedantismo no tempo da rainha Anna, mudava rapidamente emquanto se mantinha na America com as suas velhas formas. No fim do seculo XVIII, por exemplo, *I guess* era considerado um americanismo, embora tivesse uso universal na Inglaterra no tempo de Shakespeare; assim vieram outros arcaismos, muitos dos quais, no entanto, nos ultimos annos, voltaram a tomar pé na Inglaterra á força do exemplo americano.

O mesmo ocorre no Brasil e bem recorde a expressão *paredro* exhumada por Coelho Neto, hoje correnteia no nosso paiz, e que voltou a ser incorporada aos dictionarios da lingua portugueza.

O fenomeno da evolução da lingua é o mesmo em toda parte. Benjamin Franklin, por exemplo, em 1789, por ter vivido na Inglaterra, denunciava como barbarismos expressões como *to advocate*, *to progress*, *to oppose*, hoje correnteias. No Brasil o mesmo se deu; recorde-me bem quanto me custou habituar-me aos verbos *homenagear*, *solucionar*, *resultar*.

Já no seculo XVIII, as palavras adquiriram diferentes significações nos E. Unidos, e Mencken lembra o exemplo de *shop* que, desde 1770, foi chamado pelos americanos de *store* e muito antes o vocabulo *corn* já significava, para os E. Unidos, não grãos em geral, porem tão sómente milho.

Duas decadas antes da guerra civil, qualquer americano se tornava quasi ininteligivel para um inglez. Deu-se, porem, um policiamento da lingua, como Mencken designa, depois de terminada a guerra de secessão, tendo R. G. White diri-

gido um grupo de gramaticos que procuravam alcançar tal objetivo e que encontraram, da parte do povo americano, certa reacção contra alguns pontos da reforma.

O fato é que, apesar dos protestos dos puristas, novo e vigoroso modo de dizer americano sobreveiu e só fez crescer mau grado a opposição dos gramaticos.

O americanismo *movie*, que substitue *cinema*, já invadiu não só a Inglaterra como todos os seus dominios de lingua ingleza; na Australia o vocabulo americano progrediu triunfantemente, já não existindo, de ha muito, no Canadá, qualquer vestigio de opposição a tal fenomeno.

Aliás a gente de fala ingleza naturaliza qualquer vocabulo, logo que seja expressivo, não importando a lingua de que proceda. O brasileirismo *valorisação*, no estrieto sentido de aumentar o valor de um producto por intervenção do Governo, como ocorreu com o café, não está incluído ainda nos lexicos portuguezes, mas de ha muito que Webster ó incorporou dando como procedente da lingua portugueza, embora tenha surgido entre os corretores de café de Santos.

O falar brasileiro apresenta o mesmo aspecto que tem o povo. Confessemos ou não, a influencia africana e indigena revla-se a cada passo. A primeira é menor; o vocabulario que nos deixou, embora desenvolvido, está representado por varias dezenas de formas verbais, sendo, mesmo neste particular, menos rico do que herdamos do tupi.

Acontece, muitas vezes, o africano e o tupi hibridarem-se, e isto ocorreu desde cedo, pois já em 1587, Gabriel Soares, supondo registrar um nome indigena, assina'ava o primeiro africanismo, aquele *anhangáquiabo* de Gabriel Soares que estropiou a terminação *Kibaba*, ponte, pela intercorrença do nome africano *quiabo*, planta originaria do continente negro, que não figura na relação dos vegetaes introduzidos na Bahia, feita pelo cronista portuguez, mas que devia lá se encontrar, pois a referencia no vocabulo isto demonstra.

Em 1587, a Cidade do Salvador dispunha de 4 mil africanos aptos para combater, 6 mil indios e apenas 2 mil por-

tuguezes em idênticas condições, informa o cronista. Eis a pequena Babel na qual se elaborava a lingua que hoje falamos. Os dez mil escravos indios e negros não sabiam ler e deveria ser infimo o numero de portuguezes alfabetizados. Tão pouco o restante da população composto de mulheres e crianças, formando tudo um aglomerado que deveria approximar-se de vinte mil pessoas.

As linguas, dialetos, variantes e gírias surgem com uma rapidez maior do que se imagina. Depois da grande guerra, os autores francezes e alemães chamaram atenção para o vocabulario e a linguagem que os homens das trincheiras criaram. Uma gíria inteiramente desconhecida appareceu e foi reflectir-se nos livros escritos pelos que participaram do grande horror.

Phenomeno mais profundo tambem pode verificar-se. Assim o demonstra Baissac quando, em Naney, em 1880, publicou o seu *Étude sur le patois créole mauricien*. O livro com 250 paginas de composição meuda, no qual o autor estuda o linguajar de uma população de 400 mil almas, aproximadamente, apresentando estrutura e forma, a tal ponto do autor não saber como qualifica-lo: se como um *patois* ou como lingua. O interessante é que a ilha não era habitada até 1722, e já em 1880, isto é, 158 anos após, o que lá se falava era tão consistente que foi objeto de um estudo serio.

Mauritius, a antiga ilha de França, onde se desenrolou aquella pastoral de Bernardin Saint-Pierre, *Paulo e Virginia*, parece mais um pedaço destacado do Brasil no Oceano Indico. O destino me atirou naquelas remotas paragens. Lá estive durante 12 dias e sobre a interessante ilha escrevi no *Daqui e de longe...* um capítulo de reminiscencias.

A principio era uma Babel, como a Bahia descrita por Gabriel Soares. Baissac recorda o velho dizer e o vocabulario francezes que ali permanecem, guardados fielmente pelo povo, que mantem a pronuncia dos habitantes de uma provincia franceza cujos filhos colonizaram a ilha. O mesmo se passou entre nós; guardamos a antiga pronuncia luza.

Na Bahia e Sergipe, até hoje, dizemos *axente*, transformação do *g* em *x*, á moda galega, lingua que se extendia ao Algarve, o que levou, em 1929, Francisco Villaespesa, em seu *Canto A Galicia*, a assim versejar:

*"Madre de la austera lengua de Castilla
Y de la gloriosa lengua portuguesa!"*

No vocabulario tudo se encontra, pois durante muito tempo Mauritius foi uma encruzilhada humana e lá chegou até um termo de origem portugueza, *margoze*, alteração de amargosa, dado ao giló, creio.

Interessante é o adagiario que Baissae registra, a exemplo do que existe entre nós já assinalado por varios autores, inclusive Afranio Peixoto, mas nunca estudado convenientemente quanto aos elementos que entram na sua formação.

Durante muito tempo disso me ocupei e feuni grande material em que figurasse o elemento tupí. Proverbios que ascendem a muito mais de uma centena, inteiramente intraduziveis para qualquer lingua, pois o vocabulo que serve de eixo ao rifão representa planta, arvore, ou coisa nossa, de denominação tupí.

Comecei a estudar o significado das palavras tupís e varios aspectos que os rifões, adagios, proverbios e frases feitas em que entravam elementos desse idioma. E como sempre ocorre com tudo que se investiga e revê, tanto se avolumou o material que estudei, que poderia suscitar, perfeitamente uma larga contribuição. Não pude, porem, terminar; não fui além da letra *g*. Guardo, entretanto, a lista que organizei desse nosso adagiario, para futuras pesquisas.

Quasi não me faz frio ou calor, ebamar-se o que se faça no Brasil de lingua brasileira, portugueza ou dialeto. O que sinto é que não haja pesquisas mais numerosas e profundas, e que encarem os fenomenos glotologicos que aqui se passam, com a maxima serenidade e frieza, pois o material que existe é imenso, inexgotavel.

Não sei se algum dia tal ambiente se encontrará entre nós. Quando alguém fala ou escreve no Brasil monta imediatamente guarda ao que disse ou grafou, não querendo absolutamente ceder diante de nenhum argumento.

E' feitiço nosso que herdamos dos portuguezes, ás vezes tao apaixonados que um investigador de valor, que começou a estudar nossa linguagem, Daupiús, quando escreveu o *Dialecto capiáu*, procurou mostrar que a troca do *v* pelo *b* é, tambem, fenomeno brasileiro.

De fâto, não é raro o brasileiro inculto do interior pronunciar *berruga*, *barrer*, *bassoura*, *biado*, e em Mato Grosso e Minas *bamo*, entre outros.

Nunca se estudou se isto é sobrevivencia da lingua falada pelos portuguezes que nos colonizaram ou se já é, o que não parece provavel, influencia da lingua dos indios que não possuíam a letra *v* ou até influencia afriicana.

Encontramo-nos em situação verdadeiramente inexplicavel : alguns dos maiores filologos portuguezes, de ha muito, consideram que o falar do Brasil é um dialecto portuguez. Recusamo nos a accitar, e argumentamos, fazendo belos periodos como o de Ruy Barbosa referindo-se ao celebre "*surrão amplo*" etc., mas que não constituem argumentos filologicos que se oporham ás afirmações dos filologos lusos. Não tentamos estudar seriamente o fâto.

Muita gente quer impor-nos a linguagem portugueza que evolve de modo diferente da nossa. Já não se contentam em que traguemos os classicos; querem obrigar-nos a assimilar os fenomenos glotologicos que se passam na Lisbôa moderna e que pronunciamos *pregunte*, *quer*, *agua fervente*, *registro*, etc., em substituição ao *pergunte*, *quer*, *agua fervendo*, *registro*, que os portuguezes usaram em larga escala, para cá trouxeram, nós guardamos e eles esqueceram. Diziam *priguça* tal como o povo brasileiro, como se vê na *Regra de S. Bento*, documento do seculo XIII e XIV; e assim escrevia Anehieta, *Corenta*, encontrado no *Roteiro de Vasco da Gama*, de Alvaro Velho, um dos companheiros do grande navegador. *Craro*, *pidir* que se encontra na *Cronica do Condestabre*; *somana*,

registrado por Th. Braga em *Johan Gomez de Abreu; saluços*, presente em Fernan Lopez, o maior dos antigos cronistas e “*creador da prosa portugueza e o primeiro exemplar do estilo da historia*”, no dizer de João Ribeiro, na sua *Seleção Classica*. Despejado igual a desembaraçado que ainda se emprega no Brasil. “Vi a menhã como surgia fermosa”, escreveu Bernardino Ribeiro na *Menina e Moço*, e assim pronuncia ainda o nosso povo por milhões e milhões de bocas.

Sanguexugas, que Mendes Pinto escreveu, é o modo de pronunciar de muita gente nossa, assim como o *samizuga* daquela epoca. *Mancar*, que João Ribeiro no livro citado diz: “o verbo *mancar* no sentido de faltar (mauqué) era galieizmo de que se encontram rarissimos exemplos em eseritores antigos; ao menos um se depara em Fernão d’Alvares — *Luzitania transformada* — (edição de 1791, no vocabularie apenso ao texto)”. Tal verbo é usado correntemente em todo o sertão nordestino. Registrei-a na Bahia, Pernambuco e Piauí, e ocupei-me do assunto em 1916, em trabalho já referido. Evidentemente que a palavra vem do francez, o povo portuguez dela se apoderou e nos carregou, continuando a viver com pujança entre nós, sendo usada por numerosa população dos nossos sertões.

Gainhar como escreveu Jorge de Vasconcelos na *Autografia*, appareço em 1619, é a pronuncia actual talvez da maioria dos brasileiros, lembra João Ribeiro. *Alimpar*, o povo brasileiro assim o diz, apparece em numerosos classicos. *Senhóra* pronunciamos no Brasil; na Bahia, por influencia dos metodos pedagogicos portuguezes, diz-se *sénhóra*. na classe culta e no Reconeavo já começa a invadir o falar do proprio povo, mesmo lá, porem, faz-se differença já que se referindo a uma dama, diz-se *senhóra*, mas ao tratar-se de uma santa, pronuncia-se *Nossa Senhóra*, como tambem a proprietaria de engenho ou de escravos, que é sempre chamada de *senhóra*.

Em Portugal, em algum tempo, deve-se ter pronunciado Rubém, como até hoje o fazem os espanhois, porque era assim que o povo chamava, como verifiquei em 1912, uma persona-

lidade de destaque no sul do Piauí, município de S. Raymundo Nonato.

João Ribeiro recorda que *agua fervendo*, empregado correntemente no Brasil, era também usado em tempos antigos, citando uma passagem de Manoel Bernardes.

Duarte Nunes de Leão corrigiu *pregunta* para *pergunta*, quando escreveu: "Não que contestar quais as razões meramente científicas que militam em favor da forma *preguntar*; mas como a forma *perguntar* hoje é a mais usual, e além disto foi a que teve a preferencia entre os mesmos quiuhentistas, conforme diz o mesmo orthografo", como recorda, na *Seleção Classica*, João Ribeiro.

No Brasil, cultos e leigos dizem *carangueijo*; não sei se esta intercalação do *i* é nossa ou herdada dos portuguezes, assim como as alterações na pronuncia de certos vocabulos que os portuguezes pronunciam certo e nós errado, como *revérbero*, *crisântemo*, *azáfama*, que nós dizemos *reverbéro*, *crisântêmo*, *azáfâma*; não sei se será tempo ainda de corrigir, como occurreu com *decáno* que, nos meus dias de rapaz, se pronunciava *décano* e de cuja correção tive a oportunidade de assistir á origem.

Recordo-me, nitidamente ainda, quando um tio meu, formado em medicina, regressando certa noite da solenidade da formatura de estudantes de medicina realisada na capital da Bahia, elogiava o discurso do orador da turma, o academico Pondé, lamentou o grande erro cometido pelo moço e que toda assistencia extranhou. Naquele tempo, o estudante estragara uma bela oração ao dar, como diziam, enorme cincada pronunciando *decáno*. Isto se passou há mais de 40 anos. O vocabulo, aos poucos, foi corrigido. Hoje todos o pronunciam bem. *Azáfama* e *revérbero*, porem, não terão a mesma sorte e assim muitos outros. Em certos logares do Brasil, no Estado do Rio, no Xerem, o povo ainda diz *pantâno* como também em certas partes de Santa Catarina.

Caracteristica das mais salientes da nossa mentalidade, porém, é a faculdade de crear e adotar neologismos. Castro Lopes lançou muitos e alguns ficaram. A palavra estrangei-

ra causa-nos certa ogeriza. Um brasileiro eminente que dominava a lingua franceza como o seu proprio idioma, o Visconde de Taunay, creou o vocabulo *necroterio*, que se popularizou em todo o paiz.

Pelo fáto de a Princeza Izabel assumir a regencia na ausencia do Imperador, a comissão da Saude Publica, que deu parecer a respeito de certas remodelações na Capital, afin de não ser irreverente com a augusta personalidade que tinha de assinar a lei, inventou o neologismo *mictorio* para substituir o prosaico termo então usado, *mijadouro*. Ouvi isto de um velho mestre, Benicio de Abreu, que relatou pormenorizadamente o episodio.

Aquele neologismo creado por uma Junta de Saude Publica, num impulso de gentileza para com Izabel a Redentora, acabou sendo conhecido por Candido de Figueiredo, ao coligir vocabulos brasileiros e que o inventariou na edição do seu lexico, de 1913, não informando que era sómente empregado no Brasil, assinalando apenas a origem latina do vocabulo.

Nossa colaboração não é muito estimada pelos lexicografos portuguezes. No Brasil o verbo *imiscuir-se*, creado por algum erudito brasileiro, popularizou-se. Os portuguezes não o adotam, e até o repelem como ocorreu, justamente com este vocabulo, quando Rodolfo Garcia o enviou a Candido de Figueiredo.

A confusão ortografica em que o paiz se debate é de causar a maior lastima, porque estamos sacrificando uma geração inteira. Não ha uniformidade e sente-se a preocupação de se impôr, atravez da ortografia simplificada, a actual pronuncia lusa que nós agora repelimos, porque mantemos viva a que eles nos trouxeram e herdamos.

Sutilmente começam a escrever *receção*, *setor*, *seção*, que nós pronunciamos *recepção*, *sector*, *secção*. Tal pronuncia se difundirá um pouco, mas não se fixará. No meu Estado natal tentaram crear uma pronuncia bem distinta entre o *mais* e o *mas*. Aprendi em creança a pronunciar *mas*, com dieção

portuguezã; fiz um grande esforço para altera-la quando passei a morar no Rio de Janeiro, pois dava impressão de pedantismo.

Inutilmente, certos professores civados da influencia lusa procuraram estabelecer entre nós a pronuncia de *estámos*, *conversámos*, *falámos*, que os nossos ouvidos não suportam. Aliás, seria o caso de perguntar quando, de fãto, em materia de linguagem atingiremos á maioridade? Serã que tenhamos de escrever *rator* e *ratada*, pois assim pronunciam os portuguezes, em logar de *raptor* e *raptada*, como Osorio Duque Estrada certa vez perguntou?

Ha um mundo a realizar de pesquisas, mesmo entre nós. Acima falei que o paiz está dividido em compartimentos estanques; muito mais do que isso talvez, porque dá em certas occasiões a impressão, quando visitamos remotas paragens da nossa patria, que o Brasil é uma composiçã de varias civilizações, de tal forma a extensã do paiz e a falta de comunicações impediram uma evoluçã uniforme. Esse é um ponto que o brasileiro não gosta de comentar. Quando se mostra com frieza nossa deficiencia, falhas e atrazo, em certos sectores, quem o faz é logo acoimado de negativista ou derrotista. Não suportamos a mostarda, só queremos sentir o incenso. Sempre sustentei que na nossa patria ha dois governos. Um talvez mais poderoso que o aparente e que se mantem cuidadosamente invisivel, é composto por um grupo de individualidades brasileiras ligadas ao estrangeiro e, em defesa de seus interesses, procura impedir que saiamos do ciclo colonial.

Temos tudo, mas não podemos realizar quasi nada. Quando eramos os unicos detentores da borracha no mundo, jámais pudemos organizar a simplissima industria pesada deste produto; poderes invisiveis o impediram. Até hoje não conseguimos resolver o problema siderurgico, mau grado possuirmos a maior jazida de ferro do planeta. Temos minas de manganez, de niquel e de cromo, minerios utilizados em siderurgia, e um carvão igual ao japonéz. Até hoje o problema continua sendo discutido. O Japão nada disso possui a

não ser carvão inferior, é no entanto uma das grandes potencias siderurgicas do mundo moderno e quando para ele nasceu, ha menos de 70 anos, nós já discutiamos o problema siderurgico.

O ouro que abarrotou as areas de Portugal, tambem podemos continuar a explorar na escala que deveriamos com os mecanismos modernos, porque o governo invisivel não deixa. O petroleo, que já é uma evidencia, duvido que seja explorado. A mão arquipotente do governo invisivel impedirá. Teremos que continuar o ciclo colonial a que nos clumbaram. Continuaremos exportando os produtos de sobremesa: café, assucar, cacau, banana, laranja, ao dizer de Capistrano, e madeiras, peles: pura colonia.

Sem interesse material, porem, os brasileiros que se aliam, em materia de linguagem, a forças estrangeiras, repetem a triste fatalidade do nosso destino mesmo quanto ao que falamos e dizemos: continuamos colonia.

Não podemos falar como queremos. É preciso a sanção de Lisboa. O que o nosso povo diz não pode ser inventariado totalmente; o que a gloriosa gente de Portugal profere, isso sim, é imediatamente incorporado aos lexicos portuguezes que reproduzem, ao cansaço, vocabulos, termos, modos de dizer, que para nós nada significam.

Ainda mesmo quando já tinhamos trabalhos de nota, traduzidos no estrangeiro, como o *Guarani*, de Alencar e a *Inocencia*, de Taunay, o primeiro vertido para o italiano e musicado por Carlos Gomes e levado com exito nas maiores capitais do mundo, Pinheiro Chagas negava-nos qualquer autoridade para nos afastar do falar luso, porque nem sequer possuamos ainda vestigios de literatura, dizia.

A lingua que o brasileiro fala é assunto para ser estudado seriamente pelos filologos daqui e dalem-mar, mesmo que continuemos a chama-la de portugueza se porventura quizerem incorporar ao seu patrimonio o que nós dizemos.

Ignoro, no entanto, se ha ambiente nos dois paizes para pesquisas profundas a respeito. Carolina Michaelis, em 1920,

quando publicou na *Revista Lusitana*, o *Glossario do Cancioneiro da Ajuda*, disse com certa melancolia: "Passaram 18 anos desde que publiquei o *Cancioneiro da Ajuda*, prometendo (como parte principal do III volume), o *Glossario* completo, já então em primeira redacção. *A razão por que o guardei inédito durante tanto tempo, está sobretudo na indiferença com que a obra foi acolhida*".

O curioso é que Carolina Michaëlis acentuou ainda mais o atrazo em que o muudo luso-brasileiro se encontra em materia de erudição e investigação científicas, quando chamou a atenção para o seguinte fato: "Dois estudos, estriectamente filologicos, vieram da *America*. Um muito benevolo, cheio de observações criticas, era obra do malogrado professor de S. Paulo (do Brasil), Oscar Nöbiling". Não era brasileiro, mas suíço.

O outro estudo, a que se refere a eximia cultora do nosso idioma, procedeu de New Haven, Estados Unidos, e foi feito por Henry R. Lang. Penso que este depoimento, vindo de tão alto, e inteiramente insuspeito, confirma o que disse acima.

Tenho que fazer ponto final porque de outro modo as considerações sobre o assunto me levariam a um desenvolvimento quasi de um novo trabalho. O material por mim coligido a respeito, á espera de que o coordene e publique, é verdadeiramente enorme. Talvez o faça futuramente. Ninguem é senhor do seu destino. Jamais supuz tratar dessas coisas que formam o presente livro. Um conjunto de circunstancias a isso me levou, quasi sem sentir, e foi feito, sobretudo, para me distrair, o que consegui, mas que talvez o mesmo não aleance dos pacientes leitores que porventura apareçam.

• • •

A confusão roimanto entre nós, no momento, em questão ortografica, veiu reflectir-se nas paginas deste livro, que não está escrito numa ortografia uniforme.

Conto com a indulgencia dos leitores para esta falta involuntaria, pois os originaes enviados á Empresa Editora estavam escritos na orthographia moderna por quem os dactilografou e na antiga os artigos, por mim approvitados, e publicados no "Jornal do Comercio".

*Tal falta causou-me grande pesar, sobretudo porque só poderá ser corrigida si porventura o livro me-
racer nova edição.*

Outubro de 1880.

I

Dos vocabularios de brasileirismos

Notas e comentarios

Dos vocabularios de brasileirismos — Notas e comentarios

Os brasileirismos surgem logo nos primeiros trabalhos escriptos sobre o Brasil e futuramente quando esta materia não fôr mais objeto de discussão, nós reproduziremos a historia da lingua portugueza, assignulando quaes as primeiras palavras brasileiras apparecidas nos documentos lusitanos, assim como estes o fazem com os velhos documentos da alvorada da lingua

Nas *Cartas do Brasil*, de Manoel da Nobrega, vêm registrados varios brasileirismos. Em epistola da Bahia, datada de 1549, a palavra *moqueados* já apparece e provavelmente é o primeiro brasileirismo conhecido em trabalho publicado em lingua portugueza, porque, talvez o primeiro vocabulo que tenha sido registrado em qualquer obra, consta daquella pequena lista de palavras colhidas por Pigafetta.

O chronista da expedição de Fernão de Magalhães aporou, com este, ao Rio de Janeiro em 1519 e escreveu um pequeno vocabulario composto de 12 palavras, algumas das quaes não são tupis, que ponde colher directamente dos indigenas. Uma unica ficou incorporada até hoje ao nosso falar: é a palavra *pindá*, que significa anzol, gancho, fisga, garra, *apud* Th. Sampaio, vocabulo que está ligado á toponimia nacional e a nossa historia como *Pindaguassú*, cacique tabajara da Parahyba e nas denominações *Pindamonhangaba* em S. Paulo que aliás é frequentemente conhecida sómente por *Pinda*, *Pindaré* no Maranhão.

E se fixou nos vocabulos *pindauva*, *pindauba*, *pindahyba*, nomes de representantes das *Anonaceas* dos generos *Gualteria*, *Xylopiá* etc., e nas locuções populares usadas em todo o Brasil, *estar* ou *ficar na pindahyba*. — Denomiuação de plantas de Sta. Catharina, *pindabuna preta*, *pindabuna verde*, ou em S. Paulo de *nhapindá*, usada na Bahia no vocabulo

pindapoa nome de utensilio de pesca segundo Alves Camara e em S. Paulo baptisando tambem o anzol de esperá na expressão *pindacoema* colligido por Taunay e Teschauer; no Pará na palavra *pinda-uauaca*, aparelho de pescar segundo Obermont de Miranda. Vocabulo fixado em nomes de animaes sob a simples denominação de *pindá*, *pinda-preto* usado em certas zonas do Norte para os ouriços do mar", ou utilizado na Bahia para um echinoderma preto, comestivel, ali conhecido por *pinatuna* corruptela de *pindá*, como é sabido, nome que reaparece no peixe, como — *jurupari-pindá*.

O trabalho de Pigafetta foi publicado em italiano e francez por Carlos Amoretti, no anno 1800 em Paris e Milão com o seguinte titulo: *Primo Viaggio Intorno Al Globo Teraqueo o sia Raggiaglio Della Navigazione Alle Indie Orientale Per La Via D'Occidente Fatta Dal Cavalieri Antonio Pigafetta Patrizio Vicentino Sulla Squadra de Capit Magalhães negli ani 1519-1522*. O vocabulario colligido no Brasil compõe-se de 12 palavras. O assumpto porém deve ser commentado.

O vocabulario em questão é encontrado á pagina 191 da edição italiana e á pag. 241 da franceza. Palavras tupis ha apenas duas — *pindá*, anzol, gancho, etc., *ui*, farinha. O vocabulo *chipag* pode ser uma corruptela de *Kibabz*, pente. Hans Staden graphou germanicamente grande serie de palavras trocando com frequencia o *d.* por *t.*

As palavras *cacique*, *maiz*, *canoe* são vozes do Haiti, algumas registradas na primeira viagem de Colombo.

Magalhães chegou ao Rio a 13 de Dezembro de 1519 e sahü a 27 do mesmo mez.

Pigafetta queixou-se do calor e assignalou que havia tres mezes não chovia. Referindo-se á presença de gallinhas e da canna de açúcar que, pela descripção feita; se vê ter sido a primeira vez que a provava.

Ha um pormenor philologico interessante a respeito de uma palavra. O chronista refere-se a *anta*, vocabulo portuguez que rapidamente substituiu a denominação indigena para o animal que era *tapiyra*, transformada em *tapir* e que

desappareceu completamente do falar corrente, surgindo apenas no estylo guindado e na poesia.

Nas lições de *Phylologia portugueza*, ás pp. 241-253, da 2.^a edição, Leite de Vasconcellos occupa-se da palavra *anta*, e diz que é um mamifero que "não é nativo de Portugal, nem conhecido do geral das pessoas". Diz que, no Tamega, ha um peixe com o nome de *anta* e que a palavra, em sentido zoológico, "talvez viesse directamente do hespanhol".

Como tudo está por estudar no Brasil e em Portugal! Qualquer facto origina uma serie de questões inteiramente desconhecidas.

Desejo apenas chamar a attenção de que os portuguezes substituíram o vocabulo indigena pela expressão que trouxeram, a qual se propagou com enorme rapidez, substituindo o nome indigena de facil pronuncia do maior animal existente no paiz, a ponto de, 17 annos depois de descoberto o Rio de Janeiro, o nome *tapir* ter por completo desapparecido, apesar da abundancia do mamifero.

Em menos de meio seculo o vocabulo tupi *mocaã*, que significa gradeado de varas sobre brazas para assar caça ou pesca, segundo Th. Sampaio, transforma-se na bocca dos portuguezes em *moquem* que originou o verbo *moquear* já presente nas cartas de Nobrega.

Os vocabulos *embira*, *cipó* já eram citados nos *Documentos Historicos* publicados pela *Biblioteca Nacional* como expressões correntias no tempo da construção da Cidade do Salvador em 1549.

Em 27 de Janeiro de 1558, encontra-se no traslado de Provisão de El-Rei o seguinte: "...Que estão nas ditas Partes se de a cada um dos ditos Padres cada mez a custa de minha Fazenda nas Capitánias, onde estiverem quatro *panacús* de *mandioca* e um alqueire de arroz". Cf. *Doc. Hist. Bibl. Nac.* vol. XXV p. 429 — Rio, 1937.

O vocabulo *mandioca* internacionalizou-se, entrou para a sciencia quasi intacto, transformado em *Manihot*. O outro continua sendo usado no norte do paiz, apenas com terminação nasalizada, pois dizem *panacum*.

Em 1587, Gabriel Soares, no *Tratado descriptivo do Brasil*, já registra uma serie de expressões brasileiras provenientes das designações que os indios davam a plantas, animaes e coisas.

Todos os livros que se publicaram relativos ao Brasil, depois de 1550, foram ensertados de palavras brasileiras como se vê através dos trabalhos de Hans Staden, Lery, Anchieta, Gandavo, Frei Vicente Salvador, e que principalmente apparecem na grande obra de Piso e Maregrave — *Historia Naturalis Brasiliae*, publicada em Amsterdam em 1648, onde, das paginas 293 em diante, se encontra o *Index Plantarum et Animalium*, que abrange sete paginas em duas columnas do grande *in folio*, registrando abundante vocabulario dos nomes das nossas plantas e animaes dados pelos indigenas e portuguezes, denominações que, até hoje, na quasi totalidade, persistem no falar brasileiro. Alguns decennios depois, na obra de Gregorio de Mattos, os pesquisadores da lingua nacional terão largo campo de estudos sobre o vocabulario brasileiro.

Antes de Gregorio de Mattos a *Historia do Brasil* do baiano Vicente Rodrigues Palha (Frei Vicente Salvador), concluida em Dezembro de 1627, o *Dialogo das grandezas do Brasil*, de Ambrosio Fernandes Brandão, publicado anteriormente em 1618, constituem largo repositorio de brasileirismos que continuam a apparecer profusamente dahi em diante, como se comprova dos poemas a *Ilha de Maré*, de M. Botelho de Oliveira, no *Caranurú*, de Santa Rita Durão, na *Descripção da Ilha de Itaparica*, de Frei Manoel de Santa Maria Itaparica, para não citar senão os principaes.

Em 1823 apparece a publicação de Balthazar da Silva Lisboa, trabalho de longo titulo, em que o autor consagra uma parte do livro *Riqueza do Brasil em madeiras de construcção e carpintaria*, occupando-se de 301 arvores cuja descripção dá, como tambem os nomes vulgares sem identificação scientifica, porém. A publicação tem 67 paginas in-4.º, e sahio no Rio de Janeiro.

Em 1826, Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, publica em francez, na *Introduction á l'Atlas*

Ethnographique du Globe de Balbi, um artigo demonstrando que o portuguez transportado para o Brasil já era diferente da lingua da metropole. E chamava a attenção de que facilmente qualquer disto se poderia convencer, lendo as poesias de Gonzaga e Basilio da Gama. Lembrava ainda que, além desta differença, tinha a se acerescentar a mudança havida na accepção dos vocabulos, além de numerosas denominações que não existem na lingua portugueza e que procedem dos indigenas e tinham sido levadas tambem ao Brasil por innumerables habitantes das differentes colonias de além-mar, escrevendo assim o primeiro vocabulario de brasileirismos.

João Ribeiro foi quem divulgou o trabalho do Visconde de Pedra Branca, escripto em 1824 ou 1825 e publicado em 1826. Aquelle illustre philologo trata de assumpto na 2.^a edição da *A Lingua Nacional* no artigo *Antiquidade dos brasileirismos*, pp. 23-38, S. Paulo, 1933.

Em 1832, Luiz Maria Silva Pinto edita em Ouro Preto o *Diccionario da Lingua Brasileira*. Taunay trata do assumpto das paginas 147-153 da sua obra *Inopia scientifica e vocabular dos grandes dictionarios portuguezes*. Do trabalho de Silva Pinto existe um exemplar bem conservado na Bibliotheca Nacional. Trata-se de volumoso diccionario. As paginas são numeradas em baixo e de modo estranho. A obra não registra o vocabulo *brasileiro*.

Em 1928, Tancredo Paiva publicou, no *O Bibliographo*, um trabalho a respeito. A edição original do diccionario é em dois volumes. Na Bahia, Francisco Hermano de Santanna é tambem possuidor desta obra.

Em 1836, A. L. P. da Silva Mauso, publica no Rio a *Enumeração das substancias brasileiras que podem produzir a catarse*.

Em 1843 sêe, em Leipzig, o trabalho de Martius intitulado *Systema Materiae Medicæ Vegetabilis Brasiliensis*. O livro tem 156 paginas e contem na parte final o *Index Nominum Plantarum*, no qual figuram os nomes vulgares das plantas brasileiras. Alguns destes nomes são graphados com a alteração do *d* por *t*, e *p* por *b*. Ex.: *coqueiro de dentê*, em em lugar de *dendê*, etc.

A. A. P. Coruja publicou no Rio de Janeiro, em 1852, reeditado em 1856, em Londres, a *Collecção de vocabulos e frases usados na Provincia de São Pedro no Rio Grande do Sul*, primeiramente sabido na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo XV e, posteriormente, na Inglaterra, editado por Trübner & Companhia.

Sobre o vocabulario de Coruja houve ainda os *Breves reparos de Ignacio José Malta*, in *Chorographia de Mello Moraes*, vol. II, pg. 241-247.

A edição de Trübner & Cia., em Londres, em 1856, em vol. de 32 paginas, in 8.º, teve uma tiragem de 25 exemplares a expensas do Príncipe L. L. Bonaparte. A edição do Rio, em 1861, foi impressa na *Typographia Moderna*, de H. Gueffier, 64 pgs. 16.º.

Ainda houve uma reprodução anexa á *Folhinha riograndense para o anno de 1862*, editada pela Livraria Domingos José Gomes Brandão.

Em 1853, Braz da Costa Rubim escreveu o *Vocabulario brasileiro para servir de complemento aos dictionarios da lingua portugueza*; foi impresso na typographia *Dois de Dezembro*, de propriedade de Paula Britto.

Em 1854, no Rio de Janeiro, Henrique Velloso d'Oliveira edita o *Systema de materia medica vegetal brasileira contendo o catalogo e classificação de todas as plantas brasileiras conhecidas — Obra utilissima e illustrativa extrahida e traduzida dos obras de C. Phil. Martius*. O trabalho é um vasto repositório de nomes vulgares de plantas com a respectiva identificação scientifica, com 284 paginas, contendo um *Indice alfabético das plantas*, das paginas 261-264.

Em 1862, Nicolau Moreira publica o *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras* ao qual addicionou em 1871, um *Supplemento*, com milhares de plantas e respectiva denominação vulgar e scientifica, trabalho largamente divulgado no Brasil e em Portugal. Os vocabulos poderiam todos ser incorporados aos lexicos portuguezes, porque se tratava tão sómente da designação vulgar das plantas brasileiras acompanhada de rigorosa identificação scientifica feita por botânico

eminente. A obra é citada na bibliographia de alguns lexicos portuguezes, que não se aproveitam, porém, do vocabulario, apenas incorporando, caprichosamente, um ou outro termo.

De 1865-1872, vieram a lume os dois volumes de Saldanha da Gama — *Configuração e estudo botanicos dos vegetaes seculares da Provincia do Rio de Janeiro e outros pontos do Brasil*, onde as denominações vulgares dos vegetaes são assinaladas.

Em 1865, vem á luz no Rio de Janeiro o trabalho de Th. J. H. Langgaard, intitulado *Diccionario De Medicina Domestica E Popular*. O autor na "Prefação" declara que a parte relativa "às plantas medicinaes, indigenas do Brasil" foi confiada a Joaquim Correia de Mello, de lito competente botânico e pharmaceutico. A obra do dinamarquez Langgaard, brasileiro naturalizado, compõe-se de 3 tomos. A parte de que se encarregou Correia de Mello está bem tratada e as determinações scientificas das plantas medicinaes são acompanhadas dos nomes vulgares.

Em 1867, sob o titulo *Breve noticia sobre a collecção de madeiras do Brasil*, foi apresentada á Exposição Internacional de Philadelphia uma publicação da lavra de Freire Allemão, C. Alves Serrão, Ladislao Netto e Saldanha da Gama, onde se encontram relacionadas as principaes madeiras brasileiras acompanhadas da competente identificação scientifica e denominações vulgares.

A contribuição tem 32 paginas divididas em duas columnas, uma em portuguez e outra em francez; curioso é que o pau Brasil não está registrado.

No ano seguinte, em 1868, súa no Rio de Janeiro a contribuição de J. Saldanha da Gama sobre *Synonymia De Diversos Vegetacs do Brasil Feita Segundo Os Dados Colhidos No Imperio, E Na Ezposição Universal De Paris, Em 1867*. Foi dado tão longo titulo a um folheto com sete paginas de prefacio e triuta seis de texto in 4.^o. Trata-se, no entanto, de uma publicação de valor na qual Saldanha da Gama estuda 180 especies de plantas, rigorosamente identificadas, sendo o nome scientifico acompanhado de synonymia vulgar e ainda

dos nomes francezes e inglezes que os vegetaes tratados possuem, sobretudo, nas Guyanas.

Em 1870, Nicolau Moreira edita o *Vocabulario das arvores brasileiras que podem fornecer madeira para construcções civis, navaes e marcenaria*, e que jámais foi aproveitado pelos dictionaristas portuguezes apesar do grande renome do autor.

Ainda em 1870, Appolinario Porto Alegre escreveu o *Popularium sulriograndense e o Dialecto nacional*. Porto Alegre neste trabalho, hoje grande raridade bibliographica, propoz a substituição do vocabulo *folk-lore*, expressão apparecida pela primeira vez em 1846, na revista Ingleza *Athenium*, e prestigiada e vulgarizada mais tarde por Max Müller, pela denominação de *populario*. Recentemente, em trabalho apparecido em 1936 de F. Rodrigues Valle, *Elementos de folk-lore brasileiro*, este autor propõe a substituição da expressão *folk-lore* pelo termo *demopsychologia*, já registrado por Gonçalves Vianna, lembrando ainda como melhor uma outra que Rodrigues Valle criou, *demosophia*. Teschauer, quando em 1928 registra o termo *populario*, acha que é o mesmo ou melhor que *folk-lore* e se refere ao seu emprego no Rio Grande do Sul. Esquece-se, porém, de citar que o criador de tal neologismo foi Appolinario Porto Alegre.

Th. Peckolt, em 1871, publicou *Historia das plantas alimenticias e de gozo no Brasil*.

O primeiro volume sabido naquelle anno tem 160 paginas e contem um vocabulario. A obra compõe-se de cinco volumes, sendo que o ultimo, consagrado inteiramente ao café, foi publicado em 1884.

No anno de 1871, Joaquim Monteiro Caminhoá edita no Rio de Janeiro sua these de concurso á cadeira de *Botânica Medica* e intitulada *Das Plantas Toxicas Do Brasil*. O importante trabalho tem 187 paginas e estuda os vegetaes toxicas sob todos os aspectos. Registra não só o nome scientifico das plantas como tambem a distribuição geographica, e sua synonymia vulgar. A these tornou-se classica e foi traduzida para o francez em 1880, por H. Rey, como *Catologue des plantes toxiques du Brésil*, par Dr. J. M. Caminhoá. O

illustre botânico brasileiro entre os titulos que junta á these, tem um de grande brilho sobretudo para época: "*Membro da Sociedade Abolicionista da Escravatura*".

Em 1872, suhe o trabalho de Braz da Costa Rubim, intitulado *Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar*, publicado na revista *Luz*, T. I. pp. 154, 161, 170, 231, 238 em diante. Reproduzido mais tarde em 1882 das pp. 363-390, no T. 45 da *Revista do Instituto Historico*.

Em 1873, Joaquim de Almeida Pinto publicava sua grande obra intitulada *Diccionario de Botanica Brasileira ou Compendio dos vegetacs do Brasil, tanto indigenas como acclimados*, em que se encontram muitos milhares de nomes de plantas com sua designação vulgar e scientifica, baseado no trabalho de Arruda Carrara, publicação esta mal aproveitada tambem pelos diccionaristas portuguezes, que incorporaram muitos vocabulos. Isto apesar da declaração da Commissão da *Sociedade Vellosiana*, composta dos maiores naturalistas da época: Ladislau Netto, Pizarro, Souza Lima, Caminhoá e Ramiz Galvão, abonando o grande valor da obra. Não convinha, porém, augmentar nos lexicos portuguezes o numero de bra-sileirismos. Certa vez tive oportunidade de estudar até que ponto os dictionarios portuguezes inventariam os termos brasileiros, e pude comparar a 2.^a edição de C. Figueiredo com o *Diccionario de Botanica Brasileira* de Almeida Pinto, comprovando que C. Figueiredo, 40 annos depois, já que foi editado em 1913, deixou de incluir mais de 2 mil vocabulos existentes nesse dictionario brasileiro de botanica. E isto posso affirmar, porque me dei ao trabalho de cotejar as letras de A a F., verificando o numero de vocabulos excluidos destas seis letras: A — 209, B — 118, C — 473, D — 12, E — 39, F — 96, num total de 949 vocabulos propositadamente abandonados pelo lexicographo lusitano e que se encontram em Almeida Pinto.

Em 1877, os irmãos Rebouças, José e André, iniciam a publicação da obra em 3 volumes, *Ensaio do Indice Geral das Madeiras do Brasil*, trabalho, em grande parte, aproveitado mais tarde por Huascar Pereira para seu livro *Apontamentos sobre as Madeiras do Estado de São Paulo*, e do qual, em 1919,

já sahira a 6.^a edição, e onde os nomes vulgares das madeiras são registrados e acompanhados das denominações scientificas. Em 1910, H. Pereira tirou edições hespanhola e italiana do seu trabalho.

Tambem em 1877, é editado, no Rio de Janeiro, o trabalho de J. M. Caminhoá, *Elementos De Botanica Geral E Medica*. A notavel obra compõe-se de tres alentados volumes com 3.167 paginas. O trabalho estuda as designações vulgares das plantas brasileiras, e tem 160 paginas de composição miuda, que constituem o *Indice Alfabético Geral*. A obra registra alguns milheiros de nomes vulgares de vegetaes brasileiros, acompanhados da competente identificação scientifica e distribuição geographica dos mesmos pelas provincias do Brasil, e das designações populares e regionaes que possuem. Candido de Figueiredo cita a obra de Caminhoá como uma das fontes brasileiras de que se utilisou na confecção do seu lexico. Aproveitou-a, porem, muito mal, pois o glossario do nosso botânico é enorme e só em pequena parte foi incorporado ao dicionario luso.

Mello Oliveira, em 1878, publica a *Enumeração scientifica de algumas plantas indigenas brasileiras, por ordem de classes, famílias, generos, especies e nomes vulgares*, abrangendo cerca de 500 plantas brasileiras.

Em 1879, vem á luz o trabalho de Paranhos da Silva, intitulado *Idioma hodierno em Portugal comparado com o do Brasil*.

Pacheco Junior, no anno seguinte, na *Revista Brasileira*, T. V. pgs. 487-495, em artigo intitulado o *Dialecto Brasileiro* tambem protesta, como Paranhos, contra a designação que em Portugal algumas autoridades começam a dar ao falar do Brasil.

Em 1880, Macedo Soares publica na *Revista Brasileira*, T. IV, pp. 243-271, as *Estudos Lexicographicos do dialecto brasileiro sobre algumas palavras africanas introduzidas no portuguez que se fala no Brasil*.

Em 1881, Mello Moraes edita a *Phytogeographia ou Botanica Brasileira Applicada á Medicina, As Artes E Á Industria* — Rio de Janeiro. São 394 paginas de extenso vocabu-

lario de plantas brasileiras. No *Appendice* o autor ainda acrescenta outros glossarios: um de Neves Quintella, intitulado: *Plantas Medicinacs da Provincia do Espirito Santo*; um outro de J. J. Serpa — *Vegetues Que servem para Uso Caseiro na Provincia de Pernambuco* e o terceiro de autoria de Silva Mauzo — *Plantas Brasileiras Que Podem Produzir Evacuções Purgativas*. Trabalhos onde se encontram registrados numero bem superior a dois mil nomes vulgares de plantas brasileiras, acompanhados da respectiva identificação scientifica na nomenclatura da época.

Em 1882, Barbosa Rodrigues publica no Rio — *Notas a Luceok sobre a flora e Fauna do Brasil*, com numeroso vocabulario de denominações vulgares, trabalho reimpresso na *Revista do Instituto Historico e Geographico* Vol. XLIV, pp. 33-130, e que contem algumas centenas de nomes de plantas e animaes com identificação scientifica, trazendo ainda a significação dos vocabulos quando procedem do tupy.

Em 1883, F. M. de Mello Oliveira apresenta, no Rio de Janeiro, a these inaugural — *Vegetaes Tonicos*, importante trabalho para a época e valiosa contribuição para a synonymia vulgar das plantas brasileiras.

Em 1883-1884, Beuurepaire Rohan publica na *Gazeta Literaria* do Rio, anno I, numeros 1, 2, 4 e 6, pags. 4 a 5, 35-7, 86-8, 104-105, 128-130, e no anno II, ns. 8, 10, 13-14, 17-19, 22-24, pgs. 179-181; 209-212; 265-267; 280-284; 342-343; 357-8; 370-2; 414-417, o *Glossario de vocabulos brasileiros, tanto dos derivados conhecidos como daquelles cuja origem é ignorada*. Esses artigos deram origem ao diccionario publicado cinco annos depois.

Em 1886, José Verissimo incluiu nas *Socnas da Vida Amazonica*, pp. 38-55, um estudo das *Palavras de origem tupy-guarany usadas pela gente amazonica e em pratica corrente na região*, trabalho editado em Lisboa.

O eminente Rodolpho Garcia commentou encomiasticamente o estudo que José Verissimo fez, interpretando a etymologia de cerca de 120 palavras, e recorda que o notavel escriptor paraense promettera a publicação integral da lista

de vocabulos que possuia e que deviam ascender a 500, só os de origem tupy, sem contar os de origem africana e portugueza em uso na Amazonia. José Verissimo nunca mais poudo completar a obra.

Em 1887, Paulino Nogueira edita na *Revista Trimensal do Instituto Historico do Ceará*, vol. I, Fortaleza, o *Vocabulario indigena em uso na Provincia do Ceará com explicações etymologicas, orthographicas, Historicas, Therapenticas*, pp. 209-432 e *Nota*.

Em 1888, A. J. de Macedo Soares imprime nos *Annacs da Bibliotheca Nacional*, vol. XII^r, o *Diccionario Brasileiro da Língua Portugueza*, mesmo titulo adoptado actualmente pela *Academia Brasileira de Letras*, para o seu diccionario, sendo o primeiro a iniciar o estudo da grammatica, da differenciação philologica, que aqui se observava. Na pagina em que trata das abreviaturas, escreve *Diccionario da L. Luso Brasileira*.

Esse autor quiz fazer um vocabulario da Provincia do Paraná. Esta nota li no trabalho de Rodolpho Garcia, quando este conspicuo historiador allude a um *Diccionario completo da lingua luso-brasilheira*. Em 1889, Macedo Soares dá uma edição em *separata* do Diccionario que parou na letra C. Sacramento Blake informa que Macedo Soares deixou inedito o *Vocabulario da provincia do Paraná*.

Theodoro Peckolt e G. Peckolt, iniciam, em 1888, a *Historia das Plantas Medicinacis e Uteis do Brasil*, trabalho formado por oito fasciculos contendo copioso vocabulario dos nomes vulgares das plantas estudadas. O ultimo fasciculo, o 8.º, foi escripto apenas por Gustavo Peckolt, e publicado em 1914, dois annos depois do fallecimento do illustre Th. Peckolt, o iniciador da obra.

Em 1888, Alves Camara publica o *Vocabularia dos termos technicos de construcção naval* — annexo á obra *Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil* — Rio de Janeiro, em cujo trabalho o autor assignala os vocabulos, pelas regiões brasileiras onde se encontra em uso.

Em 1937, sae a segunda edição do trabalho com a publicação do vol. 92 da *Brasiliense da Comp. Editora Nacional* de S. Paulo. O vocabulario, reunido ha 46 anos passados pelo illustre official de Marinha, comprehende 349 verbetes empregados em construcção naval. Destes, 162 são usados exclusivamente no Brasil e são palavras creadas pelos brasileiros ou vozes herdadas dos indios.

O Visconde de Beaurepaire edita em 1889, no Rio de Janeiro, o *Diccionario dos Vocabulos Brasileiros*, comprehendendo numero superior a 2 mil verbetes. Esta obra foi a unica que teve a fortuna de ser bem aproveitada pelos dictionaristas portuguezes.

J. Barbosa Rodrigues edita no Rio de Janeiro em 1894 o *Hortus Fluminenseis Ou Breve Noticia Sobre As Plantas Cultivadas No Jardim Botânico Do Rio de Janeiro Para servir De Guia Aos Visitantes*. Valioso trabalho com 344 paginas, sendo 307 de texto acompanhado de varios indices: o segundo destes, o *Indice Por Ordem Alfabética — Nomes vulgares*, registra 891 denominações de plantas brasileiras e exóticas cuja identificação scientifica, distribuição geographica, utilidades e outras informações são tratadas no corpo da obra.

Em 1895, A. Loefgren dá publicidade ao *Ensaio para uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de São Paulo*, apparecido no n. 10 do *Boletim da Comissão Geographica e Geologica de São Paulo*.

Em 1897, vem publicado no conhecido *Anuario Azambuja* pp. 161-190, editado em Porto Alegre, o trabalho de H. von Ihering — *Os peixes d'agua doce do E. do Rio Grande do Sul* scientificamente identificados e acompanhados da respectiva denominação vulgar. Anteriormente, o mesmo zoologo publicava *Os Mamíferos do Rio Grande do Sul*, trabalho terminado em abril de 1892, saído no mesmo *Anuario*, ignorando em que anno, pois a *separata* não informa. Como a contribuição anterior, o registro dos mamíferos é acompanhado da identificação scientifica e synonymia vulgar.

Em 1898, de Romagueira Corrêa o *Vocabulario Sul Rio-Grandense*, Pelotas. O autor anexa uma carta e uma poesia bem typicas do que chama dialecto sul-riograndense e que Rodolpho Garcia não acha de todo infundado.

Hermann von Ihering em 1900, continuando a serie de suas contribuições, publica no *Anuario* já citado, vindo á luz em Porto Alegre, pp. 113-154, *As Aves do Estado do Rio Grande do Sul*. A separata do trabalho foi divulgada e datado do ano anterior, 1899, data que deve prevalecer. Como as anteriores contribuições, a identificação scientifica é acompanhada da denominação vulgar. Neste trabalho, Ihering já registra o nome *avestruz* usado no sul para a *Rhea americana*.

De 1902-1910, J. Dutra, de São Leopoldo, publica no *Anuario Azambuja*, sob o titulo *As arvores do Rio Grande do Sul*, um trabalho que ficou incompleto tendo o autor identificado scientificamente 150 especies, registrando os nomes vulgares que têm naquelle Estado.

Em 1903 — Barbosa Rodrigues publica, em Bruxellas, o *Sertum Palmarum Brasiliensium ou Relations des Palmiers nouveaux du Brésil, découverts, décrits et dessinés d'après nature par J. Barbosa Rodrigues*. O monumental trabalho do botânico brasileiro é constituido por dois enormes volumes 62 x 43 cm. com pp. I-XXIX, 1-140 na Parte 1, e 1-114 paginas na Parte 2, fartamente illustrada a cores. Na segunda parte da obra encontra-se a relação dos nomes vulgares das palmeiras do Brasil e que se estende das pp. 99-104.

No anno de 1905 Henrique Silva edita em São Paulo o volume I — da *Fauna Fluviatil de Goiás* — O segundo volume foi publicado no ano seguinte no Rio de Janeiro. Trata-se de um trabalho graphicamente bem feito, com um total de 70 paginas, com longo subtítulo *Contribuição para o conhecimento vulgar dos peixes e mais especies fluviacs e lacustres do Brasil Central* e portador de copioso glossario dos nomes vulgares de peixes daquela região, acompanhados de identificação scientifica merecedora de algum credito, pois o autor

colleccionou, mais de uma vez, para o Museu Paulista que deve ter classificado o material.

Em 1905, Francisco Araujo edita, em Pelotas, valioso compendio intitulado — *Elementos de Botanica, acompanhado de uma exposiçao de nomes vulgares e scientificos por ordem alfabetica das plantas do Rio Grande do Sul*, nomes em grande parte não inventariados pelos lexicos.

Em 1905, em Belem, V. Chermont de Miranda imprime o *Glossario paraense, ou Collecção de vocabulos peculiares á Amazonia, e especialmente á Ilha de Marajó*, o segundo trabalho publicado a respeito, naquella região.

Em 1906, G. Edwall insere no *Boletim da Commissão Geographica e Geologica de São Paulo*, n. 16 — *O Eusaio para uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de São Paulo* e que encerra 259 nomes vulgares de plantas paulistas, a maioria das quaes não se encontravam registradas no trabalho, que sobre o mesmo assumpto publicara A. Loefgren onze annos antes.

Tambem em 1906, aparece em Porto Alegre a traducção portugueza de A. Loefgren no trabalho de Lindman — *A Vegetação no Rio Grande do Sul*, originalmente publicado em succo. A importante obra termina com um *Indice dos nomes vulgares das especies mencionadas* e que começa á pag. 345 e termina á pag. 350. O indice deve ter sido organizado por Loefgren que augmentou de muito o registro de nomes vulgares assignalados pelo Dr. Francisco de Araujo nos seus *Elementos de Botanica*, já acima referidos.

Em 1907, é editado em São Paulo o volume I dos *Catalogos da Fauna do Brasil*, da lavra de H. e R. Thering sob o titulo *As aves do Brasil*, terminando o volume com o *Indice alfabético dos nomes vulgares*.

Em 1908, no trabalho que Vicente Chermont de Miranda escreveu no Vol. V, pp. 96-151 do *Boletim do Museu Goeldi*, com o titulo *Os campos de Marajó e a sua flora*, J. Huber dá uma *Lista alfabética dos nomes vulgares das plantas mais conhecidas da Ilha de Marajó* e que se estende das paginas

143-151, contendo 257 nomes vulgares acompanhados da respectiva identificação científica.

Em 1909, João Gomes de Campos Junior publica o *Dialecto sulriograndense*, na imprensa de Cachoeira, Rio Grande do Sul, segundo informação de Rodolpho Garcia. Não conheço o trabalho que Mauricio Cardoso pretendia publicar em livro, pelo que ouvi do mesmo informante.

Ainda em 1909 vem a lume, em São Paulo, o *Systema analytico de plantas de A. Loefgren e H. F. Everett* acompanhado de um *Indice alfabético dos nomes brasileiros e das famílias*, formado pelo copioso vocabulário popular de plantas brasileiras e respectiva identificação científica.

Monteiro da Silva editou em 1910, em São Paulo, a *Flora Médicale Brésilienne*.

Também em 1910, J. Huber in *Mattas E Madeiras Amazonicas*, trabalho da sua lavra publicado no *Bolctim do Museu Goeldi*, T. VI — pp. 91-225, include a *Lista alfabética das madeiras paraenses* a qual se estende das pp. 203-216, contendo 368 denominações vulgares devidamente identificadas.

Em 1910, M. Pio Corrêa edita a *Flora do Brasil*, trabalho que se dividia em 4 partes: a primeira, que se occupava das plantas indígenas ou exóticas cultivadas no Brasil; a segunda, das plantas que forneciam madeiras; a terceira, que tratava das plantas alimentares, industriaes ou medicinaes e a quarta, que estudava as plantas forrageiras. A parte terceira da *Flora do Brasil* foi reproduzida mais tarde no *Almanack Agrícola Brasileiro* de 1914 pp. 65-109 — São Paulo, sob o titulo *Flora do Brasil — As plantas alimentares, industriaes e medicinaes*.

Em 1911, Monteiro da Silva publica a *Contribuição para o estudo da flora brasileira*. Os seus trabalhos contém numerosas denominações vulgares e que continuam sendo registradas na publicação fundada em 1934, sob o titulo de *Revista da Flora Medicinal*, no Rio de Janeiro.

Também em 1911, Raymundo Magalhães edita, em Belem, o *Vocabulário Popular*, encerrando grande numero de locuções populares brasileiras.

Neste mesmo ano de 1911, A. Alves Camara publica no Rio de Janeiro — *Pescas e Peixes da Bahia*, contendo a *Relação Alfabética da Maioria dos Peixes da Bahia com Simples Descrição*, capitulo esse que vae das paginas 91 a 124 e encerra 216 nomes de peixes daquelle Estado. Além disso, o livro, que constitue valiosa contribuição no genero, registra copioso vocabulario relativo a aparelhos de pesca e assumptos affins.

O trabalho de Alves Camara suggeriu a elaboração de um outro para o Sul do paiz, da autoria de J. Azurem Furta-do que em 1903 publicou *As pesquisas ichtyologicas na Bahia do Rio de Janeiro*, com abundante vocabulario de nomes vulgares de peixe, acompanhados da respectiva identificação scientifica, e ainda das denominações dos aparelhos de pesca e seus pertences usados no Rio de Janeiro e arredores.

Neste mesmo anno de 1911, sae, em Recife, o trabalho de Rodolpho Garcia, intitulado *Nomes de aves em lingua tupy (Contribuição para a lexicographia portugueza)* e reeditado no Rio de Janeiro em 1913. "O trabalho é parte integrante do Glossario das Palavras portuguezas derivadas da lingua tupy que conserve inedito por circunstancias de todo independentes da minha vontade", declara o illustre autor. Em 1929 apparece no *Boletim do Museu Nacional*, vol. V, n. 3, pp. 154, Setembro, Rio de Janeiro, nova edição do trabalho, contendo novas contribuições e achegas. Rodolpho Garcia nunca mais ponde publicar o *Glossario* acima referido. Tinha reunido numero superior a 700 verbetes de expressões brasileiras de origem tapy.

Em 1912, sae em Petropolis o primeiro trabalho de Carlos Tesebauer intitulado *Apostilas ao Diccionario de Vocabulos Brasileiros*.

Em 1912, Afranio Peixoto publica *Nota Sobre o Vocabulario Medico Popular no Brasil*, sahido na *Revista da Academia Brasileira* e reproduzido em 1931 no seu trabalho *Missangas*, das pp. 43 a 60, e P. H. Souza Pinto o *Vocabulario Popular Mineiro*. Arthur Motta, na *Historia da Litteratura Bra-*

silcira — *Epoca da Formação* — sec. XVI e XVII, S. Paulo, 1930, á pag. 142, indica que a contribuição de Souza Pinto fôra publicada no *Almanack Garnier*, 1912, o que não é exato. Não conheço o trabalho.

Ainda em 1912, é publicado o *Glossario Cearense — Appendice — Expressões, corruptelas, guria e tupy; accepções e phrasas populares*. Pereira da Costa, que o registra, informa que sahio na *A Lanceta*, ns. 7-14, em Recife, sem indicar, porém, o nome do autor.

Em 1913, sac em Manaus a *Flora Medica Brasiliense*, de Alfredo Augusto da Matta, trabalho de 309 paginas, disposto em ordem alphabetica alem do indice.

Era 1914, Juventino Magalhães publica, no Rio, no *Almanaque Garnier*, pg. 473-75, anno XI, o artigo intitulado *O Acre no dominio do folk-lore*. A contribuição foi escrita em 1912, consta de 88 vocabulos ou frases quasi todas usadas na guria local.

No mesmo ano de 1914, no Rio, ainda-no *Almanaque Garnier*, pg. 473-5, Silva Romeiro, pseudonimo de Eugenio Lima, Joazeiro, Bahia, divulga a contribuição intitulada *Brasileirismos*. Trata-se de vocabulos correntes na zona bahiana do sertão de S. Francisco e não registrados no *Diccionario Pratico* de Jayme de Séguier. O autor registra o vocabulo *Jegue* para designar jumento e *voincê* por *vosmecê*, assinalando ainda que o sertanejo pronuncia *inorar*, *inorante*, *insinificante*, por ignorar, ignorante, insignificante; o mesmo ocorre com *malino*, em lugar de maliguc.

Em 1914, E. Sneathage edita em Belem o *Catalogo das Aves Amazonicas, contendo todas as especies descritas e mencionadas até 1913*. O trabalho da pranteada ornithologista apparece no T. VIII do *Boletim do Museu Goeldi*. Tem 1530 paginas, seis estampas e um mappa e traz largo repositorio de nomes vulgares das aves brasileiras abonadas com a respectiva identificação scientifica.

Em 1914, Affonso de Taunay dá publicidade ao *Lexico de Lacunas*.

Ainda no mesmo anno, Rodolpho von Ihering imprime o *Diccionario da Fauna do Brasil, no Almanack Agricola Brasileiro*.

Em 1915, Rodolpho Garcia publica o *Diccionario de Brasileirismos (Peculiaridades pernambucanas)*. De todos o que é feito com mais rigor e desenvolvimento, frequentemente acompanhado cada vocabulo de notas eruditas e elucidativas.

Theotonio Ribeiro, tambem em 1915, divulga em Maciô, no *O Semeador*, ns. 97-151 — *Brasileirismos — Vocabulos e phrases em uso no Estado de Alagoas*.

Ermelino de Leão insere na revista *Sciencias e Letras*, ns. 197, 216, 234, tres contribuições, ignorando se existem outras, que vão da letra A á letra L, intituladas *Diccionario de Brasilirismo Usados no Paraná*.

Tambem em 1916, Navarro de Andrade publica em collaboração com O. Vecchi, em lingua franceza, sob o titulo *Les Bois indigenes de São Paulo*, importante contribuição sobre o estudo da flora lenhosa paulista onde os autores dedicam toda a attenção aos nomes vulgares das essencias, assignalando até a synonymia popular.

Em Setembro e Outubro de 1916, com o titulo *O Dialecto Caipira*, Amadeu Amaral publicava em S. Paulo, dois artigos na *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato, An. I, n. 9, pp. 22-23, e n. 10, pp. 119-130. E no vol. III, p. 22-23, da mesma *Revista*, e ainda com o mesmo titulo. A. Amaral continua a tratar do assumpto, registrando entre outros factos a queda do *d*, na syllaba final do gerundio, como por exemplo: *chegano, andano, veno*, em lugar de *chegando, andando, vendo* o que ocorre tambem ás vezes no adverbio *quando*.

Em Novembro de 1917, sob o titulo *Abelhas do Brasil Central*, Henrique Silva publica na *Informação Goyana*, Anno I, n. 4, pp. 45-46, um estudo sobre a materia, no qual inclue a lista dos nomes vulgares das abelhas naquella região e ainda a denominação popular de alguns marimbondos.

Em 1917, F. A. Pereira da Costa dá publicidade na *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambuca-*

no — vol. XVII, n. 92 — Abril e Junho de 1916, pp. 108-170, e vol. XVIII, n. 93, Julho e Setembro 1916 pp. 279-369 — Recife, aos *Apontamentos para um vocabulario de termos e phrases populares e de vocabulos vernaculos correntes no Estado com accepções differentes*. O trabalho é incompleto só abrangendo as letras A e B, com 152 paginas. Embora os numeros da revista indiquem o anno de 1916, foi publicado em 1917.

Em 1917, Bernardino José de Souza publica a 2.^a edição do excellente trabalho, *Nomenclatura Geographica Peculiar ao Brasil*, que apparecera em 1910 registrando 63 denominações, apresentando a segunda 173 vocabulos.

Em 1918 apparece, o *Catalogo das especies ichthyologicas encontradas em Goyaz — Nomes vulgares ou triviaes*. O trabalho foi publicado em Abril no numero 9, pp. 114-115 da *Informação Goyana* e não tem assignatura.

Tudo leva a erer que seja da lavra de Henrique Silva. O artigo traz uma relação dos nomes vulgares dos peixes goyanos, assignando ser a mais completa possível. Dois annos depois, na mesma revista, anno IV, n. 9 p. 107, Abril de 1920, autor anonymo, que deve ser o mesmo H. Silva, publica o artigo *Nomes vulgares de identicas especies de peixes em Goyaz e na Amazonia*, no qual cita 22 especies que têm denominação vulgar differente, embora participem do mesmo systema fluvial dentro do mesmo paiz.

Em 1918, é publicado o *Novo Vocabulario Brasileiro* de Carlos Teselauer, 11.^a *Serie das Apostillas ao Diccionario de Vocabulos Brasileiros* — Petropolis.

Ainda em 1918, Alpheu Diniz Gonçalves divulga no Rio de Janeiro o interessante opuseulo *Leguminosas Industriacs*, onde registra copioso vocabulario das *Leguminosas brasileiras de lenhos industriacs*.

Em 1919, F. Dias da Rocha publica em Fortaleza a *Botanica Medica Cearcense*, trabalho em 144 paginas com a indicação das plantas medicinaes do Ceará, em ordem alfabética, com os respectivos nomes scientificos e vulgares.

Ainda em 1919, Alfredo da Matta inicia a publicação em Manaus no *Amazonas Médico*, An, II, rs. 5 e 6, pp. 52-65 e 87-92, respectivamente, do *Vocabulos da região amazonica, e outros referentes á medicina e ciencias afins*, iniciando o primeiro artigo com o verbete *abclha amarella* e terminando com *Azurito*, e o segundo com o termo *Arcose* e concluindo com *Buritizal*.

Em 1920, Amadeu Amaral edita em São Paulo o *Dialecto Caipira*, e estuda com apuro toda a parte grammatical, dividindo-a em capitulos: phonetica, os phenomenos e suas alterações normaes, lexicologica, morphologica e finalmente, syntaxe. São 70 paginas de pura grammatica. As 157 restantes são consagradas ao vocabulario.

De 1921 a 1922, na *Revista do Brasil* vol. XIX, ns. 72-73, 76 e vol. XX; n. 78, Antenor Nascentes publicava a *Variante carioca de um subdialecto brasileiro*.

Antenor Nascentes dá publicidade no Rio, sob o titulo *Linguajar carioca*, em 1922, valioso trabalho em 127 paginas, onde estuda os aspectos grammaticos em 89 paginas. O trabalho é offerecido a Amadeu Amaral, "que n' *O Dialecto caipira* mostra verdadeira directriz do estudo dialectologico no Brasil". No *Linguajar carioca* encontra-se um capitulo intitulado — *O dialecto brasileiro* e que se estende das paginas 11-21.

Em 1922, Raul Pedernheiras edita, no Rio de Janeiro. *Geringonça Carioca — Verbetes para um dictionario da gyria*, o que mostra que o portuguez falado no Brasil, ou melhor, a língua nacional, já permittia até a inclusão dentro della de uma gyria, coisa semelhante ao que foi feito em 1901, em Portugal, por A. Bessa sob o titulo *A gyria portugueza*. Em 1899, J. Torres publicou na Bahia *A Gyria Brasileira — Collecção de annexins, adugios, rifões e locuções populares*. Em 1903, Vicente Reis publica, no Rio de Janeiro, o livro intitulado *Os ladrões do Rio*, onde, das pp. 185-195, se encontra um *Vocabulario do calão dos criminosos*, mais tarde publicado em avulso.

Em 1904, foi publicado no *Almanaque Garnier*, pp. 379-380, o *Calão dos Gatunos*, de autor anonymo. Em 21 de Maio de 1931, o *Diario Popular*, de S. Paulo, começou a publicar o *Glossario de Gyria*, da lavra de M. Viotti, trabalho que foi interrompido em Julho de 1932, reencetado em Outubro desse ano, terminando sua publicação em 1933. Em 1912, Elyσιο de Carvalho edita no Rio *A Gyria dos Gatunos Cariocas*. Podemos tambem citar um trabalho no mesmo genero de Hermeto Lima, do qual apenas tive noticia, como *Gyria ladra de Lincoln de Albuquerque*, de S. Paulo. Em 1927, sae em São Paulo, *A Gyria dos Ladrões, in Memorias Policiaes*, por Phamphilo Marmo, como tambem o *Vocabulario da Gyria dos Meliantes*, por Lucas Barbaroxa S. Paulo, provavel pseudonymo.

Apenso ao seu livro *Furundungo*, Nelson de Souza Carneiro publica, em 1934, as *Achegas para o estudo do Calão Brasileiro* e que inclue numero superior a 800 termos e expressões de gyria.

Souza Brito, em 1922, dá publicidade em São Paulo ao *Diccionario Abreviado de Plantas Forrageiras*.

Tambem, em 1922, P. Campes Porto edita no Rio de Janeiro o *Fasciculo I*, actualmente retirado da circulação, das *Plantas Cultivadas no Jardim Botânico — Guia dos Visitantes*. A ultima parte desta publicação é consagrada á *Nomenclatura popular* e contém 601 nomes vulgares de vegetaes brasileiros ou exóticos, cultivados, então, no Jardim Botânico do Rio.

Em 1922, Teixeira da Fonseca dá publicidade ao trabalho intitulado *Indicador de madeiras e plantas uteis do Brasil*, no qual vem registrada copiosa contribuição de nomes vulgares de vegetaes brasileiros em grande parte, até hoje, não incluídos nos dictionarios. Trabalho com 343 paginas organizado alphabeticamente. Foi editado no Rio de Janeiro.

Philipp von Tuetzelburg publica no Rio de Janeiro — 1922-23. *O estudo botânico do Nordeste* — onde se encontra o capitulo — *Nomes populares e denominações sertanejas, anotados durante as minhas viagens*. Vasta contribuição de nomes vulgares de plantas e correspondente identificação

científica para quando se "*reunir todos os nomes vulgares confeccionando uma especie de dictionario*".

No vol. I, do *O Mundo Literario*, Floriano de Lemos, em 1922, publicou, sob o titulo *Vocabulario Regional*, algumas palavras usadas em Mato Grosso, accentuando que os cya-banos pronunciam bem o e e o finais das palavras.

Ainda neste anno de 1922, no Rio de Janeiro, Pedro de Almeida Genú publica, no *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, a valiosa contribuição intitulada *Flora* e que fórma o capitulo VII da monographia relativa ao Estado do Pará do importante *Diccionario* editado para comemorar o centenario da Independencia do Brasil.

O trabalho de P. de A. Genú estende-se das pp. 100-125, e comprehende diversos vocabularios de nomes vulgares de plantas paraenses, como por exemplo: *Lista alphabetica das madeiras paraenses* — publicada no *Boletim do Museu Paraense*, vol. VI — *Lista alphabetica dos nomes vulgares das plantas mais conhecidas na Ilha Marajó*, sahido no vol. V, do mesmo *Boletim*, além de outros trabalhos do mesmo genero publicados neste *Boletim*: da lavra do botanico J. Huber, durante muitos annos director do Museu Goeldi. O trabalho de P. de A. Genú registra abundante vocabulario de nomes vulgares de vegetaes do Pará acompanhados quasi todos da respectiva identificação scientifica.

Depois de tres annos de interrupção, Alfredo da Matta recommença em 1922, no *Amazonas Medico*, a publicação relativa aos *Vocabulos da região amazonica e outros referentes á medicina e sciencia affins* e que tinha começado a publicar em 1919. Neste artigo trata da letra C.

Ainda neste anno, Barbosa Penna publica no Rio — *Algunas Madeiras do Brasil*, trabalho com 109 paginas, contendo a indicação de 200 nomes vulgares collocados em ordem alfabetica. A classificação scientifica está bastante atrasada, pois o autor determina os vegetaes seguindo Caminhoá e Rebouças.

Em 1923, Rodolpho Garcia publica os *Nomes geographicos peculiares ao Brasil* na *Revista da Língua Portuguesa*, vol. III.

Em 1923, Carlos Teschauer, jesuíta alemão, a exemplo de Bluteau, que era inglês e fez um dicionário da lingua portugueza, publica em Porto Alegre a *III Serie das Apostillas ao Diccionario de Vocabulos Brasileiros* intitulado *Novo Vocabulario Nacional*.

Em 1924, Gastão Penalva, no vol. 7.º e 8.º do *O Mundo Literario*, sob o título *Gyria Maruja*, publicou um vocabulario contendo muitas expressões que não são de gyria; não conhecemos a parte final do trabalho.

Afraio Peixoto, em 1924, editou *Brasilcírismos* — na *Revista de Philologia Portugueza*, rs. 6, 7, 8, 9, São Paulo. *A separata* do trabalho não tem indicação de data.

Em 1924, Affonso de Taunay edita o *Vocabulario de Omissões*; contribuição superior a 1.500 palavras não registradas na 3.ª edição de Candido de Figueiredo.

Ainda em 1924, o erudito Affonso de Taunay publica a *Collectanea de Palhas*, criticas ao *Novo Diccionario* de Candido de Figueiredo, onde mostra, apoiando-se na opinião de Alberto Faria, da Academia Brasileira de Letras, que entre outras coisas, o Sr. Candido de Figueiredo affirmava que a expressão *cardapio*, neologismo creado por Castro Lopes, era de origem tupy.

Em 1924, é publicado por João Leda o *Vocabulario de Ruy Barbosa*, de que já tratamos em outro trabalho, a proposito da reensa de Candido de Figueiredo aproveita-lo.

Tambem no mesmo anno de 1924 é dado á publicidade no Rio de Janeiro o trabalho de Everardo Baekewser — *Glossario de Termos Geologicos e Petrographicos*.

Em 1925, sae publicado outro artigo de Henrique Silva, *Abelhas Do Brasil Central*, na *A Informação Goyana*, An. VIII, n. 7, pp. 49-51, Fevereiro. O A. dá uma lista mais completa dos nomes vulgares das abelhas daquella região do que a publicada em 1917 na mesma revista.

Em 1925, Zeferino Brasil, prefaciando o livro de Augusto Daisson, publicado em Porto Alegre e intitulado *A' margem de alguns brasilcírismos*, diz, reproduzindo o que Appo-

linario Porto Alegre escreveu em 1896, num trabalho intitulado *Ligeiros estudos sobre formas quinhentistas*: "A região montnosa da Casa de S. Francisco é uma mina para quem observa e estuda. Para mim o miuério tem sido de uma veia riquíssima; na ganga grosseira encontrei afortunadamente gemmas preciosas e de um valor inestimavel; em depositos cretaceos descobri fosseis de Fungagem quinhentistas e açoriana. Quasi nada se encontra nos dictionarios, porque, excepção feita de Bluteau e Moraes, quasi todos os lexicographos modernos são atrazados um seculo em assumptos glossologicos, inclusive Aulette que fez um trabalho talvez para a Estremadura, Alemtejo e Algarve, e não para o resto de Portugal, suas colonias e Brasil".

Em 1926, Roque Callage edita o *Vocabulario Gaucho contendo mais de 2 mil termos usados no linguajar sul-riograndense*.

Tambem em 1926, nova *Collectanea de falhas*, de Affonso de Taunay, com mais de 1.200 expressões novas não contidas nos dictionarios e vocabularios regionaes, e não registradas por Candido de Figueiredo.

Ainda em 1926, Osear Monte publica, no *Almanack Agricola Brasileiro*, o *Diccionario da Fauna Brasileira* — acrescuido no trabalho de R. v. Ihering, editado pelo Conde A. Barbiellini que adquiriu os direitos autoraes do *Diccionario da Fauna do Brasil*, e o publicou no *Almanack Agricola Brasileiro* de 1914. Diz o editor: "O Dr. Monte quasi duplicou o numero de vozes do trabalho do Sr. Ihering". No fim do trabalho G. Monte registra sob o título *Addenda* a lista "dos nomes que constituem o *Diccionario da Fauna Brasileira* onde ha immenso a realizar.

Afranio Amaral, em Março de 1926, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. 2, n. 2, pp. 19-46, tem um trabalho *Nomes vulgares de Ophidios no Brasil*, onde o autor procura dar o significado das palavras de origem tupi

No final do trabalho o autor inclue as denominações vulgares de ophidios, cuja identificação scientifica não pode fazer.

Em 1926 — H. Luederwaldt publica ás pp. 185-193, da *Revista do Museu Paulista*, T. XIV — as *Observações biológicas sobre formigas brasileiras, especialmente do Estado de São Paulo*, onde o autor consagra o capítulo II aos *Nomes vulgares de formigas brasileiras, registrando 72 denominações*.

Ainda no anno de 1926, Nelson de Seuna inicia a publicação na *Revista do Archivo Publico Mineiro*, An. XX, pp. 191-336 — Bello Horizonte — da *Toponymia Geographica de origem brasilico-indigena em Minas Geraes*. O anno XX da revista tem a data de 1924. A publicação foi effectuada em 1926 como se verifica da primeira pagina. O autor continua o trabalho ás pp. 105-146 do vol. XXII da mesma revista sahida em 1928. Não encontramos nenhum artigo posterior pelo menos até o anno de 1933. O trabalho de Nelson de Seuna inclue grande numero de brasileirismos. Os dois artigos publicados estudam os vocabulos até a letra D. O ultimo verbete tratado foi *Dadá*.

Em 1927, D. Amaro van Emelen publica em S. Paulo o *Diccionario Apicola*, praefaciado pelo Sr. Gutenberg Barreto da Parahyba.

O *Diccionario Apicola* registra a presença de 90 especies com setenta e tantos nomes vulgares que, adicionados ao vocabulario relativo á anatomia do insecto e á nomenclatura apicola, chega a algumas centenas de palavras, das quaes, talvez a maioria, ajuda não averbadas nos lexicos.

A publicação é bastante original: trata-se de um trabalho monographico relativo ás abelhas, collocando em ordem alphabetica tudo quanto se lhes refere. Tambem inclue um capítulo denominado *Nomenclatura Apicola*, onde tudo quanto se relaciona com o insecto, a colmeia, doenças que o atacam, o modo de construir os apiarios, os parasitas e enfermidades que perseguem o hymenoptero, está alphabetizado.

O autor registra 73 nomes vulgares para as nossas abelhas, acompanhados da respectiva identificação scientifica, dando ainda sete nomes de vespideos.

Deve-se assignalar que em 1911, quando José Mariano Filho fez sua these — *Ensaio sobre os Meliponideos do Brasil*

— deu todos os nomes vulgares das abelhas brasileiras, acompanhados da respectiva identificação scientifica. Este trabalho foi precedido de outro de H. v. Ihering, publicado na *Revista do Instituto Historico* de São Paulo, em 1903.

Em 1927, Bernardino de Sousa publica, na Bahia, a *Onomastica Geral da Geographia Brasileira*, contendo 1230 vocabulos.

O trabalho é precedido de um belo prefacio de Afranio Peixoto. O illustre autor de tão valioso trabalho publicou em 1938, sob o titulo *Dicionario da Terra e da Gente do Brasil*, a 4.^a edição das suas contribuições que começaram em 1910 sob o titulo *Nomenclatura Geographica Peculiar ao Brasil* e constituiram a *Memoria* apresentada ao *Primeiro Congresso de Geographia* reunido no Rio de Janeiro em 1909, inventariando 63 verbetes, sendo publicado em 1910.

Em 1917, sae a segunda edição, conservando o mesmo titulo e registando 170 verbetes. João Ribeiro chama atenção para tão interessantes contribuições. *Dicionario da Terra e da Gente do Brasil* é o terceiro titulo que o trabalho surgido em 1909 apresenta, e a 4.^a edição, agora fazendo parte da *Brasiliana*, constituindo o *Vol. 164* — com XXI paginas de prefacio e 433 de texto. O novo titulo da obra tornava-se indispensavel; ampliou, no entanto, o campo de investigações obrigando seu competente, laborioso e pertinaz autor a novas edições.

A coletanea de termos feitos pelo autor de tão interessantes e originaes contribuições obedece ao seguinte ritmo: 1.^a edição — 1910 — 63 verbetes; 2.^a edição — 1917 — 173; 3.^a edição — 1927 — 1230 verbetes e por fim a ultima com 1916.

Em 1923, Nelson de Senna, seguindo a trilha de Bernardino de Souza, inicia, na *Revista do Brasil*, uma serie de artigos intitulados: *A toponimia geographica indigena em Minas Geraes*, onde os verbetes são commentados largamente.

Em 1937, este publicista reuniu sob o titulo *Alguns Estudos Brasileiros*, 1.^a Serie, dados á publicidade em Bello Horizonte, varios trabalhos sahidos na *Revista do Arquivo Publico Mineiro*, e outras publicações, relativos á toponimia bra-

sileira de origem indigena ou africana e aos africanismos da linguagem popular nacional, alem de estudos sobre os nomes proprios de origem tupy usados no Brasil.

Em 1927 — os *Anais do Colegio Pedro II* — Vol. VII. pp. 83-97 publicam o *Glossario de Alguns Dos Nossos Fructos Acclimados ou Silvestres*, da lavra de Benedicto Raymundo, e que não passa de uma longa relação de nomes vulgares de fructos acompanhada, geralmente, de descrição scientifica e indicação da familia a que eles pertencem.

Em 1928, no Rio, A. de Arruda Camara divulga a *Nomenclatura Vulgar Da Herva Mate E Affinos* (sic) — (*Glossario*).

Trata-se de uma contribuição com 31 paginas e que principia descrevendo "*A verdadeira herva mate — Suas características*".

O glossario dá a sinonímia popular dos representantes do genero *Ilex* e afins no Brasil, Argentina e Paraguay.

Encontram-se muitas denominações guaranis e hespanholas na parte intitulada *Glossario da nomenclatura vulgar — Sinonímia scientifica correspondente*.

Em 1928, o pranteado Carlos Teschauer imprime seu ultimo trabalho, intitulado *Novo Diccionario Nacional, 2.ª edição, das tres séries de vocabulos brasileiros*, muito augmentada, grande obra em 952 paginas, em duas columnas, e que, pela contagem que realizei, attinge a numero superior de 18 mil vocabulos.

Em 1928, E. May publica, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. IV, n. 2, pp. 79-80, sob o titulo *Nomes vulgares de borboletas*, a primeira contribuição no genero acompanhada da respectiva identificação scientifica. O trabalho está incluido na secção *Notas e opiniões* daquela publicação, e embora o artigo não esteja assignado, sua autoria é do naturalista citado.

Ainda no anno de 1928, sabe em S. Paulo no *Almanack Agricola Brasileiro* o trabalho *Os nomes Vulgares Dos Insectos Do Brasil — Coordenados alphabeticamente*, com classificação systematica, dados biologicos e seus valores economicos, da lavra de O. Monte e que se estende das pp. 228-286.

Tambem em 1928, R. Ihering faz sahir na publicação acima referida o *Catalogo Popular das especies mais notorias de formigas brasileiras*, cujo vocabulario é menor que o registrado anteriormente por H. Luederwaldt, no vol. XIV, da *Revista do Museu Paulista*.

Em 1929, Afranio Amaral, no tomo IV das *Memorias do Instituto de Butantan*, sob o titulo *Contribuições ao conhecimento dos ophidios no Brasil — IV — Lista remissiva dos ophidios do Brasil*, estuda as especies de ophidios existentes na nossa patria, sua rigorosa identificação scientifica acompanhada da synonymia vulgar.

Nesta lista, A. Amaral consegue incluir dois nomes vulgares que na lista anterior publicada em 1926 estavam collocados á parte por não ter ainda identificado as especies scientificamente. Naquelle época o especialista não sabia a que especie correspondia a designação vulgar de *cururuboa* e *tira-peia*. Este ultimo vocabulo foi pela primeira vez registrado por mim, quando realizei uma excursão scientifica no nordeste brasileiro.

Chamo attenção para o facto, porque concordo totalmente com o criterio adoptado por aquelle autor: registrar os nomes vulgares com as informações que possuir, embora não se tenha feito ainda a identificação scientifica.

Tal orientação tambem tem sido abandonada erradamente pelos dictionaristas que têm tratado do assumpto, desprezando, por exemplo, o excellente vocabulario de Alves Camara sobre os peixes da Bahia, cuja descripção faz, embora não os identificasse scientificamente.

Chamo ainda attenção para tal ponto, porque não ha nenhuma abonação mais rigorosa do que a realizada pela identificação scientifica. No entanto, os dictionaristas portuguezes, como já me referi, abandonaram todas as indicações de simples substantivos, como são as denominações vulgares de plantas assignalados por autores brasileiros como Nicolau Moreira, Almeida Pinto e tantos outros, acompanhadas da identificação scientifica, a melhor de todas as abonações, e que foi despre-

zada. Igual criterio tem sido inexplicavelmente seguido pela nossa *Academia de Letras*.

Lembro-me, por exemplo, de um caso bastante curioso. O vocabulo *cuitelo* designa, em grande parte do Estado de São Paulo, o beija-flôr. Tal vocabulo é conhecido tambem no Rio Grande do Sul. Amadeu Amaral estuda-o no *Dialecto Cai-pira*, á p. 125, e diz que é forma antiga de cutelo e transcreve um trecho de Fernão Lopes.

Não estou disto convencido. Se a *Academia* procurasse pesquisar nossas coisas, de ha muito que teria destacado alguem para estes estudos. Registro o facto. O *Catalogo de Aves*, de Ihering, em 1907, já assignala o nome vulgar em São Paulo em substituição ao poetico beija-flôr. O dicionario da *Academia* não o registra, por que?

O nome *cuitelo* é tão communmente usado em S. Paulo para designar o beija-flôr, que Loefgren, em 1895, o assignalou no *Ensaio para uma synonymia dos nomes populares das plantas indigenas do Estado de S. Paulo*, á p. 54, quando trata do *Camposema rubicundum* Hook et Arn da familia *Leguminosae* ali chamada *cuitelo*: "Trepadeira herbacea lisa. Folhas 3 foliadas, foliolos oblongos, subovados. Flores côr de fogo ou de vermelhão. É muito ornamental. Habita os campos, cerrados e capoeiras e floresce nos mezes do inverno. O nome é provavelmente uma allusão ao brilho da flôr, visto significar tambem beija-flôr".

Ajuda no trabalho de C. O. da Cunha Vieira, publicado na *Revista do Museu Paulista*, tomo XX, pgs. 437-490 sob o titulo *Nomes vulgares de aves no Brasil*, o autor define: "Beija-flôr — Cuitelo, Guanamby — Em geral todas as especies da Familia *Trochilidae*".

Á p. 456 do mesmo trabalho, esereve: "Cuitelo — vide beija-flôr", e ainda "cuitelão — vide beija flôr do matto virgem"

Em 1929, no Rio de Janeiro, sahe publicado o trabalho de Luiz Cuetano Ferraz — *Compendio Dos Minerues do Brasil Em Forma De Diccionario* — alentada e interessante contribui-

ção, rica de informações sobre os mineiros brasileiros, incluindo a synonymia vulgar que possuem.

Em 1930, Pedro A. Pinto publicou *Os Sertões de Euclides da Cunha — Vocabulário e Notas lexicológicas*, trabalho importante, de cerca de 300 páginas, contendo numerosos brasileirismos das regiões da caatinga bahiana. O vocabulário tinha sido precedido do livro publicado em 1919, pelo autor, sob o pseudônimo de Paulo Terenceio e intitulado *Estudos Euclidianos — Notas para o vocabulário de "Os Sertões"*. Em 1934, no Rio de Janeiro, o autor publica *Lingua Materna — Mindezas de linguagem luso-brasileira*, onde escreve á pagina 30: "É, entretanto, commum dizer-se que Euclides escreveu no *dialecto* brasileiro. Repito para terminar. O mais brasileiro de nossos livros foi escripto em lingua portugueza".

Lucas A. Boiteux no mez de Julho de 1930 publica na *A Voz do Mar*, An. IX, n. 96, pp. 295-296, sob o titulo *Vocabulário Da Pesca*, um glossario da letra A, contendo 50 verbetes usados sobretudo em Santa Catharina, iniciando com *Alvete* e terminando em *Atacar*. No numero 98, pp. 365-367, da mesma revista publicada em Setembro-Outubro, o autor continua o trabalho, mudando, porem, o titulo para *Vocabulário prateiro catharinense*, estudando 66 vocabulos da letra B de *Baboca* a *Buzuntar*. O A. não pde proseguir tão interessante glossario.

Ernesto Ronna, em 1930, no *Almanack Agricola Brasileiro*, sob o titulo *Os nomes vulgares dos Insectos do Brasil*, adduz numerosos vocabulos ao trabalho sob o mesmo titulo publicado por Oscar Monte, no *Almanack* de 1926.

De 1930 a 1934, no Rio de Janeiro, na revista *O Campo*. Benedicto Raymundo publica a *Nomenclatura popular dos lepidopteros do Districto Federal e seus arredores — Ensaio de glossario*, nos seguintes numeros: 1930 — anno 1, ns. 5-9, 11-12. 1931, anno 2, ns. 1-3, 5-8, 10, 12. 1932 — anno 3 — ns. 1-8, 10-12. 1933 — anno 4, ns. 2, 4-11. 1934 — anno 5 — ns. 1-6, 8-10. Foi o segundo trabalho no genero depois de publicado o de Ed. May no *Boletim do Museu Nacional*.

Em 1931, A. Couto de Magalhães publica em S. Paulo, *Monographia Brasileira de Peixes Fluviates*, alentado volume

profusamente illustrado com photographias e estampas coloridas, livro de grande formato com 260 paginas, cujo ultimo capitulo, *Nomenclatura popular de peixes fluviaes*, se estende das paginas 231-253, disposta em ordem alfabetica, encerra mais de 500 yerbetes.

Em 1931, Pio Corrêa divulgou o segundo tomo da importante obra de sua autoria *Diccionario das Plantas Uteis do Brasil*, cujo 3.º volume se encontra no prelo e vae até a letra H.

A parte publicada só alcança a letra E, e toda a obra, que, dizem, está praticamente prompta, deveria ser feita em oito volumes, achando-se parada em consequencia do fallecimento do seu autor.

Tambem em 1931, Raymundo Moraes divulga *O Meu Diccionario de Cousas da Amazonia* e que constitue o vocabulario mais moderno daquella região, muito embora não torne dispensaveis o diccionario de Chermont de Miranda que lhe é anterior e o trabalho de Le Coïnte publicado em 1934. É' uma obra em dois volumes: o primeiro abrangendo as letras A-F, e o segundo de G-Z, e com um total de 377 paginas.

Em 1931, Pedro A. Pinto publica, no Rio de Janeiro, *Brasileirismos e suppostos brasileirismos*.

No 19º ano do *Almanack Agricola Brasileiro*, 1930-1931, São Paulo, editado neste ultimo ano e não em 1930, como está impresso, Ed Navarro de Andrade publica, sob o titulo *Contribuição para o estudo da Flora Florestal Paulista*, um artigo que se estende das pp. 87-94, terminando no verbete *Ipê: Tigre*, com a nota "continua". O A. não deu publicidade à parte restante, que tambem está prompta; preçende, no entanto, imprimir em folheto toda a valiosa contribuição.

De 1931-1937, R. Ihering inicia a publicação do *Diccionario dos animacs do Brasil*, com o addição de numerosos vocabulos. O trabalho está sendo publicado no *Boletim de Agricultura de São Paulo*, tendo apparecido a primeira contribuição ás pp. 291 a 379 da serie 32, anno 1931, e os seguintes ás pp. 197 a 264 da serie 33, 1932; pp. 512-599 da serie 34, 1933; pp. 324-474, serie 35, 1934; pp. 199-318, serie 36, 1935; pp. 370-506, serie 38, anno 1937, indo até o vocabulo *sioba*. Falta ainda uma contribuição para a obra ficar completa.

Quando prompto, o dicionario terá cerca de mil paginas e será fartamente illustrado. Acompanhei o preparo da importante obra desde o começo; sou reconhecido ás palavras do autor quando escreve na introdução: "*Ao prezado colega Dr. Arthur Neiva, especialmente, devemos não só valioso auxilio material, como ainda paciente colaboração, que muito augmentou nossos conhecimentos a respeito da fauna e da nomenclatura bahiana e do nordeste*". Cf. *Bol. Agricultura de S. Paulo* — 1931, pag. 292.

As restrições que faço ao trabalho são, portanto, as mais insuspeitas. O autor, no capitulo *Graphia dos nomes vulgares*, procura tambem corrigir para *tatarana* a popular *taturana* ou *tatorana*, denominações verdadeiras, como em outro capitulo demonstrarei.

E' precedido de uma introdução com observações muito justas a respeito da origem de vocabulos, da graphia dos nomes vulgares, havendo um capitulo intitulado *Pobrezza do nosso vocabulario zoologico*, onde o autor lembra que o *Catalogo das Aves de Portugal*, publicação em 1911, por A. F. Seabra, registra 648 nomes vulgares para as 312 especies da avifauna lusitana.

O trabalho, a que faço referencia em outra parte, intitulado *The birds of Portugal*, de W. Taft, registra ainda maior numero de nomes vulgares.

A recente *Ornitologia Italiana*, de Arrigone, mostra como me lembrou quem actualmente melhor conhece a nossa avifauna, Dr. Oliverio Pinto, assistente do Museu Paulista, que a onomastica vulgar das nossa aves não possui a mesma riqueza que tem na Italia; é possivel. No entanto tenho convicção de que o numero de nomes vulgares augmentará de muito, quando se fizer rigoroso inventario, incluindo todos os nomes vulgares registrados por escriptores á espera que sejam identificados scientificamente no futuro.

A nossa avifauna, possuindo cerca de duas mil aves scientificamente conhecidas, foi em geral colleccionada por estrangeiros que não conhecem a lingua e o mais notavel colleccionador dos ultimos tempos, o Sr. Garbe, do Museu Paulista, já-

mais teve tal preocupação, mesmo porque nunca teve tempo para aprender convenientemente a língua do país.

Por outro lado, o *Diccionario dos Animacs do Brasil*, de Ihering, incontestavelmente a melhor contribuição no genero, deixa de registrar, intencionalmente, muitos vocabulos já presentes em glossarios brasileiros.

Apezar dos esforços de Ihering e outros autores, a collecção dos nomes vulgares de animacs do Brasil é ainda insignificante. Basta lembrar que na *Lista Sistemática degli uccelli italiani*, do trabalho de E. Arrigone Degli Oddi, Milão, 1929, o autor, num total de 518 aves, incluindo 120 sub-especies, collige um numero espantoso de nomes vulgares, e o total das denominações attinge a muitos milheiros.

Sobre o trabalho de Taat, relativo a aves portuguezas, W. Stone, na revista *Auk*, T. 41, p. 492, 1924, escreveu: "a very full list of local vernacular names, remarkably large for the size country".

Ihering, no seu trabalho, por exemplo, na letra J, registra 123 nomes vulgares de animacs. Deixou de inventariar, no entanto, outros já registrados. Omittiu, do *Diccionario de Brasilirismos da Academia Brasileira*, 36 nomes; do trabalho de A. Amaral sobre nomes vulgares de ophidios deixou de incluir 27. Não registra 38 nomes de aves encontrados no *Catálogo* de Carlos Vieira.

Tomando apenas uma letra e consultando poucos trabalhos, mais que duplicamos o vocabulario popular relativo aos nomes de animacs, e que bem mostra a enorme tarefa a realizar, pois verificamos 159 omissões.

O melhor, porém, é exemplificar:

Afranio Amaral, na *Lista remissiva dos ophidios do Brasil (Contribuição ao conhecimento dos ophidios do Brasil; IV)*, publicada em 1929 nas *Memorias do Instituto Butantan*, assiguala 27 nomes vulgares da letra J, com rigor identificados seientificamente e que não constam do trabalho de Ihering, máo grado terem sido publicados seis annos antes na mesma cidade de São Paulo; jabotiboia, jucanarana, jaçanarana, jaraca, jaracá, jaracambeva, jararaca cinzenta, jararaca

da matta virgem, jararaca da praia, jararaca da secca, jararaca de Agosto, jararaca do campo, jararaca do serrado, jararaca do rabo branco, jararaca do taboleiro, jararaca dormideira, jararaca illôa, jararaca listada, jararaca preguiçosa, jararaca preta, jararaca rabo de porco, jararaca cambeva, jararacussú cabeça de sapo, jararacussú do brejo, jararacussú malha de sapo, jararacussú verdadeiro, jararaguinha pintada.

Do trabalho de U. O. da Cunha Vieira: — *Nomes vulgares de Aves do Brasil*, não constam da letra J do trabalho de Ihering os 38 seguintes verbetes: jaburú, jacamarici, jacamarucu, jacami, jacamim de costa branca, jacariua, jaeurú, jacú do norte, jacú de porco, jacú molambo, jacú pára, jacú velho, japim da matta encarnado, japui verde, japú-gamela, japuguassú, japú-mia, japú verde, jauá, jendaya, jerú jiriba, João de Christo, João Couguinho, João Doido, João do Matto, Jubacanca, Jurú, Jurú-assú, Jururú, (Ihering assiguala com este nome apenas um sapo, referido por Lutz). Jurity azul, jurity verdadeira, jurity de cabeça vermelha, jurity da matta virgem, jurity da capocira, jurity vermelha.

E mais os 2 que tenho em notas por mim tomadas: João Magro (insecto) e Julião, este, assigualado por Oscar Monte.

Existem no *Diccionario da Academia Brasileira de Letras*, 36 vocabuljos não registrados por Ihering: — Jacajo, jacamaeira, jacamaiei, jacamim-copó-juba, jacapá, jacapú, jacaré-biardo, jacaré-de-olhos, jacaréuna, jacuararú, jacuapeti, jacundá-aga, jacundá-branco, jacundá-corda, jacundá-piranga, jacupoi, jaguané-preto, jaguané-vermelho, jaguarapé, jaguaruca, jatuhí-preto, jejá, jerepomanga, jeruti, Jeana-guensa, João-caçador, João-paraná — João torresmo — Jogongo, Jucuruta, Jupará, juparaba, jurumi, jurupari-pindá, jurupiranga, jururá.

Consultando vocabularios dos mais conhecidos, como os de Rodolpho Garcia, Oscar Monte, Taunay, Teschauer e contribuições de Miranda Ribeiro, além dos já acima citados, comprova-se ainda a omissão dos seguintes nomes da letra J, no diccionario de Ihering que estamos commentando:

Do *Glossario Paraense*, 1905, de Chermont de Miranda: — Jiquitaia.

Dos nomes de Aves da lingua tupy — Rodolpho Garcia 1911 — Jueupará.

Do *Lexico de Lacunus* — Affonso Tannay, 1914 — Jabu, jacamin-capetinga, jacarecagná, jacurú, jaguacampeba, jaguaperi, jaguaragua-sú, jaguapitauga, jaguapoca, jaguaraçá, jaguaracumbé, jaguarajumbé, jaguaretê-pixuna, janauahi, jandá, japatiima, japiçoia, japiy, japuarana, jaracambeva, jaratacaen, jeripoca, jeriquiti, João guruçá, João quininim, João teneué, jogo, jubacanga, juiponga, juiz do matto, jujú, jupuirá, jurárassú, jurupary-pambé, jurupensen.

Da *Collectanea de falhas*, Affonso de Tannay, 1926 — Jandaya (não a ave, mas uome de uma abelha sylvestre da Amazonia, apud *Diccionario Historico Brasileiro*, 2 — 679).

Do *Diccionario da fauna brasileira* — Oscar Monte — 1926 — Jubebirete, jacatirica, jaençú, Jagoneacaca, japim do matto, jurguriçá.

Do *Novo Diccionario Nacional* — Carlos Teschauer — 1928 — Jabebireta-jacá, jacurarú, jaguarandi, jaguaticieia, jiritranoboa, jeripemonga, João tolo, Juiz do matto, juçará, jucupari, jurupari-kibaba.

Ihering assignala *jurára*, Teschauer escreve *juçará*, apud Baptista Cactano. Esta tambem é a graphia de Theodoro Sampaio.

Teschauer registra o verbete *jurupari*, nome de um peixe referido por Miranda Ribeiro, nos *Archivos do Museu Nacional*, 1918.

Ihering apenas se occupa de *juripari* quando trata de *jupará* e como personificação de Satanaz. Miranda Ribeiro ainda assignala o vocabulo *jubarte*, quando se occupa das baleias. Ignoro, porem, se esta palavra é de origem brasileira. Sómente na letra J pude encontrar 162 nomes vulgares de animais brasileiros que o melhor diccionario existente, e que sómente disto trata, não assignala.

Brevemente, porem, o importante *Diccionario dos Animais do Brasil* virá a lume, graças à pertinacia de R. von Ihering, que ha mais de vinte annos trabalha no assunto.

O eminente brasileiro, embaixador José Carlos de Macedo Soares, estipendiou o desenho, a bico de pena, de 600 figuras que ilustrarão o volume, que terá 800 paginas como diz Ihering, no interessante artigo *Ensaio Geographico Sobre O Vocabulario Zoologico Popular Do Brasil*, publicado em Julho de 1939, na *Revista Brasileira de Geographia*, quando tambem informa que o valioso trabalho encerrará 2500 verbetes, numero que mostra o muito que ha por inventariar nas denominações vulgares dos representantes da nossa fauna.

Em 1932, Oscar Monte imprime, no *Almanack Agricola Brasileiro, Os Nomes vulgares dos insectos do Brasil*. Segunda contribuição. A primeira foi divulgada em 1928, na mesma publicação e é a mais importante. A actual tem o subtitulo: *coordenados alphabeticamente, com classificação systematica, dados biologicos e seus valores economicos*, e contém 249 verbetes.

Ainda em 1932, Affonso de Taunay escreveu importante trabalho intitulado *Inopia scientifica e vocabular dos grandes dictionarios portuguezes*, onde o illustre autor, uma das elevadas expressões da nossa cultura, procurou demonstrar que dos mais modernos dictionarios portuguezes estão ausentes "mais de 100. mil vocabulos scientificos e vulgares, sobretudo brasileiros".

Relembra a ira de Candido de Figueiredo contra Leda e Navarro de Andrade, e a maneira grosseira como os aggre-di-u. Mostra, á sociedade, a falta de cultura geral do lexicographo portuguez.

A maneira inteiramente arbitraria de inventariar os vocabulos, averbando *iodol* que é uma denominação de um produto de fabricação estrangeira como muitos outros. Inventariando a expressão *boulangierismo* e não averbando *saldanismo*, tão portugueza.

E protesta contra o facto de Candido de Figueiredo não querer registrar enorme numero de brasileirismos, de especies de plantas e animaes com designação scientifica perfectamente abonada pelos naturalistas.

Taunay ainda se insurge á pag. 30, com toda razão, contra o desprezo de a nossa Academia não querer incluir o vocabulo *cuitelo*. Quem deſejaſar comprovar como ſão falhos os noſſos dictionarios deve ler o valioſo trabalho do notavel director do Museu Paulista.

No capitulo 3º, mostra que meſmo trabalhos portuguezes Candido de Figueiredo ignorava, e lembra o *Armorial Portuguez* de Santos Ferreira, com enorme vocabulario relativo a heraldica, onde centenas de palavras não ſe encontram averbadas.

Ainda neste anno, 1932, Alfredo da Matta publica ás pp. 91 a 106, da *Revista do Instituto Geographico e Historico do Amazonas, as Achegas vocabulares*. O estudo de linguaſar amazonense teve em Alfredo da Matta um excellente investigador que, alem das varias contribuições acima alludidas, reuniu em trabalho ainda inedito, tudo quanto ponde colligir durante a permanencia de mais de 40 annos na região amazonense. Tive opportunidade de compulſar o grande vocabulario que organizou, e que constituirá a mais valioſa contribuição feita sobre o falar da gente amazonense, trabalho que registra cerca de 3 mil verbetes e que ſe acha prompto para entrar para o prelo, sob o titulo *Contribuição ao estudo do vocabulario amazonense*.

Em 1933, Jacques Rainundo, pela Renascença Editora, publica no Rio *O Elemento Afro-Negro Na Lingua Portuguesa*; trabalho bem feito, com 196 pp., copioſa bibliografia e encerrando 309 verbetes de origem africana, existentes no falar brasileiro.

O numero, aliás, deve ſer muito elevado, pois. o A. não ſepara os derivados como verbetes à parte. Dá como ſinonimo de gemêo o vocabulo *cabaça*; na Baía, o termo corrente é *mabaça*.

Em 1933, Firmino Costa entrega á publicidade o *Vocabulario analogico*, rico de brasileiroſmos, prefaciado por A. Taunay: annos antes sahira na *Revista do Brasil*, de Monteiro Lobato. O trabalho despertou immenſo intereſſe a J. Braz-

ner que, especialmente, mandava esperar por um amigo a sahida, cada mez, do exemplar da *Revista*.

Tambem em 1933, F. W. Freise publica as *Plantas Medicinacs Brasileiras*, copioso vocabulario em ordem alphabetica, sahindo no *Boletim de Agricultura*, pp. 252-494, serie 34, numero unico, São Paulo.

Ainda em 1933, aparece no Anno 17º do *Almanaque do Globo*, pp. 239-240, o trabalho da lavra de Dante de Laytano, intitulado *Vocabulario do Nordeste do Rio Grande do Sul — Língua dos praiheiros*, Porto Alegre. O glossario contem 117 vocabulos. A palavra *munzuá* como é usado no norte, e que é de origem africana, foi transformada, naquella região, em *manjuá*.

Em 1934, Alpheu Domingues, com um prefacio de A. J. de Sampaio, do *Museu Nacional*, publica *Esboço de um Glossario de Fitto-Geografia*, editado pela *Secção Publicidade da Diretoria de Estatistica da Produçãõ*. Em 1938 sae em avulso, em segunda edição de 16 paginas.

Em 1934, no Pará, appareceu o *Diccionario das plantas da Amazonia Brasileira — Arvores e plantas uteis* — com a synonymia vulgar e scientifica, trabalho da autoria de Paul Le Coïnte, elemento de valor, e revisto, em grande parte, quanto á determinação scientifica, pelo Sr. Adolpho Ducke, uma das nossas maiores autoridades em Botanica.

Em Dezembro de 1934, A. J. de Sampaio publica no vol. X, do *Boletim do Museu Nacional*, — *Nomes vulgares de plantas da Amazonia*, trabalho extenso das paginas 3 a 70. O glossario que foi revisto pelo botanico A. Ducke, quem melhor conhece a flora do Amazonas, encerra numero superior a 1.400 vocabulos.

Em Janeiro de 1934, a revista *O Campo*, no Rio de Janeiro, inicia a publicação do *Diccionario de Avicultura e Ornitotecnia* trabalho da lavra de Enrico Santos e Euzebio de Queiroz.

Em 1938, é dado á publicidade o primeiro volume da excelente obra, da letra A-I, com 448 paginas, estendendo-se dos verbetes *Abadojo a Intoxicaçãõ*. O segundo volume saiu

em meados de 1939, vae da letra J-Z, dos verbetes *Jabá-Zurita*. Ainda incluye um *Suplemento* com 12 paginas. O II volume que encerra 344 paginas, é da lavra exclusiva de Eurico Santos. O valioso e original trabalho contem cerca de 800 paginas; é profusamente illustrado e encerra um grande numero de verbetes usados no Brasil e que ainda não figuram nos lexicos portuguezes. Os volumes não trazem indicação de data em que foram publicados.

Em 1934, Alberto Vasconcellos, publica na *A Voz do Mar*, pp. 57-63, anno XIV, n. 118, Dezembro, Rio de Janeiro, o artigo intitulado *Peixes de Pernambuco*, interessante contribuição onde trata de 294 nomes vulgares de peixes que occorrem em Pernambuco, acompanhados de identificação scientifica, merecedora de revisão.

Em 1934, Lucas A. Boiteux publicou *A Pesca em Santa Catharina*, trabalho com 89 paginas, no qual reune alguns artigos publicados na *Voz do Mar*. Existe, porem, uma parte nova que trata dos nomes dos peixes e animais aquaticos, marinhos ou fluviaes, daquele Estado. O primeiro glossario estende-se da pag. 76 a 80, e registra 126 denominações de origem indigena e continuam assim sendo conhecidos, alguns até conservando a pronuncia branda do *r* inicial do tupi como *riri* e *riripela*, som desconhecido do idioma portuguez, como são ali conhecidos as ostras.

O segundo glossario forma o capitulo IV e tem por titulo — *Fauna aquicola Catharinense*, e vae da pag. 87 a 89, contendo 231 verbetes e incluem as 126 denominações anteriores. O interessante trabalho, atualmente esgotado, foi mandado editar pela *Federação das Colonias Cooperativas de Pescadores do Estado de Santa Catharina*, onde foi publicado, representa, até certo ponto, para aquele Estado sulino, o que Alves Camara fez para a Bahia.

Em 1935, Renato de Mendonça dá publicidade a nova edição ampliada do trabalho que publicou em 1933, intitulado *A Influencia Africana no Portuguez do Brasil* e que forma o vol. XLVI da *Brasiliana*.

O glossario encerra 370 verbetes, talvez menos, porque o A. inventaria expressões tupís como *carurú*, embora no texto explique a verdadeira origem, como ocorre também com *ca-tinga*.

João da Silva Campos, no vol. IV da *Revista da Academia de Letras da Bahia*, publica um artigo intitulado *Notas á margem de um bom livro*, no qual corrige varias definições e acrescenta 61 verbetes ao glossario de Renato de Mendonça. Alguns desses erros, como *abuxó*, corre por conta de Nina Rodrigues, o vocabulo na Bahia é *aguzó*; também *xóxo* não é assim pronunciado naquele estado brasileiro, mas *xôxô*.

Nessa contribuição o autor estuda a influencia africana no portuguez falado no Brasil, enquanto Jacques Raimundo trata do assunto também em Portugal.

O caso brasileiro começa com o vocabulo *inhame*, que já aparece na carta de Vaz Caminha. As contribuições sobre africanismos no Brasil, incluindo as da imprensa diaria, são numerosas. Em 1888, João Ribeiro tratou do assunto; foi um dos pioneiros, como Macedo Soares.

Ha um trabalho de Nelson de Sena publicado na *Revista da Língua Portuguesa* em 1921 — e outros em 1934 na *Revista de Philologia e Historia do Rio de Janeiro*.

Em 1935, da lavra de Luiz Carlos de Moraes, sae, em Porto Alegre, o *Vocabulario Sul Rio-Grandense*, edição da *Livraria do Globo*, trabalho interessante com cerca de 230 pp., atravez do qual se vê, além da influencia de outros factores existentes no Brasil, a da lingua allemã e a castelhana cada dia maior.

Tambem em Porto Alegre, editado pela *Livraria do Globo*, é publicado, em 1935, o trabalho de Karl Emrich, *Os nomes Populares das Plantas do Rio Grande do Sul* — interessante contribuição em 76 páginas e que registra 889 denominações vulgares acompanhadas da respectiva identificação scieutifica da especie, genero e familia a que pertence o vegetal. Muitos nomes vulgares são conhecidos e já registrados; um bom numero, porem, até agora não foi dicionarizado. O

trabalho merece mais rigorosa revisão, quando fôr tirada nova edição.

Em 1936, Dante de Laytano publica, em avulso, em Porto Alegre, *Os Africanismos Do Distrito Gaúcho*. O trabalho inicialmente foi divulgado na *Revista Do Instituto Historico E Geografico do Rio Grande Do Sul* — Ano XVI — II Trimestre; encerra 173 verbetes, alguns dos quais não são africanismos, como a expressão ibérica *anta e bambú*, que é malaio.

O A. registra *Marimbondo* como toponimo riograndense, grafando-o corretamente, pois, o nasalamento, que talvez não existisse originalmente, foi adquirido no Brasil e já presente no tempo de Gregorio de Mattos que, nas proximidades de 1680, grafava *marimbondo* e *marimbonda*, como até hoje se pronuncia em todo o Brasil.

Em 1936, Carlos Octaviano da Cunha, Vieira publicou em São Paulo, no tomo XX, na *Revista do Museu Paulista*, pp. 487-490, *Nomes vulgares de avcs do Brasil*, e que é no genero a maior contribuição até hoje apparecida. A maior parte das denominações vêm acompanhada da identificação scientifica.

Em Julho de 1936, é dado á publicidade no Rio de Janeiro importante trabalho de Fernando São Paulo — *Linguagem Medica Popular no Brasil*, em dois volumes, o 1º de A-H, com 474 paginas e o 2º de J-Z, com 389, a melhor obra no genero apparecida aqui e em Portugal, na qual varios centenas de brasileirismos, não inventariados nos grandes dictionarios, são registrados, abonados e estudados.

Em 1936, editado pela *Livraria do Globo* de Porto Alegre, foi publicado em edição posthuma, pelo Padre Lidvino Santini o valioso trabalho do Padre Carlos Spitzer, fallecido em Dezembro de 1922, sob o titulo *Diccionario Analogico — Thesouro de vocabulos e frases da lingua portugueza*. Obra excellente, organizada segundo optimo plano de classificacão e que de alguma fórma vem dar cumprimento á aspiracão de Olavo Bilac, que deixou muito ndiantado um dictionario analogico até hoje inedito, e prestes a sair editado pela Livraria Alves.

O Padre Lidvino Santini declara, á pag. 7, que o *Diccionario Analogico* de Carlos Spitzer "é obra unica no genero em toda a literatura portugueza". O trabalho é incontestavelmente o melhor existente, e subordinado a uma orientação perfeita. Seria, no entanto, de justiça não esquecer o *Vocabulario Analogico* de Firmino Costa, publicado em 1933, e a que já me referi.

Ainda em 1936 é publicado na Bahia, editado pela *Imprensa Official*, o *Diccionario de Termos Graphicos*, de Arthur Arezio, que o prefacia, datando de Novembro. O interessante e original trabalho consta de 572 paginas, contendo uma serie de expressões surgidas no Brasil, que o uso já consagrou; algumas, que a necessidade criou; outras, corruptelas de palavras estrangeiras, como aquella interessante *grinocdes*, corruptela de *Guillemet* para designar as aspas, vocabulo que conheço da Bahia, desde o meu tempo de menino.

Em 1937, Afranio Amaral publicou em São Paulo nas *Memorias do Instituto de Butantan*, 1935-1936, T, X, pgs. 87-162, novo artigo intitulado *Contribuição ao conhecimento dos ophidios do Brasil, VIII Lista remissiva dos ophidios do Brasil*, 2.^a edição.

O autor, notavel herpetologista, e que dedicou especial attenção aos nomes vulgares dos repteis que estudou, tendo publicado diversos trabalhos sobre a materia, ainda neste ultimo acresceta os dois nomes vulgares seguintes: *jaracussú typity*, *jararacussú Typity*.

Em 1937, Manuel Viotti iniciou nas *Sciencias e Letras*, publicação da *Academia de Sciencias e Letras* de São Paulo, o *Linguajar Brasitio — Notas para o diccionario de brasileirismos*. Foi publicada nessa revista, sem aliás numeração ou indicação do anno em que veio á luz, toda a letra A. O *Linguajar* encerrará, quando prompto, numero superior a 15 mil verbetes, registrando brasileirismos não encontrados na 3.^a edição do *Novo Diccionario* de Candido de Figueiredo, no trabalho de Carlos Teschauer, sahido em 1928, no *Diccionario Encyclopedico Illustrado* de Simões da Fonseca, em 1926,

No T. II, Anno II, pp. 140-155 o A. inicia a publicação dos verbetes da letra C, indo até *chatear*. O *Linguajar Brasileiro* é mais um inventário de vocabulos, modismos e expressões correntes, muitas em todo o Brasil, e ausentes dos dicionários e glossários. O registro que o Autor realizou é copioso, contendo, via de regra, sumnaria definição do termo.

O numero de Setembro de 1939, correspondendo aos tomos III-IV, do anno III, da mesma revista, traz, ás pp. 81-96, a parte restante da letra C, encerrando 1852 verbetes de brasileirismos não registrados nos dicionários acima referidos.

Em 1937, é editado pelo *Instituto Arqueologico, Historico e Geographico Pernambucano*, o *Vocabulario Pernambucano, de Pereira da Costa*, e que toma todo o volume XXXIV, ns. 159-163, da *Revista* daquele *Instituto*, de Janeiro a Dezembro de 1936.

Trata-se de um trabalho com 763 paginas, onde vem registrado copioso vocabulario representando enorme somma de trabalho; muitos verbetes poderiam estar ausentes, pois são meras expressões de gíria de circulos limitados. As definições relativas á Historia Natural merecem revisão, porque algumas estão muito erradas, como por exemplo o verbete *mutuca*, que Pereira da Costa chama "*vespa de agudo ferrão*" e o *alcatraz*, que diz ser ave preta de peito vermelho, o que só ocorre nos exemplares machos.

Incluo verbetes como aquelle "*Plutusanhinga*", assim graphado, que é a antiga denominação scientifica, dada por Linnéu, aliás *Plutus* e não *Plutos*, do *biquá tinga*, hoje chamado scientificamente *Anhinga anhinga* L.

Na parte bibliographica, Pereira da Costa não se refere ao excelente *Diccionario de Brasileirismos*, de Rodolpho Garcia, que tratou principalmente de pernambucanismos. Ao estudar o verbete *tanajura*, escreve esta coisa espantosa: "*collocam-se debaixo da arvore sobre a qual tem a tanajura o seu ninho*". Sauva nidificando em arvores!

Ao se occupar do verbete *Baroneza* diz que é uma "*especie de alga, planta aquatica, dicotyledonea, da Familia das Nympheaceas*". Parece até definição scientifica de Candido

do Figueiredo. Só uma coisa não está errada: a *baroneza* é de facto planta aquatica. O nome que o vegetal tem em Pernambuco é relativamente recente; caso seja verdadeira a informação que me prestou o engenheiro H. Snell, o nome se originou da homenagem a uma titular pernambucana que muito apreciava as bellas flores aquaticas.

A "*baroneza*" é chamada em grande parte do Brasil de *aguapé*. Na Bahia tem já aquelle nome. A planta não pertence á Familia das *Nymphaeaceas*, como assignalou Pereira da Costa, e muitos outros, a começar por Baptista Caetano, porém ás *Pontederiaceas*, que são monocotyledoneas e não dicotyledoneas, como as *Nymphaeaceas*.

Aguapé é nome indigena, que significa, segundo Tb. Sampaio, "*coisa redonda e chata*" de *aguá-pé*. O nome tupi devia ser applicado a varias plantas aquaticas de differentes familias, principalmente ás *Nymphaeaceas* redondas e chatas como, entre outras, a *Victoria regia*, conhecidas na Amazonia por *uapé*, designação que igualmente possuem a *Eichkornia azurea* Kunth e mais especies do genero, e chamadas na Amazonia tambem de *aguapé*, como no sul, embora seja tambem conhecida ali por *mururé*, *mururé de flôr roxa*, *violeta d'agua*.

Em 1938, é dado á publicidade o vol. XIII do *Boletim do Museu Nacional*, contendo os numeros 1-2, correspondentes aos mezes de Março-Junho, 1937. Nesta publicação, das pags. 161-293, vem o excellente trabalho da lavra de A. J. de Sampaio — *Nomes vulgares das Plantas Do Distrito Federal e do Estado do Rio*, incluindo numero superior a 2.300 verbetes. Os nomes vulgares são acompanhados de rigorosa identificação scientifica por familia, genero e especie, e respectiva synonymia popular. A contribuição do illustre botânico patricio é o mais valioso glossario botânico publicado sobre o Distrito Federal, e Estado do Rio, compreendendo as denominações vulgares, não só das plantas indigenas como das exoticas, acompanhadas de preciosas informações.

Em Agosto de 1938, Andrade Muricy publica nos *Anais do Primeiro Congresso da Lingua Nacional Cantada*, das pgs. 573 a 586, um vocabulario intitulado *Algumas Vozes Regio-*

naes Do Paraná Do Extremo Oeste, que o autor colheu em uma obra inédita, *Viagem ao Paiz dos Jesuitas*, de autoria do seu pae General José Candido da Silva Muricy.

Diz Andrade Muricy que o vocabulario apresentado foi extraido daquele trabalho e que é deficiente, pois o material é immenso, escrevendo textualmente: "Limitei-me, tanto quanto possivel, ás vozes mais caracteristicas, afastando, sempre que pude, o que é commun a todas as regiões nacionaes". O glossario inclue 231 verbetes de uma zona pouco estudada.

Em Setembro de 1938, é dado á publicidade a *Nova Contribuição para a Flora da Bahia* da autoria do padre Camillo Torrend, reparata do *Anuario da Escola Agricola da Bahia* e que é o desenvolvimento do catalogo das plantas mais conhecidas daquele Estado, publicado em 1933 na *Broteria*. O presente trabalho registra 710 nomes vulgares de vegetaes bahianos, acompanhados da respectiva denominação scientifica e constitue a mais importante contribuição no genero sobre plantas bahianas. Naturalmente ha lacunas; recordo-me que no Reconavo o nome *jequirity* não é conhecido, usando-se, porem, para o *Abrus precatorius* o de *tiquim*. Tambem em certos logares do Reconavo a *Curatella americana* é chamada *cajuciro bravo* e *lixa* que não se encontram registrados. A *Anona muricata* tem ainda o nome de *ata de lima*.

Em 1938, Oliverio M. Oliveira Pinto, Assistente do *Museu Paulista*, deu publicidade, em S. Paulo, ao seu importante *Catalogo Das Aves Do Brasil, e Lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista*.

O competente autor publicou apenas a primeira parte do seu bello trabalho que compreende as "*Aves não passeriformes e passeriformes não Oscines excluidas a Fam. Tyrannidae e seguintes*".

O valioso *Catalogo* fórma o T. XXII da *Revista do Museu Paulista* e, alem de longo prefacio, comprehende 566 paginas. O indice de nomes vulgares estende-se das paginas 577 a 586 e comprehende sómente as aves daquele grupo, attingindo o elevado numero de 780 nomes vulgares, dados nos representantes estudados pelo autor nesta primeira parte do seu traba-

lho. Com a publicação da parte restante da importante obra, será a maior contribuição no genero.

Grande numero das denominações não foram inventariadas ainda pelos lexicos existentes.

Em 1938, Alberto Vasconcellos publicou em Recife, editado pela *Liga Naval Brasileira*, o *Vocabulario de Ictiologia e Pesca*.

Valiosa contribuição em 128 paginas, alem das 16 que formam o *Indice Remissivo De Denominações Vulgares*.

O glossario encerra 2942 verbetes, alguns dos quais nada têm que ver com o trabalho, como *Aligator*, *Caimão*, que o A. define: "nome scientifico do Jacaré".

Tambem registra nomes de peixes de Portugal, descolhidos no Brasil. Seria preferivel não ter se ocupado disso, pois o trabalho de Baldaque da Silva — *Estado Atual Das Pescas Em Portugal* — Lisboa 1891, trata do assunto de modo exaustivo, trazendo apenso às pp. 477-515 o *Vocabulario*, o melhor que, sobre o assunto, se confeccionou no país irmão, como assim deve ser considerado entre nós o de Alberto de Vasconcellos.

Em Novembro de 1938, aparece publicada na *Revista Maritima Brasileira* — Ano LVIII — ns. 5-6, pp. 477-501 — a original contribuição de Camara Casendo, intitulada *Peixe No Idioma Tupi*.

O trabalho foi terminado em Natal, em Dezembro de 1936 e compreende 219 verbetes de nomes, quasi todos tupis, dados aos nossos peixes. E' a primeira contribuição desse genero.

Li, allures, ter Frei Velloso preparado um trabalho sobre as denominações indigenas dadas aos nossos peixes; nunca o encontrei.

Camara Casendo inclue algumas denominações de peixes de origem africana, como *cangúlo*, *cachimbo* e registra um hibridismo afro-tupí: *pirazumbi* e outros termos de provavel origem africana, como *bóbó* ou assim julgados por alguns autores como *mangangá*.

Denomina de *piratí* o que o povo conhece em todo Brasil por *paratí*; errônea correção devido a Theodoro Sampaio.

O último verbete, *Xuê*, é vocabulo que já tem feito correr muita tinta, pois, eruditos filólogos d'aquí e de além-mar sustentam que o termo é portuguez, quando tudo leva a crer que seja de origem tupí. Já o conhecia denominando uma tartaruga amazonense e agora o encontro batisando um pequeno lagre nordestino.

Em S. Paulo, em 1939, é dado à publicidade o *Ensaio Sobre a Fauna Brasileira* da lavra de A. Couto de Magalhães.

O interessante livro, bem feito e ilustrado, consta de 330 paginas, com um indice inventuriando 279 nomes vulgares de animais brasileiros, numero esse muito longe, porem, do total das denominações contidas no texto do trabalho, que e rico de informações sobre a vida e hábitos dos representantes da nossa fauna.

Referimo-nos apenas aos lexicos, dictionarios, vocabularios e glossarios publicados como obras á parte, e que são muito mais de uma centena; mesmo assim, admittimos que possa haver omissões.

Não inventariamos o trabalho *Frases e Palavras* que Alfredo de Carvalho publicou em 1906, e contribuições analogas de outros autores.

Tampouco incluímos a monumental *Flora brasiliensis* de Martius, a maior obra de botânica jámais publicada, começada em 1840 e concluída em 1906 que estudou o material colligido por 138 botanicos, os quaes registraram o nome vulgar do vegetal em varios pontos do Brasil. Denominações que ficaram fixadas nas designações especificas determinadas scientificamente pelos maiores especialistas do mundo, na melhor das abonações, e cujo total alcança milheios de vocabulos em grande parte não inventariados nos lexicos.

Nem as vezes brasileiras encontrados na tradução que Capistrano de Abreu faz dos trabalhos de E. Goeldi, intitulados *Monographias brasileiras*. Em 1893, sahem no Rio, os *Mamíferos do Brasil*, e em 1894 o vol. I, da segunda monogra-

phia, intitulado *As aves do Brasil* apparecendo o vol. 2.º desta obra em 1900, livros que registram numerosos brasileirismos.

Nem o registro de nomes contidos nas *As aves da Bahia*, de O. Pinto, valiosa contribuição publicada em 1935, no T. XIX, da *Revista do Museu Paulista*, acompanhado de um indice de nomes vulgares das especies colleccionadas, vocabulario da ordem de duzentos nomes, muitos dos quais jámais registrados em dicionarios portuguezes ou brasileiros.

Os vocabulos relativos aos mineraes, plantas, animaes e coisas brasileiras que não se acham inventariados nos lexicos, vocabularios, glossarios, sobem a muitas dezenas de milheiros.

Alem dos trabalhos acima citados, encontra-se, ainda inédito, prompto desde 1911, o *Vocabulario Catharinense* de Lucas Boiteux, encerrando numero superior a cinco mil verbetes muitos dos quaes, no entanto, são encontrados em outros Estados.

Alarico Silveira ha muitos annos que se consagrou a um original trabalho relativo ás coisas brasileiras, quasi enciclopedico, pois registra as denominações de plantas, animais, objetos, historia, *folk-lore*, e ainda os toponimos brasileiros. Grande parte dos vocabulos coligidos ainda não se encontram inventariados em qualquer dos lexicos conhecidos. O total de verbetes fichados atinge a numero superior a 50 mil.

Existe tambem o importante dicionario de brasileirismos, ainda inédito, de Lafayette de Toledo, de Casa Branca, S. Paulo, tudo formando um total superior a 120 vocabularios, dicionarios, glossarios e lexicos de brasileirismos.

Propositadamente deixei de incluir nos vocabularios citados varios dicionarios feitos no Brasil, contendo muitos brasileirismos, obras que estão fora do caso, como por exemplo: *O Vocabulario Marujo Ou Conhecimentos De Todos Os Cabos Necessarios Ao Navio; Do Poliamé E De Todos Os Termos Marujas, E De Alguns Da Construção Naval, E Artilharia; De Indispensavel Conhecimento Do Official De Mar*. Rio de Janeiro, 1823. Trabalho em 197 paginas e IX de prefacio, com extenso vocabulario da ordem de 700 verbetes. alguns não aproveitados nos lexicos modernos.

O *Diccionario Dos Termos De Medicina De Chirurgia De Chimica. Anatomia, etc.* Pernambuco (sic) Typ. de Manoel Figueira De Faria, vindo á publicidade em 1853 e da lavra de P. de Athayde Lobo Moscoso. Trata-se do primeiro lexico no genero e bem feito para a epoca em que foi elaborado. Tem 84 paginas em duas columnas. Não registra *cajú* porem *acajú*, como o indio de facto chamava, mas desde 1567 que Gabriel Soares assignala o vocabulo sem o *a* inicial — Lobo Moscoso só escrevia *parasyta*, como Ruy Barbosa, aliás. Certas palavras como *ceozoaires*, *epizoaires* registradas pelo A. estão grafadas á franceesa; a terminação portugueza *arios* não tinha ainda se vulgarizado.

O *Ensaio de Vocabulario dos termos technicos da arte de construir, das sciencias accessorias, mathematicas, astronomia, physica, botanica, mineralogia e zoologia, nas linguas franceza, ingleza e nacional*, de André Rebouças, publicado no Rio de Janeiro, em 1868-1869.

O *Vocabulario Nautico*, em portuguez-francez e francez-portuguez, lançado no Rio, em 1869, pelo belga Adolfo Tiberghien que, em 1872, publicava inda o *Diccionario de Marinha*, portuguez, francez e inglez.

O *Diccionario Maritimo Brasileiro organizado por uma commissão nomeada pelo Governo Imperial sob a direcção do Barão de Angra* — Rio de Janeiro, 1877.

Tomaram parte na elaboração do dictionario, H. A. Baptista, C. Braconnot, N. J. Baptista Level, M. J. Evangelista, F. H. Achá, A. de G. Paes de Andrade, T. A. de Carvalho, J. M. da Conceição, P. L. da Cunha, A. M. de Azevedo, J. C. de Noronha, H. C. Muzzio, J. M. Machado de Assis e D. A. Horta O'Leary.

O *Diccionario Maritimo Brasileiro*, de Antonio Mariano de Azevedo, Rio, 1877, 2 volumes.

O trabalho de Francisco Picanço, em 1880, *Ensaio de um vocabulario de estrada de ferro e de rodagem e sciencias e artes accessorias*, Rio de Janeiro. Trata-se de uma publicação de 219 paginas, onde os termos technicos apparecem nas linguas portugueza, franceza e ingleza.

C. Carneiro de Barros e Azevedo publicam em 1882, no Rio de Janeiro, o *Auxiliar Do Constructor contendo a nomenclatura tecnologica e alphabetica das construcções, os detalhes para a organização dos orgamentos, etc.* A parte referente á "nomenclatura", registra um vocabulario que se estende da pagina 9 a 55.

Em 1891, F. Picango publica o vol. I das letras *a a e* do *Diccionario de estradas de ferro, sciencias e artes accessorias, acompanhado de um vocabulario em francez, inglez e allemão.*

O Glossario Medico — De Vocabulos, Phrases E Locuções Incorrectas Ou Variavelmente Escriptos, Pronunciados Ou Interpretados que Silva Lima publicou em 1893, na *Gazeta Medica Da Bahia*, vol. 24, pp. 331, 475, 523, 570 e no vol. 25, pp. 46, 94, 139, 189, 238, 285, e 577, em 1894.

As *notas sobre a terminologia medica portugueza*, publicadas em 1906, por Placido Barbosa.

O Lexico de termos technicos e scientificos, ainda não apontados nos dictionarios da lingua portugueza, por Affonso de Taunay, São Paulo, 1909.

Em 1911, Caetano M. de F. e Albuquerque, então Coronel do nosso Exereito, publica em Lisboa o *Diccionario Technico Militar de Terra*, volume de mais de 400 paginas.

O Diccionario de Terminologia Medica Portugueza, de Placido Barbosa, em 1917.

Em 1920, Honorato Faustino publica na *Revista do Brasil*, o artigo *Ensaio sobre a linguagem medica do Brasil e Portugal*.

Em 1925, edição da *Casa Briguict*, Rio de Janeiro, Fernandes Figueira publica o volume de mais de 500 paginas, intitulado *Vocabulario Medico Francez Portuguez*, trabalho bem feito, onde o autor ineine a tradução de vocabulos de origem tupi já assimilados pelos francezes como *jaborandi*, *jaborandina*, *jequirity*, *jurema*, etc., inclusive a extranha tradução que faz de *ticiua* que é o nome de uma tribu indigena, para *curare*, expressão hoje internacional.

Traduz *izodo* por *carrapato* e *tique* por *carraga*. Em Portugal sómente se diz *carraga*, que nunca foi usado no Brasil.

O vocabulo *carrapato* é ali inteiramente desconhecido. No entanto, lá existiu e foi usado como se vê da seguinte citação da *Cronica do Guiné* de Azurara, *ap. Textos Arcaicos*, de J. Leite de Vasconcellos, quando o escriptor do seculo XV se occupa da Ilha da Gomeira: "Comem coisas torpes e çujas, assy como ratos, pulgas e pyolhos, e *carrapatos*, avendo todo por boa vyanda".

Os portuguezes trouxeram o vocabulo, que é o unico empregado por Gabriel Soares, cujo original foi escripto em 1587.

Candido de Figueiredo inclue *carrapato* como expressão portugueza, embora lá se desconheça. O vocabulo está entre os muitos que são usados no Brasil e ignorados em Portugal. São brasileirismos, no meu modo de entender.

Em 1925, Pedro A. Pinto edita o *Diccionario de Termas Medicas*, que em 1938 sae em segunda edição muito ampliada, trazendo como anexo das pp. 329-341, os *Termos Medicos Populares — Termas Para-Medicos*. É o melhor dictionario medico da lingua portugueza.

A *Contribuição para o Glossario Portuguez referente á mycologia e á phytopathologia*, de Eugenio Rangel, Rio de Janeiro, 1931, que é o segundo trabalho publicado sobre a materia, sendo que o anterior, do mesmo autor, tinha o titulo de *Ensaio de um Glossario Portugucz referente á mycologia e á phytopathologia*.

O *Glossaria dos termos usados em anatomia de madciras*, versão de F. R. Milanez e de A. de M. Bastos, publicado na *Rodriguesia*, Anno I, n. 4, pp. 25-42, Rio, 1936. Alem de vocabularios pequenos, como os assignalades por João Ribeiro em artigo publicado sob o titulo *Brasileirismos*, em 1910 na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, formando o que elle denominou *Listas parciais de Brasileirismos*, que foram publicadas no *Anuario de Minas*, 1908, e *Almanaque Garnier*, 1910.

A Academia Brasileira de Letras publicou ha pouco tempo o *Diccionario De Brasileirismos* que attinge até o verbete *Medcizes*. O dictionario é extremamente laenoso; a douta corporação tem, porém, prestes a dar á publicidade nova edição que promette ser muito mais desenvolvida.

A relação dos trabalhos acima referidos, estou certo de que não está completa, embora seja maior do que a citada no trabalho em que pela primeira vez tratei do assumpto, como se vê no *Diario do Poder Legislativo*, de 30 de Novembro de 1935 e, posteriormente, em artigo do *Jornal do Comercio* de 29 de Novembro de 1936.

Tudo isso constitue immenso material de vocabulos procedentes de todo o Brasil e ainda não reunidos num trabalho unico, depois de eliminadas as duplicatas e feito o imprescindivel expurgo, o que multiplicaria, muitas vezes, o numero de brasileirismos que a ultima edição de Candido de Figueiredo encerra e que o Sr. Agostinho de Campos repetiu, recentemente, dizendo que inventamos apenas 10 mil vocabulos, quando o sr. Taunay, que ha tantos annos estuda a materia, calcula *apenas em 10 vezes mais o numero de palavras que empregamos no Brasil, quasi todas desconhecidas em Portugal e ainda não averbadas pelos mais modernos lexicographos.*

A deficiencia dos dicionarios portuguezes creou para os brasileiros uma situação singular. O que o povo fala não se encontra, em grande parte, registrado nos lexicos e á medida que o pensamento da nossa gente vae se libertando das peias do escrever classico e a literatura brasileira se desenvolve, a necessidade de transmitir para a escrita o que o povo fala atravez de milhares e milhares de vozes desconhecidas dos lexicografos dalem mar, foi-se tornando imprescindivel para esclarecer os leitores de livros nacionaes. Eis a origem dos glosarios a eles apensos, afim de que fosse comprehendido o significado das palavras usadas pelo escriptor e que debalde se procurariam nos dicionarios lusitanos.

José de Alencar foi dos primeiros a comprehender tal fâto e ás primeiras edições dos seus romances, *Guarani* em 1857 e *Tracema* em 1865, annexou notas explicativas a respeito de vocabulos encontrados no texto.

Já em 1860, um homem de grande saber e de formação mental germanica pela origem e educação, Varnhagen, escondeu, sob o pseudonimo, um livro que foi dedicado á arte venatoria e a que deu o titulo *A Caça no Brasil ou Manual do Caçador em toda a America Tropical, acompanhado de um Glos-*

sario dos termos usuais de caça e da autoria de *Um Brasileiro Devoto de S. Uberto*.

Tal publicação veio á luz no Rio de Janeiro, encerrando 107 verbetes, muitos dos quais são puras expressões lusitanas referentes á altaneria e o restante de vozes usadas pela nossa gente do interior e utilizada nas atividades cyneceticas.

Em 1892, editou-se em Lisboa um trabalho de Oscar Leal intitulado *Viagem ás terras goianas e o Brasil Central*. O livro é de pequeno valor, encerra, porem, 365 verbetes no glossario que lhe é apenso e no qual se encontra o verbo *tapcar* hoje commum em todo o Brasil. Ainda se utiliza da expressão *mazombo*, termo pejorativo que designava o brasileiro, filho de paes europeus e que era corrente nos primeiros tempos da nossa colonização, e que até certa data ainda vivia em Pernambuco, pois uma vez, creio, Rodolpho Garcia chegou a ouvi-lo.

No *Glossario* de Oscar Leal existem verbetes mal definidos, como o vocabulo *chimarrão* que cita como "cão de xarqueada, Rio Grande".

No trabalho de Lyrio Ferdinand — publicado no Rio em 1893 — sob o titulo *O Boi*, encontra-se apenso o *Vocabulario Brasileiro Dos Termos empregados neste livro com as significações diferentes ao gado Vacum, conforme o dialecto de cada Estado* e que se estende das pp. 169-188, constituindo interessante contribuição.

Foi o *Elucidario* publicado por O. Leal ha 47 annos passados que suscitou um artigo de autor anonimo, talvez Henrique Silva, estudando o glossario apenso á *Viagem ás terras goianas* e publicado no Ano IX, p. 63-64, da *Informação Goyana*, abril de 1926, sob o titulo *Para o dictionario de Brasileirismos*. O vocabulario é estudado até a letra M, ignorando se terminou em outro numero da revista, pois a coleção de que dispuz tinha algumas fallhas.

Em 1898, Henrique Silva edita no Rio, *Caças E Caçadas No Brasil*; consegui assignalar a data da publicação omitida, pelo editor, porque o livro reproduz uma carta prefacio do General Couto de Magalhães, datada de Setembro de 1898. O livro termina com um *Glossario Dos Vocabulos Portugue-*

zes *E Indigenas Usados pelos Colonizadores do Brasil*. Contem apenas 65 verbetes; muitas das expressões lusas que Varubagen registrava, quasi 40 anos antes, o autor não as aproveitou, inventariando, porem, novos vocabulos empregados pela nossa gente e que inutilmente seriam procurados nos lexicos publicados.

Em Fortaleza, em 1903, Rodrigues Carvalho no *O Cancioneiro do Norte*, reproduzindo o falar nordestino, sobretudo o cearense, tem necessidade, para se fazer comprehender, de acompanhar algumas das poesias de um *Vocabulario* cujos verbetes ascendem a 31.

Em 1919, em S. Paulo, Cornelio Pires publica a *Musa Caipira*. E' um livro de versos trazendo apenso a "*Significação de algumas palavras do dialeto sul paulista adotado em algumas povoações*", o qual encerra 58 verbetes do falar da gente do grande Estado, que Cornelio Pires registra com carinho e cuidadosamente, tendo sido um dos melhores colaboradores do *Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral.

Valdomiro Silveira consagrou-se tambem a estudar o falar da gente brasileira, registrando o que dela havia nas terras paulistas, onde vivem os personagens dos seus livros.

Os Caboclos apareceram em S. Paulo em 1920, trazendo apenso enorme vocabulario das pp. 187-231, encerrando 932 verbetes, onde se encontram registrados vocabulos, locuções populares e corruptelas usadas pelo povo paulista, proporcionando assim grande material para quem deseje estudar profundamente a lingua, que a gente do povo está falando e que vem marchando paralelamente com o idioma policiado que as escolas e as gramaticas organizam.

No ano seguinte, em 1921, publicou-se o 9.º milhar dos *Cantadores*, de Leonardo Motta, que traz, em anexo, um *Elucidario*, afim de que a gente brasileira possa entender o que diz o povo da região do norte, e registra 739 verbetes, a maioria dos quais inexistentes nos nossos dicionarios, encerrando aquelle *Elucidario* frases, locuções, modismos e corruptelas da linguagem da gente nordestina, sobretudo a cearense.

Em 1933, o competente Clovis Monteiro entrega á publicação o trabalho *A linguagem dos Cantadores*, no qual estuda os elementos encontrados por Leonardo Motta. Diz Clovis Monteiro que o seu livro é uma "*Contribuição para o estudo do português popular no nordeste do Brasil*", e fa-la precede do seguinte e verdadeiro conceito de J. Leite de Vasconcellos: "A moderna linguagem dialectal é em parte conservação das primitivas fases, em parte evolução do que a literatura fixou em obras imorredouras, e quasi sempre por consequencia a vergonhea viçosa de um tronco fecundo e antigo. Nada pois de insultos contra ella". E' do que precisamos: quem estude e investigue a lingua que o brasileiro fala.

No mesmo ano, no sul do Brasil, Cornelio Pires, ao narrar coisas passadas em S. Paulo, teve tambem necessidade de esclarecer as *Cenas e Paisagens da Minha Terra*, e que constituem um livro de versos, com um vocabulario contendo 215 palavras usadas pelo caipira paulista.

Em 1922, no Norte do Brasil, Alberto Deodato escrevendo para sergipanos, ao publicar no Rio o seu livro *Canaviaes*, tem, para ser comprehendido por seus compatriotas, que adita um vocabulario que registra 113 verbetes.

No mesmo ano, Cornelio Pires publica em S. Paulo *Quem conta um conto...* O autor proeura nessa novela guardar a pronuncia e a sintaxe do sertanejo paulista. No extenso *Vocabulario* que encerra 678 verbetes, Cornelio Pires, que tanto tem concorrido para o conhecimento do falar do geica paulista, declara: "*Vocabulario — Brasileirismos, arcaismos e corruptelas empregados na Musa Caipira, Cenas e Paisagens da Minha Terra, As Estramboticas Aventuras de Joaquim Bentinho, Conversa ao pé do Fogo e na presente obra*".

Já no sul do paiz, em Porto Alegre, Vieira Pires ao publicar *Querencia*, em 1925, é levado a juntar um *Vocabulario*, encerrando 216 verbetes para que possa ser entendido pelos seus compatriotas que debalde consultariam os melhores lexicos portuguezes em busca do significado de milheiros e milheiros de brasileirismos deles omitidos.

Em 1926, vem a lume a 2.^a edição dos *Poemas Bravios de Catulo Cearense*, trabalho que encerra 12 poemas todos eles

acompanhados de um vocabulário; o primeiro com 48 verbetes, o 2.º contendo 10, o 3.º 23; o 4.º, 25, o 5.º, 33; o 7.º, 69, o 8.º, 26; o 11.º, 52; o 12.º, 7. Esse nosso bardo viu-se na contingência de esclarecer suas composições anexando um *Glossário*; apenas alguns poemas dispensaram tal medida e o total de verbetes que registra para o falar nordestino, afim de ser melhor compreendido, atinge ao total de 289 neste trabalho.

Como nos *Cantadores* de Leonardo Motta, os glossários de Cavilo encerram além das palavras designando plantas, animaes, objetos etc., a reprodução grafica das corruptelas dos vocabulos e as suas alterações locais da pronuncia. Os glossários em questão referem-se sobretudo ao falar cearense.

Na Bahia, editado em Muritiba, é dado á publicidade em 1927 por Amphiphlio de Castro o trabalho que intitulou *O Felizardo*. O vocabulário que juntou consta de 171 verbetes, que não se encontram dispostos em ordem alfabetica. O autor precede o glossário das seguintes palavras: "*Taboa dos vocabulos e frases que se encontram no texto deste livro, colhidos no linguajar dos catunguciros do Médio Paratigty no municipio de Camisão, Bahia, região onde se passou a maioria das cenas da presente obra*".

Com um vocabulário incluindo 719 verbetes o que se estende das paginas 239 a 284, Leonardo Motta publica em 1928, em Belo Horizonte, o trabalho *Sertão Alegre, Poesia e Linguagem do Sertão Nordestino*. Tal glossário é assim epigrafado: *Linguagem Popular — Notas a serem adicionadas aos capítulos Elucidario e Modismos e adagiario dos livros Cantadores e Violeiros do Norte*".

No ano seguinte em S. Paulo, Fontoura Costa edita o *Sertão Alegre*. Trata-se de um livro de versos com 101 paginas apenas, todo vasado em linguagem do caipira paulista e muito interessante como documento deste genero. E' portador de 121 verbetes.

Não importa o lugar do Brasil onde o livro venha á luz, o que se verifica é que se torna cada vez mais indispensavel serem os trabalhos acompanhados de glossários elucidativos. Acima citava um exemplo de S. Paulo, agora no mesmo ano

vou registrar um do Amazonas, que Peregrino Junior intitulou *Pussanga — Episodios e Paisagens da Amazonia*, sahido no Rio tambem em 1929.

O vocabulario registra 216 verbetes de termos amazonenses, isto entre as paginas 183-196. Asinala uma interjeição como expressão de desdem ou moça *Achi*, herdada do indio. Registra a palavra *catiqui*, que define como uma especie de maruim; trata-se no entanto da corruptela do vocabulo *tatiquira*, que é o nome vulgar na Amazonia dos dipteros do genero *Flebotomus*.

Mostra como é corrente na Amazonia outra interjeição cabocla ao definir *Eré* significando espanto, surpresa, alegria ou moça. Define bem o *sarú* pessoa ou animal que, por força de um poder sobrenatural, perde suas aptidoes ou utilidade, e que se contagia aos objetos e coisas tirando-lhes suas boas virtudes ou qualidades.

A influencia tupi não desaparece no linguajar brasileiro; só faz crescer pela divulgação atravez dos livros de termos expressivos que ainda vivem arrincoados no falar da nossa gente.

Em 1930, Gastão Cruls, ao escrever a *Amazonia Misteriosa* não pode escapar á imperiosa necessidade de juntar ao belo romance um *Elucidario* constante de 327 vocabulos, a maioria inexistente no dicionario de Candido de Figueiredo que é o lexico, apesar das grandes lacunas e omisões, que maior registro fez de brasileirismos. O illustre escritor carioca, deslocando-se para a região amazonense, tem que explicar ao restante dos brasileiros as coisas nossas, com as palavras intraduziveis que a nossa gente criou ou ouviu do indio ou do negro, e para ser compreendido junta o *Elucidario* que se impunha.

Em 1932, aparece no Rio, sob o titulo *Garimpos*, o livro de Herman Lima. Em apendice encontram-se as *Notas*, que formam o vocabulario que se estende das pp. 277 a 282, e que registra as expressões usadas pelos garimpeiros bahianos na denominação de utensilios destinados á exploração dos diamantes e á designação das pedras, terrenos, minas, etc.

Em 1933, sae em S. Paulo a 4.^a edição de *Conversa ao pé do Fogo, Páginas regionais* de Cornelio Pires. O vocabulário que o autor juntou ao livro contem 653 verbetes e é acompanhado da explicação: "*Brasileirismos, regionalismos, arcaísmos e corruptelas empregadas na Musa Caipira, Cenas e Paisagens da Minha terra, Quem conta um conto... e na presente obra*", diz o autor epigrafando o *Glossario* que é encontrado á pag. 179 em diante.

Em 1933, o literato José Americo de Almeida publicava a 5.^a edição da *A Bagaceira*, no Rio de Janeiro. O *Glossario* que vem apenso ao trabalho registra 460 verbetes, reproduzindo o linguajar paralybano em grande parte, porque o autor assinala vozes correntes em todo o Brasil e algumas até provenientes do latim e que fazem parte do patrimonio universal como *Ex voto* o que se compreende pela necessidade de elucidar alguns dos seus costumeiros leitores. O lexico que acompanha o belo romance, o que de melhor até hoje o autor produziu, não existia na 1.^a edição. Houve necessidade de se incluir afim de ser melhor entendido e creio que saiu pela primeira vez na 3.^a edição do livro.

Tambem no Rio é editado em 1933, *Matupá, Typos e costume da Amazonia*, da autoria de Peregrino Junior. Das paginas 181 até 209, existe um vocabulário. Nele o autor corrige Gastão Cruls quando chama de *ciririca* o que é *ciriranga*. O glossario contem 293 verbetes.

Mesmo na Capital do Brasil, ao publicar uma obra tratando das coisas cariocas e do linguajar da gente rural, ha necessidade de se ilustrar o trabalho com um vocabulário, afim de que o leitor possa compreender o que fala a gente do povo que habita os arredores do Rio de Janeiro.

Isso demonstra Magalhães Corrêa, quando edita no Rio de Janeiro, em 1936, o *Sertão Carioca*, trabalho a principio publicado no *Correio da Manhã*, reproduzido na *Revista do Instituto Historico* que o editou em volume. Obra muito interessante, de valor crescente á medida que fôr envelhecendo, pois descreve um Brasil que se vai sumindo. Nos arredores do Rio de Janeiro, em 1936, consideravel população vive, labuta como o brasileiro do interior e assim fala, como prova

o *Vocabulário Empregado e Falado no Sertão Carioca*, e que encerra 645 verbetes.

Daí em diante citando os autores e suas obras, não poderei referir-me á data da publicação, provavelmente registrada na 1.^a edição dos livros. Neste caso, está o livro de Waldomiro Silveira, *Na Serras e nas furnas*, saído em 1931, mas que não traz data a edição que consultei, publicada pela *Companhia Editora Nacional*, e que das pp. 223-265 traz o *Vocabulário*, registrando 470 verbetes. Nele figura o termo *muriçoca*, nome comum dos mosquitos, na Bahia, e que sempre supuz ser termo daquela região, que pelo trabalho acima verifiquei também se encontrar em alguns pontos de S. Paulo.

Lindolfo Gomes aparece numa edição da *Companhia Melhoramentos* com um trabalho *Contos Populares Episódicos, cíclicos e sentenciosos, colhidos da tradição oral no Estado de Minas*. O volume primeiro traz apenso um *Vocabulário* das pgs. 101 a 114, com 203 verbetes, "com a explieação ou significados dos principaes modismos, locuções populares, plebeismos e brasileirismos, empregados no texto deste volume e do 2.^o".

Com 47 verbetes definindo expressões gauchas e que vem apenso em *Notas* no fim do livro, L. A. L. de Oliveira Bello publica no Rio, edição da *Livraria Moderna*, os *Farrapos*.

A lista de trabalhos acima referidos está longe de ser completa, porem assinala bem o fato para o qual desejo chamar atenção. Os dicionários de que dispomos são incompletos, deficientes, imperfeitos. Neles, comumente se encontram ausentes vocabulos, palavras e termos que vivem entre nós, cheios de expressão, colorido e força, e usados por milhões e milhões de seres humanos cuja vida, ao ser estudada pelos escriptores e literatos tem, para ser verdadeira, de reproduzir o que nossa gente fala e diz.

Tal fenomeno compele os eseritores, para que sejam entendidos pelos seus compatriotas, a acompanharem suas produções de glossarios oferecidos aos leitores. Isto começou de ba muito e vae nuni crescendo intenso. Nem se diga que é fruto tendencioso de um espirito regionalista: homens de mentalidade internacionalizada como Varnhagen foram forçados a

usar de tal artificio, e escritores modernos de largo espirito cosmopolita, como Gastão Cruls, não puderam fugir á necessidade imperiosa de, para serem entendidos, juntar um vocabulario aos livros que escreveram. Tal a deficiencia dos nossos lexicos.

Nossos filologos, gramaticos e estudiosos que atentem neste fenomeno e proporcionem á nossa juventude compendios gramaticais que digam muito mais da realidade nacional. Numa epoca em que tudo se remodela, e quando as transformações chegam aos mais afastados e remotos pontos do mundo, não é possível continuarmos com a superstição dos classicos e dos moldes que impuzeram, que longe de serem uniformes, frequentemente se contradizem.

Editado pela *Livraria José Olympio* em 1936, vem a publico *Historia Da Amazonia — Contos*, da autoria de Peregrino Junior, portador de um *Vocabulario* com 307 verbetes mostrando, com o texto, quanto é grande, na linguagem amazonense, a influencia tupí. O verbo *embariar* dessa procedencia, tantas vezes usada no texto, é tão corriqueiro que o autor nem o inclue no vocabulario como se vê: "para varar furos e *igapós* sem se atolar no *tijuco* das beiradas e sem se *embariar* nas *cavaranas* das restingas". Grifei as palavras de origem tupí.

A descrição do *sairê*, cerimonia religiosa catolico-tapuia, diz o autor, e que ainda se realiza no Baixo Amazonas, é uma mistura do palavriado portuguez e tupí, e no qual, em côro, se cantam estribilhos inteiramente em tal idioma. E assim naquela canção em toda indigena quando *mupicando* os remadores enterram os *jacumans* nagua.

Em 1937, o livreiro José Olympio edita *Mizungos* de Valdomiro Silveira trazendo apenso o *Vocabulario* que registra e define 403 termos usados pela gente paulista, muitos de origem tupí, como *pitanguan*, nome de ave que ainda subsiste no falar do povo e que a denominação *hem te vi*, que depois lhe deram, não pode de todo eliminar.

Tambem em 1937, aparece em Aracajú a segunda edição da *Musa Matuta* de Exuperio Monteiro, acrescida de um glosario contendo 642 verbetes.

Os versos reproduzem, rigorosamente, a linguagem popular e, no fim do glossario, ha um adendo intitulado *Ligeiras Notas*, comentando as alterações que o povo imprime no portuguez falado no Brasil. Tais modificações são analogas ás que occorrem na linguagem brasileira de outros pontos do país, como se comprova pela leitura dos livros reproduzindo o falar do caipira paulista, do caipiau mineiro, do tabareu nordestino. Notam-se variantes; o substrato, porem, é o mesmo. O assunto merece estudo dos nossos filologos e gramaticos.

Certa vez, em 1928, li nos *Ensaio Critico Sobre o Evolucionismo Morphologico Da Lingua Portuguesa* de Almachio Diniz a defesa por ele feita do escriptor portuguez Teixeira Gomes quando, em 1914, rompeu corajosamente com os classicos e seus fanaticos defensores, escrevendo: "Na torre da Vernaculidade as urnas onde se guarda o thesouro da lingua regorgitam de pedras falsas ou que, pelo menos, se despoliram e perderam o brilho como turquezas cloroticas e o que ha ainda a admirar na indigencia esthetica do nos o torrão é a obra de alguns raros espiritos que deia se evadiram ou a ella escaparam".

Mais uma geração e a superstição pelos classicos da lingua terá desaparecido. Ficará o culto pelos escriptores com ideas. A mocidade daquela epoca apreenderá em gramaticas contendo já muita coisa do falar brasileiro. A evolução não elimina, o maximo que se consegue é retardá-la.

É os que estudam as coisas do Brasil hão de concordar plenamente com muitas das conclusões da these de Arthur de Oliveira Rodrigues, — *Dialectação — Forças modificadoras — These de Portuguez — Bello Horizonte* — quando affirma, em 1935, e cito a data, que não está assignalada na valiosa contribuição, porque é pag. 62, Oliveira Rodrigues declara: "Convem notar que o livro de Marroquim é do anno passado (1934)", fica-se sabendo, assim, o anno da publicação:

1 — A lingua vive com o povo que a fala. Instrumento essencial de sua sociabilidade, evolue com elle.

2 — Docil á pressão das necessidades sociaes do momen-

to, sempre em mudanças, é passível de reformas parecias, sempre em desenvolvimento.

3 — As modificações verificadas na lingua têm universalmente identico processo, progressivo e constante.

4 — Taes modificações se dão no tempo e no espaço:

a) a lingua, em estreito ambito, evolue com as idades, mudando de seculo para seculo;

b) em região distincta evolue distinctamente.

5 — Só não se altera a lingua morta, a lingua dos monumentos literarios, sem povo que a fale.

6 — Toda a lingua literaria ou escripturistica tende a mumificar-se, si não bebe na lingua do povo, de continuo, seiva de vida que a alimenta

7 — Mesmo nesta hypothese a lingua literaria ou escripturistica distancia-se, por atrazo inevitavel, da lingua popular, em perpetua evolução.

8 — O latim popular, propalado na Iberia, era muito differente do latim literario.

9 — Aquelle, e não este, é que foi a grande matriz do romance hespanhol.

10 — O portuguez destaeou se por dialectação, do romance, como outros dialectos peninsulares, e definiu, com a independencia de Portugal, a sua personalidade entre as linguas vivas da Europa.

11 — Transportado para o Brasil, evolue á parte, ligado embora essencialmente á cepa européa.

12 — Soffreu longamente a influencia das linguas americanas e africanas dos negros escravos e dos indios selvagens, que lhe enriqueceram o lexico, lhe abrandaram a prosodia e lhe alteraram a mesma estrutura das phrases.

13 — Numerosas divergencias, no campo da syntaxe, já se impuzeram definitivamente ao exame dos estudiosos da lingua e não se podem mais repellir.

14 — Outras innumeraveis lutam ainda para se imporem, apesar da reacção dos grammaticos e escriptores.

15 — Aos mestres da lingua cumpre attender a todas essas divergencias, estudal-as, explanal-as, accital-as ou regei-

ta-las, conforme o mereçam, com o pensamento voltado para a grandeza da lingua e da patria.

16 — A lingua nacional, sem ferir os melindres do famoso idioma falado em Portugal, de que descende, não deve tolerar liames da dependencia ou subordinação.

17 — Em linguistica, a tradição é respeitavel, mas a dialectação é irresistivel.

18 — A lingua nacional e a literatura propria são o complemento necessario da independencia politica e da liberdade economica”.

Para demonstrar quanto são deficientes e lacunosos nossos lexicos, vamos tomar dois vegetais para exemplo, um autochthone e outro exotico. E' de conhecimento universal a riqueza da flora brasileira. Segundo os documentos scientificos mais recentes, o numero de especies descritas de vegetais em todo o mundo é da ordem de 150 mil. O Brasil entra neste computo com a elevada cifra de 25 mil especies. Naturalmente que a maior parte tem apenas nome scientifico. Em compensação, porem, na lista que acima demos, na parte bibliographica eleva-se a mais de 50 o numero de trabalhos botanicos contendo vocabularios ou lista alphabetizada dos nomes vulgares das especies.

Nem sequer citamos as numerosissimas publicações referentes á zoologia e botanica brasileiras, onde o numero de nomes vulgares de plantas e animaes a colligir é verdadeiramente extraordinario.

Naturalmente que os nomes vulgares encontrados nos trabalhos, que acima assignalamos, muitos e muitos estão repetidos. Para resolver sobre o vocabulario popular das plantas do Brasil, o *Jardim Botânico do Rio de Janeiro*, por iniciativa do seu illustre ex-director, Campos Porto, pretendia iniciar um trabalho de conjuncto onde seria inventariada toda a synonymia vulgar da nossa flora, com a respectiva identificação posta rigorosamente em dia, de accordo com as modificações da nomenclatura scientifica.

Para demonstrar a riqueza vocabular neste assumpto, basta lembrar que, se o maior numero das especies são apenas conhecidas scientificamente, em compensação, porem, é quasi

regra que as conhecidas do vulgo tenham numerosos nomes, conforme a região do paiz. Denominações essas que muitas vezes são alterações de palavras de origem indigena, atravez da garganta dos portuguezes, africanos, brasileiros, etc., como se vê bem do seguinte exemplo:

Existe entre nós um nome que o povo applica a uma palmeira e que a sciencia separa em duas especies: *Cocos coronata* e *Cocos schizophylla*, Martius. A arca de distribuição geographica é enorme. Em certas zonas, o nome vulgar é uma alteração do primitivo nome indigena que era *urucury*, conforme registra á pag. 179 Gabriel Soares. Foi alterado para *uricuri* e *ouricuri*. Em outros logares é chamada de *alicuri*, alteração do nome indigena que não possuia a letra *l*, pela influencia africana. A intercalação da letra *l* em vocabulos indigenas não é rara. Um grupo de peixes de agua doce, que o indigena chama de *arambary*, foi alterado para *Alambary* que, depois perdendo o *A*, ficou *Lambary*, hoje vulgarissimo em todo o Brasil, não só para designar aquêles peixes, como também varias localidades.

De *uricuri* e *ouricuri* foram surgindo outras corruptelas taes como: *aricuri* e *aricuri*, *licuri*, *nicuri*. Algumas destas denominações são pronunciadas rigorosamente conforme escrevemos, sem nenhuma mistura, ás vezes dentro do mesmo Estado, como, por exemplo, ocorre na Bahia onde o vegetal é conhecido, em determinadas regiões, por *nicuri*, como no Recôncavo, em outras *alicuri*, *licuri* e finalmente já no Nordeste do Estado se ouve a designação indigena *urucuri*. A forma *urucury* que aparece na segunda edição de Gabriel Soares, por Varubagem, deve ser erro de copista. Ainda se registram outras alterações, como *adicuri* e *dicuri*, usados em Sergipe.

Baptista de Castro, no *Vocabulario Tupi-Guaraní*, grapha *uricury* e *wucury*, e diz proceder de *y-ori-curi*, — “o que dá cachos mindos.

Finalmente, algumas plantas guardam o nome vulgar da lingua de povos indigenas desapparecidos após o descobrimento e que pertenciam a grupos outros que não os tupis. como ocorreu com o *chique-chique*, nome de representantes da familia das *Caetaceas* pertencentes aos generos *Cereus* e *Pi-*

locercus, que tão bem caracterizam certas zonas do nordeste brasileiro, dando origem até a nomes de municípios e cidades e que é uma das raras sobrevivências de uma língua e de um povo desapparecidos, o mesmo occorrendo com o nome de *macugô*, *Couma rigida* representante da Fam. *Apocynacea*.

E' enorme o vocabulario brasileiro de procedencia vegetal. Em geral as plantas originam, pelo menos dois nomes, o do vegetal e o do fructo; por exemplo: *pitanga*, *pitangucira*. Com grande frequencia, tres denominações apparecem quando occorre o acrescimo do suffixo *al* designativo de quantidade ou reunião: ex: *jaboticaba*, *jaboticabeira*, *jaboticabal*. *Peroba*, *perobeira*, *perobal*. *Acuri*, *acurizeiro*, *acurisal*; *cacau*, *cacuciro*, *cacual*; *assahi*, *assahiseiro*, *assahisal*; *carnauba*, *carnaubeira*, *carnaubal*; *Buriti*, *buritizeiro*, *buritizal*; *cajú*, *cajueiro*, *cajual*; *umbu*, *umbuciro*, *umbusal*; *piassava*, *piassavucira*, *piassaval*, etc.

Muitas vezes a designação formada com o suffixo *al* dá origem a mais de um vocabulo, ex: *caju*, *cajual*, *cajueiral* — *mangue*, *mangal*, *manguesal* — *coqueiro*, *coqueiral*, *coqueiros* — *babassá*, *babassusal*, porem, com muito maior frequencia: *cocal*, porque a planta é tambem conhecida por *cóco babassá*. Quasi nunca uma planta brasileira deixa de originar pelo menos dois nomes, e isso quando ocorre é porque o vegetal não tem fruto comestivel ou nada tem de aproveitavel. Ex: *macambira*, *macambiral*, *gravatá*, *gravatusal*, *caroá*, *caroásal*. Se, porem, é planta util, o commum é originar tres nomes: *manicoba*, *manicobeira*, *manicobal*; *seringa*, *seringucira*, *seringal*. Quando não fica eufonico o acrescimo do suffixo *al*, o brasileiro acrescenta um *s*; v.g. *dendêsciros* — *coqueiros*, *coiranciras*, *cansausões*, *xique-xiques*, *cajasciros*, *mangues*, "vive nos mangues", *limão*, *limociro*, *limociros*, e não *limoal*. Não sei se é tambem assim em Portugal, provavelmente, pelo menos antigamente, porque o toponimo *Laranjeiras no Brasil*, é bem mais commum que o toponimo *Laranjal*, e *Bananciras* é tão commum quanto *Bananal*. O toponimo *Cajasciras* é muito frequente do Maranhão á Parahyba, nunca se encontra, porem, a denominação *Cajazal*, como tambem não se encontra *Pimental*, mas *Pimentas* e *Pimenteiras*. Na Bahia, Estado

do Rio, S. Paulo e Minas, *Pitangas* e *Pitangueiras* são expressões toponimas frequentes; só uma vez encontrei o toponimo *Pitangal*, nome de uma pousada mineira, indicando que tal formação é mais moderna.

Na cidade da Bahia existem dois bairros: um denominado *Dendêseiros*, outro *Pitangueiras*. Raras vezes ouvi chamar *dendêzal* a uma *pitangal*. O mesmo ocorre com o vocabulo *Mangue*. O povo só emprega para designar a arvore ou a sua reunião, o nome *mangue* ou o seu plural *mangues*. Já estão sendo usadas, no entanto, formações como *mangal* e *manguesal* que são porem eruditas. De preferencia o povo diz *cabaçiras*, *cotezeiras*, *coiraneiras*, evitando empregar *cabaçal*, *cotezal*, *covanal*.

Se o vegetal, porem, é de largo emprego agrícola e industrial, as palavras que origina são muito numerosas, como a uma simples analyse se verifica com o café, borracha, etc.

Romario Martins, quando director do *Museu Paranaense*, no trabalho *Ilex Mate — Chá sul-americano*, Curitiba, 1926, estuda o vegetal sob todos os aspectos em 315 paginas. No capitulo VI, *Lendas, tradições e vocabulario*, o autor trata do *Vocabulario do herveiteiro*, das paginas 129-142.

Estuda, então, 109 verbetes que bem exprimem a influencia dos trabalhadores paraguayos, argentinos e brasileiros, o que levou Romario Martins a escrever: "*O vocabulario da industria do mate é pois procedente das linguas quichua, guarany, caingangue e ibericas*".

A. de Tannay no importante trabalho *Subsidio para a Historia do Café no Brasil Colonial* — Rio de Janeiro, 1935 — no Capitulo XXVI, pp. 138-143, diz que "Em cerca de cincoenta vocabulos, podemos hoje avaliar os termos derivados do café incorporados e incorporaveis ao patrimonio da lingua portugueza". Posso assegurar, porem, que se eleva a algumas centenas o vocabulario relativo ás expressões empregadas, só em S. Paulo, em relação ao café desde o plantio até o beneficiamento, venda e exploração industrial. Recordo-me ainda quando director do *Instituto Biologico*, de S. Paulo, ter visto uma lista organizada pelo assistente daquelle Instituto, o meu saudoso amigo, M. L. Oliveira Filho, dos vocabulos emprega-

dos na cultura e industria cafeeiras, vocabulario creio que até hoje inedito, e que atingia a varias centenas.

Em 1934 o *Departamento Nacional do Café* editou *O Ciclo do café, da semente á chicara*, de C. Pinheiro da Fonseca, no qual se encontra o *Glossario Das Descrições*, das pp. 73-85 que confirma o que disse.

A *Flora*, de Martius, como é conhecida e a que acima alludi, tem no fim de cada monographia um indice com os nomes dos generos, especies e denominações vulgares, farto glossario facilmente inventariavel, mas desprezado systematicamente pelos lexicographos. Citemos, porem, um exemplo de como os dictionarios e encyclopedias portuguezes restringem o vocabulario procedente do Brasil e ignoram um mundo de coisas que deviam saber, e que me parece boa demonstração da riqueza vocabular que uma simples planta brasileira pode originar.

Na familia das *Anacardiaceas*, representada por varias especies, algumas comestiveis: *Anacardium occidentale* L., *Anacardium giganteum* Hancock, *Anacardium humile* St. Hil., *Anacardium nanum*, St. Hil., *Anacardium spruceanum*, Benth., *Anacardium microcarpum*, Ducke, encontram-se fructos e vegetaes dos mais conhecidos e populares entre os brasileiros, o *cajú* e o *cajueiro*.

Num dos primeiros documentos elaborados sobre o Brasil, e por certo o mais valioso, encontra-se o *Tratado descriptivo do Brasil*, em 1587, da lavra de Gabriel Soares de Souza.

No capitulo XLIX, pp. 166-168, Gabriel Soares assim e intitula: "*Daqui por diante se dirá das arvores de fructos, começando nos cajús e cajúis*. E trata do assumpto do modo seguro e preciso com que realisou sua grande obra, a qual acabou chamando attenção de centros muito mais cultos que Brasil e Portugal, tendo sido objecto de investigações por parte da *Escola de Medicina Tropical de Liverpool*.

O material immenso deixado por Gabriel Soares não foi convenientemente estudado por brasileiros e portuguezes; e, entanto, encontram-se lá registrados numerosos brasileirismos que até hoje vivem e são correntios.

Os portuguezes realisaram notavel serviço introduzindo

plantas do Oriente no Brasil e levando muitas do Brasil para os seus dominios do Levante.

Por isso é que o cajú commum, o *Anacardium occidentale*, disseminou-se pela Africa e hemispherio oriental onde é cultivado nos logares de clima favoravel.

E' tão conhecida a planta que o seu nome original, que é tupí, apparece registrado em 12 idiomas orientaes: Bengali, Concani, Galóli, Gujarati, Indo-inglez, Malaio, Marathá, Sindhi, Singalez, Sundanez, Tamul e Teto.

Estes dados extrahi-os do conhecido trabalho *Influencia Do Vocabulario Portuguez Em Linguas Asiaticas*, da autoria do Monsenhor S. Rodolpho Dalgado, Coimbra, 1913.

Dalgado, á pag. 36, reconhece que o termo é brasileiro quando diz. "Termo brasileiro: *acajú*". No entanto, naturalizou o termo porque o incluiu na *Lista Geral Dos Vocabulos Portuguezes Introduzidos Em Linguas Asiaticas E Contidos No Vocabulario*. Alem de cajú existem outros como *ananas*, *beijú*, etc..

O vocabulo é facilmente reconhecivel e nos logares onde se fala inglez escreve-se e se pronuncia *cashew*. Webster de ha muito que tratou do assumpto dando até uma illustração da planta. Piso, em 1658, no seu trabalho em colaboração com Bontius e Maregrave *De Indiae Utriusque Re Naturali Et Medica*, á p. 193, já assinala a presença do cajuciro nas Indias Orientais com o nome de *acajú*.

No entanto, o vegetal de tão grande importancia economica para a maior parte dos brasileiros atuais e mais ainda para as populações autochtones do paiz, já registrado nos primeiros documentos que trataram do Brasil e que estudaram a planta de uma maneira notavel, registrando todas as expressões, é assinalado nos melhores lexicos portuguezes, da seguinte maneira: "*Cajú*, m. (e der.) O mesmo que *acajú* etc. *Cajuciro*. O mesmo que *cajuciro*. (Do tupí)".

"*Cajuada*, f. Bras. Bebida refrigerante, feita com summo de cajú, agua e açúcar. (De cajú)".

"*Caju*, m. Bras. do N. Variedade de cajú".

"*Cajuciro*, m. O mesmo que *cajuciro*".

Isto é tudo o que se encontra em Candido de Figueiredo, *Novo Dicionario da Lingua Portuguesa*, vol. I, 1913.

Atravez de autores portuguezes e brasileiros, começando por Gabriel Soares, no seu *Tratado Descritivo do Brasil*, escripto em 1587 encontramos abouadas as expressões que damos adiante, extrahidas de varios trabalhos, e assinalaremos apenas o registro do primeiro e o ultimo em data.

As obras cujos autores assinalamos abreviadamente, alem do *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares, 1587, são as seguintes:

- Diccionario Portuguez-Brasiliano de Frei Onofro* — ap. Plinio Ayrosa, 1796, mais conhecido como diccionario de Frei Velloso e Frei Prazeres.
- Diccionario de Botanica Brasileira ou Compendio dos Vegetaes do Brasil, tanto indigenas como acclimados*. Joaquim de Almeida Pinto, 1873.
- Vocabulario indigena em uso nas provincias do Ceará, com explicações etymologicas, orthographicas, etc*, de Paulino Nogueira, 1887.
- Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa*, de A. J. de Macedo Soares, 1888.
- Diccionario dos Vocabulos brasileiros*, do Visconde de Beaurepaire Rohan, 1889.
- Hortus Fluminensis*. Barbosa Rodrigues, 1895.
- Huber — *Os campos de Marajó e a sua flora*. *Bol. Mus. Goeldi* — vol. V, 1908.
- Huber — *Mastax E Madciras Amazonicas* — *Bol. Mus. Goeldi*, T. VI — 1910.
- Alfredo A. da Matta — *Flora Medica Brasilicnse*, 1913, Manaus.
- Novo Dicionario da Lingua Portuguesa* — Candido de Figueiredo, 1913.
- Diccionario de Brasilicirismos (Peculiaridades pernambucanas)*, de Rodolpho Garcia, 1915.
- Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exoticas cultivadas*, vol. I, Pio Corrêa, 1926.
- Lexico de Lacunas*, Affonso de Taunay, 1914.
- Nomes vulgares de plantas da Amazonia*, A. J. de Sampaio, *Bol. Mus. Nacional*, vol. X, 1934.
- Diccionario das plantas da Amazonia Brasileira — Arvores e plantas uteis*, de P. Le Coicnte, 1934.
- Botanica E Agricultura No Brasil No Seculo XVI* — de F. O. Hoehne — S. Paulo, 1937.
- Nomes Vulgares Das Plantas Do Distrito Federal E do Estado Do Rio*, A. J. Sampaio, *Bol. Mus. Nacional*, vol. XIII, 1938.

- Acajú* — *Diccionario Brasileiro Portuguez*, 1795, p. 155. F. Figueiredo, 1913, p. 13.
- Acajuzeiro* — C. Figueiredo, 1913, p. 13. *Diccionario Brasileiro Portuguez*, 1795, p. 157.
- Acajuzeira* — Almeida Pinto, p. 7, 1873. *Diccionario Brasileiro Portuguez*, 1795, p. 155.
- Acajuy* — vinho de cajú — *Diccionario Brasileiro Portuguez*, p. 157, 1795. P. Nogueira, 1887, p. 242.
- Acajuiba* — *Diccionario Brasileiro Portuguez*, pag. 157, 1795. Sampaio — *Bol. Mus. Nac.* p. 164, vol. XII, 1938.
- Acajuzeira* — P. Nogueira, p. 242 1887.
- Cajú* — G. Soares, 1887, p. 166 — C. Figueiredo, 1913.
- Cajunada* — Macedo Soares, 1888 — C. Figueiredo, 1913.
- Cajual* — *Diccionario Brasileiro Portuguez*, p. 158, 1795. Macedo Soares, 1888.
- Cajú assú* — Le Coitec, p. 80, 1934 — *Anacardium giganteum* — Hanc. A. Ducke — *An. Ac. Br. Sc.* 1939, p. 16.
- Cajú banana* — Almeida Pinto, p. 99, 1873.
- Cajubi* — Almeida Pinto, p. 100, 1873.
- Cajú branco* — Ilha Bom Jesus e Ilha dos Frades, Bahia, Neiva — Itaparica — Pirajá da Silva.
- Cajú bravo* — *Oxentea salicifolia* — Engl. Fam. Echinaceas, Sampaio, *Bol. Mus. Nac.* p. 190, vol. XIII, 1938.
- Cajuzeira* — Taunay, *Lez. Lac.* 1914, p. 50.
- Cajucara* — P. Corr. p. 400, 1926 — Sampaio, 1934 — *Bol. Mus. Nac.* p. 15.
- Cajuçara* — Lec. p. 82 — 1934 e Huber, 1908, *Bol. Mus. Goethé Stigmatophyllum fulgens*, vol. V, p. 144.
- Cajú amarello* — Dist. Federal, ap. Kuhlmann.
- Cajú castello* — Ceará — Catulo Cearense — *Possius Bravios*, p. 220.
- Cajú Cebola* — Ilha dos Frades — Tapepeca — Estado da Bahia, Neiva.
- Cajú common* — Hoch. p. 339, 1937.
- Cajú da mata* — Almeida Pinto, p. 100, 1873. *Anacardium giganteum* — A. Ducke — *An. Acad. Bras. Sciencias* — vol. X, n. 1, p. 15, 1939.
- Cajú de praia* — Paratyba, ap. General Lima Mindello.
- Cajú de Angola* — Almeida Pinto, p. 98, 1873 — nome de uma Euphorbiacea de Pernambuco.
- Cajú de tambaqui* — Pará — Tapaçoz — *Simaba guinaensis* — ap. Kuhlmann.

- Cajú do campo* — Le Cointe, 81, 1934, vol I, Hoch. p. 339, 1937.
- Cajú do campo coberto* — *Anacardium microcarpum*, Ducke, Le Cointe, 1934, p. 81.
- Cajú do mato* — Almeida Pinto, 100, 1873, Le Cointe, p. 81, 1934.
- Cajú do Japão* — *Hovenia dulcis*, Thumb. Rhamnaceas — Sampaio Bol. Mus. Nac. p. 190, vol. XIII, 1938.
- Cajú gigante* — *Anacardium giganteum* — Hanc. — Bot. e Agric. no Brasil (Seculo XVI) — Hoehne, p. 339, 1937.
- Cajú japoncz* *Hovenia dulcis* — Thumb. Fam. Rhamnacea, Sampaio Bol. Mus. Nac. p. 190, 1938, vol. XIII.
- Cajú maçan* — S. Bento, Maranhão — Neiva.
- Cajú manso* — P. Corr. 402, 1926.
- Cajú manteiga* — Distrito Federal, ap. Kuhlmann e Itaparica ap. Pirajá da Silva.
- Cajú miri* — A. da Matta, *Flora Med. Bras.* p. 70, 1913.
- Cajú mirim* — P. Corr. 402, 1926, Le Cointe, 82, 1934.
- Cajucoba* — *Curatella americana*, L. Hoch. p. 297, 1937.
- Cajú rasteiro* — P. Corr. 402, 1926, Hoch. p. 339, 1937.
- Cajú do taboleiro* — Nos taboleiros da Parahyba, ap. General Lima Mindelo — Fela descripção que me fez parece tratar-se da *Curatella americana*.
- Cajú vermelho* — Distrito Federal — ap. Kuhlmann.
- Cajueiral* — *Diccionario Brasileiro Portuguez*, p. 158, 1795, B. de Souza, p. 66, 1927.
- Cajueiro* — G. Soares, p. 166, 1587 — Sampaio, 1938.
- Cajueiro bravo* — Almeida Pinto, p. 99, 1873 — Sampaio Bol. p. 15 *Curatella americana*, 1938.
- Cajueiro bravo do campo* — P. Corr. p. 402, 1926.
- Cajueiro da gua* — Amazonia, *Anacardium microsepalum*, Loess ap. Alfredo da Matta, in trabalho inedito.
- Cajueiro da matta* — Le Cointe, p. 81, 1934. Hoch, p. 339.
- Cajueiro da prata* — *A. occidentale*, Hoch, p. 339, 1937.
- Cajueiro do campo* — P. Corr. 402, 1926.
- Cajueiro do matto* — Huber, *Bol. Mus. Goeldi*. T. VI. *Anacardium giganteum*, Hanc. 1910, p. 205. P: Corr. p. 402 *Curatella americana*.
- Cajueiro manso* — Almeida Pinto, p. 99, 1873, *A. occidentale*.
- Cajueiro marujoara* — Le Cointe, p. 82, 1934.
- Cajú* — G. Soares, p. 166, 1587, Hoch, p. 339, 1937.
- Cajuicica* — Alfredo da Matta, in Ms. inedito.
- Cajuim* — Almeida Pinto, p. 100, 1873.
- Cajuina* — Almeida Pinto, 1873, P. Corr. p. 401, 1926.
- Cajurana* — Le Cointe, p. 82, 1934, P. Corr. 402, 1926.

- Cajuuna* — *Anacardium* sp. A. da Matta, *Fl. Med. Bras.* p. 70, 1913. Huber, *Bol. Mus. Goeldi*, vol. VI, p. 205, 1908.
- Cajuzinho*, ap. (Taunay, 1914 — E' um cajueiro do cerrado (Serra Azul).
- Cajuzeiro* — G. Soares, 1587, p. 246, C. de Figueiredo, 1913.
- Castanha* — G. Soares, 1587, p. 166, C. Figueiredo, p. 343, 1913.
A. Ducke, *An. Acad. Bras. Sc.*, T. XI, n. 1, p. 11, 1939.
- Castanha de cajú* — Rohan, p. 92, 1889, R. Garcia, p. 865, 1915.
- Chuva de cajú* — M. Soares, p. 135, 1870.
- Chuva do muturi* — Barbosa Rodrigues, p. 98, 1895.
- Farinha de cajú* — Nordeste, ap. Lima Mindello.
- Mocororó* — P. Nogueira, 242, 1887 — Dias da Rocha, *Bot. Med. Cearense*, 1919, p. 34.
- Maturi* — Almeida Pinto, 1873, 310, C. Figueiredo, 1913.
- Maturim* — F. Correa, p. 401, 1926.
- Moturi* — Th. Sampaio, 3.^a ed. p. 312, 1929.
- Mucororó* — P. Corr. 401, 1926.
- Muturi* — P. Corr. p. 401, 1926, C. Figueiredo, 1913.
- Pisa* — Mistura pilada de farinha de mandioca, assucar e castanha de cajú assada ou nicori. B. Jesus. Na Parahyba e Estados do Nordeste é chamada de *Farinha de cajú*, ap. Lima Mindello.
- Noz de cajú* — P. Corr. p. 401, 1926.
- Resina de cajú* — p. 167, G. Soares, 1587.
- Vinho de cajú* — Le Coite, p. 81, 1934.

Derivados da expressão *cajú* encontramos nomes de plantas de outras familias como ocorre com *cajuçara*, *Croton cajuçara*, Benth. (Euphorbiacea) no Pará; em Marajó, porem, este nome se refere a uma Malpighiacea, *Stigmaphyllon fulgens* — Juss.

A *cajurana* é uma Simarubacea, *Simaba guianensis* (Aubl) Engl. O *Cajuzeiro bravo* é uma Dilleniacea, *Curatella americana*, L. Esta especie tambem é chamada *cajuzeiro marajoara*, *caimbé*, *lixeira*, *sambatba*, *folha de liza*, etc.

O nome cajú apparece nos primeiros versos escritos por um brasileiro, Botelho de Oliveira, na obra *A Ilha de Maré*:

"De varias côres são os cajús bellos".

Paulino Nogueira no vocabulário já acima citado registra *mocororó*, *acajucica*, *cajú* e diz que o que nós brasileiros chamamos *chuva dos cajueiros* e tambem *chuva de muturi* ap. B.

Rodrigues, in *Hortus Fluminensis*, é exatamente aquilo que os índios denominavam *pirajá* quando escreve: "Para isso vem logo no começo do verão leves aguaceiros, chamados *pirajá*, porque a melhoria destes frutos deles depende. Varnhagen, *op. cit.* T. I, p. 92, e os chamavam os índios *pirajá* que quer dizer literalmente fruto de peixe, porque ao tempo da floração coincide o aparecimento de muitos peixes na costa e eles supunham que era para comer esse fruto". Cf. P. Nogueira, p. 243.

Diga-se, de passagem, que o nome *pirajá* significa piscoso. O eminente Prof. Pirajá da Silva, interessado em saber o significado do nome que usa, informou-me que apesar da denominação *pirajá* dada a esses aguaceiros, que se formam, precipitam-se e se dissipam rapidamente, ser a usual para todo o litoral bahiano, acredita ter havido intercorrência do vocabulo tupi *pirá*, peixe, na locução portuguesa *para já*, designando a rapidez com que taes aguaceiros caem e *param* ou *cessam*.

Pirajá é palavra tupi e toponimo bem expressivo porque designa lugar muito piscoso da Bahia, o esteiro de Pirajá, que até hoje é muito rico em peixe.

Todos os outros verbetes referidos acima estão abundos em autores que citei nos vocabularios, glossarios, etc.

O que C. de Figueiredo registra, coligindo apenas 7 vocabulos e que o *Dicionario de Brasileirismos da Academia Brasileira de Letras* eleva para 8, incluindo *maturi*, cometendo o mesmo erro daquelle lexicographo quando define: "*cajú*, s. m., variedade de *cajú*, *cajú* pequeno", o que na verdade representa tres especies diferentes, *Anacardium humile*, *Anacardium nanum* e *Anacardium microcarpum*, senão quatro, porque Ad. Ducke, em artigo *O Genero Anacardium Na Amazonia Brasileira*, publicado em 1939, no T. XI, dos *An. Acad. Bras. Sciencias*, diz que em certos pontos do Pará, o *Anacardium giganteum* - - Hanc., arvore que atinge a mais de 30 metros de altura, é chamado *cajú* "devido á relativa pequenez dos frutos". Enquanto que a denominação popular mais generalizada, devido ao porte do vegetal, é de *cajú assú*, atinge

na verdade a 74 verbetes, perfeitamente abonados nos trabalhos referidos na bibliografia acima.

Escolhemos propositadamente duas plantas bem conhecidas dos brasileiros, uma autochtone, o *cajueiro*; outra importada da Africa, o *dendêzeiro*.

Em torno do vocabulario originado pelos dois vegetais, devemos fazer algumas considerações. Não se justifica que a *Academia Brasileira* e os dictionarios portuguezes desprezem o mais copioso vocabulario brasileiro existente, como o que procede dos vegetaes, baseados, em quasi sua totalidade, na melhor de todas as abonações, qual a identificação scientifica.

Para que uma especie seja identificada scientificamente, o que a torna reconhecivel pelo mundo inteiro, o naturalista primeiramente descreve a planta ou o animal, identificando-o e tornando-o reconhecivel para quem se occupe da materia em qualquer parte do globo.

Muito acima da abonação adoptada pelas academias daqui e dalem mar, baseada na citação encontrada escripta no livro de qualquer autor, se deverá ter em muito maior conta a rigorosa identificação scientifica.

Por falta de conhecimento destas coisas é que chegamos á seguinte anomalia. Atravez das monographias publicadas na *Flora* de Martius, os nomes vulgares das plantas brasileiras fazem parte do patrimonio universal, muitos porem destes nomes não foram ainda inventariados pelos lexicos portuguezes por ignorancia, desidia e proposito.

Com a identificação scientifica chegamos ao seguinte resultado: o povo, em geral, não denomina a uma especie, isto é a regra; communmente um nome vulgar se refere a uma planta ou a um animal que a sciencia colloca em varios generos e especies.

Outras vezes o vulgo reconhece qualquer differença e assignala-a creando um nome. Mas, por outro lado, como os nomes de plantas e animacs nem sempre abrangem o paiz todo, e muitas vezes ficam limitados a certas zonas, occorre que sómente a identificação scientifica pode comprovar tal facto.

Tomemos um exemplo: a *Curatella americana* L., tem varias denominações vulgares: *caimbé*, *cajuciro bravo*, *cajuciro bravo do campo*, *cajuciro do matto*, *cajupeba*, *cambarba*, *liza*, *lircira*, *marajoara*, *pão de liza*, *sambaiba*, *penticeira*, *so bro*, *folha de liza*, etc.

A sciencia é que demonstra que tantos nomes vulgares pertencem de facto a uma só especie vegetal, e sómente a sciencia é que pode verificar que o mesmo nome serve para o povo baptisar plantas que pertencem a especies, generos e até familias diversas.

Entre os synonymos vulgares da *Curatella americana* L. está *caimbé* que é uma *Dilleniacea*, mas este nome tambem é applicado na Amazonia a uma planta que pertence á familia *Moracea* e portanto genero e especie differentes, assim reconhecida: *Cousapoa asperifolia* Tree.

Quando um literato gacho se refere á planta denominada *ombú* ou *umbú* ou *imbú*, poderá levar a erro leitores do Norte do paiz, suppondo que seja o vegetal do mesmo nome desta região. Trata-se no entanto de duas especies inteiramente differentes, de generos e familias até diversos.

O *umbú* do sul é uma *Phytolacacea*, scientificamente identificada sob o nome de *Phytolacca dioica* L.; o *umbú* ou *imbú* do norte é uma *Anacardiacea*, *Spondias tuberosa*, Arr. Camara. Este exemplo demonstra que a abonação eientifica é incomparavelmente mais valiosa que a literaria.

Se é assim, porque os lexicographos brasileiros e portuguezes não se empenham em aproveitar o immenso manancial constituido pelo vocabulario vulgar de plantas brasileiras. Denominações que pertencem ao proprio patrimonio internacional, muitas já figurando em dictionarios de linguas estrangeiras?

Varias causas concorrem para isto. Primeiramente, a deficiencia de estudos a respeito, no Brasil e em Portugal. Segundo, a intencional preocupação portugueza de reprimir ao maximo os verbetes brasileiros, estabelecendo contraste com o que se verifica com as expressões lusitanas, como se comprova facilmente com o elevado numero de verbetes incluidos para

designar as castas das uvas, peras e outros vegetais portuguezes. Só de uma feita Candido de Figueiredo inventariou 1500 denominações dadas pelo povo portuguez ás variedades de videiras lusas. E tratou de incluír no seu dicionario os nomes de plantas "que entraram ha muito na linguagem do povo".

O povo brasileiro tem o mesmo direito; seu linguaajar necessita rigoroso inventario, os nomes que a nossa gente applica aos representantes de uma Flora e Fauna reconhecida das maiores existentes, sómente em pequena parcela figuram nos lexicos portuguezes. E' o proprio Candido de Figueiredo que á pag. XI, vol. I, do *Novo Diccionario da Lingua Portugueza*. Lisboa, 1913, assim escreve: "Na propria Botanica do nosso paiz, e não obstante o muito que já lhe consagravam outros dictionarios, tive ensejo de reconhecer, pelos livros dos nossos ampelographos, pelos relatorios dos agronomos, pelos jornaes de agricultura e pelo trato directo com a gente do campo, que muitos frutos e muitissimas especies de plantas uteis ainda não pertenciam á lexicographia, tendo eu que registrar mais de 1.500 variedades de videiras, e numerosos frutos, que entraram ha muito na linguagem do povo e que só agora entram no vocabuario portuguez".

E' obvio que o mesmo direito assiste ao povo brasileiro.

Não inventariam nos seus lexicos o impressionante numero de palavras usadas no Brasil e desconhecidas inteiramente no velho paiz, julgando talvez que assim os vocabulos desapareçam do nosso falar, por falta da saução de Lisboa.

Voltando a commentar o vocabulario procedente da palavra *cajú*, verificamos o seguinte. Muitos nomes tupis continuam presentes no falar brasileiro, como *acajucica*, cuja tradução é resina de cajú. *Teica*, em tupi, designa resina; *acajú* é fruto cuja tradução litteral, segundo Baptista Caetano, provem de *acá* caroço e do sufixo *jú*, mas Rodolfo Garcia no commentar a *Historia da Missão* de C. D'Abbeville diz á pag. 13 do *Glossario* que escreveu em Maio de 1919, com mais razão ao tratar da materia: "De *acá* caroço; *y-úb* que dá, que tem, alusão á estanha".

A lingua na sua evolução supprimiu o *a* e o *acajú* se transformou em *cajú*. Gabriel Soares, em 1587, já assim escrevia.

Acajú designava entre os indios o auno, pois a contagem do tempo se fazia pela fructificação do cajueiro. Empregavam o vocabulo quando tambem se referiam ao fructo, porem, mais raramente, segundo affirmação de Stradelli.

Isoladamente, o vocabulo *icica*, assim expresso, quasi appareceu. Foi usado por Gabriel Soares, no Cap. LX, p. 185, quando trata da "*arvore da almecega e de outras arvores de virtude*". A' pag. 209 do 1.º volume, da *Linguagem Medica Popular No Brasil*, Fernando São Paulo refere-se ao assumpto no verbete — *carne-quebrada*. Perdura em varios pontos do paiz, Estado do Rio, São Paulo, Districto Federal, a palavra *cica*, para designar substancia que é adstringente. E tambem na Parahyba como me informou o General Lima Mindello.

As pressões *cajú*, *cajuim*, *cajú mirim* têm como suffixos *i*, *im*, *mirim* que são diminutivos da lingua tupí, correntes em todo o Brasil e totalmente desconhecidas em Portugal. Ouvei no Reconeavo bahiano o diminutivo tupí assim applicado: *papaim*, isto é, *papaezinho*.

O verbete *cajuassú*, ao contrario, indica o augmentativo *assú* tambem usado em todo o paiz, como *guassú* e *ussú*. O verbete *cajú do campo coberto* designa planta que nasce em uma determinada condição geographica — *o campo coberto* — equivale, como expressão botanica, a vocabulos outros como *caatinga*, *restinga*, *taboleiro* e tantos mais.

O *cajú bravo* e o *cajú manso* são indices do meio social brasileiro; até hoje nós dizemos indio *manso* e indio *bravo*, ou *brabo*, e são vocabulos que representam hostilidade ou domesticção.

Na lista acima não incluimos o vocabulo *acajuiba*, referido por Almeida Pinto, para enjú; deve se tratar de um erro imprensa; o vocabulo deve ser *acajuiba*, o que quer dizer em lingua tupí, *arvore do cajú*, isto é, cajueiro. O *acajú* tupí originou 74 vocabulos, em uso por este Brasil afóra.

O *Diccionario de Brasileirismos da Academia Brasileira*,

embora não completo, pois termina no verbete *medeizes*, apenas registra *cajú*, *cajuaguê*, *cajuada*, *cajú do campo*, *cajú do matto*, *cajueiro*, *cajueiro bravo* e *cajuf*.

O *Novo Dicionario da Lingua Portugueza*, de C. Figueiredo, ed. 1913, inclue *acajú*, *acajuciro*, *cajú*, *cajuada*, *cajuí*, *cajuzeiro*, *castanha*, que define como fructo do cajú, *maturi* e *maturi*. No primeiro caso, 8 verbetes, no segundo 7, na realidade, porem, existem 74. Os dois trabalhos registram pois 12 verbetes, excluidos os tres que ambos citam.

Cajurana quer dizer: parecido com cajú; *rana*, usado constantemente no Brasil, sobretudo nas regiões do norte. Corresponde exactamente ao grego *psudo*, falso ou ao sufixo *oides*.

Quando o brasileiro diz, *camaruna*, *umburana*, *branca rana*, *cajarana*, etc., quer dizer parecido com canna, umbú, branca, cajá, etc.

Tomemos agora o *dendêseiro* descripto por Jacquin, como genero e especie novas, em 1763, com o nome de *Elacis guineensis*. Este vegetal foi trazido da Africa e tem papel saliente na culinaria bahiana. Em 1587 talvez ainda não tivesse sido introduzido na Bahia, pois não se encontra qualquer referencia em Gabriel Soares. A palmeira que representa importante papel economico em alguns Estados do norte, sobretudo no Reconeavo bahiano, originou os seguintes vocabulos já batisando o vegetal e suas variedades, já denominando os productos e subproductos d'elle retirados e as varias fazes da primitiva industria do preparo do *azeite de dendê*: *aguchó*, *azeite de chiaro*, *azeite de dendê*, *bambá*, *bagunço*, *batedeira*, *cafuné*, *casa do dendê*, *catêcê*, *chôchô*, *coco de dendê*, *cortador*, *dendê*, *dendê caioclo*, *dendê das almas*, *dendesal*, *dendêseiro*, *dendêseiros*, *dendê do Pará*, *dendêseiro do Pará*, *dendê mirim*, *dendê papayaio*, *dendê periquito*, *dendê sombra*, *dendê verdadeiro*, *dormir*, *flor de dendê*, *lama*, *oleo de dendê*, *olco de palma*, *pé*, *pisador*, *tetê*.

O *Dicionario de Brasilcismos da Academia Brasileira* apenas registra cinco, e menos ainda C. Figueiredo que ao definir *bambá*, para não fagir á regra, dá uma accepção certa e outra errada, assim o faz: — "*bambá*, m. Bras. do N. —

Sedimento de uma variedade de azeite"; "*bambá* — igual a bamburrio, ao jogo do bilhar". Nesta accepção o brasileiro só pronuncia e escreve *bamba*.

Sente-se immediatamente que quasi todo o vocabulário inventariado é africano: *aguchô*, vocabulo corrente na Bahia, designa um artigo de commercio extrahido da palha residuo do fructo e que serve de isca para acender fogões.

Cutêê vocabulo que coligi na Ilha do Bom Jesus dos Passos — Bahia, em 20 de Janeiro de 1930. Chama-se por esta palavra a espuma que se forma quando se está preparando o azeite de dendê e que é separada para ser concentrada ao fogo.

Dendê do Pará, *dendêzeiro do Pará* são vocabulos dados pelos brasileiros do norte ao depararem no Amazonas com o *Elaeis melanococus* Gaertn., palmeira muito semelhante ao *E. guineensis*, e que é encontrada no Pará produzindo tambem azeite, caracterizando-se, porem, pelo facto de ter o tronco, em grande parte, deitado.

Os brasileiros do Estado do Norte verificaram a differença e dahi o novo nome a acrescentar ao vocabulo *caidê* que o indio já dera ao vegetal. Todos os vocabulos estão abanados. *Chôchô*, ás vezes é escripto com *x*, já foi inventariado por mais de um glossario brasileiro.

Óleo de palma, usado por Alfredo de Andrade, é denominação internacional.

Os vocabulos acima citados provenientes da palmeira africana, *dendêzeiro*, que Renato Mendonça na *A Influencia Africana no portuguez do Brasil*, 1933, provavelmente por equivoco, diz ter sido introduzida no seculo XVI, o que poderá ter ocorrido, e ser muito abundante na região de S. Francisco o que não é verdade, muito mais no entanto no litoral e no Recôncavo bahiano, estão registrados nas seguintes obras:

Azeite de cheira, azeite de dendê, bambá, Macedo Soares
Côco de dendê, — Paulino Nogueira.

Cufunê, — Beaurepaire Rohan.

Dendê, dendêzeiro, — *Diccionario de Brasileirismos*.

Aguchó, banguço, bateadeira, casa do dendê, dendê caboclo, cortador, dendê das almas, dendê mirim, dendê sombra, dendê periquito, dendê verdadeiro, dormir (termo usado na tecnica do preparo do óleo) *flôr de dendê, lama, pé, pisador, telê*, (possível abreviação do *catêê*) por mim registrado no Recenseamento bahiano. Estes vocabulos acham-se perfeitamente definidos no trabalho publicação por A. Azevedo, em 15 de Julho de 1938, na revista *O Campo*, sob o titulo *Da cultura do dendezeiro*.

Óleo de dendê, flôr de azeite, azeite flôr, catêê, xôzô, coqueiro de dendê, no *Dicionario* de Pio Corrêa.

Jacques Rairundo, em 1933, n' *O Etucidario Afro-negro na lingua portugueza*, assinala *dendezal, dendezeiro, dendê de papagaio, vinho de dendê*, e ainda a pronuncia *dendê*, o que nunca ouvi.

Dendê do Pará encontra-se no livro de P. Le Cointe, 1934.

Azeite de palma, já está registrado á pag. 180, no *Dicionario* de Almeida Pinto, em 1873.

Na lista de vocabulos que colligi a respeito das palavras *cajú* e *dendê*, consultei apenas alguns glossarios de nomes vulgares de plantas brasileiras. Deve haver ainda omissões. Alguns dos vocabulos encontram-se abonados em trabalhos feitos ha quasi quatro seculos, como o de Gabriel Soares e publicado ha mais de um seculo. Outros divulgados ha mais de 60 annos, como os de Macedo Soares, Almeida Pinto. Esses vocabulos continuam presentes, em trabalhos mais modernos; apesar disso não foram inventariados pelos nossos lexicos.

Os suscitadores da debatida questão lingua brasileira foram os portuguezes e brasileiros escravizados aos classicos. Os inglezes procuraram sempre prestigiar os vocabulos nascidos nas suas colonias e dominios.

Rudyard Kipling, em 1894, escreveu *The Jungle Book*. Os livros inglezes estão ingados de vocabulos dos seus dominios, como já disse, e por mais que procurasse em autores portuguezes, só encontrei um verso de Macedo Papança, aprovei-

tando um brasileirismo, ao citar o vocabulo *araras* para rimar com *scaras*.

Os brasileirismos já se encontram registrados em Bluteau, e apparecem em maior numero em Moraes, crescem com Aulete e nas successivas edições de Candido de Figueiredo.

A resistencia aos brasileirismos vem de ha muito, como lembra Taunay com o occorrido com o celebre chronista de S. Paulo, Frei Gaspar da Madre de Deus, quando desejou imprimir suas *Memorias* pela *Academia Real de Sciencias de Lisbôa*.

Os originaes, submettidos á apreciação do vice-secretario, foram acceitos, exigindo-se, porem, a eliminação da expressão *bugre* e outros brasileirismos.

Pude comprovar pessoalmente que as inclusões de brasileirismos nos dictionarios portuguezes eram inteiramente arbitrarías escolhendo os dictionaristas de alem mar um, dois ou tres vocabulos, em cada pagina de vocabulario brasileiro. Foi principalmente por isso que depois de tantos annos, apesar dos numerosos trabalhos brasileiros, a respeito, a ultima edição de Candido de Figueiredo inclue menos de 10 mil vocabulos brasileiros.

Posso affirmar com segurança tal cousa, porque combinei com o meu presado e eminente amigo Affonso de Taunay a realisação de um trabalho em collaboraço, a respeito dos brasileirismos, encarregando-me do fichamento dos encontrados na ultima edição de Candido de Figueiredo, o que realizei, e por isso posso dar o numero exacto.

Candido de Figueiredo não registrou a expressão *keroneze*, um dos vocabulos que mais penetraram no Brasil, a ponto de existir uma arvore no Amazonas com tal denominação, estudada pela primeira vez por Barbosa Rodrigues, em 1888, na *Pellosia*, e posteriormente por Kuhlmann e mais recentemente por Ducke, que confirmou a classificação feita por Barbosa Rodrigues sob o nome de *Nectandra glucophora*. A *Lauracea* em questão tem varios nomes: *louronhemuhy*, *louro mamorim*, *páo de gazolina*.

Relativamente ao nome desse combustível existe um facto bastante interessante, merecedor de investigação: no Estado da Bahia, Pernambuco e Sergipe, *kerozene* é chamado de *gaz*, em todas as camadas sociais. *Gaz* é um neologismo inventado por Van Helmont. No entanto, tal modo de denominar o *kerozene*, naquelles Estados, não é peculiar tão somente a estas zonas do Brasil.

Carlos Gagini, na 2.^a edição do *Diccionario de Costarricenseismos*, publicado em 1919, em Costa Rica, diz, á pp. 84, quando trata da palavra *canfin* "petroleo ou gás como é chamado no resto da America Central".

Candido de Figueiredo, quando resolveu, em 1913, acolher o vocabulo, transformou o *k* em *c* e escreveu *cerozene*, dizendo: "nome que alguns chimicos dão ao petroleo". A palavra originou-se nos Estados Unidos e o producto foi, com esta denominação, lançado em todo o continente americano. Nos sertões da Amazonia, ha 60 annos passados, o vocabulo era de largo emprego popular a tal ponto que o povo d'elle se utilisou para baptisar um vegetal. Quando Candido de Figueiredo o assignalou pela primeira vez em tom de quem tivesse realisado uma descoberta, já o vocabulo no Brasil tinha o seu emprego dia a dia mais limitado, em consequencia do desenvolvimento da luz electrica que substituiu em grande parte do territorio nacional o uso do *kerozene* para esse fim. Nas regiões do Brasil onde é ainda empregado em tal mister, não é conhecido por este nome mas pelo de *gaz*, como já assignalei.

Taunay estuda, no capitulo 5.^o, o modo de proceder de Candido de Figueiredo com o Padre Serafim Gomes, quando se apropriou dos subsidios para o vocabulario portuguez que este accumulára e que em consequencia dos acontecimentos occorridos em relação aos jesuitas, após a revolução de 5 de Outubro de 1910, foram parar ás mãos daquelle dictionarista que, sem nada assignalar na 2.^a edição do *Novo Diccionario*, em 1913, publicou todo o material colleccionado pelo Padre J. S. Gomes.

O illustre Afonso de Taunay que, á pag. 70 de seu trabalho, espera ver publicado um grande dictionario da *Lingua luso-brasileira*, refere-se ainda ao Pe. J. S. Gomes, que con-

tinua na revista *Broteria*, a publicar novas achegas ao dictionario de Candido de Figueiredo, entre outras lembrando que *descaptivar*, já registrado em Bluteau, no artigo *liberdade*, sumiu dos dictionarios portuguezes.

Narra como um amigo seu, que não acreditava na deficiencia do dictionario de C. Figueiredo, verificou que este averbava na letra *n*, até a palavra *nazareno*, apenas 50 termos, comprovando a ausencia de mais 34 vocabulos não averbados pelo dictionarista.

Bluteau averbou cerca de 250 brasileirismos, entre os quaes *moleque*, que emigrou do Brasil para Portugal como declara.

Com todas as suas imperfeições, Taunay chama attenção de que Bluteau por vezes estava mais certo do que dictionaristas portuguezes muito mais modernos, como por exemplo Aulete, que, em contraste com a perfeita definição do que significa *mangue* em Raphael Bluteau, inclue o verbete assim definindo: *Mangue* — fructo da mangueita, synonymo de mangueira.

Caldas Aulete criticou desabaladamente todos os dictionaristas que o precederam. Nós podemos, com toda razão, queixar-nos de não possuirmos um bom dictionario.

No capitulo 10^o, Taunay estuda os dois primeiros lexicographos brasileiros — Moraes Silva e Silva Pinto — apparecido 40 annos após o grande lexicographo carioca. Silva Pinto que era goyano publicou um trabalho de valor secundario, que tem, no entanto, especial interesse para o nosso ponto de vista porque sua obra foi intitulada *Diccionario da Língua Brasileira*.

Bluteau chama attenção de que seu trabalho, entre outras predicados, era tambem *brasílico*. Moraes desvanceia-se de ter recolhido milhares de verbetes brasileiros e Silva Pinto vae mais adiante como se viu.

Taunay lembra, com razão, quanto Aulete tinha maior cultura geral que Candido de Figueiredo, pois, emquanto o primeiro definia "golfinho - mamífero da ordem dos cetaceos" o pasmoso Figueiredo, candidamente, muitos annos de-

pois, definiu "golfinho — é um *peixe* da familia dos cetaceos".

Aulete correctamente chamou lacraú (escorpião) de arachnideo; Candido de Figueiredo, de insecto. Quando estuda a *Encyclopedia Portugueza Illustrada*, de Maximo de Lemos, Taunay assignala que a collecta de brasileirismos mostra-se pequena, e informa que ainda no *Lello Universal*, de 26 termos averbados por Taunay e Teschauer, apenas são aproveitados quatro. O boicóte continua.

Diz Camillo Castello Branco, escrevendo ao Snr. Antonio Franco, em carta datada de S. Miguel de Seide, de 7 de Julho de 1857: "Entre nós, ha apenas um lexicographo que deve consultar-se: é o Moraes, na ultima edição", como se vê na *Revista Lusitana*, p. 197, vol. 23.

Camillo, entre outros autores, inclue nesta critica o *Grande Dicionario Portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza*, de Frei Domingos Vieira que, segundo elle, "foi estrugado pela collaboração dos adventicios que eserevem a tanto por columna".

Quando Aulete publicou o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza*, esereveu á pag. IV, do *Prefacio*: "*R. Bluteau addita, entre outras inopcias*", e mais adiante: "*Isto não é ignorancia nem immoralidade, é demencia*". Isto a proposito de certas definições de Bluteau, acrescentando ainda "*os dictionarios portuguezes geralmente adoptados no uso e no ensino são machinalmente copiados uns dos outros, tomando para base o Vocabulario Portuguez, do Padre Rophuel Bluteau que tem proximo de dois seculos de existencia*".

No entanto, quem assim criticava, procurava desconhecer o vocabulo *brasileiro*, o qual ainda não apparecia na edição de Santos Valente, do anno de 1911.

Camillo morreu em 1890; 21 annos depois, o dicionario de Caldas Aulete fingia não conhecer sequer o nome *brasileiro*, um dos typos creados pelo immortal mestre do idioma, como foi Camillo, que o retrata no *Euzebio Macario*, que o emprega na *Brasileira de Pruzins*, e no *Os Brillhantes do brasileiro*; vocabulo que appareceu officializado quando nós fizemos a Independencia em 1822; mas com a coragem que certos lexico-

graphos lusitanos possuem, baptizaram de *Contemporaneo* o dictionario que com mais propriedade devia ser chamado de Santos Valente, que é bem planejado, porem pauperrimo e que recebeu collaboração multipla e varia, tendo para isso sido convidado Silva Ramos quando moço, e que se recusou por não se considerar com sufficiente autoridade naquella epoca.

Affirmações corajosas nunca faltaram. Em 1596, Diogo Bernardes escrevia:

"Ditosa lingua nossa, que estendendo
Vás já teu nome tanto, que seguro
Inveja a toda outra irás fazendo".

A estrophe foi repetida em 1793, á pag. III do *Diccionario da lingua portugueza*.

Em 1803, Soares Barbosa orgulhava-se da riqueza vocabular do idioma que possuia quarenta mil palavras, segundo seu calculo.

Affonso de Taunay computa, e disto estou convencido, que no Brasil empregamos cem mil vocabulos desconhecidos em Portugal, ou porque deixaram de existir no falar portuguez ou porque surgiram no Brasil.

O *Diccionario* de Webster inclue mais de meio milhão de palavras inglezas dos paizes desta lingua, de vida independente ou não.

Em toda a litteratura ingleza moderna é frequente encontrarem-se as expressões das colonias e dominios, o que deu á Inglaterra a inecontestavel supremacia do idioma.

No Brasil. uós proeurámos mobilizar todo o vocabulario da lingua dos nossos antepassados. Coelho Netto e Ruy Barbosa são disso exemplo. Em Portugal, porem, vê-se o systematico desprezo por parte dos seus escriptores, dos termos brasileiros. Tal pratica apenas serviu para augmentar a differenciação que se faz entre o falar dos dois povos.

Pode-se ver então num paiz novo, como é o Brasil, um facto inteiramente anomalo, qual o de individuos conhecedores perfectos dos classicos, realizarem periodos em estylo lin-

guístico representando construcções de varias epochas, separadas ás vezes por seculos, o que constitue de facto um estylo mosaico que não é de nenhum tempo.

Certa vez, um amigo, sabedor das coisas classicas da lingua, dizia no Rio de Janeiro, no anno corrente, em uma reunião, que "Fulana tinha *parido*". Alguem lhe chamou atenção extranhando o emprego do vocabulo que, para a gente culta do sul, é chocante e sómente empregado referindo-se aos animais. O amigo respondeu friamente: "Está certo, Vieira o empregou, referindo-se á propria Virgem Maria".

Coisa aliás bem sabida e vulgar naquelle tempo, pois José de Anchieta em carta de S. Vicente escrita em 1563, diz, relatando uma conversa com um chefe indigena: "mostrou grande espanto e contentamento de Nossa Senhora parir e ficar virgem". Para nós esta lidima expressão classica foi relegada para os dominios da zootecnia.

Sómente poucos philologos têm havido no Brasil. A lingua é estudada atravez do que escreveram os considerandos classicos. A celebre *Replica* de Ruy, bem analysada, é uma contribuição de advocacia philologica, se assim me posso exprimir. Defendia ou atacava, citando os exemplos tirados dos autores. Carneiro Ribeiro usou do mesmo processo, que é aliás o usual entre nós. Respondendo a Ruy, não desmereceu de ter sido o mestre de tão grande homem; mesmo no terreno da cortezia, Carneiro Ribeiro não parecia um gramatico discutindo, continuou um mestre dissertando.

Procurei, sem conhecimentos philologicos, documentar-me á maneira dos que até hoje têm discutido o assumpto aqui e em Portugal. Lembrei-me de dar um argumento a favor dos que pensam que nós podemos chamar de lingua brasileira, caso a isso sejamos forçados, comparando com o que occorreu na Dinamarca e na Noruega.

Quando visitei a Escandinavia, pude comprovar a extrema semelhança dos idiomas, dinamarquez e norueguez. Estou convencido de que é muitissimo maior do que a existente entre o portuguez que se fala no Brasil e em Portugal. Li o

que pude encontrar a respeito, o que veio reforçar o meu modo de pensar.

O brasileiro herdou do portuguez a receptividade pelo maravilhoso, e nesse particular, confesso, ainda augmentou.

Quando em 1793, a *Academia de Lisboa* quiz demonstrar que a lingua latina era vulgarizada em Portugal, não trepidou em recorrer ao depoimento de Francisco de Monção, como testemunha de vista dos seguintes factos que a *Academia* sancionou, registrando-os á pag. XXIII do *Diccionario de Academia*.

"E he tão natural a Lingua Latua nos Portugueses, que dous meninos de 3 annos fallavão latim perfeitamente diante del Rei D. João III -- E huma menina irmã dos mesmos meninos, que não tinha oito mezes, se lhe fallava latim, o entendia, e respondia alguma palavra latina a proposito. O que certifica o dito Francisco Monção como testemunha de vista" Conta ainda outro caso semelhante occorrido em Evora, de uma criança de 2 annos falando bem portuguez e latim. Eis a philologia em 1793, em Portuga!.

Passou-se o mesmo no Brasil. Couto de Magalhães inventou que os nossos indios chamavam o Brasil de *Pindorama* — Terra das palmeiras. Pura phantasia. O nosso autochthone nunca teve noção do que era o conjuncto brasileiro. O grande escriptor Xavier Marques fez um livro com este titulo, concorrendo a um premio. Alcançou-o, escreveu, porém, o seu unico livro mediocre.

José de Alencar fantasiou um caboclo que nunca existiu em qualquer das nossas tribus. — Estylisou um indio, e chamou-o de Pery. Commove-me e o admirei quando era menino. Lembro-me d'elle com saudade e até hoje trago na retina o quadro de Horacio Hora, Pery salvando Cecy, que nunca mais quiz rever temendo que o encanto se desfizesse e, talvez por isso, é com grande convicção que sustento, até hoje, que é uma obra prima.

Continuamos cheios de supersticioso respeito a repetir: os philologos portuguezes, os philologos brasileiros... assim o numero crescerá; é aconselhavel, porém, não nos determos

para contar quantos na verdade existem e existiram. Incontestavelmente houve e ha quem estude a fundo philologia lá e cá. Em Portugal mais do que no Brasil é justo reconhecermos. O numero exacto, ignoro, não deve ser, porem, enorme.

Em 1923, Miguel Osorio de Almeida, sob o titulo *A Sciencia e a Lingua Portuguesa*, publica na *Revista do Brasil*, ás pp. 145-152, excellentes artigos, onde mostra que a verdade era muito differente da apologia que fizera em 1596 Diogo Bernardes.

Em versos muito mais formosos, Bilac exprimiu a realidade quando, no celebre soneto *Lingua Portuguesa*, assim cantou:

*"Ultima flôr do Lacio, inculta e bella,
Es, a um tempo, esplendor e sepultura".*

Concordamos com Miguel Osorio, quando assevera: "*Os trabalhos escriptos em portuguez têm até hoje tido o destino de se conservarem quasi totalmente ignorados.*"

É acrescenta uma ideia nova, mas profundamente verdadeira: "*Em rigor, poder-se-ia dizer, pois, ter sido o pensamento portuguez e brasileiro o tumulo da lingua portugueza... para erguer esta é preciso primeiro crear, ou si quizermos ser menos rigorosos, fazer nascer aquelle.*"

A *Academia Brasileira de Letras* começou o seu *Diccionario de Brasilirismos* e ficou no principio da letra M.

Todos os pronomes mal collocados e outros erros são fartamente documentados atravez de autores classicos portuguezes. O falar da nossa gente mostra este modo de dizer. A isto os grammaticos de lá e de cá chamam de *brasileirismos*. Admittamos que assim seja; como, porem, quer a *Academia Brasileira* e varios autores não denominar de *brasileirismos* vocabulos que entre nós são correntios e que de lá desapareceram. Qual é o criterio?

Coz antigamente tinha o plural *cozes*. No Brasil ainda se usa em alguns logares, e Monteiro Lobato o emprega nos *Uru-*

pés. O modo de dizer popular *cidadões* era também empregado antigamente, como se vê por uma citação do eminente Souza da Silveira dos *Dialogos de Amador Arrais*.

Jorge Guimarães Daupias, á pag. 7, do seu trabalho publicado em Lisboa, em 1929 *O dictionario da Academia Brasileira*, assim se exprime, a proposito de brasileirismos e dictionarios: "Para o Brasil representa esse sentimento a reacção, quasi inconsciente, contra as forças dissolventes da lingua, que actuam na grande republica e que, tendentes a dialectizar e fragmentar o idioma, viriam a fazer perigar a unidade nacional". Por que ?

Critica o titulo *Diccionario Brasileiro da lingua portugueza*, dizendo que "já aqui se descortina a tendencia, em alguns chega a ser obsessão, de que os brasileiros devem fazer obra á parte dos portuguezes".

Estuda a eterna questão do que vem a ser brasileirismo, dizendo que nem os proprios brasileiros estão de accordo; para elle, brasileirismo é, como define Candido de Figueiredo: "expressão propria de brasileiros". "Se se trata de palavras que designam objetos, ser ou coisa que só no Brasil existe, brasileirismo, a nosso ver, não será, pertencendo o termo á lingua portugueza, da mesma forma que as palavras que designam coisas, seres ou objectos existentes só em Angola, Argelia, Marrocos, Japão, India, China, etc. Brasileirismo será se, tendo já o objecto nome em portuguez, succeda darem-lhe outro os brasileiros. Fica, pois, consideravelmente reduzido o campo de brasileirismos e limitado aos modos de dizer que não teem abonação no vernaculo antigo ou moderno. Será, portanto, a linguagem familiar, para não dizer já o calão".

Affirma que é inadequado o titulo de *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguesa* adoptado pela *Academia Brasileira de Letras*, tão improprio como se no Minho se quizesse fazer um *Diccionario Minhoto da lingua portugueza*.

No subconsciente a gente exita de Portugal pensa que o Brasil ainda é uma provincia lusitana ou uma colonia disfarçada.

Daupias, que viveu entre nós muitos annos, quem melhor conhece, em Portugal, a nossa fala a cujo estudo se con-

sagrou, critica o enthusiasmo dos brasileiros em relação ao dicionarista Moraes por julgarmos um compatriota nosso, embora, diz elle, "Moraes se tivesse tido a si na conta de bom portuguez" e citando João Ribeiro: "encolerizado contra a independência, como "eorcunda" refractario e irreductivel, nas guerras de separação".

E quer demonstrar que o carioca Moraes Silva deve ser portuguez, argumentando com Seneca que apesar de ter nascido na Hespanha, não é considerado pelos actuaes habitantes como seu compatriota!

Assignala que a *Academia* espera fazer um dicionario com 200 mil vocabulos e lembra que devem ser metodicamente estudados os cronistas como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Albuquerque e outros, "que constituem riquissima mina de termos, por assim dizer ainda inexplorada scientificamente". Eis um depoimento sobre o que sempre affirmei: a lingua portugueza não foi siquer ainda convenientemente inventariada lá e muito menos aqui.

Daupias, que contesta o titulo de brasileiro a Moraes, porque nasceu quando o Brasil era colonia, chama a allemã Carolina Michaelis de portugueza. Varias vezes atacou João Ribeiro porque, sente-se, ousava discordar dos portuguezes, elevando aos pinacros, no entanto, o provector Sr. Mario Barreto que "se considera modestamente discipulo dos sabios portuguezes e se separa francamente dos que, por interesse ou de boa fé, gravitam em torno do Sr. Laudelino Freire, no que respeita á questão orthographica".

Relembra os primeiros trabalhos relativos á orthographia de Jorge José Paranhos da Silva, que publicou no Rio de Janeiro varios folhetos, em 1879 e 1880, dizendo Daupias que o autor proclamava uma reforma orthographica para attender á pronuncia brasileira dos vocabulos portuguezes.

Reporta-se á *Orthographia Positiva* de Miguel Lemos, publicada em 1888, e occupa-se da reforma Medeiros Albuquerque, em 1907, e as modificações soffridas em 1911, mostrando que no Brasil, no espaço de 20 annos, houve o triste espectáculo de se mudar 4 vezes o seu systema orthographico.

No entanto, lembra Gonçalves Vianna quando protestou

com o que tem apparecido no Brasil com o "*intuito de collocar o portuguez de Portugal na dependencia do portuguez do Brasil*", coisa que o brasileiro nunca pretendeu ou pretenderá.

No anno da graça de 1939, essa gente quer ter apenas o direito de falar e escrever como entende, procurando approximar-se, o quanto possivel, do falar do seu povo, sem dar mais satisfação a ninguem sobretudo aos que sabem muito da França e de Paris mas que cultivam o desconhecimento a respeito da maior obra portugueza: o Brasil.

Não ha como deter a evolução. Cada gramatica que se edita no Brasil cada vez mais incorpora fatos do nosso falar. Assim tambem ocorre com os lexicos. As reformas orthographicas poderão multiplicar-se. A simplificação acabará sendo por todos aceita, mas a pronuncia que prevalecerá entre nós será a brasileira, que acabará se impondo ao systema orthographico que usaremos simplificado com o minimo de signaes diaeriticos a reproduzir o falar brasileiro, que jamais assimilará *quere, requere, pregunte* e tantos outros modos de dizer que até desagrada ouvir.

II

Da influencia do Tupi-Guarani no falar Brasileiro

Comentarios e Informaçõs

Da influencia do tupi na antroponimia brasileira

J. Huxley, Secretario da Sociedade Zoologica de Londres, escreveu, em 1936, interessante artigo intitulado *The Size of Living Things*, onde informa que o maior ser existente, a gigantesca *Sequoia* da California, attinge a mil toneladas de peso. O maior animal, a baleia, pode exceder com toneladas; nem os maiores fosseis, os *Dinosaurios*, alcançaram a metade. A ingenuidade humana, porém, ultrapassa de muito as dimensões das coisas que vivem.

Certa vez, ha mais de vinte annos, o mundo scientifico foi alertado, pela noticia da existencia, nas paragens da Patagonia, de enormes pegadas, recentes, de portentoso animal que seria um sobrevivente dos monstruosos representantes de uma fauna de ha muito desaparecida.

As informações multiplicavam-se; caçadores e exploradores garantiam a veracidade dos vestigios e dos rastros frescos deixados por um ser de monstruoso tamanho. Os centros scientificos não acreditavam nas informações, que só faziam avolumar-se. Um jornal inglez, porém, decidiu custear uma expedição de scientificos, os quaes embora não dessem credito á lenda que surgira, partiram para a Patagonia, campo pouco explorado scientificamente.

A imprensa argentina começou a noticiar os trabalhos da comissão inglesa, e os mysterios da Patagonia. Nomes estranhos foram surgindo e alguns, tanto foram repetidos, nas columnas dos jornaes, como *Dinosaurio*, *Plesiosaurio*, a proposito dos enormes seres que existiram e de que o animal gigantesco da Patagonia poderia ser um representante, que as denominações se vulgarisaram, acarretando comicas consequencias.

Um jornal portenho, creio que *La Nacion*, em topico cheio de humor, escreveu que a commissão ingleza nada descobrira, no entanto estavam nascendo *Dinosaurios* e *Plesiosaurios* na Argentina, isto porque o Gea do paiz irmão gertara dos nomes e já tinham sido registrados alguns pimpolhos com aquellas denominações.

Os indios davam tanta importancia á acquisição de um nome que, conta o notavel chronista portuguez Gabriel Soares, o tupinambá fazia um prisioneiro e, ás vezes, o poupava para trazel-o para a sua aldeia onde ficava cevando, á espera que o filho crescesse, até poder matar o prisioneiro que, neste caso, tinha as mãos amarradas. Então, diz o chronista, o filho tomava novo nome e "*ficava armado cavalheiro e de todos muito estimado*".

Cada novo nome que o indio tomava, assignalava-o no corpo com uma incisão; as cicatrizes davam idéa do numero de nomes que o indio tinha conquistado, isto é, quantas mortes fizera e condecorações grangeara.

E a obsessão era de tal ordem que, se não havia prisioneiro a churrasquear, o indio invadia os cemiterios das tribus inimigas, exhumava esqueletos, arreventava a caveira e, com isto, adquiria o direito de possuir novo nome e mais uma condecoração, isto é, outra cicatriz.

Dahi proceda, talvez, o excessivo amor que temos ás commendas e erachás. A velha Constituição de 91 aboliu taes coisas. Quando fizemos a nova transformação, e creamos logo a condecoração de cujo gozo estavamos prohibidos, havia quasi meio seculo o logo a Nação entrou a progredir muito, e o prestigio internacional cresceu immenso e a prosperidade sobreveiu.

Com todos os caldeamentos e vernizes, o indio continua: a complicada antroponomia brasileira é disso uma demonstração. O amor ás condecorações, outra, e aquelle trecho que mais adiante transcreveremos a proposito do *Cunhambira* é, *mutatis mutandis*, o panorama da vida nacional, na maior das suas actividades, a politica.

Certa vez, na *Antroponímia Portuguesa*, Leite de Vasconcellos criticou, com justa razão, após uma informação que Agostinho de Campos lhe dera, a antroponímia brasileira. Desta forma se exprime Agostinho de Campos: "E' assim que numa só columna do "Jornal do Commercio" nos foi dado saborear ha tempos um variegado ajuntamento de *Gracos, Demetrios, Enéas, Demosthenes, Hercules, Themistocles*; de *Hermes, Cyros, Nilos, Jonathas, Tobias, Noés*; de *Attilios, Alcíndos, Altinos e Octacilios*." Acrescentando Leite de Vasconcellos: "Pode ler-se grande numero de nomes analogos nos *Apontamentos genealogicos* de D. Francisco da Cunha, publicado no Rio em 1926" citando então como estranhos os seguintes: *Mirtes, Parizina, Nair, Iracy, Cynira*, etc. De alguns até nem se vê ao repente, se são masculinos, se femininos."

Concordo, em parte, com os illustres portuguezes. Fica, porém, evidenciado de que até neste sector a differenciação da linguagem dos dois paizes é um facto.

O eminente philologo portuguez assignalou, á pag. 588 daquelle trabalho, a entrada em Portugal do nome *Iracema*, fazendo os seguintes commentarios: "Ás vezes a moda veio reflectir-se indirectamente entre nós: um individuo do Minho que estivera no Brasil impoz no baptismo a uma afilhada o nome de *Iracema*." Leite de Vasconcellos porém, não regista o nome indigena no indice que acompanha a obra, de tal forma os eruditos portuguezes impermeabilizam a linguagem de Portugal contra a penetração brasileira, aliás inutilmente.

Neste mesmo local o philologo lusitano recorda novamente "a excentricidade brasileira na escolha dos nomes proprios", indicando o capitulo que tratou do assumpto.

Tambem commentou alguns hypocoristicos, entre estes *Mandú* que procurou corrigir para *Manduca*. Sempre a presumpção de autores lusitanos de julgarem poder resolver coisas nossas á distancia, ou atravez de informações deficientes, se não erradas.

O espanto de Leite de Vasconcellos subiria ao mais alto ponto, se, porventura, consultasse, como fizemos, entre ou-

tros trabalhos, o *Almanack do Ministerio da Guerra*, onde verificaria que, na formação da antroponímia brasileira surgem nomes, ás vezes muito extravagantes e que denotam influencia de leitura e da admiração que certos personagens da historia, da ficção, e de relevo internacional, suscitaram entre gente nossa.

Tenho impressão que isto ocorre entre todos os povos acho, porem, que nenhum usa deste direito na escala com que nós o fazemos. Nos Estados Unidos, em geral, os nomes de grandes personalidades historicas como Washington, Lincoln, etc., ou nomes muito compridos, são usados pelas pessoas de côr.

Notei, quando vivi na Argentina, certa prevenção contra os extensos nomes brasileiros e ainda me recordo de um conhecido, que colleccionava cartões nossos de longos nomes, habito este que nos veio da monarchia e que, embora já caído em desuso, ainda é bastante commum.

Supponho que assim tresealamos fidalguia e nobreza, é possível, mas os povos do mesmo continente pensam de outro modo.

Na longa serie de nomes tupis colligidos, pude verificar um facto: existe uma reerudescencia neste sentido. Interpretado como uma expressão nativista e tambem, como já uma vez manifestei, um processo de despistamento quanto á origem racial, procurando-se, por intermedio do nome, mostrar que a afinidade do portador é maior com os indios do que com a gente africana.

A importancia que os brasileiros ligam a tal assumpto talvez se prenda ás forças ancestraes, e, no fundo, seja ainda o delirio onomastico que o indio possuía, que continua presente.

A caboclada, que em tão alto grau entrou na nossa formação, não legou tão sómente caracteres somaticos; muito da mentalidade nos foi transmitida. A antropophagia, ritual ou não que possuíam, ficou na expressão canibalesca que a politica brasileira sempre apresentou. Via de regra, as mães indias participavam do banquete onde se devorava o filho

que haviam gelado com o indio captivo. Conta Gabriel Soares: "E se esta moça emprenha do que está preso, como acontece muitas vezes, como pare, eria a criança até a idade que se pode comer, que a offerrece para isso ao parente mais chegado, que 'h'o agradece muito, o qual lhe quebra a cabeça em terreiro com as cerimoniaes que se adiante seguem, onde toma o nome; e como a eriança é morta, a eorem assada com grande festa, e a mãe é a primeira que come desta carne, o que tem por grande honra, pelo que de maravilha escapa nenhuma criança que nasce destes ajuntamentos, que não matem; e a mãe que não come seu proprio filbo, a que estes indies chamam *cunhambira*, que quer dizer filho do contrario, tem-na em ruim conta, e em peor se o não entregam seus irmãos, ou parentes com muita satisfação".

Nossa piedade christã não permite que devoremos o politico sacrificado moqueando-o de facto. Transformamos, porém, o ceremonial. O moquem continua; chama-se churrasco. O sacrificio do *cunhambira* verifica-se; elle, porém, não é churrasqueado, é substituido por um teruero. Todos os amigos, parentes e affins devoram um pedaço do churrasco realzado entre grandes festas. Com o tempo houve apenas pequenas alterações; na politica brasileira a creatura é quem mata e proprio creador mas não churrasqueia a victima. Já progredimos. Temos repugnancia de comer o semelhante mesmo quando se trata de um *pirarucú*; moqueamos e devoramos uma vez em substituição ao politico sacrificado. A criatura que assim não procede é tida "em ruim conta, e em peor, se o não entregam seus irmãos, ou parentes com muita satisfação".

Não podemos corrigir isto, tão cedo; faz parte da nossa psiche. Herdamos tuas virtudes do indio e já estilizamos o ceremonial, tirando o que havia de brutal e de culinariamente grosseiro. O churrasco é um moquem estilizado; o indio era mau cozinheiro; não usava o sal e defumava tudo. O churrasco é mais civilizado e muito mais adubado, e confessemos que o caum do indigena, usado na festança, nem de longe se poderá comparar ao *chopp* gelado que acompanha o churrasco.

A questão do nome entre os índios era de capital importância. Para nós, brasileiros, o assumpto é do maior relevo também. Nas pesquisas feitas sobre os nomes formados no Brasil, só encontrei dois de origem africana, *Marimbondo* e *Dendê*. As vozes africanas são numerosas no vocabulário brasileiro; originam expressões familiares cheias de meiguice e appellidos que nos são caros: *Yoyô*, *Yayá*, *Sinhá*, *Ncnem*, porém não passaram do círculo íntimo do domicílio.

Alguns nomes procedem do appellido que, á força de se repetir, obrigou o individuo a assimilal-o. Isto occorre por exemplo, pelo que sei, com o nome *Cotias*, pois assim se chamava um professor de Physica da Faculdade de Medicina da Bahia, já fallecido ha bastante tempo, e que certa vez nos explicou a origem do seu nome. Seu avô era um homem ruivo, como elle, e por isso o appellidaram de cotia. Não podendo livrar-se da alcunha, um dos seus descendentes delibrou passar a chamar-se deste modo, fixando o nome.

A lista onomastica que organizamos, basea-se sobretudo nos nomes encontrados no *Almanack do Ministerio da Guerra*, annos de 1918 e 1936, nas listas telephonicas de 1937, do Distrito Federal, São Paulo e Bahia, em actos officiaes e na relação de eleitores de S. Paulo, conforme verificação de Plinio Ayrosa que me enviou varios nomes não citados por mim no trabalho que publiquei em 1 de maio de 1938 no *Jornal do Comercio*; são nomes em uso, correntes, portanto.

Em alguns casos encontram-se reunidos, na mesma pessoa, nomes e sobrenomes tupis, como por exemplo, *Jacy Iguatemy*, *Jaty Jussára*, *Taygoara Ubirajara*, *Itahy Pirajá*, *Araripe Sucupira*, *Cansação de Sinimbu*, *Embírussú Camacan*.

Algunas denominações procedem de titulos nobiliarchicos concedidos pela Monarchia e que, muitas vezes, se referem a qualquer toponymio, ao lugar de nascimento do agraciado ou do municipio em que viveu ou da propriedade que possuia. Nestes casos encontram-se *Capanema*, *Carapobás*, *Ib-rocahy*, *Paranaguá*, *Teffé*, nome este bastante alterado. O nome *Teffé* não é tupi porem alteração de um nome desta lingua feita por La Condamine. Nos *Nomina locorum* já Mar-

tius denuncia a uiteração quando escreve: "*Teffé* (Alto Amazonas, Rio, Lagoa) — *corruptum e tapy* fundo.

Em carta de Marcos Antonio de Azevedo Coutinho ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, em 16 de maio de 1749, lê-se: "Sete destas Aldeas estão da parte do Sul, ou sobre o mesmo rio dos Solimões ou sobre grandes lagos pela terra dentro; os nomes delas pela sua ordem são: *Santa Ana do Cuaró*; *Santa Teresa do Tapé*, que Condamine chama *Tefé*" cf. Rodolpho Garcia — *Documentos Sobre O Tratado de 1750, Anais da Biblioteca Nacional*, vol. LII, pp. 19-20 — Rio, 1938.

Os nomes femininos não são raros, assim encontramos: *Açocê*, *Aracê*, *Aracy*, *Aracira*, *Bartira*, *Botira*, *Cecy*, *Cecem*, *Circema*, *Coema*, *Corema*, *Graciema*, *Inuá*, *Iracy*, *Iracema*, *Irany*, *Irecê*, *Jacy*, *Jacira*, *Jandara*, *Jandaira*, *Jandira*, *Juacema*, *Jupyra*, *Juracy*, *Jurema*, *Juriti*, *Jussara*, *Moema*, *Yara*, *Yaraky*, *Yaraná*, *Yaranesia*.

Alguns são usados indiferentemente como nomes femininos e masculinos: *Aracy*, *Jacy*, *Juracy*, *Iracy*. Nem sempre a tradução do nome está de accordo com o significado tradicional, assim *Iracema* "*labios de mel*", ap. Alencar, segundo Th. Sampaio é "*saida das abelhas, o enxame*", concedendo que se poderia traduzir pela *sahida ou fluxo de mel*, a meliflua.

O grammatico Maximino Maciel procurou sustentar, sem exito porem, que *Iracema* é um anagrama de *America*. Muitos nomes da lista são artificiaes; outros accomodados á linguagem brasileira. Daquelles alguns ha muito mal formados. Outros, como *Goyano*, que deriva de Goyaz, talvez não seja tupi, como tambem *Cincorá*.

Plinio Ayrosa lembrou-me, em carta, que o nome feminino *Ocirema* que muitos supõem de origem tupi é o nome *America lido de traz para diante*.

Alguns procedem dos nomes que têm os representantes da fauna como *Aquan*, *Araponga*, *Cabussú*, *Cangussú*, *Canindé*, *Caramurú*, *Carauna*, *Cotia*, *Guariba*, *Irabussú*, *Irapuan*,

Iratim, Jacaré, Japiassú, Jaty, Macuco, Maracujá, Paca, Patury, Petitinga, Piragibe, Poty, Sinimbú, Tanajura, etc.

A maioria porém se compõe de nomes de plantas e seus derivados: *Baranu, Bartyra, Bocayuva, Cajazeira, Cansansão, Carnauba, Crissiuma, Gitaky, Ibá, Imbuzeiro, Indayá, Ipê, Jacarandá, Jutaky, Jatobá, Jurema, Jussára, Jutaky, Manducarú, Mangabeira, Muricy, Nicory, Oiticica, Peroba, Pery, Periassú, Pitanga, Pitangueira, Sapucaia, Sarandy, Sucupira, Tapioca, Umbuzeiro.*

Outros de toponymos ou seus derivados: *Alanbary, Araguayava, Aragarina, Araripe, Carioba, Cearense, Cuyabano, Goyano, Guanabara, Guanabarino, Icaraky, Iguassú, Iguatemy, Ipanema, Ipiranga, Itabaiana, Itajaky, Itapicurú, Itaqu, Jacobina, Jaguaribe, Paraguassá, Parahyba, Paranaguá, Pernambuco, Pirassungua, Sobragy, Tapajós, Tictê, Tocantins, Tuyuty, Ubatuba, Uruguay.*

Alguns nomes proprios derivam de denominações de nações gentias: *Guarany, Guarany's, Guaicurús, Parintins, Percis, Potyguara, Tabajaras, Tamoyo, Tupynambá, Tupy, Tymbira.*

Os nomes embora procedam do tupi são pronunciados á brasileira. Alguns possuem desinencia portugueza: *Cajazeira, Guanabarino, Mangabeira, Pitangueira, Umbuzeiro.* Varios são os do campo astronomico *Coaracy, Guaracy* — sol; *Jacy* e seus derivados — lua; *Aracy* — aurora; *Tupan* "nombre que applicaron a Dios" na feliz definição de Montoya. Varios nomes são fabricados a exemplo do que se fez para os toponymos como occorreu com *Ipameri*, em Goyaz, creado por Th. Sampaio. Alguns toponymos têm aspecto gentio mas são artificiaes como passo a referir.

Em São Paulo, na região conhecida por Noroeste, existe uma localidade denominada *Lusanvira* e que muita gente suppõe de origem indigena porque, quando ella surgiu, correu tambem a traducção do nome, como sendo proveniente da lingua dos indios coroados, então senhores daquellas zonas.

Dizia-se que *Lusanvira* significava *capoeira rala*, e assim ficou conhecida de muita gente, até que certa vez alguem con

tu a historia daquelle nome, com toda apparencia de expressão indígena.

Quando o eminente brasileiro Sampaio Corrêa dirigiu os trabalhos de construcção da Estrada de Ferro Noroeste, ao terminar os serviços, quiz homenagear um grupo de seus auxiliares, a começar pelo engenheiro chefe Ludgero Dolabella, que em companhia de Sanson de David, Victorino Avilla, Pereira Travassos, deram cabal desempenho aos trabalhos ferroviarios de que se achavam encarregados. E assim o eminente engenheiro patricio retirou uma syllaba de cada nome; de Ludgero separou *Lu*, de Sanson de David, *san*, de Victorino Avilla, *vi*, e de Travassos, *ra*. Ficou assim erado o nome *Lusanna*, bem euphonico e transpirando origem cabocla. A actual graphia com dois *ss* já é uma alteração.

Devo a Plinio Ayres a communicação de que no Acre crearam pelo mesmo processo o toponimo *Balpebra*, originado das primeiras silabas de Bolivia, Perú e Brasil e que muitos pensam ser corruptela do nome tupi *Boipeba*.

A lista abaixo, de nomes e pronomes tupis, demonstra expressivamente a influencia que, entre nós, exerce a lingua de um dos elementos formadores do nosso povo e o prestigio que o idioma dos caboclos possui entre nossa gente. Evidentemente não está completa; conseguimos reunir 355 nomes proprios daquelle origem. A letra *C* é a que maior numero apresenta. Não figuram sete letras: *ã*, *f*, *k*, *l*, *r*, *v* e *z*.

A — *Abaeté*, *Abatiglara*, *Acauaba*, *Acary*, *Acatauassu*, *Acauan*, *Acir*, *Açocê*, *Aimberê*, *Aimoré*, *Aiporê*, *Ajuricaba*, *Ajrim*, *Alanbary*, *Amanajós*, *Ambirê*, *Amoacy*, *Amoacyr*, *Anacê*, *Anagê*, *Anequim*, *Ankanguera*, *Apodi*, *Aracan*, *Aracaty*, *Aracê*, *Arací*, *Aracira*, *Araguarino*, *Araguayra*, *Araken*, *Arandy*, *Arapiti*, *Arapongc*, *Arapoti*, *Araquá*, *Araré*, *Ararigboia*, *Araripe*, *Arari*, *Aratangi*, *Arizé*, *Arupema*, *Assú*, *Avari*.

Inclui *Anequim*, vocabulo portuguez originado do francez *requin*, porque a palavra talvez seja de origem tupi, introduzida no idioma francez em 1539 pelos navegantes irmãos Parmentier. Depois Jean de Lery usou do termo *requions*

para designar também certos tubarões. Sobre o assunto o Dr. Padberg-Drenkpol publicou, em Junho de 1936, na revista *Excelsior* na serie de artigos que intitulou — *Cavacos de Portuguez E Tupi*, o de n. XXI, pp. 460-463, em que trata eruditamente da questão, aceitando, como diz, a conjectura de Barbier aparecida, não ha muito tempo, na *Revue de Langues Romanes*.

Quando pela primeira vez me ocupei do assunto, em artigo do *Jornal do Comercio*, de 1 de maio de 1938, incluí o nome *Ary* como de origem tupi. Constava de uma contribuição de Nelson Senna saída na *Ilustração Brasileira* em 1936, na qual este investigador supunha proceder o nome *Ary* de *Airy* que, por sua vez, se originaria de *Iry*, nome de uma palmeira. Adauto Fernandes em 1924 á pag. 59 da *Grammatica Tupi* assim também pensa.

Um amigo meu, Dr. Ernani de Rezende, chamou-me a atenção de que o nome é de ha muito usado na Europa, citando o exemplo de Ary Scheffer, pintor francez, nascido em 1785.

Já na *Ilustração Brasileira*, em maio de 1935, Nelson Senna publicára um artigo sobre nomes femininos indigenas, sendo assim o iniciador destas pesquisas antroponomica *Nomes Proprios Indigenas Brasileiros*, intitula-se o artigo.

Os dois trabalhos foram reunidos pelo autor sob o titulo *Traços de etnologia brasileira sobre a onomastica indigena* e publicado em *Alguns Estudos Brasileiros* (1ª serie), Belo Horizonte, 1937.

A interessante contribuição, a primeira no genero, dá a significação dos nomes arrolados, muitos apenas de interesse historico. *Ipomea* que o illustre investigador acredita ser de origem tupi significando "a flôr que brota do lago", foi erada por Lineu em 1735, para um genero de Convolvulacea formado por duas denominações gregas.

G. Nicholson no vol. II, pag. 191 do seu *Illustrated Dictionary of Gardening A Practical And Scientific Encyclopedia Of Horticulture For Gardening And Botanists*, assim define a palavra: "*Ipomoea* (from *Ips*, Bindweed, em

omios, similar, because of the close resemblance of the genus to *Convolvulus*").

Entre os 70 nomes femininos que registra, o autor diz que *Jurema* significa a adormecedora, para "Th. Sampaio & o "espinhoiro succulento".

B — *Bacaiá, Barauna, Bartira, Batuira, Biriba, Botira, Bocaiuva, Buquira, Buriti.*

C — *Caboclo, Cadoré, Cabussú, Caçapava, Caeté, Czirú, Caiubi, Cajabi, Cajati, Cajatahy, Cajazeira, Cajubi, Calumbi, Camacan, Camamu, Camará, Camboin, Caminhoá, Camorim, Camucê, Cangussú, Canindé, Canindé, Cansação, Capanema, Capideribe, Capinan, Carajura, Carajurú, Caramurú, Carapibus, Carapinima, Caranba, Carana, Caribé, Carijó, Carioba, Carioca, Caripê, Cariri, Carnauba, Caroba, Catanduva, Catramby, Catú, Catuama, Cauby, Ccareense, Cecy, Cecem, Cecy, Vincurá, Cirema, Coaracy, Coary, Coema, Coité, Condurú, Congonka, Coracy, Corema, Coruba, Cotegipe, Cotia, Crissiuma, Croá, Cuiabano.*

E — *Embirussú.*

G — *Gahyva, Gitahy, Goiá, Goyano, Graciema, Guaianá, Guabirú, Guahyba, Guajará, Guanabara, Guanabarina, Guanabarino, Guaraciaba, Guaracy, Guaraná, Guarany, Guarany, Guariba, Guaicurus, Guatemy.*

Deixei *Gaiano* como oriundo de Goyaz. Ha quem tenha duvidas sobre a origem tupi deste nome que alguem, segundo me referiu A. de Taunay, viu assim escrito na Espanha, indicando uma estação de estrada de ferro no territorio baseo.

I — *Ibá, Iberá, Ibiapina, Ibirú, Ibirocaky, Icaraky, Igaiara, Iguassu, Iguatemy, Imbassahy, Imbiriba, Imbu, Imbuziro, Inagê, Inaiá, Indaiá, Indaiassú, Inhomcrim, Ini, Ipanema, Ipê, Ipiabas, Ipiranga, Iracaky, Iracy, Irabussú, Iracema, Irajá, Irajaiá, Iramaiá, Irazy, Irapuan, Iratim, Irazê, Irccê, Itabaiana, Itabira, Itabiraquirim, Itabajara, Itacolomy, Itacy, Itagiba, Itajá, Itajaky, Itaky, Itajú, Itapema, Itapicuriú, Itapuambira, Itapura, Itaqui, Itiberê, Itoby, Ivahi.*

J — *Jaborandý, Jacarandá, Jacaré, Jaçanan, Jaceguai, Jacy, Jacyr, Jacira, Jacobina, Jaguaró, Jaguarí, Jaguaribe,*

Jameri, Janary, Jandú, Jandaia, Jandaira, Janduy, Jandy, Jandyra, Japy, Japyassú, Jatahy, Jatobá, Jaty, Jiquiriçá, Joacy, Joracy, Juçaba, Juacema, Jucá, Jupiaçara, Jupyr, Juracy, Juracey, Jurandy, Jurandyr, Jurema, Juremir, Juri, Jurucna, Jussara, Jutahy.

Deixei o nome *Jacobina* porque assim o considerava Th. Sampaio, quando informa que este nome "antigamente era *Yacuabinas*, corr. de *Ya-cuá-apina*, o que tem cascalho limpo, isto é jazidas de cascalho descoberto. E' o nome do sertão aurífero da Bahia". Tenho duvida inclinando-me a acreditar que proceda de *Jacob*, que originou *Tiago* e *Jaime* muito meos parecidos.

M — *Macabu, Macahé, Macambira, Macauba, Macuco, Mandacarú, Mandú, Mangabeira, Maracujá, Maricá, Maurity, Mirity, Moacyr, Moema, Mopyr, Mucury, Mury, Muriboca, Muricy, Mussurunga.*

N — *Nicory, Nitroci.*

O — *Oitis, Oiticica, Ouricury.*

P — *Paca, Pacobahyba, Pagó, Panema, Paraguassú, Parajara, Parahyba, Pará, Paraense, Paraná, Paranaguá, Parassú, Paraopeba, Parassú, Paritins, Parecis, Paty, Patury, Pecuaguara, Perequê, Pernambuco, Pery, Periassú, Petiguara, Pititinga, Piá, Pindoba, Piquerobi, Piracema, Piragibe, Pirajá, Piracema, Pirassumunga, Piratininga, Pitangá, Pitangueira, Pitanguy, Pojucan, Potengy, Potiguara, Poty.*

Q — *Quati.*

S — *Sabugy, Sapucaia, Saquarema, Sarahyba, Sarandý, Serigy, Sinimbú, Sipipira, Sobragy, Suassuna, Sucupira.*

T — *Tabajara, Tabagi, Tabyra, Tacyra, Taguatinga, Temandaré, Tamoyo, Tanajura, Tapajoz, Taparica, Tapioca, Taygoara, Tacariju, Tefé, Tibiriçá, Tietê, Tijuassú, Timbeba, Timbó, Tocantins, Tucunduva, Tupan, Tupinambá, Turp, Tury, Tuyuty, Tymbira.*

U — *Ubá, Ubatuba, Ubirajara, Ubiratan, Umbuzeira, Unapetingy, Urandi, Urugury, Uruahy, Utinguassú.*

X — *Xexeu.*

O General Lima Mindello concorreu, dois dias depois da publicação do artigo, com 16 nomes usados sobretudo na Parahyba. Ainda me deu a indicação de *Jurema* ser usado como sobrenome e historiou o caso de *Guabirú*, originado, como *Cotias*, de um apelido. Contribuiu com os nomes *Ximbá* apelido, *Xexeu*, *Xevem*; o primeiro e o ultimo talvez sejam africanos; o segundo é nome de ave de origem evidentemente onomatopaica, ignorando se creado pelo nordestino ou por este herdado do indio.

Y — *Yara*, *Yarahy*, *Yaraná*, *Yavanesia*, *Yracy*.

A orthographia moderna estabelece certa confusão em consequencia da eliminação de certas letras, como por exemplo o *y*, que substituiu por *i*.

Certos nomes deram origem a hypocoristicos, a que chamamos appellidos, por ex.: Manoel, deu *Mandú*; que Leite de Vasconcellos, á pag. 470 do seu trabalho *Antroponimia Portugueza*, publicado em 1928, pretende corrigir Bluteau quando se refere ao appellido brasileiro *Mandú*, que deve ser substituido por: "*Manduca* pois assim se diz hoje".

Mais uma demonstração de como os autores portuguezes decidem á distancia e sem conhecimento de causa, porquanto *Manduca* é outro hypocoristico brasileiro de Manoel, assim como *Manduquinha*. Aquelle até entrou nos Açores, levado por familias que estiveram no Brasil, assignala o proprio Leite de Vasconcellos, o qual, aproveitando o ensejo, não se esquece, ao citar uma quadra em que apparece este nome, reproduzi-la, suppondo que está pronuncian-do á brasileira quando escreve: "*di maçada*." *Mandú*, aliás, é uma expressão corrente na Bahia e é pena que ainda não se tenha feito naquelle Estado, a exemplo da maioria dos outros, um vocabulario de *bahianismos*. Esse a que me refiro é correntio lá, foi herdado dos indios e empregado exactamente como elles o faziam, quando se mascaravam, e que hoje, na Bahia, tem ainda a accepção de uma difficuldade em que o individuo se mette.

Na Bahia ainda se usa o hypocoristico de Pedro, empregando-se uma expressão tupi, que não é utilisada no sul do

Brasil, porque tem significado inteiramente differente, senão obscuro.

No norte do Paiz é commum o appellido *Mirim* para appellar pessoas, da mesma maneira pela qual chamamos *Pequeno*.

E' corrente naquella região o appellido *Mané* para Manoel. Sempre supuz que esta queda do *l*, por influencia tupi ou africana, só se realizasse no Brasil.

A' pagina 469 do trabalho acima citado, Leite de Vasconcellos, registra no Alemtejo o uso de *Mané* e em Lisboa "com redobro dissyllabico. "*Mané-Mané*". Talvez que este hypocristico, encontrado em localidades portuguezas, seja um eco do fallar da gente negra que o velho reino importou e cuja linguagem foi até objecto de imitação da parte de Gil Vicente.

Para certos nomes occorre um facto bastante interessante. Pessoas de origem allemã adoptaram, por motivos diversos, nomes tupis, como occorreu com Dr. Müller Carioba, conhecido medico paulista de origem allemã e que acrescentou a designação tupi do local onde seus ascendentes trabalhavam, perto da Villa Americana, denominação que já apparece em Alencar.

O nome Teffé, que baptisa hoje importante familia brasileira, procede do titulo que o official da Marinha de origem allemã, von Hoeholtz, adoptara e cujo nome estropiadamente tupi passou a denominar seu descendentes.

Alguns nomes se tornaram populares graças á influencia de Alencar, como *Iracema*, *Cocy*, *Moacyr*, *Araken*, *Ubirajara*, *Pery*; outros devido a Santa Rita Durão, como *Caramuru*, e *Moema*. O nome *Bartyra*, que significa flor, apparece na *Confederação dos Tamoyos*, de Gonçalves Magalhães. Assim porém, já se chamava uma das filhas de Diogo Alvares o *Caramuru*; vem de muito longe, portanto. Certos nomes têm, tambem, quasi quatro seculos, como *Tibiricá*, *Cauby*, *Poty*, que appellidavam valorosos chefes indigenas; e ainda *Aracy*, dado hoje ás mulheres, mas que apparece baptizando homens, pois assim se chamava o guia de Gabriel Soares.

Corre por conta deste notavel chrouista portuguez a

inclusão que então fiz, como de origem tupi, do nome *Gambôa*. A pag. 260 do celebre *Rotreiro do Brasil* de sua autoria, assim escreve: "e no tempo das aguas vivas se toram em unhas tapugens de pedras e de paus, a que os indios chamam *cambôas*". Th. Sampaio confirma. Este vocabulo, que penetrou em Portugal, os eruditos de lá querem ver sua origem no termo *cambar*. Qualquer origem serve, menos a dos cabulos do Brasil porque aviltaria a nobre lingua lusa.

Creio que o nome do aparelho de pescar *camboa*, que originou *gambôa*, seja voz tupi, reproduzindo-se o caso da palavra *capoeira* tão bem estudada por Plinio Ayrosa.

O antropônimo é luso, encontrei no vol. XXXVIII, p. 102, dos *Documentos Historicos* a prova disso, com o mandado que o Provedor Antonio Cardoso de Barros passou, da Cidade do Salvador, a Diogo Cavaleiro no qual se encontra referencia a um "João Gonçalves creado de Dona Izabel de *Gambôa*" em documento datado de dezoito de setembro de 1549.

Se isto digo, é porque, ás vezes, a tradução que Gabriel Soares fez do tupi está errada, quando, por exemplo, traduz, *cunhambira* no trecho que acima citei, por *filho do contrario*". O modo categorico do eronista assinalar o vocabulo *camboa*, como sendo usado pelo indio, é confirmado por Th. Sampaio, quando estuda o verbete *gambôa* que assim define: "*Gambôa*, corr. *caá-mbó*, o fecho ou ciuta de ramagens. Antigamente *cambôa* (de *cambó*) que é como os indios chamavam o cercado, feito de galhos e ramagens, á entrada dos esteiros para apanhar peixe. Bahia. No guarani — *caabó*".

Baldaque da Silva, em 1891, na sua importante obra *Estado Actual das Pescas Em Portugal*, registra o emprego do vocabulo *cambôa* no norte de Portugal, ao cercado de pedras soltas que é usado com o nome *gambôa*. Tudo me leva a crer que é um termo e metodo de pescar de origem cabocla que foram introduzidos em Portugal.

Gabriel Soares descreve o processo de pescar sem nenhuma allusão a coisa parecida usada em Portugal, paiz que sempre lembra quando compara objetos, plantas animaes e usos. Tambem o vocabulo lhe era desconhecido pois afirma: "a que os indios chamam *cambôas*".

Considerações sobre o toponimo Bertioga e o insecto que lhe deu origem

Antes de tratar do assumpto vou abordar um vocabulo que se prende á palavra *paraty*, segundo erronca interpretação de Th. Sampaio, quando estuda o toponymio *Bertioga*. O pranteado brasileiro ao anotar, em 1930, a edição da Academia de Letras do trabalho de Hans Staden — *Viagem ao Brasil*, traduzida por A. Loeffgren, diz no cap. XV p. 55, nota 39: — “Brickioca é corruptelâ do nome tupi *Piraty-oca*, donde procede o actual Bertioga, nome do canal que separa a ilha de Santo Amaro do continente. O autor teria escripto *Britioca* e o copista *Brikioca*, o que deu azo a interpretações diversas. Canal é um excellente abrigo dos cardumes de tainhas (*piraty*) e o indio quiz significar isso com o nome de *piratyoca* que vale dizer — *paradeiro das tainhas*. O vocabulo tupy *piraty* evoluiu na direcção portugueza para *paraty*, donde depois vieram *party*, *burty* e *berty* ou *berti* que é como ora se vê na composição do nome *Bertioga*”.

Th. Sampaio forçou a etymologia para adaptar o vocabulo *Bertioga* a derivar de *paraty*. O copista não errou; consultei a edição facsimilar de Marburg devido á gentileza do eminente Rodolpho Garcia que possui um exemplar; lá está *Brickioca*. Nas *Cartas ineditas* do Pe. Joseph de Anchieta, publicada por J. A. Teixeira de Mello, no vol. I, pp. 44-57, 266-308, vol. II, pp. 79-127, dos *An. da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 1876-1877, lê-se á pag. 80: “Y yo yendo los aesperar auna fortaleza d'aquy aquatro leguas llamada *Beriquioca*”. Neste forte Anchieta passou 5 dias, de 18 a 23 de Abril de 1564. A' pag. 92 diz: “los quales aun veniam determinados de combater la fortaleza dela *Beriquioca*”.

A' pag. 104: “y de camino quieserõ llevar la gente dela *Beriquioca*”; á pag. 107, encontra-se: “Como arriba he dicho, allaudo-se absentado por haver huído, se torno dela

fortaleza dela *Beriquioca*"; á pag. 113 escreve: "con el qual llegarõ en muy breve espacio al Rio dela *Beriquioca*, que es el primero puerto" e á pag. 115: "llegamos dia de San Mattheo Apostolo ala *Berequioca!* A' pag. 118: "los quales fueron recebidos de paz en la fortaleza dela *Beriquioca*."

A longa carta tem a data de 8 de Janeiro de 1565; foi escripta em São Vicente e dirigida ao padre Mestre Diogo Laines e é toda redigida em hespanhol.

Anteriormente, Anchieta escrevera de São Vicente: "De outros mosquitos chamados *Mariguy*, e que habitam os braços de mar, e contagio é funesto; são tão pequenos que mal podes perceber-os com a vista; és mordido, e não vês quem te morde; és queimado e não ha fogo em parte alguma; ignoras de onde te veia repentinamente semelhante incommodo; si te coças com as unhas maior dôr sentes; renova-se e augmenta por espaço de dois a tres dias o ardor que deixaram no corpo". Cf. *Chartas inéditas*, de J. Anchieta in *An. Bibl. Nac.* vol. I, p. 297.

Pela descripção do jesuita e a circumstancia de existirem os *mariguis* nos braços de mar, pode-se, com toda a segurança, identificar que Anchieta se refere ao que hoje chamamos *maruim*.

O jesuita conhecia perfeitamente a lingua tupi; se graphou *Beriquioca*, é porque assim era pronunciado. Quando Nobrega chegou á Bahia em 1549 escreveu pouco tempo depois *moqueados*. A expressão tupi que originou o vocabulo estava aportuguezada e era correntia a ponto de empregal-a.

Em 1912 e 1913, Adolpho Lutz publicou importantes trabalhos sobre uns insectos, que são justamente aquelles que Anchieta descreve sob o nome de *marigui*. Os importunos e molestos dipteros acham-se representados no Brasil por especies, entre outros, dos generos *Tersesthes*, *Johannseniela*, *Ceratopogon*, *Forcipomyia*, *Cotocripus*, *Palpomyia*, *Atrichopogon*, e *Culicoides*, este contando o maior numero de representantes. Algumas especies são encontradas nos remotos sertões á beira dos grandes rios ou no interior das mattas, e em

logares onde aparentemente não existe agua, desenvolvendo-se então no liquido que certas bromeliaceas e bambus contêm.

Sómente no littoral, nos mangues e suas proximidades, é que os *Culicoides* attingem a proporções de verdadeiro flagello, pois as larvas de certas especies se desenvolvem nos buracos de caraguejos e na lama dos mangues banhada pela agua salgada.

Ahi, por occasião de certas marés, é que o *maruim*, ou *mosquito polvora*, ou simplesmente *polvora*, como expressivamente chama o caboclo ao minusculo insecto que, em tamanho e cor, é um grão de polvora e cuja picada queima, ataca silenciosa e quasi invisivelmente a quem se approxima dos mangues. Em tal numero investem e atormentam que, muitas vezes, os pescadores para trahalhar têm que passar que-rozene nas partes do corpo que ficam expostas.

Os maruims flagellam não só a quem trabalha dentro dos mangues, como ainda aos que pescam em canoas a distancias bastante grandes, quando ha calmaria. Taes hematophagos atacam o homem a qualquer hora do dia ou da noite, segundo o rhythmo das marés e o cyclo lunar.

A toponymia brasileira registra numerosas denominações tiradas da nossa fauna e que nos foram transmittidas pelos indigenas. Entre essas se encontram varias originadas pelos nomes que os indios davam aos insectos: *Cabussú* — na Bahia, Districto Federal, Pernambuco, Estado do Rio, São Paulo. *Cassununga* — Matto Grosso, Minas Geraes. *Cassupim* — Pernambuco, *Cassussú* — na Bahia. *Exú* — no Maranhão, Ceará, Parabyba, Pernambuco, Alagoas. *Inxú* — Maranhão, Bahia. *Enxú* — Maranhão, Bahia, Minas Geraes. *Guazupé* — Minas Geraes, Matto Grosso. *Jangarussú* — Ceará. *Meruoca* — Ceará. *Muribeca* — Parahyba, Pernambuco, Sergipe, Espirito Santo, Rio de Janeiro. *Muriçoca* — Maranhão, Ceará, Pernambuco, Bahia. *Panamá* — Aore, Ceará, Piahy, Rio de Janeiro. *Savbara* — Bahia. *Taciatuca* — Pará. *Tanajuras* - - Rio de Janeiro *Tanguá* — Rio de Janeiro. *Tubibas* — Ceará. *Tibuna* — São Paulo. *Tucuruvy* — São Paulo.

Citamos abaixo a presença em São Paulo e no Paraná de localidades denominadas *Birigui* e *Barigui*. Quando estes vocabulos foram se alterando, os povoadores delles se aproveitaram sempre que a presença dos incommodos hematophagos era frequente.

Assim, encontramos as seguintes denominações de localidades lembrando tal origem: *Maroim*, no Amazonas, Maranhão, Sergipe, Bahia; *Maroipe*, no Espirito Santo; *Maroim-panema*, no Pará.

O numero de especies de *maruins*, que a sciencia já encontrou no Brasil, aproxima-se de trinta. Alguns, como o *Culicoides debilipalpis* de Lutz, vêm do Pará ao Paraná. Esse pesquisador fixou na sciencia o nome derivado do *marigui* anchictano, baptisando de *Culicoides maruim* uma das especies que infestam os mangues do Districto Federal e Estados do Rio, S. Paulo e Bahia e cuja disseminação deve estender-se a outros Estados.

Na Bahia, Gabriel Soares conheceu de perto, no Reconvo, os *maruins* que em 1584 quando regressou á Europa couzindo suas notas para o trabalho que entregou em 1587, já denominava um pouco differentemente de *mariguy*, delle assim se occupando: "*Marquis* são uns mosquitos que se criam ao longo do salgado, e outros na terra perto d'agua, e apparecem quando não ha vento; e são tamanhos como um pontinho de penna, os quaes onde chegam são fogo de tamanha comichão e ardor que fazem perder a paciencia, mormente quando as aguas são vivas; e crescem em partes despovoadas; e se lhe põem a mão, desfuzem-se logo em pó".

Tal descripção muito lembra a de Anchieta. Este chega ao Brasil em Julho de 1553, G. Soares em 1567. Ambos aportam á Bahia, onde o ultimo se fixou e o primeiro parte logo para S. Paulo, regressando per pouco tempo em 1556, trabalhando com Manoel da Nobrega "he servia de interpreto com o gentio", diz um seu biographo, voltando com pouca demora para S. Vicente.

Plínio Ayrosa no seu valioso livro — *Primeiras Noções de tupi* — escreveu em 1933: “Os trabalhos de Anchieta e de Figueira, embora não possam refletir com absoluta precisão a linguagem dos aborígenes, são no Brasil as melhores fontes, porque foram escriptos, a bem dizer, entre os índios, e numa época em que a lingua estava em pleno uso por todos”.

É uma verdade. Quando Anchieta escreveu *Beriquioca* e *Beriquioea*, já se encontrava no Brasil havia 12 annos em contacto com índios cuja lingua falava “com perfeição”, dil-o seu primeiro biographo o Padre Pedro Rodrigues.

O illustre Plínio Ayrosa assim define *Bertioga* no “*Vocabulario*” appenso ao seu trabalho: “*Bertioga* (*pirati-aca*) — o refugio, o pouso, a moita dos piratis, dos peixes brancos, das tainhas”. Para que isto se dê, terá que concordar com Th. Sampaio, e repetir sua argumentação. Se Anchieta graphou a localidade daquela maneira depois de 12 anos de vida no Brasil é porque assim era chamada. Que o jesuita sabia tupi, não ha duvida, o que tambem ocorre em relação á autenticidade das *Cartas* divulgadas em 1876 e 1877 e sua autoria.

Se consultarmos Th. Sampaio a respeito da etymologia do verbete *maragui*, leremos: “*Maragui*, corr. *mberú-guí*, a mosca pequena, o mosquito. Alt. *Marauim*, *Meruim*”. Cf. p. 310 do *O Tupy na Geografia Nacional*, 3.ª ed. 1928. Baptista Caetano quando estuda o verbete *mberu* diz: “*mberu* mosca pequena, mosquito; dizem tambem *marui*, *margui*, *mbarigui*, *maruim*, *meruim*, etc., vê o V. *ui* comer, arder, queimar”.

Th. Sampaio registra as graphias *Britioca*, *Beritioca*, *Beritioga*, *Piritioga*, *Bartioga* que precederam á definitiva denominação de *Bertioga*.

Se Anchieta graphou varias vezes *Beriquioca* e duas vezes *Beriquioea*, podemos admitir que esses nomes tivessem sido anteriormente *mbariquioca* entre os índios. Depois o *mbarigui* originou entre os colonizadores, *maragui*. O *b* porém se conservou como é sabido v. g. *Bacpendy*, *baiaçú*, etc. cabindo o *m*. Na propria palavra *mbariguy*, em certos

pontos o *b* se manteve como verifiquei em S. Paulo, quando se construia a Estrada de Ferro Noroeste onde trabalhava, sob as ordens do eminente Sampaio Correia, como Chefe do serviço de prophylaxia contra a malária. Ali os pequenos dipteros hematophagos do genero *Flebotomus* eram denominados, pelos trabalhadores, de *Biriguy* e de todos conhecidos por constituirem verdadeira praga, a tal ponto que a estação, que a estrada de ferro ali levantou, ficou com êste nome. Aliás tal denominação já existia, denominando uma localidade proxima de Botucatú. Taes insectos originaram ainda as denominações de varias localidades do Paraná, ali, porém, com os nomes mais proximos da pronuncia indigena: *Barigui*. Ainda em 1658, Piso em *De Indice Utriusque Re Nat. et Med.* pag. 228, occupa-se do insecto e quatro vezes escreve *marigui*, tratando da sua presença nos mangues e de sua frequencia por ocasião das luas novas e cheias.

Se Baptista Cactano e Th. Sampaio admittem que de *maragui* procedem os vocabulos *marui*, *meruim*, *maruaim*, e já registrei *murum*, ás margens do Rio Preto na Bahia, como publiquei em 1916, nas *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, T. VIII, Fase. III, p 96, então é mais facil concordar que o *Mbaragui* dêsse *Mberiqui* com a transformação do *g* em *q* e duas vezes Anchieta escreveu *Beriguyoca*, bem proximo do toponymo existente em São Paulo, *Birigui*.

Se não existissem as *Cartas* de Anchieta, que graphou o nome em debate da maneira exposta, a etymologia architectada por Th. Sampaio, por muito engenhosa, continuaria a ser acceita. O depoimento do jesuita, porém, vem alterar fundamentalmente a questão que ali fica á espera de que os competentes a resolvam.

Aquelle *Brickioca* de Staden é para mim indicio de que no tempo em que ali esteve o artilheiro allemão, a pronuncia deveria ser *Biriguioca*. Staden, a exemplo do que fez com *paraty* depois de trocar o *p* por *b*, contrahiu o vocabulo transformando-o em *Bratti*; coisa semelhaute realizou com o *t* por *d*, pois escreveu *Dattu* por tatu. No caso vertente mudou o *guí* por *cki* e contrahiu o *Biri* em *bri*, transformando *Biri-*

guioca em *Brickioca*. Os moradores deviam denominar então a localidade de *Biriguioca*, hoje o nome do insecto persiste em São Paulo como toponymo, como já nos referimos.

Alguns annos depois de Staden, chega a São Vicente o padre Anchieta e registra em uma das suas epistolas o nome da localidade: *Beriguioca* e *Beriquioca*.

Antes de *Bertioga* se fixar, appareceu graphado de varias maneiras. Hans Staden em 1557 escreveu *Brickioca*; Anchieta em 1565 graphou *Beriguioca*, *Beriquioca* e *Beriquioca*. Em 1576, Gandavo escreveu *Brilioga* como tambem o seu contemporaneo Pero Rodrigues.

Nos *Documentos Historicos* publicados pela *Bibliotheca Nacional*, v. XXXV pp. 311-17 — Rio — 1937 encontra-se o traslado da nomeação do Padre Fernão Luiz Carapeto, feita em 22 de Dezembro de 1555 para a "*Vigairaria da Villa da Bertioga* na Capitania de São Vicente". A citação mais antiga, porém, apparece no mesmo volume pp. 163-166 em documentos datados de 17 e 18 de Janeiro de 1550, onde o nome da fortaleza e da villa está graphado *Britroga*.

Frei Gaspar da Madre Deus, autor das *Memorias Para a Historia da Capitania de São Vicente*, foi quem, em 1797, no publical-as em Lisbôa, divulgou a historia dos macacos *buriquis* e do nome *Buriquioca*. Diz o historiador ás pp. 18-19, Cap. 18: — "O territorio desta barra distinguio os Indios com o appellido *Buriquioca*, que quer dizer casa de *Buriquis* (*Buriquis* são uma especie de macacos). No principio denominavão dessa sorte a um monte, que alli fica adiante da Fortaleza, a qual chamarão casa, ou viveiro de *Buriquis*, por habitarem muitos nesta paragem, onde sempre os achavam os caçadores: ao depois communicou-se o nome proprio só do outeiro a toda a sua vizinhança, e tambem á barra. Esta é a origem verdadeira da denominação e não a que assignão os velhos destas Villas, os quaes contam, que os Indios, quando a primeira vez chegarão á Fortaleza de Martin Affonso, deram-lhe o nome de *Buriquioca*, ou casa de *Buriquis*, por serem os cabellos dos brancos nelle moradores

da mesma cor destes animaes cujo pello é ruivo. A falsidade desta tradição mostra-se com uma sesmaria passada por Antonio Rodrigues de Almeida, capitão-mór de Santo Amaro, em Santos, aos 6 de Maio de 1566 na qual diz o Capitão: Por Domingos Garcho, morador na Villa de Santos, me foi feita uma petição, dizendo nella, que me pedia, lhe desse... as terras, que estão além de Fortaleza da Bertioga, começando do morro, a que os Indios chamão *Buriquioca*".

Continua o A. dizendo "que o nome foi posto pelos indios ao morro e não á Fortaleza, a qual o tomou do tal outeiro, ou para melhor dizer do sitio." "Nós dizemos *Bertioga* corruptela do nome composto *Buriquioca*", affirma Frei Gaspar da Madre Deus. Ha, porém, quem derivasse *Bertioga* de *Buritioca*. Silva Pontes conforme refere Freire Allemão, achou esta origem para o toponym *Bertioga*, encontrada em Minas Geraes. O grande botânico brasileiro tambem se interessou pelo tupi. No vol. 45 de *Rev. do Inst. Hist do Rio de Janeiro*, encontra-se um trabalho de sua autoria — *Questões Propostas sobre alguns vocabulos da lingua brasileira* — onde estuda 19 toponymos. O artigo foi escripto em 13 de Setembro de 1850. A etymologia em questão foi evidentemente influenciada pelo vocabulo *Buriquioca* de Frei Gaspar. O notavel scientista, embora não opinasse, assinalou o etymo que fazia proceder a palavra do nome de uma conhecida palmeira.

Nas *Actas de São Paulo* apparece o nome *Bartioga*, *ap. Alcantara Machado*, em nota ás *Cartas de Anchieta*, p. 241 — nota 224.

A localidade teve ainda outras denominações atravez de varios autores, *Beritioga*, *Piritioga*, *Britioca*, *Bartioga*. Encontrei 26 graphias para a celebre fortaleza. Como se vê, o nome era graphado conforme o modo de interpretar a pronuncia do indio e outros habitantes da localidade, e atravez da alteração que o idioma de quem escrevia acarretava.

Dos antigos autores referidos, sómente Anchieta tinha pleno conhecimento da lingua dos indigenas, e por isso o que

escreveu, como nome da localidade, é o que deve ser tomado em consideração.

Th. Sampaio com a preocupação dos cardumes de tainhas, diz que o primitivo nome, segundo os índios, era *Piraty-oca*. Vimos através de quem falava e escrevia tupy, como o celebre jesuita, que os nomes assignalados foram *Beriquioca* e *Beriquioca*.

O interessante é que as denominações propostas, *Piraty-oca* e *Buriquioca*, são de animaes: um peixe e um macaco. Esqueceram-se, porém, do insecto tão commum e que infesta grande parte do litoral brasileiro, sobretudo, onde ha mangues e constituindo flagello a que o indio conhecia e baptisou como "*mosca que queima*", em uma das hypotheses aventadas por Baptista Caetano.

Partindo das denominações anchictanas, usando do methodo empregado por Th. Sampaio, e registrando nomes que a localidade anteriormente possuiu, temos: — *Beriquioca* — *Beriquioca* — *Beriquioca* — *Beritioca* — *Bertioca* — *Bertioga* — *Bertioga*, o logar ou paradeiro dos *biriguís* ou em linguagem mais moderna dos *maruins*, posto que o primeiro vocabulo procede de *maraguí*, que acabou originando varias denominações.

Nesta transição tão natural, sómente falta explicar a transformação do *quí* em *ti* como *Beriquioca*, *Bertioca*. Temos dois exemplos para referir relativos a esta troca: A' pag. 267 do *Roteiro do Brasil* G. Soares, escreve: *Pequitins* são uns peixinhos muito pequeninos que se tomam em poças d'agua, onde ficam como a maré vasia, e são tamanhos que os índios assam mil juntos, embrulhados em umas folhas debaixo do burralho, e ficam depois de assados todos pegados á feição de uma *massaroca*." Em minhas notas datadas de 28-12-28 e tomadas na Ilha de Bom Jesus, no Reconcavo bahiano, encontro: O nome *pequitins* foi transformado em *petitinga* como é conhecido hoje em todo o Reconcavo. Este peixinho e a *manjuba*, de tamanho approximado, são preparados, ainda hoje pelo processo descripto por G. Soares.

O padre Vieira, em importante carta escripta do Mara-

nhão, em 11 de Fevereiro de 1660, endereçada a El-Rey, duas vezes escreveu *Poquiguaras* em lugar de *Potyguaras*. Na ultima transforma ainda o *guara* em *gara*: "Os indios assim Tupyzambás como *Poquigarás*". Na primeira assim diz: "Tirado este impedimento, entenderam os Padres na conversação e condeção dos outros indios, que se chamam *Poquiguaras*".

Na actual Bertioga ainda se encontram maruins; pode-se imaginar o que seria nos tempos de Staden e Anchieta, quando os mangues, onde se desenvolvem, encontravam-se intactos.

Hoje o nome *barigui* ou *birigui* serve ao nosso povo para indicar pequenos dipteros hematophagos do genero *Flebotomus*, transmissores da leishmaniose, e pertencentes á Familia zologica diversa dos maruins.

Maruim, *Maruy*, *Meroim*, *miruim*, *moroim*, *muruim*, servem para indicar varias especies e generos de dipteros hematophagos representantes da Fam. *Ceratopogonidas*. Em alguns logares essas denominações indigenas foram substituidas pelos nomes de *mosquito polvora*, *mosquito de mangue*. Na Amazonia, porém, o povo ignora a denominação sulina de *barigui*, que é substituida pela denominação de *tatuquira* e em Abaeté — Pará, *tatuquia*, pois muitas especies de *Flebotomus* escondem-se nos buracos dos tatus. Em Theophilo Ottoni, Minas Geraes, desapareceram os nomes indigenas e o *barigui* é conhecido por *mosquito palha*.

Como vimos, segundo Frei Gaspar, em 1566, Domingos Garocho assignala dois nomes em sua petição: uma fortaleza chamada *Bertioga* e um morro que lhe fica "adiante", chamado *Buriquioca*.

Hans Staden, cujo trabalho foi publicado em 1557, denomina a fortaleza de *Brickioca* como já nos referimos e analysamos. Entre o *Beriquioca* anchietano de 1565 e *Buriquioca* de Garocho, de 1566, havia apenas homophonia. Quem metteu a grammatica nesta historia foi Frei Gaspar. De facto existe um macaco de nome *buriqui* ou *muriqui*, scientíficameute conhecido por *Eriodes arachnoides* e que é o maior dos nossos simios.

Goeldi e R. V. Ihering delle se occuparam e informam que vive aos bandos nas mattas do Espirito Santo e São Paulo, chamados pelo povo de monos. "O pelo é amarello desbotado", diz Ihering, de accôrdo com Frei Gaspar.

Ao logar onde se erguia a fortaleza nas proximidades dos mangues infestados de maruim, o indigena chamou, com razão, de *Beriquioca*, como escreveu Anchieta. Ao monte em cujas mattas eram abundantes os *Buriquis* o indio poderia com toda a propriedade denominar *Buriquioca*.

No tomo IV, fasc. I, anno de 1912, das *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, inicia Lutz a publicação das pesquisas intituladas: *Contribuição para o estudo das Ceratopogoninas hematophagas encontradas no Brasil*.

Nesse trabalho o eminente sabio estuda esses dipteros por todos os aspectos, inclusive analysando a synonymia vulgar.

Registra dois nomes populares *maruim* e *maruim*, dizendo que este é mais usado no Norte. Verifiquei que, de facto, isto ocorre ainda em certa parte do Reconcavo bahiano e em todo o sertão do São Francisco.

Lutz diz naquelle trabalho não ter encontrado a fórma *meruim* citada por Goeldi, em 1905, e registra que o nome indigena originou a expressão *maringouim*, usada por autores francezes como fez Macquart em 1834 na *Histoire Naturelle des insectes. Suites à Buffon*.

Mesmo anteriormente, o nome já se encontrava vulgarizado entre autores francezes como o fez Valmont de Bomare, em 1764 no tomo terceiro do *Dictionnaire Raisonné Universel D'Histoire Naturelle* publicado em Paris, e no qual á pag. 368 diz: "*Maringouins, sorte de mouchérons fort incommodes, qui se trouvent dans les isles de l'Amerique*". Apenas erra, no final da descripção, quando affirma que os "*maringouins s'annoncent par un bourdonnement*" o que não ocorre.

Rodolpho Garcia, em 1910, quando publicou o *Glossario das palavras e frases da lingua tupy, contidos na "Histoire de la Mission de Péres Capucins em l'isle de Maragnan et terres circonvoisines"* do Padre Claude d'Abbéville, estuda

o vocabulo *marigouy* que o autor francez define como *moucheron*, a fls. 255, registrando tambem, abi, já a forma *Marigouin*. O chronista francez esteve naquellas paragens em 1612; o trabalho foi publicado em 1614, e data de então a entrada, para a lingua franceza, do vocabulo tupi que se alterou no sentido do idioma.

R. Garcia assim trata do assumpto: "*Marigouy* — *moucheron*. E' o pequeno diptero hematophago da familia *Chironomidae* (*Culicoides maruim*, Lutz). *Maruim*. Em Gabriel Soares *margui*; *marigui* em Maregrave. Littré registra *marigouin*, que os entomologistas francezes usam desde Macquart (*Histoire naturelle des insectes — Suites á Buffon, Paris, 1834*) mas desconhece a origem, que não pode ser outra senão a do nosso *maruim* de *mberú*, mosca, i pequena".

Visconde de Taunay lembra á pag. 43, nos "*Dias de Guerra*" que "A impressão do quasi microscopico polvora é exactamente de um grão dessa substancia, que de repente se incendia num ponto da epiderme".

Costa Rubim no *Vocabulario Brasileiro*, publicado em 1853, assim se exprime: "*Marui*, é erro, deve escrever-se *Merui*, V. esta palavra". O autor, porém, não se occupa do vocabulo que manda consultar.

C. Figueiredo, na edição de 1913 do *Novo Diccionario*, lembra a definição de Costa Rubim e define o insecto: "mosquito dos terrenos pantanosos do Brasil".

O lexicographo portuguez, como frequentemente acontece quando define coizas brasileiras, mais uma vez errou. Sob a denominação de *maruim*, *meruim*, *miruim*, *moruim* e *muruim*, existem numerosas especies da familia *Ceratopogonidae*, nem todas hematophagas, alguns ha que se desenvolvem na agua contida em bromeliaceas, taquaras, e outras, dentro de buracos de crustaceos, como demonstrou Lutz.

Aquelle *pantansoso* é collaboração de C. Figueiredo. Varias especies dos incommodos dipteros desenvolvem-se nos mangues que, por si só, constituem uma formação caracteristica á beira-mar e nunca chamada no Brasil de pantano.

Chermont de Miranda, no *Glossario Paraense*, á pag.

61, 1905, escreve: "*Maruim* — s. m. Pequenino díptero sugador de sangue, abundante nos mangaes e praias da costa norte do Marajó. O nome indigena deste insecto pronuncia-se *mariguy*, *mariguim*, *marimy*, *maruim*. Aqui no Pará ainda se ouve em algumas localidades *marimy*. A palavra franceza *maringouin* vem deste termo. Para Barbosa Rodrigues, a sua etymologia seria *merú*, mosca e *y* pequena".

Em 1916, occupei-me do assumpto na *Viagem Scientifica*, publicada nas *Memorias do Inst. Oswaldo Cruz*, T. VIII, fase. III, pag. 96, assim me exprimindo: "Os maruims por nós observados tinham as azas manchadas e pertenciam ao genero *Culicoides* Latr., colleccionamos alguns exemplares em Pery-Pery (Joazeiro) e muitos em Formosa á margem do Rio Preto. — A especie é *Culicoides guttatus* Coq., especialmente abundante pela manhã, ataca em pleno sol; á tarde apparece, porém, com frequência menor. Em todas as povoações do Rio Preto o povo denomina de *maruim*; no Tocantins existe com alguma abundancia o *Culicoides paracsis*, Goeldi; neste Estado de Goyaz, as designações populares para as ceratopogoninas são: *maruim*, *mosquito mole*, *mosquito polvora* e *bembô*".

Martius in *Nomina Animalium in Lingua Tupi*, quando se occupa do insecto, define: "*Marui*, *maruim*, *meroi*, *meroim* (Amazon) insectum musca sole occidente grassans". Cf. p. 462, confirmando assim o verbete registrado por Goeldi, para aquella região.

Stradelli, em 1929, no *Vocabulario Nheengatú. Portuguez*, registra: "*Merui*, *meruim*, — mosca pequena. Um tavão, quasi micetoscópico que na vasante infecta as praias dos rios".

A não se chamar o hematophago de tavão que é um erro zoologico, porque tavão designa os representantes de uma Família muito distante, as dos *Tabanidae*, o resto está certo.

Aliás, o *Diccionario Brasileiro* de Frei Onofre como quer Plinio Ayrosa, publicarlo em 1795, quando se occupa do vocabulo *mosquito* escreve *Merui*. Montoya na edição de Porto Seguro, assim trata da materia: "*Mosquito* — *Mbarigui*".

Não foi, porém, Lutz quem primeiramente incorporou ao vocabulário scientifico a expressão tupi. O grande Fritz Mueller em Outubro de 1905, nos *Trans. of the Ent. Soc. London*, pp. 478-482, descreve sob o nome *Maruina* um novo genero de fam. *Psychodidae*, representado por tres especies: *M. pilosella*, *spinosa* e *ursula*.

Anteriormente, em 1880, já tinha creado na fam. *Blepharoceridae*, um genero formado pelo vocabulo tupi *Curupira*.

A denominação dada pelo "principe dos observadores" como o chamou Darwin, de *Maruina* aos dipteros por elle estudados em Santa Catharina, Fritz Mueller explicou pelo aproveitamento do nome corrente, originado do tupy e significando *mosca pequena*. A denominação *Maruina* levou Gastão Cruz ao equivoco de no *Elucidario*, appenso á sua *Amazonia Mysterosa*, definir "*Maruim* — Insecto, pequeno diptero nematocero da fam. *Blepharoceridae*". — O insecto a que o illustre escriptor se refere é justamente o hematophago, que nada tem que ver com a Fam. *Blepharoceridae* cujos representantes, estudados tambem eshaustivamente por Lutz, não são insectos hematophagos.

Ihering, á pag. 326 do *Boletim de Agricultura* de São Paulo, anno 1936, quando estuda o mosquito *polnora* diz que, segundo Lutz, é chamado de *miruim* no norte do Brasil. Como vimos acima isto não ocorre. Lutz que tambem aborda a synonymia vulgar de tão interessante grupo entomologico, não registra tal facto. Em outro ponto, Ihering diz que *miruim* é denominação que o insecto tem no Rio Grande do Sul. Nenhum vocabulario de termos riograndenses, de Coruja ao de Luiz O. de Moraes, registra o termo naquelle Estado.

Lutz, que resolveu o problema da sistematica e da biologia da especie que elle denominou *Culicoides maruim* e que nos interessa, porque justamente é a que deu origem ao nome da localidade paulista, assim se refere quando a descreve, ás pp. 48-49 das *Memorias do Inst. O. Cruz*. T. V., fasc. I, an. 1913: "*Culicoides maruim*, n. sp". Após a descripção, acrescenta: "Esta especie é o verdadeiro *maruim* dos Es-

tados do Rio de Janeiro e S. Paulo, mas a sua zona estende-se muito mais longe. Na Bahia é commum na zona do mangue. As larvas são difficeis de achar; vivem sem duvida no mar, mas muito escondidas no lodo; os casulos são encontrados varios e, ás vezes, ainda cheios na superficie do lodo ou boiando; deitadas sobre areia humida, dão a imagem caracteristica. Todavia a sua procura dá muito trabalho e o resultado não está em relação com a grande abundancia com a qual os adultos apparecem nas mesmas occasiões".

No anno anterior, o eminente sabio procurou verificar se a observação popular a respeito da influencia das marés sobre a presença do insecto, já assignalada por Gabriel Soares, tinha fundamento.

Lutz obteve nimphas do *Culicoides maruim* apanhando com uma pá as camadas superficiaes do lodo do mangue, ainda molhado. O eminente investigador, após seis mezes de observações, concluiu que os "*maruims* primeiavam a apparecer, geralmente, poucos dias antes da lua cheia, ou nova, a ficar mais frequentes, sendo muito abundantes durante alguns dias e diminuindo depois, gradualmente, até ás vezes desaparecer por completo". Lutz assim confirmou as observações feitas em 1587 pelo notavel chronista portuguez e actualmente já do dominio popular.

Posso adiantar que a presença do mangue é indispensavel para a vida de certas especies de *Ceratopogonidae*, porque pude comprovar, no Reconcavo da Bahia, que os *maruims* desaparecem nas zonas onde se verifica a destruição do mangue.

Aliás, alguns autores inglezes registram o nome popular *Mangrove fly* que os representantes deste grupo têm em algumas das suas colonias.

Estendi-me, propositadamente, a respeito dos habitos e denominações de tão interessantes dipteros, afim de chamar a atenção para o nome que baptizou uma localidade brasileira de tão grande relevo, na nossa historia colonial, nome tupi que foi incorporado á lingua franceza e se multiplicou em varios outros que se fixaram no falar brasileiro, tendo originado os nomes: *barigui*, *birigui*, *marimi*, *marui*, *margui*, *merui*

muruim, miruim moruim, muruim, mosquito do mangue, mosquito mole, mosquito polvora, mosquitinho do mangue, polvora e bembé.

Este ultimo colligi em Goyaz e ignoro sua procedencia linguistica.

Certas pessoas confundem a denominação vulgar *mieuim* ou *mucuum* com o nome *maruim*. Os primeiros referem-se aos acarianos em geral, representantes do genero *Trombicula*, e que sómente na fase larval são hematophagos, alimentando-se sobre insectos, repteis, aves e mammiferos e accidentalmente atacando o homem, passando quando adultos a se alimentarem de plantas. O proprio Martius não escapou da confusão; trata do assumpto á p. 463 do *Nomina Animalium In Lingua Tupi*, e escreve *Mocoim, Mucoim, Mucuum — Insectum minimum rubrum* (alias, musca, vulgo *Polvora*) *Trombidium, quod cuti se immergens molestissimum ardorem affert. Vox composita e mo, in apud mc, coom ardere (de vulnere) et y parvum*".

Zologicamente *mucuum* não é insecto. Th. Sampaio assim o chama ao exemplo de Martins, *grapha mocoim* e diz que significa *o que punge ou roc mindinho*.

O nome *Bertioga* é encontrado denominando uma localidade do Ceará, duas de Pernambuco, e tres de S. Paulo nos municipios de Santos, Batataes e Jundiaby. Supponho que os nomes não procedem de uma evolução analoga á que occorreu na celebre localidade do littoral paulista que serviu, porém, de inspiradora onomastica.

No tomo primeiro da *Historia Geral do Brasil* do Visconde Porto Seguro, 4.^a edição, pp. 160-161, Capistrano de Abreu, que o annota, occupa-se do assumpto e termina dizendo: "*Bertioga* é, de facto, corruptela de *Birati-oca*, ou melhor de *Pirati-oca*, que quer dizer paradeiro das tainhas, pelas muitas que nesse canal se encontravam naquelles tempos remotos", adoptando assim o texto de Th. Sampaio.

O *paraty* continua tão frequente hoje como outrora em *Bertioga* e serve de principal alimentação dos habitantes, sobretudo em certas épocas do anno, o nome da historica localidade, porém, nada lhe deve.

Pouco tempo depois da publicação do meu artigo, no *Jornal do Comercio* de 15 de maio de 1938, fazendo considerações sobre a origem do toponimo *Bertioga*, recebi longa carta do Dr. J. A. Padberg-Drenkpol, meu companheiro de trabalho no Museu Nacional, quando me cabia a honra da direção daquela instituição, e pude aproveitar-me do grande saber do missivista para incumbi-lo de reiniciar os estudos que Laud fizera na Lagoa Santa, interrompidos já havia quasi um seculo.

Sempre admirei a vasta e solida cultura do Dr. Padberg-Drenkpol e, por isso, fiquei muito penhorado ao ser distinguido com a carta de sua autoria, discutindo a etimologia que propuz para o toponimo em questão.

Diz o erudito missivista ter ficado muito satisfeito por ter travado relações com uma quarta etimologia para *Bertioga*, referindo-se ás que eram do seu conhecimento: *Piratioca*, *Buritioca*, *Buriquioca*, e a por mim proposta, *Bariquioca*. Ainda conheço uma quinta, surgida em 1902, e aventada por João Mendes de Almeida, no seu *Dicionario Geografico da Provincia de São Paulo*.

Esse autor afirma, á pag. 34 do seu trabalho, que *Bertioga* procede de: "*Mbiri-og-óca*, furo pequeno: de *mbiri* pouco, pequeno; *og-óca* verbal derivada de *óg* e repetida como acima ficou dito. E, de fato, o furo propriamente tal, além de pouco extenso é estreito".

Creio que o Dr. Padberg a omitiu porque conhece bem o dicionario de Mendes de Almeida, e sei que, como muita gente, discorda de numerosas etimologias ali encontradas.

O illustre missivista desprezou todas as origens propostas para explicar o nome *Bertioga*, levando apenas em consideração a etymologia por mim sugerida e a lembrada e sustentada por Frei Gaspar. Recordo o Dr. Padberg que *Buriquioca* já aparece em Fernão Cardim. De fato lá está á pag. 351, na seguinte frase: "Fizemos o caminho a vista de terra, e todo cheio de ilhas mui formosas, cheias de passaros e pescado. Chegamos em 6 dias por termos sempre calmarias á beira do Rio, nomeado da *Buriquioca*, sc. cova dos bogios

e por o nome corrupto *Bertioya* nonde está a nomeada fortaleza para que antigamente degradavam os malfeitoses”.

Se tal fosse a origem, jamais o padre Anchieta, mestre da lingua tupí, escreveria *Beriquioca*, *Beriquioca* e *Beriquioca*.

O Dr. Padberg acha que “*Beriquioca* representa de certo *Buriquioca*, a exemplo de *Yeruti*, por *juruti*”, e cita tambem como argumento o fato de Staden ter chamado de *Pricki* o macaco *buriqui* ou *muriqui*, “condizendo com isto perfeitamente *Brickioka* igual a *buriquioca*”, como se vê pela carta que enviou ao eminente Dr. Affonso de Taunay a 25 de março de 1934, cuja cópia juntou, e que já levava ao conhecimento de Plinio Ayrosa como me informou.

Acuo prodigioso o trabalho de Staden, que deve ter escrito seus extraordinarios comentarios de cór, depois de ter chegado á Alemanha, pois não é admissivel a hipotese da redação de um diário durante os dez mezes de cativo entre os indios quando vivia perigosamente, trajado como Adão no paraiso, como se comprova pelos desenhos que deixou.

Staden grafou de varias maueiras o nome da fortaleza de que fora comandante. *Brikioka*, *Brickioka*, e nos desenhos aparecem varias denominações: *Brikiaka*, *Brigiaco* e *Brigiaca*. Dadas as condições em que viveu o cronista, não é possivel exigir-se de um ser humano mais do que Staden realizou.

Dei-me ao trabalho de reler vagarosamente o precioso documento e verifiquei que o notavel alemão fazia uma extraordinaria mistura de linguas, sobretudo entre o portuguez e o espanhol, pois Funchal, que grata *Funtschal*, mostra que mantinha a pronuncia castelhana. O cronista conseguiu mais de seis anos de pratica dos idiomas ibericos; 4 anos só de portuguez, quasi trez anos sómente de espanhol. Teve oportunidade, durante quasi um lustro, de aprender tambem o tupí, pois vivia em contacto com os cahoclos, não sómente quando esteve trabalhando com espanhóis, como tambem com os portuguezes. De uma feita, esteve cerca de 10 mezes vivendo exclusivamente entre indigenas, sendo obrigado a aperfeiçoar o conhecimento da lingua.

Quando foi aprisionado pelos gentios, o que provavelmente ocorreu em fins de 1553, já entendia o que falavam os índios, pois, na sua narrativa, reproduz o que dele diziam os caboclos.

A fortaleza do *Bertioga*, nas proximidades de 1549, já se encontrava construída, por iniciativa dos irmãos Braga, gente mameluca, mas que falava indiferentemente o portuguez e o tupí, como assinalou Staden.

Os índios tudo destruíram e mataram os 8 portuguezes ali existentes. Apenas os mamelucos se salvaram. Isto explica as novas construções em *Bertioga*, mais ou menos em 1552.

Pela leitura atenta de Staden, confrontando algumas das suas informações vagas e esparsas, com outros documentos afim de coordena-las, deduz-se que Staden já se encontrava em *Bertioga* 3 mezes antes da chegada do Thomé de Souza em S. Vicente, fato ocorrido a 8 de Fevereiro de 1553.

Vou procurar fazer um apanhado da vida do extraordinário alemão que, se nos transmitiu um documento de inexecdível valor historico, e assim tem sido justamente considerado, já não possui o mesmo titulo quanto ao que se relaciona á filologia, não só porque muitas das palavras apparecem estropiadas, como porque algumas dessas alterações devem ter sido feitas por quem prefaciou a obra.

E' surpreendente e admiravel o material historico que Staden nos legou e a exatidão das informações, sentindo-se a verdade requeimar a cada passo no seu singular depoimento.

Staden reproduziu, auxiliado por invulgar memoria, as observações feitas durante o tempo que viveu no estrangeiro. Algumas delas foram elaboradas já no paiz natal, como as orações que dirigiu a Deus, pedindo proteção contra os índios e que talvez fossem estilizadas por Dryander, o autor do prefacio. A este seu amigo Staden pediu "*para rever, corrigir e, onde fosse necessario, melhorar seu trabalho*". Dryander informa ter Staden permanecido 10 mezes prisioneiro dos índios, quando o autor do livro dá um prazo de nove mezes, apesar de aparecer no indice a declaração de ser de 10 mezes e meio aquele prazo. Afirma Dryander que Staden esteve dois anos ausente da patria quando, de fato, pelo menos, dela

se encontrou afastado de Março de 1547 até março de 1555, pois chegou a Honfleur, a 20 de fevereiro, isto é, 8 anos depois.

O notavel cronista terminou o livro em 20 de junho de 1556, sendo impresso em 1557, em Marburgo. Hans Staden, de Homburg, em Hessen, como proclama, saiu de Bremen com destino á Hollanda, de onde embarcou para Portugal e lá chegou aportando em Setubal a 29 de abril de 1547, depois de quatro semanas de viagem.

Chegando a Lisboa, alojou-se na hospedaria de um alemão que sabia a lingua portugueza e lhe arranjou o logar de artilheiro, em navio que vinha para o Brasil sob o comando de um Pentado e no qual se encontravam embareados, como tripulantes, dois aventureiros alemães, um de nome Hans von Buelhausen e outro Heinrich Brant.

Devo ter saído de Lisboa em fins de outubro de 1547, talvez, a 26, chegando a Pernambuco a 28 de janeiro de 1548. Regressou a Lisboa a 8 de outubro do mesmo ano, tendo praticado a lingua portugueza durante 18 mezes consecutivos. Após algum tempo de descanso na capital portugueza, partiu para a Espanha, de onde embarcou em navio desse paiz sob o comando de Djogo de Senabria que chegou ao Brasil, na altura do Paraná, em 29 de novembro de 1549, após seis mezes de viagem, tendo assim praticado o idioma castelhano cerca de dez mezes.

Em 25 de Novembro de 1549, dia de Santa Catarina, chegou a Jurumirim onde ficou retido 2 anos, falando espanhol e em contacto com o gentio. Depois deste tempo recomeça a navegar, naufragando perto de Itanhaem em novembro de 1551, retomando o contacto com a lingua portugueza, até ser aprisionado pelos indios. Saiu do Rio de Janeiro em navio francez a 31 de outubro de 1554, tendo embareado em Ubatuba dias antes. As informações, que sobre os nossos indios Staden escreveu, referem-se sobretudo ao ano de 1554.

Se de acôrdo com o que lhe foi pedido, Dryander reviu, corrigiu e melhorou, ficou muita coisa estropiada que Staden escreveu e que não foi corrigida, e é de admirar que, até nomes europeus, muito conhecidos, tenham sido publicados tão

alterados, tanto mais quanto o prefaciador, Dr. João Dryander Eychman, era catedrático de medicina em Marburgo.

Mas o tupi que lançou sobre o papel está inçado de erros. Theodoro Sampaio teve de recompo-lo; ficou evidenciado, contudo, que o sabia, não ao ponto de escrever com perfeição porque estropiava a construção da frase e dos nomes mais comuns.

Aliás, isto ocorria até com denominações europeas. Nunca se lê *Marburg*, porém *Marpurg*, topoumo alemão. Os nomes francezes apparecem muito deturpados: *Harfleur*, por *Honfleur*, *Moensoral Miranth* por *Monsieur l'amiral*. A influencia da lingua hespanhola predomina para certos vocabulos: Staden só escreveu *Rio de Jennero*, *Jenero* ou *Genero*. Alterou Dieppe para *Depeu* e chamou de *Lunden* a capital da Inglaterra.

Não comprehendeu nunca o significado de algumas palavras portuguezas, e certas alterações devem ter sido promovidas pelo seu prefaciador, como, por exemplo, ao escrever *Capo Verde*, Cabo Verde, traduziu para *cabeça verde*, evidente interferencia do latim *caput*, repetindo tal interpretação quando grafou *Los insules de Capo Verde*, que verteu para *As Ilhas de Cabeça Verde*. O toponimo *Palma* foi transformado em *Pallama*. A denominação portugueza *peize voador* altera para *pisce bolador*; a influencia latina do primeiro nome foi provavelmente tambem suscitada por Dryander que, no prefacio, procurou mostrar tudo o que sabia. Não ouero levar em consideração as constantes trocas do *p* por *b*. Staden só escrevia *Prasil* e *Brascupas* para Braz Cubas. Braga só grafava *Praga*, e *paca* transformou em *Backe*.

Certos sons da lingua portugueza lhe escapavam, mais influenciado que estava pela pronuncia espanhola, que não tem o som de *s* entre vogais, valendo *z*. Assim denominou Thomé de Sousa de *Tomá de Susse*.

Faço essas considerações para mostrar que, em materia de linguagem, tudo quanto o notavel Hans Staden esereveu, tem que ser considerado detidamente.

Até na edição de Alberto Loefgren do trabalho de Staden, comemorativa do quarto centenario do descobrimento do

Brasil, comentada por Th. Sampaio, houve alguns descuidos como, por exemplo, aquele *Zutpirakaen* que aparece á pag. 86, linha 3, da tradução portugueza e que levou o pranteado Th. Sampaio a escrever: "*Difícil é restaurar a grafia tupí do vocabulo Zutpirakaen*". Na edição original o que se encontra é uma palavra híbrida alemã e tupí *Zeitpirakaen tempo (Zeit) da piracema*. Tal erro não é propriamente de Th. Sampaio; corre mais por conta do descuido de A. Loeffgrew, o que suscitou uma erronea interpretação do saudoso brasileiro.

O illustre Dr. Padberg, em sua missiva, diz que *Beriquioca* é evidente sinal de lapso. Para mim é justamente o contrario; é nunitissimo mais do que um vestigio; é o *vocabulo inteiro, duas vezes repetido*, quasi puro tupí, *beriquioca* que o Dr. Padberg concorda, na sua missiva, poder derivar, de fato, de *Mbariquioca* que originou *bariquí, berigui e birigui*.

O *Beriquioca* de Anchieta não representa o *Buriquioca* de Cardim, porém, por certo, o *Bariquioca*. E se fossemos discurrir procurando vestigios, mesmo na obra de Hans Staden, na parte que é desenhada, portanto mais cuidadosamente trabalhada, aqueles vocabulos *Brigiaco, Brigiaca*, podem, sem dificuldade, ser considerados pela pronuncia alemã do *g*, já que devem ser lidos *Briguiaco, Briguiaca*, como uma alteração de *Biriquioca*, e a contração inicial da primeira sílaba ter sido feita por Staden, porque era esse o seu habito como o proprio Dr. Padberg concorda, por ter verificado em *Pricki* e *Prati* contrações de *buriquí* e *parati*.

Que pode haver uma transformação do *a* em *i*, o proprio missivista accita, tanto que me lembra os exemplos de *Sariema*, que deu *Siricima* e *Scriema*. Portanto *Mbarigui* pode originar *berigui* porque ha os exemplos de *Jararaca* e *jeraraca; jataty* e *jetaty*, citados pelo illustre Dr. Padberg.

Quando surgiu *Buriquioca*, já de ha muito que os documentos officiais escreviam *Britroga*, que é a primeira grafia apparecida em ato de 17 de janeiro de 1550, vindo da Baía, cidade fundada em meados do ano anterior, quando ainda ninguem dos que tinham vindo com Thomé de Souza sabia tupí.

A palavra ouvida da boca dos caboclos foi escrita como era possível, através do que entendiam os portugueses. Por isso originou um vocabulo estranho, como ocorre em todas as linguas em analogas circunstancias.

Quando estive no Japão pude verificar a genese de uma palavra no idioma daquele paiz. Tantas vezes ouvi a pronuncia *orai* que tive de perguntar o que significava, ao que me foi respondido: é uma corruptela do inglez *all right*.

O Japonez não pode pronunciar a letra *l*, nem o *r* dobrado, dali ter transformado a frase iugleza num vocabulo novo. Em Portugal o mesmo ocorreu quando os inglezes começaram a construir as estradas de ferro e indicavam pelo nome inglez *sleeper*, o que nós chamamos *dormente*, e que os portugueses transformaram na palavra *chulipa*, que foi incorporada ao idioma luso e que introduzida no norte do Brasil modificou-se em *salipa*, vocabulo ali corrente.

Mesmo entre nós ocorreu fato semelhante no norte e nordeste. Iglezes ou americanos chamando de *jack-ass*, nome iuglez de jumento, ao animal de constante uso naquelas zonas, proporcionaram ao nordestino o ensejo de transformar o vocabulo inglez em *jeque*, termo de ha muito incorporado ao falar brasileiro de varios Estados. Os norte-americanos transformaram o *el lagarto* espanhol em *Alligator*, que já assim aparece em 1568, segundo Mencken. O nome inglez *albatross* procede da pronuncia dos navegadores portugueses e espanhols de *alcatraz*.

O illustre missivista, no trecho que vou transcrever, diz: "*Anchieta*, na longa carta XV (ed *Acad.* 1031; original espanhol *An. Bibl. Nac.* II, 1877) de 1564-65, menciona o topônimo 8 vezes: 7 vezes na forma *Beriquioea* e só uma vez como *Beriguioea*, sinal evidente de que a ultima grafia deve ser reputada um lapso (como sem duvida tambem a variante *Bereguioea* *An. Bibl. Nac.* II, 115). Ora, *Beriquioea* representa de certo *buriquioea*, a exemplo de *yuruté* por *yuruty*, *Meriti* - *muriti*, etc."

Ha equivooco do Dr. Padberg quando assevera que a forma *Beriquioea* aparece 7 vezes quando, de fato, sómente é

assim grafada 5 vezes. Cf. pp. 92, 94, 104, 107, 118, *An. Bibl. Nac.* Vol. II, 1877.

Ha tambem engano quando assegura que a forma *Beriguoca* só aparece *uma vez* na carta de Anchieta, sinal evidente de que tal grafia deve ser reputada um lapso, afirma. Não é lapso, porque tal forma aparece não apenas *uma vez*, *porém duas*, como se poderá verificar ás pp. 80, 113, do vol. II, dos *An. Bibl. Nac.* que reproduz a carta original, em espanhol, de Anchieta, como passo a transcrever: Pag. 80.

"Y despues de renouados los uotos la primera octava de paschua del año passado de 1564 nos partimos antes que los nauios, y yo yendolos aesptrau auna hortaleza daquy aquatro leguas llamada Beriguoca en una canoa".

Pag. 113: "Les vino tanto viento apopa, quanto queriu con el qual llegarõ en muy breuc spacio al Rio dela Beriguoca, que és el primero puerto".

Afirma, ainda, o Dr. Padberg á p. 2 da sua carta que "A etimologia *buriquioea* foi tambem a *única*, dada até o ultimo seculo, desde Cardim ou o proprio Anchieta". Onde Anchieta fez referencia a tal etimologia?

Á pag. 3 da epistola escreve: "mas é eutão um lapso ortografico ou tipografico (como em Anchieta a *única* vez que se lô *Beriguioea*). O jesuita, assim, grafou *duas* vezes.

Á mesma pag., o erudito Dr. Padberg afirma: "3) Nem *Bcriquioea* de Anchieta (7 vezes)". Ha equívoco, são apenas *cinco* vezes.

Afirma meu illustre amigo Dr. Padberg á pag. 1 da carta que envion a A. Taunay em 25 de março de 1934, cuja copia me remetca, o seguinte: "2) Anchieta escreve na sua carta de 1564/65 (XV na nova *ed. Acad.*) pelo menos 6 vezes p. 209 s., 221, 224, 231 s. e 235) *Bcriquioea*, e 1 vez (p. 197) *Beriguioea* (talvez contra o original, como tambem *Bertioga*, p. 246 e 312). Eis (contra Sampaio acima) já uma "fonte portuguezu" com *qu*!"

Na carta original de Anchieta reproduzida nos vol. II, *An. Bibl. Nacional*, nunca o jesuita escreveu *Bertioga*, mas *Beriguioea*, duas vezes, *Bcriquioea* 5 vezes e uma vez *Berequioea*.

O vocabulo *Bertioga* apparece á p. 80, do Vol. II dos *An. Bibl. Nac.*, entre parentesis e grifado, logo após a palavra *Beriquioca* para esclarecimento do leitor, como entre outros exemplos, Teixeira de Mello faz á pag. 86 com "pposito" (*proposito*)" pag. 87, suto (*sato*). Pag. 93 — *Itanhêe* (*Itanhaem*) pag. 99 "um eselauo demj cõpro (companheiro), pag. 103 "pr muj cerqua (*xerto*) pag. 104: "cõ nos (vós)". Pag. 115 "E eufim por Lainja (*miseriordia*), etc.

Na carta que o Dr. Padberg escreveu a Taunay diz: "Teve pois carradas de razão o bom Frei Gaspar", o desobridor do documento de Garocho. Acredito na bondade daquele religioso, mas Capistrano de Abreu não acreditava na veracidade de Frei Gaspar, pois assim declara á pag. 227 da *Historia do Brasil*, de Porto Seguro: "Frei Gaspar da Madre de Deus, que *deve ser lido com cautela*". E o continuador de Capistrano nas anotações á *Historia Geral do Brasil* do Visconde de Porto Seguro, o eminente Rodolpho Garcia, deste modo escreve no T. I, daquela obra, á pag. 224. "Na *Revista do Inst. Hist. e Geog. de S. Paulo*, 5 — pp. 159 e segs. foram publicados uns apontamentos do pouco fidedigno Fr. Gaspar da Madre de Deus".

E' ainda de Capistrano de Abreu a nota 15 encontrada á pag. 323 do *op. cit.*: "Á vista disto parece *inventada* a provisão de 25 de junho de 1551, que cita Fr. Gaspar (225 e 226), *todo empenhado em fazer crer* que a divisão dos dois donatarios irmãos tivera lugar pela barra da Bertioga, e não pela de S. Vicente, como succedia".

E' bem verdade que as *Memorias* de Frei Gaspar foram publicadas em 1797, mais de um seculo depois de Fernão Cardim ter divulgado, nos seus *Tratados de Terra e Gente do Brasil*, aquella declaração: "Chegamos em seis dias por termos sempre calmarias a barra do Rio, nomeado de *Buriquioca*, sc. Cova dos Bogios, e por o nome corrupto *Bertioga*, aonde está a nomeada fortaleza" *Cf. op. cit.* p. 351 ed. J. Leite — Em nota LXXIX, p. 411, Rodolpho Garcia comenta largamente a etimologia de Cardim e Frei Gaspar e adota a de Th. Sampaio, que não pode ser mantida; assim opina o Dr. Padberg concordando com os comentarios que bordei, que-

rendo porém fazer prevalecer a de *Buriquioca*. Rodolpho Garcia, que nunca a accitou, admite agora a etimologia por mim proposta.

Fernão Cardim terminou o documento, em que apparece o vocabulo, em 16 de outubro de 1585 datado da Baía e incluido naquela *Informação da Missão do P. Christovão de Gouvêa ás Partes do Brasil Anno de 83, ou Narrativa Epistolar de uma Viagem e Missão Jesuitica*.

O nome da localidade de ha muito existia e era grafado em 1550, por ordem cronologica, *Britroguia*, *Britogua*, *Britroga*. O illustre Dr. Padberg, na sua epistola, admite que o vocabulo *Britroga*, que citei por te lo encontrado nos *Documentos Historicos* seja um erro, pois assim escreve: "Britroga? Erro tipografico!" Não é, porque no vol. XXXV, pp. 163-165, dos *Doc. Hist. 1937*, apparece o nome da localidade cinco vezes quasi do mesmo modo, em documentos de 17 e 18 de Janeiro de 1550 e que supponho são os primeiros a registrar o toponimo, assim grafado: *Britogua* em 17 de janeiro de 1550, e em documento do mesmo dia, incluindo uma variante: *Britroga*. No dia seguinte, 18 de janeiro de 1550, ha um documento, no qual o nome *Britroga* apparece duas vezes e um outro onde está registrada a nova forma *Britoga*.

Em 1555 surge o nome *Bertioga* e a variante *Brcitioga*. No ano seguinte, em 1556, o nome *Britioga*. Em 1557 é publicado o livro de Staden, que adota varias grafias: *Briekioca*, *Brikioca*, *Brigiaco*, *Brigiaca*, estas ultimas só nas gravuras.

Em 1565 foi escrita a carta de Anchieta, na qual somente se encontram *Beriquioca*, *Beriquioca* e *Berequioca*. Em documentos officiais, alguns já datado de 15 anos, outras grafias tinham sido registradas, inclusive *Bertioga* em 23 de junho de 1555 in *Act. da Camara da Vila de S. Paulo*.

Anchieta passou alguns dias na fortaleza, em 1564; vivia ha varios anos na Capitania de S. Vicente e escrevendo aqueles nomes oito vezes, procurou reproduzir a verdadeira denominação da localidade tão conhecida no pequeno mundo, que então constituia a capitania.

Foi o desconhecimento da existencia entre o nosso povo de um nome vulgar para certos dipteros hematofagos, que

desviou a atenção de Th. Sampaio, levando-o a errar, como por exemplo, ao estudar o verbete *Buriqui*, afirma que os termos *barigui* e *baregui*, usados em S. Paulo, são alterações de *buriqui*, nome de um mono, quando de fato são nomes de pequenos insetos hematofagos, assim como *birigui*. Montoya no verbete *mosquito* chama-o de *mbarigui*, o que escapou a Th. Sampaio.

Diz Frei Gaspar que a fortaleza tomou o nome de um outeiro visinho chamado *Buriquioca*. Estou convencido de que os pedreiros, que construíram a fortaleza em lugar inçado de *biriguis*, fizeram o mesmo que, seculos depois, os operarios da construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil realizaram, quando batizaram o local, onde hoje se encontra a estação da Estrada de Ferro, de *Birigui*, dispensando a terminação *oca*, já desnecessaria ao falar do nosso povo.

Meu illustre amigo Dr. Padberg afirma que *Bertioga* procede de *Buriquioca* porque Staden chamava ao mono, hoje conhecido por *Muriqui* e *Buriqui*, de *Pricki*, como de fato escreve. Mas se Anchieta chamou de *Beriquioca*, se o insecto é denominado ainda hoje de *barigui* e de *birigui*, justamente no Estado de S. Paulo, porque Staden não poderia transformar o *Biriquioca* de então em *Brikioca*?

Tal alteração estaria de acôrdo para quem contraiu *Paranambuc* em *Prannenbucke* e *Brannenbucke*, transformou *Potiguares* em *Buttagaris*, *Bahia* em *Boiga* (*Boiga de Todosos Sanctus*), *Tucum* em *Tackaun* — *Anhanga* em *Ingange*, *Itanhaem* em *Itenge-Ehm*, *Juru-mirim* em *Schirmircin*, *taiabas* em *Doynges*, *Duarte Coelho* em *Arto Koslio*.

Cinco vezes Anchieta escreveu *Beriquioca*, que é uma natural transformação de *Beriquioca*. O primeiro vocabulo poderia perfeitamente suscitar *Berquioca*. O Dr. Padberg aceita a transformação da letra *q* em *t*, lembrando-me os exemplos da transformação de *taititu* em *caititu*, de *quero-quero* em *tero-tero* e *téu-téu*. Ocorre-me ainda um outro que não citei no meu artigo publicado no *Jornal do Comercio*:

Piso, á pag. 67, *Lib. III*, chama de *piquitinga* o que é hoje na Bahia, *pititinga*. Maregrav. in *Piso: Hist. Nat.* p. 17 Cap. VII: *De Cibo et Potu Brasiliensium*, diz: "*Minutiores*

pisces, ut Piaba, Piquitinga, etc. Folis herbaceis aut arboreis involvunt et operiunt cineribus calidis, ilabrevi tempore ad cibum parati sunt, licet neque cocti neque assi dicit possint".

Era esta a maneira de pronunciar o nome do peixe em 1658, e pela sua descrição e o modo de aproveitá-lo, é de facil identificação com a *pititinga* bahiana e pernambucana dos nossos dias.

Em 1572 o toponimo é grafado de *Bretiogua, Britiogua, Bertyoga*. Em 1570 aparece a forma *Britioga*; sómente em 1585, surge *Buriquioca* em Fernão Cardim. O livro de Frei Gaspar é posterior ao de Cardim; refere-se ao vocabulo *Buriquioca* e sua etimologia presente em documento de 1566. Parece, porém, que Frei Gaspar, em materia de historia do Brasil, na opinião de alguns dos seus pontífices, cometeu grandes pecados.

Para mim *Mbariquioca* suscitou *Beriquioca*, que originou *Beriquioca* por sua vez e facilmente pela queda do primeiro *i*, deu origem á palavra *Berquioca*; se ha exemplos da mudança do *q* em *t*, então possível se torna a este vocabulo transformar-se em *Bertioca*, o qual, sem nenhum esforço, originou *Bertioga*, que muita tinta tem feito correr.

A lista que se segue registra o celebre toponimo, desde que surgiu, e as alterações presentes nas principaes obras. Os leitores poderão, assim, dispor de mais esses elementos para formar juizo sobre tão debatida materia e dar seu veredicto:

Britroga — 17 de janeiro do 1550 — p. 163 — *Doc. Hist.* Vol. XXXV — 1937.

Britogua — 18 de janeiro de 1550 — p. 165 — *Doc. Hist.* Vol. XXXV — 17 de janeiro de 1550 — p. 164 — *Doc. Hist.* Vol. XXXV.

Britroga — 17 de janeiro de 1550 — p. 164 — *Doc. Hist.* Vol.

Britiogua — Mapa Johannes Blauo — *Ap. P. Ayrosa, in lit.* — Sec. XVII.

Bretioga — 22 de dezembro do 1555 — p. 311 — *Doc. Hist.* Vol. XXXV — 1937.

Bratioga — 22 de dezembro de 1555 — p. 312 (duas vezes) *Doc. Hist.* Vol. XXXV — 1937.

- Bertioga* — 23 de dezembro de 1555 — p. 814 — *Doc. Hist.* Vol. XXXV — 1937.
- Bortyoga* — 30 de junho de 1557, *Acta da Camara de Santo André* ap. P. Ayrosa in lit.
- Brickioça* — Hans Staden, 1557.
- Brikioca* — " " " "
- Brigiaca* — " " " (duas vezes).
- Brigiaca* - - " " " "
- Beriguioça* — Anchieta — 1565 — (duas vezes) — *An. Bibl. Nao.* Vol. II — 1877.
- Beriquioça* — Anchieta — 1565 — (cinco vezes) — *An. Bibl. Nao.* Vol. II — 1877.
- Beroquioça* — Archieta — 1565 — (uma vèz) — *An. Bibl. Nao.* Vol. II - . 1877.
- Brcioguã* — 26 de junho de 1572 — *Acta da Cam. da Vila de S. Paulo*, ap. P. Ayrosa, in lit.
- Bertyogua* — 26 de junho de 1572 — *Acta da Cam. da Vila de S. Paulo*, ap. P. Ayrosa, in lit.
- Britioga* — Magalhães Gandavo, 1576.
- Buriquioça* — Fernão Cardim, 1585, p. 351, ed. J. Leite, 1925.
- Britioga* — Gabr'el Soares, 1587 — E. Varnhagen, 1879.
- Brítioga* — Simão de Vasconcelles, *Chron. Comp. de Jesus.* Ed. 1864, p. 224.
- Buriquiôca* — Simão de Vasconcellos, op. cit., 1663, p. 337, Ed. 1804, p. 206.
- Beritioga* — Simão de Vasconcellos, *Vida do Padre Joseph de Anchieta* — ap. Th. Sampaio — 1928 — p. 179.
- Buriquioça* — Garocho. 1566, ap. Frei Gaspar, 1797.
- Piritioga* — Simão de Vasconcellos — ap. Th. Sampaio — 1928 — p. 179 e 180.
- Bertioga* — ex-Buritioga — Silva Pontes, 1850 — ap. Freire Alencão. *Rev. Inst. Hist.* Vol. 45, p. 354, 1882.
- Berriquioça* — Pizarro ap. Moreira Pinto *Dic. Geogr.* I, p. 257 — 1894.
- Britioga* — João de Laet, ap. Th. Sampaio, p. 180; *Tupy na Geog. Nac.* 1928.
- Bartioga* — ap. Th. Sampaio, p. 180, 1928. *Actas S. Paulo*, ap. Alcantara Machado — *Cartas Anchieta*, p. 241, nota 224.
- Biritioga* — A. Tootal o R. F. Burton, 1874.
The captivity. Of. H. Stade of Hesso etc. pag. XIII, citando Vasconcellos — III — 63.

O nome vulgar *birigui*, designando representantes brasileiros do genero *Flebotomus*, foi assinalado pela primeira vèz em 1903 por A. Lutz, em trabalho publicado no *Brasil Me-*

deco, intitulado *Nota preliminar sobre os insectos sugadores de sangue, observados nos Estados de S. Paulo e Rio de Janeiro*, no qual se lê o seguinte: "Ha mais um mosquito sanguessuga encontrado em lugares humidos e conhecidos em alguns pontos pelo nome indio de *birigui*".

Nove annos depois, em 1312, foi novamente identificado por mim e Lutz em trabalho feito de cooaboração e publicado nas *Mem. Inst. Osw. Cruz* intitulado *Contribuição para o conhecimento das especies do genero Phlebotomus existentes no Brasil*, onde se encontra: "Nas margens do Tietê é conhecido pelo nome *birigui* e penetra ás vezes nas casas". Cf. T. IV, fasc. I, pg. 86, e, posteriormente, por Cesar Pinto, em 1930, nos *Arthropodes Parasitos e Transmissores de Doenças*, T. II, 491, e á p. 192 dos "*Zooparasitos de Interesse Medico e Veterinario*" — Rio, 1938; por Ihering, em 1914, á p. 263, do *Alm. de Agricultura de S. Paulo*, in *Dic. dos Animacs do Brasil* onde registra ainda a variante *Bererê*. O mesmo autor, á pag. 302, do ano 1935 da referida publicação, assinala o vocabulo *marigui* desse modo: "*Marigui* ou *Barigui* ou mais comumente *Birigui*".

Na *Biblioteca Nacional*, accessivel a todos os pesquisadores, o illustre Dr. Padberg poderá facilmente consultar certo *Codice da Real Biblioteca* trazido por D. João VI e que, graças á solicitude do seu eminente director, Rodolpho Garcia, me foi prontamente fornecido.

Trata-se do *Codice* — I — 5, 2, 38 — *Sec. M. da Biblioteca Nacional*; nele se encontra entre outras cartas a "*Copia de lha do Irmão Joseph para o Padre Mestre Diogo Laines proeposito geral da Companhia de Jesus an. 1565* — e ás folhas 168 e 185 do precioso manuscrito, reproduzido com todas as letras, se depura o toponimo *Beriguioca* tal como o escrevera o Padre José de Anchieta, na celebre epistola, evidenciando assim que a divulgação de tão importante documento, feita por Teixeira de Melo em 1877 nos *Anais da Biblioteca Nacional*, não acarretou qualquer erro "pografico que alterasse a contestada grafia do vocabulo *Beriguioca*.

Comentarios sobre tupi e lingua nacional — Recordando Oswaldo Cruz e Gabriel Soares

O presente capitulo foi escripto com o pensamento em Oswaldo Cruz que estava elaborando, nos ultimos annos de sua existencia, um estudo relativo á influencia do tupi na lingua nacional.

Iniciou o plano de trabalho fichando os brasileirismos registrados por Candido de Figueiredo e que lhe pareciam de procedencia tupi, tendo, para seus estudos, organizado importante bibliotheca sobre o assumpto.

Estou certo de que, se não tivesse morrido tão cedo, acabaria grande sabedor destas coisas. É sob o imperio dessa recordação que escrevo as notas que abaixo se seguem, e que, para mim, têm a significação de procurar, mais uma vez, seguir o exemplo do Mestre, acompanhar-lhe as trilhas, tanto mais que o auxiliiei, quanto pude, com informações e buscas bibliographicas.

Quem consultar com attenção o que se tem escripto a respeito do tupi e das investigações feitas neste sentido, comprovará, immediatamente, que o assumpto não foi estudado convenientemente, a não ser por alguns raros pesquisadores que a elle se dedicaram.

Atualmente parece que o ambiente melhorou e taes pesquisas já despertam mais attenção que no passado.

Os colonizadores portuguezes, a não ser por excepção, não se davam ás investigações. Toda a assombrosa energia era empregada no trabalho material e, o que sobrava, nas obrigações religiosas. Ha um contraste enorme entre a organização colonial dos portuguezes no Brasil e a dos holandezes. Estes procuraram acompanhar a conquista com o aparelhamento scientifico, e os trabalhos publicados em 1648 e 1658, em Ams-

terdam, por Piso e Maregrave, são disso eloquente demonstração.

Os nomes das plantas e animaes, nas obras escriptas, em latini, virham acompanhados das denominações vulgares dadas pelos portuguezs e pelos indios. Não ha nada em portuguez, neste particular, que de longe se pareça com a obra escripta pelos hollaudezes.

A 29 de Março de 1549, depois de 56 dias de viagem, chegou á Bahia o padre Manoel da Nobrega, teudo encontrado 40 ou 50 moradores europeus na povoação então chamada do Pereira. O jesuita escreveu da Bahia as *Cartas do Brasil* e dalli remettidas de 1549 a 1560.

Na carta enviada em 1549, antes de 15 de Abril, já se encontra a expressão *Pernambuco*, mostrando que o vocabulo tupy, *Paranambukú*, como quer Baptista Cactano, já estava alterado pelos habitantes que alli encontrou e que assim pronunciavam, como bem demonstra o documento.

Os indios ainda eram chamados de *negros* e a 15 de Abril, Nobrega a elles se refere: "Estão estes Negros mui espantados dos nossos officios divinos".

Em 9 de Agosto de 1549, o jesuita escrevia: "Nesta terra ha um grande peccado, que é ter os homens quasi todos suas Negras por mancebas, e outras livres, que pedem aos Negros por mulheres, segundo o costume da terra, que é terem muitas mulheres".

A' medida que se ia deixando encantar pelo paiz, o jesuita traduzia o seu enthusiasmo pela enormidade da terra quando escrevia: "A região é tão grande que, dizem, de tres partes em que se dividisse o mundo occuparia duas".

Nesta carta de 1.º de Fevereiro de 1550 emprega o segundo brasileirismo, porquanto o primeiro é de facto aquella expressão *toponimica*; o outro, que até hoje permanece, e que alterado chegou a dar um vocabulo á lingua franceza que a transmittiu ao idioma ingliez, é aquelle encontrado na seguinte phrase: "Se nantam a um na guerra, o partem em pedaços, e depois de *moqueados*, os comem, com a mesma solemnidade". Griphei o brasileirismo,

O terceiro apparece quando descreve a *mandioca*. O quarto ao registrar o vocabulo *Tupane* que explica ter aproveitado como o mais conveniente para traduzir a ideia de Deus, por elle denominado "Pae Tupane", em carta sem data, ainda de 1549, e na qual se encontram as primeiras referencias aos "*Topinaquis* e os outros *Topinambás*".

Ainda em 1550, chamava os indios de *negros*, mas no anno seguinte, com o ouvido mais affeito ao falar indigena, após dois annos de residencia na terra, já escrevia *Paranambuco*, mais de accordo com a etymologia.

Em 1552, começa a denominar o autoctone de *indio* e pela primeira vez, assim exprime o pensamento, em carta ao Padre Mestre Simão: "Como rogando aos *indios da terra*". Embora, aqui e ali, continue presente a denominação de *negros* e *gentios*.

Nobrega e companheiros logo ao chegar procuraram aprender a lingua do autoctone. Na primeira carta da Bahia, que não tem data, mas que deve ter sido escripta entre 31 de Março e 15 de Abril, de 1549, conforme Rodolpho Garcia, diz o missionario: "Trabalhamos de saber a lingua delles e nisto o padre Navarro nos leva vantagem a todos". Nobrega tentou verter para o tupi as orações "e não posso achar lingua que m'o saiba dizer". Deixa a impressão de que os *linguas* conheciam mal o tupi. O missionario esperava entrar em contacto "com um homem que nesta terra se criou de moço" allusão a Diogo Alveres, o Caramurú, diz Rodolpho Garcia, em nota.

Depois de mais de 3 annos passados na Bahia, os missionarios ainda não tinham conseguido aprender bem a lingua dos indios, como se vê pela declaração que Nobrega faz em carta escripta depois de 15 de Agosto de 1552: "Já tenho escripto por vezes a Vossa Reverendissima como nestas partes pretendiamos criar meninos de *Gentio*, por ser elle muito, e nós poucos, e sabermos-lhe mal fallar em sua lingua".

Anchieta chegou á Bahia em 13 de Julho de 1553 e em carta escripta entre Maio e Setembro de 1554 já escreve *pagés*, forma a portuguezada de *paicé*; em 1560 graphava *jacaré* e *capivara*, e *sucuryuba*, pronuncia esta que ainda se mantem em

certos logares bahianos. Cf. *Cartas ineditas de Anchieta in An. Bibl. Nac.* Vol. I, pp. 44-75 ap. J. A. Teixeira de Mello. O indio denominava o ultimo animal referido de *capiuca*. Anchieta transformou o *u* em *v*, letra desconhecida do indigena. Gabriel Soares, annos depois, como é frequente em seus escriptos, troca o *v* em *b* e escreve *capibara*.

Podem-se reconstituir atravez de Nobrega e Anchieta as primeiras alterações ocorridas com a lingua tupi: *Passé* era naquella epoca chamada *Apacé*. *Paraguassú* elle denominava de *Paragú*, e já se verifica a queda do *i* inicial, em certas palavras, porquanto escrevia *Taparica*.

Em 1559, na carta de 5 de Julho, graphava *Pernãobuco*. Altera o *Cerigipe* para *Cirigype*, e escrevia *Pará açú*. E este modo de graphar é peculiar a todos os escriptores da epoca, e isto occorreu pelo facto de, naquelle tempo, se fazer a differença entre o som do ç cedilha e do s que se foi perdendo, e sinto que o modo de se pronunciar a expressão *muçoca*, na Bahia, tem som algo differente do s.

Não era bem estudada a lingua dos indigenas, bastando lembrar que Simão de Vasconcellos mais tarde traduziu *curupeba* por *sapo bufador*, o que na verdade significa *sapo chato*.

E' na carta de 5 de Julho de 1559 que se encontra, pela primeira vez, a expressão *tupí* ao se referir "*Aos tupys de São Vicente*" e, mais adiante, quando allude ás pazes entre os "*tupys e carijós*".

Em 1560, Nobrega em carta ao Infante Cardeal (D. Henrique) já estava mais senhor da lingua dos indigenas e escrevia, referindo-se ao rio que banha a actual cidade de Cachocira, *Parauagú*, hoje conhecido por *Paraguassú*.

Em 1576, foram publicados os trabalhos de Pero de Magalhães Gandavo — *Tratado da Terra do Brasil*, que se supõe tenha sido redigido em 1570 ou anteriormente, e — *Historia da Provincia de Santa Cruz*.

Não se sabe o tempo que Gandavo viveu no Brasil. Capistrano certifica no entanto que foi "insigne humanista e excellentes latino." Conheceu, porém, o Reconcavo e o sul

da Bahia. Atravez daquelle trabalho se verifica a queda do *i* inicial de certos vocabulos: *Tamaracá* e *Guarassú*.

Registra novos brasileirismos, como: *beijús, tamanduá, sagois, geraracas, giboia, giboiossú, aypim, corygoís, ananazes, cajús, pacovas, sururucú, macucocagoús, jacús, canindés, araras, tuins, guarás, camboropins, maiacús, tamoatús, tatú, genipapo* e *sapucaya*.

Pela primeira vez surge uma referencia ao falar do indigena, quando lembra que estes não conhecem as letras *f, l, r*; e isto porque "não tem *fê*, nem *lei*, nem *rei*", tambem ha allusão de que entre elles existia certa differença no falar, embora se entendessem.

Aquelles brasileirismos persistem até hoje, alguns com pequenas alterações, como por exemplo, *Sapucaya*, que elle graphou *Zabucaes*.

Não podendo reproduzir o grupo *mb*, por exemplo *mbayacú*, graphou com a letra *m*, que desapareceu totalmente do vocabulo, como occorreu com quasi todas que assim começavam, pois hoje o peixe é conhecido por todo o Brasil pela denominação de *baiaeú*, embora *maiacú* ainda persista raramente, pois Olympio da Fonseca Filho ainda o registra em publicação de 1918. Frei Vicente do Salvador na sua *Historia do Brasil*, trabalho terminado em 1627, contava: "Ha uns peixes pequenos em toda a costa, menores de pulmo, chamados *majacús*".

Por anomalia este grupo *mb*, durante muito tempo, persistiu em São Paulo, denominando um Municipio proximo da Capital, assim graphado: *Mboy*, e que sempre constituiu uma enorme difficuldade para a pronuncia, e naquelle Estado a letra *m* ainda subsiste, na palavra *Mogy*, e em outros pontos do paiz, em *Marajó*, *Marapendy* e outros.

Pode-se, por exemplo, atravez destes escriptores, ir se fazendo a historia da introdução dos termos tupis na lingua dos colonizadores. No tempo de Gandavo, ainda não tinha sido assimilada a expressão *tipiti* e suas variantes, porque o aparelho tão conhecido de norte a sul do paiz, para espremer a massa de mandioca para o preparo da farinha, com

pequenas alterações quanto ao modo de pronunciar e de graphar, era denominado por Gandavo de *manga comprida*.

Onze anos após a publicação do livro de Gandavo, é concluído o notavel manuscripto de Gabriel Soares do Souza que sómente algo conhecia da lingua tupi. Varios vocabulos indigenos elle os traduz. Duas vezes interpreta erradamente; em *baiaçú*, que traduz por *sapo* e quando trata do simio *jepará*, que diz significar *noite*. Para este erro Varnhagen chama a attenção.

O conhecimento, porém, que tinha do tupi não devia ser grande, e isto fica evidenciado no capitulo CII porque, referindo-se ao *tatú-bola*, como é conhecido actualmente o animal, informa: "A estes chamamos *tatú-merim*". Tal designação mostra como era corrente o vocabulo *merim* que foi dado, pela gente que vivia em volta do chronista, ao tatú de facto de menor porte mas que era denominado pelo indio de *tatuapara*.

Este nome apparece no entanto dez vezes nos capitulos XXV e XXVI, quando Gabriel Soares descreve a costa bahiana da "*Itapocurú*, "até o rio de "*Joanne*". Tal toponymia até hoje persiste e o chronista descreveu muito bem a enseada de *Tatuapara* e a "*povoação com grandes edificios de casas de sua vivenda*" que alli possuia Garcia d'Avila e cujas soberbas ruinas, ainda bem conservadas, são as mais importantes existentes no Brasil.

Tatuapara significa exactamente o *tatú* que se dobra ou se encurva e que os portuguezes acabaram denominando tão expressivamente de *tatú bola*. O adjectivo *apara*, curvo, torcido, torto, tem emprego frequente no tupi, e Gabriel Soares se tivesse sabido regularmente a lingua dos indigenas delle tomaria logo conhecimento.

O notavel portuguez que chegara á Bahia em 1567, dalli partiu em fins de Agosto de 1584, levando as notas para o grande trabalho que escreveu em Madrid, como declara na offerta que faz do livro a Christovão de Moura, a 1.º de Março de 1587, quando diz: "Muitas lembranças por escripto do que me pareceu digno de nota, as quaes tirei a limpo nesta Côte e neste caderno, emquanto a dilação de meus requere-

rimentos me deu para isso logar". A burocracia já era um facto.

Em 1599, informa Varnhagen, já Pedro Mariz citava a obra e a copiava na 2.ª edição dos seus *Dialogos*, tendo passado, portanto, da Hespanha para Portugal o trabalho de Gabriel Soares, e com elle se diffundido a lingua tupi, pois era o que maior copia de nomes incluia.

A obra deve ter sido reproduzida muitas vezes. Só Varnhagem compulsou mais de 20 copias, não tendo tido, porém, a fortuna de encontrar o original, talvez consumido no incendio que destruiu a biblioteca do Conde de Vimieiro onde suppunha se encontrarem os originaes do trabalho "*do homem superior que tinha entregue grande parte de seu tempo a observar, a meditar e a escrever*", diz Varnhagen, tão parco de encomios.

No capitulo *CL*. Gabriel Soares, com o titulo "*Em que se declara o modo e linguagem dos tupinambás*", aborda o assumpto que agora tanto nos interessa.

Affirma que existia uma lingua quasi geral pela costa do Brasil e que tambem muito graciosa quando falam, mormente as mulheres, e assignala a ausencia do *f*, do *l*, e do *r*, "*grande ou dobrado*", e reproduz mais ou menos a imagem já usada por Gandavo em 1576, o que dá a impressão de que a conhecia.

Mostra no fim do capitulo que a ausencia dessas tres letras dava origem á transformação pelo indio, de Francisco em Panceico, de Lourenço em Rorenço, e Rodrigo em Rodigo, acrescentando: "*E por este modo pronunciam todos os vocabulos em que entram essas tres letras*".

Para mim, isto é um argumento de que a quêda do *r*, no falar popular, além do factor africano, encontrava uma acção concomitante no modo do indio se exprimir em portuguez.

O trabalho, antes de publicado, fôra divulgado entre gente culta, porque Frei Vicente do Salvador, Frei Antonio Jaboatão o copiaram, e, segundo Varnhagen, Simão de Vasconcellos tinha aproveitado bastante do *Roteiro Geral*.

Em 1825, a Academia de Lisboa publicou a primeira edição e Varnhagen diz com acerto: "*Se esta obra se houvesse impresso pouco depois de escripta, estaria hoje tão popular o nome de Soares, como o de Barros*".

A leitura de Gabriel Soares é imprescindível aos que desejam estudar o problema da linguagem brasileira porque, na ausencia de vocabularios tupis, no seculo XVI, pode-se dispor de um trabalho onde se encontram inventariadas numerosas vozes indigenas e preparado por um homem dotado de poderosa intelligencia e observação e que viveu 17 annos na Bahia, justamente no momento que a nação se ia formando e com ella a lingua que falamos.

Occorre, naturalmente, no trabalho alguns enganos, provaveis erros de copia e até na edição publicada em 1851 por Varnhagen, em determinado ponto está escripto *corruripe*.

Já se pode registrar uma observação. O diminutivo *mirim* era corrente no tempo de Gabriel Soares tanto que, uma vez, elle o registra quando escreveu "*Santo Antonio Mirim*". O que vem confirmar o commentario que a proposito já fiz.

Do copioso vocabulario de Gabriel Soares, muitas vozes desapareceram do Reconcavo da Bahia, zona que melhor conheceu, mas que continuam vivendo em outras partes do paiz, e mesmo daquelle Estado como pude comprovar, sobretudo com os nomes de animaes, como por exemplo *pium*, *parati*, *boicininga*, *inhatum*, inexistentes no Reconcavo, mas que persistem em outras partes da Bahia e do Brasil, como as graphava Gabriel Soares, ou um pouco corrompidas, o mesmo se comprovando com os nomes das plantas.

Tratado descriptivo do Brasil, em 1587, obra de Gabriel Soares de Souza, senhor de engenho da Bahia, nella residente 17 annos, seu vereador da Camara, etc., edição consagrada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França e accrescentado de alguns commentarios á obra por Francisco Adolpho Varnhagen, 2.ª edição mais correctá e accrescentada com um additamento em Rio de Janeiro, Typographia de João Ignacio da Silva, Rua da Assembléa, 81 — 1879.

Reproduzo o extenso titulo da notavel obra como homenagem ao extraordinario Gabriel Soares, homem de grande intelligencia e que desperta admiração a todos que o leram e o estudaram.

Ainda me recordo da opinião de um dos technicos do Museu de La Plata, De la Torre, que maravilhado transmitiu suas impressões a proposito das observações sobre os indios, encontradas no *Tratado Descriptivo*, e relativas a assumpto em que o illustre argentino é autoridade.

Gabriel Soares viveu na Bahia e morreu lá para as bandas do actual Mucujó.

No Mosteiro de São Bento, na Cidade do Salvador, existe uma lapide, que recorda o notavel luso e na qual gravaram, de accordo com o seu testamento, caso não morresse naquella cidade, o epitaphio, sem outra qualquer indicação: "*Aqui jaz um peccador*". Lá devem estar seus ossos.

Conheceu sobretudo a Capital e o Reconcavo bahiano. As observações, que registra e assigna sobre tal zona, são de facto reveladoras de uma capacidade invulgar, e de uma intelligencia muito acima da craveira commum com que preenchia as deficiencias culturais.

Nenhum commentador procurou analysar um aspecto novo que Gabriel Soares proporciona: a lingua que elle manejava e o grande numero de brasileirismos pela primeira vez registrados, muitos dos quaes, até hoje persistem, embora desconhecidos do Portugal contemporaneo.

Existe no Reconcavo bahiano uma pequena ilha de nome Bom Jesus, deshabitada no tempo do chronista, e á qual allude, rapidamente, quando descreve a Ilha dos Frades que lhe fica fronteira e já naquella época possuidora desse nome.

Conheço essas paragens desde os primeiros dias da minha meninice. Para mim, tudo quanto ali ocorre me é sobremodo interessante, e por isso, durante mezas que passava na Ilha do Bom Jesus, estudei, nos ultimos annos, através de Gabriel Soares, o que ainda persiste de habitos, costumes e lingua da época descripta pelo grande chronista.

Max Mueller, determinou precisamente que um campo-inez inglez se utilizava apenas de 800 vocabulos differentes.

Quiz cotejar o que acontece com os moradores de uma Ilha com a população de mil e poucos habitantes, povoada ha quasi 4 seculos, distante 20 milhas da Cidade do Salvador, em pleno Recôncavo bahiano, de onde a civilização se diffundiu por todo o Estado e, com agradável surpresa, verifiquei que existe enorme campo de pesquisas que não pude, contudo, investigar como almejava.

Pode-se encontrar ali o choque das raças que entraram na formação do Brasil. O indio, o portuguez e o negro. Certa vez, quando dirigia o Museu Nacional, comeci a identificação dos nomes de alguns insectos indicados por Gabriel Soares. Escrevi a nota para o *Boletim* daquela instituição; extraviou-se porém o original.

Ocuppei-me dos dípteros cuja identificação realizei através das descripções e indicações do *Tratado Descritivo*. Colhi depois material de motueas, algumas já conhecidas pela sciencia e outra ainda nova que Frei Thomaz Borgmeier descreveu sob o nome de *Dichelacera neivai*.

Interessei-me pelo assumpto e pude estudar a lingua que se fala na Ilha e verificar o contingente de expressões indigenas que ainda persistem, nas denominações de plantas, animaes e coisas, algumas usadas sem qualquer alteração, outras soffrendo modificações pela influencia da lingua portugueza e dos idiomas africanos.

Muitos vocabulos, considerados arcaismos pelos actuaes lexicos e empregados por Gabriel Soares, ainda vivem correntemente na lingua do povo. Largo material colhi de palavras jámais inventariadas em qualquer dicionario e as remetti a Affonso de Taunay, e a Bernardino de Souza para aproveitamento nos seus vocabularios. E o ultimo contingente enviado ao director do Museu Paulista não foi ainda divulgado.

Não poderei, neste capitulo, fazer uma analyse completa da lingua que usou Gabriel Soares.

Quero apenas chamar a atenção dos pesquisadores, para alguns factos. Em alguns termos, o autor do *Tratado Descritivo*, trocava o *b* pelo *v*, como no vocabulo *embira*, cuja grafia só apparece envira, como, aliás, é assim pronunciado

em varias localidades brasileiras. Esta troca devia ser corrente entre os primeiros colonizadores. Até hoje, na Ilha do Bom Jesus, o aparelho usado pelos pescadores para marcar a largura da malha quando estão entalhando ou emmalhando rêdes, é denominado ali e em toda a redondeza, de *ritola*, evidente modificação de *bitola*. Os pescadores do Rio e arredores chamam de *molde*.

O vocabulo *safra* para designar *bigorna* é o unico conhecido pelos habitantes. A expressão *levadía*, para assignalar o que no Rio de Janeiro se chama *ressaca*, é a unica usada pelos pescadores que constituem a população da ilha e *levadía* é a palavra empregada na antiga linguagem portugueza.

Pode comprovar a persistência do nome indigena para uma das aves brasileiras mais conspicias, a *Fregata aquila*, que na Ilha do Bom Jesus é conhecida ainda por *guirapirá* e *garapirá*, mais proximo do *carapirá* que a obra registra. Os praieiros cariocas chamam a esta ave de *João Grande*, os de São Paulo pelo velho nome portuguez, *alcataz*.

O que se verifica, quando se começa a estudar o vocabulario, é que o numero de palavras empregadas pela gente do povo no Brasil é muito maior do que o assignalado por Max Mueller, para o inglez de condições humildes, assumpto que talvez um dia abordemos.

Do nome indigena de conhecido peixe e sua modificação pelos eruditos

Com o vocabulo tupi que vamos comutar, passou-se, com os estudiosos desta lingua nos tempos modernos, o mesmo que ocorreu com as primeiras grammaticas escriptas sobre a lingua dos nossos indios.

Anchieta, o primeiro a escrever uma gramatica de tupi, editada em 1595, procurou adaptar a lingua de nossos indios aos moldes classicos do latim.

Com o vocabulo *paraty*, penso estar occorrendo coisa parecida. Theodoro Sampaio, o eminente e saudoso brasileiro, procurou acomodar o nome tão conhecido do peixe chamado *paraty*, a uma supposta etymologia, *piraty*, peixe branco, designação que talvez não fosse intenção do nosso indio dar.

Tal nome, assim alterado, serviu para explicar a origem da palavra *Bertioga*, que foi objecto de uma contribuição que publicamos no *Jornal do Commercio*, de 15 de Maio de 1938 e de uma segunda saida na *Revista do Brasil* de Julho de 1939.

Paraty denomina-se, no sul do Brasil, determinado representante da familia *Mugilidae*, de que fazem parte as conhecidissimas tainhas, e a caeluaça.

Paraty, na zona da Bahia chamada Reconeavo, só se chama a aguardente de canna, accepção essa que se estende a todo o Brasil. A applicação do vocabulo ao peixe é actualmente inteiramente desconhecida. É necessario assignalar que Gabriel Soares, que viveu 17 annos no Reconeavo bahiano, denomina de *paraty* uma variedade de mandioca, e informa tambem que do aipim os indios faziam uma bebida com a qual se embriagavam.

Diz Gabriel Soares á pag. 134, referindo-se á mandioca: "Ha outras castas que se dizem *manaitinga* e *paraty*, que se começam a comer de 8 mezes por diaute, e se passam de anno

apodrecem muito; esta mandioca *manaitinga* e *paraty* se quer plantadas em terras fracas e de areia”.

Piso, em 1658, no *De Indice Utriusque Re et Med.* Lib. IV cap. III, pag. 115, ao tratar da “*Radix Mandioca*”, diz “*Primaria omnium in quo quotidiano usu et lucro, produci-tur quidem promiscure in quavis terra, vocaturque Mandiū-parati*” confirmando a observação de Gabriel Soares.

Sem autoridade para discutir a materia, quero chamar a atenção dos competentes para um facto:

Hans Staden, allemão que viveu no littoral de São Paulo, escreveu em 1557 o nome do peixe: *bratti*. Na traducção de A. Loefgren do *Hans Staden — Suas Viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil* — S. Paulo, 1900 — annotado por Th. Saropaio, diz este commentador á pag. XV: “*Toda a costa deste Santo Amaro até alem de Paraty, que outrora se chamou Piraty, é abundantissima deste pescado e que o gentio denominava piraty (peixe branco)*”.

No entanto tudo leva a crer que o indio chamasse de *paraty*. A’ pag. 42 Staden escreve: “*Estes peixes chamam elles em sua lingua Bratti (paraty) e os hespanhoes lhes dão o nome de Lysses*”. A’ pag. 45 Staden já não troca o *p* por *b* e escreve: “*pelo tempo da desova de um peixe que se chama Pratti na lingua delles*”. O que confere com a reprodução facsimilar da edição de Marburg, como verifiquei.

Piso, em 1658, apesar de tratar de numerosos peixes precedidos do dissyllabo *pirá*, quando se refere ás pp. 70-71, do *Lib. Tertius — Hist. Nat. et Medica*, somente escreve *paraty*: “*Alia quoque species datur Parati dieta*”.

O *Caderno da Lingua, de Frei Arronches*, registra *paraty*: o *Diccionario portuguez brasiliano* escreve *paraty*; não só quando traduz a expressão tuinha para o tupy, como tambem quando faz a versão do vocabulo para o portuguez.

O nome *paraty* apparece no *Glossario Das Palavras e Phrases Da Lingua Tupy, Contidas Na “Histoire De La Mission Des Pères Capucins En L’Isle De Maragnan Et Terres Circonvoisines”* Do Padre Claude D’Abbéville, publicado em 1926, e da lavra do eminente Rodolpho Garcia. D’Abbé-

ville esteve no Maranhão em 1612, tendo dado publicidade ao trabalho em 1614.

Th. Sampaio assim define: "*piraty* — c. *pirá-ty*, o peixe branco ou prateado. Póde ser também *pirá-ty*, agua ou caldo de peixe. Confunde-se de ordinario com *paraty*."

Baptista de Castro no *Vocabulario Tupy-Guarany* — 1936, apenas: "*paraty*, *piraty* — (*pira-ty*), peixe branco — tainha".

Plínio Ayrosa, nas *Primeiras noções de Tupi*, em 1933, define "*Pará-ty* — (*pará-ty*), — jazida de agua salgada, o lagamar, o alagadigo", e que é a mesma definição que se encontra é pag. 361 de Baptista Caetano.

Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, em 1845, data em que descreveu o trabalho publicado em 1867, quando se occupa do toponymo na *Collecção De Etymologias Brasileiras*, diz que *Paraty* provem de "*pirátyba* — pesqueira ou alugar (sic.) abundante de peixe. Rio e villa do Rio de Janeiro" definição evidentemente errada.

Para mim uma coisa é incontestavel: o indio, pelos documentos acima apontados, chamava ao peixe que constitue a principal base da sua alimentação, como é até hoje para os praianos brasileiros, de *paraty*, nome que se conserva inalterado até o momento, embora gente competente queira, com espirito grammatical, corrigir para *piraty*, presuppondo que o indio desejava chamar a tainha de peixe branco. Quando chegeram os conquistadores, era *paráty* o nome dado pelos indios e que até hoje os brasileiros repetem.

O proprio Baptista Caetano, á pag. 350, assim define: *piráty* — peixe branco, também *paraty*, um dos nomes dados ao *Mugil*, vulgo *tainha*".

E' justamente Baptista Caetano, a nessa maior autoridade em materia de lingua indigena, que nos ensina a significação de *pirá* por estas palavras encontradas á pag. 378 do monumental trabalho publicado no vol. VII — dos *An. da Bibl. Nacional: Pirá* — s. peixe (talvez part. contr. do prec. dizendo "o que tem pelle ou cutis; o que é nú, limpo, vê *cará*; peixe em geral, mas especialmente o peixe de pelle, porque o de escama é designado na costa ou em tupi por *cará* e *acará*."

Ha grande numero de compostos de *pirá*, principalmente em tupi, e é obvia a razão disso, pois os tupis possuíam extensa costa de mar, onde peseavam"

E o *paraty* é, como todos os mugilídeos, peixe muito escamoso. Aliás, tal distincção não serve; ha alguns peixes cujos nomes começam por *cará* que não têm escamas v. g. as varias especies de *caramurús*, o contrario tambem se observando.

Th. Sampaio, Plinio Ayicsa, Baptista de Castro procuram restabelecer o vocabulo atravez da etymologia e chamam de *piraty*, isto é, peixe branco. No entanto, é o proprio Gabriel Soares que grapha no celebre trabalho *pirapouan*, *pirapicú*, *beijupira*, *piracuca*, *piraquirolá*, *piraquirá*, *piranha* e escreve, de modo a não deixar duvida, este periodo:

"E começemos logo do principal, que são as tainhas, e que os indios chamam *paratys*, do que ha infinidades dellas na Bahia."

Ha muitos annos passados, em 1916, abordei tambem a etymologia de una palavra tupi, em trabalho que escrevi a respeito do vocabulo *canindé* que Th. Sampaio e Baptista Caetano consideravam como expressão designando cor negra, o que estava em contraste total com o que se observava em ave de tão larga disseminação no nordeste do Brasil, e com a qual me familiarizei quando percorri aquella região em estudos scientificos, tendo publicado sobre o assumpto o seguinte, á pag. 115-117 do fasciculo III, T. VIII, das *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*. Neste trabalho, intitulado *Viagem scientifica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauhy e de norte a sul de Goyaz*, eis o que escrevi:

"Antes do terminar o capitulo concernente á fauna, diremos algumas palavras sobre a etymologia de 2 nomes e que tem sido objecto de pesquisa por parte de varios estudiosos.

"Diz Maregrave in *Histor. avium* Lib. V. pags. 206-207 e seguintes:

"*Ararauna Brasiliensibus. Figura alteri similis, sed alterius, coloris. Rostrum nigrum, oculo cacsii, pupilla nigra. Cutis circa oculos alba nigris pennulis variegatur quasi acu-*

pieta esset. Crura et pedes fusci coloris. Caput anterius supra rostrum nitellam habet viridibus pennis; sub rostro inferiori ambiunt guttur pennae nigrae: colli autem latera, reliquum guttur, totum pectus et infimum ventrem tegunt pennae flavi coloris: Extremum caput, collum posterius versus, totum dorsum et alas exterius caerulei. Extremitatibus alarum pluma flava sunt admixtae: cauda constat longis pennis caeruleis, quibus aliquot flavae immiscentur. In genere autem caeruleae pennae interius sunt nigrae et quodammodo etiam nigredinem ad latera de se spargunt".

Rodolpho Garcia no excellente estudo — *Nomes de Aves em Lingua Tupy — Contribuição para a lexicographia portugueza* — Rio de Janeiro, 1913, determina a araraúna, descrita por Maregrave, como sendo o *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lath.) pela descripção que transcrevemos, vê-se bem que o naturalista allemão referia-se á especie hoje denominada vulgarmente nas zonas bahianas, pernambucaras e piathen-ses que atravessamos, pelo nome de "arara canindé" ou simplesmente e mais communmente de "canindé" e actualmente baptizada em sciencia pelo nome de *Ara ararauna* (L) e desse modo descrita á pag. 153 do vol. XX do catalogo de aves do Museu Britannico:

"Adult, Upper parts and under tail-coverts blue, in some lights greenish; forehead and vertex olive-green; cheeks naked, lores and upper parts of the cheeks with a few lines of dark green feathers; edge of the cheeks and chin black, the neckbreast, abdomen, and under wing-coverts yellow the neckbreast, abdomen, and under wing-coverts yellow orange; quills and tail-feathers blue above, golden olive yellow below; naked skin of the cheeks, lores, and cere dusky fleshcolour; iris greenish grey or pale yellow; bill black; feet blackish. Total length about 31 inches, wing 14.3, tail about 12, bill 1.6 tarsus 1.1.

"Female like the male, Hab. Tropical America from Panama to Bolivia and Guyana, and the whole valley of the Amazonas."

"Azara descreveu no Paraguay sob o nome de *Ara caninde*, uma arara muito parecida á *Ara ararauna* "Very much like *A. ararauna*, but the forehead with no greenish tinge." etc., como se lê da descripção feita por T. Salvadori á pag. 154 do *Cat. of the Psittaci, or Parrots in the Col. of the Brit. Museum* 1891, nada lembrando ou suggerindo a "arara muito rotinta", como a define R. Garcia á pag. 17.

Nada sabemos sobre lingua tupi, escreviamos em 1916, e, é apenas para chamar a attenção dos competentes, que lembramos que a expressão *canindé*, dada á ave, talvez não deva exprimir nada que lembre preto. Não ha duvida que não deixa de ser estranho ter Maregrave referido que os indios a chamavam de araraúna o que significa arara negra, *cf.* R. Garcia, *op. cit.* pag. 15.

"A arara-azul é desconhecida nos Estados da Bahia, Pernambuco e Piahy, sendo encontrada na zona por nós percorrida, sómente em Goyaz; se fosse especie existente naquelles Estados, não haveria duvida que a ella caberia a denominação de araraúna, como aliás já possui em varios logares. A descripção minuciosa que Maregrave faz de sua "araraúna" elimina a hypothese de se tratar de um engano devido a algum erro typographico que confundisse a descripção do *Anodorhynchus hyacinthinus* (Lath.), com a *Ara ararauna* (L.), pela simples razão do naturalista allemão não se referir áquella especie, e isto, pela circumstancia de não ser representante da ornithologia pernambucana. Maregrave só se occupa de duas especies de araras; como se sabe, as observações do autor em questão, só se referem á fauna pernambucana, com especialidade, e á bahiana.

"As araras, descriptas por Maregrave são a *canindé* já referida e a *araracanga* (*Ara chloroptera* Gray), arara vermelha; a outra especie desta côr, a *Ara macao* (L.) não ocorre naquellas regiões.

Theodoro Sampaio — nas duas edições do *O Tupy na Geographia Nacional* — São Paulo, 1901 e 1914, admite para a palavra *canindé* a accepção de anegrado, tisuado, escuro, etc. A nossa intenção é trazer á tona a questão, afim de que os

competentes a resolvam, pois, parece-nos muito estranho que os *indigenas do Brasil e Paraguay* denominassem, como anegrada ou escura, a uma grande ave que não apresenta a menor característica para que assim fosse denominada.

No *Vocabulario das Palavras Guaranys* etc. de Montoya ampliado e annotado por Baptista Caetano e que constitue o volume VII — dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro* lê-se á pag. 67, o seguinte a respeito da questão: "*canindé*", nome de uma especie de ave ou guacamayo, talvez contr. de *arara-canindé*, arara muito retincta, vê *araraca*". Procurando este vocabulo, deparamos á pag. 48: "*Araraca*" s. arara retincta? nome de um guacamayo ou psittaco grande." O trabalho de Baptista Caetano constitue o manancial, onde todos vão aprender; nelle a significação do vocabulo *canindé* só é dada interrogadamente; que os competentes resolvam a questão."

Mais tarde, Rodolpho V. Ihering, estudando a terceira edição de Th. Sampaio, quanto ás determinações scientificas dadas aos animaes, refere-se ao que escrevi relativamente ao vocabulo *canindé*, dando-me razão.

Recordo-me a proposito de *paraty*, assim pronunciado em todo o Brasil, em referencia ao Mugilideo em questão, que temos de reconhecer que o povo guarda muitas vezes o vocabulo intacto, embora, já desfigurado, seja corrente entre gente culta, e disso vou dar um exemplo:

Quando, sob as ordens do eminente brasileiro Sampaio Corrêa, trabalhava no Xerem, dirigindo o Serviço de Prophylaxia contra o impaludismo, nas obras de abastecimento de agua da cidade do Rio de Janeiro, observei a gente da zona sómente denominar a região de *Mantiquira*, recusando-se, a todo o transe, submeter-se a correcção que faziamos para *Mantiqueira*, já que se tratava tambem de uma serra. Nunca me esqueci do facto. Ao ler, em 1914, o trabalho de Th. Sampaio, verifiquei que o nome *Mantiqueira*, tão vulgarizado no Brasil, é uma corruptela de *Amantiquira*, demonstrando assim que a gente da Baixada Fluminense que chamava de *Mantiquira* a serra onde se fizera a captação das

aguas para o Rio de Janeiro, tinha razão, pois estava muito mais de accordo com a *etymologia tupi*.

Recordo a occorrença neste commentario, apenas para mostrar que o vocabulo *paraty* foi assim registrado por um allemão, em 1557, em S. Paulo; por um francez, Lery, em 1578, no Rio de Janeiro; repetido em 1587, varias vezes, por um portuguez, Gabriel Soares, na Bahia, graphado deste modo em 1614, no Maranhão, pelo francez D'Abbéville e em Pernambuco, em 1648 por um allemão, Maregrave; em 1658, por um hollandez, Piso; reproduzido pelos dictionarios mais antigos da lingua tupi, e deste modo denominado pelo povo que se estende por todo o littoral, desde o sul do Brasil até o norte, mesmo da Bahia, porque se o vocabulo desapareceu do Recoucauo, existe modificado no sul do Estado, em Valença, sob o nome *pratybu*, e encontrado denominando localidades do Maranhão, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catharina, entrando na composição de expressões toponymicas como *Paratigy*, na Bahia e *Paratibe* em Pernambuco, este ap. A. de Carvalho — *O tupy na chorographia Pernambucana* — Recife, 1917.

Os depoimentos de Lery e de Maregrave são para nós concludentes de que o indio chamava *paraty*. Foi Jorge Maregrave quem se encarregou de escrever a parte relativa á zoologia na *Historia Naturalis Brasiliae* publicada em Amsterdam em 1648 e eis o que diz á pag. 181 do *Liber Quartus Qui agit de Piscibus Brasiliae*: "*Paraty Brasiliensibus, Insitans tainha.*" E' o unico peixe que possui o dissyllabo *para*. O naturalista no entanto se occupa dos seguintes peixes: *piraaca*, *pira ucangata*, *pirabebe*, *piracoba*, *piraiuru*, *membaca*, *piramotara*, *piranema*, *pirapixanga*, *piraquiba*, *piratiaba*, *piracumbú*, *piraya* e *piranha*.

Jean De Lery é ainda mais positivo na sua *Histoire D'Un Voyage Fait En La Terre Du Brésil*, publicada em 1578, mas relatando factos observados e escriptos em 1557 e occorridos no Rio de Janeiro. No tomo segundo, pagina 1, da edição de A. Lemerre e commentada por P. Gaffarel, Paris, 1880, diz Herv, no capitulo XII: "*Premierement á fin de commencer par le genre, les sauvages appellent tous poissons Pira:*

mais quant aux especes, ils ont de deux fortes de francs mulets, qu'ils nomment *Kurema*, et *Paraty*, lesquels soit qu'on les face bouillir ou rotir et encore plus les dernier que le premier sont excellentement bons á manger."

No capitulo XX, pagina 127, no dialogo entre o indigena e Lery quando este pergunta se ha muitos peixes bous, o indio informa, e Lery explica: "*Kurema*, le mulet; *Paraty*, un franc mulet."

E tal designação dada pelo autor francez foi divulgada e portanto poderia ter sido controlada. Em 1633 ella apparece na obra de Joannis De Laet á pag. 573 (20) do *Novus Orbis — Seu Descriptiones Indiae Occidentalis Lib. XVIII* — quando o chefe da Companhia das Indias Occidentaes escreve: "*Lerius porro observat, omnes pisces in genere a Brasilicenis appellari Pira Mullorum autem duo hic reperiri genera: quae barbaris dicuntur Kurema et Parati utraque optimi saporis, tum elixa tum fosta.*"

Pessalmente Piso e Maregrave observaram e comprovaram que era *paraty* que os indios chamavam, como se vê dos trabalhos citados e publicados, em 1648 e 1658. Até hoje o vocabulo *pirá*, usado isoladamente, é empregado no nordeste pelo menos para uma especie de peixe de agua doce daquellas paragens e pertencente ao genero *Conorhynchus*. Cf. *Ih. Piscicultura No Brasil*, — 1937, pag. 45.

Aliás, o dissylabo *para* inicia a denominação de muitos vegetaes é a de varios animaes no tupi, guarani e nhcêngatú, como verifiquei consultando o trabalho de Stradelli para os nomes amazouenses, o *Vocabulario Zoologico Guarany (com etymologia y nomenclatura técnica)* de A. W. Bertoni, do Paraguay.

Este autor cita uma ave de nome *paratschi* e um veadó chamado *paratiadju*. No Brasil colligi as seguintes denominações de plantas e animaes precedidas de *para*: — *Paracahy* — *Pentaclethra filamentosa* — Leg. ap. Le Coite. — *Paracary* — Varios vegetaes com este nome pertencentes a generos e familias diferentes. Ap. Le Coite — A Iabiada — *Peltodon radicans*. — *Paracarirana* — ap. Tastevin — *Paracáú* — papagaio ap. Tastevin. *Paracáixi* — vegetal — ap.

Tastevin da fam. Leg. ap., Stradelli. *Paracuã* — Ave do gen. *Penclope* ap. Stradelli. — *Paracury* — Vid. *paracary*. — entre outros vegetaes a Leguminosa *Paracutaca* — *Schwartzia Duckei* — ap. Le Cointe. — *Paracuiba* — *Mora paraensis*. — Leg. e vegetaes de outras familias. — *Paracuibarava* — papagaio — ap. Le Cointe. — *Paragua* — papagaio — ap. Th. Sampaio — *Parahyba*. — (pan) — *Simaruba versicolor* — *auctorum*. — *Parajuba* — *Dialium divaricatum* — Leg. ap. Le Cointe. *Paramarioba* — *Cassia hirsuta* — e outras especies do genero — ap. Le Cointe. *Paraioiva* — peixe fluvial — ap. Costa Rubim. — *Paraparã* — Representante de varias familias entre estas a *Schefflera paraensis*. — Hub. ap. Le Cointe. — *Paraorã* — *Paroaria cululata* Lath. ad. C. Vieira — Ave. — *Paraparahyba* — in Gabriel Soares — *Cecropia adenopus* Mart. ap. Hoelne. *Parary* — *Zenaida auriculata* — Des Murs a conhecida pomba avoante, ribaçã, ap. C. Vieira. Tambem um vegetal ap. Tastevin. *Pararã* — *Clarivis geoffroy* — ave, ap. C. Vieira. *Paraty* — Casta de mandioca — ap. Gabriel Soares. — *Paraty* — *Tainha* — *Mugil brasiliensis* — in Gabriel Soares, p. 263 *Paraturã* — *Remirea maritima* Cyperacea e tambem uma Graminea — ap. Le Cointe. — *Parauã* — in Tastevin. Tupi do norte corresponde ao *Paraguã* — papagaio. *Parauassú* — ap. Tastevin — *id.*, *ib.* especie menor. — *Parauahy* — ap. Tastevin, *id.*, *ib.* especie pequena. *Parauaboia* — Ophidio ap. Tastevin. *Parauacú* — *Pithecia monachus* — macaco ap. Ihering. *Parauahy* — *Pionus fuscus* — ave ap. C. Vieira. *Parauaira* — Abelha ap. Tastevin. *Paratucu* — *Apocynacca* — *Taberna-montana citrifolia* — ap. Nicolau Moreira.

O referido dissyllabo nem sempre encontra correspondente nas traducções que delle fazem: *mar*, *rio caudaloso*, *pintado*, *multicolor*, *mosqueado*, e até como quer Stradelli: "*Para*, *Mara* — *Vara*, arvore, que se encontra como parte integrante do nome de muitas madeiras: — Baptista Caetano para explicar *paracaiú* affirmou que *para* vinha de *apar* — curvo e *agua* bico que se transformou em *acaú*; significando pois *bico redondo* tão característico dos psitacideos. Os nomes de plantas e animaes precedidos de *para*, estão

longe de ser numerosos, embora não sejam raros. Será absurda a supposição de existir ainda uma outra accepção para o dissyllabo em questão e onde se enquadre *paraty*?

Peixe braneo é a traducção etymologica de *piraty*. Ha tantos que assim poderiam ser chamados e ainda mais brancos. Não tenho conhecimentos para resolver o assumpto: trago os argumentos apenas como um subsidio para que os competentes resolvam.

Não quero deixar este ponto sem chamar a attenção para o livro que em 1937 publicou em S. Paulo, Plinio Ayrosa, sob o titulo "*Os Nomes das partes do corpo humano pela lingua do Brasil*" de Pero de Castilho.

Parece que este trabalho foi escripto em 1613, e Plinio Ayrosa, á pag. 104, quando anota o numero 143, transcreve o que diz Pero de Castilho: "*Parati iba. A canna do braço do cotovelo até a mão. xe. de. y.*" — E reaparece na copia alterada, pois tudo leva a crer que não fosse feito pelo mesmo autor como lembra Plinio Ayrosa com o nome de *Paratigiba*, o que levou o muito competente commentador a escrever á pag. 104: "Ha engano evidente. Parati não é palavra comprehensivel no caso. Na segunda parte, 302, apparece a mesma expressão, embora com graphia diversa".

Até agora o trabalho de Pero de Castilho é o vocabulario mais antigo apparecido e a data da sua confecção já está se approximando do anno em que foi publicada a *Arte de Anchieta*.1595. Apesar do General Couto de Magalhães ter declarado na 7.^a Conferencia Para o Centenario de Anchieta, S. Paulo — 1897 — á pagina 25: Os me'hores livros sobre o tupy são os seguintes: *Vocabulario da lingua tupy* tal qual era falada em São Paulo no seculo XVI, pelo Padre Joseph de Anchieta; a edição está ha muitos annos exgotada; mandei tirar uma copia em manuscrito e vou reimprimil-a", não se encontrou até agora nenhum vocabulario do celebre jesuita; tal informaçã está errada.

Afranio Peixoto recorda nas *Publicações Da Academia Brasileira — Primeiras Letras — Cantos de Anchieta — O Dialogo de João de Lery — Trovas Indigenas* — o que disse o Padre Pero Rodrigues quando escreveu a *Vida do Padre*

José de Anchieta: “trasladou mais o irmão José o cathecismo, deu principio ao vocabulario”.

Não parece natural que a grammatica tivesse precedido ao vocabulario. O trabalho de Pero de Castilho não terá qualquer relação com aquelle “*principio de vocabulario*” de que fala o Padre Pero Rodrigues?

Em Outubro de 1936, na *Revista de Cultura*, Au. X, n. 188, pp. 218-222, o Padre Seraphim Leite tem um estudo intitulado — *O primeiro vocabulario Tupi-Guarani*, em que recorda que, em 1585, houve um pedido a Roma, que foi o primeiro, para se imprimir o *Diccionario da Lingua Brasilica*. Em 1592, “renova-se o pedido para a impressão dum lexicon tupi que se estava escrevendo”. O Padre Seraphim Leite cita o trecho de uma carta do Padre Marçal Beliarde escripta da Bahia, a 21 de Setembro de 1591, noticiando a morte de Leonardo Vale — “*principe dos linguas brasilicos*”, autor de “optimo, copioso e util vocabulario”, do qual o Padre Seraphim Leite parece estar inclinado a heredar ser o trabalho de Pero de Castilho uma copia.

Plínio Ayrosa, com a competencia que tem, resolverá cedo ou tarde este ponto. De qualquer fórma, porém, o vocabulo *paratigiba* que tanta estranheza lhe causou como traducção de “*canna do braço*” do cotovelo até á mão” foi escripto por alguém que esteve em contacto com os indios e cuja lingua estudava.

Isso em 1613, se de facto não for muito antes, e se não acabar por entroncar-se com os primeiros e indispensaveis glossarios organizados pelos jesuitas, quando estudavam a lingua dos indigenas e que, copiados e recopiados, iam passando de mão em mão.

Comentarios sobre a influencia do tupi na denominação brasileira de plantas e animaes

Em 1911, Rodolpho Gare a prepara, em Recife, o trabalho intitulado *Nomes de Aves em lingua tupy, Contribuição para a lexicographia portugueza*, publicado em 1913, no *Boletim do Ministerio da Agricultura*, anno II ns. 4, 5 e anno III, n. 1, Rio de Janeiro.

Esta contribuição foi reeditada, com ampliações, em Setembro de 1929, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. 5, n. 3, pp. 1-54, Rio de Janeiro.

O erudito investigador estuda 518 nomes tupis de aves brasileiras. E é o primeiro subsidio que, no genero, se fazia no Brasil, demonstrando como, num sector tão restricto, as denominações tupis são elevadas, evidenciando a influencia da lingua dos nossos indigenas no falar da gente brasileira.

O autor pretendia publicar tambem o *Glossario das palavras portuguezas derivadas do tupi*; chegou a colligir 700 verbetes; por varios motivos não pode terminar o trabalho.

Em 1936, Carlos Octaviano da Cunha Vieira, divulga em São Paulo, no tomo XX da *Revista do Museu Paulista*, a contribuição intitulada *Nomes vulgares de aves no Brasil*. Neste trabalho, que é o mais desenvolvido até hoje, figuram 718 denominações, onde o elemento tupi está presente, ás vezes inteiramente, outras em composição com o portuguez.

Afranio do Amaral, quando publicou a 2.^a edição da *Contribuição ao Conhecimento dos Ophidios do Brasil — VIII lista remissiva dos Ophidios do Brasil*, nas *Memorias do Instituto Butantan*, 1935-36. t. X pags. 87-162, I-XIX, dado á publicidâde em S. Paulo, em 1937, narra que durante 35 annos, de 1901 a 1936, o *Instituto Butantan* recebeu 34.936 serpentes vindas de todos os pontos do Brasil.

O investigador trata do assumpto sob toda os aspectos, tendo dado cuidadosa attenção á synonymia vulgar dos ophi-

dios no Brasil, estudados como em nenhum outro grupo zoológico.

Se incluirmos a denominação *bairú*, para *Pseudoboa cloelia*, por nós colligida conjuntamente com *boirú*, no municipio de Iguape, São Paulo, quando em companhia do Dr. Melchíades Junqueira, executavamos o serviço de prophylaxia da ancilostomose e Impaludismo naquella cidade do litoral paulista, o total dos nomes vulgares que as serpentes têm em nosso paiz, attinge a 168; desses 110 são tupis ou híbridos de tupi e portuguez.

Alguns nomes têm emprego em area limitada, como acontece em casos semelhantes, em qualquer paiz. *Boirú* e *bairú*, como tambem é chamado, este, corruptela do primeiro, é o nome que dão no litoral sudeste de S. Paulo á *mussurana*, *Pseudoboa cloelia*. Taes nomes vulgares foram por nós registrados no lugar denominado *Icapara* extremidade da Ilha Comprida, no municipio de Iguape, em São Paulo, levando-os ao conhecimento do pranteado herpetologista João Florencio Gomes o primeiro a estudar e organizar, scientificamente, a coleção de ophidios de Butantan. A denominação indica que os indios conheciam os habitos da *mussurana*, pois *boirú* significa o *comedor de cobra*.

No Brasil existiam determinadas, até 1937, 210 especies de ophidios e não sei se ha entre nós outros grupos zoológicos tão bem conhecidos quanto á distribuição geographica.

Só com estes dois exemplos, aves e ophidios, que representam pequena parcella das denominações vulgares brasileiras de representantes da nossa fauna, attinge-se ao total de 828 denominações onde entra o elemento tupi.

Todos os outros grupos de animaes, alguns representados por numero extraordinario de especies, como os insectos, peixes, mammíferos, etc. não estão computados, mas só errará, para menos, quem triplicar o numero de vozes tupis que figuram na synonymia vulgar dos animaes brasileiros.

Se isto occorre em relação á nossa fauna, pode-se imaginar, — facilmente, a que elevado numero attingirão as denominações tupis dadas ás nossas plantas e assignaladas

pelo falar da nossa gente, algumas vezes sem nenhuma alteração.

No vol. XIII, da *Revista do Museu Paulista*, sahido em 1923, Tastevin publicou um artigo intitulado *Nomes de plantas e animaes em lingua tupy*, que abrange as paginas 687-763, e pelo qual se pode acompanhar quanto o tupi influin na formação da lingua brasileira.

O trabalho de Tastevin compõe-se de 3 partes: *Grammatica Da Lingua Tupy*, pp. 535-597 — *Vocabulario Tupy-Portuguez* — pp. 599-686, e finalmente de 687 a 763, dos *Nomes de plantas e animaes em lingua tupy*.

Embora constitua a ultima parte importante contribuição para a materia, está muito longe de reunir o enorme acervo vocabular, sobretudo de nomes de plantas, e de animaes originarios do tupi, que se incorporaram ao falar do nosso povo.

A deficiencia de tal inventario é extraordinaria. Nos lexicos a identificação scientifica das plantas e animaes quando é feita, frequentemente está errada ou anachronizada. Vocabularios de nomes vulgares de plantas e animaes já existem, embora incompletos, e aquelles bem antiquados. São poucas as contribuições relativas aos nomes vulgares das plantas e animaes que procedem do tupi. O trabalho de Tastevin constitue o terceiro ensaio, no genero; o primeiro foi elaborado por Martius, quando, em 1858, apresentou á Real Academia de Sciencias da Baviera o importante trabalho *Nomina Plantarum In Lingua Tupi*, que figura em 1863 nos *Glossarios* das pp. 371-427, e onde o grande botanico, que conhecia e até falava o tupi, identifica scientificamente vegetaes brasileiros d'elle conhecidos e portadores de denominações naquelle idioma.

Em 1860 o celebre naturalista apresentou, á mesma sociedade sabia, uma communicação que precedeu á definitiva publicada em 1863 em Erlangen e que fez parte dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium* pp. 428-486, sob o titulo *Nomina Animalium In Lingua Tupi, adjecta synonymia e multis linguis prosertim Brasiliae*.

Os dictionarios até hoje publicados sobre a materia, além dos inevitaveis erros e omissões, resentem-se ainda das prevenções pessoaes dos autores. Ainda não se organizou um dictionario bastante bom, sobretudo relativo ás denominações vulgares das plantas brasileiras, campo muito maior e muito meos estudado.

Em 1818 John Luccock escreveu a *Grammar And Vocabulary Of the Tupi Language*, sómente publicados em 1880-81 nos vols. XLVIII — XLIX, da *Rev. Inst. Hist. e Geog.* O vocabularia consta de 299 nomes tupis de plantas e animaes que foram objecto de notas e commentarios de Barbosa Rodrigues, que não só procurou identificall-os scientificamente, como tambem sobre elles bordou considerações muito interessantes. Taes commentarios, porém, a notavel botanico não os concluiu, embora tivesse se occupado da maior parte dos vocabulos registrados por Luccock.

Incontestavelmente que os dois trabalhos de Piso e Margrave, datados de 1648 e 1658, denominam scientificamente plantas e animaes brasileiros, identificações que não são consideradas validas, embora se enquadrem no systema binominal, porque a sciencia moderna estabeleceu a X edição de Lineu datada de 1758, como ponto de partida e base de toda a systematica botanica e zoologica actuaes.

Dentro do *Systema Naturae* de Lineu, um dos primeiros a identificar scientificamente as nossas plantas e animaes, está Diogo de Toledo Lara Ordonez, que, em 1799, publicou em Lisbon as cartas escriptas de S. Vicente, em Maio de 1560, por Anchieta, anotando-as. Ordonez, que conhecia bem historia natural, intitulou assim o trabalho: *Josephi De Anchieta Epistola, Quam Plurimarum Rerum Naturalium Quae S. Vicentii (Nunc. S. Pauli) Provinciam Incolunt, Sistens Descriptionem.*

A contribuição de Ordonez compõe-se de 46 paginas sendo 14 occupadas com as 86 notas que fez. O commentador patricio occupa-se de cerca de meia centena de nomes de plantas e animaes. Nas cartas, Anchieta faz referencias approximadamente a 30 nomes de plantas e animaes. Alguns permitem reconstituir exactamente, ou pouco alterada, a pro-

nuncia do indio: *Capiuara, sariçuá, iça, marigui*. O jesuita trocava, parece, o b por v, pois escreveu *copaiva*. Graphou *queuryuba*; assignalou mangue, de preferencia ao nome indigena; escreveu *Igumpiara* e "*Bactatá hoc est res ignis appellatur*" e com o o vocabulo *Corupira*.

O trabalho de Ordonhez foi reproduzido em 1812 na *Coleção de Noticias Para A Historia E Geographia das Nações Ultramarinas, Que Vivem Nos Dominios Portuguezes Ou Lhes São Vizinhas*, publicada pela *Academia Real Das Sciencias*, T. I. N. III, p. 179, Lisboa.

Em 1876-77, a correspondencia de Anchieta appareceu traduzida nos *An. da Bibl. Nacional*, sem que houvesse transcripção integral das notas de Ordonhez que eram, porém, com frequencia lembradas.

Em 1900 o trabalho de Ordonhez, Carta de Anchieta e annotações foram traduzidos por João Vieira de Almeida, prefaciados por Miranda Azevedo, que os publicou em S. Paulo. O trabalho corrige erros que Teixeira de Mello commetteu na traducção que publicou no volume dos *An. da Bibl. Nacional*, acima referidos, alguns até de relevo, como assignalou Vieira de Almeida.

Tastevin erra na definição que fez de "*urutá*", quando escreve: "*Lemos no Dictionario dos Annaes da Bibliotheca Nacional: Urtu: Nome de uma abelha, de um bagre, de uma cobra*". De facto é assim que Baptista Caetano cujo nome Tastevin evita eitar, define o vocabulo. Este autor, porém, não melhora a definição de Baptista Caetano, ao contrario, complica-a suppondo esclarecer, pois Tastevin pontifica. "*A abelha é a urutu; o bagre o sorubim; a cobra, a suruucu*".

O indio dava o nome de *Mandiy* ao bagre e *mandory* a uma abelha, *Melipona interrupta*. O nome indigena applica-se em Matto Grosso a uma abelha conhecida em outros logares por *urussú* o qual, aliás, inclue varias especies do genero *Melipona*. O bagre chamado *urutu* já figura em Gabriel Soares. O nome *curi*, como registra tambem este autor, era traduzido pelos portuguezes ainda por bagre. O nome *guri* indica no Rio Grande do Sul exemplares novos de bagres.

Com essa designação, existe a conhecida denominação familiar de *menino*, derivada provavelmente de *quiry*, *pequeno*.

Gabriel Soares, depois de se ocupar dos *curis*, começa a tratar da "outra casta de bagres, que tem a mesma feição, mas tem o couro amarello, a que os indios chamam *urutus*". Tal denominação perdeu-se no Recôncavo, ali existem, segundo notas que tomei na Ilha de Bom Jesus, em fins de Fevereiro de 1927: *bagre amarello*, *bagre jurupeba*, *bagre branco*, *bagre bandeira*. Nada tem que ver com o nome *Sorubim*, como procura corrigir Tastevin, a Baptista Caetano, o qual indicou, com acerto, que o indio chamava tambem *urutu* a um bagre, como provei com a transcrição de Gabriel Soares. Na 1.^a edição deste chronista feita pela *Real Academia de Lisbõa*, está escripto *guri*.

Resta analysar *surucucu*, que Tastevin procura identificar com o ophidio designado pelo nome de *urutú* por Baptista Caetano. Nisto ainda errou Tastevin. O nome *urutú* de facto designa uma cobra descripta em 1854 por Dumeril et Bibron sob o nome de *Eothrops alternata*. O indio designava sob o nome de *surucucu* uma outra cobra differente da *urutú* e que scientificamente figura em outro genero, a *Lachesis muta*. L.

Quando se acompanha a evolução de certos vocabulos, verifica-se que o brasileiro os alterou, tornando-os mais euphonicos. E' frequente que á terminação *i* do indigena, o nacional acrescescentasse um *n*. Gabriel Soares graphava *aiipi*, Gandavo *aiipim*; Tastevin mostra que é ainda assim a pronuncia do indigena: o brasileiro transformou-o em *aiipim* ou preferiu esta forma, aliás é muito commum a pronuncia *aiimpim*; e é o que ocorre com frequencia em varios outros vocabulos, como *maturim*, *maruim*, *anum*, *camarupim*, etc.

E' bem provavel, aliás, que a pronuncia fosse a assignalada por Gandavo quando escreveu *aiipim*, pois a tendencia do indio era para nasalisar. Mario Marrôquim, na *A. Lingua do Nordeste*, registra que naquella região do paiz isto se verifica em "todas as classes sociaes. Nos meios incultos essa nasalisação vae mais longe... Ha quem queira cuxergar, nessa inclinação pela nasal, uma influencia *tupi*", que o i-

lustre escriptor não está inclinado a acreditar. No entanto, Th. Sampaio em artigo publicado em Outubro de 1931, na *Revista de Philologia e Historia*, T. I. fasc. I, pp. 465-472, intitulado *A Lingua Portuguesa No Brasil*, quando se occupa do que chama "*falar brasileiro*", escreve: "O vicio da nasalação, herdado do indio, leva ainda hoje o brasileiro a fazer nasaes sozs que em vocabulos portuguezes absolutamente não o são", citando: "muito, hõmem, fõme, fãma, dãma, etc."

Este e outros phenomenos não foram até hoje convenientemente estudados, pois o nosso pendor é de pesquizarmos com mais interesse, o que occorre além mar no campo linguistico.

Os philologos portuguezes tão pouco cuidam de investigar o que se passa entre nós e do tupi nem é bom falar. Quando Candido de Figueiredo se occupa do vocabulo *aipim*, na edição de 1913, pergunta se não procederá de *aipo*, palavra derivada do latim *apium*. No entanto a expressão foi pela primeira vez registrada como voz indigena, em 1576, por Magalhães Gandavo que era grammatico e em 1574 escreveu um trabalho sobre orthographia portugueza.

Com um vocabulo occurreu facto curioso. O indio chamava o amendoim de *mandubi* ou *manobi*, como registrou Lery em 1578. Na Bahia, quando menino ouviamos pronunciar entre o povo, *mindubi*, que se pode ouvir actualmente, mesmo na Capital Federal e como Luecock na *List of Plants* (239) registra e Barbosa Rodrigues assignala em nota.

No entanto, Gabriel Soares já tinha transformado o vocabulo, pela afinidade que apresentava com a amendoa quanto ao gosto, em *amendoi*, caso não se interprete como usando um diminutivo tupi. Com o tempo foi accrescentado um *m* ficando *amendoim*, nome corrente em todo o paiz e em Portugal.

Quintino do Valle, á pag. 69 da sua these *Da influencia do tupy no portuguez*, 1926, quando estuda o verbete *mandubi*, refere-se ás variantes *manobi*, *mendubi*, e lembra, a exemplo de Martins, que Jean Lery diz que os selvagens davam o nome de *manobi*. Jacques Raymundo ainda registra *amendubi*, *mundubi*, formas por nós conhecidas, faltando ainda a varian-

te *mindubi* e o *mundubim* este usado no Ceará *ap.* Paulino Nogueira. Em toda a Amazonia o nome usado é *mendubi*, na Ilha de Marajó, chamam de *mendubi-runa* a *Cassia diphylla* que *ap.* Lec. é chamada ainda de *mundubi*. Em São Paulo existe a forma *minduim* assignalada por Amadeu Amaral no *Dialecto Caipira*. Em Diagoas encontra-se *mindubim*, como registrou M. Marroquim á pag 152 da *A Lingua do Nordeste*.

Gabriel Soares consagra todo o capitulo XLVII intitulado "*Em que se declara a natureza dos amendois, e o para que servem*", pelo qual se vê a importancia que o vegetal gosava entre os selvagens, pois existia verdadeiramente um rito relativo á cultura e colheita do amendoim, que era guardado defumado para evitar estragos. Escapou aos portuguezes o valor economico do vegetal que contem approximadamente 50% de oleo. A planta foi levada para Africa e Asia, e sua exploração tomou tal desenvolvimento que, durante muito tempo, se pensou ser de origem africana, o que tambem ocorreu com a denominação.

A cultura deste vegetal entre os indigenas deve ser muito generalizada. Em 1872, A. R. P. Labre, no trabalho *Rio Purús — Noticia*, publicado no Maranhão, affirma á pag. 231, que os *curuatys* "plantam bruscamente e em pequena escala: e constam suas plantações de mandioca, uaiipy, batatas, inhames, (a carú) *mendubi*".

A pag. 38, ha um capitulo no qual trata dos vegetaes encontrados pelos indios do Purús, em estado silvestre, e por elles cultivados, referindo-se então ao "*menduby*".

Provavelmente deve ser o *Drachis nambiquarae*, e suas variedades encontradas muitos annos depois na Serra do Norte, Cabeceiras do Rio Jamary e Jaey, pelo botanico Hoehne, que descobriu a especie, tendo verificado que são as indias que a cultivam, como no tempo de Gabriel Soares.

Almeida Pinto, em 1873, no *Diccionario De Botanica Brasileira*, estudou o vegetal sob a rubrica de *mendobim*, tal registro provavelmente deve ser bem mais antigo pois a obra encerra "os trabalhos que eram julgados perdidos do Dr. Arruda Camara" como escreveu Caminhoá, e que o proprio

autor confessou quando declarou: "Aproveitando a idéa e algum material deixado pelo Dr. Arruda Canara", notavel botanico patricio, fallecido em 1810".

Em 1880 Baptista Caetano define: "*mandubi* s. nome do *Arachis hypogaea* L. vulgo e muito impropriamente amendoim". Para Baptista Caetano o vocabulo significa "*fructo escondido*".

A primeira allusão á planta, encontra-se em Lery, á pag. 216, da sua *Voyage au Brésil* — La Rochele — 1578, edição de Antoine Chuppim, "*Les sauvages ont semblément une sorte de fruits, qu'ils nomment Manobi, lesquels croissans dans terre*".

No trabalho de Gabriel Soares, editado pela *Academia de Lisboa*, em 1625, a palavra empregada é *amendões*: "Dos amendões temos que dar conta particular, por que he cousa que se não sabe haver senão no Brasil" "o proprio tempo, em que os amendões se plantam".

Varnhagen alterou para *amendoi*, talvez que tivesse assim encontrado graphado em um dos codices por elle utilizado.

Em 1658, Piso, á pag. 256 do *De Indiæ Utriusque Re Naturali et Medica*, occupa-se do vocabulo e é o primeiro a assignalar que os portuguezes crearam a palavra pela alteração do vocabulo indigena, quando diz: "*...inter quæ non solum Batatas nō descripta, sed et Mandubi et Mandobi primatum tenet. Horum prior Lusitanis corrupte Amendui-nas, Lærio Manobi*" — "*Posterior fructus subterraneus, ex-oris Africæ olim translatus tandem Americæ nativus quasi factus Mandobi vocatur*", cf. p. 256 — Amsterdam, 1658.

Santa Rita Durão no seu poema publicado em Lisboa, em 1781, canto VII, estrophe XXXIV registra a pronuncia da epoca, como se vê —

"Tens mimosos legumes, que não cedem

.....

.....

Mendubim, Mangaló, que usão guisados",

Esta planta, hoje de tão grande valor economico, foi considerada, em importantes obras botanicas, como de origem africana. Se os investigadores tivessem conhecimento do trabalho de Gabriel Soares, tal erro não teria persistido durante tanto tempo.

Bem antes, no *Correio da Manhã* de 28 de Outubro de 1922, José Oiticica, em excellentes artigo sobre o *mendubi*, já demonstrava que o vegetal é americano e o vocabulo de origem tupi.

Dos supostos vocabulos tupis “noitibó” e “oitibó”

Aproveitando a oportunidade dos comentarios que estamos fazendo a proposito da influencia do tupi no falar brasileiro, queremos chamar a attenção para o vocabulo *noitibó*, já presente em Bluteau e assim diccionarisado por Candido de Figueiredo: “*noitibó*, m. passaro fissirostro. Fig. Pessoa pouco sociavel, ou que só apparece de noite. (D. b. lat. hip. *noctivulus?*)”

Esse *noitibó*, que baptisa uma ave em Portugal, foi considerado expressão tupi, porque no capitulo LXXXVI, intitulado “*Em que se contem a natureza de algumas aves nocturnas*”, Gabriel Soares, á pag. 215, da edição Varnhagen, escreve: “Ha outros passaros pardos, a que os indios chamam *oitibó*, com que tem grande agouro; os quaes andam ordinariamente gritando *oitibó*, e de dia não os vê ninguem; e, mantêm-se das fructas e folhas de arvores, onde lhes amanhece”.

José de Alencar, na 1.^a edição de *Iracema*, em 1865, já tratava do assumpto: “*oitibó* é uma ave nocturna, especie coruja; outros dizem *noitibó*”.

Th. Sampaio, em 1928, na 3.^a edição do *O Tupy na Geographia Nacional*, registra a expressão *noitibó*, como tupi.

Bluteau, no vol. K-N, p. 736-37, grapha *noitibô* e diz que Duarte Nunes Leão escreve *noctivoo* e o deriva de *noctivolans* “*como quem dissera passaro que voa de noite*”.

Duarte Nunes Leão, porém, na *Origem e orthographia da Lingua Portuqueza*, — *Nova Edição, correctá e emendada, conforme a de 1784*, Lisboa, 1864 — manda pronunciar *noitibó* quando escreve: “Das que dobrão em o — Dobrão os nomes contractos, e abreviados, a que se tirou alguma consoante do meo de duas vogaes, como *noa*, de *nodo*. onde se tirou o *d* e *poo*, de *polvo*, e *pulvere* latino; e *noctivoo*, de *noctivolans*.”

A qual letra se dobra em outros para denotar a ultima silaba ser longa, e ter o accento agudo" cf. pag. 167.

Sabemos que o vocabulo apparece anteriormente, em 1616, na *Eufrosina*. manuseamos o livro com attenção, não encontramos a palavra. Tentamos ler o trabalho não nos foi possível vencer o tédio que a leitura nos suscitou; o tal classico, seu autor, pode disputar o campeonato da monotonia; é de arreben'ar.

Gabriel Soares, no capitulo citado, abre uma brecha na solidez do seu notavel trabalho. Diz o chronista que os indios chamam *oitibó* a uma ave nocturna que vive gritando tal nome. Nunca ouvimos tal coisa e conhecemos bem nossos sertões.

Ao depararmos com a observação de Gabriel Soares acreditamos que tal occorresse, embora não fosse do nosso conhecimento tal grito, e chegamos até a suppor que a denominação lusitana dahi procedesse.

Escrevemos ao Dr. Oliverio Pinto, assistente do Museu Paulista e actualmente o melhor conhecedor de nossa avifauna e mantivemos larga correspondencia epistolar sobre a materia. Relatou-nos aquelle scientista que em suas excursões ornithologicas jamais ouvira os nomes referidos. Informou-nos, no entanto, que o naturalista Lane registrara a denominação *noitibó* em Matto Grosso, como aliás já o fizera o Visconde de Taunay, na *Innocencia*.

O vocabulo *noitibó* foi objecto de varios trabalhos nos dois paizes de lingua portugueza. Adolpho Coelho, Gonçalves Viauna, Cortesão, Candido de Figueiredo e outros occuparam-se da etymologia. O mesmo occorreu entre nós com Silvio de Almeida, João Ribeiro e Antenor Nascentes, que sempre o consideraram vocabulo portuguez. Outros investigadores nacionaes, porém, influenciaados por Martius, consideraram *noitibó* palavra tapi. O naturalista allemão foi levado a erro, porque na primeira edição de Gabriel Soares publicada em 1925, e da qual se utilisava, encontra-se escripto *noitibó*, nome que os indios davam á ave no dizer do chronista luso. Em 1879, na edição de Varrhagem esse vocabulo é substituido por *oitibó* como acima transcrevemos.

João Ribeiro no *O Fabordão*, pag. 200, em azeda polemica com Silvio de Almeida, occupa-se do vocabulo citando um artigo apparecido no T. IV da *Rev. Lusitana*.

A palavra portugueza já foi considerada como derivando de *noctivola*, *noctivagus*, não é isso, porém, que nos interessa, mas a descripção que do *oitibó* nos faz Gabriel Soares, abrindo, como dissemos, uma brecha em seu trabalho. O assumpto já tinha sido tratado quando o chronista luso se occupou de *ubujaiús*; alguém acrescentou um periodo e o vocabulo *noitibó*, dizendo que o indio assim chamava.

Não é possível acreditar em erro semelhante por parte de Gabriel Soares, tão grande observador. Tal coisa deve ter figurado em um dos codices, foi, portanto, acrescentado. Varnhagen, quando os manipulou, encontrou o periodo em questão e o annexou á edição que preparou, após manusear mais de 20 codices. É uma hypothese.

Maregrave em 1648 diz que os portuguezes chamavam de *noitibó* a ave designada pelos indios de *ibiaú*. Gabriel Soares em 1587 descreve o *oitibó* como voz indigena, mas anteriormente escreveu o seguinte: "Ha outros passaros, que os indios chamam *ubujaiús*, que são tamanhos como pintões, têm a cabeça grande, o ruço comprido; e são todos pardos e muito cheios de penugem, os quaes andam de noite gritando *cuxaiguigui*". Tal expressão parece-nos onomatopaica como *ibiaú*, *curiangú*, *mariangú*, *João corta pau*, nomes que ainda têm estes representantes dos *Caprimulgidae*.

Rodolpho Garcia, á pag. 26 do vol. V. n. 3 do *Bol. Mus. Nacional*, em artigo intitulado *Nomes de aves em Lingua tupy*, Rio, 1929 estuda o vocabulo *Ibijaú*, escrevendo: "*Nyctidromus albicollis*, Gm. Fam. *Caprimulgidae*. Também chamado *Curiangú* e *Mede-legoas*. Ocorre in Gabriel Soares, 11, 233; *Ubujaú*, Maregrave: 22. 195 — Etyrn. de *Yby* terra e *aú* comer, devorar; o que come ou devora terra. Para alguns é onomatopaico do grito da ave; mas, conforme o testemunho de Gabriel Soares, seu canto diz *cuxaiguigui*".

Este nome *cuxaiguigui*, evidentemente onomatopaico, refere-se a outra especie de caprimulgideo, segundo informação

que me deu o Dr. Oliverio Pinto que ouviu, pela madrugada, no Reconavo bahiano, um canto de ave que assim parecia dizer, e, embora não podendo identificar qual a especie que o emitia, assegurou-me poder affirmar tratar-se de um caprimulgeo.

A denominação *ubujaús*, de Gabriel Soares, inclue varias especies e mesmo generos. Seguramente, porém, ali está representado o *Nyctidromus albicollis*.

Entre a edição de Gabriel Soares, publicada pela *Real Academia de Lisboa*, e a elaborada por Varnhagen, existe muita differença quanto ao modo de escrever os nomes. O nosso grande historiador procurou corrigir e deixar a impressão de ter feito uma obra nova através dos numerosos codices que manuseou, expurgando-os dos erros sem, porém, ter cogitado de indicar as variantes que deparou, já que não teve a fortuna de encontrar o original.

Naturalmente que a edição que preparou é a melhor, embora algumas vezes a divulgada pela *Academia de Lisboa* seja mais acertada, por exemplo: á pag. 266, da edição da *Academia*, está escripto *Perigoas*, á pag. 266 da de Varnhagen *Perigoas*, a letra *f* não existia na lingua dos indigenas. A primeira edição grapha, a respeito de uma variedade de mandioca, a palavra *talú*, Varnhagen *taiacú*, pelo sentido, talvez que a edição da *Academia* esteja com a razão. O actual vocabulo *típiti* apparece na 1.^o edição escripta *tupitim*, á pag. 143, na de Varnhagen *tapitins*; evidentemente a primeira está mais certa, porque os portuguezes sempre tiveram difficuldade de graphar o som de certas vogaes indigenas, a ponto de se acreditar mais tarde que os indios tinham som parecido com o *u* francez o que Tastevin, cuja lingua é franceza e que conhece o idioma tupi, nega da maneira a mais formal. Em compensação, porém, no trabalho de Varnhagen, as correções são sempre para melhor.

Em 1935, no vol. XI, ns. 3-4 do *Boletim do Museu Nacional*, Rodolpho Ihering publica interessante trabalho *O Tupy na Geographia Nacional*, analysando a 3.^o edição do livro de Th. Sampaio. Nesta critica estuda 79 denominações de A-Z, corrigindo os erros não só zologicos desse autor, co-

no tambem os etymologicos, pois mostra que o vocabulo *macaco* é africano e não tupi, como acreditava o investigador bahiano.

Ihering sanciona a etymologia de *noitibó* proposta por Th. Sampaio, já que não fez qualquer restricção, aliás como já dissemos, quem a lançou foi Martius como se vê á pag. 465 dos *Glossaria in Nomina Animalium In Lingua Tupi*, quando escreve: "*Noitibó* — not. do Braz. c. 86 *Ibiyau* Marcgr. 196, *avis nocturna in Indorum auguriis magni habita. Caprimulgus (Nyetibiuis) grandis. Nomen a voce, quam edit. Aliis Colliangu, Cariangu*".

No entanto, Ihering, á pag. 343 do *Bol. de Agricultura*, São Paulo, 1936, assim se occupou do vocabulo: "*Noitibó* — Nome dos caprimulgeos de Portugal. E' usado no norte do Brasil para designar certas aves nocturnas de grito agoureiro. Deve, pois ser considerado entre nós como synonymo de *Curiango*". Logo adiante á pag. 344, da mesma publicação, dá a seguinte definição: *Oitibó* — No Ceará, corruptela de *noitibó*".

Como ficou dito, foi Martius quem identificou *noitibó* com o curiango. O vocabulo *noitibó* não é usado no norte do Brasil a não ser pelos subditos portuguezes, no tempo do dominio hollaudez, como Piso e Muregrave assignalaram em 1648, na *Historia Naturalis Brasiliae*, pag. 195, quando escrevem: "*Ibiau Brasiliensibus, Noitibo Lusitanis*". Apesar de declaração tão clara e que Martins conhecia, pois a ella se refere, o grande naturalista considerou o vocabulo *noitibó* como sendo expressão tupi, ás paginas 444 e 465 dos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, Erlangen. 1863.

O vocabulo, porém, não se fixou naquellas paragens e a prova é que nenhum catalogo de aves o registra e muito menos o *oitibó* no Ceará, pois não figura sequer na lista de nomes vulgares que têm os caprimulgeos, publicada pelo *Museu Rocha* que sómente se occupa com as aves do Ceará.

E' verdade que alguns cearenses, Alencar, Araripe Junior e Paulino Nogueira usaram os vocabulos *oitibó* e *noitibó*, isso, no entanto, foi originado pelo erro de Gabriel Soares que

suscitou outro maior por parte de Varnhagen que vulgarizou um vocabulo que nunca existiu, *oitibó*.

Veçamos como os factos occorreram: a primeira vez que o trabalho de Gabriel Soares foi publicado, em 1825, o titulo da obra era muito differente. A alteraçãõ foi effectuada por Varnhagen, como mais tarde o fez com o titulo da *Arte de Montoya*, cujo original alterou com acrescencas que effectuou na edição que publicou em Vienna em 1876, introducindo profunda modificação, ficando o livro com o seguinte titulo: *Arte de la lengua Guarani, O' mas bien tupi* e acrescencando essas quatro palavras — *ó mas bien tupi*, que nunca passou pela cabeça do jesuita escrever.

Varnhagen tambem mudou o titulo do trabalho de Gabriel Soares que ao ser divulgado em Lisboa era 1825 na *Collecção De Noticias Para A Historia E Geographia Das Nações Ultramarinas, Que Vivem Nos Dominios Portuguezes, Ou Lhes São Vismhos, Publicada Pela Academia Real Das Sciencias, T. III, part. I.*, tinha o seguinte titulo: *Noticia Do Brasil, Descripção Verdadeira Da Costa Daquelle Estado, Que Pertence A Corõa Do Reino De Portugal, Sítio Da Bahia De Todos Os Santos* que foi modificado para o de *Tratado Descriptivo da Brasil em 1587*, como ficou conhecido.

As expressões *noitibó* e *oitibó* não figuram na synonymia vulgar dos catalogos de aves brasileiras de Ihering, Snelhage, do *Museu Rocha* do Ceará; não apparecem no livro *Aves do Brasil*, de Goeldi, tampouco nos *Nomes Das Aves em Lingua Tupi*, de Rodolpho Garcia, nem são encontrados na contribuição mui recente no genero, de Cunha Vieira, apparecido no T. XX, da *Rev. do Museu Paulista — Nomes Vulgares de Aves do Brasil*. Na edição que Varnhagen fez do trabalho do chronista luso, houve omissão do *n* do vocabulo *noitibó* originando a palavra *oitibó* para a qual Paulino Nogueira encontrou a etymologia "*oiti* e *bú* grito do oiti, allusão ao seu viver no oiti, donde canta" acrescencando ainda "*sem razão* Martius escreve *noitibó*".

Martius porém estava com a razão, porque a primeira vez que foi publicado o trabalho de Gabriel Soares em 1825, o que estava escripto era *noitibó*.

Aliás, ninguém poderá afirmar se a quédã do *n* de *noitibó*, foi uma correção feita por Varnhagen, suppondo que o copista tivesse acrescentado a letra ao vocabulo, dando assim um cunho lusitano a uma ave que, segundo declaração repetida do chronista portuguez, o indio denominava *noitibó*.

Com a eliminação do *n* a palavra immediatamente lembrava uma relação da ave e de vegetal muito conhecido qual o *oití*, coisa que logo occorreu a Paulino Nogueira quando creou a fantastica derivação.

Varnhagen, ao publicar em 1851 nova edição do trabalho daquelle chronista, escreveu: "Edição castigada pelo estudo e exame de muitos codices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França..." O grande historiador patricio examinou mais de 20 codices, fundindo-os e talvez que em um desses encontrasse a palavra *oitibó*, dando-lhe preferencia.

Gente de saber e mestres da lingua, como Eduardo Carlos Pereira, ainda na oitava edição da *Grammatica Historica* publicada em 1935, como se vê da pagina 252, registra o vocabulo *noitibó* como tupi-guarani.

Varnhagen devia ter registrado, nos seus commentarios, as differentes graphias encontradas nas denominações de plantas e animaes, já que não dispôz do original de Gabriel Soares. Talvez que a transformação de *noitibó* em *oitibó* fosse até recente, porque um facto é indubitável: o nosso historiador algumas vezes corrigiu, como mostramos, vocabulos que se encontram na primeira edição.

Além dos exemplos já citados e que representam pequena parcella, mesmo neste capitulo referente aos caprimulgideos, na edição da *Academia de Lisboa*, encontra-se escripto *ubujães*, corrigido por Varnhagen para *Ubujaus*, mais approximado da pronuncia do indigena.

A obra do grande chronista portuguez não teve a divulgação que seria de esperar. Nos ultimos tempos foi se tornando mais rara e o erro nella contido não poderia ter obtido grande divulgação.

O proprio Varnhagen recorda que a primeira edição começada na typographia do Arco não foi concluida. Em 1825

é pela primeira vez publicada a obra. No anno seguinte o jornal *O Patriota* dá publicidade a 29 capitulos do trabalho; em 1851 sahe a edição completa, publicada no Rio de Janeiro, acompanhada dos commentarios de Varnhagen. Em 1879 publica-se no Rio a "segunda edição mais correcta e acrescentada com aditamento". As alterações feitas por Varnhagen eram inevitaveis e elle mesmo o confessa, quando escreve de Madrid em 1º de Março de 1851, dirigindo-se ao *Instituto Historico do Brasil*: "Sabeis como aquella obra corria espuria, pseudonyma e corrompida no titulo e na data, quando as *Reflexões Criticas* lhe restituiram genuidade de doutrina e legitimidade de autor e de titulo, e lhe fixaram a verdadeira idade". No anno passado, surge no Rio, na Collecção *Brasiliiana*, nova edição de Gabriel Soares, e que é reproducção da ultima de Varnhagen. Em 113 annos foram, apeus tiradas 4 edições do monumental trabalho. Não foi através de sua leitura que se vulgarizou o vocabulo *oitibó*. O erro disseminou-se, principalmente, através de obra de muito maior repercussão, a *Historia Geral do Brasil*, do Visconde de Porto Seguro, Francisco Adolpho de Varnhagen, que na primeira edição em 1854, no T. I, p. 123, escreve: "Ouv'am como agouro o piar da coruja (*oitibó*) e tinham-lhe, como os antigos Europeus, certo receio e até respeito, e nunca a matavam". Eis de onde se irradiou o erro e o vocabulo.

Em 1875, Araripe Junior publica em S. Luiz, *Jacina, A Marabá — Chronica do Seculo XVI*, com o vocabulo presente á pag. 208: "Onde se esconde agora a cholera daquele, que não sabe senão denunciar-se pelo grito, como nocturno *oitibó*?" Tres annos mais tarde, tambem publicado no Maranhão, apparece o livro de versos de Dias Carneiro, intitulado *Poesias*, onde na denominada *Scenas do Campo*, á pag. 155, se encontra o seguinte verso em que se depara o vocábulo:

"Nem no espaço circula, nem grita
Vil raposa, agoreira, *oitibó*".

Dias Carneiro á pag. 225 — Nota G. escreve: "*Oitibó* a não *noitibó*, como dizem os escriptores portuguezes, é uma

ratificação do Sr. Varnhagen, a cujas investigações historicas e scientificas muito devem as letras patrias. Oity é uma arvore muito conhecida no Piauby e Ceará, e que mais resiste á secca; os animaes procuram sua sombra hospitaleira, quando as outras arvores estão despidas como esqueletos — Oitibó sôa como grito que sabe da sombra do oity”.

O livro de Dias Carneiro desapareceu praticamente da circulação, fomos encontra-lo na *Bibliotheca Nacional*, tão competentemente dirigida por um mestre nestes assumptos, Rodolpho Garcia. As *Poesias* ficaram pelas regiões do norte onde oitibó tomou corpo e vida, de tal fórma que em 1887, Paulino Nogueira, na *Revista do Instituto do Ceará*, á pag. 358, estuda-o largamente no *Vocabulario Indigena Em Uso Na Provincia Do Ceará*. Cita os autores que assignalaram o vocabulo, fornecendo assim fontes de pesquisas, acredita na descoberta feita pelo poeta Dias Carneiro: “oitibó — sôa como grito que sabe da sombra do oiti”, e então lança a origem etymologica: “Pode-se bem decompôr — grito do oiti, de oiti e bú grito, allusão ao seu viver no oiti, donde canta!”

Sem rumor, porém, ia se extinguindo o grito do oitibó, se Ihering não o resuscitasse em 1936 no *Boletim de Agricultura* de São Paulo. Creio, no entanto, que nas paginas daquela publicação desferiu de facto o ultimo canto.

Ficou, no entanto, *noitibó* que teve carreira mais venturosa. O vocabulo de facto existiu, trazido pelos portuguezes, que assim baptisaram os nossos caprimulgideos, pelo menos em Pernambuco, como registraram Piso e Maregrave. Talvez que a expressão continue vivendo por alguns dos rincões brasileiros, como, aliás, Lane e Visconde de Taunay assignalaram em Mato Grosso. As bellas letras e bellas artes, porém, della se utilisaram. Bernardo Guimarães empregou-a no *O Seminarista*: “Dir-se hia o triste e amoroso *noitibó* perdido entre um bando de inquietos e chilradores melros”, p. 148, ap. Teschauer.

Carvalho Ramos della se utilisu nas *Tropas e Boiadas*: “Pelos cantos trilaram grilos; de fóra vinha o grito dolente dos caburés e *noitibós*”, ap. Eugenio de Castro, *Geographia Linguistica e Cultura Brasileira* — Rio, 1937.

Bilac empregou o vocabulo em magnifico soneto:

"Assim á noite, no invio da floresta,
No mysterio das sombras, entre os pios
Dos *noitibós*, o candomblé se apresta".

O termo está presente na canção *Madrugada* de Heckel Tavares e versos de Gastão Penalva:

"Tava ind'escuro todo o céu da madrugada
Dentro da noite assombrada nem plava o *noitibó*".

Em bello livro de contos recempublicado, de Gastão Cruls, *Historia Puza Historia*, Rio, 1938, á pag. 44, encontra-se a palavra lusa, participando do nosso falar e enriquecendo a synonymia vulgar das aves brasileiras: "E os meus olhos mais uma vez tornavam no mysterio da superficie espectral, que ao menor rigo de aragem ou vôo de *noitibó* me sacudia o coração no peito".

Em Portugal *noitibó* é o nome que em algumas provincias o povo dá ao *Caprimulgus europæus*, L. Figura esse curiango com tal denominação vulgar, no *Catalogo Systematico e Analytico das Aves de Portugal*, de J. A. Reis Junior, publicado no Porto em 1931, e num livro um pouco mais antigo, de 1924 *The Birds of Portugal*, de W. Tait, devotado ornitologista que durante mais de 30 annos estudou a avifauna portugueza, articulado com os especialistas do *Museu Britannico*, e que registrou a denominação *noitibó* para o *Caprimulgus europæus*, em varias provincias lusitanas.

Actualmente o nome da ave é masculino, porém no mais antigo documento conhecido, o caprimulgideo portuguez é considerado feminino: "*a noitibó*".

Quem descobriu tal documento foi Pedró de Azevedo que, em artigo sob o titulo *Uma versão portugueza da historia natural das aves do seculo XIV*, publicado na *Rev. Lusitana*, vol. 25, ns. 1-4 pp. 128-147 cf. pag. 143, conta que o Dr. Jorge de Faria comprára na Villa do Conde, em Portugal, "*duzentas folhas soltas de pergaminho, escripto dos dois lados, e em duas columnas em letra minuscula do seculo XIV*".

O reconhecimento da época, apenas determinado pelo typo da letra, não deixa de ser precario. O documento, porém, é de grande antiguidade, de autor ignorado, sendo provavelmente traducção de um codice latino sobre aves, que se encontra na Torre do Tombo.

Embora faltem algumas palavras ao manuscrito por elle copiado, e inteiramente a ultima linha, o texto, que não é longo, resolve definitivamente o assumpto, pois assim começa: "*Aqui se segue o tractado da noytiuóó*" — *Noytiuóó he hua auc que se paga das técuras e da escuridade da noyte*". Pedro de Azevedo, com a sua valiosa contribuição, terminou com todas as duvidas e interpretações relativas a tão disentição vocabulo.

Considerações sobre os verbos de origem tupi no falar brasileiro

No tomo VIII — fascículo III, das *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, 1916, vem publicado o relatório de uma excursão que, em companhia de Belisario Penna, realizamos pelos sertões brasileiros.

Intitula-se o trabalho *Viagem Scientifica pelo Norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piahy, e de Norte a sul de Goyaz*.

No ultimo capitulo denominado — *Considerações gerais* — á pag. 178, começamos um dos períodos dizendo: “O falar dos brasileiros da referida zona constitue veio riquissimo para ser explorado pelo lexicographo, o qual encontrará enorme numero de vocabulos ainda não registrados na 2.^a edição de Candido de Figueiredo.

“O mais interessante, porém, é a verificação de palavras consideradas arcaismos, mesmo em dictionarios antigos, mas que ali vivem com todo o vigor, o verbo *trouuer* em lugar de trazer, é o unico conhecido pelas pessoas incultas que o conjugam em todos os tempos; *caroavel* na antiga accepção de propício, é vulgar; *nanja* em lugar de não ou nunca; *mancar* por faltar; *apunkar* em lugar de empunhar; *adestro* por sobrealente.

“Expressões apenas empregadas na linguagem escripta e guindada, são de uso corrente: *mouco* (surdo), *enricar* (enriquecer), *aguar* (regar), *laborar* (trabalhar), as pleiadas são chamadas de *sete-estrello* verdadeiro luzismo”.

Naquelle trabalho, publicado ha 23 annos passados, já chamavamos a attenção para a facilidade que o nosso povo tem de transformar substantivos em verbos, quando escrevemos. “A tendencia propria da lingua de transformar substantivos em verbos, torna-se ainda mais accentuada entre aquellas gentes: “*Recursar*” (procurar recursos), “*encardu-*

mar" (formar cardumes), "encestar" (collocar as cinzas dentro da "estiladeira", "estilador" ou ainda "cacite" utensilio domestico em forma de certo infundibuliforme, onde se guardam as cinzas com que se prepara a "decoada" (lixivia): "adjutorar" (dar adjutorio), "respostar" (dar resposta), "melar" (extrahir mel), "paliar" (obter-se paliativo), "ensementar" (encher-se de sementes), "milhar" (foruecer milho aos animaes), "castear" (cruzar o animal com outro de casta ou do raça), "embernar" adquirir berne), "pulsar" (tomar o pulso), "encangar" (unir prendendo dois animaes, mesmo que seja sem cauga, afim de marcharem juntos), "pesteiar" (adquirir ou produzir peste).

Mais tarde esta observação confirmamos mais uma vez, na Ilha do Bom Jesus, Reconeavo bahiano, em principios do 1934, quando, colligimos novas formas verbaes como *cursiar* — acompanhar o *curso* dos peixes com intuito de pescar, iscando o anzol com um peixe branco e o arrastando pela superficie do mar com o auxilio de embarcação veloz. — *Folear* diz-se do emprego do fole para insuflar nos formigueiros, o fumo produzido por substancias formicidas. Acção de tocar o fole para tal fim. *Lançar*, pescar com rede; fazer lanços. *Redar* — pescar de rede.

Pelo trabalho de Alberto de Faria publicado em 1914, sob o titulo *Verboes Brasileiros*, ás paginas 377-378 in *Almanaque Garnier*, comprova-se que a nossa gente culta creou novos verbos ou adoptou os de formação popular. Assim, aquelle escriptor mostra que *assumptar* foi empregado em 1872 por Tannay, na *Innocencia*; reapareceu na traducção da *Divina Comedia* do Barão de Villa de Barra, e em 1888, no *Atheneu*, de Paul Pompeia.

Ruflar surgiu pela primeira vez em 1856, no *Colombo* de Araujo Porto Alegre; Raymundo Carreira foi quem o divulgou no conhecido soneto. — Só em 1886 foi empregado por Camilo Castello Branco.

O brasileiro tem esta faculdade mais desenvolvida que o portuguez e a prova está em Ruy Barboza, o assombroso phenomeno verbal, sumo pontifice do culto ao divino bem da liberdade, homem de excepção, cujo desapparecimento do nosso

scenário permitiu que a pátria enveredasse por um tunnel a dentro.

Fomos encontrar em Ruy a melhor documentação a respeito, rebuscando no *Vocabulário de Ruy Barbosa*, de João Leda, S. Paulo, 1924, o extraordinário glossário que esse investigador colligiu nas obras do campeão da liberdade entre nós, vocabulário esse cujos verbetes não se encontram inventariados na última edição de Cândido de Figueiredo, lacuna que deu origem ao valioso trabalho de Leda, e ao seu justo protesto.

O melhor, porém, é citar os verbos de que o grande Ruy se utilizou e que se encontram ausentes dos dicionários: *acambalar, acapachar, acarraçar, advincular, alarvajar, alcatear, anegrar, animalisar, apedantar, apoliticalhar, argentinizar, assertoar, assonar, atabalar, auriluzir, authenticizar, azarangar, bacchanalisar, bambachar, bancarrotear, bestuntar, bigarnisar, biatar, buçar, cachimbeir, cadaverisar, calliginar, cambalachar, cancanear, capocirar, carabinear, cartographar, cesarizar, charutar, chorrilhar, coagregar, coassociaz, coeducar, contraproduzir, responsabilisar, crapulcar, desabastar, desacorçoar, desayuisar, desamnistiar, desbrutalizar, descacholar, desestribar, desfantasiar, desfertilisar, desfraternisar, desmetalisar, desmunicionar, despoliticalhar, dessexuar, desvanear, dicionarizar, dissidir, (divergir), emascular, encufugar-se, enkaiserar, esfatachar, entresentir, enxquetear, enzurrar, eructar, escarninhar, escrofulisar, estatuar, estribilhar, estridir, exiguificar, fanfurriar, farsolear, febrilisar, financiar, flirtar, futilisar, gargantuar, gatafunhar, gazophilizar, hematisar, impopularisar, inconstitucionalisar, inviolar, jurisdiccionalisar, lazarar, lexicographar, libellar, mucabrear, matraquear, meretriciar, mithridatizar, monographar, nomenclaturar, novelloriar, palmatoar, parificar, perdisir, pasquinizar, patrauhar, peguinhar, perenisar, petarolar, phenolisar, pimpolhar, pintainhar, placitar, plebiscitar, politiquizar, pontificar, preclimitar, prestimanear, pretorianisar, prussianisar, pupillar, rachitisar, radiographar, rasteirar, ratonear, reassegurar, reassenhorear, reassentar, reattentar, reattestar, reaugmentar, reavir, rebarbarisar, recoroar, redemonstrar, reem-*

polgar, recensar, reerigir, reestimar, reexceder, remalhar, reptar, repletar, repopularisar, repulverisar, retrodatar, retrooperar, reunificar, revalorisar, rosear, servilisar, sigillar, sobreclustrar, sobreprovar, sobreproar, sonambular, superstruir, tapulhar, timbalcar, topographar, traquiberniar, transitivar, tresmentir, turiscrar, unanimificar, venalisar, verninar.

São 164 os verbos que Ruy Barbosa encontrou, formou e usou, alguns citados já na *Replica*, nenhum dicionarisado nos lexicos portuguezes. tão justamente baptisados por Carolina Michaelis de "Calvarios da lingua", de tal fórma são deficientes.

E o são porque se impermeabilizam no immenso vocabulario existente no Brasil, proceda do povo ou seja utilizado por um mestre como Ruy Barbosa. Methodo que constitue immenso erro psychologico suscitador de veleidades de formação de novas linguas, inteiramente opposto a pratica inglesa que dicionarisou o maior vocabulario conhecido, em caminho de 600 mil palavras lexicographadas, cumprindo a rigor a definição que da linguagem inglesa deu Emerson ao escrever: "*English speech, the sea that receives tributaries from every region under heaven*".

Ruy Barbosa, apesar do completo dominio que tinha do vernaculo, deixou-se impregnar pelo falar da sua gente em maior escala que, por exemplo, Mario Barreto, inteiramente absorvido pelos classicos lusitanos e a denominada linguagem castica.

Ha, disso, um exemplo bem exressivo quando Mario Barreto, de incontestavel competencia, estuda nos *Factos da Lingua Portuguesa*, pagina 134, a faculdade que tem a nossa lingua de formar verbos da primeira conjugação o que se patenteia até "nos derivados de linguas estrangeiras" citando entre outros o exemplo de *flirtar*.

Assim discorre o illustre e pranteado philologo: "Os importadores do verbo inglez *flirt* hão de rejubilar com a ausencia de Garret. O summo poeta escrevia, porém, *flartar*:

"O tom perfeito da sociedade, ingleza inventou uma palavra que não ha nem pôde haver noutras linguas omquanto

a civilização as não apurar. *To flirt* é um verbo innocente que se conjuga ali entre os dois sexos, e não significa *namorar* — palavra grossa e absurda que eu detesto — não significa “fazer a corte”: é mais do que esta amavel, é menos do que galantear, não obriga a nada, não tem consequencias, começa-se, acaba-se, interrompe-se, adia-se, continua-se ou descontinua-se á vontade sem comprometimento.

“Eu *flartava*, nós *flartavamos*, ellas *flartavam*...

E não ha mais doce nem mais suave entretenimento de espirito do que o *flartar* com uma elegante e graciosa meina ingleza: com duas é prazer angelico, e com tres é divino”. (*Viagens na minha terra*, vol. II, edic. da Imp. Nacional, Lisboa, 1883, p. 189).

Ruy Barbosa, que possuia da lingua inglesa conhecimentos que poucos brasileiros têm logrado, na *Conferencia em S. Paulo*, em 1919, admitiu o sentido brasileiro “chorando pela Allemanha e flirtando-se com os Estados Unidos”, sem esperar a sanção de autoridades lusas como fez Mario Barreto, citando Garret que, lusitanizando o verbo, lhe imprimiu, confudo, o sotaque portuguez. Vocabulo que entre nós, aliás, está longe de exprimir, quiçá, a intenção britannica, porque, certa vez, alguém deu em uma revista, no Brasil, espirituosa definição de *flirt*: “aperitivo sem jantar”.

Na relação dos verbos que Ruy Barbosa usou com excepção de *contraproduzir*, *dissidir* (divergir), *entreseguir*, *entresentir*, *estridir*, *perduzir*, (*in Replica*), *reavir*, *recriar*, *superstruir*, *tresmentir*, todos os outros são de primeira conjugação.

Plinio Ayrosa, em 1937, publicou nos *Termos tupis no portuguez do Brasil*, excellent estudo sobre o vocabulo *capocira*, o melhor que tem apparecido até hoje, sem que pudesse, no entanto, resolver qual a procedença do verbo, no sentido em que Ruy Barbosa o fez, pois *capocirar*, na accepção de “*avlar pelas capociras, later capociras*” é positivamente tupy. Mas *capocirar* designando — *prender aves em gaiolas grandes ou capociras*” é sem duvida portuguez, como Plinio Ayrosa demonstrou cabalmente.

Entre os verbos procedentes do tupi e usados no falar brasileiro, encontram-se: *acaboclar-se, acatigarar, acaigarar-se, acaipirar, acaipirar-se, acanguieirar, acapengar, acapoeirar-se, acocorocar, amalocar, amoquecar, amoquecar-se, apamonhar-se, apctecar, apiabar, apombocar-se, arapongar, arupemar, ataperar atapiocanar, atapiocanar-se, ataquarar, atinguijar, atocaiar, atocalhar, atocanar, atubibar, atucanar, baitaquear, bebuiar, biguar, bôbuiar, botocar, bubuiar, butucar, cambitar,amboar, capeangar, capengar, capinar, capocirar, cariocar-se, catingar, catocar, catucar, cipoar, ciriringar, ciriricar, coivarar, congonhar, cotucar, curarisar, cururuar, cuticar, cutucar, descaipirar-se, desentocar-se, desmanivar, despongar, destabocar-se, destocar, embabucar, embabacuar, embibocar, embirar, embiribar-se, empacavirar, empanemar, empassocar, emprebar-se, emperobar, empipocar, encaguirar, encaigarar, encaipirar-se, encaiporar, encambitar, encapoeirar-se, encarijar, encariocar-se, encatingar, enoipoar, encoivarar, encorocar-se, encuiar, encuivarar, engarapar, enjacubar, ensapesar, entabocar, entaquarar, entejuicar, entijucar, entinguijar, entipitiar, entocar, entocaiar, entujucar, espipocar, espocar, espopocar, futucar, gapuiar, gapungar, garapear, giboiar, guabiruar, guabirurar, guaranisar, igapuiar, igapungar, imbirar, inpanemar, impipocar, incaiporar, intijucar, intijucar-se, intinguijar, jacubar, maitaquear, maitacar, malocar, moeicar, molicar, mundiar, moquear, muquiar, papocar, pererecar, perobar, perôbar, petecar, petequicar, piabar, pipinar, pipocar, pipoquear, piriricar, pirocar, pitar, pitadeur, pitarreur, pocar, pongar, popocar, pororocar, pubar, pururucar, saberecar, sabererecar, sabreccar, sapecar, saperecar, sapocar, sapreccar, sipoor, socar, sororocar, sururucar, taboquear, tapuisar-se tatucar, tinguijar, tiriricar, toaiar, tungar, tupinisar-se, tutucar, urucuisar.*

Mesmo computando como um só as variantes graficas que os verbos apresentam, como *cipoar* ou *sipoar*, assim encontrado á p. 84 do *Dicionario Gramatical* de João Ribeiro e as formas de distincção mais acentuadas, como *catocar, catucar, embirar, imbirar, empipocar, impipocar, encaiporar, incaiporar, encoivarar, encuivarar, entejuicar, intijucar, moquear, muquear, sororocar* e *sururucar*, que não são diferen-

ças apenas gráficas, mas de pronuncia de algumas regiões, como também ocorre em *bobuiar* e *hubuiar*, a lista acima está muito longe, mais de dez vezes, daquele rol de 12 verbos que, em 1876, Couto de Magalhães reuniu quando escreveu: "O notavel professor norte americano C. F. Hartt nota que são rarissimos os verbos portuguezes que têm raizes tupis, e cita como um desses raros exemplos, talvez unico, o verbo *moguear*".

Foi Couto de Magalhães quem apresentou a primeira lista de verbos brasileiros com raizes tupis, afim de contestar Hartt que apenas lembrava *moguear*. Isto occorreu em 1876 quando citou 16 verbos na segunda parte do *O Selvagem*, pp. 76-77, em taes condições. O illustre brasileiro, porém, arrolou alguns pertencentes á lingua portugueza como *apinchar* já empregado por Gil Vicente: *encangar* e *embiocar*.

Assignalou *espíar* na accepção de *obscurar*, como de origem indigena. Não incluí o verbo na lista que organizei, porém tratei do assumpto em outro ponto. Caetano de Campos assim pensava, como se vê de uma carta que escreveu a Th. Sampaio. O *Diccionario de Portuguez - Brasileiro* registra *Cepiac* como "*enxergar, ver, perceber, avistar*". Na verdade, como lembrou Caetano de Campos, é muito commum ao caipira, o "*espíe para ali*, quando manda alguém, observar olhando, procurando. Couto de Magalhães assignalou *espoucar, pitequicar, entocar, gapuiar, cotucar, popocar, pererecar, antejucar, capinar, hobuiar, catingar, tocaiar*.

João Ribeiro, em 1889, á pag. 84 do *Diccionario Gramatical* registra: "*pererecar* — Contorceu-se, de perereca, ran. Julio Ribeiro" com accepção diferente da usual que é "ir aos saltos" e assim Teschauer inventariou. Couto de Magalhães definiu o verbo como "cahir e revirar" cf. *O Selvagem*, p. 77, 1. ed. 1876, e diz ser de uso geral, quando só ocorre no sul do Brasil.

Sete annos depois, José Verissimo, na *A Linguagem Popular Amazonica in Rev. Amazonica*, T. I. pp. 86-93, occupa-se das "*Palavras de origem tupy-guarany usadas pela gente amazonica e em pratica corrente na região*", cita alguns verbos já assignalados por Couto de Magalhães e re-

gistra novos: *encaiporar*, *encoivarar*, *mogicar* (engrossar um caldo ou mingau juntando farinha); *piriricar*, movimento á flor d'agua provocado pelo peixe inerso, *Saberecar* — tostar. *Moquear*, o illustre escriptor graphava segundo a pronuncia paraense: *muquear*. Aliás no primeiro ensaio de vocabulario de brasileirismos da lavra de Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, publicado em Paris em 1826 em francez, e incluído na *Introduction á l'Atlas ethnographique du globe*, de A. Balbi, o titular brasileiro escreve *muquiar*.

Alguns verbos têm divulgação limitada a certas zonas, como *gapuiar*, *gapungar*, empregados na Amazonia. Jacques Raymundo grapha-os com *i* inicial. *Jacubar* foi inventariado por Fernando São Paulo, na *Linguagem Medica no Brasil*, em 1936, onde estuda bem o verbete *jacuba*, que originou o verbo e apparece na *A Gyria Brasileira*, de J. Torres, Bahia, 1899, e na *Gyria Portuguesa*, de A. Bessa, Lisboa, 1901.

Paulino Nogueira, ao tratar do vocabulo *tiquara*, registra o verbo *enjacular*, "tomar jacuba" empregado por C. Ottoni na *Viajem ao Rio São Francisco*.

O vocabulo *jacuba* é de uso muito antigo; já em 1818 Eschwege o empregava. José Verissimo julgava-o termo africano, porém Beaurepaire Rohan e Th. Sampaio davam-lhe origem tupy. Em 1936, Alcantara Machado publicou na *Revista do Archivo Municipal de São Paulo*, p. XXIV, sob o título: *Brasileirismos*, o trabalho até então inedito, do Brigadeiro Machado de Oliveira em que este diz: que a palavra *jacuba* proceda "talvez de *jeacuaba*, jejuar", informando tratar-se de bebida feita com agua fria, que é como se usa na Bahia. O etymo proposto por Th. Sampaio, citado por Pereira da Costa, qual o de *igaçub*, supponho não ser o verdadeiro, pois esse vocabulo significa *agua quente* e a *jacuba* que conheço é bebida refrigerante".

Em phase de transição da *gyria* para o vernaculo, encontra-se *giboiar*, bem expressivo verbo para significar aquietar-se, fazendo digestão, após repasto excessivo. *Acaipirar-se*, e *encaipirar* são synonymos; o primeiro já Macedo Soares registrara: "tornar-se caipira" etc. Como tambem *acaboclar-se* "atrigueirar-se, queimar-se do sol, ficar cor de caboclo". Já

existe outra acepção qual a de tomar a feição de caboclo, de rustico, como inventaria Taunay.

Acaçarar-se, que tambem é synonymo de *encaipirar-se*, encontra-se, como o ultimo citado, registrado no *Diccionario de Brasileirismos da Academia* que omitta, porém, *encaipirar-se* e inventaria *botocar*, já averbado por Macedo Soares, com o significado de "*sahir fora*", "*saltar fora*". Por informação verbal do illustre philologo Dr. David Perez, na Amazonia, de onde é filho, *acaçarar* tem o significado primitivo de fazer cerca. Chermont de Miranda trata do vocabulario que originou o verbo, graphando *caissara* e dizendo: "No continente significa cerea tosea de troncos e galhos, em torno de uma roça ou plantação, para impedir a entrada do gado. *Etym Caa iça*" cf. *Glos. Paraense*, pag. 18.

Pitar que vem, segundo Baptista Caetano, de *Pety* ou *petym* ou *petyma* e tambem *petum*, é nome indigena da Nicotiana (tabaco) e o verbo brasiliense *pitar* evidentemente do *pety-ar* (tomar ou chupar o *petym*) está de ha muito divulgado por todo o paiz.

A' pagina 191 do *O Dialecto Caiçira*, Amadeu Amaral deixa transparecer alguma duvida a respeito da origem, quando escreve: "Dir-se-ia méra e explicavel adaptação de um verbo hispano-portuguez (*pitar*, *apitar*, de *pito*, *apito*).

O illustre escriptor tinha manifesta tendencia em querer originar tudo da lingua portugueza que bem sabia atravez dos classicos. Faltavam-lhe no entanto certos conhecimentos. Não se interessava pelos trabalhos relativos aos elementos tupis e africanos que entraram na formação da lingua nacional; desconhecia o latim, conforme me confessou, tinha poucos conhecimentos de linguas estrangeiras: era um fanatisado pelos escriptores chamados classicos que o nortearam e que o dominaram.

Guardo de Amadeu Amaral excellentê recordação pela bondade, cultura e character e admirava sens dotes de escriptor e poeta.

Gonçalves Vianna, em 1906, nas *Apostilas Aos Diccionarios Portuguezes*, estuda no volume II, pag. 278 o termo *Pitar*, dizendo "o vocabulo parece provir de um verbo *pitar*,

comer aos poucos, que existe em provençal, *pitá*, e de que *pitada*, deve de ser um adjectivo participial, substantivado". Candido de Figueiredo, quando estudou o verbo na edição de 1913, termina: "Entretanto não poderá relacionar-se com o bras. *pitari?*" *Pitadear*, que Camillo usou, origina-se de *pitari* do nosso caboclo. Ninguém mostrará o verbo *pitari* em portuguez no sentido de fumar, antes do descobrimento do Brasil. O fumo sómente foi conhecido na Europa depois da descoberta da America de onde procede a planta e o seu uso; o vocabulo *pitada* teve largo emprego na utilização de um producto preparado com as folhas do tabaco, qual o rapé. Na Argentina, onde ainda se fala o guarani em alguns lugares, o povo só conhece *pitari*, *pito*, aqui substituido pelo africanismo *cachimbo*, mas ainda empregado em certas phrases em todo o paiz e de uso corrente em Matto Grosso e Goyaz.

Daniel Granada — no *Vocabulario Rioplatense Razonado*, Montevideo, 1890 — T. Garzon no *Diccionario Argentino*, Barcelona, 1910 — estudam o assumpto. O primeiro discorda da origem guarani proposta por Beaurepaire Roban.

No *Diccionario Etimologico De Las Voces Chilenas Derivadas de Lenguas Indigenas Americanas*, R. Lenz, em 1910, estuda muito bem o vocabulo *pitari* na Hespanha e paizes sul-americanos; acceta a opinião de Beaurepaire Rohau que, aliás, foi precedido de Baptista Caetano.

Gapuiar, pescar de gapuia, apanhar peixe com *puçá*, ou um paneiro, em lugar razo. *Mupicar*, dobrar para um lado os foliolos da palma destinada a cobrir casas. *Piriricar* significa ondular a superficie da agua causando *piririca*, que é ondulação ocasionada pelo peixe quando se movimenta á flor da agua, são vocabulos usados na Amazonia. *Tinguijar*, *cutinguijar* e *intinguijar* o mesmo que envenenar a agua com *tingui* ou *timbó*, modo usado pelos indios para matar peixe e até hoje largamente utilizado. A primeira modalidade é mais usada e foi averbada em 1887, por P. Nogueira M. Benício, ap. *Teschauer*, empregou a ultima. A mais antiga, porem, é *atinguijar* que aparece no *Vocabulario Na Lingua Brasilica*, coordenado por Plinio Ayrosa em 1938, de um ma-

nuserito de 1622, provavelmente copia de um original mais antigo. *Atinguíjar* encontra-se à pag. 124 no verbete *Barbasco*.

Catucar, cutucar, tatucar, tutucar são verbos com o mesmo significado. Procedem de *cotuca* que é tocar, punzir, como registrou Martius quando se occupa do vocabulo *mutuca*. Isto, em 1860, ao apresentar á *Academia Real de Sciencias da Baviera*, o trabalho *Nomina Animalium In Lingua Tupi* onde escreve "...vulgo *Mutuca a Verbo Cotuca Pungere*". Deste radical procedem *butucar, catocar, catucar, cotucar, cutucar, cutucar, futucar, tatucar, tutucar*.

Em Julho de 1876, Bantista Caetano, que foi quem melhor conheceu a materia até hoje, á pag. 106 do vol. II dos *Ensaíos Scientificos* — no n. 19 dos *Apontamentos*, ensina: — "o verbo *mbotug* significa furar; o vocabulo mais usado, para este fim é *Kutucáb*, substantivo verbal de *Kutug* que tem quasi a mesma significação; dahi a expressão usada no Brasil, *cutucar*".

A má pronuncia de *catucar*, dando *catucá*, pôde originar confusão com *Catucá*, termo tupi significando a mata boa, toponyma encontrado no Maranhão, Alagoas, Pernambuco e Minas Geraes. No bello livro *Nordeste*, Gilberto Freire, occupa-se do *Catucá*, pernambucano e de sua desastrosa colonisação por allemães, em 1829, vencidos pela espessura da matta e pelos quilombolas que ali se refugiaram. Plinio Ayrosa cita José de Alencar, no *O Garatuja*, empregando o verbo *catucar*... "está-me *catucando* cá dentro". Bem antes Costa Rubim o averbára em 1853, no *Vocabulario Brasileiro*.

Os verbos *Butucar, catucar, catocar, cotucar, cutucar, cutucar, futucar, tatucar, tutucar* têm essa origem. A. Taunay, que tem realizado inextinguível trabalho no inventariar brasileiros, averbou *butucar* em São Paulo em 1914. Pude verificar que o povo ainda pronuncia naquelle Estado *butuca* de preferencia á *mutuca*. O verbo *butucar* significa esporar e *butuca* é o nome da espora em muitos pontos de São Paulo. O ultimo verbo do grupo, *tutucar*, foi empregado por Julio Ribeiro na *A Carne*: "Ouvia-se o *tutucar* dos ataba-

ques o estrupido surdo dos pés”, isto em 1898. Creio ter Ruy Barbosa se referido a esta perfeita onomatopeia.

Plinio Ayrosa, quando estuda o verbo *cutucar*, mostra que a forma *futucar*, usada no norte do Brasil, d'elle procede e lembra que as variantes *catucá*, *catucar*, *cuticar*, *cotucar*, *futucar*, “decorrem do verbo tupy-guarany *cutug*, cujo gerundio-supino é *cutuca*”. Temos impressão que nesse caso *catucá* é alteração africana; Gregorio de Mattos emprega a expressão na *Satyrica*, vol. II, LXXXVIII — “*Minha comer catucá*”.

Nesta poesia o vate diversas vezes imita o africano, no reproduzir o falar de uma negra, havendo, aliás, dois versos em nãõ:

Quem não saiba todo mundo.
Que mengui colo moambundo
Mazanha, manunga e mã”.

Isto é, approximadamente ha dois seculos e meio, já o vocabulo se encontrava alterado.

Em 1914, Th. Sampaio, no *O Tupy na Geographia Nacional*, empregou o verbo tupinizar-se, á pag. 171: “A tendencia para *tupynizar-se* um vocabulo de lingua extranha, não é todavia maior do que a de corromper o tupy, latinizando-o, ou ainda mais, modelando-o, á feição portugueza”.

Guabiruar — Foi assignalado por Jacques Raymundo como empregado em gíria correspondendo a galantear, conquistar. Registra ainda a variante *quabirurar*.

Empacavivar é verbo pernambucano encontrado em Rodolpho Garcia, significando enrolar o fumo nas folhas da *pacavira*, que é uma *Musacca* do genero *Heliconia*. *Pubar* appareceu pela primeira vez inventariado em 1853, no *Vocabulario Brasileiro* de Costa Rubim, que assim o definiu: “fazer a mandioca puba”. Mais tarde Beaurepaire Rohan e Rodolpho Garcia estudam o vocabulo.

Cambitar e *encambitar* são usados em Pernambuco e Bahia, para dizer carregar nos *cambitos*, que são umas forquillas de pau, que servem para o transporte, em costas de

animaes, de canna, lenha, capim, etc., informa Rodolpho Garcia. Na Bahia, *cambitar* tambem se emprega no sentido de fixar a rede no fundo do mar na occasião dos cercos dos cantos nas grandes marés, impedindo que o peixe, para fugir, passe por debaixo da rede que está presa pelos cambitos.

Amadeu Amaral, á pag. 103, quiz derivar *cambio* do *brasileirismo cambau* que viria do *cambão*, portuguez que originou *cambota* e o verbo *cambotear* que significa "andar aos pulos" justamente o sentido opposto de *cambitar* ou *encambitar* que é collocar nos cambitos, prendendo, fixando, ou supportando.

O saudoso escriptor e vate tinha ogerisas interessantes: não admittia que Castro Alves pudesse ser considerado o primeiro poeta brasileiro e procurava negar, com a classicolatria que o dominava, a exemplo de muitos brasileiros, que o falar da nossa gente pudesse ter soffrido accentuada influencia do tupi.

Quando encontrava qualquer remota ligação entre um *brasileirismo* de origem tupi e uma expressão lusitana, procurava demonstrar que era esta a origem.

Preferia até admittir que o vocabulo fosse de origem africana a julgal-o tupi. Occorreu isso com *catucar*, *cutucar*, *tatucar* e *tutucar*, quando lembra que existe "no bundo, *cutuca*, *esvoaçar*, *adejar*".

Quando se occupa do vocabulo *capim*, no valioso *O Dialecto Caiçira*, define-o erradamente: "designa-se especial ou collectivamente, quaesquer gramineas rasteiras ou até certa altura, mas ainda tenras". Entre as especies vulgarmente denominadas *capim bambu* existe uma que não é graminea a *Cassia Langsdorffii* que é uma Leguminosa; o *capim azul* *Lagenocarpus velutinus* é uma *Cyperacea*. O *Cyperus compressus* é tambem chamado *capim barba de boce*, embora haja Gramineas com este nome. Outra *Cyperacea* é o *capim camellão*, como o *capim de bolota*, o *capim de botão*, e muitas outras especies mais.

Quanto ao crescimento, o *Pennisetum purpurcum*, conhecido como *capim elephante*, attinge a quasi 5 metros de altura, apresentando folhas de 4 centimetros de largura. A duvida

sobre a procedencia deste vocabulo indigena, já assim reconhecido desde 1618, pois está presente nos *Dialogos das Grandezas*, o escriptor deixa transparecer quando escreve: "Dão-lhe origem tupy."

Aliás tal preocupação foi a ponto de Amadeu Amaral querer derivar *bubuiar* do verbo portuguez *borbulhar*, isto quando á pag. 226 trata de *veuvia*, corruptela de borbuiha.

Embora não o tenha arrolado, desejo fazer considerações sobre o verbo *carpir*, extremamente corrente em S. Paulo e que deu origem ao vocabulo *carpa*, que, para Theodoro Sampaio, como se vê á pag. 146 da 2.^a edição do seu conhecido trabalho *O Tupy na Geographia Nacional*, procede de *caápyir*, *alimpar o mato por baixo*. Admittindo se que o *carpir* brasileiro tenha esta significação, então o verbo já seria corrente em principio do seculo XVIII porque Frei Onofre ao definir *caápyir*, assim traduz: "*limpar o mato por baixo, capinar sachar, carpir, cortar ou arrancar a herua*". E como já figura alli o brasileirismo *capinar*, talvez que a razão esteja com Th. Sampaio que se recusa a ver no *carpir*, com esta accepção, um vocabulo procedente do latim *carpere* que, no entanto, de facto, designava *colher, pastar* e de onde julgo proceder o vocabulo.

Dois verbos são muito antigos: *Capinar* e *moquear*. O primeiro já se encontra no *O Caderno da Lingua — De Fr. Arronches — Vocabulario Portuguez-Tupi* — publicado por Plinio Ayrosa em 1935, glossario datando pelo menos de 1739 como Ayrosa prova; e chega a affirmar ser o *Caderno de Frei Arronches*, copia do *Diccionario Portuguez-Brasiliano* da autoria de Frei Onofre e a este se referindo escreve: "Agora é quasi possível affirmar-se que o seu Diccionario foi composto antes de 1739, ou antes da data authentica registrada por Frei Arronches".

Neste caso o *Diccionario Portuguez-Brasiliano*, cuja autoria foi attribuida durante muito tempo a Frei Velloso, reproduz o falar brasileiro do principio do seculo 18, senão do fim do seculo 17 ou até antes. *Capinar* já era corrente, pois é verbete que aparece na parte portuguez-tupi, desde ha muito conhecida, porquanto foi publicada em 1795, e registra-

do também na segunda parte, viuda á luz, graças aos esforços de Ayrosa, em 1934 e que traduz o verbete tupi *caapyr*, por *capinar*.

O *Diccionario De Brasileirismos da Academia* pode dispor de maior material lexicographado que Beaurepaire Rohau. Já se encontravam publicadas as valiosas contribuições de Taunay, Teschauer, o excellento *Diccionario* de Rodolpho Garcia e os glossarios de Chermont de Miranda, Romagosa Correia, Callage, etc.

A parte impressa consta de 224 paginas e termina com o verbete, *Medeizes*. São 41 verbos de origem tupy adoptados pelo *Diccionario da Academia*: *acabochar-se*, *acaçarar-se*, *acaipirar-se*, *acapoear-se*, *amoquecar-se*, *apiabar*, *ataperar*, *atocaiar*, *atucanar*, *biguar*, *botocar*, *bobniar*, *batucar*, *cambilar*, *capongar*, *capinar*, *capocirar*, *catingar*, *catucar*, *cipoar*, *coivarar*, *congonghar*, *cutucar*, *descoivarar*, *desmaniviar*, *destocar*, *empacavirar*, *empassocar*, *empipoear*, *encaiporar*, *encambilar*, *enconurar*, *engarapar*, *entijucar*, *entocar*, *cutujucar*, *espipocar*, *epocar*, *gapuiar*, *guboiar*, *malocar*, e que se acham portanto consagrados.

Beaurepaire Rohau, além do material que coligiu, utilizou-se dos glossarios de brasileirismos já publicados, como a *Collecção dos Vocabulos E Frases usados na Provincia do São Pedro do Rio Grande do Sul*, sahido na *Rev. dos Inst. Hist.* do Rio de Janeiro em 1852, de lavra de Antonio Alvares Pereira Coruja, e reimpressa em Londres em 1856 por Truebner & Comp. Neste vocabulario encontra-se o verbo *coivarar*. Em 1853 Braz da Costa Rubim, no seu *Vocabulario Brasileiro*, assignata não só este, como também *encoivarar*. Em 1887 e 1858 no Ceará e no Rio são publicados os trabalhos de Paulino Nogueira, *Vocabulario Indigena Em Uso na Provincia do Ceará* e o *Diccionario Brasileiro Da Língua Portuguesa*, de Macedo Soares. O ultimo está incompleto e termina no verbete *Candieiro*.

Da letra *M* em diante, encontram-se arrolados no *Diccionario* do Visconde de Beaurepaire Rohau 20 verbos, que estariam incluídos no *Diccionario da Academia* se porventura estivesse completo: *mogicar*, *moquear*, *mupicar*, *papocar*, *pe-*

rerecar, petequear, pipocar, piriricar, pitar, popocar, pubar, saberecar, sabreccar, sapecar, saperecar, sapreccar, soear, taboquciar, tinguijar, tocciar.

Em 1928, Teschauer publica a "11.^a Edição das tres series de vocabulos brasileiros muito augmentada" intitulada *Novo Dicionario Nacional*, onde se encontram registrados verbos de origem tupi não assignalados nos dicionarios da *Academia* e de Beaurepaire Rohan e eoligidos pelo prauteado jesuita, ou já inventariados nos glossarios de Taunay e outros: *ama-locar, cuticar, desencoiporar, desencoivarar, descotocar-se, destabocar-se, encapoeirar-se, empanemar, ensapccar, entabocar, entocoiar, intinguijar, intijucar-se, perobear, petecar, pocar, pongar, sororocar, sururucar, tungar.*

Em 1906 Vicente Chermont de Miranda dá publicidade ao *Glossario Paraense ou Collecção De Vocabulos Peculiares A Amazonia*. Na capa do trabalho figura o anno 1905 mas o prefacio tem a data: "Dunas — 17 de Janeiro de 1906", anno em que veio á luz.

Chermont de Miranda era homem culto e tinha regular conhecimento do tupi, assignalou no seu *Glossario* 20 verbos oriundos dessa lingua, usados no falar paraense, sobretudo na Ilha de Marajó, seu campo de estudo e observação.

Apenas 4 verbos não foram incluídos nos dicionarios da *Academia*, de Beaurepaire-Rohan e no de Teschauer: *ciriringar, ciriricar, mundiar, saberecar*, expressões usadas sobretudo na ença e pesca pela gente da Amazonia.

Alfredo da Mata, no valioso dicionario dos termos usados naquella região, ainda inedito, estuda aquelles vocabulos, confirmando as observações de Chermont de Miranda. *Ciriringar*, significa produzir *ciriranga*, que é o "ar expitado no fundo dagua, por um animal e que sobe á superficie em pequenas bo-lhas". *Ciriricar* quer dizer "pescar com *ciririca*", fazendo-a ligeiramente correr á superficie dagua. Chama-se "*ciririca*" o anzol sobre o qual se applicam penas de côres vivas, as do guará geralmente; com ella pescam-se certos peixes insectivos como o *tucunaré*, o *jacundá*. Outrora, dizia-se *pindá-ciririca*. Muito apreciado este methodo de pescar na Europa para o saimão e para a truta. É a *pêche á la mouche* dos francezes,

o *fly-fishing* dos anglo-saxonics”, informa Chermont de Miranda que define o penultimo deste modo: “*Mundiar*” magnetisar, assombrar. Poder, como erê o povo, possuem as cobras e a uiara, de entorpecer o animo, abolir a vontade, aniquilar o instineto de conservação, aquellas aos animaes que prêam, esta aos homems cujo amor cubiga, exemplificando: “A giboya de tal modo *mundiou* o veado, que elle se deixou pegar sem mover-se do lugar onde estava”. O interessante vocabulo no fundo, equivaleria a paralizar pelo terror.

Renato de Mendonça, em 1933, na *Influencia africana do portuguez do Brasil*, registra a palavra *mondia* por elle collida nas *Lendas e Romances* de R. Guimarães, na acepção de “azar”, “rizas”, “desavenças” e considera termo africano. Chermont de Miranda erê tratar-se de vocabulo tupy-guarani, oriundo de *mondiji* — *tremor, espantar*. Montoya ainda traduz por *conturbar*.

Chermont de Miranda escreve *muqucar, muquiar* como já o fazia José Verissimo; *encuivarar* em lugar de *encoivarar, mvgicar* e não *mogicar*. A troca de o em u é, como se sabe, frequente no Pará. Registra *sabererecar* synonymo de *sapecar* e *saberecar*. O autor paraense, quando estuda o vocabulo *boia* que entra na composição de muitas palavras designando cobra, assignala uma outra acepção que deve ser estudada pelos que conhecem bem o tupi, pois significa tambem “comida, refeição. Etyim. E’ de origem tupi; o termo equivalente guarany é *bohyc*, sustento, comida” escreve Chermont de Miranda. Caso isto se confirme, o verbo *boiar*, originario de *boia* expressão da gíria que veiu de ha muito dos quarteis e se vulgarison pelo paiz todo, teria finalmente encontrado explicação. Parece, contudo, que isso não ocorre, porque Alberto Bessa, em 1901, na *A Gíria Portuguesa*, registra na linguagem popular lusitana, *Boia* como “sopa de pão; pedaço de toucinho que aparece no caldo”.

Em 1926 realizou-se no Rio de Janeiro o concurso para uma cadeira de portuguez no collegio Pedro II. Sobre o ponto *Da influencia do tupy no portuguez*, os concorrentes, Clovis Monteiro, Quintino do Valle e Jacques Raymundo, apresentaram these. No vocabulario appenso ao seu trabalho,

Quintino do Valle registra os verbos *tatucar* e *tutucar* que já apparecem no *Dialecto Caipira* de A. Amaral quando trata do verbete *catucar* indicando os synonymos, *catucar*, *tatucar*, *tutucar*.

Quintino do Valle averba *muquear* e ao tratar do vocabulo *tapiara* recorda o significado de "espertalhão, velhaco, estradeiro" que lhe dão em São Paulo, ap. C. Pires, e escreve: "E' provavelmente o tupy *tapeyar* (tape, caminho, yar ou iar, dono) aquelle que toma o caminho, conhecedor do caminho, vaqueano pratico, sabedor, useiro e vezeiro, etc.. Terá o povo carioca tirado do *tapiara* paulista o verbo *tapear*, illudir, lograr, ou devemos reconhecer neste o radical de *taperar*?" Tenho duvida se é palavra carioca. Embora R. Pederneiras em 1922, na *Geringonça Carioca*, assim defina o termo: "*Tapiar* — embaçar, envodilhar, euganar". Antenor Nascentes tambem registra o vocabulo no *Linguajar Carioca*.

Do Rio evidentemente se divulgou por todo o paiz, talvez tenha occorrido com o vocabulo o mesmo que com tantos outros. Expressões vindas das regiões mais remotas do Brasil, chegam á Capital do paiz onde as que alcancam popularidade se derramam por toda a Nação. Ha 46 annos passados, em 1892, Osear Leal nas *Viagens ás Terras Goyanas (Brasil Central)* emprega o vocabulo *tapear* na actual accepção como se vê do *Glossario*, com 365 verbetes, appenso ao livro.

Quanto á origem, fico com Quintino do Valle, ao julgar o vocabulo de provavel procedencia tupi, como tambem pensa Alarico da Silveira, bom conhecedor desses assumptos.

Acapengar, *capeangar*, *capengar* significam coxear, claudicar. A forma melhor conhecida é a ultima, já inventariada em 1889 por Beaurepaire Rohan no *Diccionario de Vocabulos Brasileiros* e que nos parece bem antiga.

Acapengar encontramos citado por Plinio Ayrosa no artigo intitulado *capenga* do seu livro *Termos Tupis no Portuguez do Brasil*. *Capeangar* foi empregado, nos *Contos populares e cantigas de adormecer*, por Lindolpho Gomes, conforme referencia de Fernando São Paulo no excellente livro *Linguagem Medica Popular no Brasil*, vol. I, p. 207, Rio, 1936.

Jacques Raymundo assignala 33 verbos derivados do tupi que não encontrei registrados em outro trabalho, embora alguns glossarios registrem os termos de que procederam, como p. ex.: *mocica*, *tiririca*, *pamonha*, *coroca*, etc. ou empregados em forma verbal como *embibocado* por Monteiro Lobato, eil-os: *acanguicirar*, *acorocar*, *amoquecar*, *apamonhar-se*, *apombocar-se*, *arupemar*, *atapiocanar-se*, *afocanar*, *cariocar-se*, *cururuar*, *embabacar*, *embabacuar*, *embibocar*, *perobar*, *encaigarar*, *encaipirar-se*, *encariocar-se*, *encatingar*, *encipoar*, *encorocar-se*, *entipitiar*, *espopocar*, *guabiruar*, *guabirurar*, *igapuiar*, *igapungar*, *maitacar*, *mocicar*, *pipoquecar*, *pitadear*, *pitarrrear*, *pororocar*, *tiriricar*.

Um destes, porem, *maitacar*, fui encontrar referido por A. Daussen, á pag. 23 da *A' Margem De Alguns Brasilcismos*, edição da *Livraria do Globo*, em 1925, como já tendo sido registrado por Apollinario Porto Alegre, que ainda assignalou os verbos *baitaquear* e *maitaquear*, tambem originarios de *mactaca*, nome tupi da ave conhecida por *maitaca*, e significando paltrar, papagueiar, 'agarelar.

Igapuiar, *igapungar* estão de accôrdo com a etymologia. No entanto desde 1876 que Couto de Magalhães assignalou apenas *gapuiar* no Pará e Maranhão e assim José Verissimo. *Apombocar-se*, significando amolengar-se, que Jacques Raymundo registra para Pernambuco, o *Diccionario de Brasilcismos — Peculiaridades Pernambucanas* de Rodolpho Garcia e o *Vocabulario Pernambucano* recentemente saído de Pereira da Costa, só registram *pomboca*. Assim o verbo *cururuar*, significando roncar e derivado de *cururu* que quer dizer sapo e etymologicamente o que ronea, não se encontra naquelles dictionarios, nem *entipitiar* na accepção de atrapalhar, embulhar que Jacques Raymundo assignala para o Rio Grande do Sul, mas ausente de qualquer glossario gancho, embora Teschauer registre *typity* empregado naquelle Estado, na accepção de embaraço, atrapalhação.

Cariocar-se, *encariocar-se*, bem melhores que *cariocanizar-se* como já vi escripto, mas que não tive coragem de arrolar, devem representar, quando muito, fugazes expressões surgi-

das nas improvisações das conversas. Em tal caso também se encontram *embiribar-se*, como *amatutar-se*. *Imbirar*, como encordar, amarrar, é frequente na Amazonia. Candido de Figueiredo registra *embirar*. Arupemar, J. Raymundo registra como voz sergipana com significado de penetrar pela *urupema*, como ainda hoje se diz na Bahia e assim escripto em 1587, por Gabriel Soares. Este vocabulo encontra-se entre os varios exemplos da estranha troca de *u* em *a*, provavel influencia africana, como *urubú*, *urucury*, que o povo em muitos logares chama de *aribú*, *aricury*. J. Raymundo ainda assignala as formas verbaes *embabacar* e *embabacuar* usados em gyrias como synonymos de "atoleimar, estupidificar" e com o mesmo sentido registrou *atapiocuar*.

Plínio Ayrosa nos — *Termos Tupis no Português do Brasil* — São Paulo, 1937, registra os verbos *acaipirar*, *acapengar*, *apctocar*, *catocar*, *cotucar*, *doseaipirar-se*, *desencapirar*, *tutucar*, *impanemar*, *panemar*, estudados proficiente-mente nos varios capitulos do valioso livro cuja instructiva leitura constitue um prazer. O autor, quando se occupa de *hubuar*, lembra que o verbo já se deslocou da Amazonia e Vicente de Carvalho mais de uma vez o empregou em uma das suas poesias:

"Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol *hubuia á tã*".

Com razão censura a Teschauer querendo encontrar sentidos differentes em *bobuiar* e *hubuiar*. Recordo-me que Couto de Magalhães, em 1876, foi quem primeiro se occupou desse verbo que escrevia com *o*, assim definindo: "*bobuiar por fluctuar*", Cf. *O Selvagem*, Parte 2.^a pag. 77. E' expressão abonada ha 62 annos. Plínio Ayrosa assignala *panemar* e *impanemar*, este espregado por Gastão Cruls na *Δ Amazonia que eu vi*, ambos no sentido de ficar *panema*, isto é, "infeliz na caça ou na pesca", define Chermont de Miranda que se occupa bem do verbete, cujo campo já se dilatou como demonstra o competente paulista.

Os verbos de origem tupi registrados no *Diccionario de Brasileirismos* de Rodolpho Garcia estão incorporados ao *Diccionario da Academia*, e já tinham sido estudados convenientemente por este erudito investigador, autoridade em assumptos de lingua tupi. No trabalho de Pereira da Costa, encontram-se tres verbos assignalados em glossarios anteriores: *atocalhar*, *garapear*, *piabar*. Este já figura em R. Garcia no verbete *apiabar*, assim dicionarizado: "pedir por emprestimo pequenas quantias ao jogo" — Entre pessoas educadas é mais commum *piabar*, e desta forma foi incorporada ao *Diccionario da Academia*. Pereira da Costa tem nova accepção: "*Piabar* — metter-se em especulações, em certos negocios". A expressão é mais de *gyria*. Aliás muitos verbos têm esse emprego ou são usados na linguagem familiar como *apamonhar-se*, *desencanaipirar*, *desencanaiporar*, *despongar*, *destabocar-se*, *emperebar-se*, *encaipirar-se*, *taboquear*, etc. *Despongar* é usado exclusivamente na Bahia, é de emprego relativamente recente; provém de *pongar*, velha expressão bahiana; registrada por Teschauer, correnteia naquelle Estado, participando do falar commum para designar o acto de se tomar um vehiculo em movimento ou delle saltar nas mesmas condições, isto é, *despongar*. Jacques Raymundo pensa que *pongar* é de origem africana.

Teschauer fez derivar o verbo de *ponga*, o baque, ou queda com ruido. Baptista Caetano, ao se occupar de *pong*, traduz "soar por percussão", diz que o verbo tupi é onomatopaeico, o que concorda com o ruido de quem salta num carro em movimento. Baptista de Castro, no *Vocabulario Tupy-Guarany*, ainda assignala a accepção de "lançar abaixo", "soar", "bater", *baquear*."

Taboquear significa, lograr, desilludir, *ap.* Beaurepaire Roban, que o registra pela primeira vez, talvez, segundo este autor, corruptela de *atabucar*, antiga expressão portugueza empregada no mesmo sentido, o que não nos parece.

Na Bahia, *taboca* significa tamhem "logro e derrota", informa J. Torres na *A Gyria Brasileira* — Bahia, 1899. Afranio Peixoto occupa-se do assumpto em *Missangas*, pag.

167, mostrando que *dar taboca* corresponde á phrase usada no sul: "*levar taboca*". O nome tupi *taboca* é dado a varias especies de taquaras, geralmente do genero *Guadua*. O verbo *taboqucar* é usado largamente em certos Estados nortistas, Chermont de Miranda tambem o assignalou no Pará. Pereira da Costa em Pernambuco, onde registra a phrase feita *levar taboca*, tambem empregada na Bahia no sentido de ser logrado, que bem mostra a origem real da expressão.

Pururuca corresponde a ficar molle, amollecer. E' verbo usado nas regiões do Norte. Procede de *pururuca*, adjectivo significando friavel, quebradiço, como define Beaurepaire Rohan, dando os exemplos de milho *pururuca*.

Na Bahia a expressão *côco pururuca* designa que a amendoa do *Cocos nucifera* não está de todo endurecida. Representa uma phase de consistencia maior do que julga o que é chamado *côco de colhér*.

Beaurepaire Rohan julga ver no vocabulo uma differença de pronuncia do vocabulo *pororoca*, o que não deve ser, pois os sentidos são inteiramente differentes.

Pororoca é "o que arrebenta com estrondo, o estouro", define Th. Sampaio, exactamente o opposto de *pururuca*, *pururuca*, que é o de amollecer.

Plinio Ayrosa, no livro citado, tem longo e excellente capitulo sob o titulo *Capoeira*, onde suggere que o vocabulo de origem tupi "fosse sempre graphado sem o *i*, isto é, *capocera* ou me'hor ainda, *capuçra*". Isto com o intuito de evitar confusão com o vocabulo portuguez *capoeira* que tem outros significados e que originou tambem os verbos *capocerar* e *encapocirar*.

Registrei os verbos *capocirar* e *encapocirar-se*. Este sómente se applica ao "matto que nasceu no lugar de outro derrubado", como definiu Amadeu Amaral citado por Plinio Ayrosa. Teschauer, que delle se occupa, cita um exemplo de A. Rangel, "esvaziavam-se as praias de viração, os campos *encapociram-se*."

O verbo *capocirar* que Ruy Barbosa empregou, segundo o *Vocabulario de Ruy Barbosa*, de João Leda, pag. 72: "ca-

poeirar (burlar intentos, ladinar") como se capoeira uma *entente cordiale*. *Páginas Literárias*, 333. (C. de Figueiredo expõe: "capoeirar, bras. ter vida de capoeira"). Deve-se considerar o vocabulo neste sentido de origem lusa ou tupi!

Quando publiquei no *Jornal do Commercio* a lista de verbos de origem tupi, presentes no falar brasileiro, não constavam *arapongar, ataquarar, bebuiar, camboar, encaguirar, encarijar, oncuizar, entaquarar, guaranizar, pirocar, tapuizar-se, urucuizar*.

Destes, nove me foram enviados por Plinio Ayrosa, os tres restantes foram por mim colhidos. *Bebuiar* é de uma poesia de Baptista Caetano que o preferiu á forma *bubuiar*. *Camboar* foi encontrado em um trabalho de Raymundo Lopes — *Pesquisa Etnologica Sobre a Pesca Brasileira no Maranhão*, onde é usado o verbo, trabalho que foi publicado na *Revista do Serviço Do Patrimonio Historico e Artístico Nacional*, n. 2, pag. 159, Rio, 1938, quando escreve: "Ouvimos, lá, na zona do Pindaré, um dito bem curioso; o de que "o pescador aprendeu a *camboar* com o *meudá*".

Em Portugal o verbo *camboar*, pela primeira vez dicionarizado, em 1913, por Candido de Figueiredo, é coisa muito diferente, como se vê pela definição do lexicografo: "*Camboar*, v. i. Prov. dur. e trasm. Jungir ao carro duas ou tres juntas de bois, para subir ladeira. (De cambão)".

Encarijar recolhi num trabalho de Romario Martins, intitulado "*Herz Matte — Chá sul americano*, publicado em 1926, em Curitiba, onde se encontra, á pag. 135, assim definido: "*encarijar* — colocar os feixes com os paus para baixo no tendal de torrefação".

A pag. 131 estuda o substantivo *carijo*, que deu origem ao verbo e que o autor registra como vocabulo guarani significando *varal ou girau sobre o qual se colocam os galhos e ramos da herba mate, com fogo bastante por baixo, para completa secagem*.

Ermelino de Leão que tratou do assunto, embora reconhecendo que é vocabulo guarani, não concorda com a tradução que dele faz Romario Martins.

Pirocar aparece registrado porque é usado, embora tenha sentido obsceno.

Hesitei muito se devia ou não registrar *sambar*, como de origem tupi-guarani, porque Baptista Caetano, Theodoro Sampaio, Clovis Monteiro e Jacques Raymundo assim o consideram, e o proprio Plinio Ayrosa. Tenho duvidas, porém; acho que é verbo de origem africana. Um fato me impressiona. O ritmo do *samba* é inconfundivelmente africano, dança e musica. Ha um vocabulario africano em torno da musica desta origem, espalhado em todo o Brasil, e muito comum na Bahia

Lembrei-me do trabalho de Arthur Ramos — *O Folklore negro no Brasil*, no qual se refere a uma danca dos negros de Lunda chamada *cuisamba*, e da citação que faz de um trabalho de Ladislau Batalha de uma danca angoleza chamada *quizomba*: da referencia que faz a Macedo Soares quando trata do verbete *batuque* e de um trabalho de Alfredo de Sarmiento, ao descrever o *batuque* de Loanda; citando os passos da danca diz existir uma *umbigada* a que chamam *samba*.

Recordo-me que no *samba* que vi executado pelos pretos na Bahia existe a *umbigada* referida por Alfredo Sarmiento. Pereira da Costa, no *Vocabulario Pernambucano*, quando estuda o verbete traz a seguinte abouação: "A Julia que é *sambista* arreliada, dá no Juca fortissima *umbigada*". Baptista Caetano trata do assunto quando á pag. 87 do seu monumental *Vocabulario* se occupa de *çam* que assim defino: "*Çam* s. chorda, liame, vê çã; V. intr. ser ligado, amarrado, fazer liga, unir-se, articular-se, conjugar-se. Daqui sem duvida o nome de uma danca, *çama* — *çamba* em que faziam roda, dando-se as mãos". E' natural que opinião de tão grande valor fizesse adeptos.

Webster registra um termo *sambo*, como de origem africana, lá para aquelas zonas das colonias inglezas da America Central. Estes foram os motivos que me levaram a não colocar *sambar* entre os verbos de origem tupi.

Os estudiosos e competentes que resolvam definitivamente a questão.

Não inclui *encangicar* e *descangicar*, derivados de *cangica*, porque suponho que o vocabulo não procede do tupi, como sustentava Barbosa Rodrigues e admittiu Chermont de Miranda, embora não concordasse com a derivação de *Kani* — vinho *cuy cosido*. Baptista Caetano, á pag. 65 do *Vocabulario Guarany*, traduz o termo *caguiyi* por “cangica, milho pilado o cozido”. Não diz que *cangica* se derive daquelle vocabulo. Barbosa Rodrigues é o responsavel por tal etymologia.

Beaurepaire Rohan acha que *cangica* provém de *canja*. Na *Influencia do Vocabulario Portuguez em Linguas Asiaticas*, de Monsenhor Dalgado, Coimbra, 1913, o vocabulo é estudado ás pag. 41-42, e considerado palavra indiana. O lexicographo Moraes estava inclinado a acreditar na origem asiatica do vocabulo.

De ha muito que está averbado por Webster sob a rubrica *congee* e *conjee* e asim definido: *Congee, Conjee* n. (Tamil *Kanji*) *The water in which rice has been boiled, used for starching, for invalids diet, etc. Anglo-Ind.*”, que acredito, resolve a questão.

A linguagem popular dos habitantes do Rio de Janeiro deu origem a dois interessantes trabalhos publicados ambos em 1922: *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes e a *Geringonça Carioca* de Raul Pederneras. Este é portador de um prefacio do autor transcrevendo, creio, um artigo escripto em Maio de 1910. Antenor Nascentes fez preceder sua contribuição de erudita introdução em 89 paginas sobre *dialecto brasúeiro*. Os verbos de origem tupi, que figuram nesses trabalhos sobre *gyria carioca*, são em pequeno numero: *catucar, cutucar, sapccar*. Este perdeu o sentido primitivo de tostar, queimar superficialmente, como é tambem das suas variantes *sabcrecar, sabererecar, sabreccar, saperccar, sapreccar*, usados sobretudo na Amazonia, como registraram José Verissimo e Chermont de Miranda, para adquirir novos significados: *pessoa assanhada* e o de *atirar, jogar, ou dar, fazer, impingir*, como define *sapccar* Raul Pederneras, que tambem registra *catucar, cutucar* como “*acoto-*

velar. *Insinuar. Fazer cocegas*". Antenor Nascentes omittiu a definição desses vocabulos. Raul Pederneiras averba *pipocar* com significação nova: "*esbordoar*." Nada apparece, nos dois autores, semelhante á serie de verbos assignalados por Jacques Raymundo, e com aspect'o de expressões de *gyria*: *cariocar-se, encariocar-se. Sapocar* foi pela primeira vez inventariado por Costa Rubim, em 1853. Paulino Nogueira, em 1879, registrou *Desmanivar* que Araripe Junior empregou na *Luizinha*, quando se occupou de *tocaiar* e lembrou que Varnhagen á pag. 37 dos *Indios Bravos* escreveu *tucajar*.

Pipinar, "comer aos bocadinhos", definiu J. Torres, em 1899, na *A Gyria Brasileira*. É termo corrente na Bahia e expressão familiar muito commum. Só em 1913 foi inventariado por Candido de Figueiredo que assim o definiu: "*Pepinar, v. t e i. Bras. comer aos poucos, devagar; penisear*."

O ultimo vocabulo entrou para o lexico no mesmo anno e é termo provinciano, como o nosso. *Pipinar* corresponde á expressão lusa *depenicar* que, entre nós, já se transformou em *penicar* no sentido de beliscar, picar de leve. Conheço o vocabulo *pipinar* desde menino e é o primeiro que me occorre quando tenho de alludir ao facto de lambiscar, comer de leve.

O *Diccionario* de Frei Onofre, quando se occupa do verbete em questão, escreve: *Depnicar* o passaro, a fructa, *Opipine*.

Na segunda parte do *Diccionario* ao tratar do termo tupi lê-se: "*Opipine depenicar o passaro a fructa*."

Eis uma interrogação para os doutos resolverem. Não posso formular senão uma supposição e por isso lembrei, como hypothese, a origem tupi do vocabulo bahiano. Desde muito moço que, por natural inclinação, me debruço curioso sobre esses estudos. Nunca tive tempo de estudal-os convenientemente; não o terei mais. Resumo hoje velhas notas por mim tomadas e lançadas ao papel com o fim de distrair-me, esquecer, mentalmente emigrar, suppondo ainda estar servindo no Brasil... Os competentes que resolvam a origem de *pipinar*.

Espipocar, espocar, espopocar, empipocar, papocar, pipocar, pipoquear, pocar, popocar têm todos a mesma origem tupi: *poc, mopoc, mbo pog*, arrebentar, fazer estalar. *Papocar* foi utilizado por Domingos Olympio em *Luzia Homem: popocar*, Ruy Barbosa o empregou na *Republica ap. Firmino Costa*, *pocar* encontra-se no *Sargento Pedro*, de Xavier Marques. *Espocar* foi asignalado pela primeira vez por Couto de Magalhães em 1876, que o colligiu no Pará, no sentido de *arrebentar abrindo*, o que mais tarde passou a applicar-se por intermedio dos jornaes, nos foguetos e ora era escripto *espocar* ora *esponcar*; depois passou a figurar em assumpto mais civilisado: "ao espocar da Champagne". Neste grupo entra *sapocar* inventariado por Fernando S. Paulo para "*abrir-se*" em referencia ao furunculo, abcesso, fleumão, ou tornar-se saliente: "*olho sapocado: evophthalmico*". O vocabulo deriva de *sapoca* "olhos abertos designando localidade da costa, vale como abrolhos", informa Th. Sampaio.

Foi inventarindo em 1913 por Candido de Figueiredo; é verbo onomatopaico, por isso expressivo. Se o Brasil fosse ou tivesse sido colonia ingleza, logo o termo seria incorporado á lingua. Isto não occorrerá com o nosso vocabulo, a não ser que algum philologo, daqui ou de além mar, encontre meios e modos de formular a hypothese de que *espocar* se originou do baixo latim, ou veio do provençal...

Em 1880, Baptista Caetano escrevia a proposito do verbo *socar* na accepção de *pilar* e *pisar*, á pag. 95 do vol. VII dos *An. da Bibl. Nacional: Çoçoç* — v. trans. quebrar, moer, pilar, soccar, bater com pau de ponta, bater, malhar, dar, chuchar e furar. Dir-se-ia que vem do verbo portuguez *socar*, mas a mim me parece o contrario, porque vem em Diez vem este verbo, nem nos dictionarios vem a etymologia de *socar*, *pilar* como o empregam em portuguez "çoçar part. aquelle que malha, pila, moe."

Em 1889, Beaurepaire Roban já o incluia no seu dictionario como de origem tupi. No Pará o acto de pescar pirarucá, quando as aguas estão turvas e não se distingue o peixe, é de *usar-se do harpão como sonda*, "*com movimentos alternativos, imitando o acto de socar no pilão*", diz Chermont

de Miranda que também informa chamar-se tal operação de "sossoca".

Em torno do verbo *socar*, evidentemente de origem tupi na accepção de *pillar*, e da palavra *soca*, também desta origem, mas que tem o sentido de renovo, broto, e segundo Beaurepaire Rohan oriundo de *aíçoc* que figura no *Diccionario* de Frei Onofre com o significado de pillar, existe algo a esclarecer.

O vocabulo *soca* é dos mais antigos brasileirismos, pois Gabriel Soares já o emprega em 1587 no cap. XXXIV — *Em que se declara as arvores de Hespanha que se dão na Bahia, e como se criam nella* — informando: "... e domo são de quinze mezes, logo fiam novidade ás cannas de plantas; e as de *soca* como são de anno logo se cortam." E mais abaixo: "Na ilha da Madeira e nas mais partes aonde se faz assuear cortam as cannas de pranta de dois annos por dinte e a *soca de tres annos*." Chermont de Miranda estuda este verbete no seu *Glossario*; confirma a origem tupi, porém, o vocabulo passa por varias transformações.

Na linguagem popular ainda apparece o verbo *socar* na accepção de metter, empurrar, abandonar; "socar os pés em alguém" usou Waldomiro Silveira nos *Os Caboclos*. Leonar-do Motta nos *Cantadores*, em 1921, assignala "*socar-se*", no sentido de esconder-se: "Onde foi que elle *socou?*" E' um um capitulo com bastante material para estudo.

O verbo *tungar* pareceu a Jacques Raymundo, no *O Elemento Afro Negro na Lingua Portuguesa*, ser de origem africana. E' voz tupi: era um dos nomes do bicho de pé, já referido por Staden. *Tunga*, *tung*, *tum* registra Baptista de Castro no *Vocabulario Tupy-Guarany*. *Tunga* grapharam Anchieta, á pag. 14 da *Arte de Grammatica*, ed. da Academia — 1933 — e L. Figueira á pag. 78 da *Grammatica da Lingua Brasílica* — ed. de 1680, e traduziram por bicho de pé. Tal denominação já entrou para a nomenclatura scientifica, pois é este o nome que hoje prevalece para designar o ectoparasita: *Tunga penetrans*, Lincú.

A. de Taunay foi quem primeiro assignalou o verbo, posteriormente registrado por Teschauer, na accepção de *por-*

fiar. No sentido de espanear, agredir, dar pancada, que é o mais corrente, foi assinalado em 1933 por J. Raymundo.

Tungar é corrente entre os pescadores de certas zonas do Reconavo da Bahia, onde o recolhi, para indicar que o peixe está se ntirando á isca, isto é, está tocando, golpeando. Quando Baptista Caetano estuda o verbete *tung*, além de se referir ao nome do ectoparasita, neste e em varios verbetes, como *tungayú*, *tunguçú*, escreve: "Tambem *tung* se apresenta em comp. valendo *tun* negro, *tug* encarvondo e *tu* batido, tocado." Talvez que a voz *tunco* usada em Sergipe e de ha muito registrada por Silvio Romero, e recentemente ainda em livro de Amando Fontes, *Rua do Siriry*, para *muxozo*, e que é acompanhado com um movimento da cabeça, tenha sua origem por ahi.

Sorococar — significa estertorar, termo muito usado em São Paulo. Apareceu pela primeira vez dicionarizado, quando em Setembro de 1913, A. de Taunay entregou á *Rev. do Inst. Histor. Geogr. de S. Paulo* o *Lexico de Lacunas*, editado no anno seguinte, na cidade franceza de Tours. Procede de "çororog v. int. orom. desfazer-se em pedaços, desmanchar-se, desmoronar, desfazer-se", diz Baptista Caetano que assim define o verbo que bem traduz a situação de quem agoniza.

Fernando São Paulo estuda-o, e o vocabulo *sororoca* que o originou, á pag. 303 da *Linguagem Medica Popular no Brasil*, registrando os autores que delle se occuparam e o abonaram.

Montoya quando se occupa do verbete *cororó* traduz: "ronquido, y de los moribundos, quando se les levanta el pecho, y el gruñir de los perros".

Taunay foi o primeiro a averbar um vocabulo parecido, embora de sentido muito diverso, *sururucar* que significa peucirar ou *sessar*, como se diz na Bahia, onde é corrente este africanismo.

Certa vez, Carolina Michaelis, considerando a extraordinaria deficiencia dos dicionarios portuguezes chamou-os de *calvarios da lingua*. Eis um juizo de alguém com grande autoridade para fazel-o.

Em 1595 W. Raleigh levou para a Europa o vocabulo *curare*. Varios viajantes delle se occuparam, inclusive Humboldt. O termo internacionalizou-se desde cedo e foi vulgarizado entre gente culta através do artigo publicado em 1864, na *Revue des Deux Mondes* por Claude Bernard. Em 1878 o verbo *curariser* já figurava no 1.º Supplemento do *Larousse*.

Na Inglaterra o vocabulo logo passou a ser usado como verbo: *curarize*. — No Brasil, de onde surgiu o *curare* dos indios Ticunas para as experiencias scientificas, o verbo *curarizar* foi usado já de ha muito.

Só em 1913, porém, entrou para os lexicos apparecendo em Candido de Figueiredo. A palavra que deriva de *Urinary* foi extremamente vulgarizada em todo o mundo, inclusive no Brasil, onde são numerosos os trabalhos que se referem ao *curare*.

O termo, além do verbo, originou varios outros, delle derivados e que se encontram presentes nos dictionarios modernos de outros povos, mas que contiunam ausentes dos "*calvarios da lingua*" que falámos: *Curarina*, *curarização*, *curarizante*, *curarizavel*, *curarinização*, *curina*, *paracurina*, *protocurina*, *tubocurare*, *tubocurarina*, omittidos não só dos lexicos como até de algumas encyclopedias portuguezas. Desde 1857, data da publicação do *Guarany* de José de Alencar, que o vocabulo *curare* se vulgarizara entre a gente culta brasileira. Aliás o romancista escrevia *curarê*, talvez influencia franceza, pois Sigaud assim o fazia, como se vê de varias rôtas appensas ao 2.º volume do romance.

Atucanar, significa aborrecer, apoquentar. Mucedo Soares e Rodolpho Garcia já o registraram. Do primeiro existe a variante *atocanar*. O sentido do vocabulo é representado pelos verbos *perobar*, *emperobar*, *perôbar*, expressões de gíria populares como *atubibar* usado no Ceará, que deriva do nome de uma abelha. A gíria frequentemente é criada pelo povo, elemento essencialmente conservador e que guarda, sobretudo na linguagem, muito do falar dos portuguezes do tempo do descobrimento, do idioma dos indigenas e da lingua da gente africana, que é o instrumento verbal de milhões e milhões de sôres cuja maioria não sabe ler, ignora os classicos

cada vez mais distanciados da lingua que falamos, embora, de quando em quando, surja entre nós, gente com mentalidade de archeologista ou paleontologista, e que vai exhumar, dos livros esquecidos, phrases, construeções e vocabulos archaicos de uma linguagem que morreu, exumações essas que dão ás produções de muitos escriptores, portuguezes e brasileiros, a impressão de um mosaico feito em um estilo que não é de nenhum tempo.

O verbo *moquear* é o mais antigo de todos. Já se encontra presente na 2.^a parte do *Diccionario de Frei Onofre*, pois é assim traduzido o verbete tupi *amocuem*: "assar mal, tostar, *moquear*". Delle procede o primeiro brasileirismo divulgado: *moqueados*, e que se encontra em carta de Nobrega escripta da Bahia a 10 de Agosto de 1548. Deve ter tido largo uso em todo o paiz; ainda alcancei na Bahia, quando menino, o pregão: "*moqueada*" das pretas que vendiam carne de baleia assada. As baleias se extinguiram, *praticamente*, na Bahia e com ellas tambem o pregão e um mundo de coisas tão typicas, que de todo se sumiram...

Em fins de Março daquelle anno, fundava-se a cidade da Bahia e nasce o Brasil; *moquear* já existia, porém o melhor é contar o que escreve Nobrega: "Depois que partimos de Portugal, o que foi em 1.^o de Fevereiro de 1549, toda a armada trouxe-a Deus a salvamento; sempre com ventos prosperos e de tal arte que chegamos á Bahia de Todos os Santos dentro do 56 dias". Como não era bissexto o anno de 1549, o jesuita deve ter aportado á Bahia em 29 de Março. Conta Nobrega: "Desde logo se fez a paz com o gentio da terra e se tomou conselhos sobre onde se fundaria a nova cidade chamada do Salvador." Se isto foi feito a 1.^o de Abril, então muita coisa está explicada... O jesuita quando se refere, com justificado horror ao habito de comerem o filho nascido do connubio de um captivo com uma india que lhe fôra dada como mulher, exclama: "E' esta a cousa mais abominavel que existe entre elles. Si matam a um na guerra o partem em pedaços, e depois de *moqueados* os comem, com a mesma solemnidade."

Naquella época, quando Thomé de Souza chegou á Bahia, apenas lá encontrou na povoação do Pereira, cerca de 50 portuguezes que viviam acampados com Caramurú, ali, perto do actual *Parol da Barra*, onde naufragara, entrando para a historia e para a lenda desde o appellido, que traduziram para "*Filho do trovão*", o que é simples nome de um peixe que se encontra entocado entre os recifes, como talvez tivesse sido achado pela caboclada, Diogo Alvares. Depois inventaram que tinha feito uma excursão á França, acompanhado de Catharina sua mulher, a quem Frei Salvador, que a conheceu viuva, chamava de Luzia e a ella se referia eucomiasticamente.

Da época lendaria, ficou até hoje o bello nome *Moema*, personagem que desfalheceu de cansaço, acompanhando a nado o veleiro francez que conduzia o famoso luso. O poema de Santa Rita cantou a india bella, mas foi uma fonte de incriveis torturas para mim, quando criança, pois tinha que analysar grammaticalmente a versalhada, systema de fazer eriar callos dentro do cerebro, pelo menos com os methodos adoptados ha 50 annos passados, na escola publica onde aprendi e que me incutiu a grammaticophobia, sagrado horror que passei a cultivar quasi religiosamente.

Só muito mais tarde pude apreciar o encanto das coisas que surgiram nos arredores da *Barra* e da *Graça*, na *Bahia*, quando o Brasil nascia. A verdade é muito mais prosaica e o que existe de real, é que a gente de Thomé de Souza entrou em contacto com Caramurú e seu grupo, já inteiramente assimilados pelo meio, e a tal ponto, que fabricavam a farinha dos indios que vendiam aos que chegaram. Não seria possível a Nobrega utilizar-se da expressão *moqueados*, 4 mezes e meio depois de sua vinda, se o verbo não fosse corrente entre os compatriotas que o precederam e que já usavam o vocabulo inteiramente aportunuezado. Quasi dois annos depois, em 1551, Nobrega ainda dizia: "*aprendendo pouco a pouco a lingua*", no emtanto em carta de 1549, anno em que chegou, já se occupava da *mandioca*, outra palavra que encontrou lusitanizada pelo grupo de Caramurú e por isso o jesuita logo a assimilou. Ainda em Agosto de 1552, confessava o

jesuita ao referir-se ao gentio: "*sabermos-lhe mal falar em sua lingua*", isto 3 annos depois de viver entre elles.

Joseph Chenier no *Discours sur l'intérêt Personnel* escreven: "*Mais pesez bien les mots, car les mots sont les choses*". O vocabulo *moqueados* assim prestigiado foi se divulgando e quando os francezes chegaram ao Rio, Lery descreveu o *moquem* que foi transformado pela sua garganta em *boucan*, isto por volta de 1555 quando por aqui andou, embora delle se occupasse em 1578, quando publicou seu livro onde se encontra a phrase "*une grande grille de bois, laquelle en leur langage ils appellent Boucan*". O sabio padre Magne occupou-se deste assumpto e Plinio Ayrosa, nos *Termos Tupis no Português do Brasil*, tem um excellente capitulo intitulado: *Moquem*, no qual relembra que *Challeux* já o registrara em 1566, na França. Em Setembro de 1851, Varnhagen chama a attenção para a palavra indigena que originou outra, na lingua ingleza, que acabou justificando o que affirmou Chenier, "*car les mots sont les choses*", porque *moquem* fez *boucan* e este o termo *bucaneer* a cuja historia me referirei rapidamente, mais adiante.

Quando Varnhagen se occupou do assumpto disse, ha 67 annos passados: "*Moquem (donde derivou o verbo moquear) é a mesma expressão que na America do Norte se converteu em boucan, donde veio bucaneiro*". Isto o grande historindor affirma nos *Commentarios ao Rotreiro do Brasil* de Gabriel Soares, Capitulo CLXXIV — "*Em que se declara o que os Tupinambás fazem do contrario que mataram*".

Em 1889 o Visconde de Beaurepaire-Rohan, ao tratar no seu *Vocabulario*, do verbo *moquear*, conta que Jean de Lery introduziu o verbo *boucaner* em lingua franceza e transcreve o chronista francez: "*Touchant la chair de ce Tapiroussou: elle a presque même gout que celle de bouc; mais quant à la façon de la cuire et aprester nos Sauvages à leur mode, la font ordinairement Boucaner*". E então transcreve tudo quanto Lery disse a proposito do significado de *boucan* e *boucaner*, ha quasi meio seculo.

São Domingos, nas Antilhas, viu multiplicarem-se seus robanhos bovinos que se asselvajaram e ficaram *alçados*, como ouvi chamarem em Matto Grosso. Os habitantes da Ilha, ensina Thomaz Shaw: "*The natives still left upon the island were skilled in preserving flesh by means of fire and smoke at their little establishments called Boucan. The adventurers learned boucanning from the natives; and gradually Hispaniola became the scene of an extensive and illicit butcher trade.*"

Da palavra tupi ida do Brasil, já transformada em *boucan*, no francez, depois em inglez para designar o local onde os aventureiros moqueavam a carne dos bois caçados, criou-se novo vocabulo, já então em lingua ingleza, *Buccancer*, para indicar os homens caçadores de bois selvagens, cuja carne moqueavam, aproveitavam o couro e estabeleciam o contrabando de um commercio cujo monopólio estava nas mãos dos hespanhoes. O facto occorrido nas Antilhas, de se criar a toponymia *boucan* no ponto onde a operação se realizava, tambem se passou no Brasil. O nome até hoje persiste nas denominações *Mocanguê Grande*, *Mocanguê Pequeno*, ilhas do municipio de Nietheroy. O nome *moquem* foi alterado para *muquem*, o que facilitou a transformação para o *boucan* francez. A denominação *Muquem* ficou pelo Brasil afóra, baptizando locais onde se moqueava. Assim, com tal nome, encontramos duas localidades em Alagoas, uma na Bahia, 5 no Ceará, duas em Goyaz, uma no Maranhão, duas em Matto Grosso, 10 em Minas, 3 na Parahyba, duas em Pernambuco, uma no Rio Grande do Sul, duas em Sergipe e uma na forma plural, *Muquens* em Matto Grosso, a exemplo do que occorreu no E. do Rio, pois *Mocanguê* justamente significa *moquens*.

A marujada que saltava em terra, para caçar bois selvagens, tornava a embarear, já então com o nome de *buccancer*, cuja historia deu origem a uma pequena literatura que até hoje vive e um delles de nome Morgan foi transformado pela Inglaterra em Governador da Jamaica, outro feito cavalleiro por Carlos I, e Drake, o Capitão Blood e Cavandish eram considerados *buccaneers* ou Corsarios, conforme a elles se re-

feriam a Hespanha ou Inglaterra, pois o *buccaneer* muitas vezes contou com o apoio deste paiz.

Houve, na Idade Media, grande controversia sobre o Nominalismo e o Realismo. Para o realista a palavra era mais verdadeira que a experiencia, enquanto os nominalistas sustentavam o opposto. Incontestavelmente a palavra tem poder creador. O tupinambá com o vocabulo *moquem* suggeriu um mundo de coisas aos europeus. Aquelles grupos compostos de francezes, inglezes e hollandezes que foram pescar nas Antilhas, nas suas investidas contra os hespanhoes, não dispondo das especiarias para conservar os viveres, moqueavam a carne, á maneira cabocla, com ella abasteciam seus barcos e sahiam para os assaltos. O moquem ou *boucan* permittiu tal possibilidade áquella gente aventureira. A operação culinaria passou a denominar o local onde elle se effectuava; nas Antilhas, o *moqueador* começou a chamar-se *buccaneer* e como este, carregado o navio de carne *moqueada*, podia assaltar galeões e povoados, pois se encontrava abastecido, o vocabulo adquiriu nova acceção qual o da acção de pirataria que exercia o *buccaneer* quando navegava. Logo o vocabulo entrou a ser synonymo de pirata e flibusteiro, adaptou-se a varias linguas do occidente, adquiriu novo valor semantico e historico a ponto de uuma importante obra em muitos volumes, qual *The Historians' History of the World*, de R. Smith Williams, encontrar-se no vol. 23 um capitulo intitulado simplesmente *The Buccaneers*, assignalando um periodo importante do seculo XVI e XVII e cuja palavra se originou da lingua que falavam os nossos selvagens.

Webster, ao tratar da palavra *buccaneer*, informa que sua introdução no inglez se fez atravez da lingua franceza pelos termos *boucan*, *boucaner*, esclarecendo que é vocabulo de origem americana e quando se occupa das varias acceções descreve o *boucan* como o fez Gabriel Soares com o *moquem*: *A wooden frame or grid for roasting, smoking, or drying meat over fire*; é ainda mais parecida com a descripção de Lery: *“Nos Amcriquains, donques, fixans assez avant dans terre quatre fourches de bois, aussi grosses que le bras, distantes en*

quarré d'environ trois pieds et esgalement hautes elceves de deux et demi, mettens sur icelles bastons á travers, á un pouce ou deux doigt pres l'un de l'autre, font de ceste façon une grande grille de bois, laquelle en leur language ils appellent Boucan". Segue-se depois a descripção do fogo feito com madeira bem secca, que dá pouco fumo e que lentamente vai moqueando a carne. Até hoje, na Villa de S. Francisco, no Recôncavo bahiano, este processo é usado no preparo dos saborosos *camarões de espeto*, ali confeccionados, sendo o mangue vermelho a madeira usada para lenha. Como occorreu com Sumatra, vocabulo que reingressou na lingua portugueza, depois que os inglezes para aaccommodarem á sua pronuncia a palavra Samatra, que os portuguezes divulgaram, transformaram-na duquelle modo, assim acouteceu com *buccaneiro*, traducção do *buccaneer*, para designar pirata, flibusteiro. Tudo se originou do *mocæn* tupi já transformado em verbo portuguez por Nobrega, em 1549, que a lingua franceza adoptou, a ingleza manteve a significação antiga e creou outras novas, mas que os dicionarios portuguezes vedaram sua entrada no idioma e com tal rigor, que Candido de Figueiredo na edição de 1913, define: "*Bucaneiro*, m. *Bras.* Caçador de bois selvagens. Grande espingarda, usada nessa caça. Pirata, dos que infestavam as Antillas". O philologo luso leu a historia do vocabulo e sua procedencia, e immediatamente o excluiu do idioma portuguez e como se originara do Brasil, chamou *bucaneiro*, na accepção inventada pelos iuglezes, de brasileiro!

Julgou assim salvar da contaminação a lingua portugueza, inçada de termos de todas as procedencias mas que foi impermeabilizada pelos lexicographos, contra a infiltração de vocabulos usados e criados na antiga colonia, embora alguns tenham sido postos em letra de forma, ha 4 seculos por um portuguez, Nobrega, e lusitanizada pela parganta da brava gente d'além mar, que Thomé de Souza encontrou ao desembarcar na Bahia.

Comentarios sobre um mal africano conhecido
por nome indigena que se incorporou ao idioma
francez — Sua disseminação por um insecto —
Descortino de Gabriel Soares

Entre os insectos estudados por Gabriel Soares, um existe que os indios denominavam *nhitinga*, designação que desapareceu da zona percorrida pelo chronista luso, como *in loco comprovei*, e penso que de todo o paiz, pois nada achei nas buscas que emprehendi a respeito. No mesmo capitulo que se occupa de *nhitinga*, Gabriel Soares trata do vocabulo *inhatum*, que Alberto Rangel ainda empregou na seguinte phrase: "manteria o fogo, cujo fumo afastava o zunido dos *inhatiuns*", segundo registra Teschauer.

Em notas tomadas na Ilha do Bom Jesus, Bahia, em 22 de Janeiro de 1930, verifiquei segundo informações verbaes que o vocabulo desapareceu do Reconcavo, mas ainda persiste alterado para *jatium*, em Valença, sul do Estado, designando um representante dos *Culicidae*, como, aliás, o indio parecia usar no sentido lato, pois certas especies e generos tinham outras denominações, como *muriçoca*, *carapanan* etc.

Gabriel Soares trata do assumpto no capitulo XCIII, quando diz: "Ha outra casta que se cria entre os mangues, e que os indios chamam *inhatiuni*, que têm as pernas compridas e zuncem de noite, e mordem a quem anda onde os ha, que é ao longo do mar; mas se faz vento não apparece nenhum".

Mais adiante escreve: "Ha outra casta de mosquitos, a que os indios chamam *inhatiunaçú*; estes são de pernas compridas e mordem e zuncem pontualmente como os que ha na Hespanha, que entram nas casas onde não ha fogo; e de que todos são inimigos".

São culicideos; é tudo quanto se pôde adiantar. Talvez que a ultima denominação inclua o *Culex fatigans* Wied, que

é especie domestica, e que o primeiro nome comprehenda entre outras especies, o *Aedes taeniorhynchus*, Wied, antigamente colocado no genero *Culicelsa*, cuja presença nos mangues já pode comprovar.

A descripção que Gabriel Soares faz do *pium* e o resultado das suas observações são perfectos. Diz o chronicista: "*pium* é outra casta de mosquito tamanho como pulgas grandes com asas; e em chegando estes á carne, logo sugam sem se sentir, e em lhe tocando com a mão se esborracham; os quaes estão cheios de sangue; cujas mordeduras causam muito comichão depois, e quer-se exprimida do sangue para não fazer gualdhũo na carne".

No Reconavo o vocabulo *pium* desapareceu; ficou, porém, em outros pontos da Bahia. Taes dipteros são representantes da familia *Simulidae*; não existem na Ilha de Bom Jesus, pela ausencia de agua corrente; encontram-se porém na Ilha dos Frades com o nome de *borrachudo*, como é tambem conhecido no sul do Brasil, e quasi de accôrdo com a definição de Gabriel Soares "*e em lhe tocando com a mão se esborracham*".

Na região estudada por Gabriel Soares são já conhecidos as seguintes especies da familia *Simulidae*: *Simulium amazonicum*, Goeldi, 1905; *S. baiensis* Pinto, 1931; *S. brachycladum* Lutz & Pinto, 1931; *S. diversifurcatum* Lutz, 1910; *S. incrustatum* Lutz, 1910; e duas especies representantes de outros generos: *Eusimulium paraguayensis* (Shrotky, 1909); e *Eusimulium pertinax*, (Kollar, 1832).

Muito mais interessante, porém, do que o que escreve sobre os *piuns* ou *borrachudos*, é o periodo em que o autor se occupa do insecto a que os indios chamam *nhitinga*, assim descrito pelo extraordinario observador: "Digamos logo dos mosquitos, a que chamam *nhitinga*; e são muito enfadonhos, porque se põem nos olhos, nos narizes; e não deixam dormir de dia no campo, se não faz vento. Estes são amigos de chagas, e chupam-lhe a peçonha que tem; e se se vão pôr em qualquer cossadura de pessoa sã, deixam-lhe a peçonha nella, do que

se vêm muitas pessoas a encher de boubas. Estes mosquitos seguem sempre em bandos as índias, que andam nuas, momentaneamente quando andam sujas do seu costume”.

Tão perfeita observação tem que ser commentada. O insecto de que trata Gabriel Soares é um díptero da familia *Chloropidae*, do genero *Hippelates*, Loew, e hoje vulgarmente chamado, na parte do Recôncavo que melhor conheço, pelo nome de *mosquito de cachorro*, denominação que provavelmente inclue mais de uma especie.

O grande chronista luso foi o primeiro a estabelecer, de modo positivo, a possibilidade de um insecto transmittir um mal, como se vê pelo trecho que acima transcrevemos.

Em 1906, em trabalho publicado no T. VIII, fasc. III, pag. 148 das *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, sob o titulo *Viagem Scientifica* escrevia eu o seguinte sobre a boubá: “De algum modo, surprehendeu-nos a ausencia deste mal que esperavamos encontrar muito abundante. Os dois unicos casos vistos e cujos esfregaços foram diagnosticados empregando-se o methodo de BURRI, foram observados no Estado de Goyaz no trajecto da Villa do Duro á cidade de Porto Nacional; pelas informações soubemos ser a boubá mais abundante ao norte da região que percorriamos”.

Tres eminentes profissionaes, F. Terra, O. Silva Araujo e Afranio Peixoto, em 1909, 1911 e 1922, respectivamente, sustentaram: o primeiro em Relatorio apresentado ao 4.º Congresso Sul Americano, o segundo em sua these de doutoramento e o terceiro, no seu volume sobre *Hygiene*, que a boubá era um mal raro em nosso paiz, o que aliás estava de accôrdo com a observação que eu fizera e que acima se lê.

Coube a A. Gavião Gonzaga dar cabal desmentido a tal supposição quando em 1925 escreveu: “No Ceará a boubá constitue o maior flagelo das zonas ruraes serranas”.

Dez annos mais tarde, em Bello Horizonte, C. Ferreira Lopes, no trabalho *A campanha contra a boubá no Nordeste Mineiro*, confirma o que disse Gavião Gonzaga quanto á frequencia do mal ao escrever “Ha logares de maior e menor incidencia. Comtudo, não seria exaggero dizer-se que em certos

logares a incidencia se eleva a 40% e 50%. Lembra que os doentes, o autor observou 651, incriminavam as moscas como transmissores do mal que entre o Mucury e Rio Doce é chamado de *Catita* e que não existia entre os indios das margens do Mucury quando, ha 60 annos passados a cidade de Theophilo Ottoni foi fundada, trazendo mais um argumento em favor da origem africana da doença, o que já constitue ponto pacifico.

Vulgarisando-se o nome *piau* atravez dos livros francezes tornou-se familiar em certas partes sul americanas e é pela denominação tupi que a doença é conhecida na Guyana franceza e territorios das Antilhas que pertenceram á França.

Em 1909 o agente patogenico da doença, o *Treponema pertenue*, foi pela primeira vez identificado no Brasil pelo eminentemente Prof. Eduardo Rabello. O mal que, entre nós, é muito mais disseminado do que se supunha e de importancia maior do que se pensava antigamente, nunca foi conhecido no Brasil pelo nome que os indios lhe davam. Levado para a França, incorporou-se ao idioma deste paiz, e passou ás suas colonias americanas sem nenhuma alteração como occorreu com *boucan* e, atravez dos trabalhos scientificos, entrou para o vocabulario medico internacional, sendo o termo tupi *piau* mais conhecido pelo mundo afóra que a expressão *boubas* que os portuguezes lhe deram.

Segundo Piso, em 1658, os nossos caboclos chamavam de *miá* o mal em questão, cuja presença em Pernambuco naquelles tempos foi registrada nos *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cf. *Dial. Segundo*, p. 110, edição da Academia, e sobre o qual Rodolpho Garcia á nota 12, pp. 121-122, borda eruditos commentarios.

Aproveitando o ensejo, é justo reivindicar para um investigador brasileiro a prioridade em assignalar o papel dos representantes do genero *Hippelates* na transmissão da boubá.

Em 1925, A Gavião Gonzaga affirmou, de modo categorico, no seu trabalho *Climatologia e Nosologia do Ceará* — *Paginas de medicina tropical*, o seguinte que se encontra, á pag. 45, a respeito da boubá e sua transmissão: "Segundo ob-

servações nossas, no Ceará, o factor principal da disseminação é um díptero, provavelmente do genero *Hippelates*, muito abundante nas regiões serranas — principais focos de boubas.

Esses dípteros, conforme observamos, sugam com grande avidéz as secreções das lesões boubaticas, sendo o doente obrigado a se proteger contra os mesmos por meio de fogueiras, preparadas nas horas em que ha maior abundancia desses insectos”.

Os trabalhos de Wilson et Mathis, relativos á transmissão do *pian*, ou boubas, pelo *Hippelates*, só appareceram cinco annos mais tarde, pois datam de 1930. É a importante contribuição de L. Nicholis, intitulada *Fram boesia Tropica — A Short Review A Colonial Report Concerning Statistics And Hippelates flavipes*, dado á publicidade no *An. Trop. Med. and Parasitology*, vol. 30, n. 30, pag. 331 — 335, Liverpool, 1936, vem apenas reforçar o que asseguravam em 1587 Gabriel Soares, e em 1925 Gavião Gonzaga, pois assim Nicholls se exprime “*It is suggested in the report that the spread of yaws in St. Lucia depends principally upon nakedness, which renders a person liable to small injuries and abrasions and the presenee of the “ulcer fly”.*”

De 1934 em diante, Henry W. Kumm divulgou varios trabalhos de sua lavra a respeito da transmissão da boubas por especies do genero *Hippelates*, denunciada por Gavião Gonzaga como transmissora do mal e cujo papel na disseminação da doença foi positivamente indicado em 1587 por Gabriel Soares.

O trabalho mais importante de H. W. Kumm foi publicado em 1935 na Jamaica, e tem por titulo *Report of the Jamaica Yaws Comission for 1934*. O investigador estuda sobretudo a especie *Hippelates pallipes*, Löew e cuja presença no Brasil já foi comprovada, pelo menos no Pa: á, por Oliveira Castro.

Quando se occupa de boubas, Octavio de Freitas, no seu livro *Doenças Africanas no Brasil*, publicado em 1935, sustenta a origem africana da doença combatendo Silva Lima,

que, apoiado em Gabriel Soares, acreditava ser de origem brasileira. Por isso Octavio de Freitas procura diminuir o valor do chronista luso e referindo-se ao texto diz ser "*panella onde muita gente mexeu*".

Se tal occorren, qual a culpa de Gabriel Soares, cujo trabalho foi sulvo e sua autoria reivindicada por Varnhagen? Jámais o chronista luso alludiu á patria da boubá. Apenas registrou o que viu quando o mal atacava os indios, os meios therapeuticos que usavam e denunciou o papel dos insectos na transmissão de doenças, o que só depois de alguns seculos a sciencia confirmou, patenteando a larga visão do grande chronista luso.

No capitulo CLXV, á pag. 296, diz Gabriel Soares: "São os Tupinambás mui sujeitos á doença das boubas, que se pegam de uns aos outros, mormente enquanto são meninos: porque se não guardam de nada; e tem para si que as hão de ter tarde ou cedo, e que o bom é terem-nas enquanto são meninos, os quaes não fazem outro remedio senão fazer-lh'as seccar, quando lhe sahem para fóra, o que fazem com as tingirem com genipapo; e quando isto não basta, curam-lhe estas bustellas das boubas com a folha de caroba, de cuja virtude temos já feito menção, e como se estas bustellas seccam, tem para si que estão sãos deste mau humor, e na verdade não tem dores nas juntas como se ellas seccam".

Pela redacção pôde-se mesmo interpretar que o mal foi importado, pois o chronista diz: "são os Tupiuambás mui sujeitos á doença das boubas", doença que já não designam com o nome indigena de *piau* que foi introduzido na Europa por André Thevet, em 1558, nas *Singularités de la France Antarctique, autrement nommée Amérique*, mal que diz Thevet ser "*fort familière et populaire en ces terres de l'Amérique et de l'Occident, découvertes de nostre temps*".

Na época de Thevet e de Lory, que tambem se occupou do *piau*, já existiam africanos no Brasil e os portuguezes de ha muito os tinham introduzido no reino, desde 1443, ap. *João de Barros que nas Decadas, I, 2, cap. 2* conta que em 8 de Agosto daquelle anno, *Lançarote*, escudeiro do Infante, puz a leilão 235 africanos.

Na celebre e conhecida obra de Seligman e A. Johnson *Encyclopaedia of the Social Sciences*, edição de 1935, encontra-se no vol. 14, pp. 80-84, o artigo da lavra de M. W. Williams consagrado á escravidão nos tempos modernos, onde vem narrado aquelle episodio occorrido em 1444, no qual António Gonçalves, e segundo registra João Ribeiro no *Elemento Negro* se passou em 1442, trocou varios mouros aprisionados da Costa do Ouro, por dez escravos negros os "primeiros que lavraram o solo europeu", diz o prauteado historiador brasileiro.

Segundo Taunay, entre 1450 e 1455, foram introduzidos em Lisboa de 700 a 800 negros annualmente. O numero desses elementos foi de tal forma elevado que Garcia de Rezende, que viveu de 1470 a 1554, escreveu a seguinte quintilha:

Vemos no Reino metter
Tantos captivos crescer
E irem-se os naturaes
Que, se assim fôr, serão mais
Elles, que nós, a meu ver

Tal immigração, antes mesmo do descobrimento do Brasil, de sobra explica a introdução da doença em Portugal e depois entre nós, embora não seja referida por Osear da Silva Araujo em 1928, quando publicou os *Subsidios ao estudo Da Framboesia Tropicã*, escrevendo o valioso capitulo: *Existiu a bouba no Brasil antes do descobrimento?* onde estuda exaustivamente o assumpto em 30 paginas, concluindo que a doença foi para aqui trazida pelos escravos africanos.

O nome *pian*, que o indio deu ao mal introduzido pelo europeu, foi assimilado pelo idioma francez. Yves d'Evreux quiz fazer originar o vocabulo *pian* "qui vient du mot Pé, c'est-à-dire chemin, ou si vous voulez, du mot du pied", emquanto Th. Sampaio diz proceder de "py-ã, a pele alta ou crescida; o inchaço, o tumor um pouco differente da interpretação de Baptista Cactano que admite a hypothese de tambem poder ser *pele marcada*. A expressão tupi ficou de-

finitivamente incorporada á lingua franceza; desappareceu do nosso falar tendo a elle voltado entretanto com os vocabulos della derivados e usados na linguagem medica.

Em trabalho de J. Alcixo, citado por Fernando São Paulo, encontram-se na *A Bexha em Minas Geraes*, publicada em 1935, as expressões: "a infecção pianica", "o pianoma inicial".

Para alguns dos nossos pesquisadores, o vocabulo ficou tão longe de sua origem que chegam a suppor proceder da lingua franceza, como occorreu por exemplo, em 1935, com Cid Ferreira Lopes que, á pag. 9 do trabalho já citado, pede desculpas por empregar o vocabulo *pianoma* julgando-o francez, quando diz: "pianoma (com um pouco de gallicismo)".

E' bem verdade que surgiram em França as duas expressões *pianica* e *pianomas* creadas por Grall e Clarac, ás pag. 203-204 do vol. 7.º do seu *Traité de Pathologie Exotique*, publicado em 1919, no capitulo *Pian*, vocabulo que se radicou de tal modo na lingua franceza que, em 1936, no *Précis de Parasitologie*, pag. 154, Brumpt, ao tratar dos nemes que a doença possui em varios paizes, diz textualmente: *pian en français*.

Tunga — nome indígena desaparecido do falar brasileiro e fixado na denominação scientifica de um ectoparasita de origem discutida

Hans Staden, ao publicar seu trabalho em 1557, occupa-se, no cap. XXXII, dos bichos de pé que “se chamam *Attum*, na lingua dos selvagens” e diz que ao chegar pela primeira vez ao Brasil observou os estragos que o parasita occasionava nos europeus. Tal facto deve ter occorrido em 1548, quando Hans Staden aportou em Pernambuco e esteve com o commandante *Arto Kostio*, pois assim estropiou o nome de Duarte Coelho.

A referencia que Gabriel Soares fez, de o parasita atacar os primeiros povoadores, leva a remontar sua presença a tempo anterior ao registrado por Staden, pois o chronista luso se refere aos bichos de pés infestando europeus, que aqui aportaram, antes da chegada de Hans Staden.

Tal registro deve referir-se aos colonos de Francisco Pereira Coutinho, que, em Dezembro de 1536, já se encontravam installados na Bahia nas proximidades do actual Farel da Barra, constituindo esta referencia a mais antiga allusão á presença da *Tunga penetrans*, L. no Brasil.

Se o nome tupy desapareceu do fallar brasileiro, ficou-se no entanto na nomenclatura scientifica, pois o genero *Tunga* creado em 1838 por Jaroki prevaleceu, por ser o mais antigo.

O bicho de pé foi a principio conhecido scientificamente pelo nome de *Pulex penetrans* que lhe deu Linneu, em 1758. Em 1838, Guerin achou que a especie devia formar um genero novo, creando então o genero *Dermatophilus*. Dois annes depois, em 1840, um investigador inglez, Westwood, desconhecendo esse trabalho, põe tambem o parasita em outro genero a que deu o nome de *Sarcopsylla* que teve grande voga e é ainda usado erradamente.

Com a verificação da existencia de um trabalho publicado em 1838, o nome proposto por Jarocki prevaleceu por ser o mais antigo, ficando o tão conhecido parasita com o nome de *Tunga penetrans*.

Como depois foram encontrados outros parasitas com caracteres biologicos e systematicos apresentando afinidades com os dessa especie, e que foram classificados em outros generos, Fox propoz formar uma familia zoologica á parte, tomando o nome mais antigo, e assim estabeleceu a Familia *Tungidae*.

O vocabulo tupi, como o graphou Staden, está tambem alterado. Gabriel Soares escrevendo *tunga* fez-o acertadamente. Essa palavra, que desapareceu do nosso falar, ficou no entanto pertencendo ao vocabulario scientific e por isso internacionalizou-se.

No trabalho *Doenças Africanas no Brasil* que Octavio de Freitas publicou em 1935, o illustre autor, no capitulo XI, intitulado *O Bicho dos pés*, estuda a patria do parasita e tenta provar ser o mesmo de origem africana o que não occorre, como procurarei demonstrar.

Octavio de Freitas conta que entre 1610 e 1620 o suíço Samuel Braun, a serviço do governo hollandez, percorreu a região africana do Congo, tendo registrado a presença do parasita em questão. O illustre medico pernambucano esqueceu-se de citar documentos brasileiros como o acima referido. Hans Staden que assignalou a presença do parasita no Brasil em 1548, e sobretudo o excellent trabalho de R. de Almeida Cunha publicado em 1914, sob o titulo *Contribuição para o estudo dos sifonapteros do Brasil*, valiosa these elaborada em Manguinhos quando Oswaldo Cruz ainda vivia, e que até hoje constitue o que de melhor existe sobre a materia, publicado na America do Sul, faltando apenas, para pôr em dia tão importante trabalho, acrescentar as novas especies descriptas após sua publicação e accommoda-lo ás alterações occorridas na systematica.

Almeida Cunha, á pag. 15, aborda o assumpto sobre a origem do parasita, dizendo: "Não nos parece soffrer duvida o facto de ser o *Dermatophilus* autoctone da America, encontrando largas referencias a elle no Perú (1525), no Equador (1537) nas Guyanas e no Brasil".

Um seculo antes das observações de Braun, em 1620, no Congo, o parasita já era assignalado no Perú. Porém mais do que isso fala o numero de especies americanas do genero *Tunga*.

Este nome que Octavio de Freitas suppõe, como varios autores, ser de origem africana, é de facto tupi, como acima ficou assignalado e como se vê de depoimento do proprio Anchieta que, em 1595, á pag. 14 da *Arte da Lingua do Brasil*, edição de Rodolpho Garcia, registra o vocabulo *Tunga*, como voz tupi, como tambem é encontrado na *Arte de Grammatica* de Luiz Figueira, pela primeira vez publicada em 1611, onde á pag. 78, da edição de E. Allain, sabida em 1880, se encontra: "*Tunga*, o bicho do pé". A denominação bicho de pé em certas zonas do Piahy e Goyaz é ignorada e substituida pelo nome de bicho de porco, como assignalei á pag. 110 da *Viagem Scientifica*, vol. VIII. Fasc. III das *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, Rio, 1916.

O assumpto, porém, merece maior explanação. Ha tres pontos importantes no caso de que estou tratando: o nome *tunga*, que muitos suppuzeram ser de origem africana, a denominação scientifica do insecto e a sua patria de origem.

Entre os scientists europeus um existia, possuidor de enorme fortuna, e cuja vida foi consagrada tão somente á Sciencia. Chamava-se N. Charles Rothschild. Viveu para seus estudos e applicava grande parte de seus haveres em estipendiari excursões scientificas por todo o globo, a custear o grande museu que fundou em Tring, na Inglaterra, e em manter importantes publicações scientificas, entre as quese a conhecida *Novitates Zoologicae*.

Esse Rothschild consagrou sua existencia a estudar e auxiliar investigações sobre Aves, Lepidopteros e Siphonapteros, este ultimo grupo correspondendo ao que vulgarmente é chamado de pulgas.

N. C. Rothschild trabalhou quasi sempre em collabora-
ção com C. Jordan, e os dois, em 1906, publicaram no *The
Thompson Yates and Johnston Laboratories Report*, impor-
tante trabalho intitulado *A Revision of the Sarcopsyllidae*.

E' verdadeiramente surpreendente o conhecimento que
elles demonstraram da bibliographia sul americana sobre a
materia, pois descobriram que Oviedo na *Chronica de las
Indias*, publicadas em 1551, foi dos primeiros a se occupar do
parasita que, nas primeiras edições de Linnæus, foi conside-
rado um pequeno carrapato e somente em 1758 o immortal
naturalista o classificou como *Pulex penetrans*. Desta data
em diante começaram os estudos. Alguns pesquisadores co-
mo Oken, em 1815, interpretaram o parasita do mesmo mo-
do que a principio o fez Linnæus, porque julgava que ficava
perto do genero *Rhynchoprion*, creado em 1804, por Her-
mann para um carrapato. Por isso durante algum tempo,
foi conhecido scientificamente pelo nome de *Rhynchoprion pe-
netrans*.

Em 1840, na Inglaterra, Westwood collocou o parasita
no genero *Sarcopsylla*. Laboulbène, notavel scientista fran-
cez, chamou a atenção para o facto que dois annos antes, em
1838, Guerin collocara o inseto no genero *Dermatophilus*,
que deveria portanto prevalecer por ter prioridade.

Em 1921, N. Charles Rothschild em trabalho publicado
sob o titulo *The Generic Name of Sand-Flea*, no vol. I, do
Ectoparasites, sómente dado á publicidade em Londres em
1924, recorda que o seu amigo H. Durrant, chamou-lhe a
atenção para a obra que F. P. Jarocki publicara em Varso-
via, em 1838, em polonez, o que tornou pouco conhecido o
trabalho, e onde o scientista collocava a especie descripta por
Linnæus, em 1758, sob a denominação de *Pulex penetrans*, no
genero *Tunga*, nome que os indios davam ao parasita o que
era do conhecimento de Jarocki.

Tal descoberta levou Rothschild a fazer um trabalho pa-
ra dizer que esse era o nome que devia prevalecer, diante
das regras de nomenclatura zoologica, e, por isso, todas as de-
nominações genericas acima citadas, cahiram automatica-
mente em synonymia scientifica.

Em 1925 um investigador norte americano de nome Carol Fox, em trabalho que publicou em Philadelphia, intitulado *Insects and diseases of Man*, elevou o genero estabelecido por C. Rothschild á condição de familia zoologica, dando-lhe o nome de *Tungidae*.

Quando Cesar Pinto, em 1933, publicou o seu notavel trabalho *Arthropodes parasitos e transmissores de doenças*, collocou o parasita dentro da rigorosa systematizaçãõ scientifica.

Em 1936, no entanto, é publicada a ultima edição de Brumpt — *Précis de Parasitologie*, excellente compendio que já se tornou classico. Esta obra é das mais conhecidas entre nós e muito nos tem ensinado; contudo, para certos pontos, tem sido fonte de perpetuaçãõ de erros.

Octavio de Freitas repetiu alguma coisa que estava em edições antigas de Brumpt o qual, apesar de nas primeiras paginas dar as regras da nomenclatura zoologica, em determinados casos não as cumpre, nem as applica, por commo-dismo e até talvez por patriotismo, porque em lugar de chamar *Dermatobia hominis*, que é o nome scientifico do verme, como foi descripto por Linneu Junior, em 1781, em primeiro lugar, contiuaa, erradamente, a manter o nome *Dermatobia cyaniventris*, que lhe deu, em 1840, seu compatriota Macquard.

Brumpt mantem o nome *Sarcopsylla penetrans* que não pode ser mais utilizado e que os proprios C. Rothschild e Jordan, que o sustentaram, logo o abandonaram desde que verificaram a precedencia de outro nome proposto em 1838, qual o de *Tunga*, que em obediencia ás regras de nomenclatura zoologica é o que deve ser usado.

O que mais surprehende é que o conhecimento daquelles seientistas inglezes se estenda até ás obras mais antigas, sobre a America do Sul, que tratam do assumpto.

Rothschild e Jordan consultaram Oviedo, Staden, Lery, D'Abbeville, Piso e Maregrave, centenas de autores, inclusive Southey. Só um nome ficou esquecido porque é escripto numa lingua quasi tumular, foi o de Gabriel Soares de Sou-

za, que ao tratar da materia allude á presença do parasita nos primeiros dias da povoação do solo bahiano, em 1536.

O ultimo trabalho de divulgação sobre o parasita em questão foi o de Octavio de Freitas, que se refere á seguinte opinião do Goeldi, apparecida no livro *Os Mosquitos do Pará*, pag. 76 e no qual diz o zoologo suizo:

“(I) E’ versão corriqueira que o “bicho do pé” foi introduzido, em Setembro de 1872, na costa d’Africa (Ambriz) por um navio inglez, vindo do Brasil. Entretanto hoje se sabe pela chronica pouco conhecida e recentemente publicada de novo do medico suizo, Sebastian Braun, de Basileia, que, em serviço hollandez, viajou entre 1610-1620 no então reino do Congo e grande extensão do littoral atlantico que naquelle tempo e naquella bacia fluvial já lavrava entre os indigenas e a tripulação do navio uma molestia ectoparasitaria chamada “Peysy” a qual facilmente se reconhece como identica á praga do “bicho do pé” (*Sarcopsylla penetrans* L.) Já existia portanto na costa d’Africa a pulga penetrante uns 250 para 300 annos bem contados, antes da tal reinfeção secundaria, via Brasil (que não queremos pôr em duvida) datando dos nossos dias. (Veja-se a esse respeito a circunstanciada discussão do Dr. George Henning em “*Verhandlugen der Naturforschenden Gesellschaft*” in *Basel*, Vol. XIII, *Heft*. I. 1901, pag. 227 seg.) (12-III-1905).”

Tal informação foi aproveitada por Octavio de Freitas, no seu livro, para decidir que o parasita é africano. Quem se der ao trabalho de consultar a publicação original, verificará que Emilio Goeldi começou chamando de Sebastião quem tinha outro nome, pois é este o titulo do trabalho: — *Samuel Braun — Aus Basel — Der Erste Deutsche Wissenschaftliche Afrikareisende — Beitrag zur Erforschungsgeschichte von Westafrika* — pelo Dr. George Henning, publicado no *Verh. Naturf. Gesellsch.* de Basel, vol, XIII, fasc. I, 1901.

Almeida Cunha, á pag. 15 da sua importante these, põe em duvida a opinião de Goeldi quando diz: “A ser exacto, o documento citado por Goeldi, pensamos, constituirá a prova decisiva que espera Blanchard para modificar a opinião”.

Pela transcripção que faço do original de Braun, ver-se-ha que a doença de nome *Peysy* não pôde se enquadrar na parasitose provocada pela *Tunga penetrans*.

O causador de tal identificação foi G. Henning, que ás pags. 126-132, Nota 55, commenta longamente a referencia de Samuel Braun, e identifica erradamente o *Peysy* como bicho de pé, quando diz: "seguramente identico com o mal hojo disseminado na Africa Equatorial, conhecido por bicho de pé".

Henning discute largamente o assumpto, procurando demonstrar o acerto da identificação que fez, mas as lesões descriptas por Braun, embora exista um pequeno trecho em que o viajante suiso se refere a uma lesão debaixo das unhas das mãos e dos pés, e o methodo de tratamento empregado, enquadram-se perfeitamente naquelle mal pela primeira vez descripto por Piso sob a denominação de *Ulcus et inflammatio ani*, que Manon chamou de *rectite gangrenosa epidemica*, e que os portuguezes, dentre outras denominações, conheciam por *corrupção* e que foi introduzida com o trafico dos negros.

O proprio Gabriel Soares, no capitulo LXI, ao tratar do *petume*, o nosso funo de hoje e a *herva santa* dos portuguezes daquelle tempo, diz: "deu na costa do Brasil uma praga no gentio como foi adoecerem do sêssô, e crearem bichos nelle da qual doença morre muita somma desta gente sem se entender de que; e sempre que se soube o seu mal, se curaram com esta herua santa".

Esta descripção parece-se com a que Samuel Braun fez do *peysy*. O chronista portuguez não confundiu os dois males, e descreveu magistralmente, no capitulo CXXIV, o parasita que os indios chamavam de *tunga*.

E' bom notar que á argucia de Gabriel Soares não escapou a presença de provavel myiase aggravando o mal, quando escreve: "*crearam bichos nelle*", que deve corresponder aos vermiculos parecidos com os que se encontram no queijo, como descreveu Samuel Braun, o qual, sob o nome de *peysy*, se occupa provavelmente da *corrupção* e não da *Tunga*

penetrans, como registrou Emilio Goeldi, o causador de semelhante erro disseminar-se.

Os leitores comprovarão pela transcrição que faço, seguida da respectiva tradução, acompanhando de perto o velho texto, e a pittoresca linguagem de Braun, que George Henning nunca viu um bicho de pé e jamais teve conhecimento da doença descripta por Piso e que tantas vezes foi referida como presente na Africa e America do Sul. Eis o original:

"Kongo" ist das ungesundeste als man weit und breit findet. Dass es daselbst "allerlei Krankheiten" giebt, mussten die Hollaender selbst erfahren. Zu verwundern ist, dass Braun als Arzt, keine dieser Krankheiten namentlich auffuehrt. Er hebt nur besonders eine Plage hervor, die er auch ausfuehrlich beschreibt, "eine Plage welche sie Peysy nennen". Es "sind kleine Wuermlein wie sie im Kaese zu wachsen pflegen mit schwarzen Koepfen. Welche Wuermlein in des Monchen Fundament oder After wie auch in den Haenden und Fuessen zwischen den Naegeln und dem Bette vorkommen und dasselbige auffressen dass es in drei oder vier Tagen ein Loch im After so gross macht dass man eine Faust darcin stossen koennte davon der Mensch in neun Tagen sterben muss wo man nicht bei Zeiten hilft. Aber ehe man die Sachen lernet kennen kostet es oft viel Volk. Die einzige Hilfe ist eine Lemone spalten oder schaelen und also ganz in das Fundament stecken. Also werden sie durch die Schaerfe der Lemonen getoetet und zerstoeckt dass der Mensch wiederum zu seiner Gesundheit kommt." "Cf. Verhandlungen der Naturforschenden Gesellschaft in Basel. Band XIII, Heft, 1, 1901, pag. 72.

"Congo" é o paiz mais insalubre que pode ser encontrado. Os holandezes tiveram experiencia propria de que ali ha "toda a especie de enfermidades". E' de admirar que Braun, como medico, não desse o nome de qualquer dessas doenças. Saliencia apenas o mal, que descreve minuciosamente, "um mal que denominam Peysy". "São pequenos vermes como costumam dar no queijo, de cabeças negras. Os

quaes vermesinhos apparecem no sêssô ou anus das pessoas, como tambem nas mãos e nos pés debaixo das unhas e o devoram tanto que em tres ou quatro dias fazem um buraco tão grande no sêssô que se poderia ali introduzir um punho fechado e do qual a pessoa tem que morrer em nove dias quando não se socorre a tempo. Mas antes que se aprenda a conhecer as coisas, custa frequentemente muita gente. O unico recurso é partir ou descascar um limão e introduzi-lo assim, inteiro, no sêssô. Assim são mortos e destruidos pela acidez dos limões de modo que a pessoa é novamente restituida á sua saúde”.

Creio que o *Peysy* de Braun corresponde ao mal que, em bem elaborado capitulo, Octavio de Freitas escreveu sob o titulo *O Maculo*, no seu livro já citado.

Mal a que o autor dos *Dialogos das Grandezas do Brasil* se refere com o nome de bicho, no *Dialogo Segundo*, e que deu origem á crudita nota 3 de Rodolpho Garcia, mal que já foi definido por Pedro Pinto no seu *Diccionario de Termos Medicos*, e por Placido Barbosa, no *Diccionario de Terminologia Medica Portuguesa*, e que originou excellente capitulo de Fernando São Paulo, no 2.^o vol. da sua *Linguagem Medica Popular no Brasil*, confirmando o bom artigo que, em 1920, Astrolabio Passos, sob o titulo *Uma curiosidade nosologica*, escreveu no n. 9 do *Amazonas Medico*.

Ha um argumento de origem scientifica, porém, para demonstrar que a *Tunga penetrans* é de origem americana.

A sciencia actualmente conhece as seguintes especies: *Tunga penetrans*, *T. bondari*, *T. coccata*, *T. coccigena*, *T. lagrangeri* e *T. travassosi*.

Algumas destas parasitam animaes dos mais antigos na escala zoologica como o tatú, e a *T. bondari*, descripta recentemente por Wagner, parasita do tamanduá, caracterizando-se até por uma penetração ainda mais profunda do parasita no corpo do hospedeiro, o que mostra a antiguidade da adaptação.

A *T. coccata* Enderlein, 1901, parasita dos ratos *M. rattus*, *norvegicus* e *musculus*, roedores de origem asiatica, como

se lê no livro de A. M. Hogarth, *The Rat: A World Menace*. Londres, 1929.

A ultima especie já era conhecida da Judéa nos tempos biblicos. O *M. norvegicus* attingiu a Europa em tempos relativamente modernos, pois atravessou o Volga, em 1727 e alcançou Paris em 1750.

O *M. rattus* tambem é originario da Asia Central. A *Tunga coccigena* foi encontrada em 1925 parasitando ratos chinczes; a *Tunga lagrangei* é encontrada no *Mus decumanus* que chegou á Europa vindo da Asia. A *Tunga travassosi* foi encontrada parasitando um tatu brasileiro e a *Tunga bondari* foi achada em um tananudá, tambem nosso. O continente africano não apresenta outra especie além da *T. penetrans*.

Em 1916 tratei do assumpto como se poderá verificar consultando-se o que escrevi ás paginas 109-110, do T. VIII, fasc. III, das *Mem. Inst. Osw. Cruz*. Naqueia época classifiquei o parasita que encontrei sob o nome de *Dermatophilus penetrans*, pois não havia sido descoberto ainda o trabalho de Jarocki. Comprovava que o ectoparasita era raro nas zonas de São Raymundo Nonato, sul do Piahy, mas apparecendo intensamente no mesmo Estado em logares onde a população andava descalça, pois a vegetação não era mais de espinho, e já me encontrava fora da zona da caatinga. Encontrando o parasita muito frequente em logares como Periperi, onde existe criação de suínos, sendo *T. penetrans* presente, segundo expressão dos moradores, de "secca a verde", isto é, durante todo o anno, accrescentando: "Desta região em diante, a designação tão conhecida de *bicho de pé*, desaparece para ser substituida pelo nome de *bicho de porco*".

E assignalo ter encontrado no logar chamado São José, Municipio de Porto Nacional, Estado de Goyaz, numa anta caçada, o parasita crivando as patas do animal, dizendo textualmente: "Como até hoje não se resolveu completamente a questão se foi o Brasil que deu origem ao *D. penetrans* africano, ou se ao contrario com o trafico dos negros esta praga aqui se implantou, o referido achado vem lançar alguma luz pois talvez seja o *Tapirus americanus* o hospedeiro primitivo

do ectoparasita, o qual, depois do descobrimento, encontrou nos suínos meio excellente para se desenvolver e propagar. Por informações soubemos que as *queizadas* tambem são atacadas”.

O nome indigena *tunga*, perpetuado hoje na nomenclatura scientifica, levou-me a bordar estes commentarios, que supponho resolvam interessante ponto da parasitologia brasileira.

A capacidade de observação de Gabriel Soares foi mais uma vez posta em evidencia. O chronista luso considerando pulga aquillo que o proprio Linueu imaginou ser um pequeno carrapato, o que tambem ocorreu com Oken, ainda em 1815, facto aliás comprovado pelos nossos indios que, neste particular, foram muito além daquelles naturalistas, pois chamavam de *tungassú* as pulgas afim de differenciar da *tunga* que designava o ectoparasita que penetra na pelle humana.

Foi Staden o primeiro a registrar o nome indigena que de facto se perdeu para o fatar brasileiro, mas que se fixou para todo o sempre, graças ao trabalho de Jarocki, salvo do olvido por C. Rothschild, na linguagem scientifica universal, a exemplo de inumeras vozes tupis perpetuadas, por scien-tistas de todas as nacionalidades, em denominações genericas e especificas de plantas e animaes.

Comentarios sobre a linguagem de Gabriel Soares, de origem indigena, e o actual falar do Reconcavo bahiano

Certos vocabulos de origem tupi, hoje correntes no Brasil, ainda não eram usados no tempo de Gabriel Soares.

A rã que o indio na Bahia chamava de *juigiá*, como registrou o chronista luso, perdeu a primeira syllaba e o accento da última letra, ficando pura e simplesmente *gia*, unica denominação que tem hoje, na Bahia.

Gabriel Soares, na edição de Varnhagen, escreve *ururucury* e *curururu* que ficaram *urucury* e *cururú*. Aliás nestes casos a syllaba deve ter sido accrescentada pelo copista.

Cururú des:igna sapo. Na Ilha de Madre de Deus, existe um correjo *Curupeba* que foi tambem o nome de um chete indigena. O povo esqueceu o significado da palavra tupi; ficou no entanto qualquer vestigio, fructo que é corrente em todo o Brasil a canção popular *sapo cururú* que é a repetição do nome do animal nas duas linguas e isto se verifica, entre outros, até com o nome de Salto de Itú, e aquelle pregão *Ié! aqua!* usado pelos antigos aguadeiros bahianos e que ignoravam que o *i* guttural do indio e de tão difficil representação significava agua.

A arvore tão conhecida sob o nome de *piqui* era para o chronista luso *picuky*, *piquiky* e *piquhi*. *Caarutá* deu origem a outros vocabulos, *coroatá*, *croatá* e *gravatá*. *Juquitibá* e *juraos* escripto a principio com *u* substituíram por *i*, ficando girão e jiquitibá.

Já Gabriel Soares graphava com *j*, pois assim devia pronunciar, *jaguar*, *jacami*, *jacará*, *japú*, palavras escriptas nos primeiros documentos com a letra *y* ou *i*, mais approximadas da pronuncia do indigena.

Em outros vocabulos as alterações foram grandes. *Sabucá* deu *sapucaia*, mas quando se recorda que Gabriel Soares

tinha transformado *Villegaignon* em *Viragulham*, pode-se comprehender como modificações profundas se fazem com muito maior rapidez do que em geral se imagina.

O chronista luso no capitulo CXL estuda as ostras que ha na Bahia e diz que os indios chamavam as grandes de *loriugú*, e outras *lorimerim* e *loripebas*. Este *l* não existia na lingua tupi, é collaboração portugueza. O indio pronunciava *veri* o *r* inicial brando, como se estivesse entre vogaes.

No entanto, na Ilha dos Frades e outras do Recôncavo, o *r* ficou, devido ao acrescimo de um *a* inicial, permittindo assim o som brando original: *aripeba* para designar certa ostra, tambem chamada *ostra patacu*.

O nome *lorimerim* perdeu-se e foi substituido por *ostra de mangue*. O mesmo occorreu com a denominação "*loriugú*" conhecido hoje ali, por *ostra de mergulho*.

A lingua tupi tem no sufixo *rana*, que significa *parecido com*, largo emprego na designação de plantas e animaes e foi por nós adoptado. Gabriel Soares varias vezes citou nomes de plantas e animaes, assim terminados: *uricurana*, *timborana*, *suguarana*, etc.

E' tão correntio entre os brasileiros o sufixo *rana* que entra até na composição de nomes de plantas exóticas, como ocorre com vegetaes amazonenses que pelo aspecto lembram outras plantas, como *cacaurana*, Sterculiacea amazonense, parecido com o verdadeiro cacauero. *Caférana* que denomina, conforme a localidade, uma *Simarubacca*, uma *Gentianacca*, ou uma *Rubiacea*, sendo que, sob a denominação de *caférana*, a mais conhecida é a *Simarubacca Picrolemma pseudocoffea*, Ducke.

Limãorana: varias rubiaceas amazonenses têm este nome, a mais conhecida é a *Chlorophora tinctoria*. Existe ainda o *limãoranasinho* — *Machania spinosa* assim conhecido no Rio Tapajoz.

Registram-se tambem o *algodãorana* *Pavonia paniculata* e outras *malvaccas* dos generos *Hibiscus* e *Malachra* que têm o nome de *quiaborana*, além de varias *Bombaceas*, conhecidas por *mamãorana* ou *mamorana*; e a *amendocirana*, Leg. *Meibomia axillaris* Sw,

Ha 56 annos passados, sómente este sufixo poude dar traducção exacta a um americanismo que apparece em Longfellow. Na traducção que Bittencourt Sampaio fez dos *Poemas Da Escravidão*, utilisou-se do sufixo *rana* para verter *The Quadroon Girl* assim traduzido: "*A Jovem Brancarana*" denominação que empregou varias vezes e em uma dellas deste modo:

"Achava-se uma jovem brancarana
Curiosa talvez meio abysmada".

Na região do Recôncavo bahiano e em outras do Brasil, o modismo *andar ao alú*, um tanto redundante e dos mais antigos, como assignalou João Ribeiro, na *A Lingua Nacional*, é ainda corrente. Os vocabulos, que Gabriel Soares graphou, *samburá* e *samburá* só ouvi no Recôncavo este ultimo.

O *goarussá* do chronista modificou-se para *graussá*, que é um pequeno caranguejo branco com pellos amarellos claros; em Pernambuco o termo designa tambem pessoas albinas, crustaceo que a sciencia identifica como *Ocypoda arenaria* e que habita as praias batidas pelo mar, não se encontrando nos mangues.

Brandonio nos *Dialogos das Grandezas do Brasil* delle se occupou dizendo: "Tambem se acham uns de outra calidade, a que chamam *gurauçú*". A' nota 813 do *Dial. V.R.* Garcia chama a attenção para a differença entre essa graphia e a usada por Gabriel Soares. Reproduzo as notas que tomei em 28-12-28, na Ilha do Bom Jesus quando procurava controlar o que escreveu Gabriel Soares e o que ainda permanecia entre o povo: "*Goaruaçá* — actualmente conhecido por *grauçá*. O crustaceo existe no Bom Jesus e Ilha dos Frades. Não se emprega mais como isca como disse Gabriel Soares, é utilizado, porém, como medicamento nas doenças das vias urinarias e empregado cozido e sem sal. Tambem applicado nos ferimentos occasionados por esporão de arraia, sendo o crustaceo pisado em agua fria e bebido o liquido. A pasta resultante é collocada sobre o ferimento.

O liquido proveniente do esmagamento do crustaceo é empregado no tratamento das otalgias."

A rêde de mão que os indios chamavam *puçá* conserva esta denominação em varios pontos do Recôncavo, e a operação que realizavam tapando "*a bocca de um esteiro com varas e ramos*" continua sendo feita, usando-se, porém, uma rêde e embora o vocabulo *esteiro* tenha desapparecido, o acto da pescaria por aquelle modo deu origem a uma nova palavra *tapescira*, vocabulo composto que denomina uma grande rêde de cercar *cantos e enseadas* por occasião das grandes marés. Em Valença, no sul da Bahia, a ultima palavra persiste, porquanto a rêde é ali denominada de *tapesciro*, segun'o me informaram.

Se o nome *tapussú* para designação dos *buzos*, como alli todos dizem, com que os indios chamavam os companheiros, desappareceu do linguaajar commum, ficou o uso de *buzinar* para se chamar moradores para compra do peseado, mas o vocabulo indigena ficou denominando uma corôa perto da ilha de Maré e outra defronte da ilha de Cahyba, conhecida pelo nome de *Tapuassú*.

Alves Camara, no *Ensaio sobre as construcções navaes e indigenas do Brasil*, reeditado em 1937, assignala que no Ceará os jangadeiros usam do buzio como fazem os pescadores do Recôncavo, quando chama a população local para venderem o peseado. E o *buzo* é ainda denominado no Ceará pelos jangadeiros, pelo nome indigena *atapú*. No Recôncavo bahiano, na Ilha do Bom Jesus, em Março de 1927, colligi dois verbetes que mostram a existencia do vocabulo *tapú*. Um referente a um buzio preto, comestivel, denominando *tapu preto* ou simplesmente *tapu* e tambem conhecido pelo nome de *sapucaia*, evidente corruptela. O segundo verbe'te, *tapu branco*, refere-se a um buzio, tambem comestivel, mais arredondado e maior que o primeiro.

A *muruanja*, para denominar certos dipteros, desappareceu do Recôncavo mas ficou em outros pontos do Brasil, alterado para *meruanha* e designando entre outros um diptero exotico: *Stomoxys calcitrans*.

O chronista luso trata da "*Muruanja*" no capitulo XCII como se vê pelo que narra quando escreve: "Ha outra casta de moscas, a que os indios chamam *muruanja*, que são mais miudas que as de cima e azuladas; estas seguem sempre os cães e comem-lhe as orelhas; e se tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas." Ha certa confusão, bem comprehensivel, aliás. Gabriel Soares vinha se occupando da *mutuca* como graphou, mostrando que o brasileiro já era corrente naquella época. Assignala o hematophagismo do insecto facilitando a identificação daquillo que denominou *muruanja*, que, pelo que se lê no principio da descripção, se refere a especies de dipteros do genero *Chrysops*. O engano de Gabriel Soares foi suppôr que os insectos hematophagos, representantes deste genero, quando "tocam em sangue ou chaga, logo lançam varejas".

Occupi-me do assumpto em 1916, como se poderá verificar ás paginas 110-111 da *Viagem Scientifica*, publicada nas *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz* e que abaixo transcrevo.

O vocabulo registrado pelo chronista luso persiste quasi sem alteração no nordeste brasileiro e em Matto-Grosso muito perto da pronuncia indigena, pois em S. Lourenço e Oyahá certa especie de mutuca do genero *Chrysops* é chamada *beruhanha*. Outras variantes são conhecidas nas zonas nordestinas: *murianha*, *murinhanha*, *muruanha*. Eis como tratei do assumpto ha 23 annos passados no trabalho acima referido: "Sob o nome de "*murinhanha*" é conhecida em alguns logares a *Stomoxys calcitrans* GEOP., diptero hematophago muito semelhante á mosca domestica e suspeitada por varios autores de ser a transmissora entre outras tripanosomoses, do *mal de cadeiras*, epizootia frequente em todo o percurso. A época em que atravessamos a zona secca já era desfavoravel, pois a *murinhanha* só é muito commum no verde. Em todos os municipios de Joazeiro, Petrolina, e grande parte de S. Raymundo Nonato, a criação caprina é intensa, havendo proximo á casa do fazendeiro, geralmente fronteiro, o *chiqueiro*, nome dado ao curral para bodes e cabras, e que constituem optimos criadouros para as *Stomoxys*; além deste ha ainda os curraes para o gado hovino, etc., etc."

A designação de *murinhanha* devia designar primitivamente, naquellas paragens, algum representante da família das *Tabanidae*, porquanto a *Stomoxys calcitrans* invadiu o Brasil por occasião da introdução dos cavallos. Apesar de ter sido por mais de uma vez assignalada a presença, na America do Sul, de especies autoctones de *Stomoxys*, o facto não parece ser verdadeiro; provavelmente deve tratar-se de variedades melanoticas ou outras alterações parecidas e que poderiam dar origem ao engano.

O Dr. A. Machado, em S. Lourenço e Cuyabá (Matto-Grosso), registrou o vocabulo *beruhanka* para designar um representante das *Chrysopinae* e que pela descripção deve se referir ao *Chrysops lactus* F. A expressão tupi, segundo Theod. Sampaio, quer dizer exactamente "mosca de ferrão" e as mais comuns no Brasil eram as *Tabanidae*.

Aliás, pelas informações obtidas naquellas paragens, o vocabulo *murianha* ou *murvanha*, como tambem pronunciam, servirá para designar, conforme a localidade, ora moscas do genero *Stomoxys*, ora dipteros do genero *Chrysops*.

A grande tainha, denominada *Kurema* por Lery e Margrave e *coirima* por Gabriel Soares, transformou-se com o tempo em *curimaná*. A expressão toponimica de *Sergipe* modificou-se no Reconcao bahiano para *Sergy*.

A voz tupi *aca* é corrente no Reconcao bahiano para designar cheiro desagradavel. Reproduzo o que registrei em 21 de Janeiro de 1930, na Ilha do Bom Jesus: "*Aca* — cheiro desagradavel ou extranho; mau cheiro — ex.: "este peixe está com *aca*", isto é, tem marezia; "esta agua tem *aca*", isto é, desprende qualquer odor.

Fernando S. Paulo estuda o vocabulo na *Linguagem Medica Popular no Brasil*, no verbete *inhaca*. Evidentemente *aca* é a terminação de alguma palavra, porque isoladamente tem, em tupi, significado inteiramente diverso sem nenhuma relação olfativa. *Inhaca*, já de ha muito registrado, transformou-se em *iaca*, no Maranhão e *aca* no Ceará.

Na Ilha do Bom Jesus, o peixe de nome *guaricema* e que é um *Carangideo*, quando pequeno, é denominado *xun-*

berga, o contrario do que ocorre em Valença onde este nome é applicado á *guaricoma* grande.

Abri este parentese apenas para lembrar que tal denominação é muito differente da explicação achada por Alfredo de Carvalho para o vocabulo acima, e que se encontra no trabalho que publicou em Recife em 1906, sob o titulo *Phrases E Palavras*, onde se lê o artigo *Uzumbergas*. Mais tarde, João Ribeiro, no capitulo *Estar na Chumberga*, estuda longamente o assumpto das paginas 53-59, da 2.^a ed., da *A Lingua Nacional*, 1933. Acho difficil haver alguma relação entre o Conde Schomberg e o appellido *chumberga* que deram ao Governador Jeronymo de Mendonça, com o nome do peixe. E' bem verdade que a variola que grassou naquella época, foi appellidada de *Uzumbergas*. Que os competentes expliquem...

Gabriel Soares formava o plural de alguns vocabulos indigenas, de maneira diversa da actual. Assim, de *cará* fazia *carazes*; *siri*, *sirizes*; *araçá*, *araçazes*. Tal plural, como tambem ocorre em *ananazes*, pois o indio dizia *nanã*, *naná*, dá impressão de que certas palavras eram pronunciadas pelo gentio de maneira a permittir a formação do extranho plural. Botelho de Oliveira no poema *A Ilha da Maré* ainda escrevia:

Os *araçazes* grandes ou pequenos
Que na terra se criam mais ou menos.

O que denominou *Massarandiba* é hoje *massaranduba*.

Thépiranga, nome de ave que se conserva no E. do Rio e zona rural do Districto Federal, foi transformado em *tapiranga*, denominação actual do passarô na Ilha do Bom Jesus. A ave é assim chamada devido á cor vermelha. Tal contração vem de longe, pois Maregrave a registra.

No *Compendio Narrativo Do Perigrino da America*, de Nuno de Marques Pereira, publicado em Lisboa, em 1728, obra de grande exito para o tempo, pois teve successivas edições, a designação *tapiranga* é a encontrada na referencia feita aos

passaros da Bahia. Ainda o autor esereve "sanhaçú", pronuncia, que não se encontra mais no Reconcavo bahiano, abrandada e substituída pela de *sanhaço*, embora aquella continue presente no nordeste brasileiro.

Em Sergipe a pronuncia é *assanhaço*, como se vê á pag. 73 da *Rua do Siriry* — Rio, 1937, de Amando Fontes: "tudo em cima de mim como *assanhaço* quando vê mamão maduro".

Na data da publicação do *Perigrino da America*, era ainda corrente na Bahia o nome do passaro descripto por Gabriel Soares no capitulo LXXXIV sob a denominação de *Pitão* e actualmente *Bem-tivi*, como naquella época já se acreditava ser este o significado do canto, como se vê da seguinte estrophe encontrada á pag. 48, da poesia intitulada *Romanço*, da lavra de Nuno de Marques Pereira:

"Despertando o Pitahuan,
Com impulsos de rigor
Disse logo: Bem-te-vi
Deste logar em que estou".

Maus versos, uteis, no entanto, porque registram a presença de uma voz indigena já desaparecida do littoral bahiano, ainda presente, porém, nas regiões amazonenses e mesmo em S. Paulo como Waldomiro Silveira assignalou sob o nome de *pitanguã*.

O *mondé* dos indigenas, já usado pelo escriptor portuguez, transformou-se em *mundeu*, no sul do paiz; persiste em Pernambuco. O *joguaracangoçú* deu com o correr do tempo *canguçú*, hoje até nome de familia de origem bahiana. O *serignó*, que já é uma alteração, se transformou na Bahia em *sarvé*. Em carta de 31 de Maio de 1560, Anchieta graphava *sariguéz*. Cf. *An. Bibl. Nac.* Vol. I, p. 293. O *aperiá* modificou-se para *préa*.

O peixe que Gabriel Soares designava, repetindo o indio, de *tapiriçá*, o povo traduziu para o portuguez exactamente *olho de boi*. Gabriel Soares diz que o indio chamava o linguado de *aramaçú*. Se não é erro typographico, houve transformação porque no Reconcavo bahiano o nome é *aramaçó*, como aliás Maregrave já registrara.

Na Ilha do Bom Jesus, a pronuncia deste peixe marinho é *aramaçam*. O nome portuguez *linguado* dado no sul aos representantes da Fam. *Pleuronectidae* é desconhecido até hoje no Recôncavo da Bahia, zona habitada por Gabriel Soares.

Ananaz que é de origem tupi entrou para o vocabulario internacional; alteração bastante interessante foi a occorrida com o vocabulo *ipecaçuanha* que se transformou em *pecaçuem*, *ipecaçuaya*, através dos escriptores, o que deu origem, segundo Varnhagem, á expressão *poaia*, hoje tão corrente.

Deve-se á influencia do tupi aquella troca entre o *r* e o *l* occorrida tão frequentemente em S. Paulo e em alguns logares de Matto Grosso, e que constitue una letra nova de difficil pronuncia e de duvideia origem paulista ou matogrossense. Até entre pessoas cultas, ouve-se ainda esta pronuncia. A tradição registra o modo de falar do Marquez de São Vicente que dizia *gualda nacionar*. Em 1924, occorreu em S. Paulo, a este proposito, interessante episodio, durante os acontecimentos ali verificados.

Naquella occasião, quem escreve estas linhas encontrava-se em companhia de algumas dezenas de amigos do Presidente Carlos de Campos, ao lado deste que se achava cercado nos Campos Elyseos, pelas forças revolucionarias.

Poucos politicos estavam no palacio; a materia ficara á espera do desenrolar dos acontecimentos... Entre os politicos presentes se achavam Villaboim, Roberto Moreira, Julio Prestes, Sylvio de Campos, os secretarios do Estado, com excepção do Secretario do Interior, José Lobo. Dentro do palacio o maior numero de pessoas foi de 132 por mim contadas. Tal assistencia era formada principalmente por amigos pessoas do Presidente que revelou, de principio ao fim, inexcedivel calma e impavidez. Foi sempre o mesmo homem durante os combates ou nos seus intervallos.

Este parentesis vem a proposito da influencia do tupi sobre a pronuncia paulista da letra *l*, como passo a expor. Um deputado, cujo nome adquiriu depois grande relevo, consegue estabelecer ligação telephonica com um quartel de poli-

cia que se mantivera fiel. Em meio da conversa o official perguntou: — *O palacio tem munição?* — *Farta*, foi a resposta. Passado muito tempo, o deputado em questão telephonou novamente para o quartel reclamando munição, ao que, admirado, respondeu o official: “Mas o Sr. mesmo me disse que a tinha *farta*”. — “Ao contrario, eu estava dizendo *falta*”, foi a resposta.

Tn. Sampaio, na *Rev. de Philologia e Historia*, T. I fase. I, p. 468, em artigo intitulado *A Lingua Portugueza no Brasil*, attribue ao tupi a difficuldade que tem o gecca paulista de pronunciar a letra *l* e lembra as palavras *revolver* e *palmital* como exemplo, o mesmo occorrendo com o vocabulo *Arnaldo*, como tantas vezes observei.

Quando os portuguezes, antigamente, graphavam vocabulos de origem tupi com terminação em *y*, suppunham estar reproduzindo approximadamente a pronuncia indigena porque o *y* tinha um som distante do *i* portuguez. Foi em busca de se reproduzir a pronuncia do indigena que a denominação *Nitheroy* possui tantas graphias. Aliás, tambem, a falta do *H*, se faz sentir em certas palavras escriptas na orthographia moderna. O nome do municipio de *Piumhy* em Minas Geraes significa rio dos piuns, denominação indigena dos borrachudos. Não é posivel applicar-se a orthographia moderna que manda supprimir o *h*, sem alterar fundamentalmente o nome do municipio que ficaria *piumi*.

Alvaro Maia, á pag. 45 do seu trabalho intitulado *O Portuguez lusitano e o portuguez brasileiro lexica e syntacticamente considerado*, these de concurso para provimento da cadeira de portuguez do Gynnasio Amazonense Pedro II, Maráos, 1926, diz que de balde Candido Figueiredo e outros procuraram demonstrar que os brasileiros devem escrever *Ma-naus* e não *Manáos*.

Lembra, á pag. 54, que é enorme o numero de palavras tupis usadas pelo povo, na Amazonia, citando *achy*, sigual de desprezo e *crecatú* (animo), *soco* (ora essa), algumas já o caboclo alterou, dizendo *oricatú* e *suco*.

Aliás, José Verissimo, em 1886, ainda citou outras phrases de construcção tupi usadas na Amazonia, como “*rio en-*

cheu, peixe está podre, nas quaes o artigo não apparece, porque não existe em tupi.

Este assumpto, porém, merece maior desenvolvimento e provavelmente a elle voltarei.

Diz Gabriel Soares que os peixes que os indios chamaram *uperu* os portuguezes denominaram *tubarão*. Este vocabulo no entanto é de origem duvidosa, uns pensam que procede do hespanhol. A. Nascutes registra-o como termo caribe, como tambem admite o *Diccionario da Academia hespanhoia*.

Era corrente no entanto por volta de 1580, entre os portuguezes. Cahi em desuso entre os pescadores do Reconcavo bahiano, sendo empregado de preferencia os termos *cação* e *liza*.

O vocabulo já apparece na carta de Vaz Caminha: "*e, depois de passarmos o rio, foram huano bij ou biij deles antre os marinheiros que se recolhiam aos lances, e levaram daly huum tubaram, que Bartolomeu Dias matou e levava lho, e lançou o na praya.*"

Candido de Figueiredo, na edição de 1913, pensa que o vocabulo é hespanhol. O dicionario porém tem que ser lido com cautela, porquanto affirma ser o *tubarão* um mamifero, quando define: "*tubarão, cetaceo notavel pela sua voracidade*".

A. Magne ás pp. 107-109 da *Rev. de Philologia e Historia*, T. I. fasc. I, 1931, analysa um trabalho de G. Friederici, publicado em 1930, sobre quatro palavras de origem tupy, onde mostra que o *ajoupa* francez é o nosso *tejupar*; *boucan* foi levado á França por Challeux, em 1566, e depois por Lery em 1578. Que *aparriba*, nome que o indio dava ao mangue, foi transformado por Claude d'Abbéville em *apparituvier* que deu o actual *palctuvier*.

O sabio A. Magne considera portuguez o vocabulo *mangue*; supponho ser palavra malaia. A. Magne já exclue o termo *tiburca* da lista de Friederici por figurar em Vaz Caminha.

Na carta que Auelieta escreveu em 1565, ao Mestre Diego Laines, em hespanhol, Cf. *An. Bibl. Nac.* vol. II, p. 121, referindo-se a uma forma grave de variola, "*que parece cuero*

de caçon" não emprega o vocabulo tubarão, embora o missionario escreva no seu idioma natal. Até hoje, no Recôncavo bahiano, o nome popular desta forma de doença é *beziga pele de liza*, e, como já referi, os pescadores não usam o vocabulo tubarão apesar de conhecê-lo.

O *peixe romeiro*, de Gabriel Soares, a velha *remora* dos latinos, passou a chamar-se ali *pegaçor*. O vocabulo portuguez *mezilhão* não prevaleceu; ficou o *sururu*. O mesmo occorreu com o vocabulo *berbigão*. Os nomes indigenas *sarnambitinga*, ou *sernambitinga* continuam sendo usados. *Ameijoa* não é empregada, persiste *sarnambi*. Em Cananéa, S. Paulo, observei o desaparecimento do termo tupi que foi substituido pela expressão portugueza de *ameijoa*.

O notavel chronista portuguez registra no *Tratado Descritivo* 608 vocabulos tupis, ou 609, caso admitamos com Th. Sampaio e outros, *manaluco* como expressão indigena. São 17 os vocabulos designando nomes de tribus; 112 as toponimias; 166 as plantas, 19 os moluscos; 12 os crustaceos; os insectos 40; arachnideos 4; 59 peixes; 28 repteis; 75 aves; 43 os mamiferos; 4 outros grupos e mais 26 determinações tups que indicam objectos, utensilios, artefactos e coisas.

Entre os 26 vocabulos ultimos, encontram-se pela primeira vez *ciã*, *girau*, *caatinga*. Esta foi a maior contribuição vocabular do seculo XVI.

Gabriel Soares já registra a formação de palavras compostas portuguezas e tupis, como *araçazeiros*, *mangabeiras*, *cajueiros*. A maior parte dos vocabulos permanecem, embora muitos tenham desaparecido da Bahia, persistindo porém em outras regiões do Brasil.

O chronista, quando no cap. XXXIV se occupa dos canaviaes, escreve *pranta* como ainda toda a gente inculta do Recôncavo onde viveu, pronuncia até hoje. E sempre escreve *soca*: "logo fiam novidades as canas de prantas; e as de *soca* como são de auno logo se cortam".

O vocabulo sómente em 1913 entrou no *Diccionario* de Candido de Figueiredo, registrado como brasileirismo. Era corrente na Bahia em 1584 data da partida de Gabriel Soares. O interessante é que a expressão parece ser tupi.

Chermont de Miranda assim opina e procura demonstrar. Caso isto se verifique, constituirá um dos mais antigos tupis-mos registrados e que originou varias palavras: *soca*, *resoca*, *contrasoca*, *soqueira*.

Quando o chronista, em outro capitulo, se occupa das lagartas, informa: "*Soca* chamam os indios ás lagartas e então se refere aos estragos que occasionam na mandioca, algodão, arroz, limoeiros, "*cajuzeiros*", capitulo muito interessante para os que se occupam de entomologia agricola, porquanto taes informações são talvez as primeiras escriptas no genero na America do Sul. Occupando-se o chronista tambem da *socanna*, lagarta preta cujos pellos queimam, não havendo qualquer referencia a vocabulo parecido com *taturana*.

Do: de procederá neste caso a expressão *soca*? Th. Sampaio define *socanna* como lagarta preta e *soca* "lagarta, a larva da borboleta". Taes definições são insufficientes. O dissilabo apparece em *moriçoça*, palavra que em alguns Estados corresponde exactamente ao vocabulo portuguez pernilongo e assim empregado, tanto mais que este nem sempre é conhecido, como ocorre na Bahia.

Th. Sampaio reproduz a definição de *soca* e *socanna* de Martius. *Soca* parece corresponder ao que chamamos de *bicho*. O indio denominava *ibisoca* no bicho da madeira, isto é, as larvas que atacam as arvores.

Em carta de 26 de Janeiro de 1939, o meu illustre amigo Plinio Ayrosa, o competente professor de tupi-guaraní da Universidade de S. Paulo, enviou alguns comentários sobre o assunto que contribuem para elucidar a questão, como passo a transcrever:

"Penso que *sóca* é o gerundio-supino do verbo *sóg* ou *çóg*, como vem em Montoya. *Sóg* vale: malhar, moer, bater, pungir, cortar. *Sóca* dirá, portanto: cortado, a cortar, para cortar, etc. Temos tambem: *sócára* - - o cortador, o moedor, o pulverizador, etc.

Sócába — o lugar, o tempo e o modo de cortar, moer, etc.

Hoje ainda dizemos, no falar guaraní, *sô* com o sentido de desconjuntar-se, decompôr-se, cortar-se e *soká* para designar

o pau destinado a 1 oer o milho. Ora, só contração de *sôj* como *soká* ou *socá* o é de *socára*.

Penso que deve ser *ibirásóca* ou, verunaulisando: *ibira-sóca*, e não *ibisóca*, pois *ibir* ou, melhor, *ibi* é terra.

Pôro-i-sóca mbôro-i-sóca móro-i-sóca mór-i-sóca — *móri-sóca* cuja tradução rigorosa é: o que tem por officio cortar, punzir, etc.”.

Interessante é que o vocabulo *cumari*, que designa uma especie do genero *Capsicum* utilizado pelos indios na Bahia, não é mais empregado pela população bahiana que usa o vocabulo malagueta; *cumari*, nome de uma pimenta, é no entanto corrente em outros pontos do territorio nacional.

O nome *motuca*, que designa representantes da familia *Tabanidae* e que o povo no Brasil denomina de *motuca*, *mutuca* e frequentemente *botuca*, *butuca*, sobretudo em S. Paulo, figura em Gabriel Soares, já escripto abrasileiradamente e desde 1587, fazendo desaparecer do nosso falar os vocabulos lusos *tavão* e *moscardo* inteiramente desconhecidos.

Nhapupé, que significa perdizes, ficou registrado no nome do municipio da Bahia, *Inhambupe*, vive, porém, no nosso *folk-lore* e nas canções das regiões amazonenses. O vocabulo com que os indios designavam os gafanhotos e que apparece em Gabriel Soares escripto *tacura*, talvez erro de copia, existe em outros Estados, sob o nome de *tucura*.

O vocabulo *panamá*, que usou para indicar a migração de borboletas e que annualmente ainda se verifica no Recôncavo bahiano e ao que o indio assim chamava, desapareceu da Bahia, existindo, porém, na Amazonia, onde a denominação é *panápaná*. O vocabulo *anta* já estava inteiramente nacionalizado, fazendo desaparecer a palavra *tapir* e o mesmo succedeu com o vocabulo *canôa*, de origem tão discentida, e de uso tão corrente que parecia uma expressão lusitana.

Rodolpho Garcia, á pag. 25, do *Glossario das palavras e frases da lingua tupy encontradas em Claude d'Abbeville*, ao estudar o vocabulo, affirma que provem do Haiti, *apud Oviedo, Hist. General y Natural de las Indias*, Madrid, 1581, I, pag. 170.

O documento de Gabriel Soares tem excepcional valor, porque descreve a Cidade do Salvador logo depois de nascida; o chronista deve ter chegado á Bahia em 1567, quando a cidade tinha apenas 18 annos de fundada.

Construia-se a capital do Brasil e com ella nascia a lingua brasileira. Vocabulos lusos desappareceram do linguajar de Portugal e ficaram correntios entre nós. Expressões tupis foram alteradas e adaptadas á nossa lingua que ainda não usava a palavra de origem lusa, hoje de uso frequente, como *coqueiro*, vocabulo que não apparece uma só vez em Gabriel Soares.

O vocabulo tupi frequentemente originou varios outros, por exemplo *capim*, não usado por Gabriel Soares que provavelmente o desconhecia, porquanto, nos capitulos LXX e LXXI, referindo-se aos terrenos com plantas forrageiras, escreve: "cuja terra é de campinas que estão sempre cheias de *herua verde*, com algumas reboleiras de matto, onde se dará tudo que lhes plantarem, e se criará todo o gado que lhe lançarem".

Mais adiante diz: "esta terra é muito baixa e não se vê de mar em fora senão de muito perto, e tudo é de campos cobertos de *herua verde*, muito boa para mantença de criação de gado vacum e de toda sorte por onde ha muitas lagoas e ribeiros de agua para o gado beber".

No capitulo LXXII — "*Em que se conta como corre a costa do Rio de S. Pedro até o Cabo de Santa Maria*", diz Gabriel Soares: "Toda esta terra é baixa sem arvoredo, mas cheia de *herua verde* em todo o anno, e ha partes que têm algumas reboleiras de mato; a *herua* destes campos é muito boa para criação de gado de toda a sorte por ser a terra muito temperada no inverno e no verão lavada de bons ares frescos e sadios, pelo qual ha muita agua fresca para os gados beberem".

Em 1618 é palavra corrente, pelo menos em Pernambuco, como se vê da referencia que Brandonio faz nos *Dialogos Das Grandezas do Brasil*, ao tratar dos cavallos: "porque o seu mais ordinario mantimento é herua, a que nesta terra chamam *capim*".

Tal vocabulo originou grande numero de denominações vulgares de gramineas brasileiras, comprehendendo muitas especies e generos: só o *Diccionario de Plantas Uteis* de Pio Correia assignala numero superior a 170, além dos seguintes vocabulos: *capina*, *capinador*, *capinal*, *capinação*, *capinadeira*, *capinar*, *capineira*, *capineiro*, *capinheiro*, *capinzal*, *capinzeiro*. A maioria usada em todo o paiz, alguns correntes apenas em certos Estados como *capinheiro*, porém de emprego antigo, pois já se encontra no n. 13, do *Diario de Pernambuco* de 1829, *ap.* Pereira da Costa. A palavra adquiriu sentido lato, assignalando determinado typo vegetal e o que significava em tupi "*capii a planta de folha fina; a herva muda*", passou a denominar até enormes especies indigenas e exoticas como o chamado *capim elephante*, que pode attingir cerea de 5 metros de altura.

Os commentarios, que fiz a respeito da linguagem empregada por Gabriel Soares, apenas representam modesto subsidio, porque o livro merece pesquisa demorada e melhor estudo do vocabulario que emprega.

Persistencia na linguagem popular de vocabulos indigenas alterados pelos eruditos — Erro inextirpavel — Dos tupismos presentes nos Dialogos das Grandezas e versos de Gregorio de Mattos

Em 1595 foi publicado em Coimbra a *Arte de Grammatica da lingua mais usada na Costa do Brasil*, de José Anchieta, reeditada em 1933, pelo eminente director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Rodolpho Garcia, que aproveitou as chapas estereotipadas que serviram em 1878 a J. Platzmann para a edição que fez da *Arte de Anchieta*.

Embora a expressão *tupi* fosse então já bastante vulgarizada para indicar determinados indios, nunca Anchieta a empregou para designar um idioma.

No importante documento que é a carta escripta por Anchieta, em 8 de Janeiro de 1565, ao preposto da Companhia de Jesus, Mestre Diogo Laines, epistola somente dada á publicidade em 1877, quando foi divulgada nos *Annacs da Bibliotheca do Rio de Janeiro*, comprova-se que o vocabulo *tupi* foi empregado varias vezes naquella missiva, pelo celebre jesuita.

O documento em questão foi escripto 30 annos antes da publicação da grammatica. Varias vezes Anchieta escreve a palavra *tupys* designando certos indios e quando se refere ao idioma somente escreve: "*La Lengua Brasillica*".

A epistola, que é muito longa e constitue importante documento historico, foi escripta em hespanhol, inclue frases latinas, uma ou outra palavra portugueza, por engano, como "*ricndo buena occasião*", e mostra falta de uniformidade orthographica quanto ás palavras indigenas.

Assim encontramos: *Tamuya, Tamujos, Tamunjas e Tamujas* — *Beriquioca, Beriquioca, Brequíoca*, nome do local onde se encontrava a fortaleza que deu origem á actual

denominação *Bertioga* e onde Anchieta passou 5 dias, de 18 a 23 de Abril de 1564, "*confessando los moradores della y sus esclavos y comulgando a los q crã capazes del sancto Sacramento*".

O jesuita escreve *Pyritininga*, *piritininga*, *piratininga*, *Piratininga*, e *pyritininga*. O actual *Itanhaém* apparece graphado *Itanhão* e *Itañae*. O nome do celebre *Cunhambebe* só apparece escripto com terminação *a o* que talvez esteja de accordo com a etymologia, e já Rodolpho Garein, para isso chamou a attenção á nota 19, pag. 354, da 3.^a ed. da *Historia do Brasil* de Varnhagen.

Na carta relatorio de Anchieta assim apparece o nome do celebre morubixaba: *Cuñãmbeba*, *Cuaambeba*, *Cuñãbela*, *Cunambeba*, *Cūnambeba*. O primeiro nome parece ser o certo, pois o esquecimento do til originou graphias differentes, uum caso porém a letra *u* foi substituida pelo *a o* que pode tambem ser devido á imperfeição do cursivo. Trinta annos depois, Anchieta publica a *Arte da Língua do Brasil* e não fala em idioma tupi, vocabulo este que só apparece indicando ainda certos indios: "*Os Tupis de san Vicente*". O Jesuita, no texto da *Arte*, só escreve *Tamôyos*, mas, quando se occupa dos nomes começados pela letra *t*, escreve á pag. 18. "*Tamuya*".

Apezar dos esforços do celebre jesuita e do dominio que possuia da *língua brasilica*, não conseguiu reproduzir com exactidão a pronuncia do nosso gentio e tal coisa declara quando escreve: "*Isto das letras, orthographia, pronunciação, e accento, servirá para saberem pronunciar, o que acharem escripto, os que começam aprender: mas como a língua do Brasil não está em escripto, senão no continuo uso do falar, o mesmo uso, o viva voz ensinará n'elhor as muitas variedades que têm, porque no escrever, e accentuar cada hum fará como lhe melhor parecer*".

No Tomo XVI da *Revista do Museu Paulista*, em 1929, Miguel Tenorio de Albuquerque publicou extenso trabalho, das paginas 329-488, no qual o autor aborda varias theses, uma das quaes sustentou, em Agosto de 1922, no *Congresso Internacional de Americanistas*, que "não havia Língua Geral entre os nossos aborígenes e que o vocabulo tupi ou tupy

applicado a uma dada lingua ou dialecto era moderno por não ser encontrado nos primitivos escriptores que preferiam chamal-a *Lingua Brasilica*".

Recorda tambem que a denominação tupi foi dada pelo Visconde de Porto Seguro, em 1876, ao reeditar a *Arte de Montoya*, que eserevera em 1724 a *Arte de la lingua guarani* ao que "foi aceresentado o mais bico tupi".

Tenorio de Albuquerque diz ter sido Gonçalves Dias o autor que, em 1858, em primeiro lugar, isso affirmou, ao intitular: "*Diccionario da lingua tupy chamada lingua geral dos indigenas do Brasil*".

Quasi tudo entre nós está por fazer: qualquer ponto, que se investigue, multiplica-se em novos campos de pesquisas. O citado autor fala correntemente guarani, o que lhe concede especial autoridade para discutir taes assumptos, pois hoje já se está dizendo: "*o tupi-guarani*".

Tenho impressão de que o indio não tinha noção da lingua que falava, não a batizando de qualquer modo. A gente civilizada foi que começou a crear esta coisa.

Certa vez, percorrendo grande parte do territorio nacional, verifiquei, no Estado de Pernambuco, que gente brasileira, em 1912, em uma casa em que parei para indagar do ruino e se me encontrava no Estado da Bahia ou em Pernambuco, os moradores não souberam informar, quando perguntados, se eram pernambucanos ou bahianos, respondendo-me: — somos da *banda de cá*, em contraposição aos da *banda de lá* que eram os moradores bahianos da outra margem do Rio S. Francisco.

Dahi podemos imaginar que noção de patria poderia ter o nosso aborigene. Poucos tiveram oportunidade de se apropriar do genio da lingua que os indios falavam. Vemos, por esta definição de Montoya, que o tupi foi acomodado ás necessidades dos invasores, quando por exemplo, define *Tupã*: "*Nombre que applicaram a Dios*" cf. n. 402.

Já foi assignalado que a lingua dos indigenas foi adaptada á technica grammatical latina e na sua *Arte*, á pag. 9, Anchieta registra um vocabulo que servirá para documentar

como o estudo da lingua tupi raramente foi com sufficiencia feito muitas vezes levando pessoas cultas, que do idioma adquiriram noções, a influir na formação de vocabulos, como por exemplo occorreu no seguinte citado áquella pagina: "*Mbactatá*, coisa fogo, coisa que é toda fogo", vocabulo assim decomposto pelo jesuita: "*Mbaé* — coisa; e *tatá* — fogo". Tambem em carta que escreveu de S. Vicente, quando se refere aos espectros noturnos, vol. I, dos *An. Bibl. Nacional*, pag. 304 Anchieta dá a seguinte definição: "*Baetatá* que quer dizer *res ignis*, o que é o mesmo que dissesse o que é *todo fogo*". Em 1799 Lara Ordonhez, na nota 69, já escreveu *boitatá*.

Aquelle vocabulo persiste no Recreio da Bahia, assim pronunciado; *baetátá*, *beatatá*, como sempre ouvi desde a infancia, na ilha dos Frades e arredores e pude registrar em 1933, depois de investigações cuidadosas, fazendo pronunciar por varias pessoas naquella ilha e na do Bonu Jesus.

Em 1869, José Verissimo, nos *Estudos Brasileiros*, pag. 59, adopta *mboi-tatá*, segundo Couto de Magalhães, lembrando, porém, que Anchieta escrevia "*Bae-tatá*". De facto na segunda parte do *O Selvagem*, pag. 138, Couto de Magalhães escreve: "*Mboitutá* é o genio que protege os campos contra aquelles que os incendiam; como a palavra o diz, *mboitatá* é: *cobra de fogo*; as tradições figuram-na como uma pequena serpente de fogo que de ordinario reside n'agua".

Não sei onde colheu, o illustre brasileiro, tal informação. Temo que seja como a denominação *Pindorama* que, para elle, os indios davam ao Brasil o que nunca occorreu, o que não impediu contudo de vulgarizar-se, como prova o romance, com este titulo, escripto por Xavier Marques.

No entanto as corruptelas creadas foram sempre no sentido de chamar-se *boitatá*, porque o vocabulo *mboi*, que significa cobra transformado depois em *boi*, foi o que mais se vulgarizou e as pessoas instruidas auxiliaram essa transformação. O povo, porém, em certos logares, guardou o modo de dizer primitivo.

No bello livro de Basilio de Magalhães, *O Folk-Lore No Brasil* publicado em 1928 — o credito escriptor occupa-se

das pp. 87-89, do vocabulo referido, grafando-o *boitatá* e assignalando, ap. Gustavo Barroso, as corruptelas: *batatão* — norte e nordeste — *baitatá* — centro-sul; Basílio de Magalhães registra a forma paulista *bitatá*, empregada por Cornelio Pires e assignalada em Minas, segundo ouviu de roceiros, a variante *batatal* que procura explicar.

No *Dialecto Caipira*, Amadeu Amaral, em 1920, tratou do assumpto, á pag. 95, incluindo nova variante *batatá* e definindo como fogo fatuo. O saudoso escriptor discute o etymo *mbaé-tatá* e *mboitatá*, mas, com a prevenção que possuia em relação á influencia do tupi no falar brasileiro, diz que os dois etymos parecem estar certos. "*Parece, porque, enfim, a lingua geral dá para tudo...*", escreve.

Th. Sampaio conta e Plinio Ayrosa tambem registra, nas *Primeiras Noções de Tupi*, o que occorreu com o vocabulo *Tuqaquecetuba*, em S. Paulo, hoje graphado com *I*, pela supposição de que entra na sua composição a palavra *ita*, uma das mais vulgarizadas. Ambos, porém, repetem o facto já assignalado por Martius em *Nomina Aliquot Locorum in lingua tupi*. *Anchieta* accentua a ultima vogal do vocabulo *mingau*, hoje pronunciado de modo differente, porquanto as duas ultimas vogaes formam dithongo.

Em um dos documentos mais antigos da lingua brasileira, qual o drama sacro de *Anchieta*, intitulado "*Jesus na festa de S. Lourenço*", escripto em tupi, em 1560, pelo jesuita, e cuja traducção portugueza feita pelo Padre D. João da Cunha, está muito errada, quando traduziu certos nomes de anirnaes, verificava-se que *Anchieta* escreveu *taturana* e outra vez *Tataurana*. Era esta, supponho, a forma primitiva e vamos explicar. O nome apresenta varias corruptelas: *taturana*, *tatórana* e *Sassurana*; o povo tambem denomina *bicho cabeludo* e *lagarta de fogo*, com toda a propriedade como, aliás, tambem o fazia o indigena.

Em Maio daquelle anno, *Anchieta* escreveu ao Padre Geral de S. Vicente longa carta em latim, divulgada pela primeira vez em Lisboa em 1793 pelo Conselheiro Lara de Ordonhez em trabalho intitulado *Joseph de Anchieta Epistola*.

quam plurimarum Rerum naturalium quae S. Vicentii (nunc S. Paulo) Provinciam incolunt sistens descriptionem.

A primeira tradução portugueza feita por Teixeira de Mello auxiliado por Martinho Corrêa de Sá, foi publicada em 1876 no Rio de Janeiro no vol. I dos *An. da Bibl. Nacional*.

Anchieta, ao descrever a lagarta de fogo, acha analogia com a centopeia, pois assim diz: "ha outro bichinho quasi semelhante á centopeia (*Scolopendra*), todo coberto de pellos, feio á vista, cujos generos são varios, differem entre si na cor e no nome, tendo todos a mesma forma. Se alguns delles tocarem no corpo de alguém, causam uma grande dor que dura muitas horas; mas os pellos de outros (que são compridos e pretos, com a cabeça vermelha) são venenosos e provocam desejos libidinosos: os indios costumam applical-os ás partes genitales, que assim incitam para o prazer sensual. Em nota de numero 49 Lara Ordonhez informa que o "bichinho é quasi similhante á centopeia", no dizer de Anchieta, são larvas de borboletas que "têm o nome brasileiro de *Taturana*, isto é que queima como fogo". Ordonhez, quasi em 1800, graphava o nome indígena exactamente como Anchieta o fizera em 1560; o vocabulo ainda não estava bem trabalhado pelo povo, que ainda não chamava simplesmente *taturana*.

A correção feita por Ordonhez já chegou muito tarde. Se aproveitou a denominação que originou *taturana*, não poudo attingir o nome *ambú*, cujo significado ficou definitivamente alterado.

Em determinados logares do Estado do Rio semelhantes lagartas são chamadas *Saúhy*. No Amazonas, segundo me informou pessoalmente em Abril de 1923, o Dr. Hagmann, certas lagartas urticantes são conhecidas por *tapurú*, essas, porém, não pertencem á *Fam. Megalopygidae*, onde se encontram as verdadeiras lagartas de fogo.

Sabemos que o nome de *tapuru* ou *tapiru* designa, actualmente, em varias zonas do paiz, larvas de dipteros sarcófagos de "*tapuru c. de ta-por-u*, o que dentro come; o que corroe, o bicho, o verme, a lagarta", define Th. Sampaio. Este autor e Baptista de Castro, no entanto, quando tratam da *lagarta de fogo* — só empregam a palavra *taturana* que é for-

ma desconhecida do povo que somente denomina *taturana* ou *tatórana*. Plínio Ayrosa, á pag. 103 das *Primeiras Noções De Tupi*, escreve: *tatórana*, simplesmente aquillo que parece fogo, que queima como fogo”.

Voltemos, porem, a Anchieta que escreveu *tatourana* e *tataurana*, para ver se é possível conciliar a etymologia com a pronuncia popular.

Existe em todo o Brasil, nas regiões onde ha matas, um parasita que ataca homens e animaes, denominado *berne* e se desenvolve dentro da pelle. No Amazonas, Pará e zona do Iguassú, em Santa Catharina porem, o nome da larva continua sendo *ura*, pura expressão tupi-guaraní, pois assim é tambem denominado o parasita no Paraguay e Argentina.

Á pag. 558, Baptista Cactano assim define: “*ur*, s. gusano verme que se introduz no corpo animal, vulgo berne; tambem se diz *urá*, talvez mais facil de explicar (*urá* dentro nasce), e ainda *wó*”. Á pag. 448 escreve: “*tata-ura*” s. *lagarta* peluda, cujos pellos queimam (*tata y rá* o que se assemelha a fogo”).

De modo que me parece claro que, de *tatá ura rana* se formou *taturana* e *tatórana* porque assignalei, em trabalho que escrevi ha muitos annos ao tratar do berne, que do Amazonas me foi trazido um insecto incriminado como causador do mal, e que o povo denominava *carapanan-oura*, isto é *mosquito-berne*. Mostrando que a pronuncia do vocabulo *ura* foi se transformando em *oura*, como aliás ocorre frequentemente com a troca do *u* em *o*: *moqueca* e *muqueca*, *uricuri* e *ouricuri*, etc.

Piso na *De Indiae Utriusque Re Naturali Et Medica* — Amsterdam, 1658, *Libcr. V*, pp. 285-286 e 289 occupa-se da materia escrevendo “*Tataurana*” e á pg. 289 grafa “*Taturana*”, demonstrando que pelo menos ha 250 annos passados a gente brasileira já assim pronunciava. Á pag. 287 Piso traz a figura da *ambuí* de modo a não deixar qualquer duvida de que este nome era dado pelos indios ás *lagartas de fogo*. O desenho é precedido da descripção: “*Centipedes hirsuti duo arcuatim repentes, Taturana et Ambua Brasil. Cen-*

topea Lusitanis dicti, interque Erucas habiti, ad venenatorum ordinem referuntur".

Maregrave já tinha definido ap Martius p. 435 in *Nom. An. in Ling. Tupi*: "*insectum, crucea hirsuta arenis*". Os causadores da confusão, que se estabeleceu em torno do nome de *ambuá*, foram os portuguezes quando denominaram *centopéa* á lagarta. Occorreu com este vocabulo o que se passou alguns seculos depois com a palavra *bond* que nós transformamos em *boude* e baptisamos um vehiculo. Até etymologicamente, *ambuá* "o que tem pellos erguidos", nada tem que ver com os miriapodos. Não é mais possível corrigir.

Ambuá, que originou *amboá*, em Matto Grosso, *embuá*, *emboá*, *imbuá*, denomina em varios Estados do Norte, miriapodos representantes dos *Julidae* e outras familias conhecidas actualmente no sul como *gongôlo*, um africanismo.

Em 1929, A. Taunay incluiu no *Vocabulario de Omisões* a palavra *ambira* por mim colligida alguns annos antes, no Municipio de Iguape, São Paulo, como denominação local da lagarta de fogo ou *tatarana*. O vocabulo apparece depois inventariado nos trabalhos de Ihering e O. Monte.

Estou convencido de que *ambira* seja um êco do nome *ambuá* — que foi se transformando até mesmo perder a accentuação da ultima letra, o que é frequente. Tanto mais que *tataranas* com prolongamentos espiniformes erigidos de pellos rigidos e urticantes, representantes do genero *Automeris* e outros affins, têm, naquella região, o nome de *ambira de roseta*.

E' o segundo exemplo da substituição erronea de nomes indigenas dos animaes por influencia lusa. O primeiro occorreu com o nome *anta*, que não baptisa senão um pequeno peixe fluvial em Portugal, referido por Leite de Vasconcellos e que substituiu a palavra *tapir*. Em S. Paulo já se vae processando tambem, erradamente, a substituição de *urubu* pelo nome *corvo* zoologicamente tão afastado daquelle e o de *gambá* pelo de raposa, ainda mais distante.

Tatarana está mais longe da origem da palavra que *taturana*. O primeiro vocabulo — *tatárana* — significa apenas, parecido com fogo; o segundo se decompõe — *tatá-ura-rana* — *gusano parecido com fogo*.

Braz da Costa Rubim, nos *Vocabulos Indigenas E Outros Introduzidos No Uso Vulgar*, trata do termo. Nessa contribuição não se deparam registradas *tatarana* e *tatorana*. Encontra-se, porém, *taturana*, assim definido "Do guarany *taturã*; composto de *tata* fogo, *aurana*, impigem, especie de lagarta cheia de pellos que, roçando pela pelle, causa dores cruéis".

Stradelli, á pag. 669, dos seus *Vocabularios Portuguez — Nheengatú — Nheengatú-Portuguez*, registra o vocabulo usado no Amazonas, de modo a auxiliar a nossa interpretação: "*Taturana* — Larva de insecto, em geral de borboleta, mais ou menos, felpuda, que em contacto com a pelle produz uma sensação de ardencia incommoda e persistente. E' nome generico".

Aliás, o autor lembra, no estudo grammatical que precede á sua obra, o que acima dissemos, o *u* é substituído pelo *o* algumas vezes. Esta vogal tem diversos sons, como prova, "em algum raro caso, um som muito proximo do *u* francez".

Martius, reproduzindo Piso, escreveu *taturana*. O povo em muitos logares chama *taturana*, como se vê por uma quadra que uma estudiosa de intelligencia de fino quilate, Alexina de Magalhães Pinto, registrou em seus trabalhos de *Folklore* no livro *Cantigas das Crianças e do Povo*

Taturana — uma bruxa amarella,
Resmungando com ar carrancudo,
Se occupava em frigir na panella,
Um menino com tripas e tudo.

O Padre Cunha traduziu *taturana* para o portuguez "*a vespa*", e *tamanduá* para *urso de montanha*, e outra vez de *fuzergo*, que ignoro o que seja.

O *tamanduá* de facto é chamado pelos hespanhoes de *oso hormiguero* e pelos allemães *Ameisenbär*. Martius força a traducção do vocabulo para indicar que o animal é comedor de formiga.

Voltemos porem a *taturana*. Tal denominação designa a larva urticante ou causticante de certos generos de borboletas nocturnas. O povo conhece tacs lagartas ainda pelos nomes de

lagarta de fogo, bicho cabelludo, tatôrana, e no Estado do Rio também *sassurana*. Este ultimo é uma substituição do *t* por *s* que ocorre com certa frequencia: *tambaqui*, *sambaqui*, *tambacu*, *sambacu*, etc.

As lagartas que queimam são representantes da Fam. *Megalopygidae* e dos generos *Chrysopyge*, *Podalia* e outros affins ou do genero *Automeris* antigamente na Fam. *Bombycidae* e hoje na *Syssphingidae* Hampson 1918. Pertence a esse genero a lagarta desenhada á pag. 286, do *Lib.* V. de Piso, em 1658, sendo que a figurada na pagina seguinte da mesma obra corresponde, segundo Lauro Travassos, á *Megalopyge lanata*, a mesma encontrada na edição de Marcgrave em 1648.

Os autores holandezes informam que os indios denominavam as larvas que descreveram e desenharam de *taturana* e *ambuá*, informando que os portuguezes as conheciam por *Centopeia*.

Tal denominação foi que originou o erro, agora inextirpavel, de chamarem actualmente em varios pontos do Brasil aos miriapodos das Fams. *Julidae*, *Polydesmidae*, etc., pelo nome de *ambuá* e seus derivados.

Piso, á pag. 286, *op. cit.*, também descreve e dá um desenho de um *gongôlo* do sul do Brasil e na Bahia chamado de *caramugi* e que o indigena, segundo aquelle autor, denominava de *Iapurucá*, nome que julgo não ter passado para o nosso falar.

Trata-se de uma correcção ao que escreveu Marcgrave, dez annos antes, no *Lib.* VII, pagina 253, quando chamou de *Japuruca* á *Scolopendra* e de *Millipede* ao *Julideo*, sem acompanhar de qualquer nome vulgar, como se vê á pag. 258, mostrando assim que, desde 1648, a conclusão na synonymia vulgar já se estabelecera.

No Estado do Rio e Districto Federal, a *taturana* é ainda conhecida pelo nome *Saúhy*, que deve ter se originado pela apparencia que os tufoz de pêlos da extremidade anterior apresentam com os feixes, pilosos, existentes perto das orelhas de certos Hapalideos (saguins).

A lagarta preta, chamada de *socauna* por Gabriel Soares, deve ser representante dos generos *Epantheria* e *Ammala*, da

Fam. *Arctiidae*. As especies do primeiro genero vivem isoladas; ao contrario do que ocorre com o genero *Ammalo*, cujas lagartas são encontradas formando colonias nas grandes arvores da Fam. das *Moraccas*, as figueiras, onde os indios iam buscal-as para o uso estranho que lhes davam, segundo narra o chronis'ta.

Em 1601, Bento Teixeira, quando escreveu a *Prosopopea*, ainda graphava *Paranambuco* e ensinava a etymologia do vocabulo dizendo "de *Paraná* que é mar, e *puca*, ruptura". Aos poucos, o conhecimento da lingua tupi ia se fazendo.

Em principios do seculo XVII, em 1618, foi composto um livro intitulado *Dialogos das Grandezas do Brasil*, cuja existencia, embora conhecida muito anteriormente, de facto, só foi bem divulgada, em 1920, por determinação da *Academia Brasileira de Letras*, que editou a importante obra, incluindo a sabia introdução de Capistrano de Abreu e as cruidas notas de Rodolpho Garcia.

Parece que o trabalho fôra conhecido de Frei Vicente do Salvador, pois na *Historia* da sua lavra, terminada a 20 de Dezembro de 1627, dá impressão de conhecer os *Dialogos*, segundo commenta Capistrano de Abreu.

A autoria da obra foi motivo de profundas pesquisas, até se descobrir que Ambrosio Fernandes Braudão foi quem a escrevera, como Rodolpho Garcia aeabou por demonstrar definitivamente.

Os *Dialogos* referem-se mais á Parahyba do que a Pernambuco ou Bahia. E, depois da notavel obra de Gabriel Soares, é a que inclae maior numero de expressões tupis, que ascendem a 259.

Continuava a graphia *Tamaracé*, mas, á pagina 248, registrava o vocabulo *gia*, tal qual hoje se diz, assignalando a rapidez da evolução, pois no *Rotcivo do Brasil*, como já citei, o batrachio ainda tinha a complicada denominação indigena.

Á pag. 209, já o autor trata do augmentativo *açú*, como coisa corrente, quando diz: "por sobrenome *açú*, por ser maior".

Emprega correntemente o vocabulo *Gambôa*, que Brandonio, protagonista da obra e pseudonymo do autor, dá definição perfeita e o seu emprego.

A origem deste vocabulo é muito discutida. José Verissimo, em 1895, á pag. 114, da *A Pesca na Amazonia*, escreve: "A *cambôa*, nome e coisa portuguezes". No entanto, Th. Sampaio diz que "*Gambôa*, corr. *caá-mbo*, o fecho ou cinta de ramagens. Antigamente *camboa* (de *cambô*), que é como os indios chamavam ao cercado, feito de galhos e ramagens, á entrada dos esteiros para apanhar peixe. Bahia. No guarany, *caabô*". Cf. *O Tupy na Geographia Nacional* — 3.^a ed.

Já me occupei do assumpto, recordando que Gabriel Soares informava "que os indios chamam *cambôa*". O vocabulo porém é registrado, na accepção conhecida, á pag. 498 do notavel trabalho *Estado Actual das Pescas em Portugal*, Lisboa, 1891, de A. A. Baldaque da Silva. O dictionario de Candido de Figueiredo, 3.^o ed., registra o termo em Portugal, denominando um fructo. E' omisso quanto á accepção assinalada por Baldaque, dá porém o vocabulo como sendo usado em Macambique para indiar uma "*estacaria para pesca*" e define, de maneira errada, o brasileirismo que inventariou: "Pequeno esteiro, que se enche com o fluxo da maré, e fica em secco com o refluxo".

Os *Dialogos* não se occupam de *paraty*, em compensação registram o vocabulo *saína*, nome de uma especie de mugilideo — *Mugil brasiliensis*, que corresponde ao actual *paraty* dos sulistas e cujo nome persiste no Recôncavo bahiano, graphado e pronunciado da mesma maneira como o fez o autor dos *Dialogos*.

Consultando notas que tomei na Ilha do Bom Jesus, em 4 de Janeiro de 1930, encontro o seguinte, referente ás denominações vulgares de peixes: "Tainha — todos os mugilideos, com excepção da *curimã* de qualquer tamanho, pois os pescadores a reconhecem mesmo quando muito novas. A expressão *paraty* é inteiramente ignorada. O vocabulo *saína* designa o filhote de qualquer tainha até um palmo. Em Março é que apparecem em maior quantidade pequenas *sainas* de 4 a 5

centímetros, dando a impressão de que, de Janeiro em diante, começa a desova. Ha no entanto a convicção de que não exista uma época do anno em que não se encontre tainha de qualquer tamanho. Em 8 de Janeiro de 1930, encontrava no meu diario: "Recebi uma *sanna* — *olho preto* (este nome vulgar traduz exactamente o vocabulo). Parece, pela consulta da chave das especies que me forneceu R. v. Ihering, tratar-se da *Mugil trichodon*".

Nas notas de 19 de Janeiro de 1930, encontro as seguintes indicações a respeito ainda da *saúna*: "Penso que, com a denominação de *massambê*, que é africana, deu-se o mesmo facto que ocorreu com a *saúna*, isto é, o nome indigena indicava, primitivamente, uma especie ichtiologica bem definida; aos poucos a denominação foi se generalizando para designar certas phases da evolução até perder o caracter de precisão especifica".

No trabalho *Peixes de Pernambuco*, que Alberto de Vasconcellos publicou em 1934, o articulista chama *saúna parati* a *Mugil trichodon*. O vocabulo *paratiassu* apparece como synonymo da tainha identificada pelo autor de *Mugil lisa*. Parece que naquella Estado o nome *saúna* substituiu as denominações *parati* e um tanto o nome *tainha*. Isto vem de longe, como bem registrou o autor dos *Dialogos*.

A impressão que se tem é que o autor dos *Dialogos* não possuia o mesmo conhecimento das coisas marinhas e praieiras tão familiares a Gabriel Soares. Entre os vocabulos registrados existe *oronduba*, que supponho ter desapparecido de toda aquella zona; persiste no entanto em larga região de São Paulo, sob o nome de *urindiuva* e *urendiuva*, como o indio chamava á conhecida *arocira*.

Piso em 1658, na *De Indias Utriusque Re Naturali Et Medica*, consagra os cap. X e XI ao estudo do tupi. O primeiro intitula-se *De Lingua Brasiliensium e Grammatica P. Josephi de Anchieta*, S. I. 1 — No capitulo seguinte, Piso organiza um vocabulario que denominou *Dictionariolum nominum et verborum linguae Brasilensibus maxime communis*, contendo 149 verbetes entre os quaes apparece a palavra por-

tugueza cobra dada como tupi. O referido glossario é acompanhado do *Dictioncriolum verborum maxime communium* incluindo sómente os verbos em numero de 137.

José Verissimo, em 1916, escrevia na sua *Historia da Literatura Brasileira*, referindo-se a Gregorio de Mattos: "o seu vocabulario, que está a pedir um estudo especial, é abundante em termos castiços, arcaicos e raros, hespanholismos e brasileirismos".

E' um facto. Nos volumes sobre poesias de Gregorio de Mattos, publicados pela *Academia Brasileira de Letras*, pude colligir 65 vocabulos de origem tupi. O poeta fôra rapaz para Portugal de onde voltou aos 58 annos, tendo vivido depois disto no Brasil, apenas 15 annos. A linguagem brasileira lhe ficára nas recordações da meninice e dos 3 lustros que passou na patria. Não pude encontrar dados sobre a ida para Portugal, a não ser que, quando para lá seguiu, já tivesse feito os primeiros estudos de humanidades na Bahia. Em 1671, encontrava-se certamente em Lisboa, suppondo-se que regressou no Brasil em 1680 ou 1681.

Poz-se em contacto com o povo e certos logares a que se refere, como Madre Deus e Villa São Francisco, me são familiares. Foi vivendo entre gente de classe humilde, que se impregnou do falar brasileiro, elle que tantos annos vivera em Portugal e para mim se não fôra a degradação em que rolara, jámais teria versejado daquella maneira e ninguem poderia suspeitar da grande differenciação existente, já naquella época, entre o falar da gente portugueza e do povo brasileiro e que os seus versos deixam patentes.

Dos vocabulos de origem tupi empregados pelo poeta, 21 apparecem impressos pela primeira vez. Utilizou-se tambem do diminutivo *mirim*, como se vê em *cabeça-mirim*.

Deu terminação portugueza a uma expressão tupi, *carapineiro*. Usou de *colomin*, *caboclo*, *taquara*, *tabareos*, *capim*, *catinga*, na accepção de cheirar mal, *carurú*, *muqueca*, *tipoiá*, *cutucá*. Uma vez escreveu *caboclo*; empregou o vocabulo *pipoca*. Restabeleceu porém o *i* que tinha cabido em certas palavras, graphando Itapoan.

Empregou a palavra *urupemba*; na Bahia de hoje, é pronunciado *urupema*, como aliás Gabriel Soares escreveu. O poeta também registra a alteração que o vocabulo começava a soffrer, porque uma vez escreveu *oropemba*. É' muito commum essa transformação no som do *u* em *o*, e em alguns lugares ainda occorreu a transformação do *u* em *a*, pois o utensilio é chamado de *arupemba*.

Alguns desses vocabulos merecem commentarios: como por exemplo *paratataca* que deve ter sido mal copiado. A expressão deve ser *jaratataca*, nome que se perdeu na Bahia, mas que existe em outros Estados, para o animal hoje ali chamado de *cangambá*.

A *catínga*, Gregorio de Mattos emprega na accepção de mau cheiro, hoje considerada expressão tupi, differente da outra vez também conhecida como *caatinga*, e que acabou constituindo homophonia daquelle.

Vê-se atravez de Gregorio de Mattos que a expressão tupi não estava vulgarizada, tanto que o poeta, sempre que se referia a alguém descendente dos indigenas ou que conhecia o seu falar, só empregava a palavra *Cobé*: como se verifica nesta phrase: "*Não falava o portuguez, mas dizia o seu cobé*", cf. pag. 175, *Satyrica*, vol. II. Tendo certa vez empregado como synonymo de indio, "*Praza Deus que um Cobé*".

O actual nome do peixe *trahira* ainda não tinha soffrido contraecção, pois era chamado de *taraira*.

Gregorio de Mattos fixou, em interessantes versos, a influencia notoria da lingua tupi e nas proximidades de 1680 já podia assim versejar:

AOS CARAMURÓS DA BAHIA

Um calção de *pindoba*, a meia zorra,
Camisa de *urucú*, mantéo de *arara*,
Em logar de *cotó*, arco e *taquara*,
Penacho de *guarás*, em vez de gorra.

Furando o beijo, sem temer que morra
O pae, que lh'o envazou c'uma *titara*,
Porém a mãe a pedra lhe applicara
Por reprimir-lhe o sangue que não corra.

Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais leis que as do gosto, quando erra,
De *Paiaia*, tornou-se em *Abaité*.

Não sei onde acabou, ou em que guerra:
Só sei que d'este Adão de *Massapé*
Procedem os fidalgos desta terra.

AOS MESMOS CARAMURÚS

Ha coisa como ver um *Paiaia*
Mui prezado de ser *Caramurú*
Descendente do sangue do *tatú*,
Cujo torpe idioma é *Golepá*?

A linha feminina é *Carimá*,
Muqueca, *pititinga*, *carurú*,
Mingão de *puba*, vinho de *cajú*
Pizado num pilão de *Pirajá*.

A masculina é um *Aricobé*,
Cuja filha *Cobé*, c'um branco *Pahy*
Dormiu no promontorio de *Passé*.

O branco é um *Maráo* que veio aqui:
Ella é uma india de *Maré*;
Cobepá, *Aricobé*, *Cobé*, *Pahy*.

A lingua brasileira de ha muito intercalava a letra *l* como se viu em palavras empregadas por Gabriel Soares e outros.

Agora Gregorio de Mattos registra duas novas: *colomin* e *caboclo*. Este era primitivamente *cabôco*, como continua pronunciando o povo no Nordeste e Amazonia.

Em 1648, Maregrave já o assignava mostrando que era corrente em Pernambuco como se vê no Cap. IV, p. 268: "*Natus ex-patre Brasiliensi et matre Aethiopissa vocatur Curiboca, et cabocles*".

A observação de Alvaro Maia, em sua these de concurso de Portuguez para o *Gymnasio Amazonense*, em 1926, dizen-

do que na linguagem rural se observa a "queda do *l* em certas palavras: "*cabocla, cabôca*", não tem razão de ser. A massa popular amazonense foi a ultima a soffrer a influencia lusitana, que intercalou aquella letra inexistente na palavra original.

O extremo norte brasileiro foi a derradeira região de onde o tupi foi deslocado. Ainda em 1852, Lourenço da Silva Araujo e Amazonas, em trabalho publicado em Recife intitulado *Diccionario Topographico, Historico, Descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas*, escreve á pag. 175: "Lingoa geral: A Lingua tupica, assim designada, não só na Comarca, como em toda a Provincia do Pará e mesmo em todo o Brasil. He a universal interprete em toda a Provincia do Pará. Fala-a toda a nação indigena, que se relaciona nas Povoações. Nas Cidades fala-se da porta da sala para dentro; e nas villas e demais povoações, exceptuada Pauxis no Baixo Amazonas, he a unica, não por se ignorar a portugueza, mas porque, constrangidos os indigenas, os Mamelucos, em falal-a pela difficuldade de formarem os tempos dos verbos. do que as dispensa a geral, respondem por esta se se lhes pergunta por aque'la".

No tempo de Gregorio de Mattos, o vocabulo *caboclo* possuia o primitivo sentido pejorativo como se pôde ver pela quadra á pag. 94, vol. I, da *Satyrica*:

A vós, m... dos Fidalgos;
A vós, escoria dos Godos;
Filho do Espirito Santo,
E bisneto de um *caboclo*:

De ha muito, porém, que perdeu tal valor, sendo até expressão carinhosa e prestigiadora em São Paulo, para designar o habitante rural, seja descendente de negro ou de pura estirpe européa.

Da influencia do tupi no portuguez — Theses
sobre este ponto — Papel desempenhado por
Theodoro Sampaio — Varias questões

Em 1886, José Verissimo estudava a influencia da lingua tupi, no portuguez que se falava no extremo norte brasileiro, como se vê do livro que editou em Lisbôa, intitulado *Scenas da vida amazonica com um estudo sobre as populações indígenas e mestiças da Amazonia*. O importante trabalho tem um capitulo intitulado *Linguagem*, das paginas 27-38 e um outro epigraphado *Palavras de origem tupy-guarany usadas pela gente amazonica e em pratica corrente na região*, que comprehende as paginas 38-55, onde o autor estuda 118 vocabulos que designam objectos ou que possuem outra accepção; com exclusão, porém, das denominações das plantas e animaes.

Em 1902, na *Revista do Centro de Sciencias e Artes de Campinas*, n. 6 pp. 40-42, em artigo intitulado: *Da influencia do tupy na lingua portugueza falada no Brasil*, da lavra de Th. Sampaio, encontra-se esta verdade: "O indio sahido das selvas, isto é, o caboco, como então se dizia, pôde assim guardar a sua lingua, transmittil-a por mais de uma geração aos seus descendentes puros ou cruzados, vindo por essa razão a deixar signaes indeleveis do seu influxo no seio da população brasileira para a qual elle tão largamente contribuiu".

Conta Th. Sampaio que no Maranhão a lingua portugueza só começou a ser geral depois de 1755, e citando Ayres do Casal, *Chorographia brasileira*, vol. II, pag. 277, diz que todos, até aquella data, falavam tupi e no pulpito era esta a lingua empregada.

Tambem se refere á carta que a 12 de Março de 1701, El Rey escreveu a D. João de Lencastre, Governador Geral do Brasil, na qual, applaudindo a idéa do seminario para os filhos dos indios, recommendava que os missionarios se esforcassem por ensinar aos indios na lingua portugueza, "sendo

elles primeiro instruides na lingua dos indios”, *apud* Accioli — *Memorias historicas da Bahia*, T. I, pg. 248. Por isso, diz com muita razão o eminente Th. Sampaio, não é de extranhar que o tupi tenha deixado vestigios no falar dos brasileiros, concorrendo tambem para alterar a prosodia do portuguez, modificar em certos casos a construcção da frase.

Transereve, então, a carta do Dr. Caetano de Campos, citando largo numero de expressões tupis empregadas não só na capital do Maranhão como no Estado, muitas aliás de uso corrente em todo o Brasil.

Como se verifica quando, nos sertões do Norte, affirmam abundancia de uma coisa qualquer pelo adverbio *muito*, pronunciado emphaticamente no fim da frase, dizendo por exemplo: *passaros... muito, gente muita, força... muita*, expressões que são evidentemente modeladas, pelo tupy, *guirá... etá, myra... etá, gurima... etá*. Esta construcção é, aliás, ainda corrente, na Bahia, mesmo entre pessoas cultas. E' frequente na conversação, ouvir-se, ainda hoje: *chuva muita, dinheiro muito*, etc.

Lembra que em certos logares quando se exclama: “e nós ficamos no *guanhão* deste mundo” é o mesmo que dizer: “neste grande valle cá em baixo”, porque *gua* significa valle, baixada.

Em 1893, no Pará, José Verissimo, na *Revista Amazonica*, T. I, pp. 47-57, 86, 93, 135, 142, em artigo *A linguagem popular amazonica*, mostra que o modo de falar popular naquella região quando diz, prescindindo do artigo, “*rio encheu, canoa chegou, peixe está podre, havia gente porção, pescou peixe porção*”, por havia muita gente e pescou muito peixe, são construcções tupis. Como tambem quando o povo ali diz: “*Você vai á missa, será?*” Assim *será* em lugar de *será assim*. Lembra ainda que o povo chama “*mãe tinga e pai tinga*”. *Cf. op. cit.* pp. 55-56.

Th. Sampaio, no *O tupy na geographia nacional*, segunda edição, 1914, conta que: “As levas que partiam do littoral, a fazerem descobrimentos, falavam, no geral, o tupy; pelo tupy designavam os novos descobertos, os rios, as montanhas, os proprios povoados que fundavam e que eram outras tantas

colonias, espalhadas nos sertões, falando tambem o tupi e encarregando-se naturalmente de diffundi-lo.

"O portuguez era, sim, a lingua official, como ainda hoje o hespanhol no Paraguay; a lingua do commercio nos portos do littoral, nas cidades e villas de mais importancia, e no seo das familias propriamente portuguezas. mas, ainda ali, apparece o tupi falado pelos famulos, e quasi todos indios ou de descendencia india.

"Nos povoados mais apartados, a catechese iniciada e desenvolvida pelos jesuitas, ia dando á lingua barbara os foros de um vehiculo civilizador. Falavam os padres a lingua dos aborigenes, escreviam-lhe a grammatica e vocabulario e ensinavam e pregavam nesse idioma. Nos seminarios para meninos e meninas, *curumins* e *cuphatias*, filhos de indios, mestiços ou brancos, ensinavam de ordinario, o portuguez e a tupy preparando deste modo os primeiros catechumenos os mais idoneos para levarem a conversão ao lar paterno.

"Até o começo do seculo XVIII, a proporção, entre as duas linguas faladas na colonia, era mais ou menos de tres para um, do tupy para o portuguez. Em algumas capitancias, como S. Paulo, Rio Grande do Sul, Amazonas e Pará, onde a catechese mais influia, o tupy prevaleceu por mais tempo ainda. Nas duas primeiras, falava-se, entre os homens do campo, a lingua geral até o fim do seculo XVIII.

"Mas, naquelles tempos, quando o desbravamento dos sertões apenas começava e as expedições para o interior se succediam, com a obstinação das cousas fataes e irresistiveis, o tupy era devéras a lingua dominante, a lingua da colonia. Todos a falavam ou a comprehendiam. Parecia mesmo haver certa predilecção por ella. O padre Vieira, em 1694, escrevia: "E' certo que as familias dos portuguezes e indios de São Paulo estão tão ligadas hoje unas com as outras que as mulheres e os fillos se eriam mystica e domesticamente, e a lingua que nas ditas familias se fala é a dos indios e a portugueza a vão os meninos aprender á escola..." (*Obras Varias*, I, 249).

"Adoptavam os proprios portuguezes os usos e até o falar brasílico, preferindo as expressões tupsys nos dizeres da

propria lingua, em que, aliás, não faltavam vocabulos e locuções igualmente expressivas e adequadas”.

“Alteravam-se no contacto desta lingua barbara a prosodia e a syntaxe portugueza. Desappareceram as vogaes mudas ou breves e prevaleceram as graves e agudas. Os verbos tupys modelaram-se pelos do portuguez, incorporando-se em grande numero neste ultimo, como incorporaram os nomes de plantas, animaes, fruetas e objectos de uso domestico”.

Quatorze annos depois, na 3.^a edição de sua importante obra editada na Bahia em 1928, Th. Sampaio registra copioso vocabulario de plantas, animaes e coisas de origem tupi e correntes no falar brasileiro, e em artigo publicado em Outubro de 1931 na *Revista de Philologia* diz que o abusivo emprego de diminutivos duplos e até triplos ‘pequeno, pequenino, pequenininho, pequeninhosinho’ são como revivescencias de expressões tupis.

Certa vez, Macedo Soares, citado á pag. 132 da *Paranduba Riograndense*, publicada por Carlos Teschauer, em 1929, declara: “Guaranys e tupys, comtudo, se podem gabar de terem fornecido aos seus conquistadores não somente palavras, porém, phrases inteiras; não um vocabulario apenas, porem mesmo algumas formas grammaticaes; e por dezenas de palavras que receberam dos invasores, lhes deram milhares. São, principalmente, essas novidades indigenas que fazem do castelhano e do portuguez d’America uma lingua já assús differente do castelhano e do portuguez da Europa. *E’ por ahi, mais do que pelas instituições politicas, que o Brasil, e as republicas hespanholas vão affirmando sua individualidade, sua independencia, sua nacionalidade*”.

O assumpto do livro do pranteado Th. Sampaio despertou grande interesse para a lingua tupi, sobretudo porque o eminente investigador teve o cuidado de prefaciar seu trabalho com largas considerações a respeito “*da expansão da lingua tupy e do seu predomínio na geographia nacional*”, que forma todo o capítulo I, fazendo no capítulo II, o “*resumo da grammatica tupy*”, da mesma maneira amena, instructiva e documentada, estudando o alfabeto usado na lingua, as letras que não existem, a introdução do *l*, pela influencia portu-

gueza, a alteração do *i* transformado em *j*, o accrescimento do *z* pela influencia lusitana, dando origem áquella anomalia de "plural dos pluraes", como João Ribeiro chamou e que occorre com as palavras, *ananaz*, *guayamaz*, *goitacaz*, *papanaz*.

Emfim, tratando largamente da grammatica da lingua, vulgarizando seus conhecimentos e instruindo os curiosos e interessados na iniciação de taes estudos.

Este foi o principal papel de Th. Sampaio. Despertou interesse e grande, por um assumpto que já ia aos poucos desapparecendo.

O capítulo III intitula-se "*Das alterações phonicas no tupy sob a influencia da lingua portugueza*", onde ensina as modificações que a lingua tupi soffreu quando manejada por brasileiros.

Mestres poderão discordar das decisões de Th. Sampaio em assumptos tão mercedores de estudo; uma homenagem, porém, deve-se prestar ao eminente brasileiro, reconhecendo que as tres edições do seu trabalho catalysaram o interesse publico para problema tão nosso. De 1902 a 1928 o seu livro manteve desperta a attenção dos estudiosos para a lingua tupi, quasi a cahir em definitivo olvido.

Os estudos que precederam não eram facilmente accessiveis. Desde a grammatica do Padre Anchieta até as obras dos estrangeiros que se occuparam do assumpto, Burton, Hartt, Martius e ainda a monographia de Baptista Cactano, que já é trabalho para iniciados na materia.

Rodolpho Garcia publica, em 1919, o *Glossario das palavras e phrases da lingua tupy*, contido na *Histoire de la mission de pères capucins en l'isle de Maragnan et terres circonvoisines*, do Padre Claude d'Abbeville, pondo em ordem e identificando larga serie de expressões tupis encontradas em Claude d'Abbeville e comparadas com outros autores estrangeiros.

A valiosa contribuição foi prece lida pelo trabalho sobre *Nomes de Aves em lingua tupy*, iniciado em 1911 e ampliado em novas edições.

Em 1925, o illustre Clovis Monteiro publica sua these *Da influencia do tupy no portuguez*. Procedia-se neste anno

no concurso desta lingua no Collegio Pedro II, delle participaram tambem Jacques Raymundo e Quintino do Valle, que deram o mesmo titulo ás theses, pois foi este o ponto sortcado e elucidado pelos concorrentes.

Quintino do Valle mostra que "A palavra *tupy* parece mera abreviatura com que se designam os guaranys do Brasil, outrora collectivamente chamados *tupinambás*, com algumas excepções, como os tapes e os cariçós do Rio Grande do Sul".

De facto assim parece. Anchieta na sua *Arte de Grammatica Da Lingua Mais Usada Na Costa do Brasil*, logo á primeira pagina, escreve: "*Por que des dos Pitiguares do Parahyba até os Tamoyos do Rio de Janeiro pronunciaõ inteiros os verbos acabados em consoante*". "*Os Tupys de São Vicente, que são alem dos Tamoyos do Rio de Janeiro, nunque pronuncia (sic) ultima consoante no verbo affirmativo*".

Como já referi, os "*tupys*" de São Vicente tiveram seu emprego pela primeira vez, em 1559, na epistola de Nóbrega.

Para um facto quero chamar a attenção dos paientísimos leitores. Anchieta escrevia *tamóyo*. Como consequencia da reforma orthographica, Portugal aos poucos tentará impor sua pronuncia. O preclaro Serafim Leite, no artigo intitulado *Influencia religiosa na Formação do Brasil*, publicado na *Revista de Cultura*, An. XII, N. 134, Fev. 1938, pp. 73-76, só escreve *tamóios*, pronuncia menos usada no Brasil. Quintino do Valle, no capitulo *Alterações vocálicas no portuguez*, refere-se á epherese do *a* e do *i*, em *cangussú*, por *acangussú*, *cará*, por *acará*, etc. Occupa-se da syncopa em: *brauna*, por *baraúna*; y *byrauna*; *cabreuba*, por *caburekyba*. Hoje a pronuncia é *cabreuva*.

Recorda a "absorpção da semi vogal", dando o exemplo de *garapa* por *guarapa* e *uarapa*, das "permutas de vogaes atonas": *sepeliba* por *sapetyba*, *paçoca* por *poçoca*, e que as formas *uaçú*, *uirá*, *uatú*, *caraná* são as primitivas e não *guasú*, *quirá*, *guatá*, *caragná* que são as actuaes, citando *Guiratinga* de *uirá-ting*; *capivara* de *capii-u-har*, *jaguar* de *ya-u-har*. Lembra o Padre Antonio Vieira, aliás já referido por Varnhagen, tantos annos antes, na *Historia Geral do*

Brasil, quando escreveu: "Por muitas vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á boeca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam equivocando-se a mesma letra com duas ou tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas: umas tão delgadas e subtis, outras tão duras e escabrosas, outras tão interiores e escuras, e mais afogadas na garganta que pronunciadas na lingua; outras tão curtas e subitas que não percebem os ouvidos mais que a confusão: sendo certo, em todo rigor, que as taes linguas não se oavem, pois se não ouve dellas mais que o sorriso e não palavras desarticuladas e humanas" (*Sermões*, III, 508). Barbosa Rodrigues tambem lembra Vieira a este proposito, in *Poranduba Amazonense*, p. XI, *An. Bibl. Nacional*, 1890.

Q. do Valle ao tratar de Mb diz que "Esta bilabial mixta desfaz-se ou em m ou em b" e cita o exemplo de *mbaéacú* que deu *baiaéú* e *maiaéú*. *Mberui* que deu *marui* ou *maruim*; ainda mais, accrescente, *meruim* *miruim* e *miruim*, *mbactac-a* que deu *mataca* e *baitaca*.

Quando se occupa do genero assignala que algumas palavras já se tornaram biformes; *caboclo*, *cabocla*, *tapuio*, *tapuia*. Occorre o mesmo no Pará com *maneluco*, ap. V. Chermont de Miranda, e no Nordeste M. Marroquina registrou *pubo* e *puba*. Do Rio de Janeiro para o sul, em linguagem familiar usa-se *jury* e *gurya*. Mostra que alguns vocabulos, conforme os Estados, são masculinos ou femininos: *ganibá*, masculino para Teschauer, feminino para Rohau; *cajá*, feminino em logares do Norte; *sabiú* feminino em Pernambuco

Reproduz versos de Alberto de Oliveira, no *O Parahyba*, que são um bom exemplo da influencia do tupi.

"O' *jacarandatás*, ó *marucanaibas*,
Canjeranas e *ipés*, *ubratans* e *bramas!*"

Affirma não existir o ditongo *ou* na lingua tupi, conforme quer o Padre Figueira, e exemplifica com o modo de dizer do *caboclo*; *porquêra*, *manêra* *ôtrôra*, *chamô*, *dôru*, *es-*

tóra, e não por queira, maneira, outrora, chamou, doura e estoura". Tal redução é também devida á influencia africana.

Mostra que "O tupy tende a eliminar o *d* e o *nd* — *comandá* — *comaná*; cita Amadeu Amaral registrando *andano*, *veno*, *cahino*, *pono*, por *andando*, *vendo*, *cahindo*, *pondo*".

No importante trabalho de Hartt *Notas Sobre A Língua Geral Ou Tupy Moderno Do Amazonas*, republicado pelo benemerito Rodolpho Garcia, no vol. LI dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, o notavel scientista norte-americano, tão profundo conhecedor do tupi, mostra que o *d* sómente é usado no agrupamento *nd*, dizendo que a tendencia geral é para usar *n*, *cahindo* o *d*.

Exemplificando, escreve Hartt: — "Assim também o verbo *mendar*, casar, se tornou *menar*; mas em nenhum caso, que eu saiba, houve queda do *n*, ficando o *d* sosinho. . ."

Quintino do Valle vê, com razão, na queda do *g* em *guarda*, *agua*, etc. que o caipira paulista faz quando diz *uarda*, *ua-ua*, influencia do tupi.

Sustenta que devido á ausencia da letra *l*, no tupi, o final de syllaba terminada com esta letra, passa para *r*, na linguagem do roceiro; *sortêro*, *carma*. No final da palavra o *l* desaparece depois de ter sido *r*, ex. *mal*, *mar*, *má*. Ao recordar que os tupis não articulavam *lh*, mostra que isto originou *trabaio*, *fio*, *tarabaio* ou *tarabaiú* "Do mesmo processo usam os sertanejos e até pessoas da cidade, quando dizem *migaia*, *famia*, etc".

Como "o *s* era consoante estranha aos nossos indios. O povo sempre o suprimiu no final das palavras: *vamo*, *lapi*, etc.". Aliás, nos exemplos citados existe também acção concomitante da influencia africana, talvez até mais poderosa.

A queda do *l* e *r* finais, a transformação do *lh* em *i*, Renato Mendonça, no seu trabalho, *A influencia africana no portuguez do Brasil*, demonstra que o mesmo ocorre nas populações luso-africanas das ilhas do Cabo Verde, S. Thomé, Príncipe e Anno Bom, onde nunca existiram caboclos falando tupi.

As pp. 60 e 119 da 1.^a e 2.^a ed., *op. cit.*, assim opina o competente escriptor sobre a queda do *s*: O vestigio mais no-

tavel achá-se no plural conservado pela linguagem dos caipiras e matatos que, deixando o substantivo invariavel, dizem sempre: *as casa, os caminho, aquellas hora*.

O campo de pesquisas que o falar brasileiro offerrece é verdadeiramente inmenso e, se não fosse tão anti-associativo, lembraria a formação de um gremio e com aquelle programma, pois material para taes estudos é que não falta.

Na Amazonia ainda se usam certas formas patronymicas, escreve Quintino do Valle, como *marajoara, cametéuara*. O autor poderia ter lembrado que, em 1894, Rodolpho Theophilus intitulou *O Paraoara*, um seu romance.

Diz tambem que alguns autores recorreram ao tupi para explicar o brasileirismo: *estão fala fulando* e que, *boatatá*, no Estado do Rio de Janeiro, é um passaro nocturno, mysterioso, que desprende fogo ao alçar o vôo, recordando que para Rohan significava *fogo fatuo*.

Na Bahia alguns pescadores referiram-se a existencia de aves parecendo luminosas dentro da noite muito escura. O Commandante Lucas Boiteux contou-me que os praieiros de Santa Catharina se referem á existencia, em certas occasiões, de aves marinhas que apresentam, á noite, as pontas das asas luminosas.

Em 1916, ás pg 113-114 da *Viagem Scientifica*, V. VIII, das *Memorias do Instituto Oswaldo Cruz*, escrevi a tal proposito: "No lugar denominado Lago, municipio de S. Raymundo Nouato, verificamos a presenca numerosa das *lagartas de fogo*, isto é, neste caso, varias larvas de diversos coleopteros e entre os representantes do grupo dos *Phengodes* Hoffm. e cujas larvas e femeas são luminosas. Mais adiante encontramos os coleopteros em questão no pquise denominado *Pedra de fogo*, onde os *Phengodes* larvas e femeas apteras e ainda larvas luminosas de *Lampyridae* e *Elateridae* se reuniam em quantidade surpreendente; ali os montes de cupiús eram muito frequentes e sobre elles tivemos oportunidade de colleccionar numerosos exemplares daquelles insectos luminosos.

No Estado de Goyaz tivemos que atravessar larga zona, rica em construcções de termitas e, embora pessoalmente não tivéssemos occasião de observar a reproducção do phenomeno,

soubemos por varias pessoas que o facto da phosphorencia das cascas de cupins é observado em certas épocas do anno e para alguns a explicação residia na presença de grande numero de *lagartas de fogo*, designação que comprehende todas as larvas e adultos larviformes de coleopteros luminosos.

No sitio denominado Jatobá (Município de Remarso — Bahia) foi-nos mostrada certa porção de areia a qual se mostrava luminosa quando humedecida. O morador guardava como preciosidade o achado e foi com certa difficuldade que obtivemos certa porção. De regresso ao Instituto de Mangueinhos, procuramos fazer pesquisas com o material trazido, mas nada conseguimos verificar. Com toda a probabilidade, a luminosidade seria devido a bacterias phosphorescentes, existentes no solo. Hoje o numero conhecido dessas bacterias já é bastante elevado, infelizmente, porem quasi que exclusivamente do mar, como peixes, crustaceos, etc."

Henneguy, nos *Les insectes* pag. 93 Paris, 1904, refere-se ao grande numero de especies consideradas luminosas, devida á presença accidental de bacterias phosphorescentes que se desenvolveram á superficie ou no interior do organismo. Comtudo, não encontramos uma unica verificação bacteriologica a esse respeito, o que viria elucidar a questão de modo completo.

No volume 9 do *Centralbl. f. Bakt. Orig.* pag. 561 — Jena 1891, encontra-se um trabalho firmado por Ludwig F. e intitulado *Ueber die Phosphorescenz von Gryllotalpa vulgaris* e onde esse autor dá testemunho de ter verificado pessoalmente um facto já assignalado por outras pessoas mas, por outro lado, tambem contestado. Em 1726 Sybilla Marian denunciou a luminosidade das nossas *jequitirana-boias* e que por isso foram baptisadas pela designação generica de *Pulgora L.*; ninguem, depois disso, teve oportunidade de verificar o facto; quem sabe se a explicação não residirá em uma phosphorescencia transitoria devido á presença de bacterias luminosas?

No numero 543, vol. XXXVI, pag. 323 do *Knowledge* apparecido em Londres, no mez de Setembro de 1913, vem publicado um artigo da lavra do Conde L. De Sibour, dando noticia de um trabalho publicado em revista ornithologica

franceza por L. Ternier a proposito da existencia de aves luminosas. De Sibour acrescenta novos testemunhos de ingleses illustres que têm verificado o facto; todos são concordes em acreditar que a explicação do phenomeno resida na presença de microorganismos phosphorescentes.

Parcece, portanto, que o facto é muito mais generalizado do que geralmente se pensa; talvez a luminosidade dos montículos de cupins que nos affirmaram em Goyaz ser positiva, encontre a sua explicação na circumstancia da presença numerosa de insectos luminosos na circumvizinhança dos termittas ou da propria terra dos seus ninhos, serem portadores de bacterias phosphorescentes; a favor dessa hypothese fala o achado naquellas regiões de arcaim phosphorescente devido á presença muito provavel de bacterias luminosas". A toda essa serie de phenomenos tão naturaes o indio devia denominar *mbactatá*.

Quintino do Valle recorda como *caboc* deu *caboca*, *caboco*, *caboclo* e até *caboculo* e que *caipira* em Portugal, alem de ser nome depreciativo dos *Constitucionaes*, durante as lutas civis de 28 e 34, designa no Minho, segundo C. Figueiredo, *souina*, *avarento*.

Clovis Monteiro mostra que *porco* foi transformado pelos indios em *purucá*. *Cavallo* em *cabarú*; que o grupo *mb*, que equivale a *unb* era transformado em simples *b*, ora em *m*. Assim o nome *mbyryty*, forma no norte *burity*, e no sul *merity*.

Assignala que certas palavras lançadas por literatos, como Gonçalves Dias, José de Alencar, não se vulgarisavam, citando: *boré*, *canitor*, *inubia*, *ocara*, *uiraçaba*. Pode-se ainda acrescentar, *manitós*, *enduape*, *piaga*, *mussurana*, na accepção de corda, *marabá*, *caim*, usados por Gonçalves Dias, tendo cahido em completo olvido, entre nós, *nanauhy*, *pucoy*, nomes de bebidas referidas por Gonçalves de Magalhães.

O vocabulo *piaga* pode ser considerado neologismo tupi creado por Gonçalves Dias. O poeta maranhense á p. 324, do T. II, das suas *Poesias*, ed. de J. N. Souza e Silva, justifica o vocabulo "*que mais se conforma á nossa pronuncia*". Th. Sampaio em 1928 diz ser corruptela de *èpiaga*, o Vidente, o

advinho. Stradelli, quando estuda a palavra *pagé*, diz: "Gonçalves Dias escreve *piaga* e não sabemos onde o teve".

Castro Alves utilizou-se dos vocabulos *boré* e *piaga*, na poesia *Jesuitas*.

A seta ervada o arco recurvava
Estrugia o boré
O padre calmo, santo, sobranceiro
O *Piaga*-do amor.

O primeiro protesto contra o vocabulo foi feito por Couto Magalhães no *O Selvagem*, Part. II, p. 121, ao corrigir: "seus *pagés* e não *piagas*".

Candido de Figueiredo escreveu a proposito do verbete: "*Piaga*, m. (T., erradamente admittido por escriptores brasileiros, como Gonçalves Dias, illudidos por um erro typographico, com que se compoz a palavra *pagé*. Ao definir este vocabulo tambem na edição de 1913 do seu *Diccionario*, diz: "*Pagé*, m. Bras. do N. Sacerdote curandeiro, entre os aborigenes; feiticeiro. (Do tupy-guar.)". Só em 1913 foi incorporado aos lexicos portuguezes, graças aos esforços de Candido de Figueiredo que, neste particular, merece a gratidão dos brasileiros, pois, dos lexicographos lusos, foi o que mais se interessou pelos brasileirismos.

Quando, porém, o illustre portuguez se occupa do vocabulo *piaga*, trata da materia como se fôra o autor de originaes pesquisas, já que não allude sequer á Baptista Caetano que, em 1876, chamou a attenção para o erro typographico, falta que chegou ao conhecimento do lexicographo luso, que não o cita, estou certo, por esquecimento.

Diz Baptista Caetano á pag. 38 dos *Ensaios de Sciencias*, fasc. I, Rio, Março de 1876, nos *Apontamentos sobre o Abacanga*: "No mesmo caso está o celebrado *piaga* que pecea pelo mesmo motivo (Baptista Caetano refere-se ao caso da palavra *inubia*, já referida por Lery que foi alterado de *mimby*) e que procurado nos escriptores antigos não se acha. O feiticeiro, o curandeiro, o medico, ás vezes com certas funcções sacerdotaes, pelo que consta tanto de escriptos accrea do Paraguay como das chronicas dos *brasis*, era *paiié* (*qui dicit*

finem, literalmente). Este nome apparece escripto *piayc, piaye* e até *piache* e de outros modos; no segundo modo de escrever *piayc*, bastou que por erro de impressão se mudasse o *y* em *g* para tornar-se *piage*, donde o *piaga*, cujos cantos tanto que fazer têm dado aos literatos e romancistas".

Muito antes de Gonçalves Dias, o vocabulo *inubia* foi aproveitado por Santa Rita Durão em 1781 e apparece no canto IV, estrophe LXXX do *Caramurá*:

"Que em quanto a *Inubia* soas horrorosa"

No entanto, sómente foi dicionarizado por Candido de Figueiredo em 1913. O vocabulo vulgarizou-se a ponto de baptisar uma revista de escoteiros de Minas Geraes. Xavier Marques empregou-o no *Pindorama*, Gonçalves Dias alterou a palavra, grafando *janubia*, como se vê na poesia *O Gigante de Pedra*:

"E os cantos da *janubia*
junto ás lenhas necessas".

Em nota á pag. 329 o poeta diz "Lery escreve diversamente" e reproduz o texto francez. Esse neologismo do poeta maranhense não teve a sorte do *piaga*. O que ficou foi o termo que Lery divulgou.

Quando se estuda o problema do falar brasileiro, verifica-se que quasi todos os philologos lusitanos delle se desinteressaram, o que representa, a meu ver, immenso erro psychologico e foi o que talvez originasse a debatida questão da lingua brasileira.

O contrario se passou na Argentina. Um dos dictionarios de argentinismos foi escripto por um hespanhol, o *Vocabulario Rioplatense Razonado* e prefaciado por um membro da *Academia Hespanhola*, Juan Valera que escreve: *Nuestro diccionario de la lengua castellana no es sólo el inventario de los vocablos que se emplean en Castilla, sino de los vocablos que se emplean en todo pais culto donde se sigue hablando en castellano, donde el idioma oficial es nuestro idioma*".

Recordo-me da apologia que Blasco Ibañez, ao regressar do Rio da Prata, fez de varios argentinismos, tendo escripto artigos muito interessantes sobre *mocana* e suas numerosas accepções. O hespanhol encara como natural o phenomeno philologico que se passa nas suas antigas colonias americanas.

Os inglezes pediram a H. L. Mencken para escrever, na ultima edição da *Encyclopaedia Britannica*, um artigo sobre americanismos e o illustre autor da *The American Language*, alentado volume já em 4.^a edição, aceitou a incumbencia da qual se desempenhou com brilho e desassombro. O termo *pagé*, que Candido de Figueiredo sómente registrou pela primeira vez em 1913, figurava ha seculos em obras de autores portuguezes. Em 1595, Anchieta já o emprega, a portuguezado, no trabalho publicado naquelle anno e em 1587 Gabriel Soares já o registra.

Candido de Figueiredo supunha que *pagé* fosse um brasileirismo conhecido apenas no norte do Brasil. E' usado em todo o paiz e do conhecimento até de pessoas ineultas.

Já é nome de gente e de muitos lugares de norte a sul: *Bagé* e *Magé* são alterações de *pagé*.

Clovis Monteiro tambem asignalta as formas tupys usadas como qualificativos: *tinga*, *puba*, mandioca *puba*, farinha *puba*, chá *pubo* para designar azedo, alterado, etc. Quando diz que *guaiamun* é crustaceo dos mangues; *giboia* ophidio que se alimenta de *gias*; *Mangangá* insecto cuja mordedura é dolorosa; *sauna* peixe de agua doce; *ha*, nesse ponto, pequeno equivoco de tão competente autor.

A *sauna* é peixe marinho; *mangangá* não morde, punge, ferra; *guaiamun* não é do mangue, mas da terra firme onde a maré não chega; *giboia* não come *gias*. Th. Sampaio reproduziu a etymologia proposta por Martius para o nome do ophidio, cuja biologia hoje bem conhecida não permite tal significado. Recentemente, ainda, em Recife, Mario Mello mostrou que o eminente Th. Sampaio errou e com elle todos os que estudaram o problema, quando affirmaram originar-se o tão conhecido toponimico *Caruarú* de *caruara*. Mario Mello demonstrou de modo irretorquível proceder de *carurú*.

Lembra Clovis Monteiro que o portuguez da America offerece exemplos de construcção syntactica differentes do portuguez da Europa, e argumenta dizendo, com razão, que a lingua falada pelos conquistadores não é a mesma existente na obra dos velhos classicos: "O idioma, que para aqui se trasladou, foi portuguez vivo, isto é, a mesma lingua que encerrava o espirito do *sermo vulgaris* dos romanos".

Recorda Bias Mendes quando procurou demonstrar que as "particularidades grammaticaes do portuguez do Brasil não eram mais que reminiscencias do falar indigena", e lembrava o verbo *ter*, como impessoal como se verifica na expressão *tem homens* que é mera traducção literal de uma expressão tupi. Bias Mendes tambem queria ver influencia tupi no emprego do pronome pessoal como objecto directo: *eu vi ella*, etc., o que não é verdade.

Outras fontes de estudos sobre a influencia do tupi no falar brasileiro — Comentarios varios

Jacques Raymundo, em these que apresentou como candidato ao concurso de portuguez, lembra que o emprego do gerundio redobrado, frequente nos falares do Norte e em São Paulo, talvez não seja tupi, que poderia ter intensificado o processo tambem presente no portuguez, pois *zomba-zombando* apparece no trabalho de Rodrigues Lobo — *Desengano*, 115, que nunca esteve no Brasil, e ainda no *Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manoel de Mello que escreveu:

— “Não! mas eu *zomba-zombando*”, este, aliás, esteve no Brasil.

Afonso A. de Freitas, no seu *Vocabulario Nheengatú (Vernaculisado pelo portuguez falado em São Paulo)*, sahido em 1936, estuda a influencia que o tupi exerceu no falar brasileiro, dando numerosos exemplos, embora muitos pontos de vista do autor não possam ser aceitos.

A. A. Freitas tambem sustenta que os modismos brasileiros, *mata-matando*, *anda-ando*, *pará-parando*, *morrê-morrendo*, são manifestações da influencia tupi-guarani.

Tal construcção existe em outras linguas. Não é portanto tupi. Mark Twain, no maravilhoso *Life On The Mississippi*, vae além de uma duplicação verbal: *then got my stern on the cottonwood, and head on the low place above the point and came through a-booming. And so they went on talk-talk-talking*. Cf. *The Reader's Digest*, p. 114 — Dez. 1937

O autor paulista acima referido ainda diz, no seu trabalho, que o *h* que os portuguezes empregaram na graphia dos vocabulos indigenas, foi com o intuito de mostrar que o vocabulo não se constituia por uma só emissão de voz.

Attribute a ausencia da consoante *l* ro linguajar tupi-guarani o vicio de locução entre os paulistas que os levava a pronunciar *muié* e *fio*, por *mullher* e *filho*; *porvora* e *parma*

por polvora e palma. Neste mesmo erro incidiu, antigamente, João Ribeiro, quando em 1883, no *Diccionario Grammatical*, artigo *Brasileirismos*, ao chamar a atenção para o aspecto regional da nossa dialectologia, attribuiu o modo de pronunciar *aleio*, *muler*, em lugar de *alceio* e *mulher*, á influencia tupi.

Plinio Ayrosa, na valiosa contribuição *Subsidios para o Estudo da Influencia do Tupi na Fonologia Portuguesa*, publicada ás pags. 679 a 696 dos *Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada*, S. Paulo, 1933, registra que "o grupo *lh* tambem inexistente no tupy vocaliza-se correntemente, em *i*", exemplificando com os vocabulos, *muié*, *mio*, *fio*, *mojú*, *espicio*, *oio*, *mió*, corruptelas de *mulhièr*, *milho*, *filho*, *molhar*, *espelho*, *olho* e *milho*.

Tal fenomeno é tambem africano. Penso que a frequencia dele no falar brasileiro deve ser devido á concomitancia das duas influencias, africana e tupi. O illustre investigador paulista tambem recorda no capitulo: "*Possíveis Alterações Foneticas e Prosodicas dos fonemas portuguezes sob a influencia do tupi*", que o *l* puro, não existindo, sah'in nas formas portuguezas em *ado*, *endo*, *indo*, etc., exemplificando com *falano*, *comprano*, *quano*, em lugar de *falando*, *comprando*, *quando*, etc.

Pode-se considerar tambem como existindo unia acção concomitante, porque é um fenomeno antigo da lingua, existe em varios paizes da America Latina, e já foi objecto de larga referencia ás pags. 16 e 17, feita por Carlos Gagine, no prefacio do seu *Diccionario de costarrriqueñismos*, 2.^a ed. San José de Costa Rica, 1919, é verdade que exemplificando com a terminação *ado*, lembrando, porém, que no Chile o exemplo "*se extiende a muchos otros casos*".

R. Lenz tambem estuda o assumpto á pag. 99 do seu tão conhecido *Diccionario Etimologico De Las Voces Chilenas Derivadas De Lenguas Indijenias Americanas*, porém, assignalando sómente a queda do *l* intervocal e o que ocorre entre nós, como lembra Plinio Ayrosa, é a queda do *l* precedido de *n*.

Afonso de Freitas escreve que a consoante *v* foi substituído a influencia uheengatú em *b*; citando por exemplo: *Caçapaba, Ubaia, Boçoroca*, transformadas em *Vogoroeca, Uvaia e Caçapava*. E diz que o nosso indígena não sabia modular a voz exprimindo uma interrogação, substituindo a entonação pela expressão *scrá*. Por isso é que até hoje se mantém no falar do povo do norte do Brasil esta construcção: *chove, scrá*; o que mais tarde, depois de assimilar ao vernaculo, se transportou para o inicio da locução; *será* que ainda chove? Construcção que tambem se encontra na linguagem paulista como se vê pela seguinte quadra que registra:

"O vento bato na porta
Chiquinha vá vê quem é,
Será que Maria Honoria
Venha vindo de Taubaté?"

Franklin C. da Silva, na *Revista do Centro Matogrossense de Letras*, no artigo *Subsidios para o Estudo do Dialectologia em Mato Grosso, Vicios de Linguagem*, publicado entre 1923 e 1924, occupa-se da modificação do *l* em *r*, que José Verissimo já attribuiu á influencia tupi e que Leite de Vasconcellos acredita ser um fenomeno mais geral, porquanto demonstrou que o proprio hespanhol na America soffreu alterações semelhantes. O que pode ser tambem interpretado como uma modificação, occasionada pela lingua dos indigenas americanos, sobre o portuguez e o hespanhol.

O facto é que o fenomeno é muito commum no Brasil. Estende-se de norte a sul; não é bem uma troca entre *l* e *r*; a modificação é mais profunda; dá a impressão de uma letra nova, como anteriormente já tratei; não se pode imitar. Existe tambem na Ilha de Marajó, como me referiu o Comandante Candido Albernaz.

Quando Franklin C. da Silva transcreve uma quadra paulista, involuntariamente assignala exemplos de modismos para muitos representando influencia tupi e ainda encontrados entre os caipiras, quando desejam significar ação continuada: "*sahiu chorá chorano, melá melano, que nem rapadura, que eu vivo pená penano*".

Além da queda do *d*, quando precedido do *n* que Plínio Ayrosa e outros supõem originada por influencia tupi, o mesmo factor talvez tenha aumentado a frequencia da siucopa do *d* intervocalico, fenomeno comum nesta e nas consoantes *l* e *n* em palavras que passaram do latim para o portuguez.

O indio, ao falar nossa lingua, pronuncia *camarara*, *sabaru*, *soraro* em lugar de *camarada*, *sabado*, *soldado*.

Amadeu Amaral occupou-se tambem da reduplicação no capitulo — *Morphologia — Formação de Vocabulos* do excellente *Dialecto Caipira* não aceitando a influencia tupi. Registra a queda de *d* em *quando*, *fazendo*, etc., não explicando a origem.

Helio de Freitas, em artigo *Influencia do Tupy No Linguajar Caboclo*, publicado em maio do anno passado no *Jornal do Comercio*, tem uma boa observação ao lembrar que no grupo *nd* cae esta ultima letra não occorrendo o mesmo com *nt*. O povo transforma *quando* em *quano*, porém pronuncia sem nenhuma alteração *quanto* de enunciação tão parecida.

No seu trabalho, Jacques Raymundo trata dos toponimos do Rio de Janeiro e arredores, de origem tupi, registrando numero superior a uma centena. Exclui da contagem alguns que considero evidentemente africanos como *Quilombo*, e outros como *Leripe*, nome pelo qual o indio conhecia o Morro da Vinva. Aliás, algumas expressões toponimicas tupis existentes no Districto Federal não se encontram registradas.

José de Alencar chamava de brasileirismo no gerundio em diminutivo *dormindinho*. Jacques Raymundo mostra, com um exemplo da *Grammatica Gallega*, de Sacco Arce, que era usado entre os gallegos em estado de pureza, de hibridade, e corrompidos. Continuo considerando brasileirismo, já que aqui ficou e Portugal não mais o usa.

Esso autor, quando se occupa do vocabulario de palavras tupis, demonstra que certas expressões como *agua grande*, *agua verde*, são tupismos porquanto representam traducção literal de phrases tupis, abonando com Gastão Cruis que na *Amazonia Mysterosa*, escreve: *agua redonda*.

Clovis Monteiro, em 1931, no excellente trabalho *Portuguez da Europa e Portuguez da America*, cap. IV, *Dos Ves-*

tigios do tupy no portuguez diz que Bias Mendes procurou sustentar a influencia do tupi em certas particularidades grammaticaes do falar brasileiro.

Em 1933, Plinio Ayrosa publica em São Paulo *Primeiras Noções de Tupi*, onde trata do assumpto, estudando numero superior a uma centena de palavras tupis, referindo-se a uma outra centena que já tivera occasião de se occupar, annunciando estar adiantado o seu trabalho *Termos de Origem tupi na linguagem popular do Brasil — Contribuição ao dictionario da lingua portugueza*.

Em 1934, Plinio Ayrosa divulga pela *Revista do Museu Paulista* T. XVIII — o *Diccionario Portuguez-Brasiliانو e Brasiliانو-Portuguez* de Frei Onofre e em 1935 — *O Caderno da Lingua — De Frei Arronches — Vocabulario Portuguez — Tupi*, manuscrito de 1739 e que o illustre autor acredita ser “uma copia resumida do *Diccionario Brasiliانو* de Frei Onofre”. A consulta destes trabalhos, e de outros congeneres que os precederam, evidencia o grande numero de vocabulos tupis que passaram, alterados ou não, para o nosso falar.

Nesse mesmo anno, 1934, Plinio Ayrosa prestou assignalado serviço á cultura nacional reimprimindo o *Diccionario Portuguez-Brasiliانو e Brasiliانو-Portuguez*, editado em 1795, e seguido da parte, até então inedita, por elle “ordenada e profaciada” de maneira notavel.

E demonstra que o dictionario, que era attribuido a Frei Velloso, já se achava escripto em 1751, quando este tinha apenas nove annos de idade. No excellentes prefacio, ficou evidenciado que Frei Prozeres Maranhão foi quem mandou publicar o trabalho referido, que é da autoria de Frei Onofre que viveu no Maranhão, e que foi “reproduzido por Martius, aproveitado por Gonçalves Dias, mal plagiado por muitos, letarpado nas offertas do Barão de Antonina e do Bispo do Pará, mutilado por Silva Guimarães e transcripto aos pedacinhos por não sabemos quantos mais”.

O que nos interessa, no entanto, é assinalar que no falar corrente dos indios do Maranhão, em época anterior a 1751, as palavras portuguezas já se haviam enxertado na linguagem do gentio maranhense. Digo maranhense porque desejo ad-

duzir um argumento a favor da these de Plinio Ayrosa, de que o referido *Diccionario* foi escripto no Maranhão e que é o seguinte: a palavra *côso* foi trazida pelos portuguezes e assim se conserva em todo o Recôncavo bahiano, e tambem no Maranhão. Frei Onofre, á pag. 291, do trabalho editado por Plinio Ayrosa, ao fazer a traducção de *urú* diz: "*côso, couo*", porque é assim que os eruditos grapham e pronunciam. No entanto, *côso* é a unica maneira usada pelo povo nos Estados referidos.

Já muito antes de 1751, varias palavras portuguezas encontraram-se incorporadas ao vocabulario tupi: *pana, papera, perero, reya, varaia, cabaru, camarara, subaru, saia, saca, soraru, xavi*, vocabulos que correspondem respectivamente ás palavras portuguezas *panno, papel, ferreiro, rei, balaios, cavallo, camarada, sabbado, saia, saeca, soldado, chave*.

Pela obra de Frei Onofre, verifica-se mais de uma vez o exemplo da troca do *u* em *a*, como occorreu em *urubá*. *Aramaçá* já era corrente alterando o *uramaçá* de Gabriel Soares e que talvez não passe de um erro do copista. Aquelle *cuiçá*, deste chronista, era uma transformação de *cayçára*, nome dado á cerea de vegetaes servindo de trincheira.

O *tycupy* e *typyoca* se transformaram em *tucupy*, *tucupim* e *tapioca*. Vê-se na palavra *juruty* a transformação do *u* em *i*, porque o nome commum hoje é *juryty*. Existe *jeruty*, tendo ainda fiado o nome original no vocabulo composto, registrado por Thering, *Juruty-panema* e tambem, em certas localidades de São Paulo, como se vê no "*Os Cuboclos*" de Waldoniro de Oliveira.

Provavelmente, em outros pontos do Brasil, a prosodia primitiva do indigena deve ainda continuar e isto affirma porque, certa vez, na Barra do Icapara, no extremo da Ilha Comprida, no municipio de Iguaçu, E. de São Paulo, pude registrar o termo *boirá*, num grupo de geas que ali viviam isolados e que assim denominavam a cobra *Pseudoboa elaeis* (Daudin, 1803), mais conhecida por *mussurana* e que o gentio tambem denominava de *mboyrá*.

Através do diccionario, se verifica que o portuguez se misturava com o proprio tupi falado pelos índios, como se

vê na frase *mobyr hora* que significava — *que horas são?*

Um dos vocabulos que mais se alteraram foi o conhecido *Niteroi* que Frei Onofre escreveu *Nheteroia*. Baptista Caetano em 1877 publicou a proposito de Niteroi, no vol. II, dos *An. Bibl. Nacional*, erudito artigo, intitulado por Valle Cabral, *Etymologias Brasilicas*, onde estuda a origem daquelle vocabulo e da palavra *carioca*.

O vocabulo foi grafado de diferentes modos e traduzido de varias maneiras: *Nitherohy*, *Nitherôhy*, *Nhyterôy*, *Nicteroy*, *Nitherohi*, isto de 1817 a 1877. Ha ainda outras graphias como a de Haus Staden que escreveu *Iterocanne* e *Ierrone*. A traducção tambem variou; Avres de Casal traduzio o topônimo como *agua escondida*. Pizarro achou o significado de *mar morto*, Varnhagen definiu como significando *agua fria*.

Baptista Caetano demonstra que o vocabulo significa *agua escondida*. Th. Sampaio registra, *ap.* Simão de Vasconcellos, a graphia *Nithero* e acha que o significado é *bahia segura*.

Tomei este exemplo tão somente para mostrar as incertezas relativas ao tupi-guarani a proposito de palavra tão conhecida. Naturalmente que, em caso de duvida, se deve ficar com Baptista Caetano de Almeida, cujo dominio da materia é de impressionar e tenho para mim que ninguem o excedeu no conhecimento do assumpto.

A traducção que existe no sul, para determinado peixe conhecido no Rio de Janeiro pelo nome de *enzada*, *Ephippus faber*, está no vocabulario como *parú*, unico nome pelo qual é conhecido em todo o Recôncavo bahiano.

Capim, Frei Onofre escrevia *capim*. O mesmo occorreu com *cupim*, cuja pronuncia em S. Paulo muita gente ainda hoje pronuncia *copi*, como escrevia Gabriel Soares.

A *tapera* era *táperera* para Frei Onofre. O vocabulo *tapirú*, para designar vareja, deu origem a mais dois que já registrei em varios pontos do paiz, *tapirú* e *tapurú*.

E' corrente no norte do Brasil a expressão *andar ao atá*; é uma redundancia como *supo cururú*, por que *guatá* e *outá* significam *navegar*, *pussicar*, *vellejar*, *vaguear*. *Andar ao atá*, como é corrente em todo o Recôncavo bahiano, para designar

quando os caranguejos e guiamus saem das tocas levados por uma condição biologica, significa justamente vaguear.

João Ribeiro tem, sobre o assunto, interessantes paginas na *A Língua Nacional* em capitulo intitulado *andar ao até*, demonstrando que tal modismo já se encontra presente nos *Dialogos das grandezas do Brasil*. Aliás, no seu *Dicionario gramatical*, em 1889, já tratava da questão.

Sempre foi posto em duvida que a expressão *catinga* e o verbo *catingar*, na accepção de cheirar desagradavelmente, fosse expressão tupy. Muitos pensam ser de origem africana; no entanto, á pag. 297, Frei Onofre tem a seguinte expressão tupy: *recating* que elle traduz para "ser catinguento". *Catino* já ahí figura.

A nossa vida politica interior e exterior se processa através da séde do governo nos palaeios *Catete*, *Guanabara* e *Itamaraty*, puras designações indigeras.

O primeiro vocabulo talvez não seja tupi; mas africano. Martius julga o toponimo tupi e assim o define: "*Catete* (Rio de Janeiro, Suburbio) — *Caá-t-elé, sylvá primaeva, genuina, acstu aphylla.*" Th. Sampaio vê no vocabulo uma corruptela de "*tateté* ou *taytetu*, o dente aguçado", o que originou "*Caiteté* e *Catéto*". Jacques Raimundo, na these *Influencia do Tupy no Portuquez*, occupa-se do toponimo e adopta a definição de Martius.

Lendo, recentemente, um artigo na *Africa Medica*, intitulado *A luta contra a doença do somno em Angola*, de autoria de Veiga Pires e publicado em Dezembro de 1937, An III, numeros 11-12, daquela revista, mais uma vez pude comprobar como se accentuam as differenças entre o portuquez falado no Brasil e o do velho paiz. Em numero de Agosto daquela publicação, lê-se "a febre amarella *selvatica*" "a forma *selvatica*", as vastas regiões "*selvaticas*" casos em que o brasileiro empregaria a expressão *sylvestre*.

Pois foi na *Africa Medica*, no artigo referido, que encontrei o vocabulo *Catete* como um toponimo de Angola: "O Ferreirinha tão bom, tão simples que em *Catete* se tornara verde", cf. pag. 180 — "Quem sobe a linha ferrea de *Catete*

ou do Zenza do Itombe até Dalatando”, cf. pag. 177. Mudei a opinião que tinha sobre a origem indigena de Catete; lembrei-me que na Bahia o *azeite de dendê*, introduzido pelos africanos com a palmeira, *Elaeis guineensis*, originou alguns vocabulos dessa procedencia: *dendê* nome do fruto do *dendeciro*; *bambá*, residuo ou borra do azeite; *aguchó* — isca para fogões, preparada com a fibra do *dendê* e finalmente *calctê*, nome que tem a espuma que apparece na confecção do azeite e que é levada ao fogo para concentrar, e achei que *calctê* é muito parecido com *catete*.

Nesse campo os embarços e duvidas surgem a cada passo. O melhor das nossas autoridades em philologia encontra-se absorvido pelo estudo do falar de Portugal, desprezando um campo immenso de investigações, qual a linguagem falada por mais de 40 milhões de pessoas, vivendo em um dos maiores paizes do mundo e pouco interessadas com o importante phenomeno linguistico que aqui está se elaborando.

A pag. 173, do seu trabalho, Affonso de Freitas estuda o vocabulo *bugre* que diz proceder do francez *bougre*, que era uma grande injuria com que Villegaignon, em 1555, mimoseava os tupinambás que o auxiliavam. Estuda a etymologia de *bugre* e diz que E. Littré, em 1885, dava como origem etymologica a alteração do vocabulo *bulgaro*, habitante da Bulgaria.

O autor pretende, sem razão, que o vocabulo é desnecessario na lingua, pois existe o synonymo *selvicola*. Quem lê as *Memorias de um sargento de Milicias* comprova a presença do vocabulo *bugre*, designando um *cacho de cabellos* que as mulheres faziam naquella época, evidente alteração de *boucle*, francez, pela intercorrença de palavra conhecida do vulgo, como *bugre*.

Ocorre-me lembrar um facto, que me foi narrado por um preto que rondava, á noite, o acampamento de engenheiros e medicos que trabalhavam no Remanso do Baenri, por occasião da construcção da E. F. Noroeste do Brasil.

O referido vigia que tomou parte na expedição punitiva, contra os indios caingangues, que tinham assassinado todos os

operarios de uma turma de trabalhadores que tiravam dormentes na matta, assegurava que aquelles indios, que se mantinham em pleno estado selvagem, quando assaltavam os acampamentos chamavam a gente civilizada de *bugres*, palavra que estavam habituados a ouvir, como insulto, dos homens que invadiam suas terras e com elles entravam em choque. A observação, a ser verdadeira, como acredito, mostra a rapidez da propagação dos vocabulos. Contudo não se deve esquecer que a injuria trazida pelos francezes, mesmo antes de Villegaignon pode, de *proche en proche*, ter attingido aos mais afastados rincões.

Varnhagen achou para o vocabulo uma fantastica etymologia tupi. Foi Saint Hilaire que descobriu que o vocabulo brasileiro *bugre* é de origem franceza. Macedo Soares, no *Diccionario Brasileiro*, estuda muito bem a origem da palavra.

Gonçalves Vianna, nas *Palestras Philologicas*, á pag. 45, declara: "a influencia que o tupy exerceu no portuguez é indubitavel, e predominou durante largo tempo, como o estão attestando as innumerables designações topographicas, as centenas de vocabulos tupy que penetraram no portuguez do Brasil. E' porém inegavel que não só no lexico como nas pronuncias que o portuguez adquiriu lá (refere-se ao Brasil), *mas ainda em varios phenomenos syntacticos que por outro modo difficilmente se explicariam*". Gonçalves Vianna poderia, sem erro, em lugar de "*centenas de vocabulos*" escrever *milheiros*.

Ao consignar que o idioma tupi "foi a lingua geral do Brasil nos dois seculos posteriores á conquista", conta que a expressão — *chorar pitanga* — passou do Brasil para Portugal, na bocca dos repatriados.

O estudo da linguagem que se fala no Brasil é tão descurado em Portugal, que dá origem no paiz irmão a erros crassos. Theophilo Braga, no prefacio que escreveu em 1901 para *A Gyriz Portuguesa* de Alberto Bessa, diz á pag. XVI, que o vocabulo *caipira* "vem do hebreu *Kipur*, formula de expiação."

Candido de Figueiredo assim pontifica sobre uma ave e assumpto que nunca viu ou soube, e referente a um dos passaros mais interessantes do Brasil, que tem sido largo objecto de estudo e de inspiração para themas folkloricos e poeticos, o *tangará*: "Tangará, m. Passaro dentirostro do Brasil, (tanagra, Liu.). Os diccion. dizem incorrectamente, *tangara* (Cp. cast. *tangara*").

Já D'Abbéville o registra, pois o nome servia até para baptizar, em 1612, um chefe indigena no Maranhão. O diccionario inglez de Webster indica a origem tupi de *tangará*. Em 1884 o nome figurava em trabalho estrangeiro na *Zoologia do Claus* cf. p. 1422.

Quando C. de Figueiredo define *tapuia* numa das accepções assina se exprime: "*Tapuia* T. do Fundão. Homem rustico, labrego", nem de longe lhe ocorre a origem tupi do vocabulo.

Rodolpho Garcia chamou-me a attenção para o facto de Mendes Pinto ter usado o vocabulo *tapuia*. Citei, quando tratei da palavra *anta*, a rapidez da sua propagação entre nós, a ponto de em 1519 já substituir o vocabulo *tapir*. O mesmo aconteceu com a expressão *mangue*, palavra malaia trazida pelos portuguezes e que fez desaparecer o vocabulo *apereiba* nome indigena do vegetal. Gandavo e Gabriel Soares somente usavam *mangue*, embora o ultimo conhecesse o nome indigena, pois o cita.

Em certos logares o nome indigena ainda perdura em forma pleonastica, como observou em localidades do Recôncavo bahiano, Fernando da Silveira, que colligiu o vocabulo *mangue-pareiba*, segundo informação que me transmitiu.

Na Ilha dos Frades existe um local denominado *Mangue*: prosodia que supponho ser de origem africana. O local se caracteriza pelos grandes mangues que tem. E' muito possivel que o vocabulo *tapuia*, usado por Mendes Pinto, tivesse chegado ao conhecimento deste autor pelos navegantes que desde cedo nos trouxeram a palavra *mangue*.

Desde menino que ouvia no meu Estado natal a palavra *catana* e a locução *meter a catana*. Só muito tarde é que soube

ser vocabulo japonéz e significar espada. Foi trazido pelo trafego maritimo que os portuguezes mantinham entre nós e o Oriente. O vocabulo, tão commum entre nós e aqui vivendo desde os tempos coloniaes, só entrou para os lexicos portuguezes em 1913, quando C. de Figueiredo o registrou, embora Bluteau já o houvesse assinalado.

C. Figueiredo, na edição de 1913, no *Novo Dicionario*, refere-se á *tapera* e salienta que os lexicos mandam pronunciar *tapéra* "mas Vieira, falando a brasileiros, dizia *tápera*". O accento deve correr, naturalmente, por conta do editor de Vieira.

Ribeiro de Vasconcellos, á pag. 123 de sua *Grammatica Portuguesa*, procura ensinar-nos a pronuncia de *tatu*, ao affirmar que as palavras terminadas em *u* são masculinas. grapha desta maneira: *tátu* que do Amazonas ao Arroio Chuy escrevemos e pronunciamos *tatu* ou *tatú*.

Candido de Figueiredo não hesita, á distancia, criticar os brasileirismos que lhe chegam ao conhecimento, decidindo, como oráculo, quaes os que devem ser considerados errados ou certos. Lembro-me da correção que, do seu gabinete, fez ao lançar a sentença de que *tapcrá* e *tapéra* são uma coisa unica, não passando de erro typographico. *Taperá* é o nome de um representante da familia *Hirundinidae*, a *Progne tapera* de Linneu, e que o povo em alguns logares denomina tambem de *andorinha do campo*, *majór* e *uiriri*.

Tapéra todos nós sabemos o que é. C. de Figueiredo depois procura ensinar-nos que devemos pronunciar *mucunú*. De facto, devia ser essa a pronuncia do indio, mas hoje em todo o Brasil, entre o povo, somente se ouve *mucuna* e *mucunan*.

O lexicographo luso prefere que *scricma* fosse alterada para *sirema*, aliás dando aquella espantosa definição "ave pernaltá do Brasil, notavel pela guerra que move a todos os animaes", o que foi commentado por T'aunny.

O facto de Candido de Figueiredo julgar-se com autoridade para decidir de coisas do idioma tupi, e da sua pronuncia, lá do seu gabinete, em Portugal, foi que me animou a julgar-me com algum direito de fazer considerações relativas á

língua dos primitivos habitantes do Brasil e que, com tão grande contingente, entrou na composição e formação do nosso falar

O dicionarista luso tem ainda duas espantosas definições sobre vocabulos tupis, para as quaes chamou a atenção Navarro de Andrade. Uma, quando define "*capocira* — termo brasileiro, matto que se roça ou é destinado a roçar-se" "*Cajú* — termo brasileiro — genero de insectos da região do Purús".

Varios vocabulos tupis entraram, em Portugal; não houve ainda a necessaria investigação sobre a materia. Vou citar um exemplo: no *Relatorio Final da Missão da Doença do Sono da Ilha do Principe*, trabalho de grande valor scientifico, os seus autores, Drs. Bento da Costa, F. Santanna, I. C. dos Santos, e Araujo Alvares, publicaram em Lisboa, em Março de 1915, no vol. V. dos *Archivos de Hygiene e Pathologia Exoticas*, os brilhantes resultados da prophylaxia da doença do sono na Ilha do Principe.

São correntes, naquelle trabalho, expressões lididamente tupis que lá tinham chegado, em consequencia do trafico outrora estabelecido entre Portugal, suas colonias e o Brasil. Encontram-se no trabalho os vocabulos *surucucu*, *capociras*, *capim*, *capina*, *capinar*.

Ao se occupar C. de Figueiredo, em 1913, do vocabulo *Caramurú*, assim escreve: "*Caramurú*, m. Bras. ant. Europeu. Bras. mod. Especie de Peixe. (Do Tupy)"

O brasileirismo moderno a que se refere o lexicographo luso, já tinha sido escripto em 1587, por Gabriel Soares, no Cap. CXXXII e a definição de "*Caramurú*", como europeu, nunca vi registrada.

Escreve o chronista portuguez: "Chamam os indios ás moreas caramurú, das quaes ha muitas, mui grandes e mui pintadas como as da Hespanha". Tal coisa foi publicada em 1825 pela *Academia de Sciencias de Lisboa* e a isto Candido de Figueiredo chama de brasileirismo moderno.

Palavra já registrada no *Vocabulario Brasileiro* de Costa Rubim, publicado em 1853 que além de assignalar que o termo é a denominação de conhecido peixe, ainda define: "Nome

gado á parcialidade que se conservou afeiçoada ao ex-imperador o Sr. Dr. Pedro I". Appellido do partido conservador, que combatia o *Chimango*, nome do partido liberal que propugnava a maioridade de D. Pedro II, decretada em 1840, e que venceu a "*caramunada reles*" como, em epistola, se exprimiu Diogo Feijó ap. Eugenio Egas.

Interessante é o ar de sufficiencia dos lexicographos luses, quando pontificam sobre coisas nossas que iguoram, e cujo desconhecimento cultivam. Para muitos, continuamos coagulados. Não crescemos, não progredimos, a evolução cessou; sobretudo em materia de lingua, temos que depender da decisão de alguns philologos e do *visão* da gente de Lisboa. *O Sancta Simplicitas!*

Gregorio de Mattos tem dois sonetos satyricos que já reproduzi, referentes aos *Caramurús* da Bahia, isto é, a gente afidalgada que se blazonava descendente de Diogo Alvares, cognominado o Caramurú.

O portador deste nome foi um dos typos mais curiosos e mysteriosos da nossa historia. Exercea papel importante tambem na elaboração da lingua nacional, lusitanizando os vocabulos tupis que foram logo assimilados pelas autoridades e os jesuitas portuguezes que chegavam com Thomé de Souza.

Já a isto me referi, quando lembrei que os fundadores da Cidade do Salvador empregavam correntemente os vocabulos *cipó*, *embira*, *mandioca*, *moqueado*, *panicu*, expressões essas já preparadas por Caramurú e sua gente, sobretudo pelo primeiro que foi sempre considerado pelos jesuitas, como se vê em Nóbrega, *um grande lingua*.

E á sua influencia se deve a existencia, na Bahia, do vocabulo *Caramurú*, que designa varias especies de peixes nativos da familia *Muraenidae* e que foi substituida pela expressão portugueza *morea*, em todo o paiz, desde cedo, pois o vocabulo indigena já não apparece nos *Dialogos das Grandezas*, porém a expressão lusa.

Para mim, tal facto não tem outra explicação. Diogo Alvares, o Caramurú, appellido que se encontra presente até hoje, honominando familias, deve ter chegado á Bahia em 1510,

porque em documento até agora não aproveitado, sobre o assumpto. e que me foi mostrado pelo eminente historiador Rodolpho Garcia, encontra-se o seguinte, que não resisto á tentação de divulgar, no trabalho intitulado: "*Coleccion De Los Viajes y Descubrimientos que Hicieron Por Mar Los Españoles Desde Fines Del Siglo XV — Coordinada E ilustrada Por D. Martin Fernandez De Navarrete — Tomo V — Madrid, 1834 — Diz á pag. 171:*

"El dia 1 de Julio entró la nao (o autor refere-se á nao S. Gabriel sob o commando de D. Rodrigo de Acuña que chegou á Bahía de Todos os Santos naquella data) — en dicha bahia, y estando cargando Brasil, del que tenia abordo quatro bateladas, los indios mataron en tierra siete hombres de los que estaban cortando de ese palo: el capitan envió al maestre y á dos grumetes á saber alguna noticia de ellos; pero saltando los grumetes en tierra, tambien los mataron. Salió luego la nao de la bahia; halló á su boca un cristiano que decia haber 15 años que se habia perdido allí con una nao". Nota 2 — En el Archivo General de Indios de Sevilla, entre los papeles traídos del de Simancas, legajo 3º de los rotulados, de relaciones y descripciones, existe una relacion original, muy mal tratada, que presentó á S. M. el capitan general Diego Garcia de las derrotas y navegacion que hizo en el segundo viage al Río de La Plata, desde su salida del puerto de la Coruna, el dia 15 de Enero de 1526; cuya relacion expresa que habia hecho otro viage al mismo Río 15 años antes, y que se le habia perdido una carabela; de donde se infiere que el cristiano que halló D. Rodrigo de Acuña á la boca de la bahia de Todos los Santos, en 1526, y que habia 15 años se habia perdido allí con una nao, era probablemente individuo del primer viage de Diego Garcia".

No livro encontrei a seguinte nota de Rodolpho Garcia:

"Deve ter sido Diogo Alvares o Caramurú. Navarrete á pag. 231, repete, resumindo, esta informação".

O que concorda com as informações que a respeito de tão curioso personagem me transmittiu o saudoso Theodoro Sampaio que, em palestra, me informou julgar que Caramurú

deve ter trabalhado para os francezes no commercio do pau Brasil, lá para as bandas do actual Rio Vermelho, na Bahia, chegando a acreditar que o vocabulo *Mariguíta*, nome de um ribeirão e localidade ali existentes, fosse uma allusão á presença dos francezes, atravez do vocabulo *Mairy* e aquelle vocabulo parece indicar reunião ou multidão de francezes, segundo opinava o pranteado brasileiro.

Da influencia do tupi no falar brasileiro — Varias autoridades e dois grandes nomes: Martius e Baptista Caetano

Na *Casa Grande & Senzala*, Gilberto Freire, entre outras paginas admiraveis, estuda a *Formação da Família brasileira sob regime da economia patriarcal* e, no capitulo *O indigena na formação da familia brasileira*, occupa-se das paginas 172-180, do papel do *columin* na formação do idioma nacional:

“Foi a lingua, essa que se formou da collaboração do *columin* com o padre, das primeiras relações sociaes e de commercio entre as duas raças podendo-se affirmar do povo invasor que adoptou para o gasto ou o uso corrente, a fala do povo conquistado, reservando a sua para uso restricto e official. Quando mais tarde o idioma portuguez -- sempre official -- predominou sobre o tupy, tornando-se, ao lado deste, lingua popular, já o colonizador estava impregnado de agreste influencia indigena: já o seu portuguez perdera o ranço ou a dureza do reinol; amollecera-se num portuguez sem *rr* nem *ss*; infantilizara-se, quasi, em fala de menino, sob a influencia de ensino jesuitico de collaboração com os *columins*”.

Lembra então o Padre Simão de Vasconcellos, na biographia que fez de Anchieta, que “...no mesmo tempo era Mestre e era discipulo” e os *columins* “lhe serviam de discipulos & Mestres”; recordando que o Padre “... na mesma classe falando latim alcançou da fala dos que o ouviam a mór parte da lingua do Brasil”.

O Visconde de Porto Seguro conta no vol. I (4.^a edição), p. 267, da 3.^a edição integral da sua *Historia Geral do Brasil* — revista por Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, o seguinte: “Não ha ainda muitos annos que todos ouviam aos pretos e pretas (africanos), que vendiam agua pelas ruas da Capital, o apregoal-a, gritando, com aspiração, *Heh! Pois bom*, esse monosyllabo era herança dos antigos escravos de ganho,

índios, que com tal exclamação, não ainda adulterada, apregoavam em sua lingua: *agua!*”.

Ainda alcançei este pregão na Bahia e em 1912 ouvi-o pela última vez. O aguadeiro bahiano apregoava — *ihé agua!*. Pleonasmico como se vê em *Salto do Itú*. A aspiração do *h*, assignalada por Varnhagen, já não se fazia sentir, porém, soava aos meus ouvidos *Ihê agua*, alteração do guttural e aspirado *ig* dos indígenas.

Alcantara Machado, em 1936, na *Revista do Arquivo Municipal* de São Paulo, divulga um inédito do Brigadeiro Machado de Oliveira, seu antepassado, sob o título *Brasileirismos*, interessante contribuição sobre o assumpto e que se encontra ás pag. 119-130.

Ha uma nota sobre este ponto, quando o autor se refere ao verbete *ig*, elle desdobra em *ky*, *y*, *ug*, para designar agua, dizendo: “No Rio de Janeiro, os pretos velhos que vendiam agua, annunciavam-n’a por voz guttural: *Yg!*”

E’ corrente em todo o Brasil os augmentativos e diminutivos procedentes da lingua tupi e communmente usados pelos brasileiros como occorrem, para os primeiros, com as formas *assú*, *guassú*; para os segundos com a posposição do *y*, *im*, ou *mirim*.

A pagina 130 das *Palestras Philologicas*, Lisboa, 1931, a proposito da collocação dos pronomes pessoais, complementos atonos de verbos, Gonçalves Vianna diz que, em Portugal, ninguem, do mais boçal analphabeto ao mais primoroso escriptor, constroec phrases das que se ouvem de certa maneira no Brasil. E interroga: “Subsistem esses eronismos no Brasil? Offerecem probabilidades de se estabelecerem definitivamente? Não é tempo ainda por enquanto de responder decisivamente a essas interrogações”.

Estou convencido que a designação de lingua brasileira não representa uma expressão nativista, seria injusta seuêo pouco intelligente. E’ uma affirmação de um ponto de vista, porque, mesmo no passado, homens de grande valor como Varnhagen, na época em que se erion o caboclicismo ou indianismo, e muitos brasileiros alteraram o nome, dando-lhe designação

tupi, Varnhagen, que protestou contra tal corrente nativista, lastimou que se tivesse eliminado dos programmaes o ensino da lingua tupi, sustentando na sua *Historia Geral do Brasil*, vol. I, pagina 244, 1854, que "*para a litteratura brasileira, a antiga lingua da terra é de muito mais importancia do que o estudo do grego ou de outras linguas subias*".

Um escriptor brasileiro, Lima Barreto, caricaturou magnificamente um desses typos que pretendiam exigir das repartições publicas que os officios fossem redigidos em tupi. Não se trata, portanto, de nada disto.

Heuve um mestre de excepcional valor, Baptista Cnetano, que em 1880 publicou, no volume VII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, seu monumental trabalho.

Tedoro Sampaio, Barbosa Rodrigues, Rodolpho Garcia e tantos outros procuraram honrar as tradições do mestre e o assumpto foi estudado em trabalhos de variavel valor por muitos investigadores, é bem verdade; porém, mesmo neste sector, sentem-se as deficiencias de um meio onde a cultura, em geral, se faz autodidacticamente e, por isso, vocabulos procedentes da lingua tupi, de uso corrente em toda extensão do paiz, continuam com significação ignorada, como se poderá ver, citando um exemplo, pelo trabalho de Wenceslau de Almeida, publicado em 1931, ás pags. 499-514, no tomo XVII, 1ª parte, da *Revista do Museu Paulista*, sob o titulo: *O Vocabulo "Parakyba"*.

A lingua tupi nunca foi objecto de estudos rigorosos no Brasil; a não ser por parte de alguns espiritos de eleição.

Quando dirigi o Museu Nacional do Rio de Janeiro, tive idea de fazer uma reforma contractando a'guem que soubesse bastante da materia, vindo-me á mente algum paraguayo illustre, como um dos irmãos Bertoni, embora a lingua que o povo paraguayo fule seja o guarani.

Não sei se a minha idéa era bem acolhida por todos.

Tive, porém, grande satisfação quando vi São Paulo criar na sua Universidade e entregar á competencia de Plínio Ayrosa uma cadeira para taes estudos.

É a prova de que espiritos dos mais capazes sempre se

desinteressaram da materia, basta lembrar que o eminente João Ribeiro, na 22ª ed. da *Grammatica Portugueza*, publicada em 1933, á pag. 411, comette o erro de afirmar que *colomin* é palavra asiatica, quando é seguramente tupi. A letra *l* foi introduzida por influencias outras, portuguezas ou africanas, como occorreu em Alambary e Itacolomy.

O estudo da lingua tupi entra em phase nova e se temos que deplorar a morte de um grande conhecedor e divulgador, Theodoro Sampaio, vemos apparecer no scenario Pluio Ayrosa, lente da materia na Universidade de São Paulo, realizando 93 annos depois, como declara, a aspiração de Vrnghagen quando propoz ao Governo Imperial a criação da cadeira de lingua tupi.

Um dos estrangeiros que mais se interessaram pelo Brasil, Martius, reuniu sob o titulo *Glossaria Linguarum Brasiliensium*, trabalho dado á publicidade em Erlaugen, 1863, os *Glossarios De Diversas Lingoas e Dialectos, Que Fallão os Indios No Imperio do Brasil*.

A importante contribuição fórma o II volume dos *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens*.

Martius escreveu dois prefacios, um em allemão, em Janeiro de 1863 e outro em portuguez, em Dezembro de 1862, e neste traz como titulo: "*Advertencia aos philantropos Brasileiros Que Lerem Este Livro*"; mais uma vez o grande sabio demonstra seu profundo amor ao Brasil, ao qual consagrou toda sua luminosa existencia.

Em 1922 escrevi, para o numero do *Estado de São Paulo* consagrado á commemoração da Independencia, o *Esboço Historico Sobre a Botanica e Zoologia no Brasil — De Gabriel Soares de Souza, 1587 a 7 de Setembro de 1922*.

Do chronista tenho me occupado largamente nos commentarios sobre o tupi; do naturalista vou recordar o que disse, quando ha mais de 16 annos escrevi: "Foi no cortejo nupcial de uma princeza, fazendo parte da comitiva que em 1817 acompanhava D. Leopoldina, que aqui chegaram Martius e Spix, o botanico e o zoologo que mais se devotaram ao Brasil. Martius era medico; aportou á nossa patria em 15 de Julho.

percorreu quasi toda a nação em 3 annos, realizando um trabalho verdadeiramente assombroso. Colleccionou numero superior a trezentos mil exemplares no percurso que em companhia de Spix effectuou, descrevendo luminoso cruzeiro ao percorrer o Brasil, 4 mil kilometros de Norte a Sul, 6.500 de Leste a Oeste”.

Martius recorda, no notavel prezacio, a maneira pela qual elle colhera, havia quasi meio seculo, grande parte do vocabulario que directamente ouvira do indio. *“A colleção de glossarios aqui offerrecidos, em grande parte consiste de palavras, que eu e o meu defuncto companheiro de viagem, o Doutor Spix, notamos por escripto da bocca dos Indios”.*

E’ isto justamente que dá singular autoridade á opinião de Martius quanto ao tupi, embora o trabalho contenha erros e equivocos já assignalados pelos competentes. Os vocabularios relativos ás plantas e animaes, eomquanto baseados em boa parte no registro feito por Gabriel Soares de Souza, Piso e Maregrave dos nomes dados pelos indios nos representantes da nossa flora e fauna, eram annotados por dois dos mais conspicios naturalistas que nos visitaram, um botanico e outro zoologo.

Martius durante 3 annos viajou no Brasil, sempre em contacto com os indios e durante muito tempo somente entre elles viveu. *“Estes (refere-se aos indios) formavam a equipagem da minha canoa, onde muitas vezes era eu o unico branco, e a cada passo do dia e de noite pude fazer delles objecto de observações, cujo interesse scientifico augmentava-se pela sympathia que o homem deve ao homem”.*

Recorda a difficuldade de alguém se integrar no genio da lingua tupi, quando escreve: *“Estes glossarios não offerrecem o conhecimento subtil e satisfactorio do character grammatical das linguagens, mas sim somente um aspecto superficial dos primeiros elementos, que as compoem. Quem conhece por propria experiencia as difficuldades de apunhar expressões isoladas da bocca do Indio e de descrevel-as sem equivoco por escripto com as letras do alphabeto europen, deve persuadir-se que nada mais o viajante póde effectuar, o que careceria de*

uma residencia de muitos mezes, mesmo de annos entre os Indios para obter uma intelligencia grammatical das linguagens indianas e penetrar no genio dellas”.

Lembra a difficuldade de ter material em mão para conhecimento do tupi, dizendo que o *Diccionario Portuguez e Brasileiro* (sic) publicado em 1795 estava esgotado havia annos, o *Diccionario da Lingua Tupy*, de Gonçalves Dias e a *Chrestomathia da Lingua Brasilica*, de Ferreira França, foram publicados alguns annos após Martius ter iniciado a impressão da sua obra.

O notavel scientista confessa, no entanto, que além do registro directo que fez, consultou manuscriptos e trabalhos. Conhecia, não ha duvida, o vocabulario de Frei Onofre como chama Plinio Ayrosa o *Diccionario Portuguez-Brasiliano*; acho, porém, que o competente Plinio Ayrosa não foi inteiramente justo quando escreveu: “reproduzido por Martius”.

As expressões consagradas ás toponimias, e denominações tupis de plantas e animaes têm maior desenvolvimento em Martius do que no *Diccionario* de Frei Onofre.

O grande naturalista assim denominou os vocabularios que se occupam de tacs cousas: — *Nomina Plantarum In Lingua Tupy* — Publicado em 1858, no *Boletim da Real Academia de Baviera*, e incluído nos *Glossaria*, pp. 371-427. A parte consagrada á fauna intitula-se *Nomina Animalium In Lingua Tupy, adjecta synonymia e multis linguis praesertim Brasiliae*, foi objecto de uma sessão daquella Academia em 1860, e se estende das pp. 428-486 dos *Glossarios*, os quaes incluem, das pp. 487-544, a parte *Nomina Aliquot Locorum in Lingua Tupy*, trabalho que preceden de 39 annos ao *Tupy na Geographia Nacional*, de Th. Sampaio, e que contem 1252 verbetes com outras tantas toponimias, a maior parte com a traducção. Dessa contribuição diz Th. Sampaio: “O trabalho, porém, de maior mouta que até aqui se ha publicado sobre este objecto é ineontestavelmente o do Dr. Carlos von Martius, trabalho publicado em annexo nos *Glossaria Linguarum Brasiliensium*.”

Quem primeiro se occupou de traduzir as toponimias indigenas foi Lacerda e Almeida, que nos fins do seculo 18 es-

creveu o *Diario Da Viagem do Dr. Francisco José de Lacerda E Almeida Pelas Capitánias Do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá, E S. Paulo, Nos Annos de 1780 A 1790*, publicado em S. Paulo em 1841.

O autor nas notas do *Diario* de 1788 em diante, e á medida que vae viajando, traduz os toponimos começando por *Taquary-mirim* e mais 37 denominações inclusive *Araraquara*, da qual se occupa á pag. 58, dizendo que ouviu de uma senhora velha de *Aratigunba*, de bom juizo, e instruida na lingua dos indios, que certificou que na sua mocidade se chamava *Araquara*, e não *Araraquara*, como hoje". Acrescenta que na primeira hypothese "quer dizer buraco do dia". "E se o nome é de hoje, quer dizer buraco de arara".

Á mesma pagina dá o significado de *Banharão*, assim: "*Banharon* ou *Baenharon* — *Bue* e *cousa*; *nkayon*, brava". Th. Sampaio, que não se refere a *Lacerda* e *Almeida*, traduz o vocabulo como "o alegre, o risonho, o aprazível", informando que no tupi do norte significa "o bravo, o furioso", unica accepção assignalada por *Lacerda* e *Almeida*, incontestavel pioneiro de estudos sobre a influencia do tupi na geographia nacional. Sobre este toponimo e baseado sobretudo naquella informação da velha moradora de *Aratigunba*, Pio Lourenço Corrêa, sob o pseudonimo de *Mota Coqueiro*, publicou em 1937 a segunda edição da sua *Monografia da palavra — Araraquara*.

Sete annos depois de apresentado os *Nomina locorum* de *Martius*, a *Rev. Inst. Historico*, T. VIII, p. 69-81, publica a *Collecção De Etymologias Brasílicas*, de *Frei Francisco dos Prazeres Maranhão*.

O trabalho foi escripto em *Alijó, Portugal*, em 8 de Maio de 1845, e nelle se lê: "*No Pará ainda innumeraveis pessoas sabem falar a lingua geral ou Tupinambá*". O estudo resentese de ter sido escripto muito tempo depois de *Frei Prazeres* ter sahido do Brasil como aliás reconhece quando escreve: "E' verdade que já são passados 23 annos desde que sahi do Brasil; a minha memoria está quasi caçada". A contribuição trata de 192 toponimos de que dá o significado em portuguez.

São estes os principaes trabalhos sobre a toponymia indígena, embora se encontrem numerosas contribuições sobre a materia principalmente em artigos até de imprensa diaria.

Se o trabalho de Martius é da maior utilidade, comtudo não deixou de originar erros que os seus continuadores não corrigiram. Assim a significação da palavra *giboia*, como cobra devoradora de gias, que Theodoro Sampaio e Baptista de Castro registram, é uma repetição do que diz Martius: *Giboya — ranaria serpens*.

Martius foi quem mostrou que *arayonga* é alteração de *guirapungá*. Registra *piraty*, que manda consultar *paraty* e *grapha* de uma vez *seriz*, o que justifica o plural *sirizes* de Gabriel Soares. Decompõe *tamandua* de maneira extranha, senão absurda, de *taizi*, formiga e *mondê* apanhar, o que é forte demais. Tem alguns erros communs nos allemães de troca de *b* por *p*, de *p* por *g*, etc. Duas vezes, porém, está traduzido o vocabulo *una* para *bezerro* em lugar de *bezonro*, evidente erro do compositor. Mostra que o nome *vira* que hoje baptisa o *Melothrus bonariensis* procede de *guira*.

O que impressiona da leitura dos glossarios relativos á flora e fauna é que quasi tudo que Martius inventariou continua no falar da nossa gente, puro ou alterado. É o vocabulario que se poderia adduzir é enorme, e o numero de palavras derivadas das expressões tupis, ou que se hibridaram com o portuguez, é tambem extraordinario.

Houve varias phases no Brasil em relação ao estudo da lingua tupi. Pedro II prestigiou a idéa por todos os meios; o ambiente nacional, porém, não era propicio e em S. Paulo corre uma anedota deliciosamente narrada por Filinto Lopes, a proposito de Pedro II que, visitando a provincia, vivia preocupado em encontrar alguém que, segundo o informaram, falava tupi.

No tempo da Independencia, houve, como reacção patriótica, a adopção de nomes tupis para baptisarem brasileiros, alguns até muito illustres. Tenho, porém, a impressão de que em muitos casos existisse mais o desejo de, com o novo nome,

o portador afastar-se da patente origem africana de que era possuidor.

Ainda me recordo, pois o conheci, figura de destaque no nosso meio social de um politico nordestista, que representava bem a fusão das tres raças, e que se denominava de Indio, quando era bem evidente o maior contingente de sangue africano sobre o de caboclo.

Pedro Louis Sympson em 1876 publicou a *Grammatica Brasílica*, que, em edições posteriores, teve o titulo alterado para *Grammatica da Lingua Brasileira*; deixa ver no prefacio como era descurado o estudo da lingua tupi. Atravez deste livro, vê-se o que acima affirmei: o interesse do Imperador por estes estudos, pois solicitava que lhe fossem enviados para Philadelphia, ou onde estivesse, os trabalhos do Sr. Sympson, porque "*ligava muita importancia ao assumpto*".

Sympson critica severamente a *Grammatica* publicada pelo jesuita Luiz Figueira e narra que servindo no Paraguay, entre 1865 e 1867, com o conhecimento que tinha do tupi, ponde entender-se perfeitamente com os paraguayos que falavam o guarani.

O historico, porém, da venda da *Grammatica* de Sympson mostra que o assumpto não despertava grande curiosidade entre os brasileiros.

A primeira edição, de 1877, compunha-se apenas de 2 mil exemplares, sómente 48 annos depois, em 1925, foi tirada nova edição, tambem de 2 mil exemplares. E' bem verdade que no anno seguinte, nova edição se fez com 5 mil exemplares que supponho estar longe de se encontrar esgotada.

Mais tarde, Tastevin mostra como os portuguezes se descuidavam do estudo da lingua dos indios, porque o Padre Figueira, quando publicou o seu compendio, queixava-se de não ter encontrado nem grammatica nem mestre, indicando, deste modo, que desconhecia os trabalhos de Anchieta e Montoya.

Na citação do ultimo nome Tastevin errou. A primeira edição de Figueira, em 1611, é anterior ao trabalho de Montoya.

Por outro lado, muitos achavam a grammatica de Auchieta "*incompleta e imperfeita*", e Tastevin acrescenta que a *Grammatica* de Figueira se resente do mesmo defeito.

Vou den Steinen, tentando uma classificação dos nossos indios atravez das linguas por elles faladas, immediatamente verificou a deficiencia dos vocabularios, tendo então suggerido que se comparassem entre si os nomes das partes do corpo humano, o que permittiu estabelecer uma serie de grupos, alterados depois por Ehrenreich, em 1904, e por fim modificados pelo eminente Rodolpho Garcia, perfeito conhecedor dessas cousas e que procurou completar o trabalho de Ehrenreich, organizando nova divisão.

Plinio Ayrosa, que a isto se refere, lembra tambem no seu valioso trabalho *Primeiras Noções de Tupi*, São Paulo, 1933, o facto já sabido de que os bandeirantes levaram pelos sertões afóra "a lingua tupi adoptada pelos catechistas e colonizadores".

E recorda que os trabalhos de Auchieta e Figueira, apesar das deficiencias, são as melhores fontes porque foram escriptos em época em que a lingua ainda não estava deturpada.

Lembra á pag. 44 que o *y* do indio tem um som correspondente ao "*u* tremado allemão ou ao *u* francez". Isto, no entanto, é contestado calorosamente por Stradelli, autor que dispensa o *ç* porque diz que o som é puro *s*, o que não deve ser, pois os jesuitas escreviam *ç*.

Tastevin, autor cujo idioma é o francez, ainda é mais claro, quando á pag. 546 do T. XIII da *Rev. do Museu Paulista*, criticando a *Grammatica* de Figueira, escreve: "O mesmo autor diz que o *u* francez existe em tupi o que é tambem falso. O som que diversos autores representam por *u*, *ö*, *y*, *i*, ou *ï*, é muito differente do *u* francez".

Plinio Ayrosa affirma uma verdade ao escrever: "Se correrdes os olhos pelos jornaes, pelas cartas geographicas, pelas listas das estações ferroviárias, pelos annuncijs das companhias de navegação, pelas fachadas das casas de commercio, etc. etc., vereis que é absolutamente impossivel, em poucos minutos de palestra apressada, reunir mais que unos vagos

palavras, das dezenas de milhares que andam por ahí, renovando ou embelezando o velho e rico idioma lusitano”.

De facto, dei-me ao trabalho de consultar dois grandes volumes organizados pela *Repartição de Correios e Telegraphos*, contendo os nomes das agências, arraiaes, cidades, bairros, villas, nucleos, povoações, fazendas, engenhos, sítios, usinas, estagões, grangias, pousadas, etc., registrados nas columnas duplas dos dois grandes volumes do *Guia Postal (Geographico) da Republica dos Estados Unidos do Brasil*, mandado organizar pelo Director S. H. de Lucca Neiva. O trabalho publicado em 1930-1931 tem 1.903 paginas em duas columnas e contém um total da ordem de 65 mil denominações, a grande maioria repetidas e figurando muitas vezes até mesmo dentro do mesmo Estado.

E' verdadeiramente impressionante o elevadissimo numero de expressões tupis puras ou já mescladas com o portuguez, o que me leva a crer que as denominações toponymicas do paiz sejam em maior numero compostas por vozes indigenas.

Houve um grande mestre nestas cousas no paiz, dil-o insuspeitamente Rodolpho Garcia, outro mestre, na carta que escreveu a Baptista de Castro, em 27 de Março de 1933, e que n reproduz no seu *Vocabulario tupy-guarany*; ao referir-se ao autor do monumental *Vocabulario guarany* que fórma o vol. VII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, declara: “A sua bibliographia é perfeita, apenas aconselharia que collocasse Baptista Caetano em primeiro logar, porque este é o verdadeiro mestre de todos nós”.

Quem lê o prefacio da *Poranduba Amazonense*, escripta em Manaus, em 1887, pelo grande botanico brasileiro João Barbosa Rodrigues, commove-se com o preito de saudade e de admiração que rende a Baptista Caetano d'Almeida Nogueira, cinco annos depois da sua morte.

O notavel brasileiro nasceu a 5 de Dezembro de 1826, em Camandobaia, provincia de Minas Geraes, bacharelou-se em mathematica a 19 de Setembro de 1855, e falleceu a 21 de Dezembro de 1882.

Foi "o primeiro guaranylogo brasileiro", diz com autoridade nestes assumptos Barbosa Rodrigues, que, ao offerecer-lhe o livro, escreve: "Desculpa os erros, mestre e amigo; peço a ousadia, Baptista. (*quantum habeo hoc tibi do*), aceita este trabalho como uma grinalda de flores sylvestres que hoje deposito em teu jazigo".

De facto, ninguem conheceu o assumpto como Baptista Caetano. As vezes chega-me a despertar sentimento de enoção o saber que demonstra, e que é de admirar, num paiz onde a sciencia nunca foi tomada em grande consideração.

Começa escrevendo em Março de 1876, nos *Ensaio de Sciencia*, publicação feita por iniciativa de Guilherme Schach de Capanema, por elle, e por João Barbosa Rodrigues.

Os autores consagram os *Ensaio* a D. Pedro de Alcantara, que bem conhecia o valor das sciencias e das letras e tanto as prestigiou.

São modestos e a si proprios se chamam de amadores. Foi assim que surgiu o primeiro trabalho de Baptista Caetano, que elle intitullou *Apontamentos sobre a Abancenga tambem chamado guarany ou tupy ou Língua geral dos Brasis — Primeiro Opusculo — Prolegomeno. Orthographia e prosodia. Metaplasma. Advertencia com um extracto de Laet*.

Tudo isto hoje constitue uma raridade bibliographica, indispensavel, no entanto, a quem se interessa por esses estudos.

Baptista Caetano partiu como voluntario para o Paraguay, onde estudou o guarani e durante toda a sua vida como alto funcionario de repartição dos Telegraphos, onde acabou director, tinha sob suas ordens alguns paraguaios afim de manter em fôrma a lingua que tão bem falava e dominou.

Sacramento Blake, que delle se occupa, informa que estudou tambem direito na Faculdade de São Paulo, tendo ainda sido professor de francez no Collegio Pedro II, e que deixou um dicionario da lingua brasileira de que não ha noticia.

Dei-me ao trabalho de procurar e ler, para melhor conhecer o notavel brasileiro, suas produções em campo muito extranho ás pesquisas linguisticas, como é a poesia.

Li *Trovas, Sonetos e Consonetos*, que publicou em 1882, no Rio de Janeiro, na "ipographia de Augusto dos Santos, rua da Carioca, 31, sob o pseudonymo de *Bendae*.

Sente-se a decadencia de tão bello espirito. As poesias não têm titulo, são numeradas; luta ainda com os grammaticos, como se vê no verso n. XV:

"A moer-nos c'o vernaculo
O' que sucia a dos puristas".

Baptista Caetano nunca foi bom poeta. Em 1856 deu publicidade aos *Écos da Alma*, o livro que acima alludi é ainda peor do que este.

Ha notas interessantes sobre o meio carioca daquella época, pois em um soneto, datado de 3 de Novembro de 1878, faz a apologia da campanha eleitoral e descreve o que era antes uma eleição.

Conta no XXXV um pouco da sua vida, narrando que batalhou no Paraguay "*cinco annos e alguns dias na campanha*".

Refere-se á cicatriz de que era portador, consequente a uma cutilada e tudo isto para mostrar que, apesar de taes titulos, havia uma immensa difficuldade para se falar ao Ministro, dependendo tal possibilidade da boa vontade do porteiro. Exercia, então, o cargo de vice-director dos Telegraphos.

No livro hoje tão raro, assignado por *Bendae* na 3ª parte, nos versos VII, encontra-se a applicação de um verbo tupi quando escreve:

"Como impavido tapuya
Cuja piroga bebua".

Naquella época começava a questão da collocação dos pronomes. Baptista Caetano empenhou-se vivamente na luta, recusando a fórmula portugueza e collocando intencionalmente mal os pronomes.

Em certa parte escreve: "Vociferam os grammatistas a seu gosto mas é impossivel que o poeta *brasileiro* vergue a cabeça aos *portuguezismos* e seja natural".

Escreveu uma poesia com os pronomes propositadamente mal collocados e depois a reproduz, pondo-os em ordem, dizendo: "*Os lusitanistas escreveram assim*".

Um dos versos termina com uma phrase tupi cuja traducção dá. Neste livro aborda o problema da orthographia. Sempre escreveu versos sob pseudonymo. Os de 1855 e 1856 sob o pseudonymo de *Macambuzio*. Fez bem em occultar-se desta maneira. Deve ter cedido á pressão da época; como poeta não foi sequer mediocre.

Em 1880 reaparece Baptista Caetano versejando, abj, porém, de modo mais interessante; no livro que Rozendo Muniz escreveu sob o titulo *Presto a Camões*, publicado no Rio de Janeiro, encontra-se á pag. 41, a estancia CXL, canto X, dos *Luziadas*, vertida para o tupi, "*em lingua brasilica*", como disse Rozendo Muniz, por Baptista Caetano que traduziu por "*ybirápytanga*", o "*pau vermelho*" camoniano, e por "*Santa Curuçá*" a denominação Santa Cruz, do vate.

Já em 1856, Baptista Caetano, nos *Echos da Alma*, disse no prefacio: "Queira alguém reproduzir em portuguez o que aprendeu noutra lingua pela falta de livros escriptos na sur, ou terá, para bem dizer, de crear a lingua, ou uada dirá".

Adiante, á pag. 24, escreve: "A lingua portugueza como a querem alguns castiça, e genuina, está cangada, não preenche o seu fim, não corresponde ás necessidades das novas idéas, e é debalde haver o maior merito em obra que se espelhe por Filinto e Borage; o seu destino será o ser archivada".

O estylo do notavel brasileiro não era bom, porém tinha razão no que affirmava. Até hoje os que se occupam de assumpto tecnico sentem a inopia da lingua portugueza em certos sectores scientificos.

As liltas que escrevi são obscura homenagem de admiração que presto ao autor do *Vocabulario das palavras guarany usadas pelo traductor da Conquista Espiritual do Pe. A. Ruiz de Montoya*, publicado no vol. VII dos *Annaes da Bibliotheca Nacional* do Rio de Janeiro, em 1879-80, quando era bibliothecario Ramiz Galvão.

Trata-se, sem nenhum favor, de um trabalho monumental.

No vol. VI, anno 1878-1879, dos mesmos *Annaes*, vêm publicados os dois fascículos, que divulgam o *Manuscripto guarany sobre a primitiva catechese dos Indios das Missões*. Obra composta em castelhano pelo P. Antonio Ruiz Montoya, vertida para guarany por outro padre jesuita e agora publicado com a traducção portugueza. *Notas e um Esboço grammatical do Abanheem pelo Doutor Baptista Caetano d'Almeida Nogueira*.

No *Esboço Grammatical*, escreve, *Abúncé ou lingua guarany chamada tambem no Brasil lingua tupy ou lingua geral*.

Os referidos trabalhos, cada vez mais raros, constituem a principal fonte para os estudos desta materia na America do Sul.

Tenho esperança que o eminente director da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, Dr. Rodolpho Garcia, tambem grande autoridade nestes assumptos, proporcione uma reedição commentada dos trabalhos escriptos por Baptista Caetano, informando ainda, como notavel historiador que é, o papel que Baptista Caetano desempenhou entre nós, facilitando melhor conhecimento sobre a vida de um brasileiro tão illustre, e tornando accessivel aos estudiosos destes assumptos o manancial mais profundo e crystallino escripto entre nós.

Em 1880, nos *Rascunhos sobre a Grammatica da lingua portugueza*, Baptista Caetano escreve sobre o problema da collocação dos pronomes, dizendo: "A grave incorrecção inculpada á phrase brasileira (do pronome enclítico com verbas de orações negativas, condicionaes, de relativo, etc.), não é cousa tão medonha assim como a figuram. Pelo contrario, por ser de uso geral, tornou-se lei, e não se², em que se baseiam os puristas de cá, quando condemnam tal modo de falar, nao querendo reconhecer a *nova lei* ou a *lei da reforma*".

Em 1879, quando estudou, na *Revista Brasileira*, T. II, pag. 359, a *Etymologia da palavra emboaba*, escreve:

"Há fragmentos que ahí estão mais ou menos mudados de fórma, não ha duvida, porem ahí estão no concreto da lingua portugueza falada no Brasil, e que devem merecer tanta importancia para a lexicographia como os vocabulos arabes estudados por Engelman e Dozy, como o biscainho tratado por

van Eys, e o gallego por Piñol. E' ha afinal os idiotismos e phrases usadas na linguagem dos matutos, que de algum modo influem no portuguez que se fala no Brasil, e que, não sei se em bem ou se em mal, contrabalançam o afrancezamento do portuguez usado nas capitães e pela gente de bom tom".

Em tudo quanto escreve deixa um traço inconfundivel de independencia, e chega a dar ás vezes a impressão de um espirito rebellado.

Delle, Ramiz Galvão, diz, no prefacio ao vol. VI dos *Annaes*, ao citar-lhe o nome: "Tão distincto pelo talento como pela modestia que lhe realça o merito", e no prefacio que fez a esse trabalho, escreveu Baptista Caetano: "E' bem sabido que, principalmente na nossa terra, escriptos que não forem de literatura ligeira ou não versarem sobre politica" não despertam interesse, e assignala a insufficiencia das grammaticas sobre o assumpto e por isso escreveu a valiosa introdução grammatical ao trabalho de que foi encarregado de traduzir. affirmando esta verdade: "Como muito bem diz o Sr. Couto Magalhães, na linguagem popular do Brasil, ha não só grande quantidade de vocabulos tupys ou guarany, mas ainda phrases, figuras, idiotismos e construcções peculiares. Quanto ao vocabulario é incontestavel, e com um pouco de attenção vê-se que no portuguez brasileiro abundam dicções de linguas americanas em numero mais consideravel talvez que o das dicções arabicas que se conservam no lexicon portuguez".

De facto é incontestavel que a influencia tupi sobre o falar brasileiro é incomparavelmente maior do que a exercida pelo arabe na lingua portugueza.

Quando ocorreu sua morte, delle se occuparam Macedo Soares e Capistrano de Abreu. Este publicou, na *Gazeta de Noticias* de 28 de Dezembro de 1882, pelo artigo epigraphico: *Baptista Caetano — Notas de um amigo* — que foi reproduzido no T. XLVI da *Rev. Inst. Historico*. Narra a vida intima do eminente brasileiro que a tudo se resignou menos ao "desgosto que lhe pungia vida: ter sido empregado publico". De Capistrano, tão sobrio, Baptista Caetano mereceu, em certo ponto do artigo, algumas palavras que valem como uma inscripção lapidar: "*O homem este era unico*".

Criticas de Baptista Caetano, Valle Cabral e José Verissimo a consagrados homens de letras — Devotados investigadores do falar dos nossos índios: Coronel Faria, Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues

No capitulo precedente, relembrando em traços rapidos Baptista Caetano, recordei tambem sua independencia de character. De facto era assim. Com a maior frieza criticava, com justiça, até figuras que mais admirava.

Certa vez, em artigo da *Revista Brasileira* em 1879, ao estudar a *Etymologia da Palavra Emboaba*, escreve, á pag. 352:

“O nosso grande e sempre chorado José de Alencar, explicando *acaracu* nome de um rio, e *camoci* vaso, inventa o substantivo *co* buraco, toca, ninho, quando *co* nunca tal cousa significou; dá tambem *py* caminho, *guara* senhor, *tanha* bico, *goaia* valle e muitas outras inventivas. O Sr. Salvador de Mendonça, na sua *Significação dos nomes indigenas*, inventou *juru-juri* cara, *puyr* despejar, *averé* nascer, *caba* cousa cavada, e outras que taes. Até o eminente botânico Martius no seu *Nomina plantarum, animalium etc.*, tambem lá se foi barafustando pelo mattagal das etymologias e a cada passo sah-se com uma dieção que é pura invenção sua”.

Nutria grande admiração por Gonçalves Dias que, em 1854, divulgava o *Vocabulario da Lingua Geral Usada Hoje em dia no Alto Amazonas*, publicado no T. XVII da *Revista do Instituto Historico*, ao qual offereceu o trabalho nestes termos: “O *Vocabulario da Lingua Geral*, ainda hoje do uso vulgar no Alto Amazonas, devo-o á bondade do Exmo. Bispo do Pará”. Acrescentando: “Vê-se que o *Vocabulario* pouco differê do *Diccionario Brasiliano*, publicado em Lisboa, por anonymo, em 1795”.

Tal declaração o grande poeta escreveu a 12 de Novembro de 1852. Valle Cabral, quando no T. VIII, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* em excellentes trabalho bibliographico, estuda o que se encontra publicado ou inedito relativo á lingua tupi, analysa certos pontos do *Vocabulario* e chama attenção para importantes erros commettidos por Gonçalves Dias.

Assim, recorda que no *Diccionario da lingua tupy*, de Gonçalves Dias, o termo *Nenimas*, que se encontra á pag. 116, é o resultado da queda de um ponto e virgula; a adversativa *mas* uniu-se á palavra *neni*, formando um vocabulo estranho que num julgamento exaggeradamente severo, Valle Cabral assim se exprime: "Será mais escrupulo nem reflexão, passou Gonçalves Dias para o seu diccionario esta palavra".

Relembra tambem a introdução da palavra *brã*, com o significado de *mas, debalde*, quando de facto deve ser *biã*.

Lembra ainda Valle Cabral um erro apparecido na *Grammatica* de Figueira, em 1687, na phrase o *uso bastará*, que originou uma expressão com apparencia indigena *yzob ara*, dizendo que na 3.^a edição de Figueira, em 1687, e na edição que Silva Guimarães fez daquelle *Grammatica*, o erro typographico "foi graphado pois o tomam os editores como vozes tupyecas e talvez por uma phrase!"

O trabalho de Valle Cabral publicado ás pags. 143 a 214, do T. VIII, dos *Annaes da Bibliotheca Nacional, Bibliographia das Obras tanto impressas como manuscriptas, relativas á lingua tupy ou guarany, tambem chamada lingua geral do Brasil*, foi publicado ha 59 annos passados no Rio de Janeiro. E' obra de indispensavel consulta para os que estudam taes assumptos, e, como geralmente occorre entre nós, já está caminhando para se tornar raridade bibliographica.

E' necessario que alguém a ponha em dia e que tambem a annote. Depois daquelle publicação do investigador bahiano, houve varias contribuições sobretudo impressas pelos jornaes e revistas.

Plinio Ayrosa no *Caderno da Lingua de Fr. Arronches* — *Vocabulario portuguez tupi*, conta que Varnhagen, Ramiz

Galvão e João Ribeiro tentaram incluir, no programma do ensino federal, aulas de tupi-guarani recordando que, depois de um seculo de aspiração, agora, os cultores da lingua geral podem ter certeza que suas pesquisas e labores encontrarão eco e estímulo na Universidade de São Paulo.

Acrescentando esta verdade: "Não mais se assistirá, por certo, ao triste espectáculo, commum e periodico, de enterrar-se com o estudioso morto, o enthusiasmo fugaz pela lingua geral". Acrescentando ainda: "A tupimania deixará de existir, os curiosos sem compostura não terão mais publico para suas aerobacias etymologicas e os devotados ao fupinismo, se quizerem, terão onde se aprofundar e aperfeiçoar, sem os inconvenientes da desorientação geral e sem os riscos de perder longos annos na collecta de material indispensavel aos seus labores".

O poeta maranhense era homem dotado de grande saber: foi cientista e sómente se entregou á poesia, quando desmornou aquella *Commissão Scientifica* anaparada de modo decisivo por Pedro II e que tinha por companheiros nomes dos mais eminentes de então: Freire Allemão, Bavião de Capanema, Conselheiro Burlamaqui e Raja Gabaglia.

Os illustres compatriotas queriam provar ao mundo que o brasileiro tinha capacidade de fazer sciencia. Naquelle tempo, principalmente, não havia receptores para estas cousas. Ainda alcancei no Museu Nacional, quando tive a hora de dirigil-o, estampas ineditas, de Gonçalves Dias, relativas aos estudos de ethnographia que realizou na citada *Commissão*.

A campanha que de todos os lados se levantou contra aquelles homens tão notaveis acabou prevalecendo, e certa vez me occupei do assumpto ao escrever, em 1922, o *Esboço Historico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil*: "Vinte mil plantas colhidas entre o grande material colleccionado, foi o resultado da expedição. Os livros comprados afim de permitir a determinação do material colhido, têm carimbado — *Commissão-Scientifica* e fôrma, talvez, o grosso da bibliotheca

do Museu Nacional. Antes, porém, de embarcar, aquelles extraordinarios homens, eminentes sabios, desprendidos e exaltados patriotas, já serviam de alvo aos motejos, perfidias e até insinuações, em consequencia dos immensos caixões de livros e material importado, até que os jornaes começaram á surdina, murmurando. Eis um dos motivos que levaram Gonçalves Dias a consagrar-se inteiramente á poesia, campo em que tanto exaltou as letras nacionaes”.

José Verissimo, nos *Estudos Brasileiros*, T. I, pag. 5, publicados no Pará, em 1889, ao analysar o grande poeta escreve: “Gonçalves Dias tambem não comprehendia que a literatura não estava no nosso selvagem, e, desprezando as raças cruzadas, poz-se a cantar costumes e feitos tupys”. Na pagina anterior assim se referiu ao Visconde de Araguaia: “Magalhães acredita tambem, como elle, que no selvagem estava a nossa poesia e escreveu os *Tamoyos*. E todo poeta, com excepção de Alvarés de Azevedo e poucos mais, julgou-se obrigado a escrever algum canto do Piaga, e a empregar tres ou quatro termos indigenas cuja verdadeira significação não comprehendia bem”.

De facto isto occorreu, como vimos acima, pela analyse que fez Baptista Caetano. No mesmo trabalho, porém, o illustre José Verissimo incorre no mesmo erro porque ao tratar do canto de uma ave que tanta importancia tem no nosso *folk-lore*, diz, á pag. 54: “*Sacy-cerêrê* entre os guaranys e entre os tupys *matin taperê*, sons, que elle parecia repetir no seu lugubre canto”. Isto não ocorre, não ha nada de onomatopaico na denominação indigena; o nome *sem fim* que em alguns logares baptisa a *Tapera naevia*, reproduz com muito mais exactidão o monotono canto da-ave. Se José Verissimo tivesse ouvido alguma vez a extranha ave cantar, já-mais faria semelhante affirmação.

Tenho grande indulgencia por todos que procuram, atravez de enormes sacrificios, manter vivo o interesse pelo estudo da lingua que entrou com tão grande contingente no nosso falar, não permittindo que o enthusiasmo por estes assumptos, que tão de perto nos tocam, de todo se extinguisse.

Houve impressionantes dedicações, como por exemplo, a do maranhense Francisco Raymundo Corrêa de Faria, nascido em 1797, e que se sacrificou inteiramente com a preocupação de ensinar e divulgar a lingua tupi. Fôra militar e nesta carreira alcançou o posto de Coronel. Em 1853, exerceu, interinamente, o cargo de Comandante das Armas no Pará.

Durante sua longa permanencia entre os índios, o Coronel Faria, como é mais conhecido, se dedicou "ao estudo da lingua tapyca e outros idiomas dos nossos selvagens, de modo que dentro em breve os falava correntemente".

Tal informação é de um devotado homem de letras, ha muito fallecido e que estudou tão curiosa personalidade, quando dirigiu a *Bibliotheca* e o *Archivo Publicos do Pará*, nos tempos aureos da Amazonia. Foi Arthur Vianna que, no T. II, de um livro hoje tão raro, os *Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará*, publicado em Belém em 1903, reproduz a *Grammatica Brasilica* do Coronel Faria, e estuda pormenorizadamente a vida do homem sacrificado.

Faria dedicou seu trabalho ao Bispo José Affonso de Moraes Torres, porque este sacerdote foi o creador da "*Cadeira da Lingua Indígena Brasilica*" e affirma, no prefacio, que, em 1842, quando se encontrava commandando uma guarnição nas fronteiras do Pará, *teve necessidade de procurar entender a lingua que falavam os habitantes daquela região.*

Depois o Bispo Moraes Torres creou, no Seminario Episcopal, a cadeira de lingua indígena. O Coronel Faria teve como elementos de estudo apenas fragmentos da *Grammatica* do Padre Luiz Figueira, que lhe chegaram ás mãos da edição de 1687. Reconheceu, então, que o assumpto era muito pouco estudado, registrando porém a observação de que muito se havia alterado o falar da região que elle comandava, muito differente do que ensinava a *Grammatica*, quando escreveu, referindo-se ao *Compendio* de Figueira: "Escripto em o anno de 1685, (sic), de então para cá se tem perdido quasi inteiramente os modos por que nessa época falavam o idioma brasilico: entretanto muito aproveitei ainda do penoso trabalho desses estudos missionarios".

Foi o Coronel Faria quem divulgou que *quilombola* era uma formação hybrida do africanismo *quilombo*, com terminação indigena, trocado o *r* por *l*.

O trabalho, que representa enorme esforço, mercee ser divulgado apenas como homenagem a tão devotado patricio pois, ao assamir a regeneia da cadeira se viu "Faria a braços com a séria difficuldade da falta de uma grammatica e um dictionario da lingua tupy, e logo formou o projecto de escrevel-os", conta Arthur Vianna.

Por isso, elaborou a *Grammatica* que o devotado director da Bibliotheca de Belém reimprimiu, tentado, mais uma vez, salva-la do olvido.

A *Grammatica* foi publicada em 1858, sendo impressa na typographia de Santos & Filhos, de Belém. O trabalho, porém, ficou inedito, porque ao professor escasseavam os "*insignificantes recursos para a brochura da obra*". Presenteou com a collecção de folhas impressas alguns de seus discipulos e amigos. Escreveu um dictionario que nem sequer logrou publicar, parecendo porém tê-lo concluido.

Foi possuidor desse vocabulario, quasi inutilizado, o Tenente Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha. Para este desastre contribuiu a curta vida da cadeira fundada. O Seminario entrou em difficuldades e a primeira medida de economia tomada, foi a suppressão da cadeira da lingua tupi...

Julgando que o novo cargo era uma situação fixa, o Coronel Faria reformou-se em Abril de 1856, e à suppressão da cadeira atirou-o nas maiores difficuldades financeiras.

E' de pequeno valor o trabalho de tão devotado estudioso. Uma grande autoridade no assumpte, C. L. Hartt, nas *Notas sobre a lingua geral ou tupi moderno do Amazonas*, conheceu o trabalho, embora nunca encadernado, e diz que é curioso que o *Compendio* se baseie num dialecto falado no Alto Rio Negro, "*mas muito differente da lingua geral, como é propriamente chamada e não intelligivel no Amazonas. Esse Compendio, inseguro sobre varios respeito, mostra, com-*

tudo, que aquelle dialecto conserva alguma fórma importante da estrutura do velho tupi, do tempo em que se tornou absoluto no Amazonas".

Hartt reproduziu o titulo da obra erradamente, chamando de *Compendio da Lingua Brasileiro*; o Coronel Faria, de facto, tinha intitulado: "*Compendio da Lingua Brasilica para uso dos que a ella se quizerem dedicar*".

Varnhagen foi o primeiro a propugnar pelo ensino da lingua tupi em nossa patria. Isto em 1842, como se verifica da *Revista do Instituto Historico*, T. III, pags. 53-63, no trabalho que escreveu e intitulou *Memorias Sobre a Necessidade Do Estudo e Ensino Das Linguas Indigenas do Brasil* lido na sessão de 1 de Agosto de 1840, por Francisco Adolpho de Varnhagen. O notavel brasileiro recorda a prohibição do Conselho Ultramarino, datada de 12 de Setembro de 1727, e tambem do "Directorio dos Indios do Pará missionar nas linguas indigenas e impor a obrigação aos parochos de pregar em portuguez".

No fim da *Memoria* o grande historiador propõe o estabelecimento de "Escolas das diversas linguas dos indigenas" e que o Instituto Historico mandasse imprimir a segunda parte do *Diccionario "Portuguez e Brasileiro"* (sic), cujo manuscrito se encontra na "*Bibliotheca Publica desta Côrte*".

Suggera a creação de uma secção de ethnographia no Instituto Historico que, entre outras cousas, estudaria lingua, usos e costumes dos indios. "Esta secção se encarregará de um glossario dos vocabulos indigenas vulgares".

Só muito mais tarde, isto foi resolvido e levado a effeito, em S. Paulo, tendo felizmente sido entregue á competencia e a dedicacão de Plinio Ayrosa, que hoje rege a cadeira de tupi-guarani na sua Universidade, onde se creou um centro de estudos para taes cousas. Comprehendendo justamente esse elevado escopo é que, em grande parte, fui levado a escrever, sobre a assumpto, o que me parece conferir certa indulgencia.

Em 1876, Couto de Magalhães publicou no Rio *O Selvagem*, obra que teve grande sahida, na qual o illustre brasileiro empregou, por suggestão do Conselheiro José Agostinho

Morceira Guimarães, o methodo Ollendorf á lingua geral. Anteriormente, pouco menos de um decennio, em 1865, o General Couto de Magalhães ainda não falava tupi. Isto elle proprio o conta porque quando teve de colligir a *Lenda das Pleiadas* na Cachoeira da Itabóca, no Tocantins, quando "não falava ainda a lingua", serviu-se do *tuzáua* dos anambés para ser interprete do que lhe narravam.

O livro foi muito bem recebido por Baptista Caetano que, embora chamando attenção para as falhas, assim se pronunciou: "*O Selvagem* quando mais não fosse, quando não tivesse muito merito em si e valia de primeira monta, é o unico em que vein cousa que aproveita efficaçmente nos estudos linguisticos, pois tem linguagem, isto é, tem discurso, phrase e enfim grammatica. A' Sua Excellencia cabe de certo a gloria de ser o primeiro dentre os viajores modernos que não se limitou a dar lista de nomes, inteiramente incapazes por si sós de darem noção da indole da lingua".

Pela obra de Couto de Magalhães se vê que, ainda nos nossos dias, a lingua tupi era falada por numerosas praças do Exército Brasileiro, pois o illustre autor narra que contou com o auxilio de praças do Exército que falavam linguas selvagens e assim pode rever todo o trabalho que publicou. Isto mostra como o tupi veio até os nossos dias.

A' pag. XXXIX, Couto de Magalhães diz textualmente: "A' lingua tupy ou nhehengatú era falada naquella época ainda em alguns logares da provincia do Pará, do Santarem e Portel no Rio Capim. De Manaus para cima ella é a lingua preponderante no Rio Negro, e muito mais vulgar do que o portuguez".

A iniciar a parte pratica do seu importante trabalho, escreve: "Cousas de lingua tupy viva, ou nhehengatú". Lembra que no Rio de Janeiro, no anno que publicou sua obra, havia diversas pessoas que a conheciam: "Sua Magestade o Imperador que conhece o tupy da costa antigo; o Sr. Dr. Baptista Caetano que conhece o guarany antigo e moderno; o Sr. Professor Carlos Frederico Hartt, que conhece o tupy antigo e fala o tupy do Amazonas; o Sr. General Beaurepaire

que conhece o tupy da costa". Admitte que nos corpos do Exercito, *na côrte*, nada menos de 40 a 50 praças falavam o tupi "e como são indigenas" sabem de cór algumas das lendas que Couto de Magalhães publicou no seu trabalho, calculando que mais de 100 pessoas entre marinheiros e soldados engajados nas forças armadas falavam o tupi ou o guarani. Esta affirmação é de nossos dias, é de hontem ainda, e com isto mostra como o estudo destas cousas é indispensavel aos que se interessam pelo fular brasileiro.

Couto de Magalhães chegou a conseguir uma ordem do Duque de Caxias, para colligir entre os soldados indigenas, novos dados a respeito de lendas e conta que ia publicar um dicionario cuja confecção tinha começado.

Em certo ponto, á pag. 50, da 2.^a parte, recorda Couto de Magalhães a impossibilidade de se escreverem certas phrases por não haver seus correspondentes no nosso alfabeto, assignalando então que, com a palavra *m'bae* "que se pronuncia quasi como *umbab*, pode ser escripta de quatro maneiras diferentes: "*umbac, m'baé, imbae ou cmbae*".

A luta para aleançar livros que tratassem do assumpto, foi grande, como até hoje ocorre, e de maneira categorica affirma: "*O portuguez do Brasil está irremediavelmente modificado pelo tupy e, ao passo que os annos se forem accumulando, essa modificação ha de cada vez ser mais sensivel, porque os germens modificativos são, por assim dizer, dotados de força propria e continuam a operar muito depois do desaparecimento da causa que, para nos servirmos de uma expressão physica, os infiltram no organismo da lingua que sobrevive*".

Ainda chegou a tempo de colligir canções populares onde se nota o cruzamento do tupi com o portuguez, como esta:

"Te mandei um passariuho,
Patuá miri pupé
Pintadinho de amarello
Iporãga ne iaué".

E, assim, outras que reproduz e por elle colligidas no Amazonas, Pará e Maranhão.

Couto Magalhães recorda, com a maior sympathia, os homens de letras que procuraram prestigiar, através das suas produções, os nossos índios.

Ele lembra o extranho caso de João Francisco Lisboa desprestigiar tal corrente, dizendo: "posteriormente, alguns homens orgulhosos, se bem que notáveis pelo seu talento, e a sua frente João Francisco Lisboa, promoveram a reacção. Elles que nada conheciam da lingua e que portanto não podiam conhecer da indole dos selvagens, porque o que está escripto é falso, como mostra, procuraram lançar o ridiculo sobre estas velhas tradições da velha America. Como não havia estudos sérios e profundos de philologia, a reacção ganhou a victoria"

Joaquim Serra não comprehendia o procedimento de Couto de Magalhães que, extranhando a guerra que João Francisco Lisboa fazia aos estudos dos assumptos indigenas, silenciava a respeito das opiniões pregadas no seio do proprio Instituto Historico, pelo Visconde de Porto Seguro o qual, segundo afirma Joaquim Serra, achava que o "meio de catechizar índios é reduzi-los á escravidão, ou matal-os".

Por uma vota de Couto de Magalhães parece ser essa a opinião de Varnhagen, embora nunca a tivesse escripto. Anos mais tarde Hermann v. Ihering, director do Museu Paulista, propoz tambem a liquidação, a bala, dos índios de S. Paulo e contra isso se levantou, em peso, em memoravel sessão, a Congregação do nosso *Museu Nacional*.

Já naquella época, nesta terra de gente tão mestiçada, os precursores do arianismo hitleriano começavam a surgir.

Jamais houve um centro coordenador de estudos, pesquisas e investigações, e elementos dos mais autorizados procuraram introduzir innovações profundamente perturbadoras.

Assim occorren com Barbosa Rodrigues quando, em 1893, no vol. XVI dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, trabalho de facto divulgado só em 1894, publicou o *Vocabulario Indigena com orthographia correctae, complemento da Poranduba Amazonense*. O illustre autor na valiosa contribuição elimina as

letras *c* e *q*, substituindo-as pela letra *k*, escrevendo portanto, "kaipora, koema, kurupira, kuroca".

Desde Anchieta, na sua *Grammatica*, que o falar do indio apparece alterado não havendo uniformidade entre os competentes. Por exemplo, Luceock escreveu no Rio de Janeiro, em 1818, *A Grammar And Vocabulary Of The Tupi Language — Partly collected and partly translated from the works of Anchieta And Figueira noted brasilian missionaries*. A contribuição de Luceock apparece nos vols. 43 e 44 da *Revista do Instituto Historico* de 1880-81.

No fim, ha um appendice com comentarios de Baptista Caetano. O alphabeto que propõe Luceock não incluye o *f*, *l*, *s*, porém acrescenta a letra *w* como necessaria. Luceock dá uma lista de vocabulos, comparando a pronuncia de Anchieta e Figueira. Reproduz a conjugação do verbo *juca*, que apparece em todas as contribuições, desde a primeira de Anchieta até a ultima de Plinio Ayrosa.

Barbosa Rodrigues escreveu opportunos comentarios sobre as arvores e animaes tratados por Luceock. Não os terminou, porém. O ultimo verbete examinado é *vinhatico* que tem o n. 210. Também Baptista Caetano não terminou suas eruditas annotações.

Voltando, porém, a Barbosa Rodrigues, encontramos, no trabalho acima citado, um capitulo que intitula *Complemento Do Vocabulario — Comidas, Bebidas e Condimentos*, onde o notavel naturalista incluye palavras positivamente africanas: *abará, aluá, auçá*, para o arroz cozido em agua e sal, *munguzá*.

Elevam-se, comtudo, a numero superior a 80 os vocabulos de origem tupy que ficaram na lingua do Brasil, e que se relacionam com aquelle capitulo indicado pelo grande botanico patricio, glossario este que verifiquei no emtanto ainda estar incompleto.

Em 1905, por occasião do 2.º Congresso Latino Americano reunido em Montevideo, Barbosa Rodrigues apresentou um trabalho intitulado *a Botanica e a Nomenclatura indigena*, titulo que tambem é traduzido para o tupi.

Pela data se verifica que o nosso compatriota precedeu

a Bertoni, no Paraguay, que publicou contribuição analogo.

O notavel botanico include um estudo muito interessante a respeito da graphia dos vocabulos tupis, onde mostra a queda do *u*, substituido ás vezes pela letra *b*, e outras pela letra *g*, comparando um mesmo vocabulo desde Hans Staden em 1557, Thevet 1577, Lery 1578, Anchieta 1595, Ivo d'Evreux 1613, Abbéville, 1614, Padre Araujo 1618, Montoya 1640, Padre Figueira 1687, Bolanos 1724, Padre Maranhão 1820, P. Seixas 1852, Coronel Faria 1858, Martius 1867, Couto de Magalhães 1876.

Sómente com uma palavra poude ser feita a comparação, pois foi o unico vocabulo encontrado presente nestes autores em condições de permittir tal cotejo. Foi a expressão que designava grande, em lingua tupi escripta por Staden *wasu*, que Lery transformou em *Ouassu*, Anchieta em *guassú*, d'Evreux estabeleceu a pronuncia mais proxima do indigena *uaçú*, Montoya trabalhado pela lingua hespanhola, introduzindo tambem o *g*, como se vê em *guazú*, P. Figueira escrevendo *guaçú*; P. Seixas em 1852 já se aproxima novamente da pronuncia original do indigena e grapha *assú*; o Coronel Faria escreveu *uçú*; Martius *goaçú*, Couto de Magalhães, evidentemente, procurou approximar-se da verdadeira pronuncia do indio e por isso escreveu *açú*.

Procurando assimilar apenas uma voz indigena, o brasileiro incorporou ao seu falar 3 vocabulos, *assu*, *ussu* e *guassu*, augmentativos frequentes e correntios, em todo o territorio nacional. Facto já assignalado por varios estudiosos, como em 1933, Herbert P. Fortes na *A grammatica e a evolução da lingua portugueza no Brasil*, ao lembrar a existencia de differenciações morphologicas, assignala "uma formação de gráo dos substantivos á custa de desinencias de procedencia indigena. No Brasil, o suffixo *assu* é igual á desinencia portugueza *ão*". Não só este, mas tambem *guassu* e *ussu*.

Equívocos originados pelo pseudo-tupismo Boa —
Considerações sobre os nomes indígenas dos nossos
maiores ophidios — Lendas e crendices — Do
vocabulário tupi em livros estrangeiros

Em uma obra prima das letras portuguezas *A Reliquia*, Eça de Queiroz caricatura um sabio allemão de maneira incomparavel. Foi no Egypto que travou relações com Topsisius que já vira, no emtanto, em Malta, quando D. Raposo estava a comprar violetas no mercado.

Topsisius era moço e neto do naturalista Schlock que, segundo Eça de Queiroz, escrevera o famoso tratado em oito volumes sobre a *Expressão Physionomica dos Lagartos*. O inexcedível Eça deve ter conhecido o trabalho publicado em 1837, em francez, em Haya, pelo sabio hollandez Schlegel, intitulado *Essai sur la physionomie des serpens*. O grande escriptor aproveitou-se do titulo e fez a charge adulterando um pouco o nome do autor.

Tenho esta suspeita e a julgo verdadeira. Na carta que, á guiza de prefacio, Schlegel escreveu a Temminck, procurou explicar o titulo que deu á obra: "*Le mot de physionomie est pris ici dans l'acception ordinaire; mais il signifie également l'impression totale que fait sur nous l'ensemble d'un être quelconque, impression que l'on peut sentir, mais qu'il est impossible de rendre au moyen de paroles*".

Por uma estranha associação de idéas, fui levado a evocar Schlegel autor de longo capitulo sobre *Les Boas*, no qual conta que o vocabulo *boa* vem da palavra *bos*, porque os filhotes desta especie devem se nutrir na primeira idade de leite de vacca.

Voltei ao livro que ha muitos annos lera, e encontrei a

citação ás paginas 372-401. Registreí mais uma vez como os livros europeus assignalam as cousas brasileiras com os nomes que aqui têm, facto para o qual já chamei muitas vezes attenção.

Um grande naturalista de nome Reinhardt assim se exprime a respeito do Brasil que tanto admirava: "Ha paizes que são como livros maravilhosos, os quaes, começada a leitura de uma pagina, só nos restituem o socego depois de os termos lido até o fim".

E' por isso que em muitos livros europeus os nomes das plantas e animaes brasileiros, quasi todos originarios do tupi, vivem registrados e assignalados por sabios que percorreram nosso paiz.

Em Portugal, porém, isso não se encontra porque nunca houve grande interesse por cousas de sciencia, o que tambem herdamos.

No livro de Schlegel, encontra-se tudo quanto o Principe de Neuwied escreveu sobre a *giboia*; hábitos, modos de viver, o nome indigena, como se alimenta, etc.

Esta introdução é para chamar attenção para um pseudo tupismo que Hartt registrou quando disse que o nome *boa* procede da expressão *Mboia* tupi, ao escrever: "A nossa *boa* (*Boa constrictor*) é derivada da mesma palavra".

Antenor Nascentes, sobre o assumpto, exarou no seu *Dicionario etimologico da Lingua Portuguesa* o seguinte: "*Boa* — do tupi *boi*, cobra, applicado a cobras de grandes dimensões como a *giboia*, da familia das pitonideas. tribu das boineas. (Th. Sampaio, Lokotseh, *Amerikanische Wörter*, 30). A. Coelho, Academia Hespanhola, Petrocchi, Cledat, Brachet, Stappers derivam o vocabulo do latim *boa*, que com este sentido apparece em Plinio, H. N., VIII, 14, relacionando-se com *bos*, *boi* (tão grande que possa engulir um boi)".

Antenor Nascentes adopta a origem tupi, porque no *Prefacio* á pag. XXXVI registra entre aquellas essencialissimas 23 palavras tupis que entraram, na opinião do illustre philologo, para a lingua portugueza, o vocabulo *boa*.

Fui levado a pesquisar o assumpto e fiz uma série de

achados. O vocabulo é velhissimo e a idéa do ophidio tragar um boi e das cobras se alimentarem de leite é remotissima, já apparece em Aristoteles. Foi trazida para o Brasil pelos portuguezes que guardavam a tradição existente em paizes europeus.

Certa vez, João Ribeiro escreveu um lindo trabalho sobre a phrase "*Tem pena de picapau*", que vem reproduzido na *A Lingua Nacional*, referencia que já se encontrava tambem em Plinio e que fôra citada por Wied e Goeldi, lenda que se mistura com outra relativa a uma ave brasileira, o *irapurú*.

Foi isso que aconteceu com o caso de as serpentes beberem leite. E' muito corrente, em todo o Brasil, tal crença que não possui, no entanto, qualquer base scientifica. Para o immenso paiz que é o Brasil, os portuguezes transportaram além da lingua, habitos, costumes, o enorme arsenal de crençices de que eram depositarios.

Entre essas, encontrava-se a lembrança de uma grande cobra tragadora de bois e isto ficou, como pude comprovar, nos nossos sertões nordestinos, crença que desde menino ouço falar, quando narram que os tropeiros costumam collocar, na dianteira, antes de passar um rio onde existem *sueurys*, um boi magro para ser engulido.

A crendice europea encontrou no meio brasileiro vasto campo, dadas as dimensões de certos ophidios nossos, como a *sucury*, que originou no Amazonas onde, entre outros, tem o nome de *Boivna*, abusões fantasticas e, no interior de Goyaz, suscitou aquella lenda do famoso *minhocão*, do qual certa vez me occupei na *Viagem Scientifica*, deste modo:

"Em todo o Goiaz já não se fala mais no *minhocão*, reptil lendario que tem sido tratado por varios naturalistas; algumas pessoas ouviram referencias ao animal, mas, sem duvida, a lenda vaé desapparecendo, em compensação, porém, está sendo provavelmente substituida por outra, pois, em Ouro-Fino, ouvimos a referencia a um ophidio que marela come os oligoelhetas em geral ("*caminha como minhoca*" diz o povo) e é chamado de "*surucucú*", attingindo a pouco mais de metro,

de côr cinzenta e com o corpo revestido de escamas chatas, sendo extremamente raro”.

Voltemos, porém, ao vocabulo *boa*. Segundo documentos que pude encontrar, o *Lexicon universale*, em 4 tomos, publicado por John Jacobi Hoffman, em Leyde em 1698, escreveu á pag. 547, do T. I. o seguinte: “*Boa, aquaticis serpens, Graecis hydra, cujus meminit Solin, c. 2. “Calabria chelydris frequentissima et Boam gignit, quem anguem ad immensam molem ferunt conualescere, Captat primo greges bibulos et quae plurimo lacte rigua bos est, ejus se uberibus inncetit, suctuque continuo sagmata, longo in seculo, ita fellebri satietatae ultimo extubatur, ut obsistere magnitudini ejus nulla vis queat: et postremo depopulatis animantibus regiones quas obsederit, cogit ad vastitatem. Denique D. Claudio Principe, ubi Vaticanus ager este, in alvo occisae boae spectatus est solidus infans”. Hinc, quod “bubuli” lactis succo alatur, nomen ei datum esse, Plinius ait 1.8 c. 14. Sed omnium serpentium id esse, ut lac avidè hauriant; colubrorum imprimis, que in pastu pedibus vaccarum circumvoluti posterioribus, lac ex uberibus ad sanguinem usque sugunt, notum est. Potius itaque ex Graeco dyes vocis origo arcescitur, quod idem est ac dyes, pro quo Acoles Bocotii dicebant byesm unde Latini suum boa sumserè, sicut ex phypes fecerunt popa. Dyes autem vel dytes, holymtheles est, natator: quod serpenti huic aquatici apprime convenit”.*

Cuja tradução é a seguinte: *BOA* — Serpente aquatica. a hidra dos Gregos, a que se refere Solin, c.2. “A Calabria produz grande quantidade de venenosas cobras aquaticas e a Boa, que — dizem — é uma cobra que cresce até um imenso volume. Procura primeiro os rebanhos cujas vacas dão abundante leite, prende-se-lhes ás tetas, e carregada pela continua sucção por longo tempo, se entumece finalmente até que se farta o sugador e, tanto, que nenhuma força pode com a grandeza dela; depois reduz a um deserto, pela devastação dos animais, as regiões que havia assediado. Ha mais, o Principe D. Claudio viu no campo onde está o Vaticano, no ventre de uma *Boa* morta, uma criança inteira.

Daqui — pois que se alimenta do leite bovino é que lhe foi dado o nome, diz Plinio 1.8 c.14. Mas isto é de todas as serpentes que haurem avidamente o leite: especialmente das cobras que enroscadas nas patas trazeiras das vacas, no pasto, sugam o leite das tetas até sair sangue, isto é sabido. Assim tambem a origem da voz *dyes* é tirada do Grego, e que é o mesmo *dyes* em vez do qual os Eolios, Beocios diziam *byes*, de onde os Latinos tomaram o seu *boi*; assim como de *phypes* fizeram *papa*. *Dyes* ou tambem *dytes*, nadador é o *kolymthelés*; porque convem o nome mais que tudo á serpente aquatica.

A celebre obra de C. Dufresne, *Domínio Du Canje-Glossarium ad scriptores mediae et infimae Latinitatis*, publicado em Paris em 1733, diz á pag. 1.206, T. I.:

“*Boa*. S. Hieron, in S. Hilariõ: “*Draco mirae magnitudinis, quem gentili sermone Boas vocant (Dalmatae) ab eo, quod tam grandes sint, ut boves glutire solcant!*”. (Plinio 8.14. *Boa Serpentis genus est a bubulo lacte, quo alitur, sic dictum*).

BOA — S. Jer. em S. Hilario. “Dragão de surpreendente tamanho que o povo chama pela palavra Boas (Dalmatas) por isso que são tão grandes que costumam engulir bois”. (Plinio 8.14. *Boa* — genero de serpente, assim chamada porque se alimenta do leite bovino).

Actualmente a *giboia* não é mais conhecida sob o nome de *Boa constrictor* como outrora. As regras de nomenclatura zoologica são implacaveis. A especie está collocada na Familia *Boidae* e no genero *Constrictor* Laurentius, 1768, e actualmente tem o nome de *Constrictor constrictor* L.

O genero *Boa* que Linneu creou em 1758 existe, incluindo, porém, outras especies, entre as quaes, a *Boa canina* conhecida no Amazonas pelo nome de *Araramboia*, cobra *papagaio*, ou *jararaca verde*. No T. X. das *Memorias do Instituto de Butantan*, encontra-se valioso estudo de Afranio Amaral intitulado *Contribuição ao conhecimento dos ophidios do Brasil*, onde o assumpto é competentemente ventilado.

Talvez seja de vantagem recordar uma das obras classicas sobre a materia, escripta por Dumeril et Bibron, que a editaram em Paris em 1844, sob o titulo: *Erpétologie générale ou Histoire Naturelle complète des reptiles*, obra de grande valor scientifico em 10 volumes, incluindo o atlas. Começou a ser publicada em 1834, e só terminou 20 annos depois.

Quando Eça de Queiroz se referiu ao trabalho do avô do Topsius, talvez tivesse conhecimento do numero de volumes de Dumeril et Bibron, e assim multiplicou o numero de tomos do trabalho de Schlegel sobre a phisionomia das serpentes, appareição apenas em dois volumes.

Já houve quem pensasse que o personagem de Eça de Queiroz seja uma allusão ao egyptologo allemão Lepsius, cujo nome o romancista luso transformou em Topsius, tio do companheiro do Raposo, e que aos 77 annos, no dizer do incomparavel Eça, ditou da poltrona "onde o prendia a gotta", a *Synthese monotheista da Theogonia egypcia*. Deve ser verdade, como tambem a hypothese que formulei que o Schlock do Eça é de facto o Schlegel do *Ensaio sobre a phisionomia das serpentes*.

Se Martius e Th. Sampaio tivessem lido os trabalhos de Schlegel e o de Dumeril et Bibron não teriam perpetrado a extranha etymologia de *giboia* significar a *comedora de rãs, que vive nos rios e lagôas*. Encontrariam nos livros daquelles naturalistas minuciosa descripção do modo de viver e alimentar-se da *giboia*; suas dimensões e habitos, feita pelo principe de Neuwied, em 1822 e 1824.

No vol. II n. 2, do *Bol. Mus. Nacional*, de Março de 1926, encontra-se o artigo — *Nomes vulgares de ophidios do Brasil*, da lavra de Afranio Amaral, no qual tão competente especialista aborda a etymologia do vocabulo *giboia*, abandonou as opiniões de Th. Sampaio e Teschauer, concluindo que o vocabulo significa "*cobra grossa, resistente, ou tenaz*". O medico paraguayo, Dr. Juan Recalde, que conhece e fala correntemente o guarany, auxiliou o especialista brasileiro na

interpretação do significado dos nomes indigenas dos nossos ophidios.

Tudo leva a crer que a etymologia proposta por Afranio Amaral seja a verdadeira. Paulino Nogueira ainda aventou a extravagante derivação: "*Cobra de arremesso, de gi machado e boia cobra, porque esta serpente lança o bote, semelhante ao golpe do machado*".

A crença da cobra beber leite é tão arraigada entre nós que Porto Alegre, no *Colombo*, assim *verseja*:

"Ali, a esposa o filho ao seio encosta
Sem que a surda *giboia* a rêdo chegue
Chupe o leite materno, e ponha a cauda
Nos tenros labios do enganado infante
Enquanto o somno lhe entorpece a madre".

Colombo, T. II, C. 35.

Quando Candido de Figueiredo tratou do verbete na edição de 1913, laconicamente pontificou: "*Giboia*. Grande serpente, a maior do Brasil" Não é exaeto; de todas, a maior é a *sueury*, que pôde alcançar até 12 metros de comprimento, mais do dobro da maior *giboia*.

A *sueury* pertence á Fam *Boidae* e em tempos pertenceu ao genero *Boa*; hoje é conhecida scientificamente por *Eunectes murinus*. Muitos autores confundem as duas especies. Isto começou com o arguto Gabriel Soares que no Cap. CIX registra *giboias* até 60 palmos vivendo nos rios e lagoas onde engolem "poreas d'agua", (capivaras), affirmando que chegam a engulir uma anta inteira e um indio. É um dos capitulos mais fracos do grande chronicista, pois registra larga série de informações inexaetas. Uma de Jorge Lopes de S. Vicente, que era um grande lingua "*e homem de verdade*" *sic*, que affirmava ter encontrado uma cobra no camiuhô que "*tinha liado tres indios para os matar*". Registra que em Garcia de Avila, Bahia, seus vaqueiros mataram uma cobra com 93 palmos o que não pôde ser verdadeiro.

O chronicista luso, no capitulo CX, trata das cobras que se criam nos rios da Bahia e que denomina *sucuriú* e *boiuna*,

Estas denominações não existem mais na Bahia; continuam no entanto em outros Estados.

A fama de tragar bois continua e o nome actual é *sucuryba*. Mello Moraes Filho assim a descreve nos *Cantos do Equador*:

"Roncando firma o bote, audaz *sucuriuba*
 Ao boi se lança e colhe-o; e ao estalar dos ossos,

 De trago em trago sorve-o... e hiberna á sombra
"

G. Soares acreditava que as suas *giboias*, que pela descripção da côr das escamas se verifica tratar-se de *sucury*s, engoliam vacas e as *boiunas* tragavam negros e índios, occorrendo segundo "*affirmam os linguas*", índios engulidos pelas *boiunas* e que tiveram a idéia de abrir a cobra com a faca que levaram pendurada ao pescoço e assim saírem vivos.

Conto de Magalhães, no *O Selvagem*, capitulo *O Grande serião interior* — chama o pluidio de "*sucurijú*", ouviu falar em cobras com 60 palmos de comprimento, as maiores que viu tinham apenas 35 palmos.

Refere-se á crença da cobra poder engulir um boi, cousa que nunca observou. Está inclinado, entretanto, a acreditar em tal possibilidade e isto porque matou uma *sucury*, contendo uma "*suassuapara* veado tamanho de um novilho", informa. Conta que em certo ponto do corpo a cobra tinha 7 palmos de circunferencia, pois além do anima' engulido, o ventre estava distendido pelos gazes.

Gandavo, em 1576, no *Tratado da Terra do Brasil*, cap. 8.º *Dos Bichos da Terra*, é o primeiro a fazer referencia a uma enorme cobra de nome *giboiossá*, capaz de engulir um veado inteiro, noticiando ainda que ha outras maiores, algumas "*são grandes em tanto extremo que apenas desaseis índios podião levar huma que matarão junto da costa entre os portuguezes*".

O maravilhoso não cessava.

O proprio Anchieta registra, em sua carta de Maio de 1560, cousas espantosas, não só relativas ao tamanho da *sucuriuba*, assim escrevia, como ainda sobre a faculdade de a cobra se reconstituir quando os urubús, presentindo que o ophidio tinha engulido uma grande presa, rasgavam-lhe o ventre á procura da carniça.

Aliás, esta crendice, ainda existe em Goyaz e a registrei no meu diario; esqueci-me de consignal-a na *Viagem Scientifica*. Quero, porém, chamar attenção para a maneira pela qual o grande Anchieta denominava a cobra e que é assim chamada em toda a região do rio São Francisco.

Euclides da Cunha, tem no *Os Sertões*, bella descripção da luta entre a "sueury flexuosa com o touro pujante" que, "Laçada a presa, distendia os aneis; permittia-lhe exaustão do movimento livre e a fadiga da carreira solta" etc.

O grande escriptor acreditou na lenda popular, porém, dando ao ophidio o nome pelo qual é conhecido em S. Paulo e inexistente na região bahiana onde se desenrolou a empolgante pugna, que foi Canudos.

Tenho a impressão de que o nome *sueury* seja uma abreviação de *sucuryuba*, pois a declaração de Anchieta, na sua carta de São Vicente, é peremptoria quanto á denominação que o indio dava ao grande reptil.

O interessante é que tal denominação não apparece em Piso, que tão pouco se occupou da cobra. O scientista hollandez no cmtanto tratou da *giboiá* á pag. 40 da *Hist. Nat. Bras.* chamando-a de "*Boiguacensive Iiboya*" auxiliando assim a interpretação que se deve dar ao vocabulo indigena.

Dumeril et Bibron, no capitulo que em 1844 esereveram sobre o titulo *Histoire Des Reptiles* e que apparece no celebre trabalho já referido, formam um juizo pouco favoravel sobre Plinio que, embora apparecesse depois de Aristoteles, encheu sua obra de erros e abusões, ao contrario do que occorreu com o grego "*dont les oeuvres sont remplies de faits et de verités*".

Entre o 4.º e o 9.º seculo da nossa era, houve uma grande lacuna na historia das sciencias que só foi preenchida quando os arabes traduziram os melhores autores gregos, tor-

nando a soldar os elos que formam a corrente dos conhecimentos humanos.

Em 1554 apparece a *Historia Animalium* da autoria do suisso Conrad Gesner, a quem Boerhave appellidou de *monstrum eruditionis* e cuja obra registra o que havia de mais interessante sobre os acontecimentos de historia natural desde os tempos mais remotos. Atravez deste trabalho, foi que o nome *boa*, que Plinio empregou, foi recordado; denominação que Johnston, Ruysch, Aldrovando adoptaram e que acabou sendo tambem empregada por Linneu, declararam Dumeril et Bibron que recordam tambem que certas crendices e erros continuavam entre o povo, e até mantidos por homens de grande valor como Buffon, que registra o facto de as cobras mamarem em vacas e ovelhas o que era tambem feito por algumas aves do grupo dos noitibós, curiangos e urutaus, crendice já registrada por Aristoteles que nunca vi assignalada no Brasil, mas que foi acreditada por um naturalista do valor de Buffon, lenda que originou a denominação da *Familia Caprimulgidae* dada aos generos que incluem taes aves.

Se Hartt, Th. Sampaio e Antenor Nascentes deram a um multiseccular vocabulo latino origem tupi, em 1935, Rodolpho v. Ihering, pag. 67 do *Boletim do Museu Nacional*, vol. XI, ns. 3 e 4, proeura corrigir Th. Sampaio, quando traduziu o significado de *Socóboi* dado a uma ave representante do genero *Nycticorax*, e interpretado pelo autor do *O Tupy na Geographia Nacional*, como *socó-cobra*, o que nos parece ser exacto.

Discordando, diz Ihering: "Seu nome, parece-nos, é um dos muitos compostos hybridos, referindo-se á comparação com o boi, a voz rouca, volumosa desta ave".

Ihering deixou-se influenciar por Goeldi, que a respeito do *socóboi* escreveu: "Que de facto a voz possui semelhança com o mugido do gado". Recentemente, contou-me Lauro Travassos te-la ouvido em Matto Grosso, sendo a voz parecida com o mugido do boi.

O indio, sempre que encontrava qualquer analogia com os serpentes, baptizava com este nome os animais. Taes de-

nominações entraram para o nosso falar e até hoje existem, como por exemplo, *araramboia*, que significa cobra arara, devido á cõr que tem a *Boa canina*. *Acutimboia*, cobra cotia; *Chironius curinatus*; *Jabotyboia*, cobra jaboty; *Leimadophis reginae*; *Trahyraboia*, cobra trahyra; *Liophis miliaris*; *cururuboia*, cobra supo; *Xenodon severus*; e ainda o exemplo do nome de uma ave entrando na composição da denominação: *tucanaboia*, cobra tucano; *Phylodrias viridissimus*.

Certos fulgorideos apresentavam para o indio qualquer analogia com a cobra, tanto assira que elle denominou de *jequitiranaboia* ou *jaquiranaboia* alguns delles. *Iaquirana* era o nome que os indigenas davam á cigarra. O sertanejo teve a mesma impressãõ que o indio. Já tratei deste assumpto em 1916, á pag. 115, da minha *Viagem Scientifica, Mem. Inst. Osw. Cruz*, T. VIII, quando escrevi: "As inoffensivas fulgoridas, no sul conhecidas por *jequitiranaboia*, têm naquellas regiões o nome de *cobra de asa*, e *cobra do ar*, sendo temidas como portadoras da morte".

Existe um crustaceo conhecido por *siriboia*, isto é, *siricobra*, devido ao colorido *marron* do casco manchado de branco. Para mim, dada a extensãõ do pescoço, o indio achou qualquer analogia com o ophidio e por isso denominou *socóboi*, *socócobra*: Theodoro Sampaio tinha razão.

Aos jesuitas não seria possível exigir mais do que fizeram. E' por isso comprehensivel que não conseguissem reproduzir a pronuncia do tupi com maior exactidãõ. Se em 1929 a Direcção da *Revista do Instituto Historico* faz preceder os *Vocabulos da Lingua Geral* de Stradelli da declaração de que por deficiencia dos linotypos não poude reproduzir certos accents no *y*, *u*, *a*, *o*, *e*, *i*, segundo assignalara Stradelli, o que se pôde esperar dos prelos lisboetas ha 3 seculos passados?

Tal declaração concorre para mais facilmente se comprehender o que escrevem Hartt: "*Mas a lingua geral do Amazonas não é o tupy dos antigos jesuitas. Na pronuncia e na estrutura as duas linguas differem ainda mais que o Portu-*

quez do Hespanhol, e as orações, hymnos, etc., dos Jesuitas não são entendidos pelos índios amazonicos de hoje".

Tenho bem nitida ainda a impressão que me causou um índio pronunciando o vocabulo *ig*. É' impossivel approximar o som com qualquer letra do nosso alphabeto que não tem meio de reproduzir a pronuncia. Harit á pag. 310 do seu trabalho procura ensinar como deve ser pronunciado. A simples leitura da explicação mostra que é um invencivel obstaculo reproduzir tal som sem tel-o ouvido.

Depois da phase de perseguição e exploração monstruosa feita aos índios pelos conquistadores, que os consideravam alimarias, sobreveiu a reacção que transformou o nosso aborigene em ser dotado de faculdades extraordinarias. Ha um immenso esforço, por parte de estudiosos, para demonstrar que o nosso índio comia carne humana, tão sómente como um rito, afim de incorporarem as boas qualidades do inimigo vencido, que não devia chorar nem dar demonstração de qualquer fraqueza. A seu modo, o nosso aborigene fazia uma especie de opotherapia da coragem e bravura.

De facto o índio morria estoicamente; os testemunhos são unanimes. Comtudo a nossa caboclada devorava com grande appetite todos os portuguezes que lhe caíam ás mãos e que choravam como bezerras desmamados. Hans Staden narra varios factos.

Havia um rito e um ceremonial que precedia á matança dos prisioneiros e acompanhava o banquete ho qual devoravam as victimas; apenas assignalo que forçavam muito tal rito e ceremonial, repetindo-o com a maior frequencia possivel.

É' incontestavel que ha muito de artificial na construcção do apparelho grammatical tupi e mesmo na organização do vocabulario. Th. Sampaio isto demonstrou quando criticou Stradelli que, tendo penetrado talvez mais que os outros no genio da lingua, inventou expressões que jámais o índio poderia empregar no estadio cultural em que se encontra.

Mostrei em certo ponto que a lingua era difficil de aprender tanto que, alguns annos após a chegada á Bahía, os jesuitas não a dominavam. Isto não impedia que Anchieta em

1554, em S. Paulo de Piratininga, tivesse como alumnos da sua grammatica a Pero Corrêa, segundo li nas "*Cartas*" de Joseph Anchieta, publicadas pela *Academia Brasileira*, em 1933.

Data dahi o dominio desta disciplina no Brasil que, ás vezes, se alastra com aspecto de verdadeira doença, a *grammaticose*, pois nisto acaba tudo no Brasil, como vimos no caso do *Código Civil* e como ocorreu em Portugal por occasião da epidemia do *Cholera morbus*, quando se discutiam as medidas para combater o mal, tudo ficou suspenso em torno das discussões na *Sociedade de Medicina* sobre o modo correcto de dizer-se: *o cholera* ou *a cholera*.

Aquella pobre Pedro Corrêa, que viveu em S. Vicente, no anno de 1549, era "*grande lingua da terra*" no conceito de Anchieta. Depois de ter sido alumno de grammatica, tomou parte numa expedição e acabou devorado pelos indios carijós, que o tragaram e mais os pronomes que tinha assimilado. A mesma sorte coube ao autor da segunda grammatica tupi, padre Luiz Figueira, devorado pelos indios de Marajó.

É quasi certo que a *Grammatica* de Anchieta já era estudada em Piratininga, desde o anno de 1555, e certamente em 1560 na Bahia, em exemplares manuscritos.

A *Arte* de Anchieta já estava composta em 1560, segundo carta de João de Mello, de 13 de Setembro daquelle anno, quando escreve: "Logo que o Padre (Luiz da Grã) aqui chegou e ordenou que em casa se lesse a arte da lingua brasileira que compoz o irmão José; o mesmo Padre é o mestre e está tão exercitado e instruido nella que leva vantagem nas cousas da arte ás mesmas linguas" (*cf. Hist. Ger. do Brasil Vis. Port. Seguro* — Nota de C. de Abreu — Vol. I — pag. 406).

Quando um mestre como Antenor Nascentes diz á pag. XXIII do seu *Diccionario Etimologico da Lingua Portuguesa*: "Das linguas americanas, expressão um tanto vulgar e impropria, foi o tupi guarani falado pelos indios do Brasil, a unica que offerêceu directamente elementos ao portuguez", e assi-

gnala a presença apenas dos seguintes 23 vocabrlos: *abacaxi, abanheon ou abanheonga, aimoré, ananaz, arara, boa, copaiba, guarani, hévea, ipecacuanha, jacaré, jaguar, jibcaia, mandioca, petunia, sagui, sarigueia, tamanduá, tapioca, tapir, tatu, tucano, tupi*", fica-se aturdido com a insignificancia da lista.

Em qualquer dicionario de importancia, da lingua franceza ou ingleza, os nomes de expressões derivadas do tupi attingem muitas vezes isso. Mas nem isto é preciso, basta citar o exemplo de uma obra estrangeira com mais de um seculo de existencia e de prestigio e utilidade crescentes: a *United States Dispensatory*, de Wood-Lawall, commemorando, com a 22.^a edição publicada em Philadelphia em 1937, o centenario da primeira edição em 1833.

Trata-se de um grande volume de quasi duas mil paginas e que é praticamente o complemento das pharmacopéas inglezas e norte americanas, elaborado por um grupo de especialistas em therapeutica, pharmacia, botanica, chimica, bacteriologia e hygiene.

Quando se compulsa tão importante obra, é que se vê como as denominações que os nossos indios davam ás plantas brasileiras vão atravessando fronteiras e se fixando no vocabulario scientifico internacional.

São usadas correntemente para indicar o nome das plantas ou são dellas derivadas para baptisar alcaloides e outros principios existentes nos vegetaes. No importante trabalho, encontramos precisas informações sobre vegetaes brasileiros, suas propriedades therapeuticas e principios que encerram e interessam á pharmacia e á materia medica.

Os nomes tupis e seus derivados apparecem na grande obra em não pequeno numero, entre os quaes os seguintes: *acajú, araroba, buranhem, caburchiba, caroba, carobina, carobinha, cipó carneiro, cipó suma, pirageia, copaúiba, copahy, curare, curarina, copaiva, cangambá, geratacaca, guaraná, guaranina, guaranham, ipecacuonha, ipecacurina, ipecamina, jacarandá, jaborandy, jambú-assú, junguarandi, jaurandi, jequiritol, jequiriti, jurubeba, manacá, manacam, manacina, manioca, mucuna, muirapuama, muirapuamina, mureré, oiti-*

cica, petum, poaia, protocurarina, sapucainha, simaruba, succupira, tapioca, tayá, tayuyá, tayuyna, timbó, timboina, timbol, timbonina, tubocurarina, urucú.

Naturalmente que os accentos por nós usados desapareceram destas palavras que são pronunciadas á ingleza. O mais curioso, porém, é que varios destes vocabulos referidos e citados em obra de tão grande vulto, não estão incluídos nas edições recentes dos melhores lexicos portuguezes.

Araroba é nome que figura officialmente na *Pharmacopœa Britanica* para indicar o pó de Goa, de onde se extrae a *Chrycarobina*, principio medicamentoso formado com um radical grego e terminação tupi, *araroba*, nome vulgar da leguminosa brasileira *Vouacapoua araroba*.

As denominações *Janguarandi* e *javandi* são termos empregados no commercio estrangeiro para folhas de falsos *jaborandis*. *Corobina* foi a substancia encontrada em 1882, por Peckolt, em representantes da Fam. *Bignoniaceae* conhecidas como *caroba*, *carobinka*, e onde se encontram os acidos *carobico*, *steocarbico* e um principio de nome *carobon*, todos nomes derivados tupis.

Cipó carneiro, *cipó suma*, *pirageia* são representantes do genero *Anchietea*, de onde foi extrahido em 1897 um alcaloide por Peckolt e que deu o nome de *anchietina* e que relembramos porque o assumpto que estamos commentando tem toda a afinidade com o auctor da primeira grammatica tupi.

Copahiba é vocabulo tupi dos que primeiro entraram nas pharmacopœas estrangeiras. Em 1677 já figurava na ingleza, em 1820 na norte americana, sob o nome *copaiba*. Na franceza figura com o nome alterado *copahu*, na allemã *copaiva*. O nome *ipecaquanha*, parece extranho, é um tupismo dos que menos alterações soffreram nas pharmacopœas estrangeiras, provavelmente porque preferem escrevel-o, evitando pronuncial-o. Delle se originaram novos vocabulos scientificos: acido *ipecaquanico* descoberto por Willigk; *ipecamina*, *hydroipecamina*, principios estudados em 1914 por Mere e Hesse.

Ipecauanhina, glicoside estudada por Finnemore e Braithwaite, em 1912, *Acquiritol*, preparado empregado na

therapeutica ocular desde 1901 por P. Römer, e derivado de *jequirity*, nome do vegetal. *Jurubeba*, denominação introduzida no commercio estrangeiro para designar producto de um outro vegetal, embora do genero *Solanum*, estudado por Peckolt. *Manacina* e *manaccina* derivam-se da palavra *manacá* e designam certas substancias florescentes encontradas naquelle vegetal.

Muirapuamina é o nome do alcaloide descoberto por Peckolt nas raizes da *muirapuama* (*Liriosma ovata*). *Tayayina*, principio amargo encontrado por Peckolt na raiz de *tayuyá*. As sapindaceas empregadas entre nós para *tinguijar* e conhecidas por *timbó*, originaram os derivados *anhydrotimboina*, *timboina*, *timbonina*, principios encontrados no vegetal por Martin e Pfaff, além de uma substancia oleosa que recebeu o nome de *timbol*, de pura origem tupi.

Persistencia da influencia tupi no falar brasileiro. Considerações finais

Os pesquisadores estrangeiros queixam-se da deficiência dos vocabularios tupis. Em 1923, em S. Paulo, o Padre Constantino Tastevin reimprime sua *Grammatica da lingua tupy*, cuja primeira edição, em lingua franceza, fôra publicada em Vienna, em 1910.

Th. Sampaio, na 3.^a edição do seu trabalho, faz critica serena e convincente da *Grammatica* de Tastevin, que procura corrigir e rectificar "*observações que Montoya, Anchieta, Figueira e outros autores consagrados não o fizeram, assim como não conseguiram, diz Tastevin, descobrir o mecanismo, o segredo tão simples e tão facil dessa bella lingua*", o que tambem Tastevin não alcançou, diz polida e serenamente, Th. Sampaio.

Foi este investigador que chamou a attenção para a *Chronica da Companhia de Jesus*, do Padre Simão de Vasconcellos e das interpretações que o autor fazia dos vocabulos tupis, de tal forma erradas que, declara Th. Sampaio, "*se chegava a duvidar dos conhecimentos linguisticos do celebre jesuita*".

Th. Sampaio, referindo-se ao trabalho do competente e desditoso Conde Ermano Stradelli, ainda presta um serviço aos que estudam ou têm curiosidade pelo assumpto, quando lembra que "*O esboço de Grammatica e o Vocabulario Portuguez-Nheengatú- e Nheengatú-Portuguez*" representam, em verdade, um grande e muito paciente esforço da parte do seu autor, mas faz reservas quando escreve: "*O amor que Stradelli tinha pelo nheengatú levou-o á criação de neologismos e nisso se excedeu algum tanto, com prejuizo da authenticidade da lingua viva, tal como é ella hoje falada, entre os selvagens e os seus descendentes civilizados*".

Há rumores de que Anchieta preparara um vocabulario que, copiado, era distribuido pelos jesuitas. Pelo numero de

copias consultadas por Varnhagen, de um trabalho tão desenvolvido quanto o era o de Gabriel Soares, pode-se ver como era uso naquella época a copia de manuscritos; até hoje ninguém encontrou nada de Anchieta; creio que, se houvesse algo neste sentido, já teria de ha muito apparecido.

Reza a tradição que o Padre Anchieta escreveu um vocabulario tupi: tudo leva a crêr que isto seja verdade, porque a elaboração de um glossario deve preceder á de uma grammatica. Porém, não ha nenhuma demonstração de que isto tenha occorrido.

Á pag. 57 do *Vocabulario na Lingua Brasilica*, que Plinio Ayrosa publicou em S. Paulo em 1938, lê-se a seguinte carta que lhe enviou o Padre Serafim Leite: "*Anchieta deixou um vocabulario tupy. E houve até licença para se imprimir ainda em sua vida. Mas não consta que se desse á estampa. É possível que alguns dos posteriores fosse esse "correcto e augmentado"; como tambem aquelle de Anchieta não foi o numero um. Antes d'elle fizeram outros ensaios de vocabularios, que iam correndo manuscritos e se iam ampliando e polindo; nem duvido que alguns desses passassem ao Paraguay com os primeiros jesuitas que lá foram do Brasil no seculo XVI*".

No entanto, na notavel obra que o preclaro Serafim Leite está publicando sob o titulo "*História da Companhia de Jesus no Brasil*", editada em Lisbôa, encontra-se no vol. II, dado á publicidade em Novembro do anno passado, no *Livro V, Cap. II, § 3.º*, pag. 552, o seguinte a respeito de glossarios: "*Feita a Arte, necessitava-se vocabularios. Os vocabularios tupis organisados pelos jesuitas do Brasil, deveriam ser, a principio, simples listas de nomes, listas que iam passando de um lado a outro, ampliando-se ou aperfeiçoando-se successivamente*".

Até ahi ha concordancia com a carta escripta a Plinio Ayrosa. Continua Serafim Leite: "A primeira vez que se nos depara referencia concreta a vocabularios em forma é em 1585. Pedindo-se licença a Roma para se publicar a *Doutrina Christã*, do P. Marcos Jorge, que Leonardo do Valle adaptara á lingua tupi, pediu-se, ao mesmo tempo, licença para se imprimir o *Diccionario da Lingua Brasilica*, para uti-

lidade dos que a aprendem. Em 1592, renova-se o pedido para impressão de um lexicon tupy que se estava escrevendo. Quem será o escriptor? Costuma falar-se de Anchieta. Será elle?"

Serafim Leite informa que, nos documentos da época, não achou noticia de qualquer intervenção de Anchieta no referido trabalho, apenas esta gradação: "Quirino Caxa, enunciando as obras de Anchieta na lingua tupy, não falia de vocabularios; Pero Rodrigues já affirma que deu principio ao vocabulario; Simão de Vasconcellos dá o passo final e escreve: fez o vocabulario da mesma lingua".

Logo adiante Serafim Leite affirma que a unica coisa que se pode afirmar é que o Padre Beliarde a 21 de Setembro de 1591, em carta que escreveu da Bahia, narrando a morte de Leonardo do Valle, em Piratininga, a 2 de Maio daquelle anno, chama-o de Principe dos linguas brasilicos que foram companheiros de Nóbrega e dos primeiros padres e "*autor do Diccionario da Lingua Brasilica optimo, copioso e muito util por onde facilmente se aprende*".

Mais adiante no magnifico capitulo que Serafim Leite denomina "*Fundação da Linguistica americana*", diz que o vocabulario do Padre Leonardo do Valle não se imprimiu; que andou por todas as mãos devendo ter ido parar com a grammatica de Anchieta e a Doutrina até em Tucuman e Paraguay com os primeiros padres idos do Brasil.

Informando ainda que não encontrou, no Archivo Geral da Companhia, nenhum vocabulario dos primeiros jesuitas do Brasil, afirmando que tem forte razão para fazer remontar aos primeiros padres, o *Codice* piratiningano de 1622, attribuido a Pero de Castilho. Affirmando finalmente, á pag 556, do trabalho referido que: "No estado actual dos nossos conhecimentos historicos, aquelle *Vocabulario da Lingua Brasilica*, obra certamente dos padres jesuitas, tem que se falar em Leonardo do Valle, sem excluir, é claro, provaveis remodelações e aperfeiçoamentos ultteriores, inclusive a do Padre Anchieta. Este recuo no tempo dá-lhe, incontestavelmente, maior valor".

No anno de 1938 foram editadas duas importantes publicações: uma em S. Paulo e que Plinio Ayrosa intitulou "*Vocabulario na Lingua Brasilica*"; outra em Lisboa "*A Historia da Companhia de Jesus no Brasil*", de Serafim Leite.

Encontra-se na primeira a declaração do proclamo jesuita, em carta a Plinio Ayrosa, de que Anchieta deixára um vocabulario que não fôra impresso; no trabalho apparecido em Lisboa, o eminente Serafim Leite está inteiramente inclinado a acreditar que o vocabulario fosse da autoria de Leonardo do Valle e procura afastar Anchieta do scenario.

A duvida continua já que habil e prudentemente Serafim Leite se resguarda escrevendo: "Sem excluir, é claro, prováveis remodelações, aperfeiçoamentos ultteriores, inclusive a do proprio Anchieta".

Plinio Ayrosa elaborou brilhante prefacio discutindo a autoria do *Vocabulario*. Com a leitura dos dados que se encontram no 2.º tomo da notavel obra que Serafim Leite está publicando, pode-se admittir a hypothese de que o referido *Vocabulario* venha a se entroncar com os primeiros glossarios e notas dos jesuitas no Brasil, isto porque, á pag. 558 da *Historia da Companhia de Jesus no Brasil*, Serafim Leite transereve um documento escripto na Bahia a 20 de Setembro de 1592, (a carta de Beliarte) onde se encontra a seguinte declaração: "Quanto á *Doutrina*, 40 annos ha que se compoz e até agora sempre se ensinou, apurando se e emendando-se, assim no tocante á theologia como na lingua". E mais adiante: "A *Arte*, outro tanto ha que se compoz, mas sempre se foi apurando".

Assim é perfeitamente cogitavel que empregassem o mesmo methodo em relação aos vocabularios. Neste caso, nas suas paginas, devem existir alguns dos apontamentos tomados sobre lingua tupi pelos jesuitas que aqui chegaram nas primeiras levás.

Sómente isto explicaria o registro de toponimos indigenas inteiramente desconhecidos, como assignala Plinio Ayrosa, no *Estado de S. Paulo*, em bello artigo intitulado *Nomes*

tupis de nossas ilhas apparecido em 21 de Setembro de 1938.

O prazer da leitura dos volumes da grande obra, que Serafim Leite está escrevendo, é verdadeiramente intenso e o leitor a custo se desprega do livro.

Dentro, porém, do programma dos artigos que escrevi para o *Jornal do Comercio* sob o titulo *Assumptos Brasileiros*, quero chamar attenção, de passagem, para um ponto que Serafim Leite aborda no tomo II, livro V, Cap. II, pag. 579, intitulado "*Contribuição para as sciencias medicas e naturacs*", que não está certo. O preclaro jesuita discute se a syphilis é ou não de origem americana e se estriba na opinião de Carlos França para tratar do assunto.

Carlos França foi um homem de alto valor scientifico; honrou a casa onde trabalhava, o *Instituto Camara Pestana*, legando á sciencia trabalhos notaveis.

Acontecimentos politicos levaram o investigador luso a ir viver em Collares, já não dispondo dos mesmos meios de investigação, e entregue a pesquisas exclusivas de systematica, estudando um grupo de insectos do genero *Flebotomus*.

Lá escreveu *Os portuguezes do seculo XVI e a Historia Natural do Brasil*. Foi neste trabalho que Serafim Leite deparou aquella relação que Carlos França, num grande coelilo, encontrou entre aquella lagarta preta, *socanna*, de que já tratei e que os indios empregavam para obter certos efeitos, e a possibilidade da transformação do agente causador da syphilis, que poderia proceder de um organismo parasitando aquella lagarta e se transformando no germen que tantas devastações causa ao genero humano.

Diz França, terminando o capitulo: "Os nossos actuaes conhecimentos parasitologicos não permitem considerar ridicula esta idéia".

Jámais isto poderia occorrer. Naturalmente que estou eliminando a possibilidade do milagre neste assumpto. A verdade é simples e uma só: os europeus trouxeram-nos a civilização e tambem a *sifilização*.

Serafim Leite inicia o importante capitulo dizendo: "Os jesuitas portuguezes, ao chegarem ao Brasil, viram-se logo

a braços com as doenças tropicaes, e sem medicos". As doenças tropicaes foram introduzidas.

Encontraram no nosso meio vasto campo de disseminação, porém, quasi todas foram importadas.

Ha uma grande impropriedade em tal denominação. Os indios, por occasião do descobrimento, viviam em estado de perfeita hygiene. A carta de Caminha é disto um attestado. Haveria talvez a ancilostomose que é tambem provocada por um verme encontrado no Brasil, o *Necator americanus*, quasi tudo mais foi importado, desde a malaria, conhecida de tempos remotissimos e para muitos a causadora da decadencia da Grecia e Roma. *Quartana tertiana* era uma praga corrente entre os velhos romanos.

Na extraordinaria obra que está escrevendo, Serafim Leite recorda que o estudo do tupi começou na Bahia em 1549, mas seu exercicio só verdadeiramente se realizou em 1558, com o irmão Antonio Rodrigues. Lembra que em Porto Seguro havia um homem antigo que tinha o dom de escrever a lingua dos indios, pena que não tivessem encontrado o nome deste precursor porque, o primeiro aproveitado para auxiliar os jesuitas na aprendizagem do tupi, como foi Caramurú, talvez não soubesse escrever.

Diz Serafim Leite que a *Arte* de Anchieta chegou á Bahia em 1556, ao mesmo tempo que as orações traduzidas por um irmão de S. Vicente, onde portanto se originaram taes estudos.

Recorda a difficuldade que muitos jesuitas tinham de aprender a lingua, como por exemplo, Jorge Rodrigues que em 1556 só confessava a gente branca por não saber o tupi, apesar de ter se consagrado a taes estudos durante dois annos; e aquelle Antonio Pires que em 1560 dizia: "*Ho 12 annos que cá ando e não sci nada*".

Lembra o aperfeiçoamento continuo dos trabalhos ao citar um documento de Padre Antonio Sá, que começou a ensinar em portuguez porque sabia "*que era necessario concetar-se alguns vocabulos que estavam na doutrina*".

Assignala uma verdade e que representa um dos maiores servicos prestados pelos jesuitas á nossa patria: "*A tal uni-*

dade de lingua, que concorreu, sem duvida, para a unidade brasileira, recebeu dos jesuitas extraordinario vigor, pela feição culta, que lhe deram, fixando por escripto as suas formas grammaticas e vocabularios".

Varnhagen em nota n. 186, nos commentarios feitos ao *Tratado Descritivo*, diz que o nome de *boicininga* "cahiu em desuso e só ficou cascavel". Não é verdade. O povo, inconscientemente, tem methodos para preservação de habitos, usos e lingua. Levado pela necessidade de conhecer bem a biologia dos ofidios, afim de combatel-os pelo preparo dos soros antipeçonhentos, o brasileiro viu-se obrigado a estudar, sob todos os aspectos, tão importante grupo zoologico. Já alludi ao extraordinario numero de ofidios vindos de todos os pontos do Brasil, remettidos ao *Instituto de Butantan*, e que tambem serviram para o estudo da synonymia vulgar.

Em lugar de desaparecer, o nome *boicininga* se manteve e como a pronuncia indigena nunca pode ser fixada convenientemente, em alguns logares do Brasil ficou a denominação de *boicununga*, como ocorre em pontos da enorme Amazonia.

Ali a cascavel é ainda conhecida por outras denominações, de accordo com o conhecimento maior do falar dos indigenas, como se verifica com o nome que possui de *maracá*, que significa choicalho.

O ofidio ainda é baptizado por mais dois nomes, ambos indigenas, um no sul do Brasil, que é *boiquira*, outro no centro *maracáboia*.

Já que tocamos neste ponto, devemos recordar que Candido de Figueiredo, em uma das suas edições, a proposito dos nomes *sucurijú* e *sucurijuba*, decidiu serem os mesmos, julgando ter occorrido qualquer erro de imprensa.

No entanto, o que se verifica é que para cada região corresponde uma denominação local, *v. g.* em certos pontos do sudeste da Amazonia e centro do paiz, o nome é *sucuriú*, em outros é *sucurijú*, *sucurijuba* e *sucuriuba*. Em 1889, o Visconde de Beaurepaire, no *Diccionario de Vocabulos Brasileiros*, já tinha ventilado a questão quando trata do verbete *sucury*.

Em pontos do litoral e do centro do Brasil, o nome do ofidio é *Arygboia*. Na immensa Amazonia, conforme a região, os nomes dados são *boiuna*, *boissú*, *boiassú* e *boiguassú*. No nordeste appareceu o nome *boitiapoia*. Sómente um nome portuguez surge para denominar animal tão conhecido e isto na Amazonia que, durante algumas deeadas, foi ponto de concentração de gente de todas as paragens do Brasil e de alguns paizes. Em certas localidades a enorme cobra tem a denominação lusa de *viborão*.

Des 15 nomes indigenas de ofidios registrados por Gabriel Soares, apenas um, *tiopuruna*, não encontrei mais. Da zona do Reconcavo bahiano quasi todas as primitivas denominações desappareceram. Pelo trabalho de Afranio Aneral verifica-se, no entanto, que os nomes persistem em outros pontos do Brasil, sobretudo presentes no Nordeste e na Amazonia.

Ha tempos quando me occupei do assumpto, disse que o nome *tiopuruna* não existia mais. Hoje tenho que alterar modo tão categorico de eserever, em consequencia de uma interessantissima e valiosa epistola que me escreveu o presado amigo e illustre collega Phocion Serpa, a proposito do vocabulo *mitinga*, registrado por Gabriel Soares e que suppuilha ter de todo desaparecido e que Phocion Serpa, de modo brilhante, demonstra ainda persistir no Estado do Rio, quando me informa, em missiva de 30 de Agosto de 1938, o seguinte: "Posso assegurar-lhe, fiado na minha memoria, que sempre ouvi a meu pae chamar a esses pequeninos insectos e, por extensão a toda a sorte de borraekudos que nos atormentavam, muitos dos quaes pareciam ter preferencia pelos nossos olhos, — pelo nome generico de *mitinga*."

Mitinga, ás vezes, não era apenas o mosquito, mas tambem um synonymo de coisa sem importancia, v. g. a polilha, a moinha de carvão que toldava, de leve, a brancura do leite que nos serviam".

Acerrescenta o illustre collega que toda a sua familia é originaria do Rio de Janeiro e criada na Fazenda do Travesão, no Estado do Rio, ás margens do rio Itabapoana, perto do Espirito Santo. Não sabe se o vocabulo *mitinga* que elle

ouviu no lar fôra aprendido nesse local ou no Rio Doce onde seu pae estivera trabalhando.

Ainda informa que, pessoa de sua familia natural da cidade de São Fidelis, Estado do Rio, tambem ouvira a um seu ascendente empregar o vocabulo *mitinga*.

A inesperada e valiosa collaboração vem demonstrar que o vocabulo, empregado por Gabriel Soares e que suppunha haver desaparecido, continua presente em alguns pontos do paiz.

Tive depois confirmação da existencia da palavra *mitinga* no Estado do Rio, na accepção empregada por Gabriel Soares, por varias pessoas filhas d'aquelle Estado.

Aliás, ha muitos annos passados, Figueiredo de Vasconcellos me informou que em Macahé é corrente o vocabulo tupi, *puan* para designar o chelicero dos crustaceos, vulgarmente chamado no Brasil de *bocca de sirí*, *boca de caranguejo*. e em linguagem culta, *pinça*.

Poim chamava o indio ao dedo pollegar, *ap.* Frei Onofre no seu *Diccionario* e como se vê tambem no *O Caderno da Língua De Fr. Arronches*. Vocabulo que se prende a *erguer-se*, *levantar-se*, *pôr-se em pé* como ocorre com o pollegar ou com as *puans* ou *boccas* dos caranguejos e siris.

Mais recentemente, fui informado pelo eminente Pirajá da Silva que na zona de Camamá, sul da Bahia, o vocabulo *puan* é corrente.

No Brasil é systema de administração querer resolver factos da evlução á força de leis e regulamentos. Por isso, muita vez se nota extranha disparidade entre o que o povo diz e pensa e o que a administração resolve.

Citei, em outro ponto, a palavra *Mantiqueira* que a gente da *Baixada Fluminense* chama de *Mantiquira*. O *Guia Postal da Republica*, no entanto, quando installou uma agencia postal na zona do Xerem, onde o povo só denomina de *Mantiquira*, escreveu não este nome, mas o de *Mantiqueira*.

Para compensar esta alteração burocratica, poderemos citar facto analogo em sentido opposto, porém. O indio não podia pronunciar *cruz*, devido ao *r*. Tal difficuldade origi-

nou a formação de dois vocabulos. Se era guarani, pronunciava *curuzú* e *curuçú*, se tupi, *curuçá*. O primeiro destes nomes existe em Alagoas, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Matto Grosso, denominando localidades ou agencias postaes. O segundo é encontrado no Amazonas, Pará, Piahy e Bahia: neste Estado denomina um municipio: *Curuçá*.

Dois vocabulos procedentes do portuguez foram alterados pelo indigena, que acabou impondo-os aos invasores e seus descendentes. *Narandiba* e *Naranduba* são vocabulos creados pelo indio depois do descobrimento do Brasil. O indio pronunciava *naran*, pois não podia dizer *laranja*. Este fructo foi introduzido desde o inicio da colonização. Propagou se intensamente sendo encontrado até em matta virgem acarretada a semente pelos animaes.

O autoctone acrescentou o suffixo *dyba* ao vocabulo *naran* afim de caracterizar um laranjal. *Narandiba* ainda é encontrado baptizando fazendas, sitios e locais onde, ás vezes, não se vê qualquer laranjeira nem ha recordação de nenhum gentio, o nome, porém, é sufficiente para lembrar a planta e o caboclo desaparecidos.

O Brasil não resolveu ainda o problema da sua alfabetização, é triste confessar. No Estado mais rico, prospero e civilizado do paiz, São Paulo, sómente são attendidos 50% ou pouco mais da sua população escolar. Com o extraordinario tamanho do paiz e enormes difficuldades de communição, as populações sertanejas guardaram não só a lingua que lhes trouxeram os invasores, como tambem muito da que era falada pelos indigenas.

Na Ilha do Bom Jesus pode verificar, cotejando com as descrições de Gabriel Soares, que o modo de pescar appellido dos indios continua, na apanha do peixe, mariscos e captura dos crustaceos.

Guarda-se intacto o modo que o indio se utilizava para apanhar caranguejos e guayamús. Os primeiros tirados até mecanicamente dos buracos em que vivem, introduzindo-se o braço; os outros pela obstrução das entradas com chumaços de vegetaes afim de lhes retirar o ar e apanhal-os facilmente

no dia seguinte estonteados, procurando saber. Este processo, porém, está desaparecendo.

Em 1929, certa vez, á noite, em um bar, á beira-mar, na pittoresca localidade denominada Amaralina, na Bahia, perto do primeiro ponto onde se installaram os portuguezes e onde naufragou Diogo Alvares, o *Caramuru*, pude observar, dispondo de conforto que a civilização faculta em local illuminado a luz electrica, ouvindo um aparelho de radio, a marcha oscillante em enorme extensão de numerosos pontos luminosos, vermelhos e distantes que revelavam a presença dos praieiros da zona, *fachcando*, isto é, pesando e mariscando, exactamente como faziam os indios que ali viviam quando os portuguezes chegaram, ha mais de 4 seculos.

O vocabulo tupi para tal metodo de pescar ainda existe em certos logares de Santa Catharina, como escreve á pag. 20 do n. 68, An. VII, da *A Voz do Mar*, Jan. 1928, o Commandante Lucas Boiteux. O povo, ali, ainda chama o processo de pescar com fachos, pela denominação indigena *tatatuá* que para o illustre autor do excellente artigo — *Vida Maritima Catharinense* — cap. XIV — *A Pesca, Seus Engenhos, Armadilhas e Processos entre nós*, é uma alteração de "*tatá u atá* fogo que caminha nagua".

Na Ilha do Bom Jesus e na dos Frades, emprega-se entre o povo o mesmo processo de curar, registrado por Gabriel Soares, com applicação do calor, a que o indio se submettia quando se encontrava ferido. Entre o povo ainda se tratam ferimentos, com applicação prolongada de um tição em braza.

O sertanejo, quando quebra os galhos de arvores no meio do matto, para assignalar o caminho e poder voltar ao ponto de partida sem transviar-se, está repetindo processos e methodos do indio.

Os factos que observei e registrei, uns se passam num dos suburbios da cidade do Salvador, os outros apenas a 20 milhas da Capital, dão bem idéa como habitos, usos e muito da lingua dos indigenas são mantidos pelo Brasil afóra.

Naturalmente que jungida á evolução, a que nada escapa, as palavras alteram-se e se transformam desde o começo da

nacionalidade. Os brasileirismos empregados por Gabriel Soares já tinham aspecto lusitano, afeiçoado pela garganta do colonizador, *beijú, mutuca, mandioca, pagé*, mesmo antes como registraram Nóbrega e os *Documentos Historicos: cipó, cimbira, moquem, mandioca*, etc. entre 1519 e 1552.

A lingua da gente cabocla foi passando lentamente para os colonizadores e seus descendentes. Os poucos e superficiaes estudos eram feitos esporadicamente e as contribuições appareciam com largos intervallos de tempo. Por isso a lingua do indigeua dava origem a erros interessantes.

Sernambityba que significa deposito de conchas *sornambi*, em sentido lato *ostreiro*, e que denominava uma localidade, foi transformado, com o tempo, em *Simão de Tyba*, e mais tarde *João de Tyba*, como foi registrado por Ayres do Casal, á pag. 71, T. II, da sua *Corographia Brasilica, ap. Varnhagen*. Hoje, *Simão de Tyba* designa um rio do municipio de Porto Seguro, Bahia.

Um homem de excepcional valor e que estudara a lingua tupi, Martius, chegou a traduzir Guaratinguetá como "*logar onde o sol chega e volta*". O grande naturalista, com o tempo, adquiriu tambem imaginação tropical. Martius ainda traduziu *Quixeramobim*, como "*Ah! meus tempos passados*", e o vocabulo, segundo affirma Th. Sampaio, não é sequer tupi.

Ocupei-me, certa vez, da discussão travada entre Th. Sampaio e Orville Derby a proposito da palavra *Cananéa*, localidade que bem conheço o que me levou a procurar a origem do nome, e a deparar então com a polemica travada entre aquelles eruditos.

Th. Sampaio quiz ver em Cananéa uma origem tupi, procedente de *Cunindé*, e encontrava um caminho longo para explicar a etymologia. Derby, ao contrario, e para mim mais convincente, achava que o nome procedia, por via mais curta, de uma expressão biblica, *Caná, Cunaneu, Cananea*, que acho muito mais natural, denominação muito em voga na época, pois Gil Vicente, em 1534, fizera representar em Lisboa o seu *Auto da Cananéa*.

Quando ocorreu o surto literário do caboclisto, com José de Alencar, Porto Alegre, Magalhães e outros, verificou-se que o conhecimento de tupi desses autores era superficial.

É conhecido o caso de José de Alencar interpretando como tupi a palavra *Mecejana*, que depois se verificou ser expressão toponímica portugueza existente no Alentejo.

Martius, neste particular, também errou, á pag. 510 dos seus *Glossaria* lê-se: "*Jerumenha Piahy, Villa*) — *Jerumá abobora, meeng dar*". A denominação, no entanto, é perfeitamente lusa, pois é a de um povoado alentejano, recorda Th. Sampaio.

O facto que afixou tal confusão foi a *Carta Regia* do Marquez do Pombal. O governo portuguez, impressionado com a crescente importancia do tupi, ordenou ao Governador de Pernambuco, em 6 de Maio de 1758 e depois a outros que elevasse á categoria de villa *com os nomes de logares da metropole as aldeias fundadas pelos jesuitas e que contassem mais de 50 fogos*. Eis a razão por que no Amazonas e Pará, centros de enorme influencia cabocla, até hoje nomes portuguezes baptisando cidades e villas :ão tão communs.

O assumpto referente á linguagem dos indigenas, idioma que ficou consagrado com o nome de tupi, foi estudado tão deficientemente a principio, que hoje não se sabe exactamente a significação exacta dos nomes mais correntes e que já passaram do paiz para as linguas estrangeiras, como são os vocabulos *tupi* e *tapuio*. Esta asseveração foi feita por Th. Sampaio, á pag. 14 da 3.^a edição do seu trabalho.

O Padre Tastevin affirma que no Amazonas, *tupis* e *tapuias* são um só e unico povo, o que vem de encontro a tudo quanto está estabelecido desde a época do descobrimento, affirmando ainda que os caboclos amazonenses têm orgulho em se chamarem *tapuias*, "nome que para elles nada tem de ignominioso, e sem esse sentido de barbaro, inimigo ou escravo que lhe emprestaram os chronistas e historiadores", acrescenta Th. Sampaio.

Sem autoridade para commentar, apenas lembro que isto representa o *a b c* da questão, historica e philologicamente fa-

lando. Ha, portanto, um mundo de coisas a ser aprendidas ou revistas em relação á linguagem dos nossos indios.

Além de *pian*, que se tornou palavra franceza, existe o vocabulo *tapir* que Candido de Figueiredo, não fugindo á regra de eserever disparates sobre coisas brasileiras, define na sua edição de 1913, da seguinte maneira: "*Tapir* — m. zoo. Planta do Brasil (T. tupy)".

Anta, em Portugal, segundo notavel autoridade, é o mesmo que *dolmen*, e o vocabulo é reproduzido na toponimia lusitana tendo até originado o nome *Dantas*.

Em Outubro de 1912, J. Leite de Vasconcellos apresentou no Congresso de Archeologia de Roma a memoria *Le Peuplement Du Portugal Aux Temps Préhistoriques D'Aprés Les Données de La Toponymie* no qual já se occupava do vocabulo *anta*, nunca porém em sentido zoologico. No entanto, João de Barros nas *Decadas*, I — Liv. I C. 7, Fol. 15 edição de 1628, e pag. 63 ed. 1778, emprega-o e faz referencias ao couro do animal quando esereve: "*Ouve-se mais em este resgate huma adarga de couro danta crú*". A primeira *Decada* foi publicada em 1552. O vocabulo já estava sendo empregado, de torna viagem em Portugal, com o sentido que aqui adquiriu quando baptisou um mamifero desconhecido dos portuguezes, ou designava o couro de outro animal?

Es é um ponto importante. Para não fugir á regra, C. de Figueiredo, quando define *anta*, diz: "*Especie de antilope, originaria da America do Sul*". Antilope, na America do Sul, que descoberta!

Voltemos, porém, á expressão *tapir*, que ficou presente no falar brasileiro, na poesia e na linguagem guindada; foi assimilada, porém, pelas linguas franceza e ingleza, não somente para designar o mamifero brasileiro, como outras especies existentes em varios paizes da America e da India. O nome *tapir* foi latinisado; e assim afidalgado ingressou na sciencia sob a denominação de *Tapirus* que lhe foi dada por Brisson, em 1762.

No entanto, ia entrando com todas as letras: *tapir*, em 1779, por proposta de Blumenbaeh, para a nomenclatura scientifica se não tivesse encontrado o lugar tomado pela denominação creada por Brisson. De *Tapir* os zoologos derivaram os generos *Tapiroporceus*, *Tapiroporcus*, *Tapirotherium*, *Tapirus*, *Tapirella*, e os nomes especificos *tapirinus*, *tapiroides*. Não se imagina o elevado numero de palavras tupis, que latinizadas entraram para a nomenclatura botanica e zologica, denominando plantas e animaes. Até o vocabulo *Carioca* está incluído baptisando um helminto descripto por P. S. do Magalhães como parasita de aves domesticas e já verificado presente em quasi todo o mundo.

Tangará, nome caboco de ave tão conhecida, foi admittido nos arraiaes scientificos por proposta de Brisson em 1760. Apenas não figura o acento, pois não é permittido pelas regras de nomenclatura. Em 1764 Linnæus fez um anagramma do vocabulo e o transformou em *Tanagra* quando descreveu o genero. A denominação de Brisson, no entanto, acabará prevalecendo por ter prioridade.

O vocabulo *tapir* ficou familiar aos estudiosos da Historia Natural de todo o mundo. Webster, no seu grande lexico, registra-o e assignala sua origem tupi, incluindo-o tambem como expressão ingleza; internacionalizou-o, portanto.

Emquanto os lexicographes portuguezes em geral registram o vocabulo como brasileirismo, Hartt, em 1872, ao publicar as preciosas *Notes on the Lingua Geral or modern Tupi of the Amazonas*, traduzidas em 1937, pelo eminente Rodolpho Garcia e dadas á publicidade no anno passado, considerava o vocabulo inteiramente incorporado á lingua materna pois assim o define: "A palavra ingleza *tapir* (*Tapirus americanus*) deriva do tupy *tapyira*".

Castro Alves empregou o vocabulo em *A Queimada*:

Ruiva, espuma o *tapir*.

e na *Saudação a Palmares*:

Ruiva a pelle de um *tapir*.

Entre nós nunca passou da poesia.

O nheengatú, diz Stradelli, é o dialecto da lingua que se falava de Amazonas ao Prata, no tempo do descobrimento; o tupi e o guarany eram dois dialectos. O nheengatú ainda se fala no Amazonas pois é a Lingua do povo, em muitos logares da Amazonia.

E confirma, atravez de uma declaração do General Dyonisio Cerqueira, o facto de os soldados da Amazonia comprehenderem os paraguayos que falavam guarani. Conta que ao chegar ao Amazonas, ha mais de 50 annos, encontrou em Belém do Pará uma cadeira de *Lingua Geral*, da qual era professor o Coronel Faria. Em 1920, data do seu trabalho, informava que, em Manaus, quasi ninguem mais falava a lingua, apenas um ou outro velho, *mas que em muitas localidades do Amazonas e do Pará, embora já muito cívadas de expressões tupis, a lingua continuava falada.* Trata-se, portanto, de um problema ainda de toda actualidade e do maior interesse nacional.

No dia em que se reunirem em um só volume todas as dezenas de glossarios e vocabulos botanicos que em outra parte registrei, ver-se ha então que o numero de expressões tupis, que baptisam os vegetaes brasileiros e os productos delle derivados, attingem a proporções verdadeiramente extraordinarias, devendo aleaçar com segurança a muito mais de uma dezena de milheiro, pois o nome de uma planta, como já me referi, pelo menos dá origem a dois vocabulos, já neste caso hybridados com a lingua portugueza, como por exemplo, *mangaba, mangabeira, umbú, umbuciro, umbusal, umbusoda, jaboticaba, jaboticabeira, jaboticabal, cajú, cajueiro, cajuada, cajual, cajueiral*, etc.

Quando isto se fizer, e se juntar o vocabulario de origem tupi dos nomes de animaes brasileiros e mais os que designem objectos e coisas, então é que de facto se terá a exacta impressão do avultado contingente de vozes tupis que a lingua portugueza que se fala no Brasil incorpora. Não importa que o idioma dos nossos indigenas vá desapparecendo. Hoje é ainda falado em algumas localidades do Brasil, como se

pode ver do recente trabalho do malogrado Hermano Ribeiro da Silva, que nos seus *Garimpos de Mitto Grosso*, publicado em 1936, em S. Paulo, relata a vida da nossa gente quando elle viajava no Rio Paraná entre Porto Tibiriçá e Porto Epitacio, ouvindo os nossos homens procurando imitar a fala guarani, ainda presente naquellas regiões, como se vê do seguinte trecho: "Os violeiros heterogeneos sabem cantar a varias vozes as meigas toadas da terra guarany, e executam diferentes musicas e até tangos, em que o preto toma exoticas e ridiculas attitudes de importancia, enfatuado pelo convencimento de bem pronunciar os termos castelhanos e indigenas".

A gente romana deu vida á lingua de um pequeno povo, levou-a atravez das nações que conquistou, o que originou varios idiomas, philologicamente verdadeiros dialectos do latim, hoje morto, mas não desaparecido.

Nesta parte meridional da America, surgiu um outro dialecto, este sim, "*ultima flor do Lacio*", a lingua que se fala neste immenso Brasil, que continuará portugueza se porventura a gente de Portugal quizer imitar o que os inglezes intelligentemente fizeram com os Dominios, por onde espalharam seu idioma e dos quaes transportaram tudo o que nelles se dizia, incorporando aos dictionarios da lingua ingleza que assim se tornou o idioma mais opulento existente.

A lingua tupi está sendo melhor estndada; continua mantida pelo povo que a repete constantemente ao proferir os nomes de varios milhares de logares dos Estados, municipios, villas e povoados, e que vamos usando sem a menor suspeita de que estamos empregando expressões originadas do tupi, quando dizemos: *acreano, paraense, piauhyense, ccareense, parahybano, pernambucano, sergipano, paranaense, mogyano, ituano, sorocabano, carioca, maragogipano, curitybano, nictheroyense, itajahyense, itaparicano, joazeirense, macahéense*, e assim por diante, em milhares e milhares de vozes que perpetuam o idioma do gentio, numa immensa toponímia, das ruas dos centros mais civilizados aos mais remotos rincões brasileiros, baptizando o correjo humilde e o rio caudaloso,

denominando a serra majestosa ou o sitio obscuro, apelidando os arranha-céus nas capitães ou o anonymo logarejo onde o caboclo vegeta. Fala que vive connosco logo depois que deixamos de balbuciar, e que nos acompanha a vida inteira no nome dos brinquedos de eriança, das plantas e animaes de nossa terra, em tudo e a toda hora, na alegria e na dor, do berço á sepultura, pois muitas vezes, até os campos santos têm denominação cabocla: Cemiterio do Catumby, Cemiterio do Cajú.

E por todo este Brasil afóra, a lingua continua vivendo através da gente que se baptisa com puros nomes tupis.

Não se conhece o numero exacto de denominações tupis que entram na toponimia brasileira. Sabe-se que é enorme. Recordo-me que levando para o litoral paulista, quando realizava uma excursão scientifica, a 2.^a edição do *O Tupi na Geographia Nacional*, de Th. Sampaio, publicado em 1914, pude naquella zona, de Iguape á Cananéa, registrar numerosas denominações locais de origem tupi não encontradas naquella edição e que vou transcrever das minhas notas, incluindo outras que registrei nos logares por onde andei e ausentes do trabalho citado.

Transcrevo-as, sem nenhuma alteração, como as escrevi ha 20 annos passados, pois desde aquella época, e mesmo antes, que já me interessava por esses assumptos.

Iporanga — Cidade de São Paulo no municipio do mesmo nome. *Ipiranga* — Arroio da Capital de São Paulo em cuja proximidades foi proclamada a Independencia. — *Pariquerassú* — *Cerção grande de peixe* — localidade do municipio de Iguape. — *Jacupiranga* — Districto do municipio de Iguape. — *Juquiá* — Rio do municipio de Iguape, S. Paulo, afluente do Ribeira. Corruptela de *Jiquiá*. No chamado *mar pequeno* as aguas são salobris. Entre o oceano e o continente existe a Ilha Comprida de 12 legoas de extensão e que se estende de Cananéa á Barra do Icapara. Talvez o nome proveha do apparecimento do sal e de aguas salgadas no denominado *mar pequeno*. — *Jypovura* — Localidade do municipio de Iguape, S. Paulo, onde em 27 de

Novembro de 1917 encontrei installada uma colonia japoneza.
 — *Mandirá* — Serra do municipio de Iguape. — *Itapetanguí*
 — Serra do Mun. de Iguape. — *Iriana* — Serra do Mun.
 de Iguape, S. Paulo. — *Guarahú* — Serra e Rio do Mun. de
 Iguape. — *Carápiranga* — Localidade do Mun. de Iguape,
 S. Pau.o. *Ethá*, Rio do Mun. de Xiririca, S. Paulo.
Itapirapnam — Rio do Mun. de Iguape, S. Paulo. *Tatupera*
 — Rio do Mun. de Iguape, S. Paulo. *Betary*, Rio do Mun.
 de Iguape, S. Paulo. — *Irupuranduba* — Afluente do rio
 Ribeira, Mun. de Iguape, S. Paulo. — *Peraupaba* — Afluente
 do rio Ribeira, S. Paulo. — *Vutuberaba* — localidade do
 Estado do Paraná. — *Verava* — Afluente do rio Pardo,
 S. Paulo. — *Pindauva* — Afluente do Jacupiranga, Mun.
 de Iguape. *Pindauva-assú*, idem, ib. — *Paricucra mirim* —
 Afluente do Rio Ribeira, Iguape. — *Yupuranduba* — idem,
 ib. — *Juquiá-guassú*, idem, ib. — *Arariba* — Afluente do
 Rio Juquiá, S. Paulo. — *Itarary* — Rio do Mun. de Iguape,
 S. Paulo. *Ganhankan* — Id. ib. — *Faná* — Afluente do
 S. Lourenço, Municipio de Iguape, S. Paulo. — *Guavirua*
 — Conflente do Rio Ribeira, São Paulo. — *Itimirim* —
 Um dos rios formadores do Rio Una da Aldeia, afluentes do
 Rio Ribeira, S. Paulo. — *Guapitá* — Localidade do rio das
 Pedras. — S. Paulo Iguape. — *Itapecetanduba* — Afluente
 do Rio Una da Aldeia, Municipio de Iguape, Sul de São
 Paulo. — *Umbeva* — Id. ib. — *Suamirim* — Afluente do
 Ribeira. — *Guapeara* — Localidade do Municipio de Iguape.
 — *Apiaky-guassú* — Rio do Municipio de Apiaky, sul de
 São Paulo. — *Vutupoca* — Morro deste nome na zona do
 Municipio de Iguape. — *Terepandé* — Bahia deste nome no
 municipio de Iguape. — *Mandira* — Serra do Municipio de
 Iguape. — *Canha* — Morro do municipio de Iguape. —
Guamiranga — Id. ib. — *Jupuvira* — idem, ib. — *Cahobá*
 — id. ib. — *Cubizativa* — id. ib. — *Boycuara* — id. ib.
 — O pardeiro ou esconderijo das cobras. — *Urubucara*
 Morro do municipio de Iguape. Sul de S. Paulo — para-
 deiro ou esconderijo dos urubás. — *Carajauna* — Serra do
 sul de São Paulo — Municipio de Iguape: especie de mono

hoje conhecido mais por *guariba*. — *Bogussá* — morro do município de Iguape, pertencente á serra de Carajáuna que é contraforte da Serra do Rio Verde. — *Tajibucú* ou *tajobucú* — peixe de agua doce em rio onde ha cachoeira, com 20 centímetros os grandes exemplares — peixe prateado com mancha dourada na cauda. Olhos grandes e pretos e dentes grandes demonstrando grande voracidade. Parcece com o arenque europeu: é chato nos lados. — *Pirapetinga* — Goyaz — Caldas de Pirapetinga — uma das fontes thermaes do município de Caldas Novas. — *Corumbahyba* — município de Goyaz. — *Piraputanga* — Serra de Mato Grosso. — *Mantioró* — Bahia em Mato Grosso. — *Guaporé* — rio de Mato Grosso. — *Sepotuba* — Rio de Mato Grosso — *Bodoquena* — Serra de Mato Grosso. — *Aquidaua* — Rio de Mato Grosso. — *Iguaba* — Povoação fluminense, perto de Cabo Frio. — *Massambaba* — Restirga entre a lagoa de Araruama e o mar, E. do Rio. — *Itajurú* — Ponte em Cabo Frio de agua de côr do vinho do Porto.

O tupi-guarani, que eutreu com tão grande contingente na formação da lingua nacional, deve ter seu estudo incentivado e prestigiado. E' o idioma ainda falado em certos pontos da Argentina, Brasil, e no Paraguay, onde o guarani é a lingua corrente. E' tão commum seu emprego na provincia Argentina de Corrientes que, ainda em 1918, em Resistencia — Chaco, sahio publicado o *Manual Del Viajero y Diccionario De La Lengua Guaraní* de N. Rojas Acosta, modesta publicação serviudo apenas de guia ao viajante, pois o guarani é ali a lingua do povo. "*Contiene las voces usuales que aun existen en el chaco y sobretudo en Corrientes*".

O governo deve estimular as investigações sobre a importante materia tão brasileira, sobretudo denois que a administração publica não trepida, no Brasil, em prestigiar a cultura de uma lingua artificial como o Esperanto, na qual foram já publicados até trabalhos officiaes e que em determinados dias tem ou teve hora para ser irradiada officialmente para todo o mundo!

Lingua tupi que se encontra em tudo por todo o Brasil em alguns Estados tão frequente, que inspirou a Manoel Bandeira na poesia — *Belém do Pará*, em 1937, estes modernissimos versos:

*Terra da castanha
Terra da borracha
Terra de biribá bacori sapoti
Terra de fala cheia de nome indigena
Que a gente não sabe so é de fructa pé de pan ou ave
de plumagem bonita.*

Quando sobreveio no Brasil o movimento literario denominado *indianista*, com uma farta literatura, representava de facto um impulso muito natural. O indio até hoje, entre nós, é admirado e goza de justificado prestigio. Phenomeno parecido encontra-se tambem nos Estados Unidos, apesar do grande preconceito de raças.

Pude observar em todo o Brasil, atravez da leitura e confirmado pela observação, directa, que duas expressões sempre gozaram de grande prestigio em todas as camadas, o sertão e o caboclo. O primeiro continua sempre lendario, rico, habitado por gente forte e bem dotada de predicados. E' sempre a terra longinqua; digo assim porque, certa occasião, em Paranaguá, no extremo sul do Piauhy, constatei mais uma vez o phenomeno que vinha observando em longa excursão; ninguem queria considerar *bem sertão* o lugar onde vivia. Recordo-me ainda do Cel. O'Donnel, de Paranaguá, quando me referindo aos *sertões* onde nos encontravamos, quasi protestou, dizendo-me que o verdadeiro sertão ficava ainda mais para longe, e as riquezas lendarias que até então não achara, iria deparal-as quando chegasse aos *verdadeiros sertões dos geraes*.

Assim o caboclo. Tive oportunidade de estar em contacto com numerosos indios civilizados e semi-civilizados em varios pontos do paiz. Vi-os em plena decadencia ainda explorados pelo semelbante e de tudo espoliados. Comtudo, eram considerados, de alguma fórma, como possuidores de attributos e dotes de que os civilizados não dispõem.

Um musico de talento, Heckel Tavares, em um dos versos de uma canção que compoz, diz, numa estrophe, tudo quanto quero exprimir, quando se refere aos predicados do seu personagem: "*E' mais bonito, mais caboclo, mais sertão*".

Oxalá que esse sentimento sirva, um dia, ao menos, para que se estude profundamente a lingua do caboclo, que é a mesmia do sertanejo e é a nossa, manancial immenso para serios estudos e profundas investigações, que já estariam feitos se, porventura, o nivel cultural do Brasil fosse mais elevado.

* Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais" à rua Conde de Sarzedas, 38, S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em dezembro de 1939